



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Câmpus de São José do Rio Preto

Cleide Vilanova Hanisch

**O PROCESSO DE ORGANIZAÇÃO TÓPICA EM ARTIGOS DE
OPINIÃO DE ALUNOS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE –
CÂMPUS FLORESTA**

São José do Rio Preto
2019

Cleide Vilanova Hanisch

**O processo de Organização Tópica em Artigos de Opinião de
alunos da Universidade Federal do Acre – *Câmpus Floresta***

Tese apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Estudos Linguísticos, junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de São José do Rio Preto.

Financiadora: CAPES

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Penhavel de Souza

São José do Rio Preto
2019

H239p

Hanisch, Cleide Vilanova

O processo de Organização Tópica em Artigos de Opinião de alunos da Universidade Federal do Acre – Câmpus Floresta / Cleide Vilanova Hanisch. -- São José do Rio Preto, 2019

467 p. : il., tabs., fotos

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto

Orientador: Eduardo Penhavel de Souza

1. Linguística. 2. Análise linguística (Linguística). 3. Organização Tópica. 4. Artigo de Opinião. 5. Jornais - Acre (AC). I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

Cleide Vilanova Hanisch

**O processo de Organização Tópica em Artigos de Opinião de
alunos da Universidade Federal do Acre – *Câmpus Floresta***

Tese apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Estudos Linguísticos, junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de São José do Rio Preto.

Financiadora: CAPES

Comissão Examinadora

Prof. Dr Eduardo Penhavel de Souza
UNESP – Câmpus de São José do Rio Preto
Orientador

Prof. Dr. Clemilton Lopes Pinheiro
UFRN – Natal

Profa. Dra. Joceli Catarina Stassi Sé
UFSCAR – São Carlos

Profa. Dra. Anna Flora Brunelli
UNESP – Câmpus de São José do Rio Preto

Profa. Dra. Sandra Denise Gasparini-Bastos
UNESP – Câmpus de São José do Rio Preto

São José do Rio Preto
23 de abril de 2019

A meus pais – *Luiz e Ivone* – por todos ensinamentos.

À *Stefan, Ana e Pedro*, tríade que me sustenta.
Ich liebe Euch!

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, prof. Dr. Eduardo Penhavel, por acolher-me como orientanda, pelas orientações precisas e conhecimentos oportunizados, pela paciência e exemplo de profissionalismo que inspiram minhas motivações para continuar investindo na produção científica e acadêmica.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

À professora Dra. Anna Flora Bunelli e ao professor Dr. Clemilton Lopes Pinheiro pelas contribuições durante a qualificação e por aceitarem participar da Defesa desta Tese.

À professora Dra. Joceli Catarina Stassi Sé e à professora Dra. Sandra Denise Gasparini-Bastos por participarem da banca de defesa e contribuir com sugestões valiosas para o texto dessa tese.

Aos professores do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL) do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (IBILCE), de modo especial, à professora Dra. Fabiana Komesu.

Aos meus alunos, razão dessa pesquisa e de reflexões, inquietações, estudos e de engajamento à docência, em especial, por ensinarem cotidianamente, a responsabilidade perante a profissão.

Aos meus colegas do Doutorado Interinstitucional celebrado entre Universidade Federal do Acre e Universidade Estadual Paulista (Dinter), em especial, à Cristiana, Ceildes, Edilene e Aline, que caminharam a meu lado nesses quatro anos, trocando experiências, incentivando, apoiando nos momentos difíceis e compartilhando alegrias e vitórias.

À Alder e Márcia, pelo sempre carinhoso acolhimento em São José do Rio Preto.

Ao querido amigo e irmão de coração Rodrigo pelo companheirismo, pela amizade e disposição sempre.

À minha amiga querida Célia Pires de Almeida (*In Memoriam*), pela amizade, companheirismo e cumplicidade que me proporcionaram muitos momentos felizes hoje traduzidos em lembranças doces e alegres que me concederam forças para continuar nessa jornada.

Às minhas irmãs queridas, Cléo, Iolanda e Ionara, companheiras de minha vida.

A meus filhos, Ana e Pedro, *eine besondere Liebe*, que trazem tanta luz e gosto para minha vida e fontes inesgotáveis de minhas motivações para perseguir metas que eu jamais ousaria projetar.

À Stefan, *mein sicherer Hafen, mit Liebe*, por sempre estar ao meu lado, incondicionalmente, em momentos de alegrias e de dificuldades. Pelo permanente incentivo e preocupação com que me acompanha nessas empreitadas. Agradeço ainda a paciência e o amor manifestados nos meus momentos menos bons. Vielen Dank für alles!

RESUMO

O presente trabalho, inserido no âmbito do quadro teórico-metodológico da Gramática Textual-Interativa, uma vertente mais atual da Linguística Textual, compreende o estudo do processo de organização tópica em artigos de opinião produzidos por estudantes universitários. Em termos gerais, esta pesquisa tem por objetivo central analisar produções textuais de acadêmicos da Universidade Federal do Acre – *Câmpus* Floresta, na busca de identificação de possíveis dificuldades desses escreventes quanto a tal processo em textos do gênero artigo de opinião. Mais especificamente, a pesquisa envolve os seguintes objetivos: (i) analisar o processo de organização tópica em artigos de opinião produzidos por acadêmicos, a fim de verificar, no nível intertópico, a existência ou não da complexidade intertópica, o grau de complexidade hierárquica e os tipos de linearização predominantes e, no nível intratópico, a existência de um padrão de estruturação; (ii) verificar em que medida o processo de organização tópica em artigos de opinião elaborados por estudantes universitários se assemelha e se diferencia em relação à organização tópica de artigos de opinião considerados padrão, com vistas ao levantamento de possíveis deficiências nas produções desses estudantes. A metodologia adotada segue o método da análise tópica (JUBRAN, 2006;), que presume a análise textual por meio da categoria do tópico discursivo. Os dados foram constituídos a partir de dois *corpora*: *corpus* de referência (artigos de opinião publicados em jornais, considerados neste estudo como padrão) e *corpus* de estudo (artigos de opinião produzidos por estudantes). Os resultados demonstram que os artigos dos acadêmicos manifestam similaridades com os artigos padrão em relação a aspectos fundamentais da organização tópica: dentre outras propriedades, caracterizam-se pela complexidade intertópica, pelo predomínio da continuidade tópica e por seguirem a regra geral da combinação potencialmente recursiva entre as unidades intratópicas de posição e suporte. Por outro lado, os artigos dos alunos diferenciam-se dos artigos padrão em relação a determinados elementos: manifestam menores graus de complexidade de hierarquização tópica, menor índice de diversidade de combinações entre unidades de posição e suporte e menor grau de integração semântico-pragmática entre os enunciados constituintes de unidades tópicas. A partir desses dados, o trabalho interpreta que os acadêmicos da UFAC, em termos mais gerais, demonstram domínio satisfatório dos princípios fundamentais de organização tópica prototípicos de artigos de opinião, porém com algumas defasagens na apropriação de certos elementos, as quais levam à tendência de elaboração de estruturas tópicas mais simplificadas. Esses resultados são tomados, então, como base para a formulação de

alguns apontamentos na direção de uma proposta de abordagem de ensino e aprendizagem de leitura, compreensão e produção de texto com o gênero artigo de opinião acerca do processo de organização tópica.

Palavras-chave: Gramática Textual-Interativa. Organização tópica. Tópico discursivo. Artigo de opinião.

ABSTRACT

This study is based on the theoretical and methodological framework of Textual-Interactive Grammar from a current perspective of Textual Linguistics. It also embraces a research about the process of topic organization about opinion articles written by undergraduate students. This research aims to analyze textual compositions of undergraduate students of Universidade Federal do Acre (UFAC) – *Campus Floresta*, in order to identify potential difficulties of these writers and then to propose teaching alternatives to support it. This research embraces the following aims: (i) to analyze the process of topic organization in opinion articles written by undergraduate students in order to verify the intertopic level; the presence or non presence of intertopic complexity; the degree of hierarchic complexity and the prevalence of types of linearization, also the intratopic considering the presence of a standard configuration; (ii) to verify in what extent the process of topic organization in opinion articles written by undergraduate students is similar and different in relation to the topic organization in opinion articles qualified as standard, identifying possible lacks in their written compositions. The methodology follows the topic analysis approach (JUBRAN, 2006), in which embraces a textual analysis through a categorization of discursive topic. The data were grouped into two *corpora*: a *corpus* of reference (articles of opinion published in newspapers considered in this study as standard) and a *corpus* of study (articles of opinion written by undergraduate students). The results demonstrate that articles are represented with similarities to the standard in relation to fundamental aspects of topic organization in other properties such as intertopic complexity due to the predominance of topic continuity and also to a general combination of rules concerning intratopic unities of position and support. Instead, the articles of undergraduate students are different from the standard, according to specific elements: manifestation of low degree in the topic hierarchic complexity, low level of diversity in the combination of unities of position and support and low degree of semantic and grammatical integration among wordings that constitute the unities of the topic. According to these data, this research recognizes that undergraduate students from UFAC, in general, demonstrate a suitable mastery of fundamental principles from topic organization prototypic of opinion articles, although with some lacks in the appropriation of certain elements, which lead to a composition of simplified topic structures. Then, these results support a design of some points in course to a proposal of teaching and learning approach for reading, comprehension and composition of texts such as the opinion article genre, concerning the process of topic organization.

Keywords: Textual-Interactive Grammar. Topic Organization. Discursive Topic. Opinion Article.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Exemplo de relações de organização tópica	58
Figura 2 – Exemplo de hierarquização tópica com dois QTs	124
Figura 3 – Exemplo de organização intertópica com três níveis e dois quadros tópicos	191

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Dados sobre a divisão de artigos de opinião padrão em SbTs mínimos	109
Quadro 2 – Dados sobre QTs em artigo de opinião padrão	122
Quadro 3 – Procedimentos de linearização tópica em artigos de opinião padrão	130
Quadro 4 – Quantidade de domínios de organização intratópica por SegT mínimo em artigos de opinião padrão	137
Quadro 5 – Combinações entre posição-suporte nos domínios de organização intratópica em artigos padrão	142
Quadro 6 – Dados sobre divisão de artigos de opinião padrão e artigos de acadêmicos em SbTs mínimos	151
Quadro 7 – Dados sobre QTs em artigos de opinião padrão e artigos produzidos por acadêmicos da UFAC	154
Quadro 8 – Quantidade de domínios de organização intratópica por SegT mínimo em artigos de opinião padrão e em artigos de acadêmicos da UFAC	169
Quadro 9 – Combinações entre posição e suporte identificadas nos domínios de organização intratópica em artigos padrão e em artigo de acadêmicos da UFAC	171

LISTA DE ABREVIações

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CEL	Centro de Educação e Letras
CMULTI	Centro Multidisciplinar
DINTER	Doutorado Interinstitucional
GTI	Gramática Textual-Interativa
IBILCE	Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas
LT	Linguística Textual
P	Posição
PARFOR	Plano Nacional para Formação de Professores
PCN	Parâmetros Nacionais Curriculares
QT	Quadro Tópico
S	Suporte
SBT	Subtópico
SEGT	Segmento Tópico
ST	Super Tópico
UFAC	Universidade Federal do Acre
UNESP	Universidade Estadual Paulista

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO I – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	26
1.1 Linguística Textual: trajetória e conceitos básicos	26
1.1.1 O surgimento da abordagem do texto	26
1.1.2 Linguística Textual: da frase ao texto no contexto.....	30
1.1.3 O texto na Linguística Textual	35
1.1.4 Sistemas de conhecimento e produção de texto	42
1.2 A Perspectiva Textual-Interativa	47
1.2.1 Princípios e bases	47
1.2.2 Princípio central de construção textual: a Organização Tópica	53
1.2.2.1 Organização intertópica	54
1.2.2.2 Organização intratópica	60
1.2.3 Estratégias de construção textual	63
1.3 Gêneros textuais e os gêneros escolares	69
1.3.1 Noção de gênero textual adotada	69
1.3.2 O artigo de opinião como um gênero escolar	79
CAPÍTULO II - METODOLOGIA DA PESQUISA	88
2.1 Os Procedimentos de análise dos dados	89
2.2 A constituição do <i>corpus</i>	93
2.3 O contexto institucional	102
CAPÍTULO III - ANÁLISE DOS DADOS	107
3.1 A Organização Tópica em Artigos de Opinião Padrão	107
3.1.1 A organização intertópica em artigos de opinião padrão	108
3.1.1.1 A organização intertópica hierárquica	109
3.1.1.2 A organização intertópica linear	129
3.1.2 A organização intratópica em artigos de opinião padrão	134
3.2 A Organização Tópica em Artigos de Opinião de Acadêmicos da Universidade Federal do Acre (UFAC)	150
3.2.1 A organização intertópica em artigos de opinião de acadêmicos da UFAC	150
3.2.2 A organização intratópica em artigos de opinião de acadêmicos da UFAC	168
CONCLUSÕES	184

REFERÊNCIAS	196
ANEXO A – Corpus de Referência: Análise Intertópica	201
ANEXO B – Corpus de Referência: Análise Intratópica	246
ANEXO C – Corpus de Estudo: Análise Intertópica	292
ANEXO D – Corpus de Estudo: Análise Intratópica	385

INTRODUÇÃO

O trabalho com a produção escrita de alunos do *Câmpus* Floresta da Universidade Federal do Acre (UFAC), ao longo de nossa trajetória acadêmica, trouxe à tona reflexões, dúvidas e inquietações relativas a essa área dos estudos da linguagem, as quais têm sido uma constante no nosso cotidiano profissional.

Ao longo de vários anos atuando em disciplinas que, em tese, auxiliariam os alunos na tarefa de se transformarem em produtores de bons textos escritos, procurávamos, mesmo que de forma intuitiva, trabalhar interativamente (propondo atividades orais, leituras de livros, ensino gramatical e, em especial, produção de textos), despertando neles certa receptividade e até simpatia pelo ensino de língua materna – este nem sempre prazeroso e instigador na vida acadêmica.

No entanto, já com certa experiência acumulada, ao fazer uma leitura mais crítica do nosso trabalho, percebemos que, embora a maioria dos alunos apreciasse as aulas, boa parcela deles não conseguia produzir textos criativos e adequados às particularidades dos gêneros em que deviam se encaixar. Tal percepção, fruto de uma observação empírica, permitiu-nos visualizar, em particular, características que parecem constituir dificuldades de alunos no domínio de práticas de linguagem de produção de texto. Trata-se de uma realidade, muito frequentemente, vivenciada e relatada por inúmeros docentes daquela instituição.

O fato de sermos conscientes da importância da escrita no cotidiano das pessoas, numa sociedade letrada, compreendendo-a como um dos aspectos do desenvolvimento individual e cultural dos homens, e, sobretudo, da responsabilidade da universidade, nesse sentido, fez com que sentíssemos que era fundamental tentar superar essa dificuldade na prática pedagógica e reverter o misto de ansiedade e impotência, cremos, de professores compromissados com a formação de cidadãos, através da escola, da linguagem e do processo de ensino e aprendizagem de leitura e produção de texto.

Desse modo, diante do quadro aqui delineado, sentimo-nos motivados a investigar as produções textuais escritas desses acadêmicos, visando verificar, se, de fato, existiriam essas dificuldades, e, em havendo, caberia, por meio dessa investigação, apontar em que pontos do processo de construção textual residiriam tais dificuldades. O propósito da análise dessas produções textuais seria construir um conjunto de conhecimentos relativos ao seu funcionamento, capaz de fornecer subsídios teórico-metodológicos para propostas de intervenção de ensino-aprendizagem que contemplem o processo de construção textual.

Assim, impulsiona-nos a necessidade de refletir sobre nossas práticas em sala de aula, de aprofundar o conhecimento sobre as teorias de texto, os processos de construção textual, as estratégias empregadas para tal fim, visando atingir a eficácia como orientadora, interlocutora e coparticipante na produção de textos – principalmente os escritos – no âmbito universitário.

Em busca de melhor capacitação profissional – agora o Doutorado – recorreremos, então, ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da UNESP de São José do Rio Preto, para tentar elaborar, com fundamentação teórica mais ampla, um trabalho que, de um lado, nos auxiliasse a esclarecer essa questão e nos instrumentalizasse na tarefa de *transformar* nossos alunos em produtores de *bons* textos escritos. E, de outro, satisfizesse necessidades de professores e pesquisadores, dirimindo as angústias e inquietudes sobre o trabalho com produção escrita.

Com a intenção de apreendermos melhor as prováveis dificuldades dos alunos com o processo de construção textual e dada a tremenda complexidade que envolveria a tarefa de analisar a variedade de gêneros textuais trabalhada no âmbito acadêmico, elegemos um gênero textual particular – *artigo de opinião* –, uma vez que este é, comumente, trabalhado nas disciplinas dirigidas à leitura e produção de textos.

A pertinência da análise desse gênero justifica-se porque se se considera que a eficiência do processo de ensino-aprendizagem de língua portuguesa depende de um trabalho

sistemático com os diferentes gêneros textuais, isto é, que o ensino da produção escrita esteja pautado no ensino e aprendizagem de diferentes gêneros que circulam socialmente, então, o conhecimento e o domínio dos processos de construção textual de gêneros da esfera jornalística revelam-se produtivos para o desenvolvimento dos objetivos do ensino de língua portuguesa.

Essa pertinência, a nosso ver, acha-se em consonância com os documentos oficiais de ensino, como, por exemplo, os *Parâmetros Curriculares Nacionais* (PCNS), *Base Nacional Comum Curricular* (BNCC) e as *Orientações Curriculares do Estado do Acre*, na medida em que esses documentos preconizam os gêneros textuais como objeto de ensino-aprendizagem (ponto de partida e de chegada) nas práticas de linguagem de produção de textos (oral/escrito), tal como nas práticas de linguagem de leitura e análise linguística. Ou ainda, nas palavras de Marcuschi (2010, p. 78), “a escrita deve ser entendida como um processo de interlocução entre leitor-texto-autor que se concretiza via gêneros textuais num contexto social e historicamente situado”.

Passagens dos PCNS, como as que seguem, corroboram essa pertinência, posto que, segundo Rojo e Cordeiro (2004, p. 11), “fazem forte apelo ao gênero como objeto de ensino dos eixos do uso de língua portuguesa em leitura e produção e indicam o lugar do texto como materialização de um gênero – *unidade de trabalho* – e, logo, suporte de aprendizagem de suas propriedades”:

Ainda que a unidade de trabalho seja o *texto*, é necessário que se possa dispor tanto de uma descrição dos elementos regulares e constitutivos do *gênero*, quanto das particularidades do texto selecionado [...]. (PCNS, 1998, p. 48).

Os *textos* organizam-se sempre dentro de certas descrições de natureza temática, composicional e estilística, que os caracterizam como pertencentes a este ou aquele gênero. Desse modo, a noção de *gênero*, constitutiva do texto, precisa ser tomada como objeto de ensino (PCNS, 1998, p. 23).

Para desenvolver a análise de artigos de opinião produzidos pelos acadêmicos, no sentido de verificar a hipótese de que essas produções escritas, de fato, apresentariam dificuldades, foi necessário delinear uma ordem metodológica que buscasse, em sua essência,

captar e sistematizar as condições naturais de funcionamento do gênero artigo de opinião. Assim, definimos dois passos do método de análise.

No primeiro passo de análise, procuramos estabelecer um parâmetro que nos auxiliasse determinar uma referência daquilo que se considera, previamente, como mais exemplar, representativo do gênero. Para tal intento, consideramos oportuno que se empreendesse uma descrição de textos reconhecidos no meio social como artigos de opinião, uma vez que, além de apresentarem características constitutivas intrínsecas ao gênero, circulam na mídia e são publicados em jornais ou revistas de abrangência nacional ou regional em uma seção destinada à sua publicação. O objetivo foi buscar a apreensão de certas regularidades necessárias à interpretação do processo de constituição e funcionamento desse gênero. Os textos componentes desse *corpus*, aqui definido como *corpus* de referência, são concebidos neste estudo como “padrão”.

No segundo passo metodológico, a orientação do foco centrou-se mais de perto na análise de artigos de opinião produzidos pelos acadêmicos dos cursos de Letras Português e de Pedagogia da UFAC, *Câmpus Floresta*, segundo *corpus* desta pesquisa, denominado de *corpus* de estudo. Com a definição do *corpus* de referência como parâmetro de análise, a pesquisa orientou-se, mais especificamente, na descrição do processo de constituição e funcionamento de textos produzidos pelos alunos e na comparação desses textos com os definidos nesse estudo como padrão. Então, a partir da comparação estabelecida entre esses dois *corpora*, isto é, artigos de opinião padrão e artigos de opinião produzidos pelos acadêmicos da UFAC, pretendemos identificar se haveria dificuldades nas produções textuais escritas desses estudantes e ainda explicitar quais seriam essas deficiências.

Ao lançar um olhar mais apurado sobre as produções escritas de acadêmicos foi possível verificar uma série de possíveis dificuldades manifestadas em diferentes aspectos linguísticos da construção de texto, como, por exemplo, problemas de coerência, de coesão, de

estruturação gramatical (desde a ortografia e a pontuação até a construção de cadeias anafóricas interfrasais, passando pela morfossintaxe e a estruturação do período), dentre outras.

Nesse sentido, dada a complexidade que envolveria a descrição e análise de todas essas dificuldades, consideramos, por questão de viabilização metodológica, a necessidade de restringir a análise apenas a um aspecto do processo de construção textual. Seleccionamos, então, o *processo de organização tópica* por ser um dos processos centrais de construção de textos.

Em outras palavras, propomos, neste estudo, que se lance foco sobre outras possibilidades de trabalho com os gêneros textuais, e, em especial, com o artigo de opinião, por meio do princípio que julgamos, na esteira de Jubran (2006a), ser o fio condutor de construção textual: a *topicalidade* (também conhecida como *organização tópica*). Conforme postulado na Perspectiva Textual-Interativa – quadro teórico-metodológico aqui adotado –, o estudo do gênero sob a ótica da topicalidade possibilita compreender como se organizam elementos de natureza mais essencialmente textual.

A Gramática Textual-Interativa (GTI), é uma vertente da Linguística Textual que se centra no estudo dos “processos de construção textual”, em diferentes contextos de interação verbal, envolvendo a descrição de propriedades e de funções textual-interativas de tais processos constitutivos do texto. Por se tratar de uma teoria que envolve tanto aspectos textuais, quanto interacionais da construção de texto, cremos que estamos diante de uma nova abordagem capaz de viabilizar não somente a análise do gênero, mas a sua aplicação prática às questões relativas ao processo de ensino-aprendizagem. Trata-se, portanto, de uma teoria que pode contribuir, significativamente, com a tarefa de estudo do texto tanto como objeto de análise textual, quanto como objeto de ensino de língua, pois, são os textos que dão

[...] a possibilidade de se tornar o conhecimento explícito, de segmentá-lo, diferenciá-lo, pormenorizá-lo, de inseri-lo em novos contextos, permitir sua reativação, de testá-lo, avaliá-lo, corrigi-lo, reestruturá-lo, tirar novas conclusões a partir daquilo que já é

compartilhado e de representar linguisticamente, de forma nova, novas relações situacionais e sociais (KOCH, 2001, p. 7).

No âmbito da GTI, vários trabalhos vêm se dedicando, nos últimos anos, a analisar a organização tópica em diferentes gêneros textuais (cf. SOUZA, 2015; GUERRA, 2016; PENHAVAL; GUERRA, 2016; GARCIA, 2017), tal como proposto por Penhavel (2010). No presente trabalho, buscamos, então, não só desenvolver nosso propósito acima delineado de entender possíveis dificuldades nas produções textuais de alunos da UFAC, mas também, conjuntamente, afiliarmo-nos à proposta de Penhavel (2010) acerca da análise da organização tópica em diferentes gêneros textuais, investigando, particularmente, o funcionamento do processo de organização tópica em artigos de opinião produzidos por acadêmicos dessa universidade.

Conforme explicado, mais detalhadamente, no decorrer do trabalho, a organização tópica é considerada o processo basilar de construção do texto. Esse processo compreende dois níveis: a organização *intertópica* e a *intratópica*. A organização *intertópica* consiste na divisão do texto em partes e subpartes, de acordo com a sua estruturação temática, isto é, trata-se da divisão do texto em tópicos e subtópicos, os quais se relacionam em dois planos: hierárquico e linear. A organização *intratópica*, por seu turno, concerne à estruturação interna dos segmentos textuais que desenvolvem os menores subtópicos do texto, segmentos estes chamados de *Segmentos Tópicos (SegTs) mínimos* – os SegTs mínimos, de modo simplificado, são unidades que equivalem a trechos de textos correspondentes, usualmente, a um, dois ou três parágrafos, no caso de um gênero escrito como o artigo de opinião.

A adoção da organização tópica como objeto de análise encontra-se respaldada em estudos desenvolvidos no interior da GTI (cf. PENHAVAL, 2010, 2017; SOUZA, 2015; OLIVEIRA, 2016; VALLI, 2017;¹ ZANIN, 2017), os quais assumem que particularidades nos

¹ Esse estudo, denominado *O processo de organização tópica em dissertações escolares: da análise à emergência de uma abordagem para o ensino do gênero*, de Mariana Veronesi Valli, é o mais próximo de nosso trabalho.

planos de organização intertópica e intratópica estão entre os aspectos que caracterizam os gêneros textuais.

No que tange à organização intertópica, a GTI reconhece que cada gênero pode diferenciar-se ou aproximar-se de outros em relação aos seguintes aspectos: predominância de unicidade intertópica (cada texto de um gênero é composto por apenas um tópico) ou de complexidade intertópica (cada texto constitui-se de mais de um tópico); grau predominante de complexidade hierárquica (representado pela quantidade de Subtópicos mínimos e de Quadros Tópicos em cada texto); tipo predominante de linearização entre os SegTs mínimos dos textos do gênero.

Em relação à organização intratópica, admite-se que as particularidades de um gênero são demonstradas no modo como os SegTs mínimos são estruturados, internamente, com base na combinação entre grupos de enunciados. Nessa direção, Penhavel (2010) demonstra que no caso, por exemplo, de relatos de opinião, material representativo de gêneros fundamentalmente argumentativos (como editoriais e artigos de opinião), os falantes estruturam os SegTs mínimos com base em uma alternância sistemática entre grupos de enunciados que constroem referências centrais e grupos de enunciados que constroem referências subsidiárias em relação à ideia central do SegT.

Aqui, ao abordarmos o processo de organização tópica, consideramos esses dois níveis de funcionamento, o inter e o intratópico, conforme suas características aqui apontadas e especificadas no decorrer do trabalho.

No contexto acima exposto, a partir do enfoque do processo de organização tópica, esta tese tem por objetivo central, então, analisar produções textuais de acadêmicos do curso de

Nele, a autora analisa redações de alunos do 3º ano do ensino médio. Tomando o processo de organização tópica como categoria de análise para determinar as dificuldades dos alunos, aponta que tais dificuldades residiriam, sobretudo, na especificação dos tópicos desenvolvidos nas dissertações e na elaboração de uma organização intratópica mais complexa.

Letras Português e de Pedagogia da UFAC – *Câmpus* Floresta, na busca de identificação de possíveis dificuldades desses escreventes quanto a tal processo – organização tópica – em textos do gênero artigo de opinião.

Em termos específicos, a pesquisa compreende os seguintes objetivos:

- (i) analisar o processo de organização intertópica em artigos de opinião produzidos por acadêmicos, de modo a verificar em que medida se assemelha e se diferencia em relação à organização intertópica de artigos de opinião padrão, com vistas ao levantamento de possíveis deficiências nas produções dos acadêmicos, reconhecidas mediante identificação de diferenças entre essas produções e os artigos padrão; essa análise implica verificar a existência ou não da complexidade intertópica e, em havendo esse processo, identificar o grau de complexidade hierárquica (quantidade de Subtópicos mínimos e Quadros Tópicos por artigo de opinião) e os tipos de linearização entre os SegTs mínimos;
- (ii) analisar o processo de organização intratópica em artigos de opinião de acadêmicos, na busca de similaridades e distinções em relação à organização intratópica de artigos de opinião padrão, visando, também aqui, a detectar possíveis problemas nas produções dos acadêmicos, a partir de possíveis divergências entre elas e os artigos padrão; tal objetivo compreende apurar se, nos textos dos acadêmicos, a estruturação interna dos SegTs mínimos apresentaria um padrão de organização (alguma regra geral) e em que medida esse padrão se aproximaria ou se distanciaria do modo de organização intratópica dos artigos padrão (cuja análise, a ser realizada, também deve indicar a existência ou não de uma regra geral de organização intratópica).

Como mencionado, o cumprimento desses objetivos implica a descrição prévia do que seria a organização intertópica e intratópica de artigos padrão, assumida nesse estudo como referência para a análise desses processos nos artigos de opinião produzidos por acadêmicos.

Desse modo, análise da organização tópica dos artigos padrão (artigos de jornais), embora não constitua propriamente um dos objetivos finais desta tese, é uma parte crucial do trabalho, já que funciona, conforme nossa metodologia de pesquisa, como um pré-requisito para a identificação de possíveis problemas nas produções dos estudantes universitários.

Esses dois objetivos específicos acima definidos podem ser traduzidos na seguinte pergunta de pesquisa: como se configura o processo de organização tópica nos níveis intertópico e intratópico em artigos de opinião produzidos por alunos e naqueles que podem ser considerados prototípicos do gênero e quais as principais similaridades e diferenças verificadas entre esses textos nesses níveis de organização?

No que diz respeito à primeira parte da pergunta, nossa hipótese inicial, que se baseou em outros trabalhos já realizados sobre organização tópica, foi a de que os textos dos alunos, assim como os artigos padrão, deveriam apresentar regularidades de organização tópica em todos os planos de análise (hierárquico, sequencial e intratópico), passíveis de serem descritas em termos de tendências predominantes e de regras gerais. Essa hipótese, como iremos explicar, confirmou-se, mediante a identificação de regularidades, em ambos os grupos de textos, tais como a presença de complexidade intertópica, a predominância da continuidade tópica e o uso da regra intratópica baseada na relação posição-suporte.

Quanto à segunda parte da pergunta, nos guiamos pela pressuposição de que, entre a organização tópica dos textos dos alunos e aquela de textos prototípicos do gênero, haveria similaridades, mas também diferenças significativas, estas últimas possivelmente correspondendo ao que se poderia considerar como problemas de adequação dos textos dos alunos ao gênero em questão. Nesse caso, mais ou menos na direção dessa hipótese, nossos dados, conforme mostraremos, apontaram similaridades em relação a aspectos fundamentais da organização tópica e também diferenças em alguns elementos desse processo, aparentemente

indicativas de uma tendência dos universitários à elaboração de estruturas tópicas mais simplificadas.

Acreditamos que a descrição de padrões de organização tópica do gênero em apreço pode desvelar novas perspectivas para o texto, o professor e o aluno, inspirando alternativas talvez mais eficientes, no trato do ensino e aprendizagem de leitura e produção de texto na escola. Nesse sentido, consideramos pertinente que, feita as análises acima definidas, se empreendesse, então, uma reflexão acerca de abordagens que privilegiassem o estudo do texto a partir de trabalhos com a gramática no nível textual da língua.

Assim, complementamos a tese com uma discussão a esse respeito, tendo em vista os resultados específicos obtidos em nossas análises. Para tal, apoiar-nos-emos em Travaglia (2011), cujas reflexões reforçam nossa convicção de que as aulas de Língua Portuguesa poderiam se tornar mais produtivas do ponto de vista da compreensão e produção de textos, se o processo de organização tópica fosse incorporado como um instrumento de ensino e aprendizagem que auxiliasse o aluno na elaboração do chamado “projeto de texto”,² fixando-se, por exemplo, como uma etapa componente da sequência didática.

Esta tese está organizada em três capítulos. No capítulo I, *Fundamentação teórica*, consta o quadro teórico-metodológico, que trata das abordagens que se caracterizam como princípios basilares que embasam este estudo – Linguística Textual e GTI. Apresentamos também uma síntese a respeito da concepção de gênero textual para a Linguística Textual e a respeito de características do gênero artigo de opinião, nosso objeto de estudo.

O capítulo II, *Metodologia da pesquisa*, explicita os procedimentos de análise adotados nesta pesquisa, caracterizados como principal caminho para a efetivação da

² Projeto de texto é uma noção vaga muito utilizada no ensino de língua portuguesa no trato de produção de texto para referir à organização prévia das ideias, isto é, ao esqueleto do texto. Em nosso estudo, cremos que o processo de organização tópica pode ser considerado como uma fundamentação teórico-metodológica dessa noção.

investigação. Descreve, detalhadamente, a constituição do *corpus* em termos de definição das categorias de textos adotadas para o estudo e expõe o contexto em que emerge a pesquisa.

No capítulo III, *A organização tópica de artigo de opinião*, apresentamos e discutimos dados apreendidos na análise da organização tópica (intertópica e intratópica) dos artigos de opinião considerados padrão e daqueles produzidos pelos acadêmicos de Letras Português e de Pedagogia da UFAC.

Para finalizar, elaboramos a conclusão desta tese de doutorado, com o propósito de reunir os principais resultados alcançados por meio da análise dos dados e esboçar alguns encaminhamentos para o trabalho com a organização tópica em artigos de opinião no ensino e aprendizagem de leitura e produção de textos.

CAPÍTULO I: Fundamentação Teórica

Neste capítulo, procuramos sistematizar os postulados das abordagens que compõem uma base teórica para a discussão da organização do texto. A esse respeito, na seção 1.1, apresentamos, em linhas gerais, os pressupostos teóricos da Linguística Textual, particularmente a de orientação pragmática e cognitivista, cuja contribuição é relevante na medida em que oferece subsídios para a configuração de nosso objeto de estudo: o texto. Em seguida, na seção 1.2, focalizamos os princípios e bases da Gramática Textual-Interativa, calcados na preocupação com o funcionamento da língua em contextos de uso e, portanto, em textos que agregam e sinalizam seus processos de formulação e interação. Finalmente em 1.3, discutimos a adoção de um conceito de gênero textual e o texto sob o estatuto de gênero escolar.

1.1 Linguística Textual: trajetória e conceitos básicos

1.1.1 O surgimento da abordagem do texto

O texto, situado no âmbito maior das atividades comunicativas humanas, ao longo do desenvolvimento das ciências da linguagem, tem sido objeto de muitas reflexões em torno de sua natureza, circunscritas a contextos singulares que asseguraram abordagens e orientações diversas de compreensão e descrição de métodos específicos para o seu tratamento em análise linguística. Essas abordagens, cada uma caracterizada pelas particularidades da delimitação de seu objeto de estudo e movidas por interesses diversos, traçaram um programa de investigação científica em linguística que ora relegaram o texto a um plano desprivilegiado nas linguísticas de base formal, ora o alçaram a posto privilegiado nas linguísticas enunciativas.

O estruturalismo, tendência de base formalista de longa e frutífera tradição, concebia a língua como um fenômeno social, contudo, analisava-a como um código e um sistema de

signos. Centrava, pois, seus estudos na língua em abstrato (a *langue* em oposição à *parole*, dicotomia fundante de Saussure) a partir de um recorte sincrônico. Interessava-lhe apenas o sistema e a forma e não o aspecto de sua realização na fala ou no seu funcionamento em textos (MARCUSCHI, 2008). Em outros termos, não havia preocupação com o uso. Esse quadro epistemológico, que se desenvolveu, em especial, nos campos da Fonologia e da Morfologia com relevantes contribuições na descrição das línguas, vigorou para além dos meados do século XX.

De igual modo, procedeu o gerativismo, ao diferenciar entre *competência* e *desempenho*. Para Chomsky, o objeto da ciência só poderia ser a *competência*, assim como a *langue* para Saussure. Existe, no entanto, uma diferença fundamental entre Saussure e Chomsky, pois enquanto para Saussure (2012, p. 45) a linguagem é “uma instituição social e convenção social”, para Chomsky a linguagem é uma faculdade mental inata e geneticamente transmitida pela espécie. Central, em ambos, são a forma, o sistema, a abstração e o universal como objeto da ciência controlada. Aqui, a língua enquanto atividade social e histórica, bem como a produção e a compreensão textual e as atividades discursivas ficam em segundo plano (MARCUSCHI, 2008).

Nesses dois recortes de pensamento sobre a linguagem, não houve, contudo, lugar de destaque para o texto, categoria que por sua própria constituição permite estabelecer a conexão entre o “específico da língua e seu sistema e as práticas comunicativas que formam e transformam sentidos e significados nos contatos entre os falantes” (BATISTA, 2016, p.10). Ao centrar a atenção na descrição estritamente formal, ao separar severamente a língua da fala, o linguístico do extralinguístico, essas tendências se mostraram demasiadamente insuficientes e redutoras. Seguramente, essa separação fez com que seguissem caminhos que impediram um trato da língua no que concerne à observação primordial de sua característica discursiva e social

(MARCUSCHI, 2008). Em consequência, as preocupações com a análise do uso, da enunciação, do texto e do sentido foram relegadas a segundo plano.

Nesse percurso, novas tendências de investigação científica com perspectivas teóricas e procedimentos de análise diferentes foram surgindo com a preocupação de preencher as lacunas entre as dicotomias deixadas pela linguística imanente e resgatar outros elementos importantes para a reflexão linguística. Essas novas tendências se caracterizam como linguística da enunciação, ou seja, a linguística que busca em sua essência observar o funcionamento da linguagem em seus usos efetivos, produzida por indivíduos situados em contextos sociais sempre reais e explorável segundo as condições em que se deu sua produção.

Numa perspectiva epistemológica que contempla a posição acima, Barros (1999) situa, sob o rótulo de estudos do texto e do discurso, algumas linhas teóricas em expansão no Brasil, entre as quais destaca a Análise do Discurso francesa, a Semiótica Narrativa e Discursiva, os estudos funcionalistas do discurso, a Linguística Textual, a Análise da Conversação. Simplificadamente, pode-se dizer que são linhas de trabalho que buscam observar muito mais os usos e o funcionamento da linguagem em situações concretas sem preocupação com a análise formal.

Os estudos do texto e do discurso, de acordo com a autora, se caracterizam pela ruptura de duas barreiras herdadas pela linguística saussuriana: a que impede a passagem da frase ao texto, a que separa o enunciado de sua enunciação. Essas rupturas significativas sob o ponto de vista epistemológico se dão à medida em que os estudos linguísticos põem em cena a preocupação com a organização global do texto e examinam as relações entre discurso, enunciação e fatores sócio-históricos.

Essas novas perspectivas assumidas pelos estudos do texto e discurso, afirma a mesma autora, motivaram mudanças significativas de posicionamento e não apenas ampliações à teoria linguística. A mudança basilar, da qual emergem todas as outras, assenta-se na concepção de

linguagem, a qual passou a ser concebida por esse viés, como instrumento de interação e não somente um meio de transmissão de informação. É o deslocamento do ponto de vista do sistema para a atividade comunicativa.

Esse novo paradigma de análise da língua como forma de ação, por sua vez, trouxe em seu bojo uma nova unidade de análise, isto é, concebeu-se “o texto e não mais a frase como unidade de sentido, visto que a comunicação linguística – a interação – não se dá em unidades isoladas, mas sim em unidades maiores, ou seja, por meio de textos” (BARROS, 1999, p.184). Postulou-se, então, segundo a autora, a primazia da intersubjetividade sobre a subjetividade, uma vez que o que funda a linguagem e dá sentido ao texto, como também constrói os próprios sujeitos produtores de textos, são as relações intersubjetivas. Em outras palavras, “a subjetividade nasce no seio da intersubjetividade” (MARCUSCHI, 2008, p. 67). Em decorrência desse postulado, o texto passou a ser concebido como o lugar, ao mesmo tempo, do social e do individual.

Em síntese, nas palavras de Barros (op. cit., p. 185),

Essas novas posições criaram um objeto (ou mais de um) aos estudos linguísticos, com as características apontadas: ao mesmo tempo social e individual, instrumento de argumentação e de informação, fundado pela interação ou pelas relações intersubjetivas que antecedem e criam a subjetividade, de dimensão maior que a frase e com organização própria.

Assim, como mencionado, paralelamente a toda análise formal da língua, surgiram diferentes tendências que trouxeram consigo novas posturas e objeto aos estudos linguísticos. Os estudos que a partir de então se desenvolveram buscaram preencher de modos diversos os espaços deixados pela bem definida linguística imanente entre língua e fala, competência e desempenho, enunciação e enunciado, linguístico e extralinguístico. Tratava-se de juntar o que estava distintivamente separado. Em decorrência, atribuiu-se aos estudos do texto e do discurso uma crítica – a fragilidade e instabilidade de não serem nem uma coisa nem outra.

Nessa direção, se por um lado a posição de instabilidade em que tais estudos colocam a linguagem denota fraqueza, por outro, é também sua maior grandeza, pois são “os fatos linguísticos instáveis, aqueles que não se resolvem com ‘ou isto ou aquilo’, que instigam os estudiosos da linguagem, e os do discurso e do texto, antes de todos” (BARROS, 1999, p. 186).

Em suma, os estudos linguísticos posteriores à linguística do sistema reviram e retomaram posições postas de lado pelo projeto saussuriano, ampliando, desse modo, seu campo de estudo. Dessas mudanças de perspectivas teóricas, decorre, dentre outros movimentos, o advento da Linguística Textual e, em particular, da Gramática Textual-Interativa, as quais conjuntamente fundamentam a presente pesquisa. Nas seções a seguir, discorre-se sobre cada uma dessas tendências de investigação científica, situando nosso estudo no âmbito de cada uma delas.

1.1.2 Linguística Textual: da sequência de frases ao texto no contexto

A adoção do texto como novo paradigma de análise dos estudos linguísticos decorreu de um percurso marcado por diversas orientações, as quais refletiam propostas teórico-metodológicas distintas. Dentro desse amplo contexto, a Linguística Textual (doravante LT), oriunda, sobretudo, dos países germânicos na segunda metade da década de 1960 e chegada ao Brasil nos anos 1980, se constitui como um campo da Linguística cujo objeto de investigação incide, de modo particular, nos aspectos relativos aos processos de construção do texto.

Embora a LT apresente hoje um objeto relativamente bem definido, a trajetória de sua constituição enquanto campo de investigação linguística demonstra, no entanto, que ela não se desenvolveu de modo homogêneo. Houve uma gradual ampliação de seu objeto de análise à medida em que se alargavam as perspectivas de estudo.

Nesse sentido, Koch (2009) distingue três momentos fulcrais no desenvolvimento dessa perspectiva teórica, frisando de modo particular que cada um deles abrangeu orientações

teóricas e interesses bastante diversos entre si. Façamos agora um pouco mais detalhadamente de cada um desses momentos.

A motivação inicial, nos anos de 60 e 70, pautou-se na observação de que certos fenômenos circunscritos aos limites da frase não poderiam ser explicados pelas teorias linguísticas tradicionais vigentes na época. E estes fenômenos eram resumidos numa expressão: relações interfrásticas. Passou-se, assim, a examinar uma série de mecanismos interfrásticos como a correferência, que é considerada como um dos principais fatores de coerência, a pronominalização, a seleção de artigos (definidos e indefinidos), a concordância dos tempos verbais, entre outros.

Nesta linha, podem-se citar os trabalhos de Harweg (1968), Hartmann (1968), Isenberg (1968, 1971), Bellert (1970), Vater (1979). Apesar de se reconhecer que, nesse primeiro momento, houve uma gradual ampliação do escopo de estudo, ao se superarem os limites da frase, não se pode afirmar que se tenha chegado a um tratamento autônomo do texto, nem que se tenha concebido um quadro teórico capaz de garantir um tratamento homogêneo dos fenômenos investigados. Assim, essa linha pesquisa mostrou-se insuficiente e foi abandonada.

Considerou-se, então, a construção de um outro modelo teórico de pesquisa que concebesse o texto não apenas como uma lista ou soma de frases, mas como um todo organizado de sentido, dotado de unidade própria. Passou-se, assim, ao objetivo de construir gramáticas de texto semelhantes às gramáticas da frase.

Nesse momento, compreendia-se “o texto como unidade teórica formalmente construída, em oposição ao discurso, unidade funcional, comunicativa e intersubjetivamente construída uso” (BENTES, 2003, p. 249). As estruturas dessa unidade, por seu turno, deviam ser definidas pelas regras de uma gramática textual. Dizendo de outra forma, buscava-se estabelecer os princípios de constituição do texto, os fatores responsáveis pela sua coerência, as condições em que se manifesta a textualidade, bem como, fixar critérios para a delimitação

de suas fronteiras e diferenciar as espécies de textos. A virtualidade desse novo olhar repousava, sobretudo, no fato de compreender o texto como uma unidade linguística hierarquicamente superior.

Além de Van Dijk (1972), outros estudiosos se dedicaram à construção de gramáticas textuais, como Weinrich (1964, 1971, 1976), Petöfi (1973), entre outros. Dessa perspectiva teórica, decorre, em particular, dois grandes contributos para a consolidação dos estudos linguísticos do texto e do discurso:

As gramáticas de texto tiveram o mérito de estabelecer duas noções basilares para a consolidação dos estudos concernentes ao texto/discurso: a primeira é a verificação de que o texto constitui a unidade linguística mais elevada e se desdobra em unidades menores, igualmente passíveis de classificação. [...]. A segunda noção básica constitui o complemento e a decorrência da primeira noção enunciada: não existe continuidade entre frase e texto, uma vez que se trata de entidades de ordem diferente e a significação do texto não constitui unicamente a somatória das partes que o compõem (GALEMBECK, 2009, p. 116).

Apesar dos avanços assinalados, cabe reconhecer que as gramáticas textuais se revelaram pouco produtivas, já que não se conseguiu construir um modelo teórico-metodológico capaz de assegurar uma abordagem homogênea dos fenômenos investigados. Propõe-se, então, a elaboração de “uma teoria do texto que investigasse a constituição, o funcionamento, a produção e a compreensão dos textos em uso numa situação concreta de interação verbal” (GALEMBECK, 2009, p. 117).

Assim, no final da década de 1970 e início de 1980, nessa nova etapa de desenvolvimento da LT, a grande tônica nos estudos do texto foi a inclusão do componente pragmático. Com isso, o texto passou a ser estudado dentro do seu contexto, “compreendido genericamente como um conjunto de condições (externas a ele) de produção, recepção e interpretação” (BENTES, 2003, p. 251).

Em outras palavras, nessa perspectiva, a atenção dedicada apenas a descrição estrutural numa abordagem sintático-semântica é posta de lado e a primazia volta-se para as conexões determinadas por regras, entre textos e seu contexto comunicativo-situacional (Isenberg (1976);

Dressler (1974); Petöfi (1972), (1973); Mostsch (1975); Gülich e Raible (1977); Schmidt (1978); Heinemann e Viehweger (1991)).

Nesse enfoque, presumia-se o componente pragmático como determinante do sintático e do semântico do texto e os estudos passaram a envolver a noção de textualidade e a encarar o texto como produto de uma atividade mais complexa, como instrumento de realização de intenções comunicativas e sociais do falante, tal como foi preconizado por Heinemann (1982).

A LT, nesse estágio de seu desenvolvimento, despontou com maior vigor o interesse pelas operações cognitivas, perspectiva que dominou a cena dos estudos nessa área ainda na década de 1980. Surgiu, então, o momento em que o texto passou a ser considerado como resultado de uma multiplicidade de operações mentais interligadas, as quais subjazem a sua elaboração e produção (Beaugrande e Dressler (1981); Heinemann e Viehweger (1991); Van Dijk e Kintsch (1983), entre outros).

Esse novo olhar sobre o texto impôs à LT, neste momento, a tarefa de descrever os sistemas de conhecimentos e as estratégias mobilizadas pelos interactantes no decurso do processo comunicativo. Todavia, a compreensão de que o processamento textual não dependia somente das características internas do texto, como do conhecimento dos parceiros da comunicação, não era suficiente para entender que as ações verbais, mediadas pelo texto, são ações que ocorrem no âmbito extratextual.

Emerge, neste contexto, no início dos anos 1990, a perspectiva sociocognitiva-interacionista, que, com base na percepção de que a cognição é um fenômeno situado,³ postula que os processos cognitivos não são puramente individuais, mas concomitantemente sociais. Há, nesse sentido, uma continuidade entre cognição e cultura, visto que esta é percebida socialmente, porém armazenada individualmente.

³ Isto quer dizer que muitos processos cognitivos ocorrem fora da mente e não apenas dentro dela. Nas palavras de Koch (2009), o que existe aí é uma inter-relação complexa.

A novidade dessa abordagem reside, pois, na compreensão das ações verbais como “engajamento” em contextos sociais, com finalidades e com papéis distribuídos socialmente (KOCH, 2009), a qual reforça a dimensão sociointeracionista da linguagem. Nas palavras de Marcuschi (2008, p. 25), “pode-se dizer que se trata de reintroduzir nos estudos linguísticos o aspecto social, ou melhor, interacional”.

A partir da década de 90, então, para além do realce dado aos processos de organização global dos textos, atribui-se relevância particular às questões de ordem sociocognitiva, que envolvem tópicos como referenciação, acessamento ao conhecimento prévio, tratamento da oralidade e da relação oralidade/escrita, estudo dos gêneros textuais etc.

Nessa fase de sua evolução, a LT assume nitidamente uma feição de disciplina essencialmente interdisciplinar em função das diferentes perspectivas e interesses que abrange. Ou ainda, segundo Koch (2009, p. 174),

a Linguística Textual, ao adotar uma concepção de texto interativa, de base sociocognitiva, parece ter-se tornado um entroncamento, para o qual convergem muitos caminhos, mas que é também o ponto de partida de muitos deles, em diversas direções. Desta forma, vem-se tornando, cada vez mais, um domínio multi- e transdisciplinar, em que se busca compreender e explicar o texto.

A Gramática Textual-Interativa, quadro teórico-metodológico mais específico adotado nesta tese, assenta-se, como explica Jubran (2007), sobre pressupostos das duas últimas fases da LT, a de orientação pragmática e a de orientação sociocognitiva-interacionista. Com base numa perspectiva pragmática, a abordagem textual-interativa considera, por exemplo, que o funcionamento dos processos de construção textual está decisivamente vinculado aos gêneros textuais em que esses processos ocorrem, uma vez que os gêneros congregam as ações específicas realizadas pelos textos e por seus processos de construção. É nesse sentido que, neste trabalho, circunscrevemos nossa análise a um gênero em particular. Mais adiante (seção 1.3), tratamos dos gêneros textuais e também abordamos o processo de organização tópica (aqui em pauta) no âmbito de gêneros específicos (seção 1.2).

Paralelamente a essa orientação mais pragmática, serão também particularmente relevantes para o presente trabalho pressupostos da vertente sociocognitiva-interacional da LT (incorporados, inclusive, pela abordagem textual-interativa), na medida em que analisamos aqui possíveis domínios e deficiências de um grupo de estudantes quanto a atividades de produção textual. Nesse sentido, buscamos, nessa vertente, subsídios para embasar algumas das posições aqui adotadas, visto que, conforme apontam Koch e Elias (2009), a construção de texto é uma atividade linguística cuja efetivação requer do produtor a ativação de um vasto conjunto de conhecimentos e a mobilização de diversas estratégias em um movimento incessante e on-line conduzido pelo princípio interacional.

Sob esse enfoque, que envolve escritor-leitor, ativação de conhecimentos, mobilização de estratégias, propósito comunicativo e interação, abordamos, na seção 1.1.3 abaixo, a noção de texto dessa vertente mais recente da LT, na qual se assenta a noção de texto da própria Gramática Textual-Interativa e, na seção 1.1.4 seguinte, tratamos dos tipos de conhecimentos mobilizados pelos interlocutores na interação por meio de textos.

1.1.3. O texto na Linguística Textual

Em uma dimensão histórica mais ampla dos estudos linguísticos, que põe em cena o *texto* como categoria de análise linguística, reconhece-se que uma das teorias do texto – Linguística Textual – que o alçou como a unidade que possibilitaria a interação verbal propôs no decurso de seu desenvolvimento diferentes modos de concebê-lo, à medida que se ampliavam e modificavam as perspectivas de estudo.

Delimita-se, então, um percurso que, da compreensão de texto como unidade hierarquicamente superior do sistema linguístico, teóricos passaram a entendê-lo como unidade básica da comunicação e interação humana e, dessa noção, decorreu uma outra que o realçou

como resultado de uma multiplicidade de operações cognitivas interligadas até sua formulação como uma “entidade multifacetada, enunciada como fruto de um processo extremamente complexo de interação social e construção social de sujeitos, conhecimento e linguagem”, tal como foi preconizado por Koch (2009, p. 175).

Nesse quadro de reconceitualização, o texto ancorado numa dinâmica sociocognitivista e interacional passa a ser compreendido como um evento comunicativo que engloba sujeitos, seus objetivos e conhecimentos com propósito interacional, inserido, pois, em um contexto comunicativo específico.

Quer dizer, o texto concebido como objeto multifacetado é “construído nas dinâmicas interativas em que sujeitos constroem sentidos em meio a materialidades linguísticas, elaborações cognitivas do conhecimento e práticas sociais de uso da língua” (BATISTA, 2016, p. 11) e realizado em gêneros que circulam na sociedade.

Depreende-se, então, que o processamento do texto não depende só da materialidade linguística, mas dos conhecimentos mobilizados pelos interlocutores, pois são exatamente esses conhecimentos que determinam as estratégias a serem empregadas tanto na recepção quanto na produção do texto. Pelo fato de o texto ativar estratégias, expectativas, conhecimentos linguísticos e não linguísticos, o processamento textual caracteriza-se como um processo dinâmico e incessante de construção de sentido, produzido social, histórica e culturalmente em um dado contexto.

Desse ponto de vista, o sentido de um texto e a rede conceitual que dele decorre afloram, fluem em meio às diversas atividades nas quais os interlocutores se envolvem. Essas atividades se ancoram em situações de interação específicas, por isso são sempre situadas, e as operações de construção de sentido nelas envolvidas resultam da interação de várias ações realizadas pelos indivíduos, uma vez que tais ações não ocorrem apenas na cabeça deles (GALEMBECK, 2009).

São, por isso, ações conjuntas, uma vez que incluem mais de um indivíduo: produtores e receptores de texto devem colaborar para um mesmo propósito comunicativo circunscrito em uma situação de interação específica. Ou seja, ao elaborarem textos,

os falantes/ouvintes estão manifestando conteúdos e sugerindo sentidos que devem ser inferidos, construídos, determinados pelos ouvintes/leitores. Isso caracteriza de maneira bastante essencial a produção e a recepção de textos como uma atividade situada e sociointerativa (MARCUSCHI, 2008, p. 34).

De modo particular, essa perspectiva acha-se em consonância com a noção do dialogismo, princípio fundador da linguagem formulado por Bakhtin (2006) e assumido por grande parte dos estudos do texto: toda linguagem é dialógica, isto é, todo enunciado é sempre proferido de alguém para alguém. Sobre esse aspecto, nada mais esclarecedor do que as palavras do próprio autor:

Na realidade, toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra se apoia sobre meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e interlocutor (BAKHTIN, 2006, p. 113).

A produção textual é, desse modo, uma atividade interativa e contextualizada, pois os interlocutores estão de algum modo envolvidos nos processos de construção e compreensão de um texto. Além de tudo, congrega a mobilização de um vasto conjunto de conhecimentos e habilidades, cuja inserção sempre ocorre no interior de eventos comunicativos situados em contextos sociais sempre reais.

Nessa perspectiva interacional (dialógica) da língua, pode-se afirmar que “tanto aquele que produz como aquele para quem se produz são considerados como atores/construtores sociais, sujeitos ativos que – dialogicamente – se constroem e são construídos no texto” (KOCH, 2009, p. 33), este visto por Beaugrande (1997 *apud* MARCUSCHI, 2008, p. 42) como

“um evento comunicativo para o qual convergem ações linguísticas, cognitivas, sociais e interacionais”.

Dessa visão, depreende-se que o texto não é uma simples produção de palavras escritas ou faladas, mas um evento que envolve um imenso e complexo conjunto de saberes. Nesse sentido, ao considerar a enorme riqueza de aspectos envolvidos nessa definição, Marcuschi (2008, p. 80), frisa algumas implicações que dela decorrem:

- i. o texto é visto como um *sistema de conexões entre vários elementos*, tais como: sons, palavras, enunciados, significações, participantes, contextos, ações etc.;
- ii. o texto é construído numa orientação de *multissistemas*, ou seja, envolve tanto aspectos linguísticos como não linguísticos no seu processamento e o texto se torna em geral multimodal;
- iii. o texto é um *evento interativo* e não se dá como artefato monológico e solitário, sendo um processo e uma coprodução (coautorias em diversos níveis);
- iv. o texto compõe-se de *elementos multifuncionais* sobre vários aspectos, tais como: um som, uma palavra, uma significação, uma instrução etc. e deve ser processado com esta multifuncionalidade.

Cabe assinalar que da primeira implicação, processa-se um importante aspecto teórico. Da visão de texto concebido como um princípio de conectividade na medida em que se conecta a diferentes conhecimentos (de língua, de textos, de interação, do mundo), delineia-se a compreensão dos princípios de textualidade (coesão, coerência, intencionalidade, aceitabilidade, informatividade, situacionalidade e intertextualidade) não como equivalentes a regras de boa formação textual, mas como as mais relevantes configurações de conectividade, já que estes asseguram múltiplas conexões não só no interior do texto, como também entre texto e os contextos humanos em que se realizam, indicando que conexões são importantes (BATISTA, 2016).

Nessa direção, subentende-se que nos processos de construção e compreensão de um texto, estabelecem-se estreitas conexões entre texto, sujeitos e sociedade. Desse modo, as formas de conectividade, evidenciam que o texto se dá como um ato de comunicação inserido num complexo universo de ações humanas interativas e colaborativas constituídas de forma situada.

Em consonância com essa perspectiva teórica, Koch (2009, p. 170) assevera que as formas de conectividade, ou seja, os princípios de construção textual do sentido, são vistos “como um conjunto de condições para uma ação linguística, cognitiva e social, isto é, são condições que conduzem sociocognitivamente à produção de eventos interativamente comunicativos”.

Nesse quadro teórico, considera-se que a textualidade não é um conjunto de princípios de formação textual, mas sim, um modo de acesso à construção de sentido ou, na concepção de Beaugrande (1997 *apud* MARCUSCHI, 2008, p. 97), “os princípios da textualização mostram quão é rico um texto em seu potencial para conectar atividades sociais, conhecimentos linguísticos e conhecimentos de mundo”.

No que se refere aos princípios de textualidade, Koch (2009) ainda esclarece que, com o desenvolvimento dos estudos, a coerência deixou de ser considerada apenas como um critério de textualidade entre os demais, passando a ser entendida como o resultado da confluência de todos os demais fatores, aliados a mecanismos e processos de ordem cognitiva, como o conhecimento enciclopédico, o conhecimento compartilhado, o conhecimento procedural etc.

Desse ponto de vista, como o texto em sua materialidade linguística esconde muito mais do que desvela, dado que grande parte do conhecimento compartilhado não precisa ser explicado, a coerência deixa de ser vista como mera propriedade do texto, e passa a ser encarada como uma construção “situada” dos interlocutores (KOCH, 2009).

Esse processo se desenvolve com base no modo como os interlocutores a partir dos elementos presentes na superfície textual, interagem com o texto à medida em que o reconstroem como uma unidade veiculadora de sentidos. “A coerência do texto, depende, portanto, da bagagem cognitiva, da qual o linguístico é apenas um dos componentes. Em uma larga acepção, essa bagagem é constitutiva do contexto concebido sob o prisma da sociocognição” (BATISTA, 2016, p. 38).

Nesta seção, procuramos apresentar a concepção atual de texto da LT de orientação sociocognitiva-interacional, que, incorporando elementos essenciais também de orientação pragmática, constitui, essencialmente, a concepção de texto também adotada pela Gramática Textual-Interativa (da qual tratamos mais adiante, na seção 1.2). Trata-se da noção de texto como entidade multifacetada, cujo processamento constitui um evento altamente complexo, que mobiliza diversos elementos de ordem linguística, cognitiva, social, cultural, histórica, interacional, dentre outros.

Trata-se de uma concepção abrangente de texto, que procura dar conta, em grande medida, de toda a complexidade envolvida no processamento de textos, servindo ao tratamento de diversos fenômenos, como, por exemplo: a relação entre texto e contexto; a relação entre material linguístico e não-linguístico (pense-se no caso de textos multimodais); a relação do processamento do texto com o conhecimento de mundo dos interlocutores, o que se estende, por exemplo, para a questão da formação dos sujeitos, como no ensino de língua portuguesa etc.

Nos estudos sobre processos de construção textual realizados no âmbito da Gramática Textual-Interativa, nem sempre é viável ou relevante abordar toda a amplitude da complexidade do fenômeno textual. No tratamento da organização tópica, aqui em pauta, normalmente não se recorre, diretamente, a fatores, por exemplo, de ordem cognitiva ou social. A análise tópica,

pelo menos na tendência aqui adotada, que focaliza a estrutura tópica, pode ser feita segundo uma abordagem que prioriza mais o domínio linguístico-textual (integrado ao interacional).

Isso não significa que essa análise da estruturação tópica ignore a diversidade de fatores envolvidos no processamento textual. Trata-se, antes, de uma questão de recorte analítico. Na verdade, pode-se dizer que a análise aqui adotada vê a estruturação tópica como uma parte de um processo mais amplo, ao qual essa estruturação está integrada. Ou seja, a análise reconhece e admite a concepção de texto sintetizada nesta seção, embora não a contemple em toda a sua extensão. É nesse sentido que se pode dizer que a noção de texto aqui exposta é a adotada pela Gramática Textual-Interativa e pelo presente trabalho.⁴

Embora a análise da organização tópica, em si, atenha-se mais ao domínio linguístico-textual (e ao interacional), nesta tese procuramos agregar à análise a questão dos tipos de conhecimentos envolvidos no processamento textual. Parece-nos uma incorporação relevante, na medida em que o que fazemos aqui não é apenas descrever a organização tópica, em si, de um grupo de textos, mas procuramos discutir, como mencionado, possíveis domínios e deficiências que um grupo de alunos manifesta na produção textual de um dado gênero. Desse modo, podemos pensar nesses domínios ou deficiências como parte dos conhecimentos mobilizados pelos interlocutores no intercâmbio verbal. Assim, em alguma medida, estudamos a organização tópica, atrelando a esse estudo uma pequena ampliação no que tange a seu alcance dentro da complexidade do fenômeno textual. Na seção seguinte, tratamos, então, dos sistemas de conhecimento mobilizados pelos interlocutores no intercâmbio verbal.

⁴ Na Gramática Textual-Interativa, a análise de outros processos de construção textual já toca, de forma mais evidente, em fatores mais variados da complexidade do processamento textual. É o caso dos estudos de referenciação, que, dentre outros elementos, abordam fatores de ordem cognitiva, como no tratamento da anáfora associativa.

1.1.4 Sistemas de conhecimento e produção de texto

Como visto na seção anterior, a LT de modo geral e, em particular, a Perspectiva Textual-Interativa, conforme explicaremos na próxima seção, reconhecem que, em todas as fases do processo de construção e compreensão textual, os interlocutores mobilizam diferentes tipos de conhecimentos. Segundo Koch (2009),

os parceiros da comunicação possuem saberes acumulados quanto aos diversos tipos de atividade social, têm conhecimentos representados na memória que necessitam ser ativados para que sua atividade comunicativa seja coroada com sucesso (KOCH, 2009, p. 21).

Essas atividades geram determinadas expectativas, de que resulta um projeto não apenas nas atividades de produção, mas também de compreensão de textos. Dessa perspectiva presume-se que, no processamento textual, o produtor ativa diferentes tipos de conhecimentos os quais transformam a representação mental de um texto em uma estrutura de enunciados.

Os conhecimentos, uma vez registrados na memória, sofrem transformações, mudanças em função da incessante atualização de nossas práticas sociais. Sendo assim,

a memória deixa de ser vista como auxiliar do conhecimento, passando a ser considerada parte integrante dele, ou mesmo como a forma de todo o conhecimento: o conhecimento nada mais é que estruturas estabilizadas na memória de longo prazo, que são utilizadas para o reconhecimento, a compreensão de situações - e de textos - , a ação e a interação social (KOCH, 2003, p. 40).

Segundo postulam Heinemann e Viehweger (1991), os interlocutores lançam mão de conhecimentos de quatro grandes sistemas cognitivos para processar seus textos. Essas quatro esferas do saber são: o linguístico, o enciclopédico ou de mundo, o interacional e o referente às superestruturas ou modelos textuais globais.

Conforme observam os autores, embora não se tenha uma noção clara de como se organiza cada um desses conhecimentos, é certo que eles não agem sucessivamente, e sim interativamente. São, na verdade, segundo Marcuschi (2008, p. 187), “processadores que operam como mecanismos que ativam a produção”.

O *conhecimento linguístico* remete-nos a uma afirmação trivial que todo texto pode ser realizado por meio de um sistema de linguagem concreto. Isso significa que a produção de um texto requer a mobilização de conhecimentos gramatical e lexical da língua, quer dizer, conhecimentos linguísticos. Estes são adquiridos ao longo da vida nas diversas práticas sociais de que participam os interlocutores enquanto sujeitos sociais que são e, de forma sistematizada, primordialmente na escola.

Esse conhecimento é responsável pela articulação som-sentido, respondendo, por exemplo, pela escolha dos termos e a organização do material linguístico na superfície textual, pelo uso dos recursos coesivos, pela escolha lexical adequada ao tema e aos modelos cognitivos ativados.

Sob esse aspecto, considera-se que a linguagem, por meio de sua gramática e de seu léxico, fornece unidades que sugerem os propósitos comunicativos pretendidos pelo produtor em uma situação específica de interação com a produção de um texto.

Os membros de cada comunidade humana, em seu engajamento ativo com seu ambiente natural e social, bem como por meio da divisão social do trabalho, adquirem um conhecimento específico do mundo, tanto em alcance quanto em profundidade, ou seja, o *conhecimento enciclopédico ou de mundo*. Esse conhecimento sobre coisas do mundo encontra-se armazenado na memória de cada indivíduo, uma vez que diz respeito a todo conhecimento assimilado no decorrer da vida, por isso, segundo Heinemann e Viehweger (1991), sua importância é indiscutível, uma vez que desempenha papel crucial no processamento textual.

Tal conhecimento compreende o conhecimento do tipo declarativo, revelado por enunciações acerca dos acontecimentos do mundo (“O Acre divide-se em 22 municípios”), e o conhecimento episódico e intuitivo, como o próprio nome indica, é aquele aprendido por meio da experiência (em uma tempestade não dá para se abrigar debaixo de uma árvore).

Essas duas formas de conhecimento – linguístico e enciclopédico – são organizadas, segundo Galembek (2009, p. 118) “em modelos cognitivos. Isso significa que os conceitos são estruturados em blocos e formam uma rede de relações, de modo que um dado conceito sempre evoca uma série de entidades”. É o caso do conceito de *aniversário*, ao qual se associam: bolo, vela, balão, doces, presentes... Essa estruturação permite que o “conhecimento enciclopédico se transforme em conhecimento procedimental, quer dizer, que fornece instruções sobre como agir em situações particulares e realizar atividades específicas”, conforme Koch (2009, p. 23).

Uma vez que os textos representam a forma básica de comunicação, devem ser entendidos “como um meio universal de realizar as intenções dos indivíduos socialmente ativos, ou seja, são meios com os quais um falante pode alcançar algo no processo de interação social” (HEINEMANN, VIEHWEGER, 1991, p. 96).⁵

Dessa noção de texto, entende-se que o exercício da linguagem solicita, dentre outros, o *conhecimento interacional*, isto é, o conhecimento que diz respeito às formas de interação verbal, sendo, assim, o responsável pela realização de certas ações por meio da linguagem. Trata, portanto, de práticas interacionais diversas, histórica e culturalmente constituídas.

Com base nesse conhecimento, Koch e Elias (2009, p. 44), asseguram que o produtor:

- configura na escrita a sua intenção, possibilitando ao leitor/ouvinte reconhecer o objetivo ou propósito pretendido no quadro interacional desenhado;
- determina a quantidade de informação necessária, numa situação comunicativa concreta, para que o leitor/ouvinte seja capaz de reconstruir o objetivo da produção de texto;
- seleciona a variante linguística adequada à situação de interação;
- faz a adequação do gênero textual à situação comunicativa;

⁵ Tradução da versão original.

- demonstra a compreensão do texto para conseguir a aceitação do leitor/ouvinte quanto ao objetivo desejado, utilizando-se de vários tipos de ações linguísticas configuradas no texto, por meio da introdução de sinais de articulação ou apoio textuais, atividades de formulação ou construção textual.

O conhecimento interacional envolve os conhecimentos do tipo ilocucional, comunicacional e metacomunicacional. O conhecimento ilocucional diz respeito aos tipos de objetivos ou propósitos comunicativo-interacionais, tanto em termos da sua formulação por parte do locutor, quanto em termos do seu reconhecimento por parte do interlocutor. Já o conhecimento comunicacional, em particular conexão com o anterior, relaciona-se aos meios adequados para atingir os propósitos desejados, por isso, comporta as normas gerais de comunicação e também conhecimentos que permitem, por exemplo, a seleção da variante linguística, bem como, dos tipos de textos adequados a cada situação de interação e a seleção das informações necessárias para o cumprimento da intenção comunicativa. O conhecimento metacomunicativo concerne aos diferentes meios – procedimentos linguístico-discursivos – utilizados para prevenir e evitar distúrbios na comunicação, os quais tentam assegurar a compreensão do texto segundo o objetivo com que é produzido.

Realçamos que o conhecimento interacional é primordial para nosso estudo. Contudo, tal realce não representa um descarte dos demais sistemas cognitivos mobilizados no decurso da interação verbal. Decorre, assim, pelo fato de que, em uma gramática sob o enfoque textual e interativo, como a aqui elegida, compreende-se que as escolhas textuais realizadas durante a produção de um texto derivam, em grande medida, desse conhecimento. Por exemplo, no conhecimento ilocucional devem residir escolhas que atrelam os textos aqui analisados ao propósito sociocomunicativa do gênero em pauta (artigo de opinião), propósito esse que, como veremos, liga-se a aspectos do processo de organização tópica dos textos.

Os falantes, segundo Heinemann e Viehweger (1991), dispõem de um *conhecimento acerca de superestruturas ou modelos textuais globais*, isto é, um conhecimento específico a respeito das estruturas textuais globais, de modo que este lhes possibilite reconhecer um texto como pertencente a determinado gênero ou tipo. Isso quer dizer que os falantes possuem uma ideia bastante clara das estratégias de produção de um relato, da defesa de um ponto de vista, etc. Tal conhecimento inclui, também, conhecimentos específicos sobre as unidades globais que caracterizam os vários tipos de textos, sobre o seu sequenciamento, assim como a relação entre objetivos, base proposicional (textual) e a estrutura textual global.

Com base nesse saber, presume-se que, na avaliação cognitiva de um texto, o interlocutor tem pistas para tentar identificar, a partir de suas propriedades globais, sejam elas narrativas, descritivas, explicativas ou argumentativas, o objetivo comunicativo pretendido pelo produtor. É esse conhecimento, então, que, por um lado, sustenta o reconhecimento de um texto como exemplar de um gênero e, por outro, a seleção do gênero apropriado aos objetivos dos locutores em uma situação específica de interação (JUBRAN, 2007).

É nesse sentido que também consideramos esse tipo de conhecimento (conhecimento acerca de superestruturas ou modelos textuais globais) um dos mais relevantes para o nosso trabalho, na medida em que diz respeito ao conhecimento dos gêneros textuais e de suas estruturas. Essa pertinência incide no fato de que, em nosso estudo, cujo objetivo é analisar a estruturação de um gênero particular (artigo de opinião), estamos presumindo a organização tópica – processo basilar de construção textual aqui investigado –, como mais uma camada compositiva da estrutura dos gêneros, em consonância com os estudos que vem sendo desenvolvidos no interior da GTI. Por isso, o domínio da organização tópica comporia esse conhecimento.

Sobre esses quatro sistemas de conhecimento, Heinemann e Viehweger (1991, p. 112), asseveram que “para cada um deles existe também um conhecimento específico sobre o

‘manejo’ desses conhecimentos, isto é, um conhecimento pertencente aos procedimentos”.⁶ Os procedimentos pelos quais estes sistemas de conhecimento são atualizados podem ser compreendidos como rotinas e, por outro lado, parece justificado assumir que procedimentos especializados são usados sob condições específicas de ação. Em outras palavras, pode-se dizer que os sistemas de conhecimento são ativados por ocasião do processamento de texto.

Essa concepção acerca dos sistemas de conhecimento, aqui apresentada, mostra-se imprescindível neste trabalho, na medida em que, em nossa investigação a respeito do possível domínio ou deficiência que os acadêmicos da UFAC têm sobre o processo de organização tópica no gênero artigo de opinião, estamos considerando que o conhecimento das regras de organização tópica de um gênero integraria esses sistemas de conhecimento que os produtores mobilizam no processo de construção e compreensão textual.

Uma vez tendo apresentado um breve panorama histórico e alguns conceitos fundamentais da LT, sobretudo aqueles mais diretamente relevantes para esta tese, focalizaremos, na próxima seção, os pressupostos teórico-metodológicos da Gramática Textual-Interativa, abordagem mais específica que adotamos no presente trabalho.

1. 2 A Gramática Textual-Interativa

1.2.1 Princípios e base

A Perspectiva Textual-Interativa, ou Gramática Textual-Interativa, como proposta teórica de análise linguística, idealizada no interior do subgrupo de Organização Textual-Interativa do Projeto de Gramática do Português Falado (PGPF), surgiu a partir de estudos sobre o texto falado, desenvolvidos por um grupo de pesquisadores coordenados por Ingedore Grunfeld Villaça Koch. No âmbito do projeto, esses pesquisadores enfrentaram o desafio de

⁶ Tradução da versão original.

elaborar uma proposta de referência teórico-metodológica para o estudo dos processos de organização global do texto⁷, que ficou conhecida como *Gramática Textual-Interativa*, considerando as particularidades da natureza de tal gramática, que, em muitos aspectos, se diferenciava das gramáticas até então produzidas no Brasil. Jubran (2007), ao definir os princípios basilares em que se assentam essa gramática, apresenta duas noções de gramática de texto: a predominante na primeira fase de desenvolvimento da LT, conhecida como análise interfrástica (conforme abordamos na seção anterior), e a adotada pela GTI:

[...] a gramática textual-interativa (GTI) requer a consideração de um contingente de dados de natureza diversa dos que comumente se encontram nas gramáticas descritivas dos níveis linguísticos da estrutura frasal. Primeiro, porque o texto apresenta propriedades fundadas numa ordem própria de relações constitutivas, diferenciadas das que se estabelecem no âmbito da frase. Segundo, porque o texto, na ótica interacional, congrega a atividade discursiva, comportando uma análise integrada de sua construção e dos fatores enunciativos que lhe dão existência e se mostram na própria constituição (JUBRAN, 2007, p. 313).

Dessa visão acerca do texto, promovida pela ampliação do escopo da Linguística Textual, tem-se um deslocamento considerável do ponto de vista do sistema para a atividade comunicativa. Isto quer dizer que o texto não é visto apenas como um simples artefato linguístico composto por um conjunto de enunciados e divisível em subunidades, mas como um evento que se realiza na forma de linguagem inserida em contextos comunicativos, compreendidos como espaços comuns que os interlocutores constroem na própria interação e dos quais emergem os sentidos produzidos entre os agentes sociais.

Mais especificamente, depreende-se que a interação e a produção de sentido são efetivadas por textos, corporificados em algum gênero textual, aqui visto como modelos correspondentes a formas sociais que orientam a atividade comunicativa em cada esfera social em que ocorrem.

⁷Na construção do quadro de referência teórica, segundo Nascimento (2005), o grupo do PGPF deixou de focar o produto, para centrar-se nos processos de sua produção. Em outras palavras, o objeto de estudo do PGPF não se restringia ao texto, devendo abranger também as operações sistematicamente envolvidas em sua produção.

Desse modo, a GTI, em sua gênese, estuda o texto, visto em seu aspecto tanto organizacional interno (estruturação textual) como seu funcionamento sob o ponto de vista enunciativo. Isto corresponde a dizer que o enfoque textual-interativo congrega uma visão em que as formas de processamento textual se integram aos fatores interacionais num só conjunto e se revelam nos próprios processos de elaboração textual. A partir disso, postula, então, o texto como uma entidade comunicativa verbalmente realizada e simultaneamente estruturado e emergente.

Assim, o texto, visto no seu processo de interlocução, estabelece-se como o lugar onde é possível identificar regularidades de processamento de estruturas. Nesse sentido, a GTI desponta como uma proposta teórico-metodológica de abordagem do texto cuja particularidade reside em apontar o caráter sistemático de procedimentos de construção textual, “aferido pela recorrência desses procedimentos em contextos definidos, pelas marcas formais que os caracterizam e pelo preenchimento de funções textual-interativas proeminentes que os especificam”. (JUBRAN, 2007, p. 316).

A GTI congrega em sua constituição princípios teórico-metodológicos que emergem da Linguística Textual, da Pragmática e da Análise da Conversação. Dessas três fontes, a LT constitui o principal pilar dos estudos textual-interativos. Seu principal contributo decorre da concepção de texto, circunscrita, em especial, nas fases posteriores de seu desenvolvimento, alinhadas à orientação pragmática (principalmente), quando a língua passou a ser vista como uma forma específica de comunicação social e o texto como uma atividade sociocomunicativa e interativa, e à orientação cognitivista, com a compreensão dos diversos sistemas cognitivos mobilizados no processamento textual, como o interacional, que mais de perto interessa à GTI.

A perspectiva agregou também à sua base teórica subsídios da Análise da Conversação, uma vez que o *corpus* de análise da GTI em sua tendência mais original era de natureza oral, o que determinava algumas especificidades em relação à abordagem comumente

feita pela LT. Assim, a Análise da Conversação adicionou à descrição textual-interativa da língua na modalidade falada teorias que tratavam da comunicação face a face empreendida em situações informais de interlocução, da troca de turnos e de situações diversificadas de interação verbal.

Além dessas duas linhas teóricas, outra área que colaborou significativamente na elaboração do quadro teórico da GTI foi a Pragmática. A primazia dos estudos linguísticos nessa vertente reflete-se, de modo particular, nos dados linguísticos situados, ou seja, nos usos e funcionamentos da língua, vista nesse enfoque teórico como forma de ação, em situações concretas de produção. À vista disso, no âmbito de uma descrição textual-interativa é fundamental, portanto, que “o produto linguístico sob análise seja abordado dentro do contexto sociocomunicativo do qual emerge, a partir de marcas concretas que a situação enunciativa imprime nos enunciados” (JUBRAN, 2006, p. 29). Os estudos do texto filtrados por essa ótica tentam explicar como se dá a produção de sentidos relacionados aos usos efetivos da linguagem.

É, pois, inserida nesse quadro epistemológico, situado nas três áreas acima descritas, e em particular na LT alinhada à sua orientação pragmática e cognitiva, que a GTI se estabelece como uma nova agenda nos estudos linguísticos, cuja abordagem compreende o estudo do texto, especialmente seus processos de construção.

A base da proposta teórica sobre a qual a GTI está assentada diz respeito à concepção de linguagem como forma de interação social, como atividade verbal impregnada pelo contexto sociointeracional. Melhor dizendo, a linguagem nessa perspectiva é vista como uma atividade com a qual os interlocutores agem e expressam suas intenções com ações adequadas aos propósitos em cada intercâmbio comunicativo. Ou ainda, trata-se de considerar a linguagem como

interação social, pela qual os interlocutores realizam tarefas comunicativas de troca de representações, metas e interesses, no contexto de um espaço discursivo sempre orientado para os parceiros da comunicação: como eles se situam reciprocamente, em função de suas representações mútuas quanto a papéis sociais e discursivos,

conhecimento partilhado de mundo, atitudes, propósitos e reações assumidas no intercâmbio comunicativo (JUBRAN, 2007, p. 314).

Nas palavras de Nascimento (2005, p. 105), a linguagem, enquanto forma de interação, a verbal, não “pode ser estudada sem se considerar suas principais condições de efetivação”. Ou seja, no exame da linguagem filtrado por esse princípio, não se dissociam as características estruturais da dinâmica dos processos formulativo-interacionais sistematicamente envolvidos na produção de texto (JUBRAN, 2006a).

A partir das concepções acima sintetizadas, a GTI estabelece alguns princípios que orientam os estudos nessa abordagem. O primeiro princípio teórico-metodológico, segundo Jubran (2007, p. 315), é de que “os fatos nela considerados têm propriedades e funções definidas no uso, nas situações concretas de interlocução, coenvolvendo as circunstâncias enunciativas”. Pode-se dizer que esse princípio prevê, entre outras consequências, que a análise completa dos processos de construção textual depende de estes serem situados no contexto específico em que são utilizados.

Nesse sentido, como considera a autora, a realização da atividade verbal pressupõe a atuação da competência comunicativa dos interlocutores, compreendida como a capacidade de manter a interação social por meio de textos. Essa competência aciona, no processamento do texto, os diferentes tipos de conhecimentos necessários (cf. seção 1.1.4 explicada acima).

O segundo princípio fundamental da GTI, decorrente do primeiro, diz respeito ao entendimento de que os fatores interacionais são constitutivos do texto e inerentes à expressão linguística. Ou seja, postula-se que os dados pragmático-situacionais se introjetam no texto, de modo que o interacional é intrínseco ao linguístico. Nesse sentido, considera-se que “as circunstâncias enunciativas que sustentam a ação verbal se mostram no próprio texto, por meio das escolhas comunicativamente adequadas à situação interativa” (JUBRAN, 2007, p. 317).

Dessa forma, como explica a autora, os elementos pragmáticos são vistos como fatores imanentes da construção do texto e de sua análise. Esses fatores, para a autora, ao manifestarem,

na superfície do texto, as condições enunciativas, revelam regularidades do processamento textual pelos interlocutores e, assim, sustentam a admissão e a identificação de sistematicidade no processo de construção textual. Nesse sentido, esse princípio desempenha um papel primordial na GTI e, inclusive, na presente pesquisa, na medida em que fundamenta nossa premissa de que seria possível identificar regularidades no processo de organização tópica, no âmbito de um gênero textual particular.

Apoiada nesse princípio, Jubran (2007, p. 316) estabelece, então, a tarefa da GTI:

A GTI deve, portanto, apontar regularidades relacionadas ao processamento dos procedimentos de elaboração do texto, aferindo o caráter sistemático deles pela sua recorrência em contextos definidos, pelas marcas formais que os caracterizam e o preenchimento de funções textual-interativas proeminentes que os especificam.

Um terceiro princípio constituinte da GTI é o do “estabelecimento de classes não-discretas de elementos, baseado no reconhecimento da fluidez de limites entre elas, em virtude do equilíbrio instável das configurações discursivas”, conforme aponta Jubran (2007, p. 318). Isso equivale a dizer que, em virtude da dinâmica das relações textuais e interativas, um mesmo elemento pode assumir diferentes configurações discursivas, podendo manifestar diferentes funções e vincular-se a várias classes, as quais são fluidas e, por isso, classes não-discretas. Assim, seria relevante distribuir essas classes de elementos, com base em suas funções, em um contínuo. Entre um polo e outro do contínuo, seriam distribuídas as classes intermediárias, de acordo com a prevalência gradual da função textual sobre a interacional e a predominância da interacional sobre a textual.

Assim, para a GTI, o exame de processos de construção textual exige que eles sejam abalizados em seu uso concreto, o que significa dizer que, a depender de suas implicações pragmáticas, esses processos podem assumir uma função predominantemente textual e menos interacional, ou uma função predominantemente interacional e menos textual, ou seja, há um

contrabalanceamento entre essas duas dimensões, mas sempre, todo elemento é, ao mesmo tempo, textual e interacional.

À luz dos pressupostos teórico-metodológicos acima descritos, a GTI estabelece-se como uma abordagem do texto nos estudos linguísticos, cuja atenção volta-se, de modo particular, ao exame dos processos de construção textual. Nessa perspectiva, considera-se que as atividades de processamento do texto estão estreitamente relacionadas ao processo básico de construção textual, a *organização tópica* (também denominada *topicalidade*) – processo “fio condutor” da construção do texto (JUBRAN, 2006, p. 34) e, portanto, sua propriedade central caracterizadora.

Além da organização tópica, a GTI reconhece outros processos de construção do texto, também chamados de *estratégias de construção textual*, as quais, em alguma medida, estão vinculadas à topicalidade. São elas as estratégias de repetição, correção, parafraseamento, parentetização, tematização/rematização e referenciação. Complementam o campo de estudos da GTI os mecanismos de organização textual-interativa, encarregados do gerenciamento da organização tópica e das estratégias de construção textual, os chamados *marcadores discursivos*.

Em suma, nesta seção esboçamos algumas considerações gerais a respeito da GTI, com ênfase na reflexão em torno dos princípios teórico-metodológicos que a sustentam. Nas seções a seguir, focalizamos, de modo particular, o processo de organização tópica, assim como os demais processos de construção textual.

1.2.2 Princípio central de construção do texto: a Organização Tópica

Os estudos desenvolvidos no âmbito da GTI têm demonstrado a organização tópica (ou Topicalidade) como processo fulcral na organização do texto – fio unificador e estruturador que perpassa todo o texto e, por isso, está presente em qualquer texto. Esse processo mostra-se,

assim, “como um princípio organizador do discurso, que apresenta, no plano de sua realização, uma estrutura passível de ser identificada e descrita (JUBRAN, 1993, p. 64).

A organização tópica abrange dois níveis de funcionamento, quais sejam: organização intertópica e organização intratópica. Nesse sentido, a discussão que esboçamos nas subseções seguintes abarcam os princípios basilares desses dois níveis de análise com os quais trabalhamos nesta pesquisa para identificar as possíveis regularidades do processo de organização tópica do gênero artigo de opinião.

1.2.2.1 Organização Intertópica

A organização *intertópica*, conforme anunciada na introdução, compreende a divisão do texto em partes e subpartes, de acordo com a sua estruturação temática, isto é, trata da divisão do texto em tópicos e subtópicos. O processo de organização tópica como um todo e, principalmente, a organização intertópica define-se por duas propriedades particularizadoras: a centração e a organicidade.

A *centração* consiste no inter-relacionamento de enunciados de um segmento textual cujos referentes mantêm entre si uma relação de interdependência semântico-pragmática, que assegura a convergência dos enunciados para um assunto proeminente, ou seja, para um eixo temático. Em outras palavras, essa propriedade implica a construção, no decorrer do texto, de diferentes grupos de enunciados, de modo que cada grupo compreende enunciados elaborados “a respeito de um conjunto de referentes concernentes entre si e em relevância num determinado ponto do texto” (JUBRAN, 2006a, p. 91).

Essa propriedade compreende os traços de concernência, relevância e pontualização. Esses traços são importantes para o analista, visto que conferem à sua análise critérios para o reconhecimento do estatuto tópico de um fragmento textual, permitindo, assim, a identificação de uma unidade concreta de análise, o Segmento Tópico (SegT).

Jubran (2006a, p. 92) distingue os traços de concernência, relevância e pontualização da seguinte forma:

- i. *concernência*: relação de interdependência semântica entre os enunciados de um segmento textual – implicativa, associativa, exemplificativa, ou de outra ordem –, pela qual se dá a integração desses enunciados em um conjunto específico de referentes (objetos-de-discurso);
- ii. *relevância*: proeminência desse conjunto, decorrente da posição focal assumida pelos elementos;
- iii. *pontualização*: localização desse conjunto, tido como focal, em determinado momento do texto falado.

Cada grupo de enunciados que manifesta a propriedade da centração e desenvolve um tópico discursivo constitui um SegT. Em outras palavras, o SegT constitui um grupo de enunciados tematicamente centrados que desenvolvem materialmente um tópico discursivo. O termo tópico discursivo, nos estudos sobre organização tópica, pode ser considerado como o assunto sobre o qual se fala ou escreve, isto é, corresponde ao tema – de um texto ou parte de um texto –, porém se trata de tema não como algo definido *a priori*, externamente ao texto, mas como tema construído pelos interlocutores em uma situação específica de interação.

A *organicidade* diz respeito às relações de interdependência tópica, isto é, aos desdobramentos de um tópico em subtópicos. A organicidade se estabelece em dois planos: hierárquico e linear. No plano hierárquico, essas relações se manifestam com base no grau de abrangência com que o tópico em relevância é desenvolvido, configurando níveis de organização tópica. Assim, nesse plano, os tópicos se relacionam como “Supertópicos” (ST) e “Subtópicos” (SbT), na medida em que os STs expressam maior grau de abrangência do assunto em pauta e os SbTs comportam maior grau de particularização do assunto, compondo níveis de hierarquização na estruturação tópica. Em decorrência disso, o estatuto de ST ou SbT dependerá exatamente do nível sob consideração, o que quer dizer que um tópico pode ser, simultaneamente, SbT de um tópico mais abrangente e ST de outro(s) SbT(s) mais particularizadores. As relações de interdependência observadas entre STs e SbTs instauram um

domínio de organização tópica chamado de “Quadro Tópico” (QT), que constitui justamente o conjunto formado por um ST e seus respectivos SbTs (JUBRAN, 2006a).

Assim definido, QT constitui, como o tópico, uma noção abstrata e relacional, cujo estatuto é determinado pelo nível de hierarquia que estiver sendo observado pelo analista, na descrição de um *corpus*. (JUBRAN, 2006a). Cabe acrescentar, ainda sobre essa propriedade, que, em certos gêneros textuais, a relação instaurada entre STs e SbTs pode propiciar o aprofundamento das ideias desenvolvidas no texto. Trata-se, portanto, de um aspecto da organização tópica fundamental na análise do gênero aqui investigado.

No plano linear, as relações que se estabelecem entre os tópicos, no que tange à sua disposição na linha discursiva, caracterizam-se essencialmente pela continuidade e pela descontinuidade (JUBRAN, 2006a). A relação de continuidade decorre de uma organização sequencial dos tópicos de modo que, no fluxo discursivo, o desenvolvimento de um tópico novo seja iniciado apenas quando ocorre a finalização do desenvolvimento do tópico anterior.

A descontinuidade indica uma interrupção da sequencialidade linear, verificada nos seguintes casos: (i) ruptura, quando um tópico em andamento é interrompido pela introdução de um novo tópico, de modo que o anterior não seja retomado; (ii) cisão, que se realiza no caso em que um tópico A é suspenso por B, que se desenvolve por completo, quanto então A é retomado e concluído (inserção), ou no caso em que A é interrompido por B e, antes que este seja encerrado, A é retomado e finalizado e, na sequência, B é reintroduzido e também finalizado (alternância); (iii) expansão, quando alguns dados mencionados secundariamente no interior de um segmento tópico tornam-se, posteriormente, um novo tópico.⁸

⁸ Embora continuidade e descontinuidade sejam as formas essenciais de linearização tópica, Jubran (2006) reconhece a possibilidade de outras formas: (i) transição, quando o tópico B é introduzido com a função de estabelecer transição entre A e C; (ii) superposição, que ocorre quando há uma tentativa, por um dos interlocutores, de inserir novo tópico B ao mesmo tempo em que A é desenvolvido por outro interlocutor; (iii) movimento, que se caracteriza como um deslizamento de um aspecto do tópico para outro aspecto, ou seja, ocorre quando os interlocutores desenvolvem, sequencialmente, diferentes aspectos de um mesmo ST.

Do que foi discutido até aqui a respeito do processo de organização tópica, pode-se dizer que o texto se estrutura topicamente por meio de dois planos: um vertical, que concerne à particularização hierarquizada do assunto em relevância; e um horizontal, relativo à disposição dos tópicos na linha discursiva. É, então, nesse sentido que a organização tópica desponta como fio condutor e processo central de construção textual.

Em relação à organização intertópica, textos (e gêneros textuais) podem se distinguir entre si pela ausência ou presença de divisão tópica, quer dizer, de complexidade intertópica e o grau de tal complexidade. Nessa direção, em nossa pesquisa, procuramos analisar os artigos de opinião em termos de ausência/presença e do grau de complexidade intertópica hierárquica. Nosso estudo inclui verificar, também, os tipos de linearização predominantes entre os tópicos.

Para efeito de exemplificação, observe-se, na figura 1 a seguir, a descrição do processo de organização intertópica na análise de um dos artigos de opinião⁹ que compõem o *corpus* de referência de nossa pesquisa, em que é possível identificar a manifestação das duas propriedades componentes desse processo. A discussão nesse texto gira em torno de um tópico mais amplo que trata das eleições municipais no Brasil após o impeachment da então presidenta Dilma Rousseff. No decorrer de seu desenvolvimento, o articulista, num dado momento, discorre, em sequência, sobre (i) *Efeitos da crise fiscal nas finanças municipais*, (ii) *Impactos da Operação Lava Jato e do processo de impeachment* e (iii) *Mudanças na legislação eleitoral*. Para cada um desses tópicos, percebe-se a construção de grupos de enunciados concernentes entre si e em relevância em certo ponto do texto, caracterizando, assim, a propriedade de *centração tópica*, como se pode notar no exemplo em (1).

⁹ O artigo de opinião em foco, intitulado *As eleições municipais serão um laboratório do Brasil pós-impeachment*, compõe o *corpus* de referência de nossa pesquisa, conforme explicado no capítulo dedicado à metodologia.

(1)

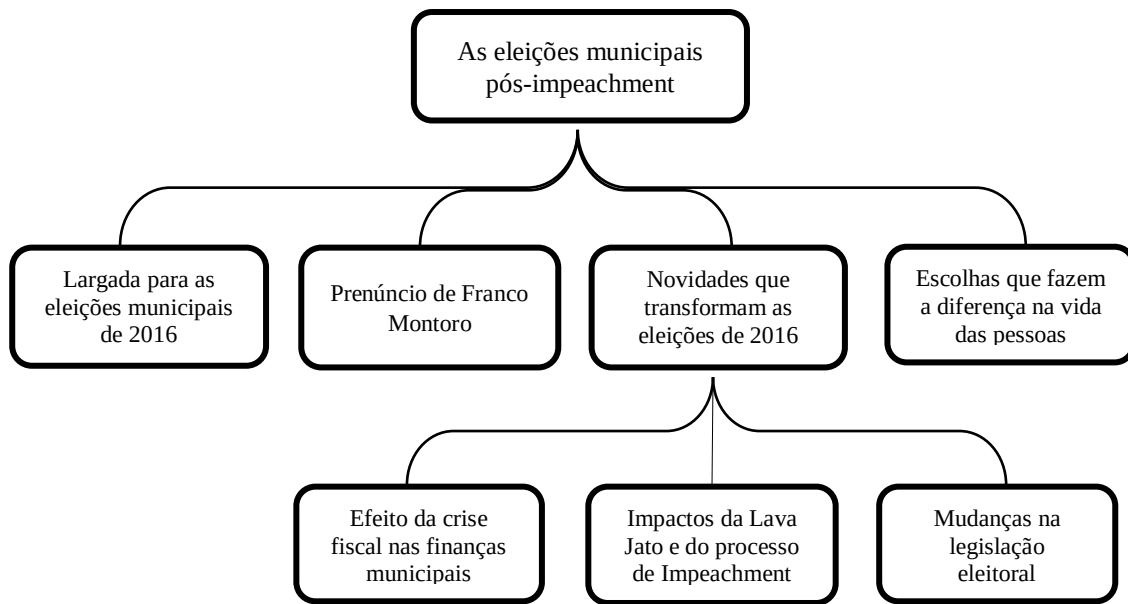


Figura 1: Exemplo de relações de organização tópica

De acordo com nossa análise, o terceiro, o quarto e o quinto SbTs pormenorizam a ideia lançada sobre as novidades que transformaram as eleições de 2016. Cada um deles destaca uma novidade de natureza distinta. Essa diferença é notada por meio de expressões referenciais utilizadas, por exemplo, no terceiro SbT como “a maior crise fiscal das últimas décadas” (l. 20), “estrangulou de forma radical” (l.20), “as finanças municipais” (l. 21); no quarto, “os impactos da Operação Lava Jato” (l. 23), “do processo de impeachment” (l. 24), “a credibilidade do sistema político” (l. 24), “um clima frio” (l. 25) e, por fim, no quinto, “as mudanças na legislação eleitoral” (l. 28), “campanhas mais curtas” (l. 28), “restrições a determinados instrumentos de propaganda” (l. 29), “proibição de doações financeiras de empresas” (l. 30) e também pelos marcadores “primeiro”(l. 20), “segundo” (l. 23) e “terceiro” (l. 28), empregados no início de cada um desses SbTs, que denotam claramente a discussão de três aspectos diferentes, embora interligados, ao mesmo problema. Assim, é possível perceber que os três SbTs perfazem um mesmo tópico, pois discutem as consequências das novidades das eleições de 2016, mas cada um corresponde a um tópico mais específico.

Os três tópicos acima mencionados podem ser entendidos como compondo um tópico mais abrangente, centrado na ideia *Novidades que transformam as eleições de 2016*. De modo similar, esse agrupamento mais abrangente corresponderia a parte de um tópico global, que poderia ser sintetizado como *Eleições municipais pós-impeachment*.

Como explicado acima, a organização tópica no âmbito hierárquico instaura STs, SbTs e QTs. Na Figura 1, o tópico *Eleições municipais pós-impeachment* constitui um ST que comporta quatro SbTs: *Largada para as eleições municipais de 2016*, *Prenúncio de Franco Montoro*, *Novidades que transformam as eleições de 2016* e *Escolhas que fazem a diferença na vida das pessoas*. Em um nível mais inferior de organização, o tópico *Novidades que transformam as eleições de 2016* figura como um ST, e os tópicos *Efeitos da crise fiscal nas finanças municipais*, *Impactos da Operação Lava Jato e do processo de impeachment* e *Mudanças na legislação eleitoral* se configuram como seus SbTs.

Com base na compreensão de que um QT é constituído pelas relações estabelecidas entre um ST e seus SbTs, pode-se notar que o exemplo em análise comporta três níveis hierárquicos e dois QTs. No caso, por exemplo, de textos que envolvem dois níveis hierárquicos, verifica-se apenas um QT, em que consta um ST e seus SbTs, independentemente do número de SbTs.

Observe-se, ainda com relação ao exemplo, que os agrupamentos de enunciados que compõem a Figura 1 estão sequencialmente relacionados entre si. O tipo de linearização que se verifica na transição dos tópicos mais particulares do artigo de opinião é a continuidade, visto que a abertura de um tópico se dá após o fechamento do anterior. Dessa forma, o processamento do texto pelos interlocutores envolve o estabelecimento simultâneo de relações hierárquicas e sequenciais, que caracterizam, por sua vez, a propriedade da *organicidade tópica*.

No âmbito do processo de organização intertópica, conforme mencionado no início desta seção, os grupos e subgrupos de enunciados formulados pelos interlocutores constituem

os SegTs. No exemplo ilustrado na figura 1 acima, cada conjunto de enunciados centrados em cada um dos tópicos identificados nas caixas da figura constitui um SegT. Assim, o segmento do texto centrado no tópico *Efeito da crise fiscal nas finanças municipais* compõe um SegT, o trecho textual mais abrangente correspondente ao tópico *Novidades que transformam as eleições de 2016* forma outro SegT e assim por diante. Os trechos do texto correspondentes aos grupos de enunciados do último nível da figura constituem, então, os menores SegTs do texto, ou seja, os menores conjuntos de enunciados capazes de comportar a propriedade de centração, os chamados *SegTs mínimos*.

Na seção subsequente, a apresentação será em torno da organização linguístico-textual que ocorre no interior dos SegT mínimos, a chamada *organização intratópica*.

1.2.2.2 Organização Intratópica

A organização intratópica, processo que compõe o segundo nível de funcionamento da organização tópica, diz respeito ao modo como os SegTs mínimos, depreendidos na linearidade textual, se estruturam internamente, ou seja, como eles articulam internamente os enunciados que os constituem. Nos estudos conduzidos no âmbito da GTI, assume-se que as propriedades que norteiam a organização intertópica são de caráter universal no sentido de que se mostram como propriedades aplicáveis a todos os diferentes gêneros textuais. Os estudos, por outro lado, têm demonstrado que a organização intratópica exprime uma estruturação específica de cada gênero ou conjunto de gêneros.

Em estudo específico sobre esse processo, Penhavel (2010) analisou SegTs mínimos de relatos de opinião, extraídos de um banco de dados de entrevistas sociolinguísticas (cópus Iboruna – cf. GONÇALVES, 2007). Nesse estudo, o autor constata que, nos relatos de opinião analisados, a estruturação interna de SegTs mínimos se configura como um processo altamente

regular. Segundo ele, os SegTs mínimos investigados são estruturados, em sua grande maioria, com base em um mesmo princípio, que presume a combinação entre grupos de enunciados que constroem referências centrais e grupos que constroem referências subsidiárias relativamente ao tópico do SegT mínimo. Os grupos de referências centrais foram denominados de *posição* e os grupos subsidiários, de *suporte*. Penhavel (2010) observa que os grupos de enunciados que funcionam como posição ou suporte podem também ser estruturados internamente com base na relação posição-suporte, de modo que essa relação é vista como um processo recursivo.

No exemplo em (2) que descrevemos a seguir, é possível entender como ocorre essa relação e como se dá sua recursividade.

(2)	Bom e isso é uma parte d/ da adolescência mas é claro que <u>a gente não tem ... só isso</u>	1
	claro que <u>tem aquelas pessoas que sabem aproveitar</u> (sabe) aquelas pessoas que tão	2
	sempre contando... com a mãe... com o pai com a família... que é/ com o namorado claro	3
	mas o namorado também acho que (não) tem que ser tudo na vida a gente tem que...	4
	saber ter amigos <u>saber aproveitar</u> ...	5
	 <u>Ir numa balada não precisa beber tudo que tem na balada... bebe o :: tem/ o:: tanto</u>	6
	que você acha que você vai aguentar... o tanto que você acha que vai ser legal	7
	para Você se divertir não para você passar mal...	8
	<u>porque o bom de uma balada não é você beber e depois sair vomitando e</u>	9
	<u>ficar... né todo mundo lá te olhando feio tal...</u> (inint.) o legal é você beber	10
	pra ficar alegre... pra brincar não pra ficar estúpido com ninguém e tal...	11
	(PENHAVAL, 2010, p. 62) .	12

Com base na propriedade da centração, pode-se considerar o tópico desse SegT como *Saber aproveitar a adolescência*. Assim, pode-se analisar o trecho nas linhas 1-5 como posição, uma vez que aí ocorrem enunciados que se referem mais diretamente a esse tópico (o que fica mais evidente nas passagens sublinhadas). Já o trecho nas linhas 6-12 seria uma unidade de suporte, na medida em que, nesta segunda parte, a informante especifica o tópico exposto na posição: defende o consumo moderado de bebidas em baladas (vejam-se, sobretudo, as passagens sublinhadas nesse trecho), o qual pode ser entendido como um exemplo de bom aproveitamento da adolescência.

De modo similar, mediante a recursividade, o suporte pode também ser estruturado internamente com base nessa mesma relação posição-suporte. Nesse caso, o trecho compreendido nas linhas 6-8 faz referência mais geral e explícita à ideia *Beber moderadamente em uma balada*. Observe-se que, sobretudo, o enunciado da linha 6 faz uma referenciação mais ampla em relação ao restante do trecho e sintetiza essa ideia. As linhas 9-12 aludem a essa ideia por meio de referências mais específicas que podem ser condensadas como *O bom de uma balada não é beber exageradamente*. Nesse caso, a ideia lançada nas linhas 8-12 aparenta funcionar como argumento para apoiar a ideia nuclear mencionada nas linhas 6-8. Desse modo, no âmbito do segmento nas linhas 6-12, o trecho correspondente às linhas 6-8 pode ser analisado como posição e o trecho nas linhas 9-12, como suporte.

A aplicação da recursividade instaura, no decorrer da construção do SegT, uma unidade denominada como *domínio de estruturação intratópica*, isto é, uma unidade formada por uma posição e seus respectivos suportes. Nesse sentido, no exemplo ilustrado acima, pode-se reconhecer dois domínios: domínio 1 (l. 1-12) organizado segundo a combinação posição (l. 1-5) e suporte (l. 6-12); domínio 2 (l. 6-12) manifestado pela combinação posição (l. 6-8) e suporte (l. 9-12). Penhavel (2010) destaca que a apreensão (tanto pelos interlocutores quanto pelo analista) da estruturação do SegT em domínios é importante, uma vez que é no âmbito de um domínio, e não no âmbito do SegT propriamente, que grupos de enunciados assumem um estatuto tópico.

Outro importante aspecto constatado pelo autor diz respeito à possibilidade de que sejam construídas diferentes combinações dessa relação posição-suporte, o que possibilitaria a um SegT mínimo estruturar-se, por exemplo, em uma sequência posição-suporte, posição-suporte-suporte-suporte, posição, suporte-posição-suporte, dentre outras possíveis combinações das unidades de posição e suporte.

Com base nesse estudo (PENHAVER, 2010) e em outros trabalhos (por exemplo, GUERRA; PENHAVER, 2010; OLIVEIRA, 2016; VALLI, 2017), busca-se, na presente pesquisa, identificar regras de estruturação interna dos SegTs mínimos no gênero artigo de opinião, uma vez que, conforme especulado pelo autor, em cada gênero textual, seria possível reconhecer uma regra geral de estruturação intratópica.

Entretanto, segundo observa Penhavel (2010), tal sistematicidade não implica, necessariamente, que esse processo seja fixo, pré-moldado e, sobretudo, imune à atuação da criatividade do falante e/ou escrevente. Com efeito, o que se objetivou evidenciar naqueles trabalhos e também nesta pesquisa é a convivência entre a sistematicidade e a flexibilidade desse processo, ou seja, que a noção de regras de estruturação de SegTs mínimos permite e presume certa variabilidade de construção textual. Desse modo, no interior da GTI, os estudos desenvolvidos sobre o processo de organização tópica admitem a integração de regras de diferentes gêneros textuais, a possibilidade de variação na regra geral de um gênero textual, o caráter não necessariamente pontual da transição entre partes e subpartes do SegT e a constituição das unidades dos SegTs não em termos da exclusividade, mas da simultaneidade e da predominância de funções.

Nesta seção procuramos demonstrar os princípios que regem o segundo nível de funcionamento do processo de organização tópica – a organização intratópica. Nela, focamos, então, as regras gerais de estruturação de SegTs mínimos. Na sequência, expomos as estratégias de construção textual, envolvidas na organização tópica do texto.

1.2.3 Estratégias de construção textual

A organização tópica, conforme discutida na seção anterior, é considerada no domínio da GTI como um processo que se relaciona ao plano global de organização do texto. É vista como o fio condutor da construção textual, definida, nesse sentido, como uma propriedade

central caracterizadora do texto. Além desse processo, essa abordagem reconhece um conjunto de outros processos de construção textual, também chamados de *estratégias de construção textual*. Essas estratégias incluem a repetição, a correção, o parafraseamento, a parentetização, a tematização/rematização e a referenciação, podendo ser incluído nesse conjunto o uso de marcadores discursivos.

A repetição, assim como a correção e o parafraseamento, constitui uma estratégia de reformulação textual, que se efetiva como reconstrução de uma matriz, de algo já dito. Seja de natureza fonológica, mórfica, lexical ou sintática, “a repetição assume um variado conjunto de funções: contribui para a organização textual e a monitoração da coerência textual; favorece a coesão e a geração de sequências mais compreensíveis; dá continuidade à organização tópica e auxilia nas atividades interativas” (MARCUSCHI, 2006, p. 219). Pode servir ainda para introduzir, reintroduzir, manter ou delimitar tópicos.

Nesse contexto, considera-se que, qualquer que seja a manifestação da repetição, o processo repetitivo só pode ser devidamente configurado se associado à elaboração de um tópico discursivo: é no “interior de um SegT que são apreendidas as identidades ou semelhanças entre construções linguísticas” (JUBRAN, 2006b, p. 37).

A esse respeito, observe-se, no exemplo em (3) a seguir, que a repetição do item *você* ilustra o emprego dessa estratégia na instauração da centração tópica, pois sua presença constante funciona para a manutenção e a condução do tópico discursivo em pauta.

(3)

1 L1 –	<i>você</i> compra um	<i>carro</i>	carro x
2	<i>você</i> alu::ga ...	Ø	carro x
3	quando <i>você</i> acaba de pagar	Ø	carro x
4	<i>você</i> troca por <i>outro</i>	Ø	carro y
5	aí <i>você</i> continua alugando o <i>carro</i>		carro x
6	<i>você</i> não tem	<i>carro</i> nunca	carro n
7 L2 – e	<i>você</i> vê ... isso isso está descapitalizando o cidadão		

(MARCUSCHI, 2006, p. 220)

A correção, outra estratégia de reelaboração do texto, compreende a substituição de itens lexicais, gramaticais ou estruturas sintáticas considerados inadequados por um dos interlocutores na sequência do texto, que procura uma palavra ou estrutura nova e satisfatória que permita a intercompreensão. Assim, pode-se afirmar que essa estratégia corresponde “a um processo altamente interativo e colaborativo” (FÁVERO; ANDRADE, AQUINO, 2006, p. 258). Veja-se, no exemplo em (4) a seguir, a instauração da correção, proposta por um interlocutor e aceita por outro.

(4)

L1 – a irmã dela eu conheço que é jornalista né? é uma moça jornalista ...

L2 – *poetisa*

L1 – *poetisa* ...

(FÁVERO; ANDRADE, AQUINO, 2006, p. 257)

O parafraseamento é igualmente uma atividade de reformulação, por meio da qual novos enunciados – paráfrases – modificam enunciados anteriores – matriz – (JUBRAN, 2006b), por meio de expansões, condensações ou paralelismos formais, atuando, interacionalmente, como facilitador da compreensão de determinados aspectos do tópico e, textualmente, como construtor da unidade tópica. Nesse sentido, considere-se o exemplo a seguir em (5).

(5)

L 1 – eu eu terei tempo disponível não que eu

m1 *deseje::: liberdade::de*

p1 *deseje eh eh estar assim sem obrigações para com as crianças ...*

mas é que daí eu terei tempo disponível para fazer coisas extras não é?

(HILGERT, 2006, p. 290)

Nesse segmento, a expressão *liberdade* representa a matriz e *estar assim sem obrigações para com as crianças* corresponde à paráfrase. Observe-se que a base semântica comum entre matriz e paráfrase não apresenta um grau de equivalência semântica muito forte,

ou seja, a paráfrase é menos abrangente, pois somente atualiza uma possibilidade de significação da matriz, na medida em que a noção de *liberdade* é limitada a *estar assim sem obrigações para com as crianças*.

A parentetização, situada fora do âmbito das atividades de reformulação, constitui-se como uma modalidade de inserção, definida como breves desvios de um tópico discursivo. No espaço dos desvios, os parênteses introduzem “pistas sinalizadoras do quadro sociocomunicativo do qual o texto emerge, adquirindo, pois, uma dimensão pragmática” (JUBRAN, 2006b, p. 39). Essa estratégia de construção textual se constitui, portanto, como um dos recursos pelo qual as circunstâncias enunciativas se lançam efetivamente na materialidade linguística do texto.

Para exemplificar a propriedade de desvio tópico e a função pragmática da parentetização, veja-se em (6) o segmento abaixo.

(6)

Inf. – o povo japonês ... a a população do Japão ... extremamente GRANDe pra sua área e extremamente laboriosa no sentido de que ... SABIA que pra conseguir sobreviver ... tá? PREcisava AMPLIAR a sua área de atuação ... – *tá claro isso? A aula é gravada mas as perguntas podem ser feitas e devem ... senão ficam parecendo um monólogo nenhuma dúvida então?* – quer dizer ... situando ... o Japão ... que a gente conhece e ouve falara de unidade japonesa que é o do pós-guerra ... É UMA COISA ... eu só estou me referindo ao início da industrialização japonesa ... tá?

(JUBRAN, 2006b, p. 39)

Nesse segmento o tópico centra-se em torno da necessidade de ampliação da área de atuação do Japão nos primórdios de sua industrialização. Como se pode observar, ocorre em seu desenvolvimento uma ruptura momentânea da centração do tópico, marcada pela alternância de três parênteses (*tá claro isso? A aula é gravada mas as perguntas podem ser feitas e devem ... senão ficam parecendo um monólogo nenhuma dúvida então?*). Dois deles são fortemente interacionais na medida em que testam a compreensão do tópico por parte do interlocutor (*tá claro isso?* e *nenhuma dúvida então?*). O terceiro (*A aula é gravada mas as*

perguntas podem ser feitas e devem ... senão ficam parecendo um monólogo) foca as condições da interação dialogal que a professora deseja firmar em sua aula. Tem-se, assim, a entrada de aspectos pragmáticos no texto e a materialização da propriedade de desvio tópico.

A tematização-rematização, outra estratégia de construção textual, trata particularmente das diferentes formas de articulação tema/rema, que sinalizam ao interlocutor o foco sobre o qual incide o texto. O deslocamento ou inversão de um dos constituintes pode assinalar a introdução de um novo tópico no próximo segmento textual, como se pode verificar no exemplo que segue em (7).

(7)

L2 – *agrônomos ... de vez quando ele [marido de L2, que faz seleção de pessoal] chega a necessitar e aí com muita dificuldade ... para encontrar ...*

(JUBRAN, 2006, p. 114)

O exemplo em (7) ilustra uma construção em que o constituinte do tópico deslocado para o início do segmento não se integra sintaticamente a ele, mas desponta como anúncio do tópico sobre o qual se vai falar.

Outra atividade de formulação relevante que ocupa posto de destaque nos estudos empreendidos hoje no interior da LT é a referenciação, caracterizada como uma atividade discursiva em que “os referentes são introduzidos, conduzidos, retomados, apontados e identificados no texto, no curso de uma dinâmica interacional (JUBRAN, 2006a, p. 35), de modo que os referentes deixam de ser entidades que devem necessariamente existir no mundo extratexto ou extramente e passam a ser objetos-de discurso. Observe-se o exemplo em (8).

(8)

L2 – *houve uma série de irre/éh:: de irregularidades ... nas lis/na apresentação da lista de classificação irregularidade foi engano... no no fazer.. na confecção da lista... de de aprovados hou/houv/ começaram a haver alguns enganos ... então o pessoal que mand/entrava com mandado de segurança ... eh aritmética (às vezes) de somar pontos ... então eles entraram com mandado de segurança ... anulando aquela lista de classificação ... e então havia publicação de outras ... e assim foi indo e:: e a:: .. de acordo com o edital a validade é de dois anos Da publicação ... dos resultados ... da lista de aprovados ... então com a :: com esta ... com este recurso de mandado de segurança ... não foi propriamente o recurso foram coisas que realmente aconteceram ...*

(MASCURCUSCHI; KOCH, 2006, p. 385)

O exemplo em (8), em que uma falante explica um problema ocorrido num concurso público mostra como a sucessão da mesma cadeia referencial vai sendo produzida com novos aspectos selecionados. O mesmo fenômeno (*apresentação da lista de classificação*) é construído progressivamente por meio de uma diversidade de descrições que enfatizam aspectos novos que selecionam propriedades diferentes do referente em pauta.

Complementam o quadro das estratégias de construção textual os mecanismos de organização textual-interativa, conhecidos como *marcadores discursivos*. Estes são compreendidos como elementos linguísticos que governam os processos de construção textual, sinalizando relações de sentido entre unidades tópicas (inter e intratópica) e relações interpessoais, as quais particularizam dois grandes subconjuntos de marcadores discursivos: os *basicamente sequenciadores* e os *basicamente interacionais*.

Os marcadores *basicamente sequenciadores* auxiliam os movimentos de abertura, encadeamento, fechamento e retomada de tópicos, abrangendo unidades articuladoras como *agora, então, mas, quer dizer, por exemplo* etc. Já os marcadores *basicamente interacionais* assumem a função de orientar a interação, por meio de formas como *uhn? certo? claro, entende? né? pois é* etc.

O exemplo em (9), que segue ilustra a ação dos marcadores discursivos na articulação intratópica.

(9)

então eu acho que nossa cidade é uma das cidades boa **né**

porque nossa população é grande ...e ainda tem os de fora também que (estuda) aqui **né** ... porque **cê vê** (doc.: **sei**) quantos e quantos que vem de LONGE ... **cê** vai no hospital de Base lá **cê** fala – “não eu num tô” - ... de tanta ambulância que você vê de cidades de fora **né** ...

então eu acho que nossa cidade é uma cidade boa **né** ...

contentar todo mundo eu acho que o prefeito num vai contentar mesmo (doc.: num tem como **né**) ... num tem como ... ninguém vai contentar **né** ...

mas eu acho uma cidade muito boa e gosto daqui...

inclusive num tenho vontade mudar daqui não (doc.: isso é verdade) vou morrer aqui mesmo **tá** (inint.) (PENHAVEL, 2010, p. 66)

É, então, nesse contexto de integração de processos de construção do texto acima descritos que a GTI se constitui como uma abordagem para o estudo do texto, particularmente de seu processo central – a topicalidade.

1.3 Gêneros textuais e os gêneros escolares

Na perspectiva da GTI, a abordagem do conceito de texto, da sua constituição, do seu funcionamento, do seu papel na vida social e na linguagem implica situá-lo e analisá-lo sob o aspecto de sua relação dinâmica com outro conceito fundamental, isto é, a noção de gênero textual. No interior dessa perspectiva, considera-se que os processos de construção textual, como a organização tópica, se modificam de acordo com os diferentes gêneros textuais em que se configuram. Desse modo, nesta seção, em 1.3.1, fazemos inicialmente uma discussão acerca da concepção de gênero textual aqui assumida; e, em 1.3.2, discutimos o texto escolar sob o estatuto de gênero textual.

1.3.1 Noção de gênero textual adotada

A constituição do homem social e da sua linguagem é mediada por textos. À vista disso, o acesso ao homem social e a sua linguagem ocorre somente via gênero. Isso porque todas as esferas da atividade e comunicação humanas são realizadas em textos materializados em algum gênero textual. Daí a centralidade da noção gênero textual no trato sociointerativo da produção linguística, aspecto que mais de perto interessa ao nosso estudo.

Na concepção de Bakhtin, pensador russo que deu início a toda a pesquisa atual sobre gêneros, estes são vistos como formas típicas de enunciados do ponto de vista temático, composicional e estilístico, que se fundam histórica e culturalmente a partir de acontecimentos da vida social relativamente estáveis, isto é, dentro das diferentes instâncias sociais do intercâmbio comunicativo. Cada campo de utilização da língua, cada domínio de atividade com sua função social e valores particulares e suas condições efetivas específicas, produz na/para a interação verbal certos gêneros, que lhes são específicos. “Portanto, os gêneros correspondem a situações de interação verbal típicas – mais ou menos estabilizadas e normativas – da comunicação social e, como tal, mostram, na sua constituição, a finalidade e as condições da esfera ou campo de atividade humana ao qual pertencem”, conforme sintetiza Rodrigues (2001, p. 49).

Desse ponto de vista depreende-se que todas as produções, quer orais, quer escritas, se baseiam em tipos relativamente estáveis de estruturação de um todo denominado de gênero. Esses tipos não são independentes das práticas sociais e discursivas em que são produzidos, uma vez que estas as definem. Assim, longe de serem naturais ou uma criação dos interlocutores, os gêneros “são modelados e remodelados em processos interacionais dos quais participam os agentes sociais de uma determinada cultura” (Marcuschi, 2008, p. 163). Por isso, eles não se definem por aspectos formais ou estruturais da língua: estão ligados, na verdade, à natureza interativa do texto, ou seja, à sua funcionalidade, ao seu uso.

Diante da extrema variedade e heterogeneidade dos gêneros, Bakhtin (2011) faz uma distinção, que julga muito importante, entre dois grupos de gêneros, os quais denomina de gêneros primários (simples) e gêneros secundários (complexos). Os primeiros se constituem em intercâmbios comunicativos relativos às esferas sociais cotidianas de relação humana, enquanto os segundos emergem de outras esferas, públicas e mais complexas, de interação

social, relativamente mais desenvolvidas e organizadas, principalmente escrita. Estes, por sua vez, se constituem a partir dos gêneros primários, seja absorvendo-os, seja transmutando-os.

Em uma perspectiva atual, incorporados à agenda de trabalho de muitos pesquisadores no campo da LT, em particular, Koch (2009) e Marcuschi (2008), os estudos dos gêneros vêm colaborando consideravelmente para ampliar a compreensão do processamento cognitivo do texto (recepção e produção).

Koch (2009), na conceituação de gênero, para além das reflexões bakhtinianas, considera os parâmetros das práticas comunicativas e sociais, os papéis dos participantes e a organização finalisticamente motivada e categorizadora das entidades componentes dos gêneros.

Assim sendo, a autora os concebe como arcabouços cognitivo-discursivos ou enquadres enunciativos constituídos por estrutura composicional, conteúdo temático, estilo e esfera de interação sócio verbal e definidos pelas necessidades temáticas das variadas práticas sociais que emergem, das orientações dos participantes envolvidos nessas práticas, de suas relações sociais e de seus propósitos comunicativos.

Nessa direção Koch (2009) defende a ideia segundo a qual os interlocutores, desenvolvem uma competência metagenérica, isto é, um conhecimento relativo aos gêneros textuais, o qual lhe permite interagir de modo apropriado nas diversas práticas sociais em que se engajam. Para a autora, a importância dessa competência reside no fato de que ela orienta tanto a leitura e compreensão de textos, como a produção escrita.

Essa competência, segundo a autora, favorece a escolha adequada do gênero à situação comunicativa em que se inscreve, como também permite diferenciar os diversos gêneros e identificar as práticas sociais que os solicitam, além de facilitar o reconhecimento em um texto da sequência – narrativa, descritiva, expositiva, injuntiva ou argumentativa – predominante.

Marcuschi (2008), também alinhado às orientações bakhtinianas, reitera que a comunicação verbal só se realiza por meio de algum gênero textual. Assim, os concebe como textos materializados em situações específicas de interação que manifestam padrões sociocomunicativos recorrentes estabelecidos por conteúdos, propriedades funcionais, composição característica, estilo e propósitos enunciativos, cuja realização se dá na integração de forças históricas, sociais, culturais, institucionais e técnicas.

Deste modo, segundo o autor, não se pode desvincular os gêneros da realidade social ou dissociá-lo das atividades humanas em que emergem, o que demonstra, a um só tempo, a natureza dinâmica e a forte identidade dessas entidades, que, na produção de texto, condicionam as escolhas em face dos propósitos comunicativos e das condições da esfera a que pertencem.

Nesse sentido, pode-se dizer que a própria escolha dos gêneros não é completamente espontânea, pois está subordinada às pressões sociocomunicativas de cada esfera social da comunicação discursiva e suas contingências, como a vontade enunciativa, o lugar social e os papéis dos participantes, além do contexto sócio-histórico e cultural. Ao longo do intercâmbio comunicativo social, é possível perceber como essas contingências definem as escolhas linguísticas, textuais e enunciativas do locutor, além de orientarem a atenção do interlocutor. Conforme o autor,

A noção de gênero vem envolta num conjunto relativamente extenso de parâmetros para observação, tendo em vista a complexidade do fenômeno que envolve aspectos linguísticos, discursivos, sociointeracionais, históricos, pragmáticos, entre outros. Eles são fenômenos relativamente plásticos, com identidade social e organizacional bastante grande e são parte constitutiva da sociedade. Acham-se ligados às atividades humanas em todas as esferas [...] (MARCUSCHI, 2011, p. 22).

Aparentemente, as atividades humanas constituem ponto focal para a definição e a caracterização dos gêneros. Dolz e Schneuwly (2004) desenvolvem uma noção de gênero concebido como um instrumento¹⁰ de comunicação, que se realiza empiricamente em textos,

¹⁰ Compreendemos instrumento sob a perspectiva de Vygotsky, para o qual o instrumento psicológico “tem por função fazer com que os fenômenos psíquicos necessários para se realizar a tarefa se desenvolvam de uma forma melhor (FRIEDRICH, 2012, p. 56). Os instrumentos psicológicos são, então, adaptações artificiais, de natureza

porque assumem que toda a atividade humana é necessariamente atravessada por três elementos centrais: o sujeito, a ação e o instrumento. A partir da imbricação profunda desses três elementos, o gênero pode ser concebido, então, como uma ferramenta, uma vez que os sujeitos – enunciadore – agem discursivamente numa situação específica – a ação – em função de uma série de parâmetros, com o auxílio de um instrumento semiótico complexo – o gênero, isto é, uma forma de linguagem prescritiva, que possibilita, ao mesmo tempo, a produção e a compreensão de textos. Para os autores, a adoção do gênero ocorre em face dos parâmetros da situação de interação que direcionam a ação e estabelecem a relação meio-fim, que é, por sua vez, a estrutura básica de uma atividade mediada. Assim, para Dolz e Schneuwly (2004, p. 65), o gênero

é um instrumento semiótico constituído de signos organizados de maneira regular; este instrumento é complexo e compreende níveis diferentes; é por isso que o chamamos por vezes de ‘megainstrumento’, para dizer que se trata de um conjunto articulado de instrumentos à moda de uma usina; mas, fundamentalmente, trata-se de um instrumento que permite realizar uma ação numa situação particular.

De Bakhtin pode-se dizer que os autores adotaram a noção da tripla dimensão constitutiva do gênero, isto é, conteúdo temático, estrutura composicional e estilo. Assim, tal como Bakhtin (2006), os autores entendem que:

Mesmo sendo “mutáveis, flexíveis”, os gêneros têm uma certa estabilidade: eles definem o que dizível (e, inversamente: o que deve ser dito define a escolha de um gênero); eles têm uma composição: tipo de estruturação e acabamento e tipo de relação com outros participantes da troca verbal; [...] um plano composicional; finalmente, eles são caracterizados por um estilo, que deve ser considerado não como um efeito da individualidade do locutor, mas como um elemento do gênero (op. cit., 2004, p. 26).

Ao tratar do processo de desenvolvimento do sistema de produção da linguagem, Dolz e Schneuwly (2004), demonstram interesse pela transformação profunda que ocorre com a

social, que se destinam ao controle dos comportamentos psíquicos do próprio ser e dos outros. (op. cit., 2012, p. 58).

entrada da criança na escola, ocasionada, em especial, pelo contato com os gêneros primários e secundários.

Ao traçar as distinções entre esses dois tipos de gêneros, e ao evidenciar influência nítida de Bakhtin e Vigotsky, os autores compreendem que os gêneros secundários não são espontâneos, ao contrário dos primários, em que há dominância das relações espontâneas, cotidianas, imediatas, visto que seu desenvolvimento e apropriação implicam um outro tipo de intervenção nos processos de desenvolvimento, distinto daquele necessário para o desenvolvimento dos gêneros primários. Assim, a produção de um gênero secundário implica dispor de instrumentos já complexos, “para cuja elaboração os gêneros primários são os instrumentos” (RAMIRES, 2005, p. 89).

Sendo assim concebidos, os gêneros assumem o papel de articularem as práticas sociais de linguagem aos objetos escolares, em especial, no âmbito do ensino da produção de textos orais e escritos. As práticas¹¹ de linguagem, nessa perspectiva, envolvem intensamente os aspectos sociais, cognitivos e linguísticos no exercício da linguagem numa situação de interação específica. Para examiná-las,

as interpretações feitas pelos agentes da situação são essenciais. Essas interpretações dependem da identidade social dos atores, das representações que têm dos usos possíveis da linguagem e das funções que eles privilegiam, de acordo com sua trajetória (op. cit., 2004, p. 72).

Nesse contexto, a atividade de linguagem emerge como uma interface entre o sujeito e a esfera social em que se inscreve, respondendo a um propósito discursivo. Essas atividades de linguagem, segundo Bronckart (1996),¹² podem ser decompostas em ações de linguagem e podem ser definidas como um sistema de ações.

¹¹ Segundo Dolz e Schneuwly (2004, p. 72), o conceito de prática de linguagem “visa às dimensões particulares do funcionamento da linguagem em relação às práticas sociais em geral, tendo a linguagem uma função de mediação em relação a estas últimas”.

¹² Bronckart compreende as ações de linguagem como unidades psicológicas sincrônicas que reúnem as representações de um agente sobre contextos de ação em seus aspectos físicos, sociais e subjetivos.

Nos estudos sociointeracionistas, uma ação de linguagem compreende a produção, a compreensão, a interpretação ou a memorização de um conjunto organizado de enunciados orais ou escritos, isto é, um texto. A par disso, Dolz e Schneuwly (2004, p. 74), preconizam que toda ação linguageira provoca diferentes capacidades da parte do sujeito na produção de um gênero numa situação de interação particular, a saber: a de “adaptar-se às características do contexto e do referente (capacidade de ação), de mobilizar modelos discursivos (capacidades discursivas) e de dominar as operações psicolinguísticas e as unidades da língua (capacidade linguístico-discursiva)”.

É necessário, então, compreender que essas práticas de linguagem a que se referem os autores se internalizam nos aprendizes por meio dos gêneros, e é nesse sentido, portanto, que estes podem ser considerados como “instrumentos¹³ que fundam a possibilidade de comunicação – e de aprendizagem (op. cit., 2004, p. 74). É desse modo, segundo os autores, que, pelo uso e pela aprendizagem, o gênero pode ser considerado uma “megaferramenta” que proporciona, a um só tempo, uma base para a atividade nas situações de interação e uma referência para os aprendizes.

Nessa mesma direção, neste trabalho, cujo objeto de análise se configura em uma produção escrita escolar, assumimos essa concepção de gênero, uma vez que estamos considerando que este se torna um ponto de referência para os aprendizes na medida em que opera, “como entidade intermediária que permite estabilizar os elementos formais e rituais das práticas sociais” (op. cit., 2004, p. 66). A elaboração de esquemas de utilização dos gêneros favorecerá à possibilidade de adaptá-los a cada situação de interação particular, concomitantemente, prefigurará as ações linguísticas possíveis. Sendo assim, torna-se viável operar com essas entidades comunicativas, visto que asseguram um quadro de estratégias para

¹³ A noção de instrumento que subjaz a essa concepção, contudo, não deve ser confundida com a noção instrumental de língua. Desse modo, os autores indagam-se: “De que modo definir o gênero como instrumento?” (op. cit., 2004, p. 65). Para isso, na perspectiva bakhtiniana, distinguem três dimensões essenciais – os conteúdos, a estrutura comunicativa e as configurações específicas das unidades linguísticas.

a análise e a produção textual que podem e devem ser ensinadas sistematicamente. Assim, “os gêneros são tidos como as unidades concretas nas quais deve dar-se o ensino”, segundo propõem Dolz e Schneuwly (1998 *apud* MARCUSCHI, 2008, p. 213).

Reafirmando com Koch e Elias (2009, p. 61),

Dominar um gênero consistiria no próprio domínio da situação comunicativa, domínio esse que se pode dar por meio do ensino das aptidões exigidas para a produção de um gênero determinado. O ensino dos gêneros seria, pois, uma forma concreta de dar poder de atuação aos educadores e, por decorrência, aos educandos. Isto porque a *maestria textual* requer – muito mais que os outros tipos de maestria – a intervenção ativa de formadores e o desenvolvimento de uma didática específica.

Para além da noção de gênero como um instrumento de comunicação e, ao mesmo tempo, de ensino e aprendizagem, Dolz e Schneuwly (2004) defendem que todo texto é constituído de tipos de textos¹⁴ (também denominadas de capacidades linguísticas), isto é, as escolhas discursivas que entram na composição dos diversos gêneros e variam menos em função das circunstâncias sociais.

Esses tipos de textos, em decorrência de sua estabilidade, comporiam, conforme ressaltam os autores, construções necessárias para gerar uma heterogeneidade nos gêneros, para oferecer possibilidades de escolhas, para garantir um domínio mais consciente dos gêneros, em especial daqueles que jogam com a heterogeneidade. São, por isso, considerados como “reguladores psíquicos poderosos, gerais, que são transversais em relação aos gêneros” (DOLZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 38). Os teóricos propõem, então, que os gêneros a ser ensinados sejam agrupados de acordo com a capacidade que se queira desenvolver (o narrar, o relatar, o expor, o argumentar, e o instruir/prescrever).

Atrelado também à noção de estabilidade, Adam (2011), por sua vez, propõe a sequência textual¹⁵ (equivalente ao que Dolz e Schneuwly convencionaram chamar de tipo de

¹⁴ Consideramos, nesta pesquisa, a equivalência entre tipos de textos e sequências tipológicas.

¹⁵ O autor define sequência como uma grandeza decomposta em subpartes relacionadas entre si e ao todo que elas constituem, dotada de uma organização interna particular, e, em relação de dependência-independência com um todo maior do qual faz parte, isto é, o texto.

texto) como um dos principais mecanismos de textualização. Nesse caso, essa “sequência pode ser vista como um conjunto de proposições psicológicas que se estabilizaram como recurso composicional dos vários gêneros” (BONINI, 2005, p. 208).

Ainda calcado à ideia de estabilidade, Adam (2011), alinhado às orientações bakhtinianas, sugere que os gêneros¹⁶ primários, inicialmente considerados como tipos simples de enunciados, como o diálogo e a carta, sejam vistos como tipos nucleares, menos heterogêneos, sendo, por isso, responsáveis pela estruturação dos gêneros secundários, os quais seriam, assim, perpassados pelos primários.

Nessa mesma direção, concebe as sequências como protótipos, apoiando-se no fato de que, sendo mais estáveis do que os gêneros, são como pontos centrais para os quais confluem os gêneros que atravessam e, portanto, os principais componentes para o trabalho com textos. Dito de outra maneira, as sequências textuais seriam, de acordo com essa compreensão, “os objetos mais prototípicos” (ROSCH, 1978 *apud* BONINI, 2005, p. 210) de cada categoria de texto, visto que compartilhariam a maioria dos traços próprios de cada tipo. Gêneros como o artigo de opinião, a dissertação escolar, o editorial, dentre outros, comporia um contínuo de prototipicidade, pois são todos constituídos, em maior ou menor abrangência, pela sequência argumentativa.

Marcuschi (2008), ao conceber os tipos textuais como construções teóricas definidas pela natureza linguística de sua composição que subjazem à organização interna do gênero, lembra que não é possível dicotomizar estas duas noções, ou seja, gênero textual de um lado e tipo textual, de outro lado, pois são formas constitutivas do texto em funcionamento, o que implica um trabalho em conjunto para garantir a eficácia do exercício da linguagem em

¹⁶ Adam (2011) concebe os gêneros como práticas discursivas institucionalizadas, cuja determinação pela história deve ser considerada pelo viés da interdiscursividade. Esta última é definida pelo autor como “um *reservatório de memória que torna possível (prescrevendo ou proscrevendo) a formulação (ou formulações) dos enunciados*, tanto na produção como na interpretação, nas comunidades sociodiscursivas de autores, de editores (no sentido amplo de instâncias responsáveis pela fixação e pela difusão de um texto sobre um suporte-meio) e de leitores-ouvinte (interpretantes)” (p. 45, grifos do autor).

situações comunicativas da vida diária, uma vez que não subsistem de modo isolado nem alheio um ao outro.

A rigor, pode-se dizer que a noção de tipo textual abrange um conjunto limitado de categorias teóricas determinadas por traços linguísticos típicos como aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais e relações lógicas (MARCUSCHI, 2005, 2008) e se prestam a um nível da análise linguística do texto. O reconhecimento de regularidades na articulação dessas categorias em textos semelhantes pertencentes a um domínio discursivo¹⁷ pode ser compreendido como um aspecto caracterizador do gênero ao qual eles pertencem.

Nesse sentido, de certa forma, pode-se dizer que esse procedimento metodológico, isto é, o reconhecimento de regularidades na articulação dos tipos textuais, conforme observa Valli (2017), se aproxima do procedimento empreendido pela GTI quanto à análise de SegTs mínimos, que focaliza a apreensão de regularidades na ocorrência das estruturas. Assim, tal procedimento empreendido pela GTI se distingue daquele realizado no reconhecimento de regularidades dos tipos textuais na medida em que não se presta tão somente ao estudo das sequências, mas também se detém, em particular, à centração dos enunciados no que diz respeito ao conteúdo temático e ao papel exercido pelos segmentos em cada ponto do texto.

Um aspecto central aqui é considerar que, em nosso tratamento dos gêneros, os tipos textuais e as subunidades tópicas configuram-se como os elementos mais apropriados para uma análise propriamente textual e tópica. Todavia, reconhecemos como propõe Marcuschi (2005), que os gêneros são caracterizados e definidos fundamentalmente por suas propriedades comunicativas, cognitivas, históricas, sociais e institucionais, em que predominam aspectos relativos a ações, funções, propósitos, conteúdos temáticos, estilo e composicionalidade.

Nesse ponto de vista, as funções sociocomunicativas que norteiam os gêneros geram nos textos estruturas linguístico-textuais particulares que realizam propósitos comunicativos

¹⁷ Empregamos, neste estudo, a noção de domínio discursivo para denominar uma esfera ou instância de produção discursiva ou de atividade humana (MARCUSCHI, 2008).

em uma situação de interação específica. Assim, os textos com essas propriedades se corporificam em algum gênero textual que são, a um só tempo, instrumento de comunicação e mediador da ação social, pois é neles que estão envolvidas as verdadeiras substâncias da comunicação.

Diante disso, pode-se, pois, dizer que ainda que esta pesquisa priorize um aspecto mais estrutural do gênero, as implicações que transcendem essa dimensão estrutural devem ser incluídas nas análises e discussões. Nessa direção, reiteramos que os gêneros são instrumento de interação social e como tal estão disponíveis para as escolhas do sujeito, as quais estão condicionadas às circunstâncias enunciativas da situação em que se inscrevem. Como visto anteriormente, a escolha do gênero deverá levar em conta os propósitos comunicativos, papéis dos participantes e as condições de produção.

Desse ponto de vista decorre a compreensão de que cada gênero manifesta uma função sociocomunicativa da qual depende a organização tópica do texto e é nessa dimensão que este estudo se assenta. Projetada, então, a noção de gênero textual elegida neste trabalho, na próxima seção, discutiremos os aspectos relativos ao artigo de opinião sob o estatuto de *gênero escolar*.

1.3.2 O artigo de opinião com um gênero escolar

Aspecto teórico relevante e nem sempre ponto pacífico nos estudos linguísticos é o tratamento dado aos textos produzidos em sala de aula, como, por exemplo, o artigo de opinião, no contexto do estudo dos gêneros textuais. Trata-se de uma discussão que envolve teorias cujas pressuposições implicam a negação de estatuto de gênero textual ao *texto escolar*,¹⁸ uma vez que concebem que esse texto não pode ser considerado como instrumento de comunicação,

¹⁸ Denominamos texto escolar todos os textos elaborados no âmbito acadêmico (escola/universidade) em situação específica de ensino e aprendizagem, os quais, de acordo com as particularidades dessas situações, são caracterizados em um determinado gênero textual (MANZONI, 2007).

típicos de práticas sociais das esferas em que emergem, mas produto artificial de inúmeras práticas escolares, destituído, pois, de propósito comunicativo, que desconsidera o contexto sociocomunicativo, extra instituição escolar.

Desse ponto de vista, poder-se-ia considerar que o artigo de opinião produzido no espaço acadêmico não se configuraria como um gênero textual, posto que sua função primordial não seria a efetivação da comunicação, por conseguinte, ele não se configuraria como uma atividade de linguagem situada em práticas sociais.

Diante desse quadro, buscamos estudar o texto escolar, sob o estatuto de gênero textual, fundamentando-nos na ideia de que “o gênero é que é utilizado como meio de articulação entre as práticas sociais e os objetos escolares, mais particularmente no domínio do ensino da produção de textos orais e escritos” (DOLZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 71). Neste sentido, procuramos proporcionar reflexões teóricas que explicitem a organicidade do gênero textual nascido na escola e concebido, à vista disso, como um gênero da esfera de circulação institucional, ou seja, tipicamente escolar.

Nessa linha de reflexão, Marcuschi (2005), adotando a função comunicativa, em conformidade com a proposta de Marcuschi (2000), como o traço prioritário para classificação dos gêneros, assegura que

A redação, criada **pela e para** a escola, tem sentido e circula quase exclusivamente nesse contexto. Nas raras vezes em que extrapola esse espaço, ela continua servindo a determinados propósitos pedagógicos [...]. Assim, se observamos as condições de produção de redações na escola, constatamos que a função sociocomunicativa dessa atividade está estreitamente inter-relacionada ao tratamento dispensado à redação enquanto objeto de ensino. Se levarmos em conta que a função sociocomunicativa define um gênero textual, podemos, nesse sentido, asseverar que a redação é um gênero textual, mesmo que seus propósitos estejam voltados, via de regra, para dentro da escola (grifos da autora) (MARCUSCHI, 2005, p. 142).

Conforme assevera Marcuschi (2005), o texto produzido no âmbito escolar caracteriza-se como um gênero na medida em que sua função sociocomunicativa assume um propósito pedagógico em função das condições em que é produzido. É, nesse sentido que a

autora concebe a função sociocomunicativa como determinante na caracterização de um gênero escolar. Nessa perspectiva, outros gêneros que frequentemente atuam intra e extra institucionalmente, como, por exemplo, o texto publicitário, só manifesta sentido quando deixa a instituição que o produziu e passa a ser submetido à crítica do meio social em que circula, ao passo que com o texto escolar é diferente, realça Marcuschi (2005), uma vez que ele quase sempre se esgota na relação com a escola.

Marcuschi (2005), utiliza, então, entrevistas realizadas com trinta e três professores de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental (quinta a oitava série) de escolas públicas e textos produzidos por seus alunos, para tecer algumas considerações em torno do estatuto de gênero do texto escolar. A partir da análise dessas entrevistas e dos textos dos alunos, distingue duas classificações presumíveis de redação escolar:¹⁹ a *redação clássica* e a categorizada como *redação mimética*.

Com relação à primeira classificação, a redação clássica, pode-se dizer que atua como uma mera atividade escrita, um exercício que se centra, sobretudo, nos aspectos formais, e, por isso, de um lado, despreza a função social e discursiva da escrita e, de outro, o aluno como sujeito de sua produção e os efeitos de sentido pretendidos. Nesse caso, o aluno realiza principalmente a reprodução mecânica, e o texto funda-se como um exercício regulado de escrita em que há pouca ou nenhuma preocupação com o contexto extraescolar. Assim sendo, esse tipo de redação é puramente reprodutivo e se esgota em si próprio, configurando-se, por isso, nas palavras da autora, como “uma *redação endógena*, que é produzida *da e para* a escola unicamente” (MARCUSCHI, 2005, p. 145).

Com relação à redação mimética, compreendemos ser aquela produzida com base em particularidades de algum outro gênero textual. Segundo a autora, trata-se da conjunção, união de dois gêneros textuais, quer dizer, o texto (gênero textual A) é produzido a partir de

¹⁹ Concebemos, nesta pesquisa, a correspondência entre redação escolar e texto escolar.

características de algum outro gênero textual (gênero textual B). Diante disso, é possível afirmar que, nessa situação, realiza-se uma transposição de contexto para fins didáticos, a qual possibilita transformar o gênero B em um exemplo, um modelo. Dito de outro modo, esse tipo de texto é didatizado, para, na realidade, simular uma prática, sendo, por isso, caracterizado como um “gênero híbrido, um texto que imita, com um propósito pedagógico, um gênero textual disponível socialmente” (MARCUSCHI, 2005, p. 147).

Pode-se ilustrar o caso do uso do gênero artigo de opinião, para o fim específico de se ensinar na escola. E como atividade escolar dessa prática discursiva, o professor poderá solicitar ao aluno que construa um texto com as características do gênero artigo de opinião. Assim, na produção do aluno haverá características semânticas e estruturais similares às do gênero solicitado, contudo, conforme adverte a autora, tal prática discursiva não será realizada com um fim propriamente real e específico de persuadir leitores com relação a um ponto de vista ou ideia, por meio, por exemplo, da apresentação de dados consistentes, ou seja, todas as informações que caracterizam o gênero *artigo de opinião*, mas com a finalidade específica de praticar, ler esse gênero. Sendo assim, o texto produzido passa a caracterizar um outro gênero textual, isto é, transforma-se em um *gênero escolar*.

Sobre esse aspecto, Marcuschi (op. cit., 2005, p. 147) faz uma importante reflexão:

na transposição didática parece não ser possível evitar que os gêneros textuais constituídos em contextos culturais específicos se transformem em objetos de ensino e aprendizagem, o que não deve ser visto como um malefício, mas como uma ação discursiva da esfera interacional em que o gênero textual passa a circular – a escola.

Seguindo essa mesma orientação, Dolz e Schneuwly (2004), ao teorizarem sobre os gêneros na escola, defendem que eles, ao serem transpostos para o ambiente escolar, são, além de instrumento de comunicação, objeto de ensino e aprendizagem, isto é, transformam-se em gêneros escolares. Nesse sentido, asseveram que, pelo fato de funcionar num outro lugar social diferente daquele em que foi originado, o gênero sofre, necessariamente, uma transformação.

Ou seja, “ele não tem mais o mesmo sentido; ele é, primordialmente, sempre gênero a aprender, embora permaneça gênero para comunicar” (DOLZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 71). Desse modo, os alunos devem ser expostos a situações de interação as mais próximas possíveis de verdadeiras situações de interação, que tenham sentido para eles, a fim de dominá-las como realmente são, ao mesmo tempo sabendo que os objetivos pretendidos são também outros. Propõem, então, que a via em didática para abordar esse problema pode ser descrita pelo que denominam de elaboração de *modelos didáticos* de gêneros – a sequência didática.

Como se observa, nesse segundo subgrupo, redação mimética, estão envolvidos os textos que buscam reproduzir, de modo didatizado, o contexto social de circulação do gênero textual protótipo. Aspectos como a situacionalidade, as ações procedimentais, a estruturação e os modelos globais do gênero original são de certo modo mantidos.

Ao propor esses dois subgrupos para caracterizar o gênero texto escolar, Marcuschi (2005) destaca que não é possível dicotimizá-los, uma vez que, embora cada um apresente aspectos particulares que os diferenciam, características confluentes podem ser percebidas em ambos, ou seja, o que os envolve sob o rótulo de “macrogênero redação” é o fato de emergirem e circularem prevalentemente na escola e, em particular, se configurarem como objeto de ensino e manifestarem a mesma função sociocomunicativa, isto é, a *função pedagógica*.

Ao assumir o objeto de ensino *texto escolar* com base na teoria dos gêneros textuais, a autora adverte que “não é uma questão simples, mas seguramente é a mais produtiva” (2005, p. 153). Os gêneros textuais, como visto, são práticas sociais e, mesmo por meio da lente da didatização, da redação mimética, favorecem a possibilidade de expor o aluno à produção de textos variados e contextualizados que circulam no meio social.

Além dos trabalhos mencionados até aqui, que contribuem para assumirmos o texto escolar e, em particular, o artigo de opinião – texto escolar investigado nesta pesquisa – sob seu estatuto de gênero, outro que nos orienta fortemente não só porque pretendia em seu escopo de

trabalho, a particularização e configuração de um texto em gênero escolar, mas também pelas teorias que o fundamentaram (Linguística Textual e a Análise do Discurso) é o de Manzoni (2007).

Manzoni (2007), em sua tese de doutoramento, ao examinar a dissertação escolar como um gênero textual, parte do princípio de que os gêneros escolares compartilham entre si determinadas características. Propõe, então, de modo similar a Marcuschi (2005), duas classificações possíveis de gêneros escolares para estabelecer essas características, a saber: os *representados no ambiente escolar* e os categorizados como *escolares prototípicos*. Estes últimos, de acordo com sua função e origem, podem ser compreendidos como gêneros próprios da esfera comunicativa escolar, como a aula, o seminário, provas escolares, a dissertação escolar, entre outros, visto que “são produzidos para a escrita, para o ensino da escrita, para toda a escolaridade e não existem, evidentemente, fora da escola” (MANZONI, 2007, p. 169). São, pois, tidos como gêneros escolares por excelência, não cumprindo outra função fora do contexto escolar.

No que concerne aos *gêneros representados no ambiente escolar*, a autora, entende ser aqueles que emergem em domínios discursivos extra institucionais, isto é, nascem em domínios que não seja o escolar. Nesse caso, ocorre a transposição de gêneros de outras esferas sociais para a esfera escolar, com a finalidade de contemplar alguns aspectos da linguagem envolvidos nesses gêneros, como no caso do artigo de opinião, resenha, crônica, tirinha, receita culinária etc. Podemos dizer, em linhas gerais, que essa classificação se aproxima da redação mimética, proposta por Marcuschi (2005), no sentido de que ambas buscam trazer contextualmente as características dos gêneros textuais que se encontram disponíveis no espaço extraescolar para o texto escolar.

Manzoni (2007) identificou que tanto os *gêneros representados no ambiente escolar* quanto os *escolares prototípicos*, dependendo das condições de produção, podem também

compreender duas classificações: uma padrão e outra não padrão, as quais são próprias das práticas de produção de texto na escola. Segundo a autora,

o gênero padrão corresponde àquele que atende às expectativas da escola, cuja produção é bem formada, satisfazendo, pois, às especificidades do gênero, e o não padrão é aquele que segue orientações coercitivas das condições de produção da escola, gerando outras possibilidades de materialização, como: inadequações de uso linguístico, estrutura composicional, estilo e conteúdo temático compatíveis ao gênero escolar prototípico não padrão (MANZONI, 2007, p. 171).

Outro aspecto que permite caracterizar os dois tipos de gêneros – os representados e os prototípicos – é a sua natureza artificial. Manzoni (2007) aponta dois tipos de artificialidade: um relativo à artificialidade do gênero e outro à linguagem. O primeiro tipo relaciona-se aos gêneros representados no ambiente escolar, os quais representam, encenam uma situação específica de interação com finalidade de produção de outros gêneros (carta, poema, bula de remédio etc.), sendo, por isso, “artificial”, isto é, que não é real, é simulado. O segundo tipo remete ao fato de “a linguagem deixar de cumprir qualquer função real” (BRITO, 2001 *apud* op. cit., 2007, p. 172). Diante disso, a autora conclui que a artificialidade é um traço determinante do gênero escolar, destacando, em particular, que ela é do próprio caráter dos gêneros representados no ambiente escolar.

Partindo, então, do pressuposto de que a artificialidade poderia caracterizar-se como um problema para o ensino e aprendizagem dos gêneros na escola, acreditamos que uma das vias didáticas empregada para contornar esse problema reside na abordagem do gênero a mais próxima possível de situações autênticas de comunicação, com o propósito de transformá-los em instrumentos reais de comunicação e de aprendizagem, conforme afirmam Dolz e Schneuwly (2004).

A partir do estabelecimento das características acima discutidas, a autora defende o reconhecimento do estatuto de gênero textual do texto escolar, de modo que ele possa ser usado como um instrumento eficiente no ensino e aprendizagem das práticas de linguagem de produção de texto, preconizando que

O tratamento das práticas de produção de texto a partir da perspectiva do gênero, levando o aluno a seu domínio nas práticas de linguagem pertencentes ao quadro escolar, vai quebrar a peculiar e ainda atual artificialidade do gênero *redação escolar* e dar-lhe-á toda a naturalidade necessária de um discurso entre interlocutores reais (professor e aluno), e, de quebra, alcançaria efeitos sob o uso fora da escola. (grifos da autora) (MANZONI, 2007, p. 19).

Cabe observar aqui que o primeiro aspecto a ser considerado para que se assuma o texto escolar como gênero, como, por exemplo, o artigo de opinião, concebido neste estudo como “um gênero textual que constrói uma opinião a respeito de uma questão controversa” (KÖCHE; MARINELLO, 2015, p. 103), é o fato de que todo texto efetivado, concretizado, independentemente de sua modalidade, tem suas propriedades circunscritas em algum gênero. Isso quer dizer que todo texto compartilha determinadas características com outros textos que estejam agrupados sob algum gênero. Assim, qualquer produção textual, forçosamente, manifesta traços recorrentes em outros textos e, como visto na seção anterior, a recorrência é o ponto central para a definição de um gênero.

Em consonância com a proposta da autora, acreditamos que o trabalho efetivo e orgânico com os gêneros só será legitimado se o sujeito enunciador, em meio a diversas práticas sociais das quais participa, for instrumentalizado comunicativamente para exercer uma ação linguística em uma situação específica de interação definida por uma série de parâmetros que guiam, por sua vez, a ação.

É, portanto, nesse sentido que compreendemos que o exercício efetivo da linguagem só é possível por meio de inúmeros e variáveis gêneros textuais que circulam no meio social e se encontram à disposição dos interlocutores para seu agir, se deles se apropriarem. Tal apropriação se dá quando os interactantes participam de diferentes práticas sociais as quais possibilitam o seu processo de desenvolvimento. Nessa perspectiva, cabe, então, à escola promover regularmente atividades de práticas de linguagem em sala de aula, seja por meio de

gêneros orais ou escritos, as quais se materializam pela produção de textos. Nessa dinâmica, um gênero pode se configurar como matéria-prima de outro.

CAPÍTULO II: Metodologia da Pesquisa

Considerando que o propósito de uma pesquisa é a compreensão do modo como se processam os fenômenos que ocorrem no universo percebido pelo homem, ou seja, é a “produção de conhecimento de uma dada realidade concreta, síntese de múltiplas determinações que parte da existência de uma relação dialética, concreta e crítica do homem sobre o real e do real sobre o homem” (RESENDE, 2015, p. 25), este estudo emprega o método empírico-indutivo e se caracteriza como descritivo e qualitativo. Descritivo porque se baseia na descrição de textos produzidos por alunos de uma universidade pública; qualitativo por ser um campo interdisciplinar, preocupado com a compreensão do comportamento humano, a partir do quadro de referência do próprio sujeito da pesquisa, com base em dados reais e orientado para uma descoberta exploratória, expansionista, descritiva, indutiva e não generalizável (DENZIN; LINCOLN, 2006). Por isso, essa abordagem implica um processo de reflexão e análise da realidade através da utilização de métodos e técnicas para compreensão detalhada do objeto de estudo em seu contexto histórico e segundo sua estruturação (OLIVEIRA, 2014).

Além da análise qualitativa, no que diz respeito à sistematização dos dados, esta investigação empregou algumas análises quantitativas simples de frequências de ocorrências de estruturas textuais. Segundo Oliveira (2014, p. 39), “adotar a prática de combinar técnicas de análise quantitativa com técnicas de análise qualitativa proporciona maior nível de *credibilidade* e *validade* aos resultados da pesquisa, evitando-se, assim, o reducionismo por uma só opção de análise”. Em outras palavras, na interatividade entre dados qualitativos e quantitativos, os dados são considerados mais ricos, completos, globais e reais (MILLES, 1979).

Refirmando, com Bauer e Gaskell (2012, p. 34),

não há quantificação sem qualificação, isto é, não há análise estatística sem interpretação. Na verdade, não se realiza nenhuma pesquisa numérica sem enfrentar

problemas de interpretação. Os dados não falam por si mesmos, mesmo que sejam processados cuidadosamente, com modelos estatísticos sofisticados. Nesse sentido, entende-se que cada um dos tipos de abordagem – qualitativa e quantitativa – tem seu papel, seu lugar e sua adequação.

Em termos mais específicos, para levantamento e análise de dados, para o nível da organização intertópica, elegemos a metodologia definida em Jubran *et al.* (2002) e Jubran (2006a) e posteriormente aplicada e especificada em outros estudos da GTI, como Penhavel e Guerra (2016); já para a análise da organização intratópica, adotamos a metodologia formulada em Penhavel (2010, 2017).

Em vista dessas características, delineia-se, neste capítulo, o seguinte percurso metodológico: na seção 2.1, explicitam-se os procedimentos de análise adotados, nos quais este estudo se baseia para a geração e interpretação de dados da pesquisa; na seção 2.2, descreve-se e explica-se a constituição do *corpus* em termos de definição de processos adotados na composição das duas categorias de textos selecionadas para o estudo; e, em 2.3, apresenta-se o contexto no qual se desenvolve a pesquisa, um ambiente formado a partir do entrelaçamento de diversas culturas, integradas num espaço que se caracteriza pela riqueza de linguagens e paisagens étnicas.

2.1 Os procedimentos de análise dos dados

O primeiro passo metodológico de análise centrou-se na identificação do que seria a organização tópica padrão, ou prototípica, do gênero artigo de opinião, procedimento necessário para, em relação a esse padrão, podermos analisar os artigos produzidos pelos alunos de Letras Português e de Pedagogia da UFAC. Para identificação desse padrão, nossa opção consistiu em analisar a organização tópica de artigos reais que circulam na sociedade, como em jornais e revistas, por exemplo (na seção adiante, justificamos mais detalhadamente esse procedimento). Constituímos, então, um *corpus* de artigos de opinião de jornais (cf. anexo) e analisamos a

organização tópica desses textos em seus dois níveis de funcionamento – *organização intertópica* (divisão do texto em tópicos e subtópicos discursivos) e *organização intratópica* (estruturação interna de SegTs mínimos) –, a fim de examinarmos se haveria regularidades na organização tópica desses artigos padrão.

Com relação à análise da organização intertópica, conforme mencionado, empregamos o *método da análise tópica*, definido inicialmente em Jubran *et al.* (2002) e Jubran (2006a). Esse método envolveu a segmentação de todos os artigos do *corpus* em SbTs mínimos (SbTs mais específicos do texto, materializados em SegTs mínimos), com vistas a identificar se o gênero em apreço se caracteriza por unicidade ou por complexidade intertópica, isto é, se, via de regra, cada artigo contém um único tópico discursivo ou se há um tópico discursivo global que se subdivide em SbTs. Seguindo aqueles autores, essa análise foi efetuada tomando-se como base as propriedades definidoras do processo de organização tópica, *centração* e *organicidade*, explicadas no capítulo anterior.

Uma vez que se tenha indentificado que o gênero textual em estudo se caracteriza pela presença da complexidade intertópica, a tarefa seguinte envolveu a análise da complexidade intertópica no plano da organização hierárquica e no plano da organização linear. No que concerne à organização hierárquica, analisamos o seu grau de complexidade, ou seja, verificamos a quantidade de SbTs mínimos e de QTs por artigo de opinião. Quanto à complexidade intertópica no plano linear, a análise consistiu na identificação dos tipos predominantes de linearização tópica nos artigos de opinião investigados.

A análise da organização intratópica, realizada pelo emprego da metodologia elaborada em Penhavel (2010, 2017), implicou a segmentação interna dos SegTs mínimos mediante suas possíveis organizações em unidades e subunidades constituintes, com perspectiva de identificação da existência de regularidades na estruturação tópica do gênero investigado. Segundo essa metodologia, os possíveis modos de organização interna dos SegTs

mínimos em unidades e subunidades podem ser depreendidos com base em uma especificação dos traços caracterizadores da propriedade da centração tópica – *concernência, relevância e pontualização*.

Com base no traço da *concernência*, essa metodologia estabelece que se verifique, na estruturação interna do SegT mínimo, se é possível reconhecer alguma divisão entre subgrupos de enunciados na qual, dentro de cada subgrupo, haja uma *concernência* entre enunciados mais específica do que a *concernência* geral que confere unidade ao SegT mínimo como um todo. Tais subgrupos constituiriam diferentes aspectos do tópico de um SegT mínimo ou diferentes fases do desenvolvimento do tópico.

Tendo em vista o traço da *relevância*, tal método prevê que a averiguação da existência desses possíveis subgrupos de enunciados leve em conta que eles possam distinguir-se entre si também em termos do grau de *relevância* que possuem em relação ao foco central de desenvolvimento do tópico do SegT. A avaliação de diferenças de grau de *relevância* entre diferentes subgrupos de enunciados, além de revelar possíveis subunidades do SegT mínimo, contribui para identificar diferentes funções desses subgrupos no desenvolvimento do tópico. Esse tipo de análise permite distinguir, por exemplo, unidades de posição (centrais) e de suporte (subsidiárias), na organização intratópica de relatos de opinião (conforme apresentado no capítulo anterior).

Também o traço da *pontualização* fundamenta esse procedimento metodológico. De acordo com esse traço, cada tópico de um texto é desenvolvido em um determinado ponto do texto (sendo os tópicos mais específicos desenvolvidos em SegTs mínimos). A nosso ver, isso significa que um texto não trata, a todo momento, de todos os seus tópicos, mas, a cada momento, focaliza um tópico e, assim, um texto compreende um encadeamento de SegTs (que abarca, inclusive, o encadeamento dos SegTs mínimos). Sob essa mesma perspectiva, a metodologia em pauta assume que também cada aspecto do tópico de um SegT mínimo (ou

cada fase de desenvolvimento desse tópico) pode ser desenvolvido em um ponto específico dentro do SegT mínimo (em um subgrupo de enunciados), sendo o SegT composto pelo encadeamento de subgrupos de enunciados.

Em nossa pesquisa, na análise da organização intratópica, também estamos considerando que essa estruturação possivelmente seguiria a regra de combinação de unidades de posição e de suporte, conforme verificado em relatos de opinião em Penhavel (2010), tendo em vista as similaridades que haveria entre esses relatos e o gênero aqui em estudo (artigo de opinião).

Desse modo, uma primeira etapa da nossa análise consistiu na aplicação desses dois níveis de análise da organização tópica, acima descritas, a fim de verificarmos a existência de regularidades na organização intertópica e na intratópica em artigos de opinião prototípicos do gênero. O resultado detalhado dessa análise encontra-se no capítulo 3.

Uma vez identificadas regularidades no que estamos chamando de organização tópica padrão, o segundo passo de nosso método de análise compreendeu a análise da organização tópica dos artigos de opinião produzidos pelos estudantes do curso de Letras Português e de Pedagogia (segundo grupo de textos componentes do *corpus* da pesquisa, detalhado mais adiante) e a comparação dos resultados com a organização tópica dos artigos padrão. A análise dos artigos dos acadêmicos da UFAC foi realizada seguindo-se exatamente a mesma metodologia descrita acima para análise dos artigos padrão. Nessa fase de comparação, foram descritas similaridades, diferenças e motivações entre os possíveis padrões de estruturação tópica identificados nesses dois grupos de textos. A análise dos artigos dos alunos e a comparação com os artigos padrão estão desenvolvidas também no capítulo 3.

A partir dos resultados alcançados por meio dessa comparação, realizamos, então, uma nova etapa que consistiu em uma reflexão e uma elaboração de proposta de ensino-aprendizagem de produção textual que focaliza e destaca a relevância da organização tópica no

processo de construção textual e cujo público alvo são professores da rede básica de ensino municipal e/ou estadual e alunos em formação inicial (anos iniciais do ensino superior).

Expostas essas considerações a respeito da metodologia empregada na análise do processo de organização tópica, nas seções seguintes descrevemos a constituição do *corpus* e o contexto institucional da pesquisa.

2.2 A Constituição do *corpus*

O *corpus* desta pesquisa é constituído por dois *corpora* específicos. O primeiro, denominado neste estudo de *corpus* de referência (cf. anexo), é formado por textos que consideramos como referência do gênero artigo de opinião, construído com um conjunto de textos exemplares desse gênero, publicados em jornais de circulação local (estadual),²⁰ impressos e/ou veiculados pela *Internet*, em seções explicitamente dedicadas à publicação de texto chamados de *artigos de opinião*. A função primordial desse *corpus* é fornecer um parâmetro em relação ao qual podemos analisar os artigos produzidos pelos alunos da UFAC (segundo *corpus* de nossa pesquisa) a fim de identificarmos, então, possíveis deficiências e domínios dos alunos na utilização do gênero em pauta. Nesse sentido, procuramos, por meio da análise desse primeiro *corpus*, estabelecer uma referência daquilo que se pode considerar, previamente, como sendo o gênero artigo de opinião, com base em textos que efetivamente circulam na sociedade e são considerados como pertencentes a esse gênero.

Esse procedimento metodológico foi adotado de modo a não recorrermos a manuais didáticos ao assumirmos os aspectos caracterizadores do funcionamento do gênero, com vistas a não incorrermos em possíveis prescritivismos e normativismos estabelecidos por tais

²⁰ A opção por artigos de opinião publicados em jornais locais se justifica primordialmente pelo de fato de se inserirem no contexto de nossa pesquisa, embora grande parte deles publiquem artigos de outras agências de abrangência nacional.

manuals. A identificação de um padrão de organização tópica a partir de artigos de jornais é uma forma de levantarmos e analisarmos *textos reais*, produzidos por usuários naturais do gênero, conforme sua circulação real em sociedade.

Os artigos de opinião que compõem esse *corpus*, conforme descrito na introdução, são denominados de artigo de opinião padrão. Compreendemos, nesse estudo, por padrão, em termos de organização tópica, os textos que são reconhecidos naturalmente como pertencentes ao gênero artigo de opinião no sentido de que circulam na esfera social e discursiva em que são utilizados, no caso, a esfera jornalística. Assim, cabe esclarecer que não empregamos o termo padrão para nos referirmos a artigos de opinião com maior ou menor qualidade, mas textos que são caracterizados naturalmente como artigos de opinião no meio social em que circulam. Nesse sentido, então, ao fazermos uso da expressão artigo de opinião padrão, adotamos uma portura descritiva e não avaliativa.

Selecionamos quatro jornais considerados os de maior circulação em nível do estado do Acre: *Opinião*, *Página 20*, *O Rio Branco* e *A Gazeta*. Os artigos de opinião foram coletados no período de julho a agosto de 2016, conforme a dinâmica de publicação de cada jornal. Recolhemos uma amostra composta por 20 exemplares do gênero publicados no período mencionado.

Visando identificar possíveis e diferentes padrões de estruturas textuais, durante o período delimitado, e para alcançar maior representatividade e melhor apreender o processo de funcionamento da organização tópica do gênero investigado, selecionamos 05 artigos por jornal, produzidos por diferentes articulistas, exceto no caso dos publicados no jornal *O Rio Branco*, que são produzidos pelo mesmo articulista. Com efeito, observamos, no desdobramento das análises, que esta amostra possibilitaria a identificação de padrões de organização tópica dos artigos investigados, corroborando assim a suficiência do *corpus* levantado.

Desse modo, esses textos constituíram o ponto de partida para a análise da organização tópica. A partir da análise empreendida no *corpus* de referência, empregamos o mesmo procedimento de análise nos textos que compõem o segundo *corpus* dessa pesquisa, isto é, o *corpus* de estudo²¹ (cf. anexo), objetivando identificar semelhanças e diferenças entre as duas categorias de textos.

Para isso, compusemos esse *corpus* com um conjunto de textos exemplares do gênero em estudo produzidos por estudantes universitários do 6º período do curso de Letras Português e de Pedagogia de uma universidade pública, qual seja, Universidade Federal do Acre (UFAC) – *Câmpus* Floresta – Cruzeiro do Sul. Definimos para análise, a princípio, um universo composto por 47 textos produzidos em situação de aula, no decurso do segundo semestre de 2016. A escolha dessas licenciaturas (Letras Português e Pedagogia) se deu pelo fato de atuarmos nesses cursos como docente em disciplinas dirigidas à leitura e produção de textos.

Como procedimento de coleta de dados dessa categoria de textos do *corpus*, foi aplicada uma proposta de produção de texto do gênero artigo de opinião para os alunos nas disciplinas de Linguística Textual (Letras Português – 1º semestre de 2016) e Ensino de Geografia (Pedagogia – 1º semestre de 2016). Para garantir empenho e envolvimento dos alunos com a produção de texto proposta pela pesquisadora, no sentido de garantir maior credibilidade e validade aos resultados dos dados do *corpus* da pesquisa, essas produções foram utilizadas como uma ferramenta de avaliação pelos professores das respectivas disciplinas. Para tal, os temas abordados nos textos produzidos surgiram a partir de conteúdos explorados pelos professores das referidas disciplinas em situação de sala de aula no momento da aplicação da proposta de produção textual.

A opção pelas produções textuais de universitários do 6º período deu-se em virtude de que, nesse momento, considera-se que estes já deveriam ter a competência de produzir textos

²¹ Adotamos a denominação de *corpus* de estudo para nos referir ao *corpus* aqui considerado como o principal, visto que está estreitamente relacionado ao objetivo central de nosso estudo.

adequados às particularidades do gênero, pelos anos de escolarização e pelas oportunidades cotidianas de contato com variados gêneros textuais. A seleção do gênero artigo de opinião decorreu do fato de ser um gênero produzido pelos estudantes com certa frequência no contexto universitário, principalmente em aulas de produção textual, nos quais é bastante nítida a dificuldade dos alunos com o processo de construção textual, embora se trate de um texto consideravelmente trabalhado no Ensino Fundamental e Médio. Assim, tornou-se um gênero propício para ser estudado, uma vez que possibilita identificar em que medida as dificuldades dos alunos residem na condução do processo de organização tópica.

No que tange ao universo de textos (47 artigos de opinião), é importante esclarecermos o processo adotado na definição desse quantitativo de exemplares. Inicialmente, a proposta de produção de artigo de opinião foi aplicada no 6º período de Letras Português, visto que, nesse período, a disciplina Linguística Textual estava sendo ministrada. Além de tudo, o gênero investigado compunha uma unidade do conteúdo programático da referida disciplina, sendo, à vista disso, tematizado nas aulas que antecederam a aplicação da produção textual. Assim, dos 31 alunos que frequentavam as aulas, 29²² elaboraram o artigo de opinião solicitado.

Posteriormente, procedeu-se à aplicação da proposta de produção de artigo de opinião no 6º período de Pedagogia. Considerando que as particularidades desse gênero seriam, em tese, conhecidas pelos alunos, posto que fazem parte do conteúdo programático de língua portuguesa do ensino fundamental e médio e de algumas disciplinas do ensino superior focadas, sobretudo, na leitura e produção de textos, tratamos, então, junto com a professora responsável pela disciplina “O Lúdico na Educação Infantil”.

Entretanto, a análise preliminar da organização tópica desses dados revelou que a maioria das produções textuais elaboradas pelos acadêmicos estavam muito distantes do que se poderia considerar como um artigo de opinião, ou seja, não atendiam a particularidades básicas

²² No dia da aplicação da proposta de produção do artigo de opinião, dois alunos não estavam presentes em sala de aula.

desse gênero.

Para efeito de exemplificação, ilustramos em (10), um desses casos em que optamos por considerar que a produção do aluno não poderia ser tomada como um artigo de opinião:

(10) A importância do lúdico no processo de ensino-aprendizagem da educação infantil

Atualmente um dos grandes desafios da educação é poder convencer o aluno de que a escola é um lugar seguro, aconchegante, alegre e divertido. No entanto, na maioria das vezes os alunos ao terem seu primeiro contato com os bancos escolares, se sentem desprotegidos e receosos ao lidar com o diferente e estranho espaço no qual eles terão que se encaixar. Na verdade, enfrentar o desconhecido, para tanto, é uma das limitações que aflige o ser humano, seja ele novo ou velho. É nesse momento que nós construímos conceitos fundamentais sobre o meio no qual estamos inseridos, levando-nos ao desenvolvimento cognitivo, afetivo e social. Segundo Severino (1999, p. 49),

os profissionais das escolas infantis precisam manter um comportamento ético para com as crianças, não permitindo que estas sejam expostas ao ridículo ou que passem por situações constrangedoras.

Diante de tal situação, observamos que os adultos, tentam na maioria das vezes fazer com que as crianças lhes sejam obedientes, já que elas aparentemente se encontram com medo e desprotegidas. O educador deve amparar a criança, mostrar que é confiável, e não se aproveitar da situação de medo que a criança vive ao chegar na escola.

Dessa forma, como o lúdico pode estar contribuindo para o desenvolvimento da criança? Essa é uma questão que está sendo estudada por alguns estudiosos, pelo qual desempenham um trabalho de pesquisa constante, buscando respostas para a problemáticas que assolam a educação brasileira, principalmente, a educação infantil. E nos anos iniciais de 1º ao 5º do ensino fundamental. Essa preocupação em proporcionar a criança um ensino mais dinâmico é bem atual, já que, a criança antigamente não tinha direitos documentados pelo estado, cobrando uma atenção especial para as suas necessidades básicas de estudar, de se alimentar na hora certa, de socialização com outras crianças, etc. o ensino infantil surge, no entanto, como repostas as essas questões. Quando a criança chega na escola e ver a organização do espaço, o comportamento do professor, essa criança vai se mostrar mais atraída e curiosa para saber o que vai acontecer. A escola trabalha o lúdico não somente como uma forma de passa tempo ou diversão, mas sim uma junção desses quesitos com o ato de ensinar e aprender ao mesmo tempo.

A educação lúdica é uma ação inerente na criança e aparece sempre como uma única forma tradicional, em direção a algum conhecimento. O brincar se torna cada vez mais importante na construção do conhecimento, oportunizando prazer enquanto incorpora as informações e transforma as situações de vida real (FALCÃO, 2000, p. 20)

O papel do lúdico na educação infantil é influenciado por vários pontos importantes, entre eles: as atividades pedagógicas, as brincadeiras, a organização da sala de aula, a metodologia do professor regente. Tudo isso implica no processo de ensino e aprendizagem da criança. Quando o professor é ativo em desenvolver atividades lúdicas que chame a atenção do seu aluno, o aprender para esse aluno vai se tornar muito mais significativo, ao brincar a criança vai interagir com o meio no qual ela está inserida. Teóricos da psicologia especulam sobre o papel da brincadeira no desenvolvimento infantil. Para Vygotsky (1984, p. 21)

Atribui relevante papel ao ato de brincar na constituição do pensamento infantil. É brincando, jogando, que a criança revela seu

estado cognitivo, visual, auditivo, tátil, motor, seu modo de aprender	44
e entrar em relação cognitiva com o mundo de eventos, pessoas,	45
coisas e símbolos.	46
Assim, é importante ressaltar que, o lúdico não é somente fazer atividades diferentes	47
para distrair as crianças, mas proporcioná-las um universo dinâmico e atrativo, já que, parar	48
aprender a criança precisa estar envolvida com as situações que a cercam, seja em casa seja na	49
escola.	50
Portanto, a influência do lúdico na educação infantil é fundamental para o	51
desenvolvimento da criança em todos os aspectos seja físico, afetivo, emocional, entre outros. É	52
na sala de aula que o professor deve empregar o lúdico para chamar atenção e seus alunos. A	53
tarefa, contudo, não está somente a cargo do educador, mas sim de toda a escola, que por sua vez	54
tem o dever de proporcionar aos seus pequeninos um ambiente mais divertido, alegre, dinâmico	55
e confortável. Na educação infantil as crianças estão aprendendo a conviver em grupo e, a partir	56
desses grupos auge a criatividade, e as habilidades de cada aluno. Por isso, a importância do	57
professor está sempre atendo na hora de selecionar os artefatos lúdicos para elaborar suas aulas	58
ou até mesmo reconstruir o ambiente em torno da sala de aula.	59
Considerações finais	60
É importante, que nós educadores tenhamos a capacidade de sermos criativo na hora	61
de ensinar. O lúdico surgiu não para atrapalhar as metodologias do educador, mas para contribuir	62
e facilitar na hora de ensinar. Quando o usamos o lúdico, o significado de aprender e ensinar fica	63
bem mais significativo.	64
É preciso, para tanto, alguns educadores olhar com mais seriedade ao usar o lúdico em	65
suas aulas, justamente por que pé buscando novas maneira de ensinar pôr meio do lúdico que	66
conseguiremos uma educação de qualidade e que realmente consiga atender os interesses da	67
criança. Ensinar uma criança não é somente brincar para passar o tempo, mas ensiná-la de forma	68
que se torne no futuro um ser crítico e autônomo. Afinal, é preciso que o educador entre no mundo	69
da criança, para saber com o deve proceder nas suas atividades. Portanto, ao utilizar o lúdico em	70
sala de aula o educador não será apenas um somador de conhecimentos, mas sim um profissional	71
capaz de encarar os desafios cotidianos.	72
Referências bibliográficas	73
FALCÃO, A. P. B. RAMOS, R. de O. A importância do brinquedo e do ato de brincar para o	74
desenvolvimento psicológico de criança de 5 a 6 anos. Belém, 2002.	75
SEVERINO, A. J. A formação profissional do educador: pressupostos filosóficos e implicações	76
curriculares. Ande, 1991.	77
VIGOTSKY, L. S. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1984.	78

Note-se que o produtor do texto, em sua composição, lança mão de alguns recursos que, no caso, aproximam o texto mais de um artigo científico do que de um artigo de opinião propriamente, como: uso de citações de estudiosos (destacadas no decorrer do corpo do texto – adentradas à direita), para fundamentar o ponto de vista defendido (l. 9-12); elaboração de uma seção final, separada do restante do texto, intitulada “Considerações finais” (l. 60-72); listagem de obras citadas no texto, encabeçada pelo título “Referências bibliográficas” (l. 73-78). Nesse contexto, esses expedientes (bem como outras características, como o estilo do texto, que parece mais formal do que o estilo mais típico de um artigo de opinião) fazem o texto do estudante

assemelhar-se a uma revisão bibliográfica do assunto em questão e sugerem uma produção textual mais próxima do artigo científico, caracterizando uma prática de linguagem distinta daquela envolvida na construção do artigo de opinião.

Diante disso, empreendemos uma segunda aplicação da proposta de produção textual. Para realizar tal tarefa, adotamos, nesse momento, uma metodologia distinta daquela empregada na primeira aplicação da produção textual. Ou seja, acordamos com o professor de uma outra disciplina, Ensino de Geografia²³, que as particularidades do artigo de opinião seriam abordadas e aprofundadas nas aulas que antecederiam a produção desse gênero. Nesse caso, a aplicação dessa proposta envolveu a participação de 29 alunos.

Do total (29 textos produzidos pelos acadêmicos), a análise preliminar revelou que 18 deles manifestaram suficientemente características de artigo de opinião; oito textos expressaram características que impediam uma apropriada inclusão nesse gênero e três produções foram previamente excluídas.²⁴ Assim, nessa etapa, foram selecionados 18 artigos de opinião elaborados pelos alunos de Pedagogia.

O exemplo em (11) ilustra um desses 8 casos de textos que não corresponderam minimamente às características de artigo de opinião:

(11) O papel da geografia nos anos iniciais do ensino fundamental

Introdução	1
Nossa ideia nesse artigo é discutir a importância do ensino de geografia nos anos iniciais	2
do ensino fundamental, considerando que na escola não é dada a devida importância para esse	3
ensino quanto se dá às disciplinas português e matemática. Tal problema será abordado e aqui	4
discutido.	5
Em uma escola pública foram observadas algumas aulas logo no início do ano letivo de	6
2018, quando percebemos que não estavam havendo aulas de outras disciplinas além da língua	7
portuguesa e da matemática, quando foi questionado a coordenação o porquê de só terem aula	

²³ Para a segunda aplicação de proposta de produção de texto, a intenção inicial era que a professora da disciplina da primeira aplicação para o curso de Pedagogia “O Lúdico na Educação Infantil” fizesse a retomada e o aprofundamento das particularidades do artigo de opinião e propusesse a reescrita da primeira produção. Todavia, no intervalo entre a aplicação da proposta e a análise inicial dos textos, a disciplina foi finalizada tendo em vista que dispunha de uma carga horária de 45h, o que motivou, por conseguinte, a aplicação de produção textual na disciplina “Ensino de Geografia”.

²⁴ Os três textos excluídos são de alunos surdos, que requereriam uma metodologia de análise diferente da empreendida neste trabalho.

dessas disciplinas, a escola disse que para um melhor rendimento (rendimento esse em algumas provas que o governo manda para todas as escolas públicas todos os anos) durante o ano letivo dessas disciplinas teriam os dois primeiros meses de aula somente dessas duas.

Através desses argumentos e observações destacamos uma problemática no ensino das crianças não somente em geografia, mas em todas as áreas, mas especificamente falaremos mais sobre o ensino de geografia nos anos iniciais do ensino fundamental, como se dá este ensino e como poderíamos dispor deste ensino para as nossas crianças de forma que eles estendam a importância deste ensino tão quanto o de português e matemática.

Dessa forma, é preciso entender que a Geografia representa um papel muito importante na sociedade. Mas, como assim? É que a geografia revela ao aluno o sentido do mundo, pode levá-lo a ser cidadão compreensivo e reflexivo do lugar onde vive, inicialmente a sua casa, e posteriormente a sua rua, o bairro, a cidade etc. A Geografia é um saber que não se serve somente para educar o cidadão, mas também o ajuda a mudar o seu meio. É impossível ter alguém que queira mudar o mundo, ou que tenha conseguido alguma coisa positiva, sem dispor de um bom conhecimento geográfico.

Desenvolvimento

Tecermos nesse momento algumas considerações sobre a importância do ensino e aprendizagem da Geografia nos dias atuais, relacionando-as aos dados observado em uma escola pública. O período atual é caracterizado pelo ensino técnico-científico-informacional, sendo que o entendimento de espaço geográfico não pode desconsiderar esse dado, que é único na história (SANTOS; SILVEIRA, 2008). O ensino, especialmente da Geografia, tem proporcionado aos professores novos acréscimos de tecnologia, deixando as aulas mais “atraentes” para seus alunos.

É preciso dizer também, que tais acréscimos tecnológicos não chegam a todos os lugares de forma igual, havendo profundas desigualdades dentro do território brasileiro. Tais posições implicam diretamente em como fazer o aluno pensar sobre o mundo. É preciso mostrar aos alunos que existe desigualdade social, concentração de capital na mão de uma minoria, monopólio de grandes empresas e do Estado, má qualidade dos serviços públicos, etc. Além de enfatizar conceitos, categorias e métodos do ensino geográfico.

Alguns autores que estudamos enfatizam a educação como instrumento de dominação ou libertação (VESENTINI, 2006), ou seja, o sistema escolar como mera instituição indispensável para a reprodução do sistema capitalista que foi fruto de uma escola criada pela burguesia que se tornava a classe hegemônica. Mas, o ensino também é um agente de mudanças sociais e uma conquista democrática que tivemos (VESENTINI, 2006), uma vez que para boa parte da população a educação também ajuda na melhora da qualidade de vida e acesso a um determinado padrão de consumo.

Segundo esse mesmo autor, o ensino precisava ser levado a todas as camadas da população, não só por uma elite, mas precisa levar os indivíduos pensarem por conta própria, aprendendo a enfrentar novos desafios, criar novas respostas a questões cotidianas (VESENTINI, 2006). É primordial que nós entendamos a importância do ensino de geografia, “compreensão do espaço geográfico não seja algo externo à sociedade” (OLIVA, 2006, p. 36), e assim vermos na prática como tem sido feito e qual a falta real que esse ensino faz se não bem mostrado e ensinado para os alunos.

Para desenvolver todas essas qualidades no aluno, futuro indivíduo da sociedade, é necessário de o professor tenha um domínio mínimo, e tenha consciência do real motivo, e da essência da geografia. O diálogo sempre é proveitoso e, para se atingir uma libertação individual, se faz bastante necessário. Quando observamos, algumas aulas de uma escola pública no começo do ano letivo, percebemos nas observações de 3 (três) dias de aula, que o professor só estava trabalhando com aulas de língua portuguesa e matemática.

Posteriormente, no final das observações nos conduzimos a direção da escola e fizemos algumas perguntas, porque os alunos só estavam tendo aulas de duas disciplinas, e a coordenadora de educação nos respondeu que nesses dois primeiros meses de aula do ano eles teriam somente aulas de português e matemática, pois as crianças iriam revisar os conteúdos do ano passado para terem mais facilidade na aprendizagem dessas áreas conforme o ano letivo for passando.

Um dos grandes problemas desse meio de formação do aluno é a visão fragmentada da Geografia, muito relacionado com o modo de pensar clássico (MOREIRA, 2011). É preciso muita teoria para compreender a realidade e se distanciar cada vez mais da geografia tradicional, não somente para os alunos, mas inclusive para quem ensina para eles (professor) e para quem administra esse ensino (coordenador de educação do estado, diretores, coordenador pedagógico, etc.).

Por exemplo, enfatizar nas aulas temas como os sistemas técnicos, redes geográficas, a cultura, o consumo, o Estado e a política, a segregação espacial, a globalização, conflitos étnicos culturais, blocos econômicos, poder da informação, dentre muitos outros. Diante do grande número de informações que recebemos, algumas fazem parte dos temas de estudo da Geografia: meio ambiente, economia, focos de tensão, população, mobilidade urbana, etc.

Há estudos em outras áreas do conhecimento (especialmente psicologia e filosofia) que oferecem contribuições acerca do objetivo de fazer com que o aluno pense criticamente sobre os assuntos mais correntes da vida. Mas como estamos vendo o estudo crítico no ensino fundamental, a geografia faz jus a todas essas áreas (filosofia, psicologia, sociologia) nesse momento de ensino do indivíduo.

Mas, para termos uma formação de criticidade nas nossas crianças, o processo de aprendizagem deve, em primeiro lugar, partir da consciência da época em que vivemos. Isto significa saber o que o mundo é e como ele se define e funciona, de modo a reconhecer o lugar de cada país no conjunto do planeta e o de cada pessoa no conjunto da sociedade humana. É desse modo que se podem formar cidadãos conscientes, capazes de atuar no presente e de ajudar a construir o futuro. (SANTOS, 2008, p. 115).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio constituem um documento norteador do planejamento do ensino das várias disciplinas nas escolas. A Geografia encontra-se inserida na quarta parte do documento, respectivamente em Ciências Humanas e suas Tecnologias. Uma modificação no currículo implica uma nova dinâmica no ensino nessa área, muitas vezes sem considerar a realidade de grande parte da sociedade, homogeneizando as diferentes realidades vividas, não levando em conta as especificidades de cada região, lugar.

Analisando o documento Parâmetros Curriculares para o Ensino Médio - PCNEM (BRASIL, 1999), na área de Ciências Humanas (Geografia, História, Sociologia e Filosofia), especificamente ao que se refere à disciplina Geográfica, pode-se observar o discurso sobre a importância de conseguir uma interdisciplinaridade entre os conteúdos ensinados.

É bem verdade que essa tentativa de interdisciplinar entre os conteúdos está balizada em temas inspirados no modelo espanhol de educação, que foi incorporado nos PCN (BRASIL, 1997).

Considerações finais

Os PCN (BRASIL, 1997) trazem um importante questionamento sobre a contribuição do conhecimento geográfico para a plena formação do educando. De acordo com o documento, no Ensino Fundamental, o papel da Geografia é “alfabetizar” o aluno espacialmente em suas diversas escalas e configurações, dando-lhe suficiente capacitação para manipular noções de paisagem, espaço, natureza, Estado e sociedade. Então os nossos professores precisam estar conscientes dessa importância e não somente eles, mas como toda a sociedade, precisa parar de acreditar que para ter um bom futuro o meu aluno precisa dominar a língua portuguesa e as normas da matemática.

Não é à toa que temos todas essas outras disciplinas em sala de aula como, artes, história, ciências etc. Precisamos de todas elas, de foram que se cruzem (interdisciplinaridade) fazendo parte uma da outra, e não somente uma disciplina distante da outra. Mas acreditamos que o conhecimento é imprescindível para a formação crítica dos sujeitos, para o desenvolvimento pleno da cidadania, para a compreensão da atual globalização, da perversidade do capitalismo, das contradições sociais, econômicas e políticas no âmbito do território nacional e no âmbito global.

E também é importante a reflexão de cada professor, cada educador, diante da sua nobre profissão de transmitir conhecimento. Há muitos problemas nos currículos oficiais, porém, cada professor deve conduzir a sua aula de forma independente, em que tenha um domínio do conteúdo, da teoria, das categorias, enfim, de um vocabulário geográfico que possa despertar o interesse de cada aluno.

Referência bibliográfica

- BRASIL Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Ministério da Educação, 1996.
- BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Parâmetros Curriculares Nacionais: Geografia. Brasília: MEC, 1995.
- MOREIRA, R. Pensar e Ser em Geografia: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- OLIVA, J. T. Ensino de Geografia: um retrato desnecessário. In: CARLOS, A. F. A. (Org.) A Geografia na sala de aula. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2006. p. 34 – 49.

SANTOS, M. Técnica, Espaço, Tempo: globalização e Meio Técnico-Científico Informacional. 5. ed. São Paulo: EDUSP, 2008. 176 p.	123 124
SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. O Brasil: território e sociedade no início do século XXI. 12. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008. 473p.	125 126
VESENTINI, J. W. Educação e ensino da geografia: instrumentos de dominação e/ou de libertação. In: CARLOS, A. F. A. (Org.) A Geografia na sala de aula. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2006. p. 14 – 33.	127 128 129 130 131

Como se pode notar, o texto, em sua abrangência, presume, de maneira semelhante ao texto ilustrado em (1), características que o aproximam do artigo científico, o que fica especialmente evidente pela divisão do texto em subseções intituladas “Introdução” (ℓ. 1), “Desenvolvimento” (ℓ. 24), “Considerações finais” (96) e “Referências bibliográficas” (ℓ. 116).

Desse modo, de acordo com os procedimentos acima delineados, definimos o quantitativo de 47 textos (29 produzidos por alunos de Letras Português e 18 elaborados por acadêmicos de Pedagogia) componentes do segundo grupo de artigos de opinião que constitui o *corpus de estudo* desta pesquisa.

2.3 O contexto institucional

O *campus*²⁵ Floresta da Universidade Federal do Acre, no qual desenvolvemos nossa pesquisa, está situado na cidade de Cruzeiro do Sul, localizada no interior do Acre, Amazônia ocidental brasileira. Cruzeiro do Sul é a segunda maior cidade do estado do Acre e a mais desenvolvida do Vale do Juruá,²⁶ lugar que tem uma das maiores biodiversidades do planeta e uma diversidade social muito grande: além dos seringueiros, ribeirinhos e as populações

²⁵Atualmente a Universidade Federal do Acre é constituída por três *campi*: *câmpus* sede, situado em Rio Branco, *câmpus* Floresta, em Cruzeiro do Sul, e *câmpus* Fronteira, em Brasiléia.

²⁶ Segundo a divisão geopolítica do estado do Acre, denomina-se *Vale* ou *Região do Juruá* a área geográfica que abrange os municípios de Cruzeiro do Sul, Mâncio Lima, Rodrigues Alves, Marechal Thaumaturgo e Porto Walter, situados no Acre, e os municípios de Ipixuna e Guajará, situados no estado do Amazonas, os quais são margeados pelo rio Juruá, principal rio da região, exceto Mâncio Lima, que é circundada pelo rio Môa, importante afluente do Juruá.

urbanas, há catorze grupos de indígenas, como os Ashaninka, Kampa, Kaxinawá, Jaminawa Nukini, Nawa, Kontanawa, Hunikui etc.

Nesse contexto amazônico, emerge o *campus* Floresta (Fotografia 1), o primeiro *câmpus* a funcionar regularmente fora da sede, Rio Branco, a partir de 1989, ano de sua fundação em Cruzeiro do Sul, com a instalação do curso de Letras Português. Desde então se constituiu como um marco no desenvolvimento socioeconômico, educacional e cultural da região, uma vez que sua implantação possibilitou a formação de centenas de profissionais para atuarem, principalmente, na rede básica de ensino do município e das demais adjacências, contribuindo, assim, significativamente na melhoria da qualidade da educação da região, dentre outros aspectos. Ademais, sua importância reside também no fato de que, sendo o único *câmpus* de uma universidade pública na região, acolhe alunos de todos os municípios que compõem a região do Juruá, sendo por isso considerado como um polo de conhecimento da região e Cruzeiro do Sul, como cidade universitária. Isso tornou possível alimentar o sonho de uma melhor formação para centenas de jovens que até então se viam limitados em suas perspectivas de crescimento profissional.



Fotografia 1 – Vista área do *Câmpus Floresta*
Fonte: UFAC

Atualmente o *câmpus*²⁷ encontra-se em plena expansão e abriga 11 cursos regulares de graduação: Ciências Biológicas Bacharelado, Ciências Biológicas Licenciatura, Direito, Enfermagem, Engenharia Agrônômica, Engenharia Florestal, Formação Docente para Indígenas, Letras Espanhol, Letras Inglês, Letras Português e Pedagogia. Abriga também os cursos de licenciatura em Pedagogia, Ciências Biológicas, Letras Português e Geografia na modalidade presencial do Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR), implementado no segundo semestre de 2013. Quanto à sua organizacional, é constituído por uma subprefeitura que administra o *câmpus* e por dois centros, quais sejam: Centro Multidisciplinar (CMULTI), responsável pelas áreas exatas, e Centro de Educação e Letras (CEL), que abrange as licenciaturas da área das humanas.

²⁷ De acordo com o Núcleo de Registro e Controle Acadêmico (NURCA), no primeiro semestre de 2019 foram matriculados 1849 alunos nos onze cursos que funcionam no *câmpus Floresta*.

Quanto aos cursos envolvidos em nossa pesquisa, o curso de Letras Português, conforme mencionado, foi o primeiro curso implantado em Cruzeiro do Sul, uma vez que, naquela época, era o único curso com condições de funcionar fora do *câmpus* sede, Rio Branco. O curso de Pedagogia, por sua vez, foi o segundo curso a ser instalado no *câmpus*, em 1992. Desde então, esses cursos²⁸ vêm contribuindo significativamente na formação de profissionais que atuam nos sistemas de ensino da rede pública e privada do Vale do Juruá e, em consequência disso, na melhoria da qualidade da educação e no desenvolvimento dessa região. Atualmente estão vinculados ao CEL e contam com 36 professores (sendo 15 professores de Letras Português e 21 de Pedagogia) entre doutores, mestres e graduados, os quais desenvolvem atividades de ensino, pesquisa e extensão, centradas, sobretudo, nos aspectos linguístico, literário e educacional desse contexto amazônico. Desse modo, contribuem com a formação de sujeitos que se inserem nessa realidade local, situada numa região de muitas fronteiras geográficas e culturais.

Diante dessa realidade, torna-se relevante investigar as dificuldades que os alunos em formação inicial têm para produzir textos, uma vez que tais dificuldades se caracterizam como um problema que afeta um alto quantitativo deles em muitas práticas discursivas, tornando-se um agravante para a atividade de produção de textos.

Nesse sentido, consideramos que uma pesquisa que caracterize as práticas de produção de textos desses acadêmicos se torna bastante significativa. Primeiramente, permite compreender mais especificamente em que pontos do processo de construção textual residem suas dificuldades. Em segundo lugar, possibilita propor, a partir dos resultados alcançados, algumas reflexões acerca das perspectivas curriculares para a formação inicial e continuada de

²⁸ Recentemente a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) aprovou os dois primeiros mestrados do *câmpus* Floresta “Ensino de Humanidade e Linguagem” e “Ciências da Natureza”, além de três especializações (*lato sensu*) na modalidade presencial e à distância “Educação de Jovens e Adultos”, “Educação do Campo” e “Estudos Linguísticos e Literários”. Essas conquistas resultam do empenho e compromisso dos docentes com o desenvolvimento educacional do Vale do Juruá.

professores de Língua Portuguesa, por meio de implementação de proposta de ensino que contemple o processo de organização tópica, pois entendemos que, do mesmo modo como os outros conhecimentos envolvidos na compreensão e produção de texto, seja indispensável ao professor orientar sobre esse processo, como modo de desenvolver nos alunos a habilidade na elaboração do chamado “projeto de texto”.

Dessa forma, acreditamos que a pesquisa aqui proposta pode contribuir na qualidade da formação dos acadêmicos e, por conseguinte, na melhoria do ensino de uma região com muitas fragilidades nos campos técnico-científico e econômico, que ainda sofre, em pleno século XXI, com o isolamento geográfico e com as limitações de interação acadêmica, sendo muitos os desafios impostos por essa realidade para que a tarefa de produzir, sistematizar e difundir conhecimentos possa ser cumprida. A consciência desses desafios, por sua vez, exige que ações e políticas de *ensino*, *extensão* e *pesquisa*, em todas as suas dimensões, sejam formuladas, implementadas e fortalecidas com base na realidade acreana, contudo, sem prejuízos aos princípios que constituem o arcabouço do padrão científico. É, portanto, nesse contexto singular que situamos nossa pesquisa.

CAPÍTULO III: Análise dos Dados

Neste capítulo, iniciamos a terceira parte da tese, que constitui uma análise do processo de organização tópica no gênero artigo de opinião. Nesta parte da tese, propomos uma análise dos dois níveis de funcionamento desse processo – organização intertópica e intratópica –, procurando demonstrar comparativamente as regularidades identificadas em um *corpus* constituído de artigos de opinião padrão (*corpus* de referência) e de artigos de opinião produzidos por alunos (*corpus* de estudo), conforme definido no capítulo Metodologia da Pesquisa.

Desse modo, organizamos o presente capítulo em duas partes primordiais: na primeira parte (seção 3.1), analisamos os artigos de opinião veiculados em jornais, concebidos em nosso estudo como artigos padrão, com o propósito de identificarmos as características do processo de organização tópica desse gênero, em ambos os níveis inter e intratópico; na segunda parte (seção 3.2), empreendemos a análise dos artigos de opinião dos estudantes, comparando-os com os artigos de opinião padrão, para depreender possíveis similaridades e diferenças em relação a esse padrão e, assim, identificar possíveis domínios e deficiências dos alunos quanto a essa prática de produção textual.

3.1 A Organização Tópica em Artigos de Opinião Padrão

A análise aqui sintetizada refere-se à descrição da organização tópica de artigos de opinião publicados em jornais, componentes de nosso *corpus* de referência, conforme definido anteriormente no capítulo de metodologia. Esta seção destina-se, portanto, à apresentação e discussão dos resultados de nossa investigação no que se refere à identificação de traços particularizadores do processo padrão de organização tópica do gênero artigo de opinião. Na

seção 3.1.1, analisamos a organização intertópica e, em 3.1.2, analisamos a organização intratópica desses artigos padrão.

3.1.1 A organização intertópica em artigos de opinião padrão

Em relação ao nível de organização intertópica, nossa pesquisa mostrou que foi a presença de *complexidade intertópica* que se manifestou como o traço particularizador do gênero investigado, dado que cada artigo de opinião analisado não é constituído apenas por um único tópico discursivo, mas, ao contrário, organiza-se mediante a divisão de um tópico global em SbTs mínimos. Tal constatação pode ser considerada como uma das particularidades da organização tópica dos artigos de opinião prototípicos, na medida em que, conforme vem sendo demonstrado em trabalhos na GTI, os gêneros podem se diferenciar uns dos outros, no que diz respeito à organização intertópica, por exibirem, como regra geral, unicidade (quando, em geral, cada texto contém um único tópico discursivo, sem divisão em SbTs) ou complexidade intertópica (quando normalmente cada texto possui um tópico global que se divide em SbTs).

Penhavel e Guerra (2016), por exemplo, em estudo sobre editoriais paulistas de jornais oitocentistas atestaram que esse gênero, via de regra, se caracteriza pela presença de complexidade intertópica. Valli (2017), ao analisar dissertações escolares, também constatou a presença dessa característica nesse gênero. Do mesmo modo, pudemos verificar tal característica nos artigos de opinião, visto que todos eles se organizam mediante a divisão de um tópico global em SbTs mínimos.

Já cartas de leitores, conforme analisadas em Guerra e Penhavel (2010) e em Oliveira (2016), ilustram, por outro lado, um gênero que se diferencia dos artigos de opinião padrão quanto à organização intertópica, uma vez que, em geral, cada carta de leitor é constituída somente de um único tópico discursivo, materializado em apenas um SegT mínimo. Zanin

(2018) também atesta a unicidade intertópica como uma característica de cartas de redatores oitocentistas.

Uma vez identificada a propriedade da complexidade intertópica no gênero investigado, analisamos, nas seções seguintes, os planos da organização intertópica hierárquica (seção 3.1.1.1) e da organização intertópica sequencial (seção 3.1.1.2).

3.1.1.1 A organização intertópica hierárquica

No que diz respeito à hierarquização tópica – que consiste na instauração de relações de dependência de superordenação e subordenação entre tópicos em termos do grau de abrangência do assunto –, analisamos, como definido acima, o *grau de complexidade hierárquica* característico do gênero. Para proceder a essa análise, verificamos, em cada artigo, (i) a quantidade de SbTs mínimos (expressos em SegTs mínimos) e (ii) a quantidade de QTs.

A seguir, apresentamos informações acerca da quantidade de SbTs mínimos por artigo de opinião apurados em nosso *corpus*:

Quadro 1: Dados sobre a divisão de artigos de opinião padrão em SbTs mínimos

Quantidade de SbTs mínimos por artigo de opinião	Percentuais e quantitativos de ocorrências no <i>corpus</i>
3	50 % (10/20 casos)
4	10% (2/20 casos)
5	20% (4/20 casos)
6	5% (1/20 casos)
7	5% (1/20 casos)
8	5% (1/20 casos)
9	5% (1/20 casos)

O Quadro 1, ao mostrar o traço da complexidade intertópica na totalidade dos 20 artigos analisados, evidencia a constatação acima apontada de que tal traço constitui uma das propriedades caracterizadoras do gênero artigo de opinião nesse nível de análise tópica. Essa

constatação configura-se, então, como indicação da existência de um princípio caracterizador da organização intertópica do gênero em estudo.

Identificamos que, na maior parte das vezes (50% dos casos), os artigos de opinião dividem-se em três SbTs mínimos. Outros casos significativos apurados no *corpus* apontam que os artigos podem constituir-se de cinco SbTs mínimos (20% dos casos), quatro (10% dos casos) e seis, sete, oito ou nove SbTs mínimos (5% dos casos para cada uma dessas três últimas possibilidades). Verificamos também que os casos menos frequentes incidem sobre a divisão dos tópicos globais em seis, sete, oito e nove SbTs mínimos (5% dos casos).

Esses dados indicam que é possível reconhecer uma certa regularidade quanto ao grau de complexidade da organização intertópica hierárquica dos artigos investigados. É verdade que há uma boa diversidade de possibilidades, na medida em que encontramos desde artigos com três até artigos com nove SbTs mínimos. Porém, metade dos artigos (50%) encaixa-se em um mesmo tipo, que são artigos com três SbTs mínimos. O segundo tipo mais recorrente é o artigo com cinco SbTs mínimos (20%). Só esses dois tipos juntos (artigos com três e cinco SbTs) passam a reunir 70% dos casos analisados, percentual já mais expressivo do universo analisado.

Como a divisão do artigo em três e a divisão em cinco SbTs são tipos de estruturas relativamente próximas (tendo em vista todas as possibilidades encontradas) e como a divisão do artigo em quatro SbTs mínimos encontra-se entre essas duas opções, parece-nos pertinente pensar que esses três tipos juntos (artigos com três, quatro e cinco SbTs) representem um núcleo mais comum de divisão do artigo em SbTs mínimos, o que agruparia o percentual ainda mais expressivo de 80% dos artigos. A divisão em seis ou mais SbTs mínimos já começaria a se distanciar desse núcleo mais típico. E, de fato, essa interpretação encontraria respaldo em achados acerca de outro gênero semelhante ao artigo de opinião, no caso, o editorial de jornal. Na pesquisa de Garcia (2018), em 100% dos casos investigados, os editoriais dividem-se em

dois, três ou quatro SbTs mínimos. Desse modo, parece-nos realmente possível reconhecer a presença de um padrão em termos de divisão dos artigos em SbTs mínimos.

Para efeito de exemplificação, analisamos o artigo de opinião em (12),²⁹ que ilustra o caso de complexidade intertópica hierárquica mais recorrente identificado em nosso *corpus*, isto é, aquele em que o artigo de opinião é composto por três SbTs mínimos.

(12) A pintura da paisagem para o golpe

[SbT mínimo 1: *Divulgação apenas de notícias boas e favoráveis ao impeachment*]

Há alguns dias, o Brasil começou a parecer **um país agradável** nos telejornais, especialmente no Jornal Nacional, **notícias amenas** e apresentadores serenos. **Os jornais** deixaram de falar de uma paisagem devastada e começaram a dar **notícias boas**: “**Cresce o otimismo com a economia**”, anunciou o **Datafolha** divulgando **uma pesquisa** pouco convincente, tanto em **aspectos políticos como econômicos**. Agora, 50% querem que Temer fique, contra 32% que preferem a volta de Dilma. Em abril o instituto apurou que a maioria não queria Dilma nem Temer. 61% aprovavam o **impeachment** dela, e 58% o dele. Alguma fada deve estar protegendo Temer porque nada mudou no cenário que justifique tal guinada do sentimento popular. Nesta terça-feira, por sinal, **ele** deu um prazo de 20 dias para que seus ministros da área econômica apresentem **medidas** para estimular o **crescimento**. Tal prazo termina quando? Em agosto, ora, bolas. E tem a **Olimpíada**, que absorverá **muita luz** nas próximas semanas, deixando em segundo plano os problemas reais. Não há dúvida: começou a **ser pintado**, com cores suaves, **um quadro de otimismo** para favorecer a **consumação final do golpe** revestido de **impeachment** em agosto. Uma pintura em aquarela, com **muita cor borrada e pouca nitidez das formas**.

[SbT mínimo 2: *Crescimento do otimismo econômico*]

Na política, o **Governo** emplacou Rodrigo Maia na presidência da Câmara para tocar sua agenda conservadora, começando pela PEC que aprisiona o **crescimento** do gasto público no índice da inflação e pela reforma previdenciária. Da agenda de agosto Temer tratará esta noite num jantar com Rodrigo e Renan Calheiros, presidente do Senado. Quando o Congresso reabrir, no início de agosto, Meirelles e sua equipe estarão apresentando **medidas pró-crescimento**. Se elas fossem de fato possíveis e viáveis, já estariam sendo aplicadas, não estaria o governo perdendo um precioso tempo. Não importa o recheio do bolo, importa que tenha **um glacê vistoso**, que agora começará a **ser preparado com muito açúcar**.

Até o **FMI** apareceu neste início de semana informando que a **recessão** pode acabar sendo **alguns décimos menores este ano**, em relação ao que previra, e que em 2017 haverá **crescimento**, ainda que seja apenas de 0,5%. Mas nada como o **Datafolha**, ao informar que **os otimistas com a economia** são 38%, contra 30% de pessimistas. E numa contradição com os 60% que esperam aumento da inflação e do desemprego. Mas o que importa é a **manchete**, e ela falou de **aumento do otimismo econômico**.

Na linha do **otimismo**, apesar da inflação, do desemprego e do paradeiro nos negócios, fomos também informados de que:

- A **Caixa Econômica Federal** voltará a **financiar imóveis** para a classe média.
- Temer pediu à equipe econômica que **reduza os juros**.
- As **exportações** podem ter **um superávit** de US\$ 46,934 bilhões na **balança comercial** deste ano.
- Segundo a CNI, o **Índice de Confiança do Empresário Industrial** teve a **terceira alta seguida** em julho, passando de 45,7 pontos para 47,3.

²⁹ Nesta seção, na transcrição de todos os exemplos, as unidades linguísticas em destaque reportam-se aos principais referentes concernentes entre si que manifestam a propriedade da centração tópica.

– Segundo o Credit Default Swap (CDS), com a posse de Temer **o risco Brasil caiu** 38
significativamente, passado de 495,09 pontos em dezembro passado para 294,35 neste mês de julho. 39

[SbT mínimo 3: *Cenário ideal para a confirmação do golpe*]

Muito mais pode ser encontrado numa garimpagem do noticiário econômico. Enquanto 40
isso **os congressistas** aproveitam **as férias** e voltarão para trabalhar três dias por semana em 41
agosto. No Senado, depois deste banho de cheiro e otimismo, será mais fácil confirmar **a** 42
condenação de Dilma. A democracia? Seria problema se houvesse milhões nas ruas cobrando 43
respeito ao voto, como na Turquia, mas **aqui** tudo segue **na santa paz dos trópicos**. **O golpe** não 44
foi feito **com tanques**, o que gera **indignação** e **revolta**, mas **com leis**. **Leis retorcidas** e 45
interpretações convenientes, mas **com leis**. E **isso** gera **resignação** e não revolta. (*Página 20*, 46
19.07. 2016). 47

De acordo com nossa análise, o artigo de opinião acima apresenta o tópico global *Preparação de quadro otimista para consumação do golpe final do impeachment*. Observe-se que, ao longo de todo artigo, são construídas expressões referenciais e enunciados, que se entrelaçam, estabelecendo referências em torno desse tópico, conforme se pode verificar nas seguintes expressões: “notícias boas” (ℓ. 3), “otimismo com a economia” (ℓ. 4), “medidas pró-crescimento” (ℓ. 20), “haverá crescimento” (ℓ. 25-26), “As exportações podem ter um superávit” (ℓ. 34), “o Índice de Confiança do Empresário Industrial teve a terceira alta seguida” (ℓ. 36-37) e “o risco Brasil caiu” (ℓ. 38).

O primeiro tópico (ℓ. 1-39) é dedicado a introduzir a situação-problema, indo de uma apresentação de notícias e dados agradáveis até uma sutil crítica à preparação de um cenário favorável ao impeachment. Assim, convencionamos intitular esse primeiro tópico (tópico 1) como *Delineamento de cenário otimista para impeachment*. Considerando-se as cadeias de referentes, é possível perceber seus limites e a abrangência de seus tópicos, levando-nos a reconhecer que esse tópico se subdivide em outros dois, mais específicos: tópico 1.1 (SbT mínimo 1) e tópico 1.2 (SbT mínimo 2).

No SbT mínimo 1 (ℓ. 1-15), identificado como *Divulgação apenas de notícias boas e favoráveis ao impeachment*, os enunciados confluem para a projeção de um cenário otimista de consumação do golpe final, ou seja, o *impeachment* da então presidente Dilma Rousseff. No

início do desenvolvimento desse SbT, destaca-se o papel dos telejornais, sobretudo, o Jornal Nacional, na divulgação de notícias boas que favoreceriam a projeção de tal cenário. Isso pode ser observado, por exemplo, nas linhas 1 e 2. No decurso do desenvolvimento desse SbT, enfatiza-se uma série de fatos que corroboram a projeção de cenário otimista para *impeachment*, manifestados por meio de um conjunto de enunciados que instauram a propriedade da concernência em torno desses fatos, como se percebe em “Cresce o otimismo com a economia, anunciou o Datafolha” (l. 3-4), “seus ministros da área econômica apresentem medidas para estimular o crescimento” (l. 9-10) e “um quadro otimista” (l. 13). Por fim, esboça-se uma inteligente crítica à projeção de tal cenário “uma pintura de aquarela” (l. 14), “com muita cor borrada e pouca nitidez nas formas” (l. 14-15)

O trecho que se estende da linha 16 a 39, desenvolve o segundo SbT mínimo, que rotulamos como *Crescimento do otimismo econômico*. Nesse trecho, discutem-se as medidas, tanto em termos políticos como econômicos, propostas pelo governo em busca de apoio popular e legitimidade que endossariam a preparação de um quadro otimista para o *impeachment*. Pode-se verificar, na integração dos enunciados do trecho em pauta, a alusão a um conjunto de referentes, concernentes entre si, que instauram a propriedade da centração em torno do referido subtópico, o que se vê, principalmente, em enunciados como “o FMI apareceu neste início de semana informando que a recessão pode acabar sendo alguns décimos menores este ano” (l. 23-24), “os otimistas com a economia são 38%, contra 30% de pessimistas” (l. 25-26), “a Caixa Econômica Federal voltará a financiar imóveis” (l. 32), “Temer pediu à equipe econômica que reduza os juros” (l. 33).

Por fim, o excerto da linha 40 a 47 compreende o tópico 2, desenvolvido no SbT mínimo 3, que intitulamos como *Cenário ideal para a confirmação do golpe*. No desenvolvimento desse SbT, demonstra-se o cenário ideal para a confirmação do golpe, que

contaria com o consentimento da população, destacando que o golpe seria o resultado de interpretações convincentes de leis postas ao avesso, o que geraria o sentimento de resignação. O delineamento desse cenário manifesta-se, então, por meio da formulação de um grupo de referentes que estabelecem a concernência entre os enunciados, conforme se pode observar nas seguintes passagens: “No Senado, depois deste banho de cheiro e otimismo, será mais fácil confirmar a condenação de Dilma” (l. 41-42), “aqui tudo segue na santa paz dos trópicos” (l. 44), “O golpe não foi feito com tanques” (l. 44-45), “mas com leis” (l. 45), “E isso gera resignação” (l. 46).

A organização intertópica do artigo de opinião em (13), em que o tópico global se subdivide em dois tópicos mais específicos, um dos quais se subdivide em outros dois mais específicos ainda, pode ser representada conforme o esquema a seguir:

(13) Tópico global: *Preparação de quadro otimista para consumação do golpe final do impeachment*

Tópico1: *Delineamento de cenário otimista para impeachment*

Tópico 1.1 (SbT mínimo 1): *Divulgação apenas de notícias boas e favoráveis ao impeachment* (l. 1-15)

Tópico 1.2 (SbT mínimo 2): *Publicação de dados apontam o aumento do otimismo econômico* (l. 16-39)

Tópico 2 (SbT mínimo 3) : *Cenário ideal para a confirmação do golpe* (l. 40-47)

Seguindo nossa análise, observe-se o exemplo em (14) que descreve um artigo de opinião dividido em quatro SbTs mínimos:

(14) Nossos terrores!

[SbT mínimo 1: *Medo e incertezas decorrentes da violência urbana*]

Atualmente, o mundo experimenta os terrores das múltiplas patologias, miríades mesmo. Vivemos o século das doenças endêmicas. No Brasil, nas grandes e pequenas cidades, **o medo** do futuro e suas dúvidas é a mais subjetiva de todas as doenças, porque é adventícia, pois que toma de assalto o nosso interior. **Medo e pavor**, notadamente da **violência urbana**, em todos os **segmentos sociais**, atormentando a alma cansada dos sobreviventes desse **caos social**. “Saio de casa pela manhã, mas não sei se volto vivo à noite”. É a máxima que ecoa no seio das famílias de Norte a Sul neste país. Aforismo que reflete as **incertezas de segurança**, da própria vida, por exemplo, dos policiais e de suas famílias. São os **nossos terrores** de nos vermos assaltados,

1
2
3
4
5
6
7
8

estuprados, assassinados a qualquer momento, por motivos banais. Se é que há motivo superior para ceifar a vida do próximo! **Apreensão, medo ou susto**, são termos eufêmicos diante **dessa situação** que espanta, amedronta e **aterroriza o mundo de hoje**.

[SbT mínimo 2: *Falência do sistema penal brasileiro*]

É torturante, igualmente ter que aceitar essa **situação insolúvel do sistema penal** no Brasil. O tempo passa e a **questão carcerária** se **agrava** mais e mais, a exemplo de outros **problemas sociais** que nos afligem diariamente sem que tenhamos, na condição de sociedade organizada, **uma solução** pelo menos plausível que nos garanta o mínimo de confiança nas instituições que administram o erário, e olha que não é pouco o que se arrecada, através duma política tributária opressora, da já quebrada economia do cidadão comum. Sei que existem especialistas da área que tentam explicar, os **inexplicáveis motivos** que geram essa **superlotação dos presídios** que fazem estourar a todo o momento, aqui e lá, nas “**casas de detenções**” **motins** que quase sempre acabam em **mortes**. **Estatísticas recentes**, falam que o **Brasil tem a quarta maior população carcerária do mundo**. São mais de 550 mil presos e, dizem, que há quase o mesmo número do lado de fora, isto é, zanzando por aí em meio aos cidadãos, que deveriam cumprir pena, por algum **delito cometido**, e não cumprem pela **falta de espaço nos presídios**.

[SbT mínimo 3: *Decadência moral*]

Outro câncer, com avanço inexorável, é o **cataclismo MORAL**, que coloca por terra os **bons costumes**, ainda necessários para uma boa convivência social. **Valores** que, questionados à luz de teorias sem qualquer senso ético, feneceram dando vida **a esta situação desmoralizante**. Como se não bastassem o cataclismo geológico e as profundas mudanças climáticas, bem como as epidemias quase incontroláveis, que assolam o mundo aqui e ali; Como se não bastassem à exaustão da terra madre que somados a escassez de recursos naturais, derivados do petróleo e de outras matérias-primas tornam a vida nossa de cada dia mais difícil. Além de **todas essas desgraças**, temos que viver com **a decadência mental e moral** causada, especialmente, pelo **mundo urbano** cujo carro-chefe é **a desordenada vida sexual; o consumismo exagerado** e; a entrega globalizada **da juventude** as **drogas alucinógenas**.

[SbT mínimo 4: *Delinquência juvenil*]

O **desmoronar da moral** pode ser percebido, por exemplo, entre **os jovens** dos tempos pós-modernos. O **jovem** atualmente é **portal do crime**. Todos os dias surgem dos quatro cantos do mundo, **relatos lamentáveis** sobre: homicídios, assaltos à mão armada, lesões corporais e tráfico de drogas envolvendo diretamente **crianças e adolescentes**. Na realidade só estou reverberando um clamor geral no que toca **o assunto da delinquência juvenil**, da prostituição e exploração de **crianças e adolescentes**. O que se configura, se providências não forem tomadas, **numa ruína** total da maioria **da juventude**, pois se constata por pesquisa de toda ordem que hoje no Brasil, 99% dos **crimes** são praticados ou tem **os adolescentes e jovens** como protagonistas. Assim, **essa tragédia moral** se radicaliza, perversamente, na corrupção de segmentos da política partidária. Essa praga, a corrupção, é a campeã dos **nossos terrores!** (*A Gazeta*, 19.08. 2016).

O tópico global deste artigo de opinião foi intitulado como *Temores do mundo de hoje*.

As referências a esse tópico distribuem-se por todo o artigo e podem ser atestadas por meio de expressões como “Medo e pavor” (ℓ. 4), “violência urbana” (ℓ. 4), “Apreensão, medo ou susto” (ℓ. 10), “a questão carcerária se agrava” (ℓ. 13), cataclismo MORAL” (ℓ. 24), “decadência mental e moral” (ℓ. 31), ““delinquência juvenil” (ℓ. 38) e “nossos terrores” (ℓ. 43).

Esse tópico se subdivide em quatro SbTs mínimos (que podem ser evidenciados, sobretudo, pelas passagens destacadas em negrito no decorrer do artigo) mais específicos, e neste caso, cada um deles corresponde a um SubT mínimo, sem mais subdivisões: (i) *Medo e incertezas decorrentes da violência urbana*; (ii) *Falência do sistema penal brasileiro*; (iii) *Decadência moral* e (iv) *Delinquência juvenil*.

A seguir, em (15), esquematizamos a representação da organização intertópica do artigo de opinião em análise:

(15) Tópico global: *Temores do mundo de hoje*

Tópico1 (SbT mínimo 1): *Medo e incertezas decorrentes da violência urbana* (ℓ. 1-11)

Tópico 2 (SbT mínimo 2): *Falência do sistema penal brasileiro* (ℓ. 12-23)

Tópico 3 (SbT mínimo 3): *Decadência moral* (ℓ. 24-333)

Tópico 4 (SbT mínimo 4): *Delinquência juvenil* (ℓ. 34-43)

Observe-se, a seguir, em (16), também a título de exemplificação, um artigo de opinião cuja composição abrange cinco SbTs mínimos:

(16) Concepção negativa da pobreza

[SbT mínimo 1: *Pobreza espiritual: a maior de todas as pobreza*s]

Nutro aversão aos discursos articulados e políticos em relação à **pobreza** material das pessoas. Tenho consciência da delicadeza do tema e da condição de vida que a **pobreza** material imputa à humanidade. Há, todavia, ao lado dessa chaga social, a **pobreza espiritual** que **empobrece**, vilmente, o mundo dos pobres e dos ricos.

Acredito, no sutil entendimento de pessoa humana, ser a **pobreza espiritual a maior de todas as pobreza**s. Tem-se, aqui, a vilania, a covardia e a desnudez disfarçadas sob um **véu de falsidade**, de **fraquezas**, de opções de vida que envergonham a nós seres humanos, nascidos no seio de uma família e participantes do corpo social da comunidade.

Esses “**pobres espirituais**” agem segundo os **interesses pessoais** mais **escusos**, atropelam o código da ética, da moral, do trabalho e do convívio social. São **figuras** que ocupam espaços, que tomam como seus, dentro do corpo social, como a **lei a serviço dos interesses pessoais**. Lidar com **essas “criaturas”** é uma questão para a psicologia, a sociologia, às ciências médicas ou para as leis penais. Pois se trata, na verdade, senão de atos criminosos, pela infâmia como são praticados, mas de **uma anomalia** que o Estado de Direito deve olhar com certa urgência, para assegurar direitos fundamentais à sociedade.

[SbT mínimo 2: *Valor humano*]

Valor humano – no mundo globalizado, um dos temas que vem merecendo articulados discursos é justamente aquele referente à **concepção negativa** que se tem de pobreza e o **menosprezo que a sociedade tem pelos pobres**. Aqui, o **homem** passa a **valer pelos bens**

materiais que possui e não pela pessoa humana que é. Ou ainda, **pelo peso político** que representa **no corpo social** e não por sua presença enquanto cidadão no seio da sociedade. Assim, em termos de uma definição, no sentido de existência e de ressurreição social, para a prosperidade econômica e a sociedade de consumo, a **pobreza** é percebida como **um eco** ou expressão de uma **condição humana degradante**.

[SbT mínimo 3: *Tradição cristã*]

A **tradição cristã** – estudos recentes, realizados em países desenvolvidos, demonstram que **essa** atitude humana de olhar a pobreza, sob o ponto de vista material, constitui **uma ruptura** com toda a concepção pré-industrial da pobreza, particularmente na idade Média. A **tradição cristã** e todas as **grandes religiões** fizeram da **pobreza** um **estatuto de santificação**, enquanto a riqueza não era um valor nos antigos modelos socioculturais. Só bem mais tarde a noção de assistência é substituída pelo da integração.

Essa mudança não é apenas semântica, pois procura integrar, na pluralidade da realidade social, a ideia de **um “direito”** a uma **vida decente**, que a **democracia** deve assegurar a **todo cidadão**. Essa reivindicação de novos direitos e novas formas de solidariedade inscrevem-se no **aprofundamento da noção de direitos do homem**.

[SbT mínimo 4: *Condição humana humilhante*]

Condição humana humilhante – a **pobreza** como um sigma, leva à Sociologia a afirmar que **ela** evoca **uma condição humana humilhante**. Nesse sentido, distinguem-se três níveis de **pobreza**, que formam ciclos concêntricos: 1) primeiro, aquele que inclui **todos os pobres**, qualificados em relação ao seu baixo nível de renda; 2) segundo aquele que reagrupa os pobres que se beneficiam de certa alocação social; 3) terceiro, o reúne os que recebem, ocasionalmente uma alocação, mas ao mesmo tempo são considerados como **pessoas depravadas e malformadas**. O **estigma da degradação**, de maneira tradicional, confunde a **pobreza** com a prática de atos ilícitos. Uma vida fundada sobre a **exclusão social** constitui a **verdadeira definição da pobreza**.

[SbT mínimo 5: *Desvalorização do professor*]

Pelas ideias aqui postas e por outras implícitas, no texto de hoje, compreende-se a importância de uma **luta contra** todas as **formas de exclusão**, numa sociedade que deve defender a verdadeira eficácia dos “Direitos do Homem”. E todas essas “coisas”, **mazelas do cotidiano**, passam por um **processo educacional**. Assim, **pobre** é também **a nação** que **despreza os professores**. (*A Gazeta*, 03.07. 2016).

A análise do exemplo (16) revela que o tópico global do artigo de opinião em questão pode ser definido como *As várias faces negativas da pobreza*. Note-se que a concernência em torno dessa ideia pode ser identificada em passagens como “ser a pobreza espiritual a maior de todas as pobreza” (ℓ. 5-6), “o homem passa a valer pelos bens materiais que possui” (ℓ. 18-19), “da pobreza um estatuto de santificação” (ℓ. 27-28) e “uma vida fundada sobre a exclusão social constitui a verdadeira definição da pobreza” (ℓ. 41-42).

O tópico global, nesse exemplo, divide-se em cinco tópicos, sintetizados como *Pobreza espiritual* (SbT mínimo 1); *Valor humano* (SbT mínimo 2); *Tradição cristã* (SbT

mínimo 3); *Condição humana humilhante* (SbT mínimo 4) e *Desvalorização dos professores* (SbT mínimo 5). Os SbTs mínimos 1, 2, 3 e 4 são desdobramentos de um tópico mais geral, que pode ser denominado de *Percepções negativas da pobreza*.

Esses SbTs centram-se em discutir, cada um, de modo particular, um aspecto negativo da pobreza. Assim, no SbT mínimo 1, o produtor do artigo trata da pobreza espiritual, considerada “a maior de todas as pobrezaas” (l. 8). Em seguida, o SbT mínimo 2 aborda o valor humano, destacando que, no meio social, “o homem passa a valer pelos bens materiais que possui” (l. 25) e que, desse modo, “a pobreza é percebida como um eco ou expressão de uma condição humana degradante” (l. 22-23). O desenvolvimento do SbT mínimo 3 dedica-se à discussão da pobreza pelo viés da tradição cristã, a qual concebia a pobreza “como um estatuto de santificação” (l. 35). O SbT mínimo 4 traz enunciados que discorrem sobre a pobreza como “uma condição humana humilhante” (l. 43), uma vez que remete a “uma vida fundada sobre a exclusão social” (l. 50-51).

Ao final, no SbT 5, argumenta-se de forma genérica a respeito da importância do enfrentamento de todas as formas de exclusão, destacando que todas as mazelas sociais têm uma relação direta com o processo educacional, e, por isso, “pobre é também a nação que despreza os professores” (l. 56-57).

Em (17), demonstramos a hierarquização tópica do artigo em que o tópico global subdivide-se em cinco tópicos, entre os quais, um (o primeiro) subdivide-se novamente, como se pode observar no esquema a seguir:

(17) Tópico global: *As várias faces da pobreza*

Tópico 1: *Percepções negativas da pobreza*

Tópico 1.1 (SbT mínimo 1): *Pobreza espiritual: a maior de todas as pobrezaas* (l. 1-15)

Tópico 1.2 (SbT mínimo 2): *Valor humano* (l. 16-23)

Tópico 1.3 (SbT mínimo 3): *Tradição cristã* (l. 24-33)

Tópico 1.4 (SbT mínimo 4): *Condição humana humilhante* (l. 34-42)

Tópico 2 (SbT mínimo 5): *Desvalorização dos professores* (l. 43-47)

Como discriminado no Quadro 1, as ocorrências menos frequentes identificadas em nosso *corpus* abrangem os casos em que os artigos de opinião são constituídos por seis, sete, oito e nove SbTs mínimos. O exemplo a seguir, em (18), ilustra um desses casos, aquele que envolve o artigo de opinião estruturado em nove SbTs mínimos:

(18)

Bachaqueros

[SbT mínimo 1: *Bachaqueros: nova e próspera profissão diante da crise na Venezuela*]

Bachaqueros' é o **nome venezuelano** para o que conhecemos nestas duas semanas olímpicas como cambistas, mas na realidade venezuelana, **os 'bachaqueros'** são o que conhecemos como **contrabandistas**. Essa é a **"profissão"** que **mais prospera** na **Venezuela** do falecido Hugo Chávez e do atual presidente Nicolás Maduro.

Os 'bachaqueros' são responsáveis em prover **a população venezuelana** de todos **os produtos, medicamentos** e bens que faltam nos supermercados, farmácias e comércio em geral. Eles não se importam se **o produto** é de primeira, segunda ou terceira necessidade. Basta pagar **o valor** do mercado negro que o cliente leva **a mercadoria** imediatamente.

[SbT mínimo 2: *Escassez de produtos básicos de consumo*]

A Venezuela enfrenta **uma escassez de produtos**, medicamentos e bens de todos **os gêneros**. **A população** vive **um colapso** geral e **os produtos alimentícios**, quando existentes, não são **suficientes** para **todos**. Até papel higiênico deixou de existir. Há **escassez** de **produtos** de todos itens de todos gêneros.

[SbT mínimo 3: *Desvalorização da moeda e aumento do preço dos produtos*]

A moeda (bolívar venezuelano) já sofreu **desvalorização** de mais de 100% e **alguns produtos** são vendidos pelos **'bachaqueros'** com **ágio** de 1000%, como é o caso do creme dental. No mercado tabelado pelo governo de Nicolás Maduro, o "creme dental custa 158,98 bolívares (US\$0,15)", mas com **os 'bachaqueros'** o preço é de 1.500,00 bolívares.

[SbT mínimo 4: *Inflação e taxa de juros em alta, Pib em queda*]

A inflação oficial **venezuelana** é de 180,90%, mas o Fundo Monetário Internacional - **FMI**, divulgou estudo afirmando que **ela** será de 700% em 2016 e de 1500% em 2017. **O PIB** oficial terá **queda** em 2016 de 7,10%, mas estudos mostram que será de no mínimo 10%. **A taxa de juros** oficial é de 21,36% para **uma inflação** de 180,90%, ou seja, corresponde a apenas 11,81% **da desvalorização** do poder de compra da **moeda venezuelana**.

[SbT mínimo 5: *Indústria e agricultura em ruína*]

A indústria e a agricultura estão **acabadas**, não existe **produção suficiente** para **o consumo** de toda **a população** e "consultorias venezuelanas afirmam que **o país importa** entre 70% e 80% de tudo o que consome".

[SbT mínimo 6: *Desequilíbrio entre reserva internacional e dívida externa*]

A atual **reserva internacional** é de US\$11,923 bilhões de dólares, sendo que até o final do ano **a Venezuela** deverá pagar US\$8 bilhões de dólares de **juros da dívida externa** que está na casa dos US\$120 bilhões de dólares. Uma equação que irá aumentar ainda mais **a escassez** de todos os produtos de **primeira necessidade**.

[SbT mínimo 7: *Queda do preço do petróleo*]

O **principal produto** de exportação é o **petróleo** que desde 2015 tem **seu preço** em queda livre. Na última sexta-feira (12) o **barril** brent fechou em US\$47,19, sendo que em 1º de junho de 2014, valia US\$112,36. Isso fez com que **os programas** de distribuição da **riqueza** fossem para o **fundo do poço**, passando a levar o **governo** de Nicolás Maduro para a **crise** atual.

[SbT mínimo 8: *Fome e desabastecimento nos supermercados*]

Pessoas estão passando **fome**. **Crianças desmaiam** nas **escolas** por não terem o **que comer** em casa e mesmo o **venezuelano** com dinheiro não consegue comprar **alimentos** no dia em que pode ir **ao supermercado**. É isso mesmo leitor, lá o **governo** criou **um rodízio**, igual ao que existe na cidade de São Paulo para os carros, em que o número final da carteira de identidade diz o dia em que poderá comprar **no supermercado**, mas mesmo nesse dia, o **venezuelano** ao chegar **no supermercado** não tem garantia de que poderá comprar tudo do que precisa, pois não existe **abastecimento**, levando apenas o que tiver **na prateleira**.

[SbT mínimo 9: *Caos na Venezuela propicia os melhores negócios aos bachaqueros*]

Warren Buffett diz que no **caos** se pode fazer **os melhores negócios**. Hoje, na **Venezuela**, existe **um caos**, mas diverso dos negócios de Buffett, **lá prospera os melhores negócios** dos **‘bachaqueros’** contra a **miséria** de **um povo** inocente e que sofre **as maldades** de **um governo** socialista e tresloucado. Que Deus tenha piedade! (*Opinião*, 16.08. 2016).

Neste exemplo, o tópico global pode ser resumido como *Bachaqueros: nova profissão na Venezuela*. As referências a esse tópico construídas ao longo do texto podem ser observadas, por exemplo, por meio de expressões e predicções espalhadas no decorrer de todo o artigo, como “Bachaqueros” (l. 1), “o nome venezuelano” (l. 1), “contrabandistas” (l. 2), “profissão” (l. 2), “que mais prospera na Venezuela” (l. 2), “vendidos pelos bachaqueros” (l. 14) e “negócios dos bachaqueros” (l. 43).

No SbT mínimo 1, discute-se a ideia central que movimenta toda a organização textual-interativa do artigo de opinião em pauta, a qual pode ser vista, principalmente, nas passagens destacadas em negrito na transcrição do artigo.

O segundo, terceiro, quarto, quinto, sexto, sétimo e oitavo SbTs mínimos pormenorizam a ideia inicial lançada a respeito da situação caótica instalada na Venezuela. Cada

um deles, ao manifestar essa ideia, destaca um aspecto em que tal situação se manifesta, conforme se observa nos fragmentos destacados no texto. Sendo assim, percebe-se que tais SbTs decorrem de um mesmo tópico mais amplo, nomeado como *Quadro da situação de calamidade instaurada na Venezuela*.

Por fim, no nono SbT, o produtor do texto tece uma reflexão em torno da situação de caos da Venezuela, argumentando que essa situação de miséria favorece a expansão dos negócios dos bachaqueros: “na Venezuela” (ℓ. 41-42), “lá prospera os melhores negócios dos bachaqueros” (ℓ. 42-43), “a miséria de um povo” (ℓ. 43) e “as maldades de um governo” (ℓ. 43-44).

A seguir, apresentamos a hierarquia tópica do exemplo em (18), cujo tópico global subdivide-se em nove tópicos mais particulares, um dos quais se subdivide em sete mais particulares, conforme o esquema em (19):

(19) Tópico global: *Bachaqueros: nova profissão na Venezuela*

Tópico 1 (SbT mínimo 1): *Bachaqueros: nova e próspera profissão diante da crise na Venezuela*
(ℓ. 1-8)

Tópico 2: *Quadro da situação de calamidade instaurada na Venezuela* (ℓ. 9-40)

Tópico 2.1 (SbT mínimo 2): *Escassez de produtos básicos de consumo* (ℓ. 9-12)

Tópico 2.2 (SbT mínimo 3): *Desvalorização da moeda e aumento do preço dos produtos*
(ℓ. 13-16)

Tópico 2.3 (SbT mínimo 4): *Inflação e taxa de juros em alta, Pib em queda* (ℓ. 17-21)

Tópico 2.4 (SbT mínimo 5): *Indústria e agricultura em ruína* (ℓ. 22-24)

Tópico 2.5 (SbT mínimo 6): *Desequilíbrio entre reserva internacional e dívida externa*
(ℓ. 25-28)

Tópico 2.6 (SbT mínimo 7): *Queda do preço do petróleo* (ℓ. 29-33)

Tópico 2.7 (SbT mínimo 8): *Fome e desabastecimento dos supermercados* (ℓ. 34-40)

Tópico 3 (SbT mínimo 9): *Caos na Venezuela propicia os melhores negócios aos bachaqueros*
(ℓ. 41-44)

Ainda sobre o grau de complexidade da hierarquização tópica em artigos de opinião padrão, nossa pesquisa também compreendeu a análise da quantidade de QTs por artigo.³⁰ Os casos identificados no *corpus* estão sintetizados no Quadro 2:

Quadro 2: Dados sobre QTs em artigos de opinião padrão

Quantidade de QTs por artigo de opinião	Percentuais e quantidades de artigos
1	60% (12/20 casos)
2	40% (8/20 casos)

A primeira coluna do quadro apresenta as diferentes quantidades de QTs por artigo identificadas no *corpus*. Como se pode verificar, não há uma diversificação significativa na quantidade de QTs, dado que os artigos investigados possuem um ou dois QTs.

Na segunda coluna, apresentam-se os percentuais e as quantidades das ocorrências de cada uma das situações identificadas (um ou dois QTs por artigo). Tais dados evidenciam-nos que a maioria dos artigos de opinião apresenta apenas um QT (60% dos casos), ou seja, os artigos, via de regra, são constituídos por um único tópico global (ST) que se desdobra em SbTs, e nenhum destes subdivide-se em outros SbTs ainda mais particulares.

A manifestação menos recorrente (embora também expressiva) incidiu sobre os casos em que o artigo de opinião apresenta dois QTs (40% dos casos), isto é, o caso de um artigo cujo tópico global se desdobra em SbTs particulares, e algum destes subdivide-se em tópicos ainda mais específicos.

Desse modo, é possível notar grande regularidade nos artigos padrão em termos de organização de QTs, na medida em que se pode dizer que 60% dos artigos têm um só QT ou ainda que 100% dos casos têm entre um e dois QTs.

³⁰ Como explicado na seção de Fundamentação Teórica, um QT ocorre sempre que um tópico (ST) se desdobra em outros tópicos mais particulares (SbTs).

A título de ilustração, o artigo em (14), acima ilustrado, mostra um texto com apenas um QT. Já o artigo de opinião em (20) a seguir, assim como aqueles em (12), (16) e (18) acima, é constituído por dois QTs:

(20) Seca do Rio Acre: alerta para todos

[SbT mínimo 1: *Baixo nível do rio Acre: previsões*]

O Rio Acre experimenta um dos períodos de **seca mais severa de sua história**, podendo ultrapassar **o menor nível** a que já chegou, **em 45 anos de medições da Defesa Civil**: 1,50 m, em setembro de 2011. Nesta quinta-feira, 28, **a medição** constatou que a régua marcava 1,52 m. Não há sinais de chuva, **a seca** segue **intensa** e ainda nem se chegou ao período de pico do verão amazônico, que é justamente no mês de setembro.

[SbT mínimo 2: *Confirmação de previsões*]

Assim, vão se **confirmando as previsões dos cientistas e pesquisadores** no assunto. Ainda no mês de março, **o doutor em ciências ambientais e pesquisador da Universidade Federal do Acre (Ufac)**, Foster Brown, já previa que, um ano depois que o Estado viveu uma das maiores cheias, poderia enfrentar **sua pior seca**. Segundo expôs no workshop realizado no Parque Zoológico (PZ) da Universidade Federal do Acre (Ufac), cujo tema foi “Vulnerabilidade à Seca de 2016”, **as observações** dos últimos 15 anos revelam **o aumento** progressivo **da temperatura global**, que continua influenciando nosso clima, associada ao avanço dos **efeitos do fenômeno El Niño**. Daí **a produção** de ondas **de calor** superiores às médias, fatores sentidos nos dias atuais.

[SbT mínimo 3: *Comprometimento da captação de água*]

São dados que devem deixar a todos em estado de alerta, pois **os efeitos do calor e da seca** são **imensuráveis**, com **desastrosas consequências**. **O rio**, por exemplo, é a vida da nossa cidade. Dele depende **o abastecimento de água e os níveis atuais** comprometem **a captação** na mais importante fonte de recurso hídrico de, pelo menos, **nove municípios**, além **de pequenas localidades** que **o margeiam**.

O Departamento Estadual de Pavimentação e Saneamento (Depasa), **órgão** responsável **pela captação**, tratamento e distribuição de água em Rio Branco, está operando **em estado de alerta** e já **abaixo de sua capacidade**, com toda a estratégia de captação readequada para **o momento crítico**.

As torres de captação estão operando com **o apoio de bombas** instaladas sobre **três flutuantes** e como **os sinais de vazante** ainda **são progressivos**, a preocupação só aumenta porque se a tendência apresentada é a de que **a lâmina d’água** está cada vez **mais baixa**, **a captação e a distribuição de água** serão diretamente **afetadas** e **o abastecimento da nossa cidade** depende 100% **do Rio Acre**, pois aquífero, segundo laudos da Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais, não tem viabilidade de exploração.

Essa sazonalidade do nosso rio que, paradoxalmente, atingiu a marca histórica de 18,40 m na cheia de março de 2015, é **um fenômeno** com o qual estamos acostumados, e talvez por isso **os cuidados com o meio ambiente** que deveriam ser **preocupação de todos** durante todo o ano, acabam não sendo tomados.

[SbT mínimo 4: *Estiagem e queimadas*]

Nesse momento, a **ausência de chuva** agrava a **seca** que já está sendo considerada a maior já registrada no Acre. À **estiagem** e à **seca** somam-se as **queimadas** num **desastroso ciclo** em que um fator favorece ao outro, desfavorecendo a **todos nós**.

Além da iminente falta de água, **as crianças e os idosos** são os que mais sofrem com **problemas respiratórios**. A **vazão do rio**, com a alta da temperatura e **baixa umidade do ar**, só aumenta.

[SbT mínimo 5: *Conscientização e tomada de providências*]

O quadro é tão delicado que levou o governador Tião Viana a decretar **situação de emergência no estado**. Mas é preciso haver **consciência coletiva** de que **a responsabilidade** não é apenas do **Poder Público** com seus órgãos todos a serviço da fiscalização, da coerção e da **tomada de providências** que minimizem os **efeitos da estiagem**.

É preciso que **cada pessoa** faça **sua parte**, compreendendo que um gesto pode significar muito ao todo: não desperdiçar **água** e **não riscar o fósforo** que bota **fogo** no **lixo** ou na **mata**, são dois deles. Dos mais importantes.

Deixo para reflexão, um pensamento de Madre Teresa de Calcutá: “O que eu faço é uma gota no meio de um oceano. Mas, sem ela, o oceano será menor”. (*A Gazeta*, 29.09. 2016).

Nesse texto, o tópico global pode ser definido como *A severa seca do rio Acre e seus efeitos*. Esse tópico se desdobra em quatro tópicos particulares, os quais podem ser assim resumidos: (i) *Baixo nível de água do rio Acre*; (ii) *Confirmação de previsões*; (iii) *Efeitos da seca e do calor*; (iv) *Conscientização e providências*. A partir daí o terceiro tópico subdivide-se em outros dois mais específicos: *Comprometimento da captação de água* e *Estiagem e queimadas*.

Essa hierarquização tópica pode ser visualizada na figura abaixo:

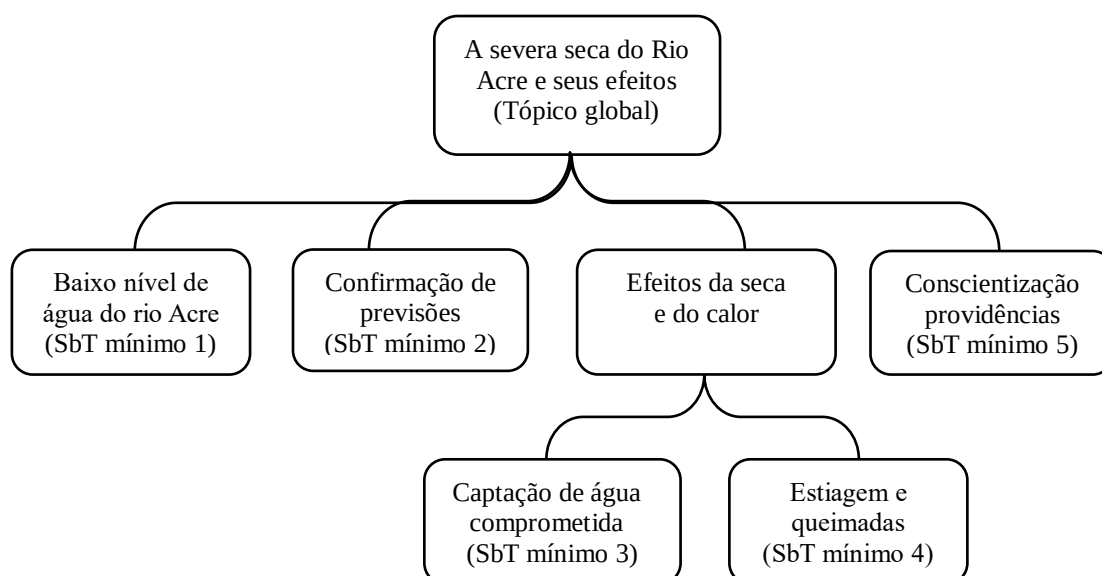


Figura 2: Exemplo de hierarquização tópica com dois QTs

Como se pode notar na Figura 1, o primeiro subtópico do artigo (ℓ. 1-14), nomeado como *Menor nível do rio Acre*, concentra-se em argumentar que o rio Acre enfrenta uma das mais graves secas registrada em sua história e, por conseguinte, atingirá o menor nível de água em 45 anos de medição da Defesa Civil, conforme demonstra este segmento: “o rio Acre experimenta um dos períodos de seca mais severa de sua história, podendo ultrapassar o menor nível a que já chegou, em 45 anos de medições da Defesa Civil” (ℓ. 1-2).

O segundo subtópico do tópico global, circunscrito nas linhas 6-13, discute a *Confirmação de previsões* de pesquisadores no assunto, segundo a qual “um ano depois que o Estado viveu uma das maiores cheias, poderia enfrentar sua pior seca” (ℓ. 8-9), devido “o aumento progressivo da temperatura global” (ℓ. 11-12).

O subtópico seguinte, desenvolvido nas linhas de 14 a 32, trata dos *Efeitos da seca e do calor*, desdobrando-se, então, em dois subtópicos mais específicos ainda, os quais garantem o estreitamento do assunto. Tais subtópicos resultam, respectivamente, nos SbTs mínimos 3 e 4.

O SbT mínimo 3 refere-se a uma consequência desastrosa do calor e da seca, o baixo nível de água do rio Acre, que compromete a captação e o abastecimento de água nas cidades que o margeiam, razão pela qual condensamos esse SbT mínimo como *Comprometimento da captação de água*. É o que atestam, por exemplo, os seguintes enunciados: “os efeitos do calor e da seca são imensuráveis, com desastrosas consequências” (ℓ. 14-15), “os níveis atuais comprometem a captação” (ℓ. 16-17), “de, pelo menos, nove municípios, além de pequenas localidades que o margeiam” (ℓ. 17-19).

Similarmente, no SbT mínimo 4, desenvolvido nas linhas de 33 a 38, os enunciados abordam outras consequências danosas do calor e da seca, como se vê principalmente nestes enunciados: “a ausência de chuva agrava a seca que já está sendo considerada a maior já

registrada no Acre” (l. 34-35), “à estiagem e à seca somam-se as queimadas” (l. 34). Assim, resumizamos o SbT mínimo 3 como *Estiagem e queimadas*.

O quinto e último subtópico (l. 39-47), denominado como *Conscientização e tomada de providências*, diz respeito à responsabilidade com a preservação do meio ambiente, alertando que essa responsabilidade não é apenas das instituições governamentais, mas de todos que habitam o planeta Terra, conforme se vê, por exemplo, nos enunciados que seguem: “mas é preciso haver consciência coletiva de que a responsabilidade não é apenas do Poder Público” (l. 41-42), “é preciso que cada pessoa faça sua parte” (l. 43).

Em relação à análise da formação do QT do exemplo em (20), é possível perceber, portanto, que o tópico global está organizado em torno de quatro tópicos particulares, situados num mesmo nível da organização tópica hierárquica, visto que compartilham entre si a mesma relevância tópica. Isso significa dizer que o projeto de texto do artigo expõe inicialmente uma situação atual – baixo nível de água do rio Acre ocasionado por uma das secas mais severas de sua história; em seguida, tece considerações em torno dos efeitos nefastos de tal situação; e, por fim, aponta uma proposta de intervenção em relação ao problema apresentado no início. Note-se que se demarcam, assim, dentro do projeto de texto do artigo, quatro grandes fases que partilham entre si o mesmo grau de relevância tópica. Delineiam-se, então, dentro do tópico global, quatro SbTs subordinados tematicamente a ele, que caracterizam a formação do primeiro QT.

Nessa mesma direção, dentro da terceira fase, que instaura no texto os efeitos da seca, são particularizados dois efeitos, que, nesse caso, poderiam ser três, quatro, cinco, seis..., já que todos estariam, em termos de relevância tópica, compondo a fase do artigo em que são manifestados os efeitos da seca. Assim, esses efeitos (sejam eles dois – como é o caso do artigo – ou três, quatro, cinco etc.) compõem um tópico mais abrangente, o qual integra, por sua vez, a sequência das quatro fases principais de construção do artigo, posto que estão num mesmo

nível de relevância tópica. O desdobramento, portanto, do SbT *Efeitos da seca e do calor* em SbTs mais específicos tematicamente efetiva a formação do segundo QT do exemplo em pauta.

Sobre a análise da formação de QTs no *corpus* de referência, é possível notar outra particularidade que, no conjunto da análise, torna-se significativa, na medida em que auxilia a identificação de regularidades próprias dos artigos de opinião investigados. Verificamos que a formação do segundo QT do artigo, na maioria das vezes, ocorre no segundo SbT do tópico global (04/08 casos). Nos demais casos, a formação do QT se dá no primeiro (02/08 casos) ou terceiro SbT do tópico global (02/08 casos).

Como anunciado no início da seção, com a descrição e a análise da organização intertópica no plano hierárquico, objetivamos identificar regularidades desse processo em artigos de opinião de modo a obtermos uma caracterização prototípica desse gênero. Sendo assim, segundo apontamos, nossa pesquisa revelou a existência de complexidade intertópica nos artigos investigados, a qual manifesta os seguintes aspectos:

- (i) possibilidade de divisão do tópico global em três, quatro, cinco, seis, sete, oito ou nove SbTs mínimos, com preferência por uma divisão que envolva de três (principalmente) a cinco SbTs mínimos;
- (ii) formação de um ou dois QTs por artigo (com predominância de um QT).

Desse modo, a presença da complexidade intertópica hierárquica nos artigos de opinião e sua instauração conforme os aspectos sintetizados em (i) e (ii) acima podem ser consideradas como os primeiros traços prototípicos caracterizadores desse gênero em termos de organização tópica, em relação aos quais poderemos, mais adiante, comparar os resultados encontrados na organização tópica dos artigos produzidos pelos estudantes da UFAC.

A nosso ver, é possível pensar, a título de uma hipótese (a ser aprofundada em outros trabalhos), que a existência de complexidade intertópica e a configuração padrão que apuramos

acerca da hierarquização tópica podem estar relacionadas a outros traços caracterizadores do gênero artigo de opinião.

Como se pode notar facilmente na leitura de artigos de opinião e, de fato, como mostram alguns autores, esse é um gênero pelo qual o produtor do texto desenvolve e defende uma opinião sobre um assunto (de interesse coletivo e normalmente de natureza política, social, econômica etc.). Segundo, por exemplo, Rodrigues (2007), o artigo de opinião focaliza a análise e a posição do produtor em relação a acontecimentos sociais, num processo interativo que se sustenta pela construção de um ponto de vista avaliativo do produtor.

O texto do artigo e sua defesa de um ponto de vista, naturalmente, não resultam numa produção com a extensão e a profundidade, por exemplo, de um artigo científico ou de uma tese. Por outro lado, o artigo de opinião também não a pouca extensão e a simplicidade de uma carta de leitor (que, embora também possa se destinar à defesa de um ponto de vista, o faz de forma muito mais sintética e menos aprofundada). Nesse sentido, parece interessante ver o artigo de opinião como um texto argumentativo de extensão e complexidade, digamos, “intermediárias” entre outros gêneros argumentativos que circulam na sociedade, como a carta de leitor, por um lado, e o artigo científico por outro lado.

Nesse sentido, a regularidade encontrada nos artigos padrão aqui analisados (complexidade intertópica e hierarquização com preferência de 3 a 5 SbTs mínimos e construção de um ou dois QTs) parece condizente com a construção de um texto com um grau de aprofundamento analítico que se poderia pensar como mais “intermediário”. Cartas de leitores, como já mencionado, caracterizam-se pelo traço da unicidade intertópica (e, desse modo, pela ausência de hierarquização tópica), o que seria natural para um gênero com a finalidade, praticamente, de apenas expor uma opinião, sem chegar a desenvolvê-la e sustentá-la com argumentos. Por outro lado, um artigo científico, dada sua finalidade, terá, naturalmente, uma hierarquização tópica altamente complexa, com muitos SbTs mínimos e QTs (como é

comum, artigos científicos têm, inclusive, divisões explícitas em seções e subseções). Entre esses dois pontos, parece pertinente situar o artigo de opinião.

Evidentemente, a noção de “grau intermediário”, seja de profundidade argumentativa, seja de complexidade de hierarquização tópica, seria uma noção relacional. O próprio artigo científico, que seria mais complexo que o artigo de opinião, seria menos complexo que uma tese de doutorado, podendo o artigo científico passar a ser considerado como de complexidade intermediária. Essa relação entre os gêneros, a propósito, parece apontar para a pertinência de se considerar que os gêneros se diferenciariam entre si, em termos de complexidade de hierarquização tópica, no decorrer de um contínuo, como é a relação entre gêneros quanto a outras características (cf. MARCUSCHI, 2008).

A verificação da pertinência dessa noção acerca de um contínuo de complexidade tópica entre gêneros e de sua relevância e viabilidade metodológica é uma questão a ser tratada em outro trabalho, escapando dos objetivos centrais desta tese. De todo modo, parece-nos razoável cogitar essa ideia, para a qual nosso trabalho oferece alguns dados que podem vir a ser interessantes.

3.1.1.2 A organização intertópica linear

Descrevemos, na seção acima, a organização intertópica hierárquica dos artigos de opinião padrão. Como a organização tópica compreende, igualmente, a organização intertópica linear, ou seja, a distribuição dos tópicos na linha textual, nosso estudo também envolve a análise desse processo nos artigos de opinião investigados. Assim, nesta seção, buscamos verificar como esse gênero textual se caracteriza quanto ao uso das estratégias de linearização, identificando, particularmente, as formas predominantes.

Como visto na seção 1.2.2.1, as diferentes formas de linearização entre os SegTs mínimos,³¹ envolvem dois procedimentos básicos: (i) continuidade; (ii) descontinuidade – por ruptura, cisão, inserção, alternância e expansão.

Os casos recorrentes no conjunto da análise demonstram que os artigos de opinião em análise, similarmente à organização intertópica hierárquica, apresentam também traços regulares quanto ao uso de procedimentos de linearização. Mais especificamente, identificamos em nosso *corpus* que os artigos de opinião apresentam dois tipos de linearização tópica: continuidade e descontinuidade por inserção tópica.

Os tipos de linearização identificados na análise dos textos estão sistematizados no Quadro 3 abaixo:

Quadro 3: Procedimentos de linearização tópica em artigos de opinião padrão

Procedimentos de linearização tópica	Percentuais/quantidades de ocorrências
Continuidade com transição pontual	98,63% (72/73 casos)
Descontinuidade por inserção tópica	1,38% (1/73 casos) ³²

Como se pode perceber, os resultados da análise, em termos quantitativos, revelam que a forma de linearização predominante nos textos do *corpus* (presente na quase totalidade dos

³¹ A título de esclarecimento, vale explicar que, na seção anterior, usamos, por diversas vezes, a expressão “SbTs mínimos”, e não “SegTs mínimos”, porque lá estávamos no domínio da hierarquização tópica, que diz respeito a relações entre tópicos (temas), isto é, entre STs, SbTs (incluindo os SbTs mínimos) e QTs. Na presente seção, como tratamos da linearidade textual, falamos não de “SbTs mínimos”, mas sim de “SegTs mínimos”. É claro que “SbTs mínimos” e “SegTs mínimos” são conceitos correspondentes. Um SbT mínimo, que é um tópico (tema), é desenvolvido em um segmento textual (um conjunto de enunciados), segmento este que, então, constitui um SegT mínimo. Ou seja, o SegT mínimo é o trecho textual que desenvolve um SbT mínimo. Porém, dependendo de qual aspecto do processo de organização tópica se está focalizando, é adequado falar em “SbT mínimo” (como na seção anterior) ou em “SegT mínimo” (como na presente seção e também na seção seguinte, que, ao tratar da organização intratópica, trata da combinação linear de enunciados).

³² Em nosso *corpus* apuramos o total de 73 casos correspondentes ao total de casos de transições entre SegTs mínimos, considerando os SegTs mínimos que compõem os artigos de opinião investigados.

casos) concerne à *continuidade*. Para além disso, identificamos apenas um caso de descontinuidade por inserção tópica.

A nosso ver, os resultados da análise, ao indicarem pequena (quase nenhuma) diversidade de formas de linearização dos artigos de opinião investigados, manifestam regularidade na organização intertópica linear, o que contribui para a definição do protótipo da organização tópica do gênero em questão.

Nesse contexto, consideramos que essa regularidade sinalizaria um traço da organização tópica também relacionado a características do gênero textual. Conforme visto no primeiro capítulo, a continuidade é uma forma de encadeamento em que um tópico é completamente desenvolvido e, somente após seu esgotamento, um novo tópico é introduzido e desenvolvido. Esta difere das estratégias de descontinuidade, como, por exemplo, a cisão tópica, que, num dos seus modos, se dá quando o tópico *A* é interrompido pela inserção de um tópico *B* e, após a finalização de *B*, *A* é retomado e concluído. A predominância da continuidade parece relacionar-se à tentativa de uma elaboração de construção textual estruturalmente mais clara, definida e objetiva, desprovida de interrupções e inserções na linearidade das ideias. Tópicos e subtópicos muitas vezes seriam desenvolvidos, em textos argumentativos, como dados cuja função seria sustentar o ponto de vista defendido. Assim sendo, a continuidade contribuiria para os propósitos do artigo de opinião, que, dentre outras finalidades, se “vale da argumentação para analisar, avaliar e responder a uma questão controversa” (KÖCHE; BOFF; MARINELLO, 2014, p. 33).

Para efeito de ilustração da forma de linearização predominante, retomamos o exemplo analisado em (20), na seção anterior, no qual essa forma se manifesta entre os SegTs mínimos que compõem o artigo em apreço. Neste caso, percebe-se que cada SegT mínimo desenvolve um tópico de modo que seja possível reconhecer uma completude de desenvolvimento tópico e, somente após seu esgotamento, um novo tópico é introduzido e desenvolvido, sem

perturbação na distribuição dos tópicos na linha discursiva, por formas de descontinuidade. Por exemplo, no segundo SegT mínimo, o tópico faz referência a uma das consequências da seca do rio Acre. Após o desenvolvimento e esgotamento desse tópico, o artigo de opinião passa a focalizar outra consequência da seca do rio Acre, não retomando o tema discutido no SegT anterior para complementar informações restantes. Tal situação se confirma nas demais transições entre os SegTs dos artigos de opinião analisados.

Verificamos também no *corpus* de nossa pesquisa, conforme apontado no Quadro 3 acima, um único caso de descontinuidade por inserção tópica, ilustrado no exemplo em (21), a seguir:

(21) Datafolha repete 64

[SbT mínimo 1: *Manipulação da pesquisa Datafolha em torno da aprovação de Temer e Dilma*]

A manipulação da pesquisa do DataFolha em torno da aprovação de Michel Temer e Dilma Rousseff não chama atenção pela originalidade — mas pela perversidade. 1 2

[SbT mínimo 2: *Manipulação de pesquisa na destituição de João Goulart*]

Em 1964, a Federação do Comércio de São Paulo, envolvida na conspiração que derrubou João Goulart, encomendou uma pesquisa sobre aprovação do governo. Descobriu que Jango era aprovado por mais de 60% da população. Até em lugares onde a oposição era fortíssima, como São Paulo, pontos essenciais de seu programa de Reformas de Base, a Reforma Agrária era apoiada por mais de 50%. 3 4 5 6 7

Precavida, a Federação do Comércio arquivou o levantamento, que só seria divulgado 40 anos depois, após a democratização, quando pesquisadores tiveram acesso aos arquivos da Unicamp, onde ficou escondida por anos a fio. 8 9 10

É evidente que, em 1964, o segredo ajudou os adversários de Jango a cultivar o mito de que Goulart era um presidente impopular, falsidade que contribuiu para minar a possível resistência dos brasileiros contra um ataque a democracia. Com números escondidos, era possível dizer que o golpe salvara a democracia. A decisão também produziu efeitos sobre a posteridade, alimentou trabalhos acadêmicos distorcidos e até contribuiu para formar um retrato de Goulart como um líder sem base real entre os brasileiros. 11 12 13 14 15 16

“Muitos historiadores, até dez anos atrás, ainda tinham essa ideia de que Goulart caiu porque era frágil, não tinha o apoio dos partidos e, sobretudo, da população” disse o professor Luis Antonio Dias, da PUC de São Paulo, em entrevista à TV Câmara, em 2014. 17 18 19

[SbT mínimo 1: *Manipulação da pesquisa Datafolha em torno da aprovação de Temer e Dilma*]

Os números de fantasia do DataFolha sobre Temer foram publicados no percurso de um golpe de Estado que, sem dispor de tanques nem de baionetas, que têm o inegável poder de intimidar a população pela força, precisa forjar a adesão dos brasileiros. Tenta-se dizer que o 20 21 22

afastamento de Dilma Rousseff tem seu consentimento e até aprovação. [...] ³³ (*Página 20*, 21.07. 23
2016). 24

O artigo de opinião ilustrado em (21) se organiza em torno do tópico global sintetizado como *Manipulação da pesquisa Datafolha de 2016 repete a pesquisa de 1964*. Verifica-se, ao longo de todo o texto, a presença de uma série de predicções e expressões referenciais concernentes entre si em torno desse tópico, as quais podem ser verificadas, por exemplo, em passagens como: “A manipulação da pesquisa do DataFolha em torno da aprovação de Michel Temer e Dilma Rousseff” (ℓ. 1-2), “uma pesquisa sobre aprovação do governo” (ℓ. 4), “Os números de fantasia do DataFolha sobre Temer foram publicados no percurso de um golpe de Estado” (ℓ. 20-21), “precisa forjar a adesão dos brasileiros” (ℓ. 22).

Observe-se ainda que o primeiro SegT mínimo, em sua composição linear, apresenta-se dividido em duas partes (da linha 1 à 2 e da linha 20 à 24). Como se pode perceber, entre esses dois segmentos, há um conjunto de enunciados (ℓ. 3-19) que, por sua natureza temática, alcançam um estatuto tópico por compartilharem centração específica, compondo, dessa forma, um segundo SegT mínimo.

Assim, o primeiro SegT mínimo, cujo tópico pode ser resumido como *Manipulação da pesquisa Datafolha em torno da aprovação de Temer e Dilma*, argumenta, no início (ℓ. 1-2), que a manipulação da pesquisa que trata da aprovação de Temer e Dilma se destaca pela maldade. Todavia, essa argumentação é suspensa em decorrência da instauração de um novo tópico que se centra num assunto proeminente, sintetizado como *Manipulação de pesquisa na destituição de João Goulart*, configurando-se, neste contexto, como um outro SegT mínimo (ℓ. 3-19), inserido no interior do desenvolvimento do primeiro SegT mínimo.

³³ Nesse exemplo, o uso de reticência dentro de colchetes indica supressão dos demais SegTs mínimos componentes do artigo de opinião original, uma vez que julgamos que o trecho transcrito, objeto de comentário, é suficiente para demonstrar o tipo de linearização predominante.

Em suma, nesta seção procuramos descrever a organização intertópica linear dos artigos de opinião que constituem o nosso *corpus*. Adotamos, então, os seguintes procedimentos: (i) identificamos a presença das formas de linearização no gênero em estudo, observando as relações que elas estabelecem entre os tópicos e, em seguida, (ii) verificamos, dentre os diferentes tipos de linearização, conforme apontado acima, os casos mais recorrentes no *corpus*. Esses procedimentos possibilitaram-nos identificar e descrever a sistematicidade que rege a organização intertópica linear dos artigos de opinião investigados, ou seja, a ocorrência quase que exclusiva da continuidade acompanhada da ocorrência inexpressiva de apenas um caso de descontinuidade por inserção tópica.

Desse modo, como se pode notar, a linearização tópica, de modo similar à hierarquização, também manifesta regularidade. Essas regularidades verificadas na organização intertópica hierárquica e linear, a nosso ver, parecem relacionar-se, possivelmente, a aspectos da natureza do gênero artigo de opinião.

3. 1. 2 A organização intratópica em artigos de opinião padrão

Nesta seção, procuramos demonstrar as regularidades particularizadoras da organização intratópica identificadas nos artigos de opinião publicados em jornais, primeira categoria de textos que compõe o *corpus* desta pesquisa. Nossa análise pautou-se na hipótese de que a organização intratópica do gênero artigo de opinião estaria, possivelmente, fundada na combinação de duas unidades de estruturação intratópica, posição e suporte, conforme definidas em Penhavel (2010), a partir do estudo de relatos de opinião.

A unidade posição, como mencionado, pode ser compreendida como o conjunto de enunciados do SegT mínimo que estabelece, instaura de forma mais direta, o tópico do SegT, ou seja, a ideia central, nuclear que perpassa todo SegT. O suporte, por sua vez, corresponde ao

conjunto de enunciados do SegT mínimo que desenvolve aspectos mais específicos, particulares da ideia nuclear manifestada na posição. Em outras palavras, essas unidades, manifestam-se no conjunto de enunciados que compõem o SegT mínimo de modo contrastivo, relacional, na medida em que a posição se caracteriza pela construção de referências centrais, enquanto o suporte caracteriza-se pela construção de referências subsidiárias relativas à ideia nuclear do SegT.

A esse respeito, nossa análise evidenciou que, de fato, a organização intratópica dos artigos padrão está assentada na relação entre as unidades de posição e suporte. Verificamos que essa relação foi identificada em 98,93% dos SegTs mínimos analisados, ou seja, apuramos que as unidades de posição e suporte estão presentes na base da estruturação interna de 93 SegTs mínimos que compõem os artigos de opinião do nosso *corpus*. Pode-se, portanto, dizer que essa relação se configura como uma regra geral de estruturação intratópica de SegTs do gênero em pauta.

O SegT mínimo em (22) abaixo, extraído de um artigo de opinião analisado na seção 3.1.1.1 deste capítulo, ilustra a regra geral da alternância entre as unidades de posição e suporte:

- (22) [[POSIÇÃO]] O Rio Acre experimenta um dos períodos de seca mais severa de sua história, 1
 podendo ultrapassar o menor nível a que já chegou, em 45 anos de medições da Defesa 2
 Civil: 1,50 m, em setembro de 2011. 3
- [[SUPORTE]] Nesta quinta-feira, 28, a medição constatou que a régua marcava 4
 1,52 m. Não há sinais de chuva, a seca segue intensa e ainda nem se chegou ao 5
 período de pico do verão amazônico, que é justamente no mês de setembro. (A 6
 Gazeta, 29/08/2016). 7

Com base na propriedade da centração tópica, no exemplo em (22), o tópico pode ser sintetizado como *Seca do rio Acre: confirmação de previsões*, dado que essa ideia percorre todo o SegT, sendo evidenciada como fio condutor da construção tópica, conforme realçam os trechos grifados. Observe-se que, no desenvolvimento desse tópico, o primeiro grupo de enunciados encarrega-se de expressar, de forma mais explícita, mais direta, a ideia nuclear desse tópico, como se vê em “O Rio Acre experimenta um dos períodos de seca mais severa de sua

história (ℓ. 1-2). Já o segundo grupo de enunciados focaliza um aspecto particular que desenvolve a ideia nuclear do SegT, assumindo, assim, um caráter subsidiário em relação ao tratamento de tal ideia. Desse modo, esse grupo de enunciados constitui uma unidade de Suporte.

Note-se que o primeiro grupo de enunciados, ao tratar da severa seca do rio Acre, faz uma referência mais geral à possibilidade de o rio ultrapassar seu menor nível de água, até então registrado pela Defesa Civil, “podendo ultrapassar o menor nível a que já chegou, em 45 anos de medições da Defesa Civil: 1,50 m, em setembro de 2011” (ℓ. 2-3), enquanto o segundo grupo de enunciados refere-se ao nível específico de água já atingido pelo rio, o qual se aproxima de sua marca histórica: “Nesta quinta-feira, 28, a medição constatou que a régua marcava 1,52 m” (ℓ. 4-5).

Na base da organização intratópica desse SegT, como se pode notar, há uma alternância entre referências centrais e referências subsidiárias em relação a um tópico geral que percorre todo o segmento. Esse tipo de alternância constitui a relação a que aludimos como relação posição-suporte. Na medida em que as unidades de posição e suporte diferenciam-se entre si por meio de uma relação de centralidade *versus* subordinação, pode-se dizer que o traço da relevância – um dos traços caracterizadores da propriedade da centração tópica – é um dos principais aspectos que sustentam a distinção entre essas duas unidades.

Uma vez verificado que os artigos de opinião publicados em jornais seguem um princípio geral de organização intratópica que consiste na alternância das unidades de posição e de suporte, passamos a analisar a ocorrência, nesses textos, da recursividade do referido princípio e da instauração de domínios de estruturação intratópica.

Como demonstrado em Penhavel (2010), as unidades de posição e suporte podem organizar-se internamente com base na mesma relação posição-suporte. A essa possibilidade

de novos tipos de encadeamentos dessas unidades no interior do SegT, o autor denominou como a recursividade do padrão posição-suporte.

A aplicação recursiva da relação posição-suporte instaura, de acordo com o autor, *domínios de estruturação intratópica*. Trata-se de unidades textuais construídas pelas relações intratópicas de posição e suporte ou, melhor dizendo, um domínio é uma parte do SegT formada por uma posição e seus respectivos suportes. Nesse caso, o SegT como um todo constitui um domínio, posto que é organizado internamente com base na relação posição-suporte. A cada vez que essa relação se repete no interior do SegT, institui-se um novo domínio de estruturação intratópica.

Em nossos dados, identificamos a aplicação recursiva da relação posição-suporte. O Quadro 4, a seguir, apresenta a quantidade de domínios por SegT mínimo no conjunto de SegTs componentes do *corpus* de referência de nossa pesquisa:

Quadro 4: Quantidade de domínios de organização intratópica por SegT mínimo em artigos de opinião padrão

Quantidade de Domínios por SegTs mínimos	Percentuais e quantidades de ocorrências
1	87,23% (82/94)
2	9,57% (9/94)
3	3,19% (3/94)

De acordo com o Quadro 4, na maior parte dos casos (87,23%), os SegTs mínimos componentes dos artigos de opinião padrão apresentam apenas um domínio de estruturação intratópica. Verificamos também SegTs mínimos constituídos por dois domínios – um primeiro domínio equivalente ao SegT inteiro e um segundo domínio equivalente à estruturação interna de um suporte –, mas com pouca frequência (9,57% dos casos). Uma ocorrência ainda menos expressiva identificada em nosso *corpus* refere-se a SegTs mínimos estruturados com três domínios (3,19% dos casos).

Desse modo, os dados discriminados no quadro acima apontam para o fato de que a recursividade das unidades posição-suporte e a instauração de mais de um domínio em um mesmo SegT não chegam a constituir um traço fortemente caracterizador da estruturação intratópica de SegTs mínimos do gênero artigo de opinião, embora não deixem de ser um traço presente nesses textos.

O exemplo em (23a-b) ilustra a recursividade da relação posição-suporte em nossos dados, por meio de um SegT que contém dois domínios:

(23a)	[[POSICÇÃO]] Mas <u>para os acreanos</u> , que vivem em um estado no qual mais de 80% de seu território ainda é recoberto por floresta nativa, uma pergunta inquietante precisa ser respondida: – <u>O que acontecerá com nossas florestas se os eventos de secas se intensificarem nos próximos anos?</u>	1 2 3 4
	[[SUPORTE]] Alguns pesquisadores (Salazar e outros, 2007) fizeram simulações utilizando dentre outras variáveis, a temperatura e umidade do ar, precipitação, água no solo, duração dos períodos de seca e de chuvas, e chegaram à conclusão de que o aumento da temperatura global poderá transformar, até o ano de 2100, uma ampla área localizada nas extremidades leste e sul da Amazônia em uma região climaticamente imprópria para a existência de florestas.	5 6 7 8 9 10 11
	Segundo essa previsão, as grandes árvores dessa região não sobreviverão às secas mais prolongadas e paulatinamente a floresta nativa atual será substituída por uma vegetação muito parecida com as “savanas” (similar ao Cerrado do Brasil Central). Dependendo da intensidade das mudanças provocadas pelo aquecimento global, estima-se que entre 30 e 60% das áreas florestais da Amazônia se transformarão em savanas. (<i>Opinião</i> , 20/08/2016).	12 13 14 15 16 17 18

No âmbito de todo SegT mínimo, cujo tópico pode ser sintetizado como *Previsões para as florestas acreanas*, percebe-se que os enunciados nas linhas 1-4 manifestam esse tópico de forma genérica, instaurando uma unidade posição, na qual é lançada a pergunta (que sintetiza a ideia central do SegT) sobre o que aconteceria com as florestas, caso os eventos de seca se intensificassem. O restante do SegT (ℓ. 5-18) desenvolve essa ideia, respondendo à pergunta, afirmando que, segundo previsões de pesquisadores, uma ampla área da floresta amazônica poderá se tornar uma região climaticamente imprópria para florestas. Esse restante do SegT (ℓ. 5-18) configura-se, assim, como uma unidade de suporte, no âmbito do SegT como um todo.

Seguindo essa análise, é possível ainda observar que a unidade de suporte pode ser interpretada em duas partes, ou seja, também se organiza internamente segundo o princípio posição-suporte. Nesse sentido, o SegT mínimo em (23a) pode ser analisado como em (23b):

- (23b) [[POSIÇÃO]] Mas para os acreanos, que vivem em um estado no qual mais de 80% de seu território ainda é recoberto por floresta nativa, uma pergunta inquietante precisa ser respondida: – O que acontecerá com nossas florestas se os eventos de secas se intensificarem nos próximos anos? 1
2
3
4
- [[SUPORTE]]
[[POSIÇÃO]] Alguns pesquisadores (Salazar e outros, 2007) fizeram 5
simulações utilizando dentre outras variáveis, a temperatura e umidade do ar, 6
precipitação, água no solo, duração dos períodos de seca e de chuvas, e 7
chegaram à conclusão de que o aumento da temperatura global poderá 8
transformar, até o ano de 2100, uma ampla área localizada nas extremidades 9
leste e sul da Amazônia em uma região climaticamente imprópria para a 10
existência de florestas. 11
- [[SUPORTE]] Segundo essa previsão, as grandes árvores dessa região 12
não sobreviverão às secas mais prolongadas e paulatinamente a 13
floresta nativa atual será substituída por uma vegetação muito parecida 14
com as “savanas” (similar ao Cerrado do Brasil Central). Dependendo 15
da intensidade das mudanças provocadas pelo aquecimento global, 16
estima-se que entre 30 e 60% das áreas florestais da Amazônia se 17
transformarão em savanas. (*Opinião*, 20/08/2016). 18

De acordo com nossa análise, no âmbito das linhas 5-18, o conjunto de enunciados nas linhas 5-11 concentra-se em expor a ideia de que estudos apontam que o aumento da temperatura global poderá transformar uma ampla área da floresta amazônica em uma região climaticamente imprópria para a existência de florestas. Na sequência do texto (l. 12-18), desenvolve-se essa ideia, particularizando-a, por meio da explicação de que em decorrência do aumento da temperatura, regiões da Amazônia se transformarão em savana, conforme se pode observar nas linhas 12-18. Essa unidade apresenta-se, então, como argumento que corrobora a ideia nuclear destacada nas linhas 5-11. Assim, no âmbito das linhas 5-18, o trecho nas linhas 5-11 configura-se como posição, enquanto o trecho nas linhas 12-18, como suporte.

Desse modo, instauram-se, no SegT em análise, considerando sua representação em (23a), dois domínios de estruturação intratópica: domínio 1 (l. 1-18), constituído por uma

unidade de posição (ℓ. 1-4) e uma unidade de suporte (ℓ. 5-18), e domínio 2 (ℓ. 5-18), formado também por uma unidade de posição (ℓ. 5-11) e uma unidade de suporte (ℓ. 12-18).

O SegT mínimo em (22) acima ilustrado é um exemplo de um SegT com apenas um domínio. Em (23a-b), exemplificamos um SegT mínimo com dois domínios. Em (24), demonstramos um exemplo de um SegT com três domínios:

- (24) [[POSIÇÃO]] O debate sobre a tramitação e votação do PLP nº 257/2016, que procura reunir, em um mesmo projeto de lei, a renegociação da dívida dos estados, de um lado e uma série de restrições para concessão de reajustes aos servidores públicos nos próximos 10 anos, de outro, deságua nas incongruências da Lei de Responsabilidade Fiscal - LRF e do pacto federativo.
- [[SUPORTE / POSIÇÃO]] A LRF estabelece limite prudencial e máximo de despesas com pessoal para os entes federativos. No caso do Poder Executivo dos Estados, esse limite é de 49%.
- [[SUPORTE]] Ocorre que a legislação foi aprovada em um cenário de estabilização monetária e financeira, seguida de crescimento econômico e orçamentário em nosso país. Não se preocupou, à época, como seria o mecanismo de limitação de despesas com pessoal, em percentuais, no caso de receita decrescente ou mesmo de receita realizada a menor do que a receita estimada, o que vem acontecendo no Brasil desde o ano de 2012.
- [[SUPORTE / SUPORTE]] É uma questão de contabilidade pública básica: 49% de um orçamento de R\$ 100 milhões equivale a R\$ 49 milhões. Se a receita cai de R\$ 100 milhões para R\$ 80 milhões, por exemplo, e a despesa com pessoal, segundo o princípio constitucional da irredutibilidade de vencimentos, continuar no montante nominal de R\$ 49 milhões, isso quer dizer que o limite de gastos com pessoal terá sido de 61,25% ultrapassando em R\$ 9,8 milhões o limite legal. Ou seja, a despesa de pessoal teria superado o limite percentual legal sem que houvesse aumento das despesas, mas, sim, redução das receitas.
- [[POSIÇÃO]] Está claro que isto é uma incongruência que não pode prosperar nesse cenário atual de crise, com queda nas receitas tributárias. (Opinião, 04/08/2016).

O tópico desse SegT pode ser interpretado como *Incongruências da Lei de Responsabilidade Fiscal (LRF)*, conforme sugere principalmente a passagem destacada nas linhas 1-5. Logo, no âmbito de todo SegT, verifica-se que esse trecho (ℓ. 1-5) pode ser identificado como unidade de posição, enquanto os agrupamentos de enunciados nas linhas 6-14 e 15-25 compõem duas unidades de suporte. Esses suportes centram-se, respectivamente, nos seguintes aspectos específicos desse tópico: *Limite de despesas da LRF com pessoal e Incongruência da LRF em contexto de receita decrescente.*

Neste SegT mínimo, podemos verificar que a unidade de suporte (l. 6-14) também pode ser estruturada internamente em segmentos centrais e subsidiários em relação à ideia central do segmento. No âmbito desse suporte, o trecho em 6-8 assume o estatuto de unidade de posição, uma vez que os enunciados se organizam em torno de referências de modo a formular a ideia central *Limite de despesas da LRF com pessoal*, ao passo que o conjunto de enunciados seguinte, nas linhas 9-14, constitui uma unidade de suporte, na medida em que veicula, de modo detalhado, as implicações do limite de despesas com pessoal proposto pela LRF. Já no âmbito das linhas 15-25, as linhas 15-22 desenvolvem a ideia de que a despesa de pessoal supera o limite percentual legal estabelecido pela LRF, assumindo, pois, um estatuto de suporte para os enunciados expressos adiante, nas linhas 23-25, que sintetizam a ideia do trecho nas linhas 15-25, constituindo a posição desse trecho.

De acordo com essa análise, podem ser identificados três domínios de estruturação intratópica:

- domínio 1 (linhas 1-25): uma posição (1-5) e dois suportes (6-14 e 15-25);
- domínio 2 (linhas 6-14): uma posição (6-8) e um suporte (9-14);
- domínio 3 (linhas 15-25): um suporte (15-22) e uma posição (23-25).

Com base em nossas análises, consideramos, então, que, nos artigos de opinião padrão, a aplicação recursiva da relação posição-suporte e a instauração de mais de um domínio por SegT não constituem um traço fortemente caracterizador, mas não podem ser desprezadas, já que, de fato, participam da estruturação interna de SegTs do *corpus*, num percentual até considerável, somando-se SegTs formados por dois e por três domínios (12,76% dos casos).

Como visto, a relação posição-suporte pode manifestar-se, em cada domínio, sob diferentes formas de combinação: posição-suporte, posição-suporte-suporte, suporte-posição-suporte etc. O Quadro 5 ilustra os padrões de combinações entre as unidades de posição e suporte identificados no interior de cada um dos domínios componentes dos SegTs mínimos do *corpus* de referência:

Quadro 5: Combinações entre posição-suporte nos domínios de organização intratópica em artigos padrão

Combinações identificadas	Percentuais de ocorrência
Posição-Suporte	36,69% (40/109 casos)
Posição-Suporte-Suporte	20, 18% (22/109 casos)
Suporte-Posição-Suporte	7,33% (8/109 casos)
Suporte-Posição	6,42% (7/109 casos)
Posição-Suporte-Posição	5,50% (6/109 casos)
Posição Implícita	4,58% (5/109 casos)
Posição-Suporte-Suporte-Suporte	4,58% (5/109 casos)
Posição	3,66% (4/109 casos)
Suporte-Posição-Suporte-Suporte	3,66% (4/109 casos)
Posição-Suporte-Suporte-Suporte-Suporte-Suporte	1,83% (2/109 casos)
Suporte-Suporte-Posição	1,83% (2/109 casos)
Suporte-Posição-Suporte-Suporte-Suporte	1,83% (2/109 casos)
Suporte-Suporte- Suporte-Posição-Suporte-Suporte- Suporte	0,91% (1/109 casos)
Suporte-Posição-Suporte-Posição	0,91% (1/109 casos)

A primeira constatação que o Quadro 5 evidencia é a existência de uma considerável padronização também em termos de combinações das unidades de posição e suporte. Conforme se pode perceber, dentre as catorze combinações identificadas, duas se destacam como as mais frequentes – posição-suporte e posição-suporte-suporte –, que, juntas, respondem por 56,87% dos casos. Os demais casos se distribuem por vários tipos diferentes de combinações, como a sequência suporte-posição-suporte, próximo caso mais recorrente (7,33%), e o encadeamento suporte-posição-suporte-posição, que se encontra entre os tipos menos frequentes (0,91%).

Por exemplo, o SegT mínimo em (22) acima ilustra a sequência posição-suporte. Em (24), o primeiro domínio, correspondente ao SegT inteiro, exemplifica a combinação posição-suporte-suporte. Já o terceiro domínio do SegT em (24) exhibe o encadeamento suporte-posição. A seguir, em (25), ilustramos outro tipo de combinação, a sequência suporte-posição-suporte:

- (25) [[SUPORTE]] Nossos 513 deputados federais e 81 senadores, individualmente discordam, e até sugerem, que o nosso atual sistema político-partidário eleitoral é o que tem causado os nossos maiores escândalos. Outra não é a razão das inúmeras propostas e das diversas tentativas que já foram feitas visando reformá-lo.

[[POSIÇÃO]] Assim sendo, por que o dito cujo, contra tudo e contra todos, ainda se mantém?

[[SUPORTE]] Em primeiríssimo lugar porque, cada um dos 594 congressistas acima referidos, ao tempo que as propõem, defende o seu próprio sistema, ou mais precisamente, o modelo que melhor atenda aos seus interesses. Partidariamente, mais ainda, afinal de contas, cada um dos nossos 35 partidos advoga a reforma que melhor lhes convenha. Como a aprovação de qualquer uma das propostas requer maioria parlamentar, de no mínimo de 2/3 de seus integrantes, estabelecem-se os impasses e a mesmice acaba prevalecendo. Outra particularidade: As propostas e os consequentes debates sobre a nossa reforma política, coincidentemente, só entram em suas pautas quanto os nossos agentes políticos se veem severamente acuados. Diria até: Quando estão sendo duramente chicoteados pela nossa opinião pública. Portanto, nada mais natural que na esteira do “Mensalão”, e mais intensamente, na esteira do “Petróleo”, os dois mais escabrosos escândalos de nossa história, que a referida reforma esteja encabeçando as agendas de suas excelências. (*O Rio Branco*, 01/08/2016).

Considere-se que o tópico do segmento em (25) seja *Necessidade de eliminação do sistema político-partidário eleitoral*. Observe-se que a posição (ℓ. 6-7) se constitui de um questionamento ao problema, que é contextualizado no primeiro suporte (ℓ. 1-5) e respondido no segundo (ℓ. 8-22).

A próxima combinação ilustrada, no exemplo em (26), compreende a formulação da sequência suporte-suporte – única ocorrência identificada neste *corpus* em que não se reconhece um segmento textual que explicita a ideia central do SegT:

- (26) [[SUPORTE]] A inflação oficial venezuelana é de 180,90%, mas o Fundo Monetário Internacional - FMI, divulgou estudo afirmando que ela será de 700% em 2016 e de 1500% em 2017. O PIB oficial terá queda em 2016 de 7,10%, mas estudos mostram que será de no mínimo 10%. A taxa de juros oficial é de 21,36% para uma inflação de 180,90%, ou seja, corresponde a apenas 11,81% da desvalorização do poder de compra da moeda venezuelana. (Opinião, 19/08/2016).

De acordo com nossa análise, definimos o tópico do SegT em (26) como *Inflação em alta, Pib em queda*. Observe-se que cada unidade de suporte, de modo particular, reforça esse

tópico, conforme sugerem os trechos destacados em todo o SegT. Assim, na primeira unidade de suporte, distribuem-se expressões referenciais e enunciados que se entrelaçam fazendo referência à alta da inflação, como se pode verificar, por exemplo, em passagens como “A inflação oficial venezuelana é de 180,90%” (ℓ. 1), “ela será de 700% em 2016 e de 1500% em 2017” (ℓ. 2-3), no segundo suporte as referências parecem se concentrar na ideia de queda do Pib: “O PIB oficial terá queda em 2016 de 7,10%” (ℓ. 3), “estudos mostram que será de no mínimo 10%” (ℓ. 3-4).

Note-se que, nesse caso, haveria de comum entre essas duas partes o tópico *Inflação em alta*, *Pib em queda*, contudo não é possível identificar no SegT um enunciado ou um conjunto de enunciados que expressem tal tópico de modo explícito, isto é, que manifestem a posição do SegT. Nesse contexto, portanto, a identificação da ideia central do SegT atrela-se à constatação de uma ideia de caráter mais geral e compartilhada ao que é abordado em cada grupo de enunciados particularizado no SegT. Nesse sentido, no presente estudo, em consonância com o que é também assumido em Garcia (2018), consideramos essa combinação como um caso de *posição implícita*.

Com base nos dados apurados em nossas análises, constatamos que, dos 94 SegTs analisados em artigos padrão, 4,58% manifestam a combinação aqui definida como posição implícita. Consideramos, então, que, em artigos de opinião, essa sequência não chega a constituir uma particularidade marcante desse gênero, mas também não pode ser ignorada, visto que seria a forma de organização intratópica de parte dos SegTs. Acreditamos que essa forma de estruturação de domínio possa ocorrer também em outros gêneros, razão pela qual presumimos que tal descrição auxiliaria na investigação do processo de organização tópica.

Na sequência, demonstramos, no SegT em (27), um exemplo da combinação (embora já bem menos frequente) organizada em uma única unidade, a unidade posição:

- (27) [[POSIÇÃO]]A Bancada Federal do Acre na Câmara dos Deputados e no Senado da 1
República tem de se posicionar com relação a isso pois, nesse caso, a nós, Deputados 2
Estaduais, não nos cabe legislar sobre o assunto, por tratar-se de tema de competência 3
reservada a União. (*Opinião*, 04/07/2016). 4

Considere-se que o tópico do SegT em (27) seja definido como *Posicionamento da bancada federal do Acre com relação à LRF* (Lei de Responsabilidade Fiscal, tema discutido nos SegTs que antecedem ao SegT em análise). No âmbito de todo SegT, ou seja, nas linhas 1-4, as referências são construídas em torno dessa ideia central, como sugerem os enunciados destacados. Os agrupamentos de enunciados assumem, pois, neste contexto, o estatuto de posição, na medida em que compartilham entre si o mesmo grau de relevância temática no SegT em pauta, não havendo, portanto, entre os enunciados, uma ideia que assuma o status subsidiário em relação à ideia nuclear do SegT.

A esse respeito, apuramos em nossas análises que, em 100% dos casos (4 ocorrências), o modo de organização do SegT mínimo em uma unidade apenas, no caso, a unidade de posição, se manifesta no SegT correspondente à estrutura composicional do artigo de opinião conhecida como conclusão. Considerando a natureza desse gênero, a princípio, acreditamos que tal correspondência se baseia no fato de que, no decorrer do artigo, o produtor faz a defesa da tese por meio de argumentos, organizados geralmente com base na combinação posição-suporte, e na conclusão evidencia a resposta à questão apresentada, na medida em que retoma – seja por meio de proposta de solução ou de apreciação do tema abordado – a posição assumida. Nesse sentido, corroborando tal propósito, os enunciados do SegT são construídos por meio de referências centrais, tendo em vista que aludem de modo direto à ideia central que percorre toda a organização textual-interativa do artigo de opinião.

Em síntese, com base nos dados apurados, consideramos que a organização intratópica de artigos padrão, de modo similar à organização intertópica, apresenta regularidades, as quais podem ser sintetizadas do seguinte modo:

- (i) presença de uma regra geral de organização intratópica, baseada na combinação de duas unidades intratópicas – posição e suporte;
- (ii) possibilidade de aplicação recursiva da relação posição-suporte e instauração de SegTs mínimos com dois ou três domínios, além da própria estruturação de SegTs com apenas um domínio (sem recursividade), com predominância desta última opção;
- (iii) formação de variadas combinações entre posição e suporte dentro dos domínios, com predominância das sequências posição-suporte e posição-suporte-suporte.

A respeito dessas características levantadas, é interessante tecer algumas interpretações, que podem colaborar para uma reflexão sobre o funcionamento dos artigos de opinião padrão.

Primeiramente, pode-se observar que a presença da regra posição-suporte na organização intratópica dos artigos é muito condizente com um traço fundamental da finalidade sociocomunicativa do gênero. Como apontado anteriormente, o artigo caracteriza-se pela finalidade de defender um determinado ponto de vista. Assim, torna-se natural, apropriada e produtiva uma organização mediante as unidades de posição e suporte.

Essas unidades, ao consistirem numa relação entre um tratamento mais central e um tratamento mais subsidiário de um tópico, podem ser atualizadas por uma relação entre tese (posição) e argumento (suporte), unidades que podem ser reconhecidas como essenciais da defesa de um ponto de vista. A relação posição-suporte não consiste, necessariamente, nessa relação tese-argumento, sendo mais ampla e podendo se realizar por meio de outras relações, como uma relação entre uma unidade de contextualização (suporte), seguida da expressão de uma opinião ou de uma situação nuclear (posição). Porém, nos artigos padrão analisados, na

grande maioria das vezes, a relação posição-suporte atualiza-se mediante essa relação tese-argumento, o que deve estar relacionado justamente à natureza argumentativa do gênero.

Nessa interpretação, o que teríamos seria uma associação entre um aspecto da organização tópica e um aspecto da natureza do gênero textual, vínculo também possível de se depreender na organização intertópica (como discutido anteriormente) e, de fato, assumido nos pressupostos da GTI (cf. capítulo 1 acima).

A predominância de SegTs mínimos constituídos de apenas um domínio de organização intratópica e a predominância das combinações posição-suporte e posição-suporte-suporte também parecem indicativas de características dos artigos analisados. Elas revelam um grau relativamente simples de complexidade de estruturação intratópica. A ocorrência majoritária de SegTs com apenas um domínio revela claramente essa simplicidade, por ser uma estruturação que não envolve a aplicação recursiva da relação posição-suporte, tendo em vista que essa aplicação representa uma certa “sofisticação” de estruturação textual, um procedimento estrutural mais detalhado e minucioso da construção de SegT mínimos.

Essa simplicidade pode ser evidenciada, por exemplo, comparando-se esse resultado obtido na análise dos artigos padrão com a análise de editoriais de jornais de Garcia (2018). Neste último caso, há uma recorrência muito mais acentuada de SegTs com mais de um domínio. Na análise dos editoriais mencionados, foram identificados 36% de SegTs com dois domínios e 18% de SegTs com três domínios, além de SegTs com quatro e com cinco domínios.

Também o predomínio das sequências posição-suporte e posição-suporte-suporte revela certa simplificação de estruturação intratópica, na medida em que essas duas sequências mobilizam uma divisão de domínio em poucas unidades (duas ou três) e são parecidas entre si, já que a segunda opção pode ser entendida como praticamente a mesma estrutura da primeira, acrescida de mais uma unidade suporte. Segundo a análise de Garcia (2018), editoriais de

jornais manifestam, com maior frequência, combinações mais complexas das unidades de posição e suporte dentro dos domínios.

É importante salientar que, ao interpretarmos a organização intratópica dos artigos de opinião padrão como uma estruturação relativamente simples, não se trata de uma visão valorativa, que considere o gênero artigo de opinião como melhor ou pior que outros gêneros, ou os textos analisados como de maior ou menor qualidade que outros artigos. Trata-se de tentar descrever o grau de complexidade da organização tópica no material analisado, tentando perceber em que medida é possível correlacioná-lo ao gênero em questão – possíveis “vantagens” ou “desvantagens” desse ou daquele tipo de complexidade tópica (em termos, por exemplo, de poder argumentativo, clareza, profundidade de tratamento temático) dependerão de múltiplos fatores contextuais e fogem aos objetivos do presente trabalho (embora possivelmente constituam uma matéria interessante para análise textual-interativa).

A respeito desse caráter de uma certa “simplicidade” de organização intratópica, é, de fato, interessante notar a possibilidade de associá-lo a características do gênero. O reconhecimento de uma menor complexidade, quando os artigos são comparados a editoriais por exemplo, realmente parece pertinente, tendo em vista que editoriais seriam um gênero dedicado a uma análise mais técnica e mais aprofundada de uma temática, enquanto os artigos teriam um propósito menos técnico, mais opinativo.

Como se pode ver, essas interpretações sobre a organização intratópica encontrada nos artigos padrão e sobre possíveis correlações com características do gênero permitem uma análise certamente mais detalhada (e são temas relevantes para possíveis trabalhos futuros). De todo modo, a nosso ver, elas já representam apontamentos que ajudam a refletir sobre o funcionamento dos artigos padrão.

Enfim, uma vez descritas, nesta seção, características intratópicas dos artigos de opinião padrão, juntamente com o que foi descrito acerca da organização intertópica e tendo

essas descrições como referência, passamos, na próxima seção, à análise de artigos de opinião de estudantes da UFAC, de modo a tentar identificar possíveis domínios e deficiências que esses estudantes possam apresentar no conhecimento dos princípios de organização tópica desse gênero textual.

3.2 A Organização Tópica em Artigos de Opinião de Acadêmicos da Universidade Federal do Acre (UFAC)

Nesta seção, que constitui a segunda parte de nossa análise, procurando depreender possíveis domínios e deficiências de estudantes da UFAC quanto à produção textual de artigos de opinião, no que diz respeito, particularmente, à organização tópica, comparamos artigos produzidos por esses acadêmicos com artigos publicados em jornais (analisados acima). Na seção 3.2.1, analisamos a organização intertópica e, em 3.2.2, a organização intratópica.

3.2.1 A organização intertópica em artigos de opinião de acadêmicos da UFAC

De modo similar à análise da organização intertópica empreendida nos artigos de opinião padrão, procedemos à análise dos textos produzidos pelos acadêmicos da UFAC buscando verificar, em um primeiro momento, a particularização desse nível em termos da manifestação de unicidade intertópica (cada artigo apresenta um único tópico discursivo) ou de complexidade intertópica (cada artigo contém mais de um tópico).

Similarmente ao que foi verificado nos artigos de opinião padrão, apuramos que cada um dos textos dos alunos (47 artigos de opinião no total) apresenta, em sua composição, mais de um tópico discursivo, o que nos permite depreender uma primeira característica compartilhada entre as duas categorias de textos em comparação: a *complexidade intertópica*.

A diferença entre um texto apresentar unicidade e complexidade intertópica é bastante gritante. Assim, não é surpreendente que os artigos produzidos pelos estudantes se assemelhem aos artigos padrão nesse quesito, já que esse aspecto da organização tópica pode ser visto talvez como um traço bastante elementar de um gênero. De todo modo, pensamos que não deve ser

considerado desprezível esse dado, na medida em que indica já um domínio, por parte dos estudantes, exatamente de um princípio básico dos artigos de opinião.

Não seria exagero pensar que outros grupos de estudantes, talvez de níveis mais iniciais de escolarização ou com menor familiaridade com o gênero em questão, ainda não tivessem adquirido essa propriedade essencial dos artigos de opinião, vindo a produzir “artigos” rudimentares, constituídos por apenas um único tópico, razão pela qual tais textos poderiam até se confundir com textos de outros gêneros, talvez com uma carta de leitor, um resumo ou algum tipo de nota informativa. Assim, o dado encontrado, no nosso entendimento, já pode ser tomado como um fato indicativo de uma aquisição fundamental, por parte dos acadêmicos, no que tange à produção textual de artigos de opinião.

A partir da constatação do traço da complexidade intertópica nos textos dos estudantes, nossa análise dedicou-se a avaliar o grau de complexidade hierárquica característico desses textos. Novamente, a exemplo do que fizemos acerca dos artigos padrão, verificamos, então, em cada artigo produzido pelos estudantes, (i) a quantidade de SbTs mínimos por artigo e (ii) a quantidade de QTs.

O Quadro 6 esboçado, a seguir, apresenta um panorama da quantidade de SbTs mínimos instaurada por artigo de opinião, comparando os artigos padrão e os artigos produzidos pelos acadêmicos da UFAC:

Quadro 6: Dados sobre divisão de artigos de opinião padrão e artigos de acadêmicos em SbTs mínimos

Quantidade de SbTs mínimos por artigo	Artigos de opinião padrão	Artigos de opinião dos alunos
2	0% (0/20 casos)	10,63% (5/47 casos)
3	50% (10/20 casos)	29,78% (14/47 casos)
4	10% (2/20 casos)	29,78% (14/47 casos)
5	20% (4/20 casos)	21,27% (10/47 casos)
6	5% (1/20 casos)	4,25% (2/47 casos)
7	5% (1/20 casos)	4,25% (2/47 casos)
8	5% (1/20 casos)	0% (0/47 casos)
9	5% (1/20 casos)	0% (0/47 casos)

A leitura dos números discriminados no Quadro 6 destaca uma grande similaridade entre os dois grupos de textos. A partir dos mesmos dados sobre os artigos padrão que aí se encontram, discutimos, na seção 3.1.1, que esses artigos se caracterizam pela predominância de uma divisão que vai de três a cinco SbTs mínimos por texto, o que recobre 80% dos artigos padrão. Como se pode ver, também os artigos dos estudantes se concentram na divisão dos textos em três, quatro ou cinco SbTs mínimos, opções que recobrem um percentual ainda maior de casos: 80,83%.

Essa comparação, a nosso ver, assim como na observação do traço da complexidade intertópica, revela uma apropriação, por parte dos acadêmicos, bastante adequada de princípios típicos da produção de artigos padrão. Afinal, na grande maioria das vezes (80,83% dos casos), os acadêmicos produzem artigos de forma semelhante aos artigos padrão, em termos de divisão dos textos em SbTs mínimos.

Por outro lado, deve-se reconhecer também que algumas diferenças indicadas pelo Quadro acima apontam que, em alguma medida, os artigos dos estudantes tendem a manifestar um grau de complexidade hierárquica um pouco menor daquilo que ocorre nos artigos padrão.

Uma primeira diferença importante a esse respeito é a presença, nos artigos dos estudantes, de textos com apenas dois SbTs mínimos, numa frequência até considerável (10,63%), enquanto não se verifica esse tipo de divisão tópica nos artigos padrão. Embora a quantidade de dois SbTs mínimos por artigo seja naturalmente próxima à quantidade de três SbTs mínimos (que é a quantia mais comum em artigos padrão), essa configuração de texto com apenas dois SbTs significa uma simplificação muito grande de organização intertópica. Normalmente, artigos padrão (assim como grande parte dos próprios artigos dos estudantes), ao conterem pelo menos três SbTs mínimos, propiciam uma organização em três partes estruturais básicas, como introdução, desenvolvimento e conclusão. Embora a construção dessa estrutura tripartite não seja impossível em textos com apenas dois SbTs mínimos, ela já se torna,

nesse caso, menos viável, o que indica alguma simplificação na organização tópica global do texto.

Além disso, a divisão em apenas dois SbTs mínimos é limítrofe em relação a um texto que tenha um só SbT mínimo e que, assim, deixa de apresentar complexidade intertópica, que seria, como argumentado acima, um traço essencial de artigos de opinião.

Por essas razões, parece-nos que a divisão textual em apenas dois SbTs mínimos, embora de frequência não tão expressiva, é indicativa de uma certa tendência a menor complexidade hierárquica no caso dos textos dos estudantes.

Uma segunda diferença mostrada pelo Quadro acima que também apontaria para essa tendência é a existência de artigos padrão com números mais elevados de SbTs mínimos, no caso oito e nove, enquanto os artigos dos estudantes chegam a ter, no máximo, sete SbTs mínimos. Considerando que, em geral, cada SbT mínimo represente o desenvolvimento de um aspecto particular do tópico global, a divisão tópica em mais SbTs mínimos pode vir a significar um tratamento mais amplo e completo do tópico global. Nesse sentido, a diferença aqui destacada poderia ser indicativa de que os textos dos estudantes não chegam a alcançar os mesmos graus de abrangência de tratamento temático que podem ser observados em artigos padrão.

A motivação para essas duas diferenças pode emergir, a nosso ver, da desenvoltura e maior familiaridade do produtor do artigo de opinião padrão com a escrita, além do conhecimento que possui a respeito das especificidades desse gênero e do assunto nele discutido, considerando que, para produzir um artigo de opinião e publicá-lo, o autor deve ter a capacidade de discutir o tema em foco. Essas possíveis deficiências dos estudantes levariam aos dois extremos, isto é, tanto à produção de artigos com apenas dois SbTs mínimos (não identificada nos artigos padrão), quanto à não produção de artigos com números mais elevados de SbTs mínimos (presentes nos artigos padrão).

Desse modo, no tocante à quantidade de SbTs mínimos por artigo, percebe-se, em primeiro lugar, uma grande semelhança entre os artigos dos acadêmicos e os artigos padrão (referente à predominância da divisão do texto em três, quatro ou cinco SbTs mínimos). Já com menos destaque, mas relevância ainda considerável, notam-se diferenças que apontam para uma tendência de instauração de menor complexidade de hierarquização tópica nos textos dos estudantes, decorrente, possivelmente, de menor aquisição, por parte (de alguns) dos estudantes, acerca dos conhecimentos necessários para a produção de artigos mais prototípicos.

Continuando a análise do grau de complexidade intertópica hierárquica, tratamos agora das quantidades de QTs por artigo. O Quadro 7 compara os dois grupos de artigos quanto a esse respeito:

Quadro 7: Dados sobre QTs em artigos de opinião padrão e artigos produzidos por acadêmicos da UFAC

Quantidade de QTs por artigo de opinião	Percentuais e quantidades de artigos	
	Artigos padrão	Artigos dos alunos
1	60% (12/20 casos)	78,72% (37/47 casos)
2	40% (8/20 casos)	21,27% (10/47 casos)

É possível observar no Quadro 7 duas importantes semelhanças que os textos dos alunos manifestam em relação aos artigos padrão: aqueles textos, assim como estes, elaboram um ou dois QTs; dentre essas duas opções, predomina, em ambos os grupos de textos, a elaboração de um QT por artigo. A nosso ver, esses dois fatos permitem dizer que, também no que tange à elaboração de QTs, os estudantes, em termos mais gerais, dominam os princípios mais básicos da organização tópica do gênero artigo de opinião.

Por outro lado, os dados evidenciam também uma diferença significativa. Note-se que o percentual dos artigos padrão que apresenta dois QTs (40% dos casos) é quase duas vezes maior que o percentual que se vê nos artigos dos estudantes (21,27% dos casos). Pode-se dizer

que os estudantes produzem artigos com dois QTs numa frequência consideravelmente menor daquilo que seria prototípico do gênero.

Essa diferença indica novamente uma certa de tendência, nos artigos dos estudantes, de uma elaboração tópica mais simplificada em relação aos artigos padrão (na mesma linha do que apuramos na análise das quantidades de SbTs mínimos por artigo).

A instauração de QTs no decorrer da construção de um texto normalmente representa a formulação de uma abordagem temática mais complexa. A criação de QTs significa o reconhecimento e a marcação linguística de relações de hierarquização entre diferentes aspectos do tema tratado em um texto. Esse mecanismo, muitas vezes, pode ser indicativo da percepção ou do conhecimento, por parte dos interlocutores, de uma variedade maior de aspectos do tema do texto, bem como da apreensão de relações de sentido mais específicas, pormenorizadas, entre esses aspectos.

Nesse sentido é que consideramos que os dados evidenciariam, também no tocante à construção de QTs, uma tendência à simplificação tópica nos artigos dos estudantes, a qual pode sugerir, dentre outras deficiências, certa falta de domínio, da parte dos acadêmicos da UFAC, dos recursos linguístico-textuais necessários para empreendimento de uma organização tópica mais complexa e/ou de recursos em termos de percepção e conhecimento dos temas tratados nos artigos.

Desse modo, quanto à elaboração de QTs por artigo, é possível depreender uma constatação muito similar à depreendida acima sobre a formulação de SbTs mínimos: em termos mais gerais, os estudantes demonstram apropriação adequada dos princípios de organização tópica, mas com certa tendência a um domínio mais simplificado desses princípios.

Aqui parece caber uma reflexão (talvez controversa, reconhecemos) sobre o alto índice (78,72%) de textos com apenas um QT, nas produções dos estudantes. Por um lado, como consideramos acima, esse índice deve indicar uma proximidade dos artigos dos estudantes com

os artigos padrão, entre os quais também predominam textos com só um QT. No entanto, por outro lado, caberia questionarmos em que medida esse dado particular sobre a produção de textos com apenas um QT representaria, de fato, um indicio de domínio, por parte dos estudantes, de um conhecimento sobre a produção do gênero artigo de opinião.

A construção de um texto com apenas um QT constitui obviamente a forma estruturalmente mais simples de se construir um texto em termos de formulação de QTs. Assim, quando nos deparamos com o alto índice de 78,72% de artigos de estudantes com apenas um QT, ao mesmo tempo em que é válido reconhecer aí uma proximidade com aquilo que é prototípico do gênero, parece também pertinente questionar se esse alto índice não poderia decorrer também de falta de familiaridade dos acadêmicos com a produção do gênero (em termos de conhecimentos dos procedimentos tópicos e/ou de conhecimentos sobre o tema do texto). Afinal, nos artigos padrão, embora predominem textos com um QT, esse predomínio não é tão alto como nos artigos dos estudantes, ficando na casa de 60% dos textos, o que se aproxima, em certa medida, de um maior equilíbrio entre textos com um e com dois QTs (60% de textos com um QT *versus* 40% de textos com dois).

A nosso ver, uma hipótese plausível a esse respeito seria a de que parte dos textos dos estudantes que contêm apenas um QT seria decorrente, de fato, de uma adequação em relação ao gênero, enquanto outra parte poderia vir a decorrer de falta de familiaridade dos acadêmicos com a construção de estruturas tópicas mais complexas, casos em que as produções dos estudantes se adequariam aos artigos padrão apenas por coincidência. A verificação desse tipo de hipótese escapa ao escopo desta tese, mas a questão parece-nos interessante de ser verificada em outros trabalhos.

Mesmo diante dessa reflexão aqui esboçada, ainda acreditamos que seja pertinente depreender a constatação acima sintetizada, segundo a qual, no essencial, as produções dos estudantes, em termos da formulação de QTs, mais se assemelhariam do que se distanciariam

dos artigos padrão. Nossa visão, na verdade, seria apenas a de que tal constatação deve ser vista sob a ressalva do questionamento que acabamos de delinear aqui.

Passando agora ao exame dos dados referentes ao plano da organização intertópica linear, apuramos que as transições entre os SegTs mínimos componentes dos artigos de opinião dos estudantes afluíram, na totalidade dos casos, por continuidade. Trata-se, pois, de uma constatação que alinha os artigos dos acadêmicos aos artigos padrão, já que, conforme mostrado na seção 3.1.1 acima, no caso destes últimos, em 98,63% das vezes, a forma de linearização é também a continuidade tópica (verificamos, no *corpus* de referência, uma única ocorrência de descontinuidade, no caso, por inserção tópica).

Como, nos artigos padrão, a continuidade tópica verifica-se na quase totalidade dos casos, esse traço pode ser visto como uma propriedade tópica também elementar do gênero. Assim, sua presença em todos os textos dos estudantes pode ser interpretada como uma apropriação importante, da parte desses estudantes, acerca dos conhecimentos sobre a elaboração tópica do gênero.

Trata-se de uma constatação relevante, a nosso ver, já que seria pertinente a previsão de que, pelo menos com alguma frequência, houvesse casos de descontinuidade, principalmente por ruptura, pela ocorrência, por exemplo, de SegTs que fossem apenas iniciados com uma unidade de posição, mas cessassem por aí, sem complementação da posição introduzida. Essa hipótese seria aceitável, tendo-se em vista as aparentes dificuldades que muitos estudantes manifestam em produções textuais, conforme problematizado no início desta tese, bem como o fato de que construções textuais desse tipo, de fato, verificam-se em produções de alunos, como apontado, por exemplo, em Valli (2017), a respeito de dissertações escolares. No entanto, o que apuramos é que os acadêmicos da UFAC desenvolvem, pelo menos de forma minimamente suficiente, os SegTs iniciados, de modo a alcançarem sempre a continuidade tópica.

É verdade também que, por outro lado, ao manifestarem, em 100% dos casos, apenas a continuidade tópica, os textos dos alunos deixam de revelar alguma sofisticação maior em termos de linearização tópica. Parece-nos possível reconhecer que a descontinuidade possa ocorrer como parte de um processo estratégico de construção textual, como parte da elaboração de um texto com maior sofisticação de configuração tópica. Garcia (2018), por exemplo, descreve casos bastante complexos de descontinuidade tópica em editoriais de jornais. Esse recurso, porém, não ocorre nos textos dos acadêmicos da UFAC, o que poderia acusar algum baixo domínio desse aspecto da organização tópica. Porém, como até mesmo nos artigos padrão não se chega a verificar, com maior recorrência, a descontinuidade, pode-se entender que a (quase) exclusividade da continuidade seja realmente uma propriedade do gênero em questão e, portanto, parte de um uso adequado que os estudantes fazem dessa parte da organização tópica.

No restante desta seção, seguimos apresentando alguns exemplos de artigos produzidos pelos acadêmicos da UFAC, a fim de ilustrar e demonstrar as principais das características que, conforme relatamos acima, ocorreram nos artigos produzidos por eles – mais ao final, sintetizamos e comentamos as conclusões da seção.

Começamos, então, com o artigo em (28), que ilustra um texto constituído por três SbTs mínimos, organizados em um único QT e caracterizado, como todos os textos dos estudantes, pela presença exclusiva da continuidade tópica:

(28) A importância de estudar Geografia

[SbT mínimo 1: *Geografia como importante componente curricular na educação básica*]

Nas últimas décadas é possível notar um avanço significativo no que se refere ao setor educacional do Brasil, que de forma satisfatória vem melhorando a qualidade das escolas, professores e alunos, tendo em vista a relevância que a **Educação** proporciona para a sociedade. Nesse contexto é importante destacar **o papel da Geografia**, pois, sabemos que em tempos atrás **a Geografia** não possuía **um certo valor** ou não era tão estudada e considerada como importante assim como Português e Matemática. Concomitante a esse processo de transformação na Educação, **a Geografia** vem mudando também, tornando-se assim **um componente curricular primordial na Educação Básica**, permitindo de certa forma aos educandos a leitura da vida e

1
2
3
4
5
6
7
8
9

do espaço, enquanto sujeitos atuantes na sociedade e no espaço. Desse modo torna-se **imprescindível o ensino de Geografia** nos anos iniciais do **Ensino Fundamental**.

[SbT mínimo 2: *Geografia: instrumento facilitador da leitura do espaço e do mundo*]

Nessa perspectiva, Callai (2005) propõe uma reflexão acerca da leitura do mundo ao qual estamos inseridos e que modificamos constantemente uma vez que uma forma de fazer a leitura do mundo é por meio da **leitura do espaço**, o qual traz em si todas as marcas da vida dos homens.

É importante compreender que **a leitura do mundo** ultrapassa a representação cartográfica (embora seja de grande relevância), mas **esta** deve ser feita considerando **o espaço vivido**, construído cotidianamente a partir do sentimento de pertencimento ao lugar, de uma identidade cultural, mostrando também que **essa leitura** inerente ao espaço é resultado de uma interação social, cultural, política e econômica, expressa diariamente. Ou seja, **a Geografia é grande facilitadora para a leitura de mundo do indivíduo**.

Quando coloca em questão **o mundo globalizado** em que vivemos, o acesso e a velocidade com que se tem acesso às informações entende-se que apenas **ler** e escrever não são suficientes na busca da **construção do conhecimento escolar**. É preciso possibilitar **aos alunos** o entendimento do **espaço** ao qual estão inseridos. Assim sendo surge **a relevância da geografia na escola**, com **seu papel** de permitir **o entendimento do mundo**, que necessita ser entendido pelos educandos nos anos iniciais **do ensino fundamental**.

[SbT mínimo 3: *O papel da Geografia no cotidiano escolar*]

Não se buscará superestimar **a Geografia escolar** perante as outras disciplinas, mas compreender o caráter próprio que **a Geografia tem no cotidiano escolar** de permitir a partir da **leitura do espaço**, ler sua própria história.

Sendo assim, **a Geografia ajuda a criança** a se encontrar no mundo, fazendo com que **ela** possa compreender **a sociedade**, nos mostrando dessa forma a importância do **ensino da Geografia** desde os anos iniciais e nos fazendo enxergar que **ela** precisa ser ensinada aos alunos tanto quanto Português e Matemática. (*A importância de estudar Geografia*, 2º Sem. 2017).

O tópico global deste artigo de opinião, nomeado como *A relevância da Geografia no Ensino Fundamental*, apresenta uma série de expressões referenciais e predicções concernentes entre si e que o caracterizam, como se vê, por exemplo, em: “é importante destacar o papel da Geografia” (l. 4), “a leitura do mundo ultrapassa a representação cartográfica” (l. 16-17), “grande facilitadora” (l. 21), “a relevância da geografia na escola” (l. 25-26), “com seu papel de permitir o entendimento do mundo” (l. 26), “a Geografia ajuda a criança a se encontrar no mundo” (l. 31) e “ensino da Geografia” (l. 32-33).

A organização hierárquica composta por um QT (um ST e três SbTs mínimos) é representada no esquema em (29):

(29) Tópico global: *A relevância da Geografia no Ensino Fundamental*

Tópico 1 (SbT mínimo 1): *A Geografia como importante componente curricular da educação básica* (l. 1-11)

Tópico 2 (SbT mínimo 2): *Geografia: instrumento facilitador da leitura do espaço e do mundo* (l. 12-27)

Tópico 3 (SbT mínimo 3): *O papel da Geografia no cotidiano escolar* (l. 28-34)

O SbT mínimo 1, desenvolvido nas linhas de 1 a 11 e sintetizado como *A Geografia como importante componente curricular da educação básica*, segue o movimento textual verificado na maioria dos artigos de opinião padrão, isto é, instaura no texto a discussão geral que percorre toda sua organização textual-interativa. Assim sendo, no decurso desse SbT, o produtor do texto centra-se na discussão a respeito das mudanças ocorridas no âmbito educacional, destacando que tais mudanças afetaram a disciplina Geografia, uma vez que ela se tornou “um componente curricular primordial na Educação Básica” (l. 8), na medida em que possibilita “aos educandos a leitura da vida e do espaço” (l. 9).

O trecho das linhas 12 a 27 desenvolve o SbT mínimo 2, sumarizado como *Geografia: instrumento facilitador da leitura do espaço e do mundo*. Esse SbT é introduzido de maneira mais abrangente, “uma reflexão acerca da leitura do mundo” (l. 12), e é detalhado na sequência por meio de uma cadeia de predicções, como se pode observar nas seguintes passagens: “a leitura do mundo ultrapassa a representação cartográfica” (l. 16-17), “esta deve ser feita considerando o espaço vivido” (l. 17-18), “a Geografia é grande facilitadora para a leitura de mundo do indivíduo” (l. 20-21).

O SbT mínimo 3, desenvolvido nas linhas 28 a 34, aborda *O papel da Geografia no cotidiano escolar*. A discussão acerca desse SbT foca o papel que a Geografia assume no contexto escolar, que seria “compreender o caráter próprio que a Geografia tem no cotidiano escolar” (l. 29), visto que, ao possibilitar ao aluno “a leitura do espaço” (l. 30), permite que ele compreenda a “sua própria história” (l. 30).

Quanto à linearização tópica, pode-se perceber que não ocorre nenhuma forma de descontinuidade tópica. Cada novo SbT mínimo (no caso, o segundo e o terceiro) começa a ser desenvolvido após ser possível recuperar-se um sentido de completude e fechamento no desenvolvimento do SbT mínimo anterior.

Esse artigo de opinião é, então, exemplar da ocorrência mais comum identificada em nosso *corpus* de estudo, isto é, artigos constituídos por três, quatro ou cinco SbTs mínimos, organizados em um QT, com uso exclusivo da continuidade tópica entre os SegTs mínimos. Trata-se, inclusive, de uma configuração que atende às características também de artigos padrão, no que tange a esses aspectos da organização tópica.

A título de ilustração, segue abaixo outro artigo que também se encaixa nessas configurações prototípicas, mas que, no caso, contém cinco SbTs mínimos:

(30) A reforma do Ensino Médio

[SbT mínimo 1: *Reforma do Ensino Médio: retrocesso à educação pública*]

A reforma do ensino médio, nos moldes apresentados sob a força bruta de uma medida provisória apresentada pelo executivo nacional é uma clara aventura de Marty Mcfly, uma volta ao passado, mas no sentido de **retrocesso para educação pública brasileira**, uma vez que, **os estudantes** serão divididos entre aqueles que não vão ter acesso a um ensino introdutório e aqueles que vão ter acesso a um ensino técnico de baixa qualidade. Voltaremos a época em que **a educação** era dividida entre **clássica e científica** que eram dois caminhos que geravam **uma educação incompleta** já que a demanda era atender as solicitações do mercado. Somando-se a isto, é clara a visão de que **alunos menos favorecidos socialmente** e economicamente serão “empurrados” para o **curso técnico “profissionalizante”** visando algo próximo a sua realidade. Já **os alunos em condições favoráveis** nadaram em mar aberto com a profissionalização, uma vez que, poderão focar **os estudos na área que desejam**.

[SbT mínimo 2: *Inconsistência da flexibilidade*]

Mais do que isso, **a MP** abre brecha para criar **uma flexibilidade** no **Ensino Médio** apresentando **aos alunos**, aos 16 anos de idade, **cinco possibilidades de trajetória**: matemática, linguagem, ciências da natureza, ciências humanas e ensino técnico profissionalizante de nível médio. **Um erro fatal para nossa sociedade. Nesta etapa** da vida escolar, **os estudantes** não estão preparados **para escolher uma trajetória**. Eles estão preparados, sim, **para escolher as disciplinas**. **A flexibilidade** real seria criar um ciclo básico e criar matéria optativa. Isto é flexível. É lógico que nesse tabuleiro todos estariam em pé de igualdade, tanto cognitivo como discursivo.

[SbT mínimo 3: *Ensino profissionalizante similar ao proposto no período da ditadura militar*]

A propósito, a função da escola vai muito além das aspirações do mercado e não pode ser confundida com o fim último da educação, que é o homem como ser transformado do meio. **A MP** propõe **a profissionalização compulsória** similar a **implantada pela ditadura militar** cujo **resultado catastrófico** todos nós conhecemos. No mercado o que serve hoje pode não servir amanhã. Os avanços tecnológicos passarão a exigir novas competências e o aluno que não tiver

uma formação básica sólida vai dançar, por que não conseguira se adaptar as novas exigências. 23
 Subordinar a educação as necessidades do mercado significam aceitar a competência capitalista e 24
 negar **uma concepção politécnica de educação estruturada no senso crítico e na reflexão.** 25

[SbT mínimo 4: *Desconsideração dos conselhos estaduais e municipais de educação*]

Em outras palavras, **a MP do ensino Médio** foi construída sob **uma batuta ditatorial** 26
 onde não leva **em considerações os conselhos estaduais e municipais de educação.** Desde 2013 27
 circula no Congresso Nacional uma PL que reflete sobre os novos rumos e desafio que **o ensino** 28
médio deve percorrer. **A falta de avanço** é o espelho da sociedade negando em parte algo que não 29
 se adequa **as realidades de cada estado**, mas nesse ponto **os conselhos têm voz e vez.** Propor a 30
 obrigatoriedade apenas do ensino de língua portuguesa e matemática nos três anos do ciclo é, na 31
 prática, liberar os estados do esforço de contratar professores de física, química, etc. ao mesmo 32
 tempo em que libera as universidades e institutos públicos de formar esses profissionais. 33

[SbT mínimo 5: *Consequências da reforma descompromissada com a formação acadêmica*]

Para finalizar, quero deixar claro como um dia de verão que sou totalmente contra esse 34
 modelo de **reforma do ensino médio**, empurrado de goela abaixo por **um governo ilegítimo,** 35
 golpista **sem compromisso com a continuidade acadêmica**, principalmente das **pessoas de baixa** 36
renda. A decorrência natural deste quadro se traduzirá **numa** oferta pautada não nos interesses 37
 e necessidades dos estudantes, mas **nas limitações de oferta dos sistemas** com o risco de termos 38
 um verdadeiro apartheid escolar no país. Isso sem levar em consideração **os fatores sociais** que 39
 obrigam **uma parcela significativa dos jovens** a buscar **instrução escolar no contra turno** do 40
 horário comercial. O risco a longo prazo em minha concepção chega a ser de propagação vulcânica, 41
 dado que o jovem que hoje é angariado de receita para sua família e sempre buscará o caminho 42
 mais curto para o dinheiro e se sobrar tempo buscará a educação superior. Afastando-se do 43
 verdadeiro nível de graduação acadêmica. (*A reforma do Ensino Médio, 2º Sem. 2017*). 44

Em nossa análise, intitulamos o tópico global desse artigo como *Reforma do Ensino Médio: derrocada da educação pública*, considerando que esse seria o tema central que perpassa todo o texto. Cada um dos cinco SbTs mínimos discriminados na transcrição do artigo refere-se, a nosso ver, a um aspecto do tópico global. Desse modo, assim como no exemplo anterior, não seria possível reconhecer uma relação de hierarquização temática entre esses SbTs, estando todos igualmente subordinados unicamente ao tópico global e configurando, assim, a instauração de um único QT no texto.

Como se pode observar, nesse artigo nenhum SbT mínimo começa a ser desenvolvido sem que antes se possa reconhecer um efeito de completude no desenvolvimento do SbT mínimo anterior, atestando, também, a presença da continuidade tópica no decorrer de todo o texto.

A seguir, exemplificamos, em (31), um artigo com sete SbTs mínimos, organizados, desta vez, em dois QTs, com presença também apenas de continuidade tópica:

(31) O ensino e a aprendizagem de geografia nos anos iniciais do ensino fundamental

[SbT mínimo 1: *Ensino de Geografia: outros meios e fins*]

É comum quando falamos em **geografia**, associarmos logo ao estudo de mapas, o que a meu ver, não está errado, mas é um equívoco, quando não aprendemos ou **ensinamos geografia com outros meios e fins**. Nesse sentido, **o ensino e aprendizagem** de tal disciplina só será relevante para vida das pessoas se contemplarem **os espaços geográficos**. Para tanto, se faz necessário haver propostas metodológicas que enfatizem o reconhecimento e **a importância** de estudarmos **a disciplina** em questão com a mesma eloquência que a matemática e a língua portuguesa.

[SbT mínimo 2: *Carência de práticas pedagógicas dinâmicas e inovadoras*]

Num passado bem recente, e atualmente, em algumas escolas, especificamente **alguns métodos** utilizados por alguns professores no ensino e na aprendizagem **de geografia** são feitos **com base na decoreba**, sem **nenhuma dinâmica nas práticas pedagógicas**, não contribuindo para o ensino de uma geografia prazerosa e consequente. Embora algumas mudanças já terem acontecido quanto a estas práticas, **a geografia tradicional** ainda está bastante implícita nas escolas. Isso se deve ao fato de que muitos dos professores atuantes não foram alfabetizados em geografia.

[SbT mínimo 3: *Valorização de algumas disciplinas em detrimento da Geografia*]

Outro fator que contribui para o **“fracasso” do ensino de geografia** é **a valorização acentuada de algumas disciplinas**, como por exemplo, língua portuguesa e matemática. Na semana diagnóstica nos anos iniciais do ensino fundamental só é feita o diagnóstico nessas disciplinas, **as demais disciplinas são ignoradas pelas escolas**.

[SbT mínimo 4: *Necessidade de alfabetização em Geografia*]

Para Perez (1999, p. 33) “O ensino de geografia, nas séries iniciais, deve ter como fundamento a alfabetização da criança na leitura do mundo através da leitura do espaço [...]”. Nesse aspecto, **o ensino de geografia** propõe **uma leitura de mundo** para melhor compreensão do espaço, partindo do espaço habitado por esse indivíduo. É preciso que **a criança seja alfabetizada** não só na língua materna, mas **em geografia** também, pois é fundamental essas construções de noções de espaço que se inicia pelo seu habitat natural a noções mais complexas.

[SbT mínimo 5: *Valoração da Geografia às demais disciplinas*]

O ensino de geografia é um instrumento importante para **a compreensão do mundo**, e as escolas precisam urgentemente melhorá-lo, **igualando o seu valor às demais disciplinas**. Dando a merecida **relevância** que essa aprendizagem tem para a vida do aluno. O que não é difícil de alcançar basta que **todas as disciplinas** tenham **a mesma importância** no ensino e na aprendizagem dos educandos, e que os professores que atuam nessas disciplinas estejam revendo esses conceitos defasados de que geografia é uma ciência que deve ser ensinada através da memorização.

[SbT mínimo 6: *Formação do professor*]

Outro ponto é quanto **à formação dos professores**, pois sabemos que **o professor** precisa estar se reciclando periodicamente, por meio **de formações continuadas** para atualizar os métodos utilizados em **suas práticas pedagógicas**, pois se faz necessário **inovações e adequações** aos conteúdos ensinados na escola. O ensino de geografia ressalta a criticidade do educando na leitura de mundo, por meio da compreensão e ocupação do espaço.

[SbT mínimo 7: *Finalidades do ensino da Geografia*]

Enfim, **o ensino de geografia** propicia **ao aluno ler o mundo**, compreendendo **seu contexto histórico**, enfatizando a localização espacial que este ocupa na sociedade. **Este aluno** passa a analisar e interpretar **o espaço como um todo**, no sentido de pertencimento ao estado ou território, será capaz de descrevê-lo como resultado da economia, política ou cultura. **A geografia** também tem **a função** de nos tornarmos **pertencentes a um determinado lugar**, estado ou país, por essa razão é urgente que os docentes ministrantes dessa disciplina estejam aptos a essas novas mudanças no ensino dessa ciência. (*O ensino e a aprendizagem de geografia nos anos iniciais do ensino fundamental*. 2º Sem. 2017).

Nesse exemplo, sintetizamos o tópico global como *Desafios do ensino e aprendizagem da Geografia no Ensino Fundamental*, cuja comprovação pode ser atestada em passagens como “a geografia tradicional ainda está bastante implícita”, (l. 12), “valorização acentuada de algumas disciplinas” (l. 16), “a merecida relevância” (l. 27), “todas as disciplinas tenham a mesma importância” (l. 28), “à formação dos professores” (l. 32), “inovações e adequações aos conteúdos” (l. 34-35) e “propicia ao aluno ler o mundo” (l. 37).

O esquema em (32) exhibe a hierarquização tópica que reconhecemos nesse artigo, com formação de dois QTs:

(32) Tópico Global: *Desafios do ensino e aprendizagem da Geografia no Ensino Fundamental*

Tópico 1 (SbT mínimo 1): *Ensino de Geografia: outros meios e fins* (l. 1-7)

Tópico 2: *Desafios do ensino de Geografia* (l. 8-36)

Tópico 2.1 (SbT mínimo 2): *Carência de práticas pedagógicas dinâmicas e inovadoras* (l. 8-14)

Tópico 2.2 (SbT mínimo 3): *Valorização de algumas disciplinas em detrimento da Geografia* (l. 15-18)

Tópico 2.3 (SbT mínimo 4): *Necessidade de alfabetização em Geografia* (l. 19-24)

Tópico 2.4 (SbT mínimo 5): *Valoração da Geografia às demais disciplinas* (l. 25-31)

Tópico 2.5 (SbT mínimo 6): *Formação do professor* (l. 32-36)

Tópico 3 (SbT mínimo 7): *Finalidades do ensino da Geografia* (l. 37-44)

O SbT mínimo 1 diz respeito à introdução do tópico global, por meio de enunciados que manifestam na superfície do texto uma referenciação de natureza mais geral. Mediante expressões referenciais e predicações como “é comum quando falamos em geografia” (l. 1), “associarmos logo ao estudo de mapas” (l. 1-2), “um equívoco” (l. 2), “ensinamos geografia com outros meios e fins” (l. 3), o desenvolvimento desse SbT tece uma crítica à concepção errônea a respeito do ensino de Geografia quando não se tem clareza quanto à sua finalidade e seu objeto de ensino.

A partir disso, o artigo centra-se, nos SbTs mínimos subsequentes, em aspectos mais específicos que contribuem para tal percepção. Assim, os SbTs mínimos 2, 3, 4, 5 e 6, conforme se vê no esquema em (32), desenvolvem tópicos subordinados a um tópico mais geral, sintetizado como *Desafios do ensino de Geografia*, ou seja, esses SbTs mínimos discutem, de modo particular, no decurso do texto, os aspectos que corroboram a concepção errônea sobre a Geografia, mencionada no primeiro tópico do texto.

O último tópico, correspondente ao SbT mínimo 7, *Finalidades do ensino da Geografia*, enfatiza, finalmente, os propósitos da disciplina Geografia no desenvolvimento do aluno.

Conforme nossa análise, esse artigo faz parte dos casos identificados em nosso *corpus* de estudo que configuram dois QTs. A organização linear dos tópicos, no que diz respeito à transição entre os SegTs mínimos, mais uma vez ocorre por continuidade.

Apresentamos agora uma ocorrência identificada no grupo de artigos produzidos pelos alunos cuja quantidade de SbTs mínimos não se verifica nos artigos de opinião padrão, isto é, um artigo com apenas dois SbTs mínimos – trata-se de um texto naturalmente com apenas um QT e no qual também ocorre apenas continuidade tópica:

(33) *Reforma do Ensino Médio*[SbT mínimo 1: *Aspectos negativos se sobrepõem aos positivos*]

Sabemos que **as opiniões** sobre a reforma do ensino médio **são variadas**, tendo **pontos negativos e pontos positivos**. 1
2

A nova reforma pode ser boa se olharmos que o estudante pode escolher a trajetória de ensino, pensando em seu trabalho futuramente. Mas temos **mais pontos negativos** se observarmos bem, pois sabemos que **a ênfase maior** é em **uma formação tecnicista** em oposição a **uma formação crítica dos estudantes**, sabemos também que temos país que mais atrapalha do que ajuda quando se quer abrir uma empresa, investir, criar uma renda, então, o aluno procura trabalho quando termina o ensino médio e não encontra. 3
4
5
6
7
8

Tirar matérias que são importantes da grade de ensino, **não é uma boa**, pois de alguma forma **elas tem sua importância**, tornar **o ensino integral em regiões pequenas**, onde tem poucas escolas e muitos alunos, com enorme lotação nas salas de aula, sem nem falar nas rendas das escolas, **não é também um ponto positivo**. 9
10
11
12

[SbT mínimo 2: *Necessidade de reflexão sobre todos os aspectos*]

Então é preciso observar vários ou melhor, **todos os pontos**, porque no final **essa reforma** pode **não trazer benefícios para todo país**, e **sim para algumas partes dele**, partes essas que são **as regiões mais desenvolvidas**. (*Reforma do Ensino Médio*. 2º Sem. 2017). 13
14
15

Nesse artigo, o primeiro SbT mínimo refere-se aos aspectos positivos e negativos da reforma do Ensino Médio, centrando-se, sobretudo, nos aspectos negativos. O segundo e último SbT remete à necessidade de avaliar tanto os aspectos positivos, quanto os aspectos negativos da reforma do Ensino Médio. Como argumentamos anteriormente, e como, de fato, pode-se notar nesse exemplo, a divisão do texto em apenas dois SbTs mínimos distancia-se daquilo que é mais comum, seja nos artigos padrão, seja nos demais artigos produzidos pelos próprios estudantes, o que se percebe até mesmo pela extensão do texto.

Os artigos apresentados acima exemplificam as principais similaridades e diferenças que os artigos dos acadêmicos da UFAC apresentam em relação aos artigos padrão, no que tange aos aspectos da organização intertópica aqui analisados. Na sequência, sintetizamos, então, as principais constatações que fomos discutindo no decorrer da seção:

- (i) quanto à manifestação do traço de unicidade ou do traço de complexidade intertópica, os artigos dos alunos, assim como os artigos padrão, caracterizam-se pelo segundo traço, presente na totalidade dos casos, nos dois grupos de textos;

- (ii) em relação à quantidade de SbTs mínimos por artigo, nas produções dos estudantes, igualmente ao que se vê nos artigos padrão, predomina, na grande maioria dos casos, a divisão do artigo em três, quatro ou cinco SbTs mínimos. Por outro lado, numa porção menor de casos, percebem-se duas diferenças: os artigos padrão podem chegar a uma quantidade de SbTs mínimos por texto maior do que se verifica nas produções dos estudantes; estas últimas incluem textos com apenas dois SbTs mínimos, o que não se observa nos artigos padrão (nos quais, cada texto apresenta, pelo menos, três SbTs mínimos);
- (iii) no que concerne ao processo de linearização tópica, os textos dos alunos assemelham-se fortemente aos artigos padrão, na medida em que, nos primeiros, na totalidade dos casos, verifica-se continuidade tópica e, nos segundos, essa forma está presente também na quase totalidade dos casos (um caso somente de descontinuidade).

Conforme procuramos argumentar no decorrer da seção, essas constatações indicariam que os textos produzidos pelos estudantes da UFAC atendem, em grande medida, às características da organização intertópica prototípica do gênero artigo de opinião, porém com certa tendência a uma simplificação de complexidade intertópica. Essa apuração sugeriria, então, que os estudantes em questão detêm bom conhecimento do gênero em pauta, no que tange à organização intertópica, porém ainda careceriam de algum incremento em termos de conhecimento dos princípios de organização tópica e/ou de conhecimento dos temas abordados nos artigos, a fim de poderem suprir a tendência observada de simplificação de complexidade intertópica.

3.2.2 A organização intratópica em artigos de opinião de acadêmicos da UFAC

Nosso objetivo, nesta seção, é analisar a organização intratópica dos artigos de opinião produzidos pelos acadêmicos da UFAC, descrevendo similaridades e diferenças que manifestam em relação aos artigos de opinião padrão. Para efetivar esse propósito, analisamos, em primeiro lugar, em consonância com nossa análise acerca dos artigos padrão, se os artigos dos alunos seguiriam uma regra geral de organização intratópica e qual seria essa regra.

A esse respeito, nossa análise revelou que os SegTs mínimos dos artigos dos alunos, da mesma forma que a estruturação interna dos SegTs mínimos dos artigos padrão, também manifestam uma regra geral de organização intratópica, e essa regra consiste também na combinação entre as unidades de posição e suporte. Verificamos a presença dessa relação posição-suporte em 100% dos SegTs mínimos analisados, extraídos dos artigos dos estudantes (185 SegTs mínimos).

Essa constatação incide sobre um aspecto muito básico, elementar, da apropriação do gênero artigo de opinião por parte dos estudantes, podendo talvez ser vista, a princípio, como pouco relevante. Porém, a nosso ver, até mesmo por referir-se a um elemento fundamental da construção dos artigos, representa uma descrição significativa sobre as produções textuais dos alunos.

Em primeiro lugar, conforme vem sendo descrito em diversos trabalhos da GTI (cf. capítulo 1), cada gênero textual segue alguma regra geral de organização intratópica. Assim, ao também seguirem uma regra geral, as produções dos alunos demonstram alinhar-se a essa característica dos gêneros, em termos de organização intratópica.

No mesmo sentido, os trabalhos da GTI têm procurado mostrar, inclusive, que a regra de organização intratópica seguida pelos textos de um gênero estaria entre os aspectos que aproximam e diferenciam os gêneros uns dos outros. É o caso da regra geral posição-suporte,

que, por um lado, é compartilhada por editoriais (GARCIA, 2018), dissertações escolares (VALLI, 2017) e também por artigos de opinião padrão (conforme verificamos no presente trabalho) e, por outro lado, diferencia esses gêneros, por exemplo, de cartas de leitores (OLIVEIRA, 2016), que manifestam uma regra diferente.

Dessa forma, ao alinharem-se à mesma regra geral dos artigos padrão, as produções dos estudantes indicam que eles dominam a regra geral de organização intratópica que (juntamente com outros fatores) caracteriza o gênero em questão, aproximando-o de certos gêneros e distanciando-o de outros. Como essa regra (posição-suporte) é compartilhada por outros gêneros, naturalmente apenas o seu domínio não representa já o conhecimento completo da organização intratópica do gênero – esse conhecimento compreende outros aspectos da organização intratópica, alguns dos quais seguimos analisando no restante da seção. De todo modo, o domínio da regra geral certamente já pode ser visto como a aquisição de um elemento fundamental acerca do gênero em questão.

Outro aspecto da organização intratópica que analisamos foi o uso da aplicação recursiva da relação posição-suporte dentro dos SegTs mínimos. A esse respeito, constatamos que, de modo similar aos artigos de opinião padrão, a recursividade da regra posição-suporte, nos artigos dos alunos, aplica-se com pouca frequência. Ou seja, a maior parte dos SegTs dos artigos dos estudantes apresenta apenas um domínio de estruturação intratópica. O Quadro 8, a seguir, apresenta a quantidade de domínios por SegT mínimo instaurada nos dois grupos de artigos:

Quadro 8: Quantidade de domínios de organização intratópica por SegT mínimo em artigos de opinião padrão e em artigos de acadêmicos da UFAC

Quantidade de Domínios por SegT mínimo	Percentuais e quantidades de ocorrências	
	Artigos padrão	Artigos dos acadêmicos da UFAC
1	87,23% (82/94)	92,97% (172/185)
2	9,57% (9/94)	4,86% (9/185)

3	3,19% (3/94)	0,54% (1/185 casos)

Como se pode notar, os dados demonstram que os artigos dos estudantes da UFAC são muito semelhantes aos artigos padrão em relação à elaboração de domínios dentro dos SegTs mínimos. Em primeiro lugar, os artigos dos alunos têm um, dois ou três domínios por SegT mínimo, assim como ocorre na organização intratópica dos artigos padrão. Além disso, em ambos os grupos de artigo, predomina muito expressivamente a elaboração de apenas um domínio por SegT mínimo.

Na seção 3.1.2 acima, ao analisarmos os dados sobre a formação de domínios intratópicos nos artigos padrão, consideramos que uma elaboração maior de diferentes domínios dentro de um SegT mínimo representaria uma complexidade maior de construção tópica – isto é, quanto maior a quantidade de domínios em um SegT mínimo, maior a complexidade de elaboração tópica. Tendo isso em vista, apontamos que, comparados, por exemplo, a editoriais (cf. GARCIA, 2018), os artigos padrão manifestariam uma baixa complexidade em termos de formulação de domínios intratópicos. Conforme se pode ver no Quadro 8, os textos dos alunos da UFAC adequam-se a esse traço dos artigos padrão, que se pode tomar como uma baixa complexidade de organização intratópica.

Embora se destaque no Quadro 8 essa proximidade entre os dois grupos de artigo, é interessante observar, numa análise mais minuciosa, que, dentre os artigos dos alunos, o percentual de SegTs com um único domínio (92,97%) é ainda maior que o percentual visto nos artigos padrão (87,23%). Ou seja, apesar de ambos os índices serem altos, o índice é maior nos artigos dos alunos.

Essa observação parece apontar para o mesmo fato identificado na análise da seção anterior, quando pudemos notar, nas produções textuais dos estudantes, uma tendência a certa simplificação de organização tópica, em relação aos artigos padrão. A nosso ver, embora sutil,

essa maior simplicidade verifica-se também aqui, no caso da elaboração de diferentes domínios por SegT mínimo.

Nossa análise da organização intratópica compreendeu também verificar, dentro de cada domínio, as diferentes formas de combinação das unidades de posição e suporte. O Quadro 9 mostra as combinações que encontramos nos textos dos alunos, em comparação com o que foi apurado nos artigos padrão:

Quadro 9: Combinações entre posição e suporte identificadas nos domínios de organização intratópica em artigos padrão e em artigo de acadêmicos da UFAC

Combinações identificadas	Quantidades e percentuais de ocorrência	
	Artigos padrão	Artigos dos acadêmicos da UFAC
posição-suporte	36,69% (40/109 casos)	48,73% (96/197 casos)
suporte-posição-suporte	7,33% (8/109 casos)	15,22% (30/197 casos)
suporte-posição	6,42% (7/109 casos)	9,64% (19/197 casos)
posição-suporte-suporte	20, 18% (22/109 casos)	7,10% (14/197 casos)
posição	3,66% (4/109 casos)	5,58% (11/197 casos)
suporte-posição-suporte-suporte	3,66% (4/109 casos)	5,07% (10/197 casos)
posição implícita	4,58% (5/109 casos)	3,55% (7/197 casos)
posição-suporte-posição	5,50% (6/109 casos)	3,04% (6/197 casos)
posição-suporte-suporte- suporte	4,58% (5/109 casos)	0,50% (1/197 casos)
suporte-posição-suporte-posição	0,91% (1/109 casos)	0,50% (1/197 casos)
posição-suporte-suporte-posição	-----	1,01% (2/197 casos)
posição-suporte-posição-suporte	-----	0,50% (1/197 casos)
posição-suporte-suporte-suporte-suporte-suporte	1,83% (2/109 casos)	-----
suporte-suporte-posição	1,83% (2/109 casos)	-----
suporte-posição-suporte-suporte-suporte	1,83% (2/109 casos)	-----
suporte-suporte- suporte-posição-suporte-suporte- suporte	0,91% (1/109 casos)	-----

A nosso ver, é interessante notar que os dados expostos no Quadro 9 permitem depreender uma constatação similar ao que temos apontado até aqui: em termos mais básicos e essenciais, os textos dos alunos assemelham-se àquilo que ocorre nos artigos padrão, mas com certa tendência à simplificação de organização tópica.

Quanto à similaridade fundamental, pode-se ver que, em ambos os grupos de artigo, predomina a sequência posição-suporte. Além dessa, as sequências mais recorrentes são, em ambos os grupos, as mesmas três: suporte-posição-suporte, suporte-posição e posição-suporte-suporte. Para além dessas quatro combinações, os dois grupos de artigos exibem diversificados tipos de encadeamentos, todos com baixos índices de ocorrência.

Dentre os diversos encadeamentos com baixas frequências, os dois grupos compartilham seis combinações, mas parece que esse compartilhamento não chega a representar alguma característica mais reveladora da proximidade entre os grupos. Trata-se naturalmente apenas do uso de diferentes possibilidades de sequenciamento dentre as inúmeras opções disponibilizadas pelo recurso da combinação das unidades de posição e suporte, devendo a coincidência de formas, entre um grupo de artigos e outro, decorrer de fator meramente ocasional, tendo em vista os baixos índices dessas combinações.

Parece-nos que o destaque mesmo, em termos de proximidade dos artigos dos alunos com os artigos padrão, reside na prevalência da combinação posição-suporte. A esse respeito, na seção 3.1.2, ao analisarmos os artigos padrão, interpretamos que a predominância dessa sequência indicaria uma certa simplicidade do gênero no que tange à estruturação dos domínios intratópicos. O que os dados nos relevam seria, então, que os artigos dos alunos se adequam a esse caráter mais simples da configuração dos domínios, ao manifestarem o índice de 48,73% de domínios configurados segundo a combinação posição-suporte.

Porém, ao mesmo tempo, esse próprio dado já aponta para o que pode ser visto como uma diferença entre os dois grupos de textos, diferença que envolve a tendência dos artigos dos alunos a uma simplificação de organização tópica – no caso, uma simplificação ainda maior daquilo que já seria tipicamente simples no gênero. Veja-se que a sequência básica posição-suporte, embora predomine em ambos os grupos, é relativamente mais expressiva no caso dos artigos dos alunos: 36,69% nos artigos padrão *versus* 48,73% nos textos dos estudantes. Ou

seja, neste segundo grupo, praticamente metade dos domínios estrutura-se conforme a sequência em foco.

Desse modo, nossa análise da estruturação dos domínios intratópicos parece indicar também a mesma característica principal que foi sendo evidenciada na análise dos demais elementos da organização tópica dos textos dos alunos da UFAC: esses estudantes manifestam um conhecimento relativamente satisfatório da organização tópica do gênero em pauta, sendo capazes de produzir textos bastante próximos à estrutura de artigos padrão, faltando-lhes ainda, porém, alguma complementação para o alcance de um domínio mais pleno dos aspectos da organização tópica prototípica do gênero.

Como se pode perceber, a análise que empreendemos na seção anterior, sobre a organização intertópica dos artigos dos acadêmicos da UFAC, bem como a análise desta seção, sobre a organização intratópica, embora mostrem deficiências dessas produções em relação aos artigos padrão, destacam proximidades entre esses dois grupos de textos, sugerindo um conhecimento bastante satisfatório, por parte desses estudantes, acerca da organização tópica do gênero em pauta.

Essa constatação, porém, em alguma medida, gera um certo estranhamento. Como apontado na introdução deste trabalho, é comum, por parte de docentes de língua portuguesa, a observação de que as produções dos estudantes são bastante deficitárias. Nitidamente, muitos problemas dessas produções incidem sobre diversos outros fenômenos linguísticos, que não a organização tópica em si, como questões de ortográfica, léxico e morfossintaxe, por exemplo. Todavia, como muitas vezes se percebe, mesmo que intuitivamente, que as deficiências das produções dos alunos não são apenas problemas pontuais e sim dificuldades mais generalizadas que repercutem no texto como um todo, permanece a indagação se tais problemas não teriam a ver, em alguma instância, com a organização tópica, na medida em que esse processo é o fio condutor da construção textual.

Com efeito, nossa análise permitiu formular uma hipótese a respeito de um aspecto da organização intratópica no qual poderia residir uma diferença crucial entre as produções dos alunos e os artigos padrão. Esse aspecto diria respeito ao que poderíamos considerar como o *grau de concernência* entre os enunciados dentro das partes dos SegTs e entre elas, particularmente dentro das unidades de posição e suporte e entre elas, nos diferentes domínios intratópicos.

A *concernência*, como explicado no capítulo 1, é um dos traços caracterizadores da propriedade da *centração* tópica. Conforme define Jubran (2006a), a *concernência* é a *relação de interdependência semântica* entre os enunciados de um segmento textual – implicativa, associativa, exemplificativa, ou de outra ordem –, pela qual se dá a integração desses enunciados em um conjunto específico de referentes. Um SegT mínimo será caracterizado, dentre outros traços, pela presença de *concernência* entre seus enunciados, isto é, por relações de sentido entre os (grupos de) enunciados, relações de diferentes tipos, como essas listadas por Jubran.

Atentando para esse traço da *centração* e especialmente para como ele se manifesta entre os (grupos de) enunciados no decorrer da estruturação interna dos SegTs mínimos, é possível notar diferenças significativas entre os artigos padrão e os textos dos estudantes. No primeiro grupo, verifica-se maior clareza e precisão no estabelecimento de relações de sentido dentro das partes do SegT mínimo e entre elas, no caso, dentro de, e entre, unidades de posição e suporte, instaurando o que podemos chamar de uma *concernência estrita*.

Já nos textos dos alunos, é comum o estabelecimento de relações de sentido vagas ou confusas na formulação e no relacionamento de posição e suporte. É possível identificar essas unidades, até porque elas se referem a relações, de fato, mais amplas, distinguidas entre si pelos sentidos relacionais (opositivos) de centralidade/subsidiariedade ou generalidade/especificidade. Porém, entre as unidades de posição e suporte (em qualquer gênero em que elas

suporte (l. 2-5). A posição expõe uma afirmação de caráter claramente mais genérico em relação ao suporte, que diretamente refere-se ao tema central do domínio, por meio das expressões referenciais “estatísticas recentes” e “a quarta maior população carcerárias do mundo”. Na sequência, o suporte elabora referências que especificam tais estatísticas recentes e qual seria a referida população carcerária brasileira: “mais de 550 mil presos”, “quase o mesmo número”.

Num domínio como esse, ficam nítidas as unidades de posição e suporte, reconhecíveis pela relação de centralidade-subsidiariedade das partes relativamente ao tema que perpassa todo o domínio. Pode-se considerar relativamente especificado o conteúdo informacional de cada uma das partes, ficando também evidente que se trata de uma relação semântico-pragmática de especificação (cf. KOCH, 2003) ou, em outros termos, uma relação retórica de elaboração, conforme a Teoria da Estrutura Retórica (cf. MANN; THOMPSON, 1988)³⁴.

O domínio transcrito em (35) abaixo (já citado anteriormente), novamente de um artigo padrão, também exhibe maior integração e clareza na formulação e na relação entre suas partes (nesse caso, o domínio corresponde a um SegT mínimo inteiro):

(35)	<u>O Rio Acre</u> experimenta um dos períodos de seca mais severa de sua história, <u>podendo ultrapassar o menor nível a que já chegou</u> , em 45 anos de medições da Defesa Civil: 1,50 m, em setembro de 2011.	1 2 3
	Nesta quinta-feira, 28, <u>a medição constatou que a régua marcava 1,52 m. Não há sinais de chuva, a seca segue intensa e ainda nem se chegou ao período de pico do verão amazônico</u> , que é justamente no mês de setembro. (<i>A Gazeta</i> , 29/08/2016).	4 5 6

Esse SegT centra-se no tópico referente à possibilidade de que o Rio Acre ultrapasse seu nível mais baixo. A primeira parte (l. 1-3) sintetiza esse tema (como se vê no trecho sublinhado), configurando uma posição, e a segunda parte (l. 4-6) apresenta diferentes indícios

³⁴ De acordo com a Teoria da Estrutura Retórica (MANN; THOMPSON, 1988), uma relação de elaboração ocorre entre um segmento núcleo e um segmento satélite, quando o satélite expõe detalhes adicionais sobre algum elemento do assunto exposto no segmento núcleo ou acessível inferencialmente no núcleo; na relação de elaboração, considerando qualquer um dos seguintes pares de sentido, se o núcleo expõe o primeiro elemento do par, o satélite expõe o segundo: grupo-membro; abstração-instância; todo-parte; processo-passo; objeto-atributo; generalização-especificação.

particulares que sustentam a previsão acerca da situação do rio, configurando um suporte (como se vê também nas partes sublinhadas).

A relação entre essas duas partes não só evidencia a relação posição-suporte, como também permite depreender a relação semântico-pragmática entre elas, que seria de justificativa (cf. KOCH, 2003) ou de evidência (cf. MANN; THOMPSON, 1988)³⁵. Além disso, é interessante notar uma forte e clara integração semântico-pragmática entre todos os enunciados dentro do suporte, já que o suporte inteiro divide-se mediante a listagem de quatro diferentes evidências para a previsão exposta na posição – o que também acaba por estreitar a própria integração entre o suporte e a posição. Esse tipo de relação é o que estamos considerando como uma *concernência estrita* na organização intratópica dos artigos padrão.

Já o domínio em (36) (correspondente a um SegT mínimo inteiro) é extraído de um artigo de um acadêmico da UFAC:

(36)	<u>A falta de investimento na qualificação de nossos professores</u> implicam no sucesso dessa proposta,	1 2
	<u>precisaríamos de qualificação e tecnologia</u> que ajuda a trazer e tirar do papel e pôr em prática dentro das escolas, assim <u>ativaria e melhoraria o ensino e aprendizagem</u> , uma parceria entre professores e alunos (<i>Reforma do Ensino Médio: Melhor alternativa para um avanço?</i> 2º sem. 2016).	3 4 5 6

Esse SegT é retirado de um texto em que o estudante critica a Reforma do Ensino Médio. O SegT todo centra-se na ideia de que a falta de investimento no ensino seria a causa do sucesso da proposta da Reforma, como se pode notar principalmente pelas partes sublinhadas, que se distribuem ao longo de todo o SegT.

É possível reconhecer uma relação entre posição (l. 1-2) e suporte (l. 3-5), pela oposição entre uma síntese geral do tópico elaborada na primeira unidade *versus* a inserção de desdobramentos particulares desse tópico: a implementação de investimentos “ajuda a trazer e

³⁵ Para a Teoria da Estrutura Retórica, a relação de evidência ocorre quando a compreensão do conteúdo de um segmento satélite, por parte do enunciatário, pode aumentar sua confiança no conteúdo do segmento núcleo.

tirar do papel e pôr em prática dentro das escolas” e “ativaria e melhoraria o ensino e aprendizagem, uma parceria entre professores e alunos”.

Porém, comparativamente aos exemplos analisados acima, extraídos de artigos padrão, no SegT em (36) são menos evidentes os sentidos construídos dentro do suporte, bem como sua relação com a posição. Aqui, percebem-se problemas gramaticais que afetam a própria compreensão mais global do SegT mínimo: falta a explicitação dos complementos sintáticos dos verbos “trazer”, “tirar” e “pôr”; faltam os sujeitos dos verbos “ativaria” e “melhoria”; não fica clara a função sintática da expressão “uma parceria entre professores e alunos”.

Naturalmente, é possível inferir esses elementos não explicitados e depreender a relação semântico-pragmática entre posição e suporte, que, no caso, poderia ser entendida como algum tipo de relação de comprovação ou justificativa. Todavia, a imprecisão na redação do suporte parece comprometer a formulação de seu conteúdo informacional, bem como a depreensão mais exata da relação entre esse suporte e a posição. Esse tipo de imprecisão e de vagueza na formulação de relações de sentido é que caracterizaria o que poderíamos chamar de uma *concernência ampla*, que ocorreria com certa frequência nos textos dos estudantes.

O exemplo em (37), extraído de um artigo dos estudantes, exhibe o mesmo tipo de situação – no caso, trata-se de um SegT que contém um único domínio:

(37)	Diante das informações citadas, podemos afirmar que <u>usar medidas paliativas seria o mesmo</u>	1
	que “tapar o sol com a peneira”:	2
	<u>Antes de formar profissionais</u> é necessário forma ser humano. O maior problema da	3
	educação não é o currículo, não adianta <u>concertar o que por construção não dá certo.</u>	4
	Temos que repensar a educação (<i>A Reforma do Ensino Médio</i>).	5

Segundo nossa análise, o tópico desse SegT seria a *Ineficácia de medidas paliativas na educação*. As linhas 1-2 introduzem e sintetizam esse tema, formando uma posição; as linhas 3-5 apresentam o que estamos interpretando como medidas particulares, consideradas paliativas e ineficazes, elaborando, assim, um suporte. Nesse caso, um ponto de vagueza na instauração

da concernência pode ser notado na falta de maior precisão na indicação da relação de sentido entre a segunda e a primeira parte do SegT. Porém, a maior vagueza (razão, em certa medida, até mesmo da anterior) estaria na expressão do conteúdo informacional dentro do suporte, o que fica evidente, sobretudo, nas passagens “não adianta concertar o que por construção não dá certo” e “Temos que repensar a educação”.

O uso dessas construções imprecisas, indeterminadas, vagas, em partes das produções textuais dos acadêmicos da UFAC, aproxima-se de uma constatação de Pécora (2011), ao analisar produções escritas de vestibulandos e universitários. Segundo o autor, um dos tipos de ocorrência problemática identificada em seu material foi justamente a utilização de noções que se caracterizam pela ausência de especificidade semântica, em substituição ao esforço de uma reflexão pessoalizada, problema denominado pelo autor de *noção confusa*.

A título de ilustração, o domínio em (38), também de um artigo dos estudantes, exhibe o que estamos considerando como a instauração de uma concernência ampla:

(38)	<u>Essa nova reforma promete uma revolução no 2º grau (ensino médio) e uma adequação de acordo com o que o aluno “escolher”.</u> O governo quer nos convencer que já foi aprovado que funciona perfeitamente em países como França e Inglaterra,	1 2 3
	logicamente comparar a educação do Brasil com tais países seria irônico,	4
	nossas mazelas sociais e políticas são muito piores, a crise educacional a cada ano aumenta de modo alarmante. (<i>A Reforma do Ensino Médio</i> . 2º sem 2016).	5 6

Esse domínio apresenta, a nosso ver, um suporte (l. 1-3), que contextualiza a situação de tentativa de reforma pelo governo, uma posição (l. 4), em que o estudante formula sua opinião acerca do contexto exposto, e um novo suporte (l. 5-6), que conteria dois argumentos para sustentar a opinião apresentada. Nesse caso, a vagueza se destacaria na relação entre o que reconhecemos como um primeiro suporte e como posição (a nosso ver, haveria aí uma relação de adversidade, que poderia ser explicitada, por exemplo, por um marcador como *mas*) e no interior do segundo suporte (que alude a mazelas sociais e políticas, mas não as especifica, e que menciona um crescimento de crise educacional, sem explicá-la).

A partir de um SegT como este último, é interessante notar a construção de uma estrutura que não seria das mais simples (como posição-suporte), na medida em que configura a sequência suporte-posição-suporte, sendo o primeiro suporte usado, aparentemente, para contextualização e o segundo, para sustentação de argumentação. Porém, principalmente o segundo suporte parece muito pouco desenvolvido, comparado ao que se vê em artigos padrão. Desse modo, seria pertinente considerar que, em certa medida, parte dos estudantes dominaria a estrutura da organização tópica, mas teria dificuldades no “preenchimento” dessa estrutura.

A nosso ver, talvez a principal indagação que se possa fazer contra as noções de *concernência ampla* e *concernência estrita* aqui pensadas seria em que medida essas noções, de fato, têm a ver com a organização tópica. Considerando o tipo de análise que focalizamos nesta tese, que incide sobre a *estruturação* tópica (examinando, por exemplo, quantidades de SbTs mínimos por artigo, quantidades de domínios de organização intratópica etc.), essa verificação da vagueza/precisão da *concernência*, a princípio, não integraria diretamente o conjunto de descrições a serem feitas.

No entanto, não perdendo de vista que a *concernência* é um traço da *centração* – propriedade definidora da organização tópica – e não deixando de reconhecer que a própria distinção entre posição e suporte resulta, em grande medida, de um desdobramento dos traços de *concernência*, *relevância* e *pontualização* (cf. capítulo 2 acima), parece-nos pertinente incorporar a descrição aqui em pauta no conjunto de reflexões a serem feitas acerca da análise tópica. Possivelmente trata-se de um dos aspectos do processo de organização tópica mais relacionados a outros fatores de construção textual, mas, ainda assim, um aspecto desse processo.

Como mais um exemplo do que estamos entendendo como uma *concernência ampla*, segue abaixo outro domínio (também correspondente a um SegT inteiro), extraído de texto de um dos estudantes:

(39)	A reformulação do ensino médio tem repercutido bastante e é um dos principais assuntos do momento, <u>alguns veem de forma negativa, muitos de forma positiva, o que é absolutamente comum se observarmos sobre a ótica daquilo que querem nos passar</u> , certamente acreditaremos que essa reforma é sim o que precisamos, que os jovens precisam desse tipo de mudança para que venham a ter interesse.	1 2 3 4 5
	No entanto <u>as coisas não são tão simples quanto aparenta</u> , antes de aprovarmos algo <u>precisamos pensar e avaliar muito bem</u> , assim como também tudo aquilo que atinge uma grande porção de pessoas <u>deve ser pensado e repensado</u> , salientando que <u>não foi dessa forma que ocorreu a tomada dessas decisões</u> , portanto há de certa forma fragilidade naquilo que foi estabelecido <u>nesta nova forma de funcionamento do Ensino</u> .	6 7 8 9 10
	Há alterações que são bastante radicais, como: a mudança de cinco horas para sete horas, sendo que já é bastante cansativo para os alunos as cinco horas diárias, sem falar no aumento dos gastos que consequentemente teremos. Outra questão relevante está no fato de que as escolas não serão obrigadas a oferecer a cinco ênfases previstas, sendo que <i>para o aluno</i> é de suma importância para a sua formação total como cidadã as matérias que serão suprimidas – sociologia, filosofia, artes e educação física. (<i>Reforma do Ensino Médio</i> , 2º sem 2016).	11 12 13 14 15 16 17

Nesse caso, é possível depreender novamente a estrutura de suporte (l. 1-5), seguido de posição (l. 6-10) e de outro suporte (l. 11-17), como no caso do SegT anterior. Em termos de vagueza na instauração da concernência, destacam-se o primeiro suporte e a posição, sobretudo nas passagens sublinhadas na própria transcrição do exemplo.

Conforme mencionamos acima, o reconhecimento das noções de *concernência ampla* e *concernência estrita* e a identificação de que os artigos dos acadêmicos da UFAC tenderiam a manifestar com certa incidência o segundo tipo, diferenciando-se, assim, dos artigos padrão, que tenderiam a se caracterizar pelo primeiro tipo, são temas que carecem de uma análise mais extensa do que o esboçado aqui. Nosso propósito foi registrar que os dados parecem apontar para essas tendências, permitindo formulá-las como uma hipótese. Acreditamos, nesse sentido, que se trata de uma hipótese bastante plausível, capaz de motivar pesquisas mais detalhadas a respeito.

Enfim, nesta seção, analisamos a organização intratópica dos artigos de opinião dos acadêmicos da UFAC, comparativamente a artigos padrão. As principais constatações que depreendemos seguem resumidas abaixo:

- (i) no que tange ao uso de uma regra geral de organização intratópica, os textos dos alunos assemelham-se totalmente aos artigos padrão, por seguirem, de fato, uma regra e por esta consistir na combinação de unidades de posição e suporte;
- (ii) em relação à aplicação recursiva da regra, os artigos dos estudantes também são bastante similares aos artigos padrão, por exibirem esse recurso com pouca frequência; todavia, os textos dos alunos diferenciam-se dos artigos padrão por manifestarem, ainda menos frequentemente que estes, o mecanismo da recursividade;
- (iii) quanto aos tipos de sequenciamento entre unidades de posição e suporte, as produções dos alunos exibem, na maior parte das vezes, as mesmas quatro sequências também mais recorrentes nos artigos padrão, e, inclusive, os dois grupos de textos se assemelham por compartilharem a sequência mais utilizada (posição-suporte); por outro lado, uma diferença observada foi a de que, embora essa mesma sequência (considerada de baixa complexidade estrutural) seja preferida por ambos os grupos, sua frequência nos artigos dos alunos é expressivamente mais alta do que sua frequência nos artigos padrão.

Conforme argumentamos no decorrer da seção, as similaridades e diferenças aqui resumidas indicam que os textos dos acadêmicos manifestam grande parte das propriedades da estruturação intratópica típica do gênero, inclusive propriedades fundamentais, porém com uma tendência à simplificação na formulação de estruturas tópicas. Essa constatação revelaria um conhecimento bastante satisfatório, por parte dos estudantes, acerca do funcionamento da

organização intratópica do gênero, passível, porém, de complementação em aspectos específicos.

Nossa análise foi, então, complementada por uma discussão, e formulação de uma hipótese, sobre o que chamamos de *grau de concernência* entre os (grupos de) enunciados constituintes dos SegTs de ambos os grupos de textos. A esse respeito, esboçamos as noções de *concernência estrita*, que caracterizaria os artigos padrão, e *concernência ampla*, que se manifestaria em parte das produções dos alunos. Essa diferença também indicaria uma simplificação de organização intratópica nos textos dos alunos, representando, nesse caso, um aspecto bastante crítico no conhecimento dos estudantes acerca dos recursos necessários para uma produção prototípica do gênero em foco.

CONCLUSÕES

Na primeira parte da tese, buscamos apresentar os princípios basilares das vertentes teóricas – Linguística Textual e GTI – que fundamentaram este estudo e as bases de funcionamento do processo de construção textual aqui investigado – a *organização tópica*. Na segunda, apresentamos os procedimentos metodológicos adotados, a constituição do *corpus* e o contexto da pesquisa. Na terceira, discutimos nossa análise da organização tópica em artigos de opinião considerados prototípicos do gênero e em artigos de opinião produzidos por estudantes da UFAC.

Nesta seção de conclusão, retomamos, resumidamente, os resultados mais significativos de nossa pesquisa, já delineados no decorrer do trabalho. Com base, então, nesses resultados, esboçamos algumas reflexões acerca de possíveis aproveitamentos para a formulação de propostas de ensino de língua portuguesa.

O ponto de partida de nossa investigação foi a indagação de quais seriam possíveis similaridades e diferenças, no âmbito da organização tópica, entre artigos de opinião de alunos da UFAC e artigos considerados padrão. Nosso propósito, a partir desse levantamento, foi identificar domínios e deficiências desses estudantes quanto à produção textual do gênero em pauta, de modo a oferecer um corpo de dados capaz de subsidiar reflexões e propostas acerca de alternativas pedagógicas de produção textual.

Ao final da pesquisa, nossos resultados apontam que os estudantes, em termos mais gerais, dominam as propriedades fundamentais do uso prototípico da organização tópica do gênero em questão. Porém, ao mesmo tempo, os alunos demonstram defasagem em alguns procedimentos prototípicos do gênero, o que resulta em uma tendência, por parte desses estudantes, de produzir artigos com maior simplicidade de estruturação tópica.

Quanto a aproximações que os textos dos acadêmicos manifestaram em relação aos artigos padrão, destacam-se, as seguintes:

- (i) os artigos dos acadêmicos da UFAC, assim como os artigos padrão, caracterizam-se pelo traço da complexidade intertópica, presente na totalidade dos casos, nos dois grupos de textos;
- (ii) nos textos dos estudantes, bem como nos artigos padrão, predomina, na grande maioria dos casos, a divisão de cada artigo em três, quatro ou cinco SbTs mínimos;
- (iii) em ambos os grupos de textos, verifica-se a formação de um ou dois QTs por artigo, com predominância da primeira opção;
- (iv) nos textos dos alunos, na totalidade dos casos, ocorre continuidade tópica, que está presente também na quase totalidade dos artigos padrão;
- (v) no âmbito da organização intratópica, os textos dos alunos assemelham-se aos artigos padrão quanto a seguirem uma regra geral e essa consistir na combinação das unidades de posição e suporte;
- (vi) em relação à aplicação recursiva dessa regra, os artigos dos estudantes também são bastante similares aos artigos padrão, por exibirem esse recurso com pouca frequência;
- (vii) quanto aos tipos de sequenciamento entre unidades de posição e suporte, as produções dos alunos contêm, na maior parte das vezes, as mesmas sequências também mais recorrentes nos artigos padrão.

Essas são as principais semelhanças que os artigos dos acadêmicos apresentaram em relação aos artigos padrão e que nos levam a concluir que esses alunos, em boa medida, dominam as propriedades fundamentais do funcionamento da organização tópica do gênero.

Já as principais diferenças identificadas foram as seguintes:

- (i) quanto à quantidade de SbTs mínimos por texto, os artigos padrão podem chegar a uma quantidade de SbTs maior do que se verifica nas produções dos estudantes; além disso, estas últimas incluem textos com apenas dois SbTs mínimos, o que não se observa nos artigos padrão (nos quais, cada texto apresenta, pelo menos, três SbTs mínimos);
- (ii) quanto à instauração de QTs por artigo, nas produções dos estudantes, a incidência de textos com apenas um QT é expressivamente maior do que a incidência verificada nos artigos padrão;

- (iii) os artigos dos estudantes recorrem ao mecanismo da aplicação recursiva da regra posição-suporte numa frequência menor do que se vê nos artigos padrão;
- (iv) quanto aos tipos de sequenciamento entre unidades de posição e suporte, embora ambos os grupos de textos prefiram a sequência posição-suporte (de baixa complexidade estrutural), sua frequência nos artigos dos alunos é expressivamente mais alta do que sua frequência nos artigos padrão;
- (v) como uma diferença mais gritante entre os dois grupos de textos, nossos dados apontaram também os textos dos estudantes manifestariam, com acentuada incidência, o que chamamos de *concernência ampla*, ao contrário dos artigos padrão, que seriam caracterizados por uma *concernência estrita*.

Conforme argumentamos no decorrer da tese, os textos dos acadêmicos, naquilo que seria elementar, atendem às prerrogativas do funcionamento da organização tópica no gênero em pauta, porém, ao mesmo tempo, todas as diferenças aqui resumidas revelam que tais estudantes teriam uma tendência à configuração de textos com uma organização tópica mais simplificada.

O objetivo central de nossa tese foi justamente chegar à listagem de similaridades e diferenças acima sintetizadas e a uma constatação da natureza desta que acabamos de enunciar. Acreditamos que se trate de um trabalho que pode representar contribuições para os estudos sobre organização tópica e sobre o gênero artigo de opinião, bem como para o ensino de língua portuguesa.

Os estudos sobre organização tópica feitos no âmbito da GTI, a partir do trabalho de Penhavel (2010), vêm mostrando, dentre outras questões, a sistematicidade do processo de organização intratópica, com a hipótese de que seria possível a identificação de diferentes regras gerais, usadas nos diversos gêneros textuais. Este trabalho contribui com a corroboração dessa hipótese, mostrando que, em artigos de opinião, é possível identificar uma regra geral e que se trata de uma mesma regra usada também em alguns outros gêneros, explicitando ainda as particularidades do uso dessa regra em artigos.

A tese parece-nos relevante, ainda para os estudos de organização tópica, por contribuir para a testagem e aprimoramento da metodologia de análise da organização tópica. Como se pôde ver no decorrer do trabalho, nossos procedimentos envolveram descrever a organização intertópica verificando presença/ausência de complexidade intertópica, quantidades de SbTs mínimos e de QTs em cada texto e tipos predominantes de linearização tópica nos textos do gênero em estudo. No nível da organização intratópica, nosso método compreendeu verificar a existência de uma regra geral e, sendo esta a combinação posição-suporte, envolveu avaliar o uso do mecanismo da recursividade dessa regra, bem como os diferentes tipos de sequenciamento entre unidades de posição e suporte.

Trata-se de procedimentos metodológicos, em parte, usados primeiramente em alguns trabalhos relativamente recentes da GTI, como Jubran (2006a), Penhavel (2010, 2017) e Garcia (2018), e, em parte, sistematizados neste nosso próprio trabalho. Pelo que pudemos avaliar, tais procedimentos foram viáveis e propiciaram uma descrição satisfatória do processo de organização tópica. Desse modo, o trabalho contribui nessa direção de testagem, corroboração e aperfeiçoamento da metodologia de pesquisa da GTI e do processo de organização tópica.

No que tange ao estudo do gênero artigo de opinião, acreditamos que nosso trabalho também oferece um contributo interessante. Nosso foco incidiu sobre os artigos dos acadêmicos da UFAC, mas, como parte desse processo, descrevemos detalhadamente artigos de circulação real, para constituição de nosso *corpus* de referência, o que certamente pode representar um ponto importante na caracterização desse gênero textual, sendo de interesse para diferentes tipos de estudos que, de alguma forma, abordem os gêneros textuais e, em particular, o gênero artigo de opinião.

Para além dessas (e possivelmente outras) contribuições para os estudos da organização tópica e dos gêneros, acreditamos que talvez a principal relevância da tese se encontre em poder servir como um subsídio para se pensar sobre alternativas pedagógicas para

o ensino de língua portuguesa, o que, aliás, representa a motivação fundamental de nosso trabalho. Como mencionamos, nosso objetivo, em si, foi a descrição da organização tópica dos artigos dos estudantes, mas tendo em vista a contribuição dessa análise para a fundamentação de propostas para o ensino, residindo aí um dos aspectos de nosso estudo que acreditamos ser mais significativo.

Ao fazer uma descrição bastante minuciosa da organização tópica dos textos dos alunos comparando-os a artigos padrão, considerando vários dos aspectos desse processo, em ambos os níveis inter e intratópico, nosso trabalho pôde mostrar os pontos específicos em que as produções dos alunos são passíveis de aprimoramentos. Sem descrições como a efetivada nesta tese, o trabalho do docente de língua portuguesa, na tentativa de contribuir com o progresso dos alunos nas habilidades de produção textual, pode tornar-se genérico ou até mesmo focalizar elementos da construção textual sobre os quais os alunos já disponham de bom conhecimento. Porém, de posse de constatações como as registradas aqui, o professor tem condições de atuar no ensino de forma mais direcionada e possivelmente mais eficaz.

Nossos propósitos aqui não chegam a incluir especificamente a formulação de uma proposta de ensino-aprendizagem, atendo-se, na verdade, à elaboração uma descrição linguístico-textual que possa fomentar e apoiar propostas futuras. De todo modo, complementamos este trabalho com alguns apontamentos acerca de elementos que, a nosso ver, poderiam integrar abordagens dessa natureza, voltadas para a formação continuada³⁶ de professores de língua portuguesa da educação básica (ensino médio) e estudantes em formação inicial (anos iniciais do ensino universitário). Vislumbramos, assim, um fazer didático sustentado em resultados de pesquisas científicas teoricamente embasadas, bem como em estudos descritivo-analíticos sistematizados.

³⁶ A proposição de um curso de extensão justifica-se mediante a demanda crescente por cursos de formação continuada apresentada pelas escolas da educação básica de Cruzeiro do Sul ao Centro de Educação e Letras - CEL, *câmpus* Floresta, no qual atuo nos cursos de Letras Português e de Pedagogia.

A ideia envolveria, de um lado, oferecer conhecimentos teórico-metodológicos a respeito de Linguística Textual, e particularmente da GTI, e, de outro, propor a aplicação prática desses conhecimentos por meio de uma *sequência didática*³⁷ (cf. DOLZ; SCHNEUWLY, 2004; CASSEB-GALVÃO, DUARTE, 2018), a partir do estudo do gênero artigo de opinião e alinhada aos objetivos propostos nos documentos oficiais direcionadores da educação no Brasil.

Um consistente ponto de partida para se pensar propostas dessa natureza pode ser a iniciativa de Travaglia (2011), que formula uma abordagem de leitura, compreensão e produção de texto sob o viés da organização tópica. Tal abordagem, ancorada no trabalho com os gêneros, auxilia a refletir e apontar possíveis caminhos que, direta ou indiretamente, ajudem a suprir deficiências específicas como as identificadas nos textos dos acadêmicos da UFAC (acima listadas).

Uma das alternativas viáveis formuladas por Travaglia (2011) encontra respaldo, por exemplo, em atividades de leitura e compreensão de textos em que os alunos identifiquem o ST, os SbTs e os respectivos SegTs do texto, extraíndo a ideia central de cada um, de modo que desenvolvam progressivamente sua capacidade cognitiva de abstração e percebam, dentre outros aspectos, que a identificação dessas partes e subpartes decorre sempre de uma relação de sentido estabelecida entre elas, assim como no interior de cada uma. Ao identificar a organização tópica do texto, o aluno desenvolveria a percepção de que todo texto tem uma estrutura e que ele, antes de produzir qualquer texto, poderia preestabelecer essa estrutura. Ao visualizar essa parte do processo de construção textual, é possível que muitos estudantes se atentem, por exemplo, para a possibilidade de instauração de estruturas tópicas mais complexas do que aquelas que produziram sem maior reflexão sobre a questão.

³⁷ A sequência didática é compreendida, nesse estudo, como um conjunto de atividades organizadas de maneira a configurar uma sequenciação significativa, com objetivos definidos, orientada e justificada por um arcabouço teórico consistente (CASSEB-GALVÃO, DUARTE, 2018).

Nesse sentido, é possível vincular a organização tópica ao planejamento de propósitos interacionais. A partir do momento em que o aluno desenvolveu sua capacidade de apreender a dinâmica da estruturação tópica de um gênero, ele seria capaz, a um só tempo, de perceber a definição de tópicos como uma etapa que se estabelece antes da construção de um texto e de evitar que esse texto seja produzido ao acaso, pois presumiria que cada tópico exibiria uma intenção na comunicação da ideia que se pretende e na defesa do ponto de vista que se assume.

Ao elaborar sua proposta, Travaglia (2011) focaliza o nível intertópico, aludindo a essa noção como “macroestrutura, tópico discursivo ou tema do texto” (TRAVAGLIA, 2011, p. 69). Para especificar e ilustrar possíveis atividades de leitura e produção, o autor lança mão de um gênero narrativo, a crônica *Vale por dois*,³⁸ de Fernando Sabino.

As atividades de ensino sugeridas pelo autor no âmbito da organização intertópica incidem primordialmente na leitura e compreensão de textos, mas a produção de texto não deixa de ser evidenciada também. Em consonância com o autor, cremos que a fase da leitura e compreensão seja indispensável na medida em que servirá de referência e suporte para a etapa seguinte, que se encerra na produção dos alunos. Os tipos de atividades propostas pelo autor são:

a) Na leitura e compreensão de textos:

1. Determinação do tema/tópico discursivo/macroestrutura do texto;
2. Determinação dos segmentos tópicos e de seus tópicos (subtópicos) ou ideias centrais;
3. Processamento cognitivo de informação para retenção.

b) Na produção de textos:

1. Produção de um texto com dado tópico discursivo, tema ou macroestrutura e um determinado objetivo;
2. Elaboração de um esquema de subtópicos para desenvolvimento de um tópico e produzir um texto ou produzir o texto segundo um esquema dado;
3. Elaboração de resumo. (TRAVAGLIA, 2011, p. 71-72)

³⁸ Com base nessa crônica, Travaglia (2011), em seu artigo, sugere uma série de atividades bastante detalhadas, facilmente aplicáveis e adaptáveis a qualquer gênero.

Como se pode observar, a primeira etapa compreende a leitura com os alunos de um texto e a determinação de seu ST e seus SbTs, compondo, então, um esquema de hierarquização tópica como o ilustrado na seção 3.1.1 desta tese e exibido mais uma vez a seguir:

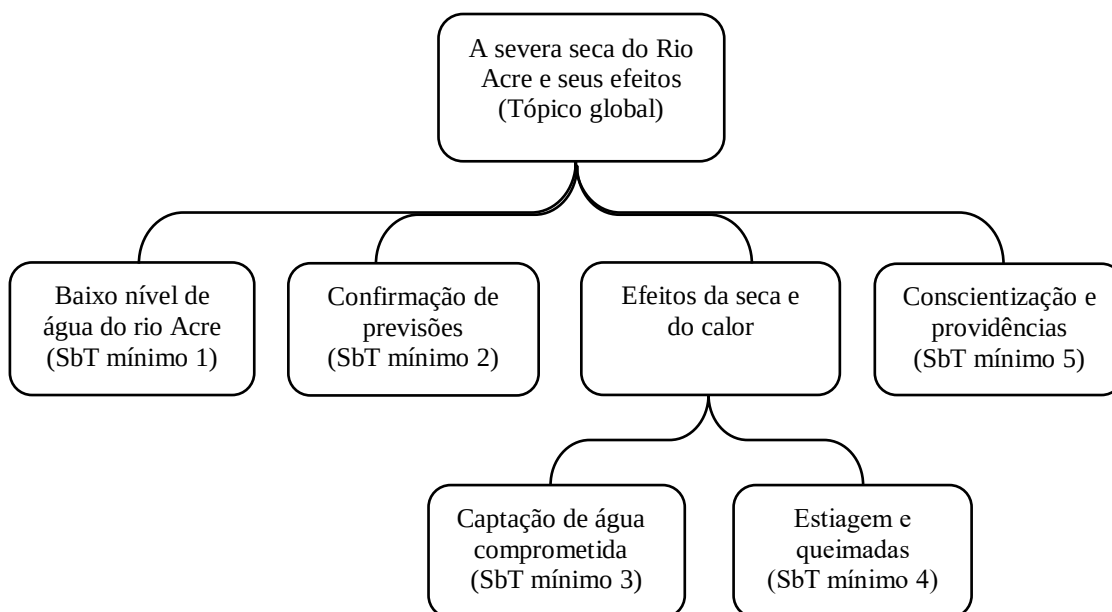


Figura 3: Exemplo de organização intertópica com três níveis e dois quadros tópicos

De acordo com o autor, essas atividades devem ser realizadas seguindo uma progressão conforme o desenvolvimento dos alunos, propiciando, assim, um crescendo de complexidade e profundidade. Ou seja, as atividades pressupõem que o professor oriente e auxilie o aluno na determinação dos tópicos de modo que ele desenvolva progressivamente sua habilidade de análise e adquira a autonomia de fazê-lo sozinho.

Para essa etapa, sugere uma análise dos recursos linguísticos e informações mobilizadas na construção dos textos, justificando-os em função de sua relação com o tópico discursivo. Conforme apontamos neste trabalho, o manejo desses elementos, por parte dos estudantes da UFAC, figura como uma das defasagens desses sujeitos. Acreditamos que, com

esse tipo de análise, os alunos teriam oportunidade de desenvolver a percepção de como os recursos linguísticos atuam na organização, precisão e articulação das informações nos textos.

No que concerne à produção de textos, o autor propõe que a primeira atividade seja a elaboração de um resumo de um texto lido e analisado anteriormente, visto que a análise tópica se constitui uma etapa essencial para a produção dessa atividade, pois põe em prática as habilidades de generalização e abstração, suprimindo-se detalhes dispensáveis. Nesse sentido, Travaglia (2011) assevera que essas atividades todas trabalham o processamento cognitivo de informações para retenção, em um exercício apropriado à memória. É certo que em função do desenvolvimento das habilidades acima mencionadas pelo autor, se trabalhe, conjuntamente, com o resumo de outros textos, de outros gêneros, que abordem o tema desejado para a produção.

A partir dessa sugestão inicial, o autor centra-se em propor atividades que direcionem, enfim, a produção de texto. A primeira delas se caracteriza como o plano/esquema/macroestrutura do texto, em que são sugeridos previamente os tópicos a serem desenvolvidos pelos alunos na construção do texto. Numa segunda etapa, pressupõe-se que esses sujeitos já providos de estratégias de construção de textos tenham autonomia de estabelecer seu próprio esquema (planejamento da estrutura tópica) para, assim, proceder à produção de um texto, como, por exemplo, o artigo de opinião. É importante que, nesse momento, com a mediação do professor, os alunos sejam levados a perceber que a escolha dos recursos linguísticos e das informações para compor o texto deve ser feita em função de sua relação com o tópico discursivo/tema e com o propósito comunicativo pretendido. Resumindo, essas são atividades que podem dar início ao trabalho com a leitura e produção de texto, focalizando a macroestrutura, isto é, a organização intertópica.

Com base nessa proposta de Travaglia (2011), é possível pensar alternativas de trabalho com o âmbito intratópico, utilizando, desta vez, um gênero argumentativo: o artigo de

opinião. Em termos gerais, as atividades a serem realizadas nesse nível seguiriam a mesma linha de organização da proposta do referido autor para o nível intertópico, observando-se, nesse caso, é claro, as regularidades desse nível de análise. Todavia, não formularemos, aqui, um detalhamento das atividades, como ele faz. Nos ocuparemos em mostrá-las em uma sequência em andamento e aperfeiçoamento, vislumbrando novos caminhos para esse detalhamento em trabalhos futuros. Caracterizamos, então, em linhas muito gerais, os tipos de atividades sugeridas:

1. Na leitura ou compreensão de textos:
 - a. determinação do tema/tópico discursivo do texto;
 - b. determinação dos SbTs componentes do texto;
 - c. determinação dos grupos de enunciados que constroem referências centrais nos SegTs (posição);
 - d. determinação dos grupos de enunciados que constroem referências subsidiárias nos SegTs (suporte).
2. Na produção de textos:
 - a. elaboração de um esquema de SegTs mínimos (ou parágrafos) para o desenvolvimento de um tópico;
 - b. produção de um texto com um dado tópico discursivo e um determinado objetivo.

Como se pode observar, o foco também recairia nas atividades de leitura ou compreensão de textos, uma vez que, conforme foi mencionado acima, a análise destas serviriam de base, modelo para as atividades da próxima etapa, que culminariam com a produção dos alunos. Tais atividade seriam construídas com variações, em que se observaria uma progressão de dificuldade e de desenvolvimento da habilidade de análise do aluno. Ou seja, o professor, inicialmente, formularia atividades com algum suporte para ajudar o aluno, como questões de múltipla escolha, ou sem suporte, com questões abertas, supondo que, nesse caso, o aluno já teria desenvolvido sua capacidade de identificar, a partir de uma variedade de exemplos, uma ideia que está sendo desenvolvida.

Em relação à produção de textos, as atividades se dariam após uma primeira aplicação e correção de produções dos alunos, isto é, uma avaliação diagnóstica, que demonstraria as deficiências ou não desses sujeitos com a construção e o manejo de enunciados de posição e de suporte. Empreendido, então, o diagnóstico, o professor poderia investir novamente em atividades relativas às dificuldades identificadas, aos tipos de argumentos e sequências textuais, mecanismos de articulação tópica (coesão sequencial e referencial) e outros recursos linguísticos, sempre em consonância com as deficiências dos alunos.

As atividades de produção também contemplariam duas fases. Grosso modo, a primeira consistiria na produção de texto com o auxílio de um plano ou esquema do texto elaborado previamente. Na segunda, o aluno, a par das estratégias de construção de texto, elaboraria seu próprio esquema e construiria seu texto de acordo com ele.

É importante lembrar que a variação entre unidades de posição e de suporte não é a única alternativa de elaboração do segmento tópico, no entanto, é aquela que identificamos com exclusividade no gênero artigo de opinião. Conforme assumido no interior da GTI, essas categorias de construção de textos não são estanques nem rígidas, o que permite ao professor apresentar outras possibilidades. Ao propor atividades de outros gêneros argumentativos, como, por exemplo, a carta do leitor, o professor encontrará outra forma de construção, em que o texto apresenta um único tópico discursivo, não se subdividindo-se em SbTs (cf. GUERRA, PENHABEL, 2010; OLIVEIRA, 2016).

Nesse contexto, é importante realçar, no entanto, que uma abordagem como a apontada aqui só será produtiva, útil e inspiradora se for aplicada mediante a construção de um modelo didático cujo foco assente-se no nível de análise do gênero, possibilitando ao professor a especialização em seu objeto de ensino, ao mesmo tempo que o torna seu instrumento. Trata-se de um instrumento didático que prioriza o estudo da língua em uso e a reflexão a respeito desse

uso. Na base desse instrumento, está a concepção de texto como prática de linguagem e a proposta de um estudo de gramática em função do texto.

Esse é, sem dúvida, um caminho viável para um ensino significativo e produtivo de língua portuguesa (SILVA, 2017) e, por conseguinte, para a construção de um novo cenário de ensino com protagonistas proficientes em sua língua nas mais diversas situações de interação. Nesse sentido, a presente tese pretende, de alguma maneira, se constituir como uma ferramenta auxiliar do professor, que lhe possa proporcionar conhecimentos teórico-metodológicos para suas atividades didáticas.

Enfim, a pesquisa não pretendeu esgotar os dados, nem construir uma análise acabada do funcionamento da organização tópica em artigos de opinião. Ao contrário, novos e mais pontos de questionamentos devem ser lançados, para se buscar outras conclusões, também provisórias, na procura de contribuir com a pesquisa na área de Linguística Textual, em particular, da GTI, e para o próprio processo de formação do professor de língua portuguesa. Este trabalho é apenas mais um passo no vasto estudo dos textos. É muito possível que seja insuficientemente firme e parcialmente exato. Estamos, no entanto, convictos da relevância de tal tarefa.

REFERÊNCIAS

- ADAM, J. M. **A Linguística Textual**: introdução à análise textual dos discursos. Trad. Maria das Graças Soares Rodrigues, Luis Passeggi, João Gomes da Silva Neto, Eulália Vera Lúcia Fraga Leurquim. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- BAKHTIN, M. M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.
- BAKHTIN, M. M. **Estética da Criação Verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- BATISTA, R. O. (org.). **O texto e seus contextos**. São Paulo: Parábola, 2016.
- BARROS, D. L. P. Estudos do Texto e do Discurso no Brasil. **Delta**, v. 15, 1999. p. 183-199.
- BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.
- BENTES, A. C. Linguística Textual. In: MUSSALIM, F; BENTES, A. C. **Introdução à linguística**: domínios e fronteiras. v.1, 3. ed. São Paulo: Cortez, 2003. p. 245-282.
- BONINI, A. A noção de sequência textual na análise pragmático-textual de Jean- Michel Adam. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Orgs.). **Gêneros**: teorias, métodos, debates. São Pulo: Parábola, 2005.
- BRASIL. SEF. **Parâmetros curriculares nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. Brasília, MEC/SEF, 1998.
- BRONCKART, J. P. **Atividades de linguagem, textos e discurso**: por um interacionismo socio-discursivo. Trad. Anna Raquel Machado e Péricles Cunha. 2. ed. São Paulo: Educ, 2012.
- CASSEB-GALVÃO, V. C.; DUARTE, M. C. **Artigo de opinião**: sequência didática funcionalista. São Paulo: Parábola, 2018.
- DENZI, N. K.; LINCOLN, S. I. **O planejamento da Pesquisa Qualitativa**: teorias e abordagens. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. **Gêneros orais e escritos na escola**. Trad. Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro (orgs.). Campinas: Mercado de Letras, 2004.
- FÁVERO, L. L.; ANDRADE, M. L. V. O.; AQUINO, Z. G. O. Correção. In: JUBRAN, C. C. S.; KOCH, I. G. V. (orgs.). **Gramática do Português Culto falado no Brasil**. v. 1, Campinas: Unicamp, 2006. p. 255-274.
- FRIEDRICH, J. **Lev Vigotski**: mediação, aprendizagem e desenvolvimento – uma leitura filosófica e epistemológica. Trad. Anna Rachel Machado e Eliane Gouvêa Lousada. Campinas: Mercado de Letras, 2012.

GALEMBECK, P. de T. A trajetória da Linguística Textual: da sequência de frases ao texto no contexto. In: ANTONIO, J. D.; NAVARRO, P. (orgs.). **O texto como objeto de ensino, de descrição linguística e de análise textual e discursiva**. Maringá: Eduem, 2009. p. 114-121.

GARCIA, A. G. **Estudo do processo de Organização Tópica em editoriais de jornais paulistas do século XXI**. 279 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 2018.

GUERRA, A. R.; PENHABEL, E. O processo de estruturação interna de segmentos tópicos mínimos em cartas de leitores de jornais paulistas do século XIX. **Confluência**, Rio de Janeiro, v. 37-38, p. 137-161, 2010.

HEINEMANN, W.; VIEHWEGER, D. **Textlinguistik**: Eine Einführung. Tübingen: Niemeyer, 1991.

HILGERT, J. G. Parafraseamento. In: JUBRAN, C. C. S.; KOCH, I. G. V. (orgs.). **Gramática do Português Culto falado no Brasil**. v. 1, Campinas: Unicamp, 2006. p. 275-299.

JUBRAN, C. C. A. S. Inserção: um fenômeno de descontinuidade na organização tópica. In: CASTILHO, A. T. (org.). **Gramática do português falado**. v. III. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993. p. 241-259.

JUBRAN, C. C. A. S. et al. Organização tópica da conversação. In: ILARI, R. (org.). **Gramática do português falado** – v. II: Níveis de análise linguística. Campinas: UNICAMP, 2002. p. 341-420.

JUBRAN, C. C. A. S. Introdução: a Perspectiva Textual-Interativa. In: JUBRAN, C. C. S. A.; KOCH, I. G. V. (orgs.). **Gramática do português culto falado no Brasil**. v. 1, Campinas: Editora da UNICAMP, 2006a. p. 27-36.

JUBRAN, C. C. A. S. Tópico Discursivo. In: JUBRAN, C. C. S. A.; KOCH, I. G. V. (orgs.). **Gramática do português culto falado no Brasil**. v. 1, Campinas: UNICAMP, 2006a. p. 89-132.

JUBRAN, C. C. A. S. Revisitando a noção de tópico discursivo. **Caderno de Estudos Linguísticos**. v. 48, n. 1, p. 33-41, 2006b.

JUBRAN, C. C. A. S. Uma gramática textual de orientação interacional. In: CASTILHO, A. T. et al (org.). **Descrição, história e aquisição do português brasileiro**. Campinas: Pontes, 2007. p. 312-327.

KOCH, I. G. V. Linguística textual: quo vadis?. **Delta**, (online). v. 17, n. spe, p. 11-23, 2001. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/delta/v17nspe/6708.pdf> Acesso em: 05 de dezembro de 2018.

KOCH, I. G. V. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2003.

KOCH, I. G. V. **Introdução à Linguística Textual**: trajetória e grandes temas. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

KOCH, I. G. V.; ELIAS, V. M. *Ler e escrever: estratégias de produção textual*. São Paulo: Contexto, 2009.

KÖCHE, V. S.; BOFF, O. M. B.; MARINELLO, A. F. **Leitura e produção textual: gêneros textuais do argumentar e expor**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

KÖCHE, V. S.; MARINELLO, A. F. **Gêneros textuais: práticas de leitura escrita e análise linguística**. Petrópolis: Vozes, 2015.

MANN, W. C.; THOMPSON, S. A. **Rhetorical Structure Theory: Toward a Functional Theory of Text Organization**. Text, v. 8, n. 3, p. 243-281, 1988.

MANZONI, R. M. **Dissertação escolar: um gênero em discussão**. 237 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2007.

MARCUSCHI, B. Redação escolar: características de um objeto de ensino. **Faced**, n. 9, 2005. p. 135-153.

MARCUSCHI, B. Escrevendo na escola para a vida. In: RANGEL, E. O.; ROJO, R. H. (orgs.) **Língua Portuguesa no Ensino Fundamental de 9 anos e materiais didáticos**. Coleção Explorando o Ensino. Brasília, DF: MEC/SEB, 2010.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONIZIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (orgs.). **Gêneros textuais e ensino**. 4. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 19-36

MARCUSCHI, L. A.; KOCH, I. G. V. Referenciação. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (orgs.). **Gramática do Português Culto Falado no Brasil**. v.1, Campinas: UNICAMP, 2006. p. 381-399.

MARCUSCHI, L. A. **Gêneros textuais: o que são e como se constituem**. Recife, UFPE, 2000.

MARCUSCHI, L. A. Repetição. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (orgs.) **Gramática do Português Culto Falado no Brasil**. v.1, Campinas: UNICAMP, 2006. p. 275-299.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (orgs.). **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. 4. ed. São Paulo: Parábola, 2011. p. 17-31.

MILLES, M. B. Qualitative data as an attractive nuisance: the prolem of analysis. In: **Administrative Science Quarterly**, v. 24, n. 4 nova York: Greenwood, 1979.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 13. ed. São Paulo: Hucitec, 2013.

NASCIMENTO, M. A gramática do português falado. *In*: ZILLES, A. M. S. (org.). **Estudos de variação linguística no Brasil e no Cone Sul**. Porto Alegre: UFRGS, 2005. p. 93-116.

OLIVEIRA, M. M. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

OLIVEIRA, G. A. **Estudo do processo de estruturação interna de SegT Mínimos em cartas de leitores de jornais paulistas do século XXI**. 194 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 2016.

PÉCORA, A. **Problemas de redação**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

PENHAVEL, E.; GARCIA, A. G. Tipos de linearização tópica na Gramática Textual-Interativa. **Fórum Linguístico** (Online), v. 14, p. 1792 - 1807, 2017.

PENHAVEL, E.; GUERRA, A. R. O processo de organização tópica em editoriais oitocentistas do jornal O Estado de S. Paulo. **Acta Semiótica et linguística**, v. 1, p. 14-28, 2016.

PENHAVEL, E. **Marcadores Discursivos e Articulação Tópica**. 168 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

PENHAVEL, E. Flexibilidade e sistematicidade no processo de estruturação interna de segmentos tópicos mínimos. **Revista Moara**, n. 36, 2011.

PENHAVEL, E. **Estudo do Processo de Estruturação Interna de Segmentos Tópicos Mínimos em Diferentes Gêneros Textuais**. Relatório Final de Pesquisa. São José do Rio Preto, Universidade Estadual Paulista, 2017.

RAMIRES, V. Panorama dos estudos sobre gêneros textuais. **Revista Investigações**, v. 18, n. 2, 2005.

REZENDE, V. A. D. L. **Análise dos pressupostos de linguagem nos cadernos de formação do Pacto Nacional de Alfabetização na Idade Certa - PNAIC**. 216 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Marília, 2015.

RODRIGUES, R. H. **A constituição e funcionamento do gênero Artigo de Opinião: cronotopo e dialogismo**. 356 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.

ROJO, R.; CORDEIRO, G. S. Apresentação: gêneros orais e escritos como objetos de ensino: modo de pensar, modo de fazer. *In*: DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. **Gêneros orais e escritos na escola**. Trad. Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro (orgs.). Campinas: Mercado de Letras, 2004.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

SILVA, L. A. Por um ensino produtivo de gramática. *In*: CASSEB-GALVÃO, V. C.; NEVES, M. H. M. (orgs.). **O todo da língua**. São Paulo: Parábola, 2017.

TRAVAGLIA, L. C. Gramática no nível textual e ensino: organização tópica, leitura e produção de textos. *In*: CABRAL, A. L. T.; SANTOS, S. S. B. (orgs.). **Discurso em diálogo**: leitura, escrita e gramática. São Paulo: Terracota, 2011. p. 67-95.

VALLI, M. V. **O processo de organização tópica em dissertações escolares**: da análise à emergência de uma abordagem para o ensino do gênero. 333 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 2017.

ZANIN, I. C. A. **O processo de organização tópica em cartas de redatores em cartas de jornais paulistas do século XIX**. 98 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 2018.

ANEXO A

CORPUS DE REFERÊNCIA: ANÁLISE INTERTÓPICA

Título do Jornal: A Gazeta

Data: 16 de agosto de 2016

Fonte: Acervo digital do jornal “A Gazeta” (disponível em: <https://agazetadoacre.com/concepcao-negativa-da-pobreza-2/>)

Número do artigo de opinião: 1

Nossos terrores!	
[SbT mínimo 1]	
Atualmente, o mundo experimenta os terrores das múltiplas patologias, miríades mesmo. Vivemos o século das doenças endêmicas. No Brasil, nas grandes e pequenas cidades, o medo do futuro e suas dúvidas é a mais subjetiva de todas as doenças, porque é advéncia, pois que toma de assalto o nosso interior. Medo e pavor, notadamente da violência urbana, em todos os segmentos sociais, atormentando a alma cansada dos sobreviventes desse caos social. “Saio de casa pela manhã, mas não sei se volto vivo à noite”. É a máxima que ecoa no seio das famílias de Norte a Sul neste país. Aforismo que reflete as incertezas de segurança, da própria vida, por exemplo, dos policiais e de suas famílias. São os nossos terrores de nos vermos assaltados, estuprados, assassinados a qualquer momento, por motivos banais. Se é que há motivo superior para ceifar a vida do próximo! Apreensão, medo ou susto, são termos eufêmicos diante dessa situação que espanta, amedronta e aterroriza o mundo de hoje.	1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
[SbT mínimo 2]	
É torturante, igualmente ter que aceitar essa situação insolúvel do sistema penal no Brasil. O tempo passa e a questão carcerária se agrava mais e mais, a exemplo de outros problemas sociais que nos afligem diariamente sem que tenhamos, na condição de sociedade organizada, uma solução pelo menos plausível que nos garanta o mínimo de confiança nas instituições que administram o erário, e olha que não é pouco o que se arrecada, através duma política tributária opressora, da já quebrada economia do cidadão comum. Sei que existem especialistas da área que tentam explicar, os inexplicáveis motivos que geram essa superlotação dos presídios que fazem estourar a todo o momento, aqui e lá, nas “casas de detenções” motins que quase sempre acabam em mortes. Estatísticas recentes, falam que o Brasil tem a quarta maior população carcerária do mundo. São mais de 550 mil presos e, dizem, que há quase o mesmo número do lado de fora, isto é, zanzando por aí em meio aos cidadãos, que deveriam cumprir pena, por algum delito cometido, e não cumprem pela falta de espaço nos presídios.	11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21
[SbT mínimo 3]	
Outro câncer, com avanço inexorável, é o cataclismo MORAL, que coloca por terra os bons costumes, ainda necessários para uma boa convivência social. Valores que, questionados à luz de teorias sem qualquer senso ético, feneceram dando vida a esta situação desmoralizante. Como se não bastassem o cataclismo geológico e as profundas mudanças climáticas, bem como as epidemias quase incontroláveis, que assolam o mundo aqui e ali; Como se não bastassem à exaustão da terra madre que somados a escassez de recursos naturais, derivados do petróleo e de outras matérias-primas tornam a vida nossa de cada dia mais difícil. Além de todas essas desgraças, temos que viver com a decadência mental e moral causada, especialmente, pelo mundo urbano cujo carro-chefe é a desordenada vida sexual; o consumismo exagerado e; a entrega globalizada da juventude as drogas alucinógenas.	22 23 24 25 26 27 28 29 30
[SbT mínimo 4]	
O desmoronar da moral pode ser percebido, por exemplo, entre os jovens dos tempos pós-modernos. O jovem atualmente é portal do crime. Todos os dias surgem dos quatro cantos do mundo, relatos lamentáveis sobre: homicídios, assaltos à mão armada, lesões corporais e tráfico de drogas envolvendo diretamente crianças e adolescentes. Na realidade só estou reverberando um clamor geral no que toca o assunto da delinquência juvenil, da prostituição e exploração de crianças e adolescentes. O que se configura, se providências não forem tomadas, numa ruína total da maioria da juventude, pois se constata por pesquisa de toda ordem que hoje no Brasil, 99% dos crimes são praticados ou tem os adolescentes e jovens como protagonistas. Assim, essa tragédia moral se radicaliza, perversamente, na corrupção de segmentos da política partidária. Essa praga, a corrupção, é a campeã dos nossos terrores!	31 32 33 34 35 36 37 38 39

Análise

Texto 1	<i>Nossos terrores</i>
Quant. de SegTs mínimos	4
Hierarquia Tópica	
Quant. de QTs	1
Níveis de hierarquização tópica	2
Representação	Tópico (global): <i>Temores do mundo de hoje</i> Tópico1: <i>Medo e incertezas decorrentes da violência urbana que aterrorizam o mundo de hoje</i> (SegT 1) Tópico 2: <i>Falência do sistema penal brasileiro</i> (SegT 2) Tópico 3: <i>Decadência moral</i> (SegT 3) Tópico 4: <i>Delinquência juvenil</i> (SegT 4)
Linearidade Tópica	SegT 1 > SegT 2: continuidade SegT 2 > SegT 3: continuidade SegT 3 > SegT 4: continuidade

Título do Jornal: A Gazeta

Data: 1 de setembro de 2016

Fonte: Acervo digital do jornal “A Gazeta” (disponível em: <https://agazetadoacre.com/concepcao-negativa-da-pobreza-2/>)

Número do artigo de opinião: 2

Seca do Rio Acre: alerta para todos	
[SbT mínimo 1]	
O Rio Acre experimenta um dos períodos de seca mais severa de sua história , podendo ultrapassar o menor nível a que já chegou, em 45 anos de medições da Defesa Civil : 1,50 m, em setembro de 2011. Nesta quinta-feira, 28, a medição constatou que a régua marcava 1,52 m. Não há sinais de chuva, a seca segue intensa e ainda nem se chegou ao período de pico do verão amazônico, que é justamente no mês de setembro.	1 2 3 4 5
Assim, vão se confirmando as previsões dos cientistas e pesquisadores no assunto. Ainda no mês de março, o doutor em ciências ambientais e pesquisador da Universidade Federal do Acre (Ufac) , Foster Brown, já previa que, um ano depois que o Estado viveu uma das maiores cheias, poderia enfrentar sua pior seca . Segundo expôs no workshop realizado no Parque Zoológico (PZ) da Universidade Federal do Acre (Ufac), cujo tema foi “Vulnerabilidade à Seca de 2016”, as observações dos últimos 15 anos revelam o aumento progressivo da temperatura global , que continua influenciando nosso clima, associada ao avanço dos efeitos do fenômeno El Niño . Daí a produção de ondas de calor superiores às médias, fatores sentidos nos dias atuais.	6 7 8 9 10 11 12 13
[SbT mínimo 2]	
São dados que devem deixar a todos em estado de alerta, pois os efeitos do calor e da seca são imensuráveis , com desastrosas consequências . O rio , por exemplo, é a vida da nossa cidade. Dele depende o abastecimento de água e os níveis atuais comprometem a captação na mais importante fonte de recurso hídrico de, pelo menos, nove municípios , além de pequenas localidades que o margeiam .	14 15 16 17
O Departamento Estadual de Pavimentação e Saneamento (Depasa), órgão responsável pela captação , tratamento e distribuição de água em Rio Branco, está operando em estado de alerta e já abaixo de sua capacidade , com toda a estratégia de captação readequada para o momento crítico .	18 19 20
As torres de captação estão operando com o apoio de bombas instaladas sobre três flutuantes e como os sinais de vazante ainda são progressivos , a preocupação só aumenta porque se a tendência apresentada é a de que a lâmina d’água está cada vez mais baixa , a captação e a distribuição de água serão diretamente afetadas e o abastecimento da nossa cidade depende 100% do Rio Acre , pois aquífero, segundo laudos da Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais, não tem viabilidade de exploração.	21 22 23 24 25
Essa sazonalidade do nosso rio que, paradoxalmente, atingiu a marca histórica de 18,40 m na cheia de março de 2015, é um fenômeno com o qual estamos acostumados, e talvez por isso os cuidados com o meio ambiente que deveriam ser preocupação de todos durante todo o ano, acabam não sendo tomados.	26 27 28 29 30
[SbT mínimo 3]	
Nesse momento, a ausência de chuva agrava a seca que já está sendo considerada a maior já registrada no Acre. À estiagem e à seca somam-se as queimadas num desastroso ciclo em que um fator favorece ao outro, desfavorecendo a todos nós .	31 32
Além da iminente falta de água, as crianças e os idosos são os que mais sofrem com problemas respiratórios . A vazão do rio , com a alta da temperatura e baixa umidade do ar , só aumenta.	33 34 35
[SbT mínimo 4]	
O quadro é tão delicado que levou o governador Tião Viana a decretar situação de emergência no estado . Mas é preciso haver consciência coletiva de que a responsabilidade não é apenas do Poder Público com seus órgãos todos a serviço da fiscalização, da coerção e da tomada de providências que minimizem os efeitos da estiagem .	36 37 38 39

É preciso que cada pessoa faça sua parte , compreendendo que um gesto pode significar muito ao todo: não desperdiçar água e não riscar o fósforo que bota fogo no lixo ou na mata , são dois deles. Dos mais importantes.	40
Deixo para reflexão, um pensamento de Madre Teresa de Calcutá: “O que eu faço é uma gota no meio de um oceano. Mas, sem ela, o oceano será menor”.	41
	42
	43
	44

Análise

Artigo de Opinião 2	<i>Seca do Rio Acre: alerta para todos</i>
Quant. de SegTs mínimos	4
Hierarquia Tópica	
Quant. de QTs	2
Níveis de hierarquização tópica	3
Representação	Tópico (global): <i>A severa seca do Rio Acre e seus efeitos</i> Tópico 1: <i>Baixo nível do rio Acre: confirmação de previsões</i> (SegT 1) Tópico 2: <i>Confirmação de previsões</i> (SegT 2) Tópico 3: <i>Efeitos do calor e da seca</i> Tópico 3.1: <i>Baixo nível do rio Acre</i> (SegT 3) Tópico 3.2: <i>Estiagem e queimadas</i> (SegT 4) Tópico 4: <i>Conscientização e tomada de providências</i> (SegT 5)
Linearidade Tópica	SegT 1 > SegT 2: continuidade tópica SegT 2 > SegT 3: continuidade tópica SegT 3 > SegT 4: continuidade tópica

Título do Jornal: A Gazeta

Data: 29 de junho de 2016

Fonte: Acervo digital do jornal “A Gazeta” (disponível em: <https://agazetadoacre.com/concepcao-negativa-da-pobreza-2/>)

Número do artigo de opinião: 3

Concepção negativa da pobreza	
[SbT mínimo 1]	
Nutro aversão aos discursos articulados e políticos em relação à pobreza material das pessoas. Tenho consciência da delicadeza do tema e da condição de vida que a pobreza material imputa à humanidade. Há, todavia, ao lado dessa chaga social, a pobreza espiritual que empobrece , vilmente, o mundo dos pobres e dos ricos.	1 2 3 4
Acredito, no sutil entendimento de pessoa humana, ser a pobreza espiritual a maior de todas as pobrezaas . Tem-se, aqui, a vilania, a covardia e a desnudez disfarçadas sob um véu de falsidade , de fraquezas , de opções de vida que envergonham a nós seres humanos, nascidos no seio de uma família e participantes do corpo social da comunidade.	5 6 7 8
Esses “ pobres espirituais ” agem segundo os interesses pessoais mais escusos , atropelam o código da ética, da moral, do trabalho e do convívio social. São figuras que ocupam espaços, que tomam como seus, dentro do corpo social, como a lei a serviço dos interesses pessoais . Lidar com essas “criaturas” é uma questão para a psicologia, a sociologia, às ciências médicas ou para as leis penais. Pois se trata, na verdade, senão de atos criminosos, pela infâmia como são praticados, mas de uma anomalia que o Estado de Direito deve olhar com certa urgência, para assegurar direitos fundamentais à sociedade.	9 10 11 12 13 14
[SbT mínimo 2]	
Valor humano – no mundo globalizado, um dos temas que vem merecendo articulados discursos é justamente aquele referente à concepção negativa que se tem de pobreza e o menosprezo que a sociedade tem pelos pobres . Aqui, o homem passa a valer pelos bens materiais que possui e não pela pessoa humana que é. Ou ainda, pelo peso político que representa no corpo social e não por sua presença enquanto cidadão no seio da sociedade. Assim, em termos de uma definição, no sentido de existência e de ressurreição social, para a prosperidade econômica e a sociedade de consumo, a pobreza é percebida como um eco ou expressão de uma condição humana degradante .	15 16 17 18 19 20 21
[SbT mínimo 3]	
A tradição cristã – estudos recentes, realizados em países desenvolvidos, demonstram que essa atitude humana de olhar a pobreza, sob o ponto de vista material, constitui uma ruptura com toda a concepção pré-industrial da pobreza, particularmente na idade Média. A tradição cristã e todas as grandes religiões fizeram da pobreza um estatuto de santificação , enquanto a riqueza não era um valor nos antigos modelos socioculturais. Só bem mais tarde a noção de assistência é substituída pelo da integração.	22 23 24 25 26 27
Essa mudança não é apenas semântica, pois procura integrar, na pluralidade da realidade social, a ideia de um “direito” a uma vida decente , que a democracia deve assegurar a todo cidadão . Essa reivindicação de novos direitos e novas formas de solidariedade inscrevem-se no aprofundamento da noção de direitos do homem .	28 29 30 31
[SbT mínimo 4]	
Condição humana humilhante – a pobreza como um sigma, leva à Sociologia a afirmar que ela evoca uma condição humana humilhante . Nesse sentido, distinguem-se três níveis de pobreza , que formam ciclos concêntricos: 1) primeiro, aquele que inclui todos os pobres , qualificados em relação ao seu baixo nível de renda; 2) segundo aquele que reagrupa os pobres que se beneficiam de certa alocação social; 3) terceiro, o reúne os que recebem, ocasionalmente uma alocação, mas ao mesmo tempo são considerados como pessoas depravadas e malformadas . O estigma da degradação , de maneira tradicional, confunde a pobreza com a prática de atos ilícitos. Uma vida fundada sobre a exclusão social constitui a verdadeira definição da pobreza .	32 33 34 35 36 37 38 39

[SbT mínimo 5]	
Pelas ideias aqui postas e por outras implícitas, no texto de hoje, compreende-se a importância de uma luta contra todas as formas de exclusão , numa sociedade que deve defender a verdadeira eficácia dos “Direitos do Homem”. E todas essas “coisas”, mazelas do cotidiano , passam por um processo educacional . Assim, pobre é também a nação que despreza os professores .	40 41 42 43

Análise

Artigo de Opinião 3	<i>Concepção negativa da pobreza</i>
Quant. de SegTs mínimos	5
Hierarquia Tópica	
Quant. de QTs	2
Níveis de hierarquização tópica	3
Representação	Tópico (global): <i>As várias faces da pobreza</i> Tópico 1: <i>Pobreza espiritual: a maior de todas as pobrezaas (SegT 1)</i> Tópico 2: <i>Concepções negativas da pobreza espiritual</i> Tópico 2.1: <i>Valor humano (SegT 2)</i> Tópico 2.2: <i>Tradição cristã (SegT 3)</i> Tópico 2.3: <i>Condição humana humilhante (SegT 4)</i> Tópico 3: <i>Concepção de pobreza implica valorização do professor (SegT 5)</i>
Linearidade Tópica	SegT 1 > SegT 2: continuidade tópica SegT 2 > SegT 3: continuidade tópica SegT 3 > SegT 4: continuidade tópica SegT 4 > SegT 5: continuidade tópica

Título do Jornal: A Gazeta

Data: 2 de agosto de 2016

Fonte: Acervo digital do jornal “A Gazeta” (disponível em: <https://agazetadoacre.com/concepcao-negativa-da-pobreza-2/>)

Número do artigo de opinião: 4

Quando o Rio Acre irá secar durante o verão amazônico?	
[SubT mínimo 1]	
Em dezembro de 2014 havíamos publicado um artigo neste jornal ‘A Gazeta’ no qual questionávamos se o final do rio Acre era inexorável. Um ano e meio depois, estamos a testemunhar uma seca inédita do nosso rio que, infelizmente, corrobora o que havíamos comentado naquele artigo. Hoje estamos publicando uma versão editada e atualizada do referido artigo, cujos dados nos foram gentilmente repassados pelo Dr. Foster Brown do SETEM/Parque Zoobotânico da UFAC.	1 2 3 4 5
[SubT mínimo 2]	
A ameaça de escassez de água potável no planeta é uma realidade em muitas regiões, especialmente as mais áridas ou que sofreram graves desequilíbrios ambientais. Falar que tal cenário poderia se materializar na Amazônia, com uma vasta rede hidrográfica que abriga a maior reserva de água doce do planeta, soaria como algo surreal. Entretanto, a rápida ocupação da mesma a partir dos anos 70- que resultou na eliminação de cerca de 15% de sua cobertura florestal para a implantação de cidades e empreendimentos industriais e agropecuários – tornou factível a ameaça de escassez de água em algumas partes desta região nos próximos anos.	6 7 8 9 10 11 12
[SubT mínimo 3]	
E a região leste do Acre poderá ser uma das primeiras na Amazônia a ter que conviver com limitações hídricas se a degradação de seus remanescentes florestais e da sua rede hidrográfica não for controlada. Dos 21,3 mil km² desmatados no Acre (13% de seu território), 15 mil km² ocorreram nesta região. Soa um exagero, mas apesar do leste do Acre equivaler a apenas 22,5% do território do Estado, ele concentra cerca de 70% do desmatamento registrado em todo o Estado.	13 14 15 16 17
A principal ameaça de crise hídrica no leste do Acre deriva do futuro do rio Acre, que drena cerca de 90% da região (a outra bacia é a do rio Abunã) e abriga em sua área de influência cerca de 450 mil pessoas, ou aproximadamente 60% da população acreana. A região leste é também a mais importante sob o ponto de vista econômico, representando cerca de 70% do produto interno bruto estadual. Uma grave crise hídrica terá, portanto, sérias consequências socioeconômicas para todo o Acre e, possivelmente, para a região sul ocidental da Amazônia.	18 19 20 21 22 23
[SubT mínimo 4]	
Um estudo realizado em 2011 (Piontekowski e outros) mostrou que das 11,5 mil hectares das Áreas de Proteção Permanente (APP) do rio Acre em território acreano, cerca de 3,7 mil (±32%) já tinham sido destruídas. Em cinco dos oito municípios acreanos banhados pelo rio Acre a taxa de destruição desta APP ultrapassa 30%. Epitaciolândia e Rio Branco já eliminaram, respectivamente, 57% e 43% da APP do rio Acre em seus territórios. É importante ressaltar que no caso do rio Acre as áreas de APPs são sinônimos de mata ciliar, que tem importância estratégica para a sobrevivência de rios localizados em planícies sedimentares recentes, como é o caso do rio Acre.	24 25 26 27 28 29 30
Rios que correm em planícies sedimentares tendem a ser meândricos, apresentam muitas curvas acentuadas em razão da erosão constante em suas margens pela ação da água, e mudam de curso com frequência, formando lagos em formato de meia lua ou ferradura. A existência de mata ciliar ao longo de rios meândricos ajuda a diminuir a erosão natural de suas margens e serve como barreira para o escoamento de sedimentos (argila, areia, pedregulhos) para o leito dos rios, evitando o seu assoreamento (ou aterramento). Em rios assoreados, como parece ser o caso do rio Acre, são frequentes os alagamentos por ocasião de chuvas intensas.	31 32 33 34 35 36 37
[SubT mínimo 5]	

O rio Acre sofre de problemas decorrentes não apenas da destruição de sua mata ciliar , mas também do intenso desmatamento acontecido na área que ele drena na região leste do Acre. A tabela que ilustra esse artigo reflete bem a influência dessas ações humanas sobre os valores das cotas mínimas (nível mais baixo) atingido pelo rio Acre a partir do ano de 1971 .	38 39 40 41
Entre as décadas de 70 (1971-1980) e 80 (1981-1990), o valor médio das cotas mínimas do rio Acre diminuiu apenas 2%. Esse valor, entretanto, caiu 16% entre a década de 80 e a de 90 (1991-2000), quando o desmatamento e a ocupação econômica da região leste do Acre se intensificaram. Entre a década de 90 e os anos 2000 (2001-2010) a diminuição da cota mínima chegou a 20%, um valor impressionante. Um dado interessante é a amplitude das cotas mínimas em cada década: 0,67 m entre 1971-1980, 0,85 m entre 1981-1990, 0,97 m entre 1991-2000 e 0,85 m entre 2001-2010.	42 43 44 45 46 47
Já ultrapassamos a metade da década de 2010 e é extremamente preocupante o fato de a cota mínima do rio Acre ter atingido 1,5 m em setembro de 2011 , no final do período seco de um ano climaticamente normal. Mais impressionante foi observar que em julho de 2016 , no início do verão amazônico , a cota mínima do rio Acre ter atingido pela primeira vez na história medida abaixo de 1,5 m!	48 49 50 51 52
[SubT mínimo 6]	
Os dados na figura que ilustra esse artigo nos fazem questionar se a tendência de baixa no valor da cota mínima do rio Acre continuará com a mesma intensidade nos próximos anos . Se isso acontecer é bem possível que no final dessa década (2020) a cota mínima média do rio poderá atingir ±1,65 m . E se a amplitude entre as cotas mínimas do rio Acre for de ±0,6 m isso significará que poderemos testemunhar nosso rio chegar a uma cota mínima de ±1 m até 2020. É uma situação extremamente preocupante!	53 54 55 56 57 58
Se na próxima década (2021-2030) o ritmo de diminuição da cota mínima do rio Acre se mantiver, em algum ano da mesma a cota mínima do rio poderá atingir apenas ±0,4 m . E se o cenário mais pessimista prevalecer na década entre 2031-2040 é possível que neste período, durante o verão amazônico, o leito do rio Acre fique completamente seco no trecho em que ele corta a cidade de Rio Branco.	59 60 61 62 63
[SubT mínimo 7]	
Soa um futuro distante? Nem tanto. São apenas 24 anos. Nossos filhos , incluindo os adolescentes e aqueles que estão concluindo a faculdade hoje, e que tem vivo na memória o rio Acre com águas correntes no verão amazônico , poderão ser testemunhas desse desastre . Será esse o nosso legado para as futuras gerações? Se isso acontecer, como você – então um idoso que deveria ser visto como um sábio – se justificaria para os jovens do futuro que não foi cúmplice desse desastre?	64 65 66 67 68

Análise

Artigo de opinião 4	<i>Quando o rio acre irá secar durante o verão amazônico?</i>
Quant. de SegTs mínimos	7
Hierarquia Tópica	
Quant. de QTs	1
Níveis de hierarquização tópica	2

Representação	Tópico (global): <i>Iminência de seca do rio Acre: causas, consequências e previsões</i> Tópico 1: <i>Seca inédita do rio Acre confirma estudo</i> (SegT1) Tópico 2: <i>Rápida ocupação da Amazônia ameaça escassez de água</i> (SegT 2) Tópico 3: <i>Influência da degradação florestal e hidrográfica no risco de crise hídrica na região leste do Acre</i> (SegT 3) Tópico 4: <i>Rio Acre sofre com a destruição de sua mata ciliar</i> (SegT 4) Tópico 5: <i>Influência do desmatamento sobre os valores das cotas mínimas atingidas pelo Rio Acre a partir de 1971</i> (SegT 5) Tópico 6: <i>Previsões sobre o valor da cota mínima do rio Acre para os próximos anos geradas a partir de dados estatísticos</i> (SegT 6) Tópico 7: <i>Legado para as próximas gerações</i> (SegT 7)
Linearidade Tópica	SegT 1 > SegT 2: continuidade tópica SegT 2 > SegT 3: continuidade tópica SegT 3 > SegT 4: continuidade tópica SegT 4 > SegT 5: continuidade tópica SegT 5 > SegT 6: continuidade tópica SegT 6 > SegT 7: continuidade tópica

Título do Jornal: A Gazeta

Data: 30 de agosto de 2016

Fonte: Acervo digital do jornal “A Gazeta” (disponível em: <https://agazetadoacre.com/concepcao-negativa-da-pobreza-2/>)

Número do artigo de opinião: 5

Que efeitos secas severas e frequentes causarão às nossas florestas?	
[SubT mínimo 1]	
Um artigo científico publicado em 2015 mostrou que as mudanças climáticas globais poderão aumentar a frequência tanto de secas quanto de chuvas extremas na Amazônia antes do ano de 2050 (Duffy e outros, 2015). Segundo o estudo as áreas afetadas por secas extremas no oeste da Amazônia poderão triplicar até 2100 e simultaneamente as áreas sujeitas a eventos de chuvas extremas também crescerão após 2040.	1 2 3 4 5
Os verões amazônicos (estiagem) serão alongados e os períodos de chuvas mais curtos , mas mesmo assim estaremos sujeitos a chuvas mais intensas em razão da maior evaporação de água dos oceanos. Estes eventos , combinados com o desmatamento persistente na região , causarão mortes maciças de árvores, incêndios florestais e transformarão a região em emissora de carbono para a atmosfera.	6 7 8 9
[SubT mínimo 2]	
Quem vive no Acre , no entanto, tem a nítida impressão de que as previsões desses cientistas estão atrasadas , pois quase todos os anos desde 2005 a região leste de nosso Estado tem experimentado eventos desse tipo . Secas severas ocorreram em 2005, 2010 e 2016. A cidade de Rio Branco declarou situação de emergência por inundações durante sete anos consecutivos (2009- 2015). A cheia ocorrida em 2015 foi a maior da história.	10 11 12 13 14
[SubT mínimo 3]	
Mas para os acrianos , que vivem em um estado no qual mais de 80% de seu território ainda é recoberto por floresta nativa , uma pergunta inquietante precisa ser respondida:	15 16
– O que acontecerá com nossas florestas se os eventos de secas se intensificarem nos próximos anos?	17 18
Alguns pesquisadores (Salazar e outros, 2007) fizeram simulações utilizando dentre outras variáveis, a temperatura e umidade do ar, precipitação, água no solo, duração dos períodos de seca e de chuvas, e chegaram à conclusão de que o aumento da temperatura global poderá transformar, até o ano de 2100, uma ampla área localizada nas extremidades leste e sul da Amazônia em uma região climaticamente imprópria para a existência de florestas .	19 20 21 22 23
Segundo essa previsão, as grandes árvores dessa região não sobreviverão às secas mais prolongadas e paulatinamente a floresta nativa atual será substituída por uma vegetação muito parecida com as “ savanas ” (similar ao Cerrado do Brasil Central). Dependendo da intensidade das mudanças provocadas pelo aquecimento global, estima-se que entre 30 e 60% das áreas florestais da Amazônia se transformarão em savanas .	24 25 26 27 28
[SubT mínimo 4]	
Outros estudos (Huntingford e outros, 2013) sugerem uma situação bem diferente . O excesso de calor gerado pelo aquecimento global e o aumento de CO2 na atmosfera poderão estimular o crescimento mais vigoroso das árvores no período favorável (chuvas) e a fixação de CO2 , compensando os prejuízos do prolongamento dos períodos secos.	29 30 31 32
[SubT mínimo 5]	
A comprovação das teorias propostas acima só se dará com o passar do tempo, mas as secas históricas ocorridas na Amazônia em 2005 e 2010 se encarregaram de fornecer algumas respostas . Durante as secas de 2005 e 2010 foi verificada uma grande mortalidade de árvores e incêndios que atingiram mais de 85 mil quilômetros quadrados de florestas primárias na região. Outro dado importante	33 34 35 36

foi a constatação de que na seca de 2010 as florestas da Amazônia emitiram entre 1 e 2% do carbono	37
que normalmente estocam (Duffy e outros, 2015). Foi uma situação excepcional visto que nossas	38
florestas normalmente retiram CO ₂ da atmosfera e estocam o carbono na medida em que suas árvores	39
crescem. Em outras palavras: nossas florestas passaram da condição de prestadoras de serviços	40
ambientais para ‘poluidoras’ da atmosfera via liberação de CO ₂ .	41
Em 2016 estamos vivendo uma nova seca severa e os curtos intervalos entre as últimas secas	42
podem estar contribuindo para a degradação em larga escala de nossas florestas . Na seca de 2005 cerca	43
de 30% delas foram afetadas direta e indiretamente e em 2010 foram quase 50%. Como a recuperação	44
das árvores de grande porte é lenta (Saatchi e outros, 2013), o curto intervalo entre as secas tem sido	45
insuficiente para a sua completa recuperação , o que pode alterar permanente o dossel florestal e tornar	46
as florestas mais secas e inflamáveis .	47
[SubT mínimo 6]	
O Acre , localizado no limite sul do bioma amazônico , apresenta condições climáticas com	48
períodos secos muito pronunciados e a ocorrência de secas severas em intervalos curtos poderá	49
transformar substancialmente nossas florestas (mesmo aquelas não exploradas). Um dos principais	50
efeitos será a diminuição da riqueza de espécies arbóreas de grande porte cuja ocorrência depende de	51
chuvas abundantes e bem distribuídas. A falta de chuvas fará com que a maioria delas desapareça	52
gradualmente de nossas florestas .	53
Outra desvantagem é o fato de nossas florestas crescerem sobre solos predominantemente	54
argilosos , uma combinação que em períodos de secas provoca a diminuição da produtividade primária	55
e compromete a manutenção das funções ecossistêmicas das florestas. A exploração incessante de	56
recursos florestais (madeira, por exemplo) quando as condições climáticas são desfavoráveis e a	57
floresta está sujeita a stress ambiental tende a potencializar a degradação e inviabiliza a recuperação	58
das florestas exploradas. Alguns pesquisadores acreditam que as recorrências dessas condições poderão	59
se constituir em ponto de partida da transformação de nossas florestas em savanas .	60
[SubT mínimo 7]	
Em 2016 estamos vivendo uma seca severa e nossas florestas estão submetidas a um elevado	61
stress hídrico e com alto risco de serem afetadas por incêndios florestais . O bom senso e os dados	62
científicos indicam que nestas condições a prudência ambiental deveria prevalecer sobre a ganância	63
econômica. Se isso não for observado, correremos o risco de comprometer a sustentabilidade da exploração	64
futura de nossas florestas . Não seria o caso de nossas autoridades ambientais acordarem junto com os	65
produtores uma moratória temporária da exploração florestal nas regiões afetadas pela seca ?	66

Análise

Artigo de opinião 5	<i>Que efeitos secas severas e frequentes causarão às nossas florestas?</i>
Quant. de SegTs mínimos	7
Hierarquia Tópica	
Quant. de QTs	2
Níveis de hierarquização tópica	3
Representação	Tópico (global): <i>Consequências das secas extremas da Amazônia</i>

	Tópico 1: <i>Influência das Mudanças climáticas nas secas e chuvas extremas da Amazônia</i> (SegT 1) Tópico 2: <i>Acre vivencia eventos de seca e chuvas extremas</i> (SegT 2) Tópico 3: <i>Previsões para as florestas acreanas</i> Tópico 3.1: <i>Regiões impróprias para a existência de florestas</i> (SegT 3) Tópico 3.2: <i>Estudos de Huntingford sugerem outro cenário</i> (SegT 4) Tópico 4: <i>Secas fornecem algumas respostas para tais previsões</i> (SegT 5) Tópico 5: <i>Efeitos das transformações ocasionadas pelas</i> (SegT 6) Tópico 6: <i>Conscientização e prudência ambiental na exploração das florestas</i> (SegT 7)
Linearidade Tópica	SegT 1 > SegT 2: continuidade tópica SegT 2 > SegT 3: continuidade tópica SegT 3 > SegT 4: continuidade tópica SegT 4 > SegT 5: continuidade tópica SegT 4 > SegT 5: continuidade tópica SegT 5 > SegT 6: continuidade tópica SegT 6 > SegT 7: continuidade tópica

Título do Jornal: O Rio Branco

Data: 10 de agosto de 2016

Fonte: Acervo digital do jornal “O Rio Branco” (disponível em: <http://www.oriobranco.net/colunista/artigo-do-narciso/pagina/72>)

Número do artigo de opinião: 6

Assim deve ser! [SubT mínimo 1]	
Nossos 513 deputados federais e 81 senadores, individualmente discordam, e até sugerem, que o nosso atual sistema político-partidário eleitoral é o que tem causado os nossos maiores escândalos. Outra não é a razão das inúmeras propostas e das diversas tentativas que já foram feitas visando reformá-la. Assim sendo, por que o dito cujo, contra tudo e contra todos, ainda se mantém? Em primeiríssimo lugar porque, cada um dos 594 congressistas acima referidos, ao tempo que as propõem, defende o seu próprio sistema, ou mais precisamente, o modelo que melhor atenda aos seus interesses. Partidariamente, mais ainda, afinal de contas, cada um dos nossos 35 partidos advoga a reforma que melhor lhes convenha. Como a aprovação de qualquer uma das propostas requer maioria parlamentar, de no mínimo de 2/3 de seus integrantes, estabelecem-se os impasses e a mesmice acaba prevalecendo. Outra particularidade: As propostas e os consequentes debates sobre a nossa reforma política, coincidentemente, só entram em suas pautas quanto os nossos agentes políticos se veem severamente acuados. Diria até: Quando estão sendo duramente chicoteados pela nossa opinião pública. Portanto, nada mais natural que na esteira do “Mensalão”, e mais intensamente, na esteira do “Petrolão”, os dois mais escabrosos escândalos de nossa história, que a referida reforma esteja encabeçando as agendas de suas excelências.	1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15
[SubT mínimo 2]	
Pelos estragos que a Lava Jato já provocou as imagens dos nossos congressistas, e sabe-se lá o que ainda estará por vir, desta vez, a nossa reforma política tem tudo para prosperar, e não mais, como nas vezes anteriores, como se diz na gíria, empurrada com a barriga, até porque, já está suficientemente provado, e comprovado, que quase todos os nossos mais “escandalosos escândalos”, a redundância é proposital, foram frutos de uma árvore inquestionavelmente envenenada. No caso, o nosso sistema político-partidário eleitoral. Ao que tudo está nos levando a crer, já não é mais a reforma política ideal que os nossos congressistas estão buscando, e sim, àquela que traga bons proveitos e que seja possível de ser aprovada. Belo avanço!	16 17 18 19 20 21 22 23 24
[SubT mínimo 3]	
Neste novo contexto destacamos a adesão que vem recebendo uma proposta de autoria dos senadores Aécio Neves e Ricardo Ferraço, cuja importância para o saneamento ético e moral da nossa atividade política chega a contrariar com a sua simplicidade, até porque, caso aprovada, os dois principais quistos cancerosos do velho sistema serão extirpados, e a partir de então, sem maiores percalços, novas melhorias poderão ser alcançadas. Vide o que prescreve a benfazeja e heroica proposta: (01) - acabar com as coligações nas eleições proporcionais. (02) – a instituição de uma cláusula de barreira. Explico: Um partido político só se fará presente nas nossas Casas legislativas se obtiver um percentual mínimo de votos nacionais. Para as eleições de 2018, de 2%, e para as de 2022, de 3%. Feito isto, os partidos de alugueis não sobreviverão por falta de locadores, a partidarização das nossas máquinas públicas diminuirá porque eles nada terão a oferecer, e como não mais disporão do tempo de rádio e televisão não mais poderão utilizá-lo em suas negociações.	25 26 27 28 29 30 31 32 33 34 35 36

Análise

Artigo de opinião 6	<i>Assim deve ser!</i>
Quant. de SegTs mínimos	3
Hierarquia Tópica	
Quant. de QTs	1
Níveis de hierarquização tópica	2
Representação	Tópico (Global): <i>Reforma do Sistema político-partidário eleitoral</i> Tópico 1: <i>Sistema político eleitoral, motivos de escândalos escabrosos: por que ainda se mantém?</i> (SegT 1) Tópico 2: <i>Prejuízos causados pela Lava Jato à imagem dos políticos impulsionam reforma política</i> (SegT 2) Tópico 3: <i>Efeitos da proposta de senadores para o saneamento ético e moral da atividade política</i> (SegT 3)
Linearidade Tópica	SegT 1 > SegT 2: continuidade tópica SegT 2 > SegT 3: continuidade tópica

Título do Jornal: O Rio Branco

Data: 26 de julho de agosto de 2016

Fonte: Acervo digital do jornal “O Rio Branco” (disponível em: <http://www.oriobranco.net/colunista/artigo-do-narciso/pagina/72>)

Número do artigo de opinião: 7

Basta de personalismo!	
[SubT mínimo 1]	
Desde a nossa primeira República , e de lá para cá, para o bem ou para o mal, as mais importantes decisões políticas do nosso país , necessariamente, passaram pelo Estado de São Paulo , e não poderia ser diferente, justamente por ser econômica, populacional e eleitoralmente a mais representativa unidade de nossa federação . Desta feita, nada justifica que de lá esteja partindo os mais degradantes exemplos sobre o comportamento dos nossos partidos políticos e de seus integrantes , afinal de contas, em matéria de disciplina, tradição e fidelidade partidária , não se tem notícia de tamanha degradação .	1 2 3 4 5 6 7
Considerado a meca do tucanato brasileiro , era de se esperar que após 24 anos à frente do governo do Estado de São Paulo , portanto, vitorioso em seis eleições sucessivas, não apenas como exemplo para o próprio PSDB , mas para todos os nossos partidos políticos , seria fundamentalmente importante que de lá nos fossem franqueados os melhores exemplos de convivência e educação partidária .	8 9 10 11
[SubT mínimo 2]	
Lamentavelmente, a eleição que se avizinha , ou seja, a disputa pela prefeitura da cidade de São Paulo acabou transformando o PSDB numa guerra intestina , e o mais impressionante, menos contra os seus efetivos adversários, os candidatos do PRB, do PT, do Psol, entre outros, e mais em prejuízo do próprio PSDB .	12 13 14 15
O candidato a prefeito, João Dória , já escolhido, primeiramente, através de uma prévia, justa e combinada, e posteriormente em convenção, pelo fato de ser o preferido do governador Geraldo Alckmin , e este por sua vez, pretender se candidatar a presidente da República nas eleições de 2018 , de pronto, jamais contou com o apoio do senador e ministro José Serra e do presidente Nacional do PSDB, Aécio Neves, justamente, porque ambos pretendem disputar as eleições de 2018 , e igualmente, à presidência da República . Portanto, uma das formas de enfraquecer a candidatura Geraldo Alckmin será derrotando o seu candidato a prefeito do seu próprio partido , no caso, João Dória .	16 17 18 19 20 21 22
A propósito, por ter sido preterido no âmbito do PSDB , o vereador Andréia Matarazzo , na tentativa de viabilizar a sua candidatura por outro partido, filiou-se ao PSD, e para tanto, em tudo que vem fazendo, tem contado com o apoio do Senador José Serra e de vários outros medalhões do próprio PSDB . Ainda assim, como sua candidatura não decolou , o senador José Serra está buscando transformá-lo em candidato a vice-prefeito na chapa encabeçada pela senadora Marta Suplicy , uma ex-petista de carteirinha, ora filiada ao PMDB .	23 24 25 26 27 28
[SubT mínimo 3]	
Em tempo: a anarquia partidária derivada da disputa pela prefeitura da cidade de São Paulo não ficou restrita apenas em relação ao PSDB . Senão, vejamos: O candidato a vice-prefeito na chapa encabeçada pelo atual prefeito de São Paulo e candidato à reeleição, Fernando Haddad, vem ser Gabriel Benedito Chalita, o mesmo que nas eleições de 2002 foi candidato à prefeitura de São Paulo pelo PMDB.	29 30 31 32
Do Estado de São Paulo , por ser o que é, esperáramos que nos fossem dados melhores exemplos . Basta de personalismo!	33 34

Análise

Artigo de opinião 7	<i>Basta de personalismo!</i>
Quant. de SegTs mínimos	3
Hierarquia Tópica	
Quant. de QTs	1
Níveis de hierarquização tópica	2
Representação	Tópico (Global): <i>São Paulo, pior exemplo de desrespeito partidário</i> Tópico 1: <i>São Paulo: pior exemplo de disciplina, tradição e fidelidade partidária</i> (SegT 1) Tópico 2: <i>Prejuízos ao PSBB causados pela prefeitura de São Paulo</i> (SegT 2) Tópico 3: <i>Anarquia partidária não se limita apenas ao PSDB</i> (SegT 3)
Linearidade Tópica	SegT 1 > SegT 2: continuidade tópica SegT 2 > SegT 3: continuidade tópica

Título do Jornal: O Rio Branco

Data: 18 de julho de agosto de 2016

Fonte: Acervo digital do jornal “O Rio Branco” (disponível em: <http://www.oriobranco.net/colunista/artigo-do-narciso/pagina/72>)

Número do artigo de opinião: 8

Os tempos mudaram	
[SubT mínimo 1]	
A aprovação da PEC-91/16 , possibilitou que no curtíssimo prazo de 30 dias, 92 dos nossos	1
513 deputados federais trocassem de partido . E o mais grave: a menos de um ano das próximas eleições.	2
O propósito , ou mais precisamente, o despropósito do referido troca-troca foi tão somente para	3
possibilitar que os trânsfugas , sem prejuízo dos seus respectivos mandatos, pudessem mandar às favas	4
seus deveres partidários . Outra não foi a razão de sua aprovação . Lamentavelmente, tem sido sempre	5
assim: em sendo do interesse dos nossos congressistas , em tempo recorde, excrescências desta ordem	6
acabam sendo aprovadas e inseridas na nossa legislação, inclusive na nossa própria Constituição.	7
Estimular a infidelidade partidária tem sido sim uma das mais grotescas agressões ao nosso	8
sistema partidário , até porque, tanto a fragmentação quanto a sua fragilização dos nossos partidos só	9
têm trazido prejuízos a nossa própria democracia .	10
[SubT mínimo 2]	
Findo o troca-troca partidário , fruto da aprovação da referida emenda constitucional, a	11
nossa estrutura partidária , já bastante desmoralizada e anárquica, piorou ainda mais. Vide suas	12
consequências : o PMDB ficou com 69 deputados federais , o PT com 58 , o PSDB com 51 e o centrão ,	13
uma espécie de partido político marginal , comandado pelo deputado federal Eduardo Cunha , com	14
aproximadamente 200 deputados federais .	15
Se antes da sua eleição para presidir a Câmara dos Deputados, o deputado federal Eduardo	16
Cunha já havia demonstrado que detinha um invejável capital político , a partir de então, seu poder	17
cresceu de forma exponencial , até porque, não há registro em toda a nossa história política de nenhum	18
dos ex-presidentes da referida Casa parlamentar que tenha usado e abusado do poder com tanta fúria .	19
Caprichosamente, cuidava de favorecer os seus aliados e de prejudicar os seus adversários , seguindo à	20
risca, algumas lições deixadas por Maquiavel, duas delas, em particular: 01 – os meios justificam os fins.	21
02 – uma pessoa vale pelo o bem ou o mal que possa fazer a outra.	22
Pelo mal , basta que se diga que o impeachment da presidente Dilma Rousseff , decorreu do	23
seu perverso instinto de vingança . Pelo bem : os favores que distribuía aos seus aliados . Mais de uma	24
centena dos seus liderados tiveram suas campanhas eleitorais por ele financiadas.	25
[SubT mínimo 3]	
Presentemente, com o seu poder bastante minguado , o deputado federal Eduardo Cunha	26
só está contando verdadeiramente com o apoio , ou mais precisamente, com a cumplicidade daqueles que	27
buscam evitar que seus nomes povoem a provável delação premiada que o próprio Eduardo Cunha	28
certamente fará quando perder o foro privilegiado e sua conta com a justiça passar a ser cobrada pelo juiz	29
Sérgio Moro.	30
O deputado federal Eduardo Cunha se diz inocente e que está sendo julgado politicamente,	31
num julgamento eivado de má-fé . Daí a pergunta que não pode calar: qual o critério que ele utilizou	32
para determinar a abertura e a condução do processo de admissibilidade do impeachment da	33
presidente Dilma Rousseff ?	34
Por derradeiro: o que quis dizer o deputado federal Eduardo Cunha disse a seus pares ,	35
quando declarou: “eu sou vocês amanhã” ?	36
Quem entendeu como sendo uma chantagem acertou.	37

Análise

Artigo de opinião 8	<i>Os tempos mudaram</i>
Quant. de SegTs mínimos	3
Hierarquia Tópica	
Quant. de QTs	1
Níveis de hierarquização tópica	2
Representação	Tópico (Global): <i>Eduardo Cunha: do passado glorioso ao presente injurioso</i> Tópico 1: <i>Propósitos da aprovação da PEC-91/16: troca-troca partidário sem prejuízo ao trânsfugas</i> (SegT 1) Tópico 2: <i>Consequências do troca-troca partidário: Ascensão exponencial do poder de Cunha, pelo bem ou pelo mal</i> (SegT 2) Tópico 3: <i>Decadência do poder de Cunha e a cumplicidades de seus apoiadores</i> (SegT 3)
Linearidade Tópica	SegT 1 > SegT 2: continuidade SegT 2 > SegT 3: continuidade

Título do Jornal: O Rio Branco

Data: 10 de agosto de 2016

Fonte: Acervo digital do jornal “O Rio Branco” (disponível em: <http://www.oriobranco.net/colunista/artigo-do-narciso/pagina/72>)

Número do artigo de opinião: 9

Operação FIES [SbT mínimo 1]	
Nos quatro primeiros anos de seu efetivo funcionamento, ou mais precisamente, entre os anos 2010 e 2013, os gastos com o FIES cresceram 448%, enquanto o número de alunos matriculados nas faculdades particulares cresceu minguidos 13%. Algo mais precisaria ser dito, além destes percentuais, para evidenciar que algo de muito errado havia ocorrido nos primeiros anos da implantação do referido programa? A seguir, vejamos o número de alunos atendidos e seus correspondentes gastos; a) 2010 - 76.000 contratos a um custo de R\$-810 milhões. b) 2011 - 230.000 “ “ “ “ R\$-1,84 bilhões. c) 2012 - 378.000 “ “ “ “ R\$-4,84 bilhões. d) 2013 - 560.000 “ “ “ “ R\$-7,57 bilhões.	1 2 3 4 5 6 7 8 9
[SbT mínimo 2]	
Lamentavelmente, ao invés do governo federal, ou mais precisamente, o Ministério da Educação, ter chamado para si a responsabilidade de controlá-lo, sobretudo, seus custos e a qualidade do ensino que seriam ofertados pelas faculdades particulares que viessem aderir ao FIES, por incrível que pareça, tais atribuições ficaram sob o controle das próprias faculdades, e como consequência de tamanha irresponsabilidade, como seria esperado, no período que se seguiu, os custos com o funcionamento e manutenção do FIES só se agigantaram, a ponto de ameaçar, como ameaçado está o próprio programa. A seguir, vejamos o crescimento dos gastos com o FIES entre os nos 2014/2015; a) 2014.....R\$-13,7bilhões. b) 2015.....R\$15,6bilhões. c) 2016 R\$- 18,7 bilhões.	10 11 12 13 14 15 16 17 18 19
[SbT mínimo 3]	
Mesmo que a grave crise econômica que ora está sufocando o nosso país não tivesse sido alcançada pelos radares das nossas autoridades, ainda assim, a ganância com o FIES, ou a farra do FIES, como assim chegou-se a denominá-la, não seria justificável, até porque, na verdade, os grandes beneficiários do referido programa acabaram sendo os grupos empresários que foram se formando, e a grande maioria deles, com o intuito de mamar nas suas exuberantes tetas. A propósito, um desses grupos, o Anhanguera-GO, em 2014, chegou a faturar junto ao governo federal, via FIES, mais de R\$-2,0 bilhões. Algo inimaginável.	20 21 22 23 24 25 26
Para aumentar seus faturamentos, até prêmios as próprias faculdades ofereciam aos seus alunos que arrebanhassem novos clientes, independente de seus níveis de instrução, até porque, as aprovações de suas matrículas dependiam delas mesmas. E o mais grave ainda: os alunos que atrasassem os pagamentos de suas mensalidades, de pronto, eram transferidos para o FIES, e desta feita, livravam-se dos incômodos atrasos.	27 28 29 30 31
[SbT mínimo 4]	
Por fim, por se tratar de um importantíssimo programa, e o FIES o é, das duas, uma: ou muda-se radicalmente a sua gerência ou FIES estará com seus dias contados. Mas para tanto, em primeiríssimo lugar, o seu controle deve passar a léguas de distância dos interesses das chamadas faculdades caça-níqueis.	32 33 34 35
Será que o FIES não precisaria passar por uma operação do tipo “Lava Jato”?	36

Análise

Artigo de opinião 9	<i>Operação FIES</i>
Quant. de SegTs mínimos	4
Hierarquia Tópica	
Quant. de QTs	1
Níveis de hierarquização tópica	2
Representação	Tópico (global): <i>Expansão exponencial do Programa FIES</i> Tópico 1: <i>Crescimento de gastos do em relação ao número de alunos matriculados em faculdades privadas (SegT 1)</i> Tópico 2: <i>Consequência da falta de controle do Programa (SegT 2)</i> Tópico 3: <i>Beneficiário dos gastos injustificáveis do Programa (SegT 3)</i> Tópico 4: <i>Solução para a manutenção do Programa (SegT 4)</i>
Linearidade Tópica	SegT 1 > SegT 2: continuidade SegT 2 > SegT 3: continuidade SegT 3 > SegT 4: continuidade

Título do Jornal: Opinião

Data: 20 de agosto de 2016

Fonte: Acervo digital do jornal “Opinião” (disponível em: <https://jornalopinio.net/category/artigos/page/40/>)

Número do artigo de opinião: 10

Escola sem partido sem qualidade e sem salários decentes para professores	
[SbT mínimo 1]	
O senador Magno Malta replicou a ideia do deputado estadual do Rio Grande do Sul, Marcel Van Hattem (PL 190/2015) – pelo menos é o que parece ser – e propôs o Projeto de Lei do Senado (PLS) 193/2016, conhecido como projeto “Escola sem Partido”.	1 2 3
Como todo projeto de lei minimamente bem elaborado, esse é mais um que parece permitir a expansão da qualidade de um serviço fundamental oferecido à sociedade. Nesse caso, a educação . Porém, não parece ser a mais fácil das tarefas fazer com que professores ensinem sem, contudo, exprimirem suas visões quanto a assuntos políticos e ideológicos .	4 5 6 7
[SbT mínimo 2]	
Esse PLS , se transformado em lei, ocasionará um transtorno estrutural e ideológico ao setor educacional que nem mesmo os baixos salários da categoria têm sido capazes de produzir .	8 9
Aos “criadores de lei”: é muito fácil parir uma ideia assim (ou mesmo copiar uma) sem levar em consideração a história de um povo que ainda está em formação , como o brasileiro.	10 11
Uma lei pode proibir um cidadão de fumar dentro de um shopping , mas não pode obrigá-lo a deixar de fumar .	12 13
Uma lei pode exigir os faróis dos automóveis acessos durante o dia (um absurdo, diga-se de passagem) sob pena de aplicação de multa e perda de pontos na carteira, mas não impedirá que o motorista alcoolizado ou drogado assuma a direção de um carro .	14 15 16
[SbT mínimo 3]	
A Escola sem Partido é uma doce ilusão , algo que só no mundo do “faz de conta” funcionaria bem . Mas, aqui no Brasil , onde o piso salarial dos mestres educadores passa timidamente dos R\$ 2 mil (uma considerável parte nem isso recebe), imaginar que um professor deixará de falar “vá com Deus” ao final da aula, ou que na aula de Biologia o professor ateu não fale com entusiasmo sobre a evolução do homem, talvez seja uma das maneiras mais emblemáticas de exprimir a própria ingenuidade .	17 18 19 20 21
Mudanças como as propostas nesse projeto de lei não ocorrerão apenas porque uns gatos pingados querem. Elas não são acionadas por um botão “liga-desliga” . Trata-se de uma evolução intelectual , acima de tudo.	22 23 24
[SbT mínimo 4]	
Se o objetivo é melhorar o ensino no Brasil , dando aos alunos dos ensinos fundamental e médio, ferramentas e oportunidades para decidirem o que é melhor para eles, então que sejam assinados decretos e leis que valorizem o profissional de ensino .	25 26 27
Não pode ser encarado como “justo” pagar a um professor a sexta parte do que se paga a um analista do Judiciário. Não que os analistas estejam ganhando muito ou que não mereçam o salário . Mas o contracheque dos mestres da educação mostra, cruelmente, que há uma distância muito grande entre o razoável e o real .	28 29 30 31
[SbT mínimo 5]	
A reforma do ensino deve começar no bolso do professor e demais profissionais de ensino . Depois, na estrutura física das escolas . Por fim, no conteúdo programático . A qualidade virá naturalmente, com o tempo , e a tão temida “ doutrinação ” poderá ser combatida pelos próprios alunos que, ao terem acesso a uma qualidade superior na educação , terão maior poder de discernimento . Assim, decidirão em quê e em quem confiar . Além disso, nós ainda teríamos uma queda acentuada num	32 33 34 35 36

dos mais vergonhosos problemas educacionais no Brasil: os graduandos que não sabem redigir uma redação minimamente decente, ou que ainda precisam do Google para saber em que ano foi proclamada a República.	37
O Brasil está cheio de analfabetos funcionais com diplomas na mão. Se são partidários ou	38
apartidários, héteros ou não, evangélicos, católicos ou ateus, isso pouco importa. O importante é que sejam	39
capazes de desempenhar bem a profissão que escolheram.	40
	41

Análise

Artigo de opinião 10	<i>Escola sem partido sem qualidade e sem salários decentes para professores</i>
Quant. de SegTs mínimos	5
Hierarquia Tópica	
Quant. de QTs	1
Níveis de hierarquização tópica	2
Representação	Tópico (global): <i>A utopia do projeto de Lei do Senado “Escola sem partido”</i> Tópico 1: <i>Proposição do projeto “Escola sem partido”</i> (SegT 1) Tópico 2: <i>Desarranjos ocasionados pelo projeto “Escola sem partido”</i> (SegT 2) Tópico 3: <i>Escola sem partido: uma utopia</i> (SegT 3) Tópico 4: <i>Valorização do professor: distância entre o razoável e o real</i> (SegT 4) Tópico 5: <i>Consequências da valorização da educação no Brasil</i> (SegT 5)
Linearidade Tópica	SegT 1 > SegT 2: continuidade SegT 2 > SegT 3: continuidade SegT 4 > SegT 5: continuidade

Título do Jornal: Opinião

Data: 25 de agosto de 2016

Fonte: Acervo digital do jornal “Opinião” (disponível em: <https://jornalopinio.net/category/artigos/page/40/>)

Número do artigo de opinião: 11

Jogos olímpicos e jogos políticos: O legado negativo no pódio da Rio 2016

[SbT mínimo 1]

Abordo aqui a **grandeza dos Jogos Olímpicos** e o **jogo político** apequenado que **os envolvem**. Competição poliesportiva como o **megaevento das Olimpíadas** é sempre retumbante, atraente, de **repercussão mundial**. Bonito de participar, para quem pode; bonito de se ver.

Por mais que **os investimentos na sua produção sejam imensos, os Jogos**, por si mesmos, não geram **transformações** substantivas **na vida cotidiana das cidades e do país em que são realizados**. Dependem do **sistema**, seja em Pequim ou no Rio de Janeiro.

[SbT mínimo 2]

Para além das **19 medalhas** e do **13º lugar geral** que conquistamos, reveladores de que a **massificação poliesportiva do país** se dá **em passos lentos** (menos de 11% de nossas escolas públicas de ensino médio têm quadras esportivas), é preciso colocar no **pódio das nossas preocupações algumas questões**:

I – O **episódio de Segurança Pública** mais comentado foi a falsa comunicação de assalto por parte daqueles nadadores norte-americanos idiotas. Mas durante **as Olimpíadas**, mesmo com os mais de 60 mil agentes mobilizados, morreram **a tiros no Rio de Janeiro 19 pessoas** e 32 ficaram feridas, nos primeiros dez dias do evento. **Uma realidade macabra** que não pode ser aceita como normal;

II – Por mais que se destaquem **os investimentos privados, a conta chegará para todos: a Light** já pleiteia na Agência Nacional de Energia Elétrica (ANEEL) repassar **para o consumidor** comum **os gastos** de R\$ 432 milhões que teve **nos jogos**. A **Secretaria Municipal de Obras** destinou mais de 70% do seu orçamento, em 2015 e 2016, **para construção ligadas às Olimpíadas**. **Muitas dessas obras**, como a ciclovia da Niemeyer e o Viaduto do Joá, têm **má qualidade**, no caso do primeiro com trágicas consequências; **rever**

III – O **Rio de Janeiro** está com 7,3% de índice **de desemprego**, dos menores índices das capitais brasileiras. Mas 18 mil dos 20 mil **trabalhadores da construção civil** contratados para **as obras vinculadas ao evento** já foram **dispensados** – muitos, sem seus direitos assegurados – e 90 mil temporários já estão **nas ruas**;

IV – A **mobilidade urbana melhorou** setorialmente – nas regiões atendidas pelos BRT’s –, mas **o modo rodoviário (e poluente) foi reforçado**. O Metrô para a Barra, com seus 16 km, e o VLT eminentemente turístico, no Centro, **não descongestionam a locomoção da massa popular** mais pobre. **As obras do bondinho de Santa Teresa** voltaram a parar;

V – **No meio ambiente**, nada de novo na **Cidade Maravilhosa: a Baía de Guanabara e o Sistema Lagunar de Jacarepaguá e Barra**, além dos corpos hídricos da cidade, continuam **todos poluídos**, e recebendo dejetos diariamente. Um horror!

VI – A **moradia popular** não merece atenção na Cidade de maior especulação imobiliária do país: foi esquecida no Porto Maravilha; foi reprimida na Vila Autódromo, onde restaram 20 casas, apartadas das outras 600 famílias que ali viviam, há décadas. **Já a construtora incorporadora Carvalho Hosken** (grande doadora de campanha eleitoral de Paes), teve ganhos **de mais de R\$1 bilhão com obras olímpicas**; Posição implícita

VII – O **modelo de cidade pouco democrática** foi reforçado nas **“arenas” das competições**: os preços dos ingressos eram proibitivos para quem não pertencia a um patamar da classe média para cima.

[SbT mínimo 3]

À **população em geral**, sem restrições, ao menos foram abertos **os shows no Boulevard Olímpico e no Parque Madureira**. Tomara que, para **os cariocas**, fique **este legado simbólico: o de espaços públicos ocupados, o de uma cidade mais de sentimento do que de cimento, menos excludente**.

Análise

Artigo ode opinião 11	<i>Jogos olímpicos e jogos políticos: o legado negativo no pódio da Rio 2016</i>
Quant. de SegTs mínimos	3
Hierarquia Tópica	2 3 Tópico (global): <i>Herança negativa dos Jogos Olímpicos Rio 2016</i> Tópico 1: <i>A grandeza do megaevento Rio 2016 e o caráter político que o circunda (SegT 1)</i> Tópico 2: <i>Legados negativos no pódio dos Jogos Olímpicos Rio 2016 (SegT 2)</i> Tópico 3: <i>Legado simbólico dos jogos para os cariocas (SegT 3)</i>
Quant. de QTs	
Níveis de hierarquização tópica	
Representação	
Linearidade Tópica	SegT 1 > SegT 2: continuidade tópica SegT 2 > SegT 3: continuidade tópica

Título do Jornal: Opinião

Data: 18 de agosto de 2016

Fonte: Acervo digital do jornal “Opinião” (disponível em: <https://jornalopiniao.net/category/artigos/page/40/>)

Número do artigo de opinião: 12

As eleições municipais serão um laboratório do Brasil pós-impeachment	
[SbT mínimo 1]	
Já foi dada a largada para as eleições municipais de 2016. E no dia 2 de outubro, elegeremos os novos prefeitos e vereadores. São 5.561 municípios brasileiros, sendo 853 em Minas Gerais.	1 2
[SbT mínimo 2]	
Franco Montoro , ex-governador de São Paulo, um dos maiores líderes da redemocratização do Brasil e militante ativo das causas municipalistas, sempre lançava luzes para as novas gerações alertando: “Ninguém vive na União ou no Estado. As pessoas vivem é no município ”. Sabia ele que as esferas federal e estadual de poder são naturalmente mais distantes do dia a dia dos cidadãos e que a descentralização e a valorização dos municípios seriam o melhor caminho para o desenvolvimento de políticas públicas eficazes e sintonizadas com as realidades peculiares de cada comunidade.	3 4 5 6 7 8
Apesar de quase óbvia, a pregação de Montoro sempre esbarrou na concentração absurda dos recursos públicos na órbita do governo federal e na pesada presença da burocracia federal que, a partir de Brasília, insiste em gerar diretrizes gerais e programas uniformes para realidades tão díspares quanto os pampas gaúchos e a Amazônia, o sertão nordestino e o ABC paulista, o Jequitinhonha e o Triângulo mineiro.	9 10 11 12 13
[SbT mínimo 3]	
O que haverá de novo nessa campanha que transforma eleições em verdadeiro laboratório e candidatos em autênticas cobaias?	14 15
Primeiro, a maior crise fiscal das últimas décadas que estrangulou de forma radical e inédita as finanças municipais . A maioria dos prefeitos tem margem de investimento próxima de zero e grande dificuldade de arcar com as despesas básicas de custeio .	16 17 18
[SbT mínimo 4]	
Segundo, os impactos da Operação Lava Jato e suas congêneres e do processo de impeachment que derrubaram ao solo a credibilidade do sistema político e introduziram um clima frio e reticente no seio da opinião pública.	19 20 21
Oxalá a indignação e a intolerância com a corrupção institucionalizada sejam convertidas em energia cidadã transformadora e não em desânimo e apatia.	22 23
[SbT mínimo 5]	
Terceiro, as mudanças na legislação eleitoral . Campanhas mais curtas, restrições a determinados instrumentos de propaganda (cavaletes, outdoors) e principalmente a proibição de doações financeiras de empresas . É uma incógnita o que acontecerá. O fundo partidário é nacional e pequeno para financiar tantas campanhas locais. Por outro lado, não há tradição no Brasil como nos EUA de doações de pessoas físicas. Tomara que não haja um festival inédito de ocorrência de caixa dois e de judicialização do processo eleitoral.	24 25 26 27 28 29
[SbT mínimo 6]	
O essencial é difundir a consciência que faz uma enorme diferença para as pessoas e para a sociedade ter bons ou maus prefeitos , vereadores de qualidade ou não. O atual ambiente político brasileiro fez muita gente boa desistir de candidaturas potenciais. Mas é a qualidade de vida de nosso povo que está em jogo .	30 31 32 33

A esperança é o combustível da construção do futuro. O voto é a arma do cidadão. Não vamos, apesar de tudo, jogar fora essa chance.	34 35

Análise

Artigo de opinião 12	<i>As eleições municipais serão um laboratório do Brasil pós-impeachment, Jornal Opinião</i>
Quant. de SegTs mínimos	6
Hierarquia Tópica	
Quant. de QTs	2
Níveis de hierarquização tópica	3
Representação	Tópico (global): <i>As eleições municipais pós-impeachment</i> Tópico 1: <i>Largada para as eleições municipais de 2016</i> (SegT 1) Tópico 2: <i>Prenúncio de Franco Montoro</i> (SegT 2) Tópico 3: <i>Novidades que transformam as eleições de 2016</i> Tópico 3.1: <i>Efeito da crise fiscal nas finanças municipais</i> (SegT 3) Tópico 3.2: <i>Impactos da Operação Lava Jato e do processo de impeachment</i> (SegT 4) Tópico 3.3: <i>Mudanças na legislação eleitoral</i> (SegT 5) Tópico 4: <i>Escolha faz a diferença na qualidade de vida das pessoas e da sociedade</i> (SegT 6)
Linearidade Tópica	SegT 1 > SegT 2: continuidade tópica SegT 2 > SegT 3: continuidade tópica SegT 3 > SegT 4: continuidade tópica SegT 4 > SegT 5: continuidade tópica SegT 5 > SegT 6: continuidade tópica

Título do Jornal: Página 20

Data: 20 de julho de 2016

Fonte: Acervo digital do jornal “Página 20” (disponível em: <https://pagina20.net>)

Número do artigo de opinião: 13

A seca e os sinais da natureza	
[SbT mínimo 1]	
A seca é um fenômeno natural que sempre houve e sempre haverá. Mas, de tempos em tempos, ela se alimenta das mudanças naturais do clima e de nossas irresponsabilidades. Das mudanças naturais do clima existem estudos científicos com alguma dose de incerteza . Afinal, estamos longe de entender os desígnios da mãe natureza . Tentamos, todavia.	1 2 3 4
Já as nossas negligências conhecemos bem: desmatamentos desnecessários , corte raso da mata ciliar, fogo imprudente em campos – para a criação de gado – e milhões de toneladas de dióxido de carbono lançados na atmosfera todo dia, para citar só alguns exemplos.	5 6 7
E cá estamos, todos de boca aberta com a seca do Rio Acre e com a umidade relativa do ar baixa , muito baixa, para os padrões amazônicos.	8 9
[SbT mínimo 2]	
Enquanto isso, o povo da mata , que nunca estudou meteorologia, adivinha as mudanças do tempo por sinais que as plantas e animais dão de graça . Sabe aquela formiga de correição , ou formiga de jacamim , que neste tempo está nas baixas dos rios, onde há alguma umidade e alimento? Quando as primeiras chuvas se avizinham , elas se mudam pra terra firme num cordão interminável e sinuoso . Como elas sabem?	10 11 12 13 14
As saracuras neste verão brabo estão mudas . Mas se elas começarem a cantar no fim da tarde é chuva na certa . Se você ouvir o som da manguá, aquela rã da mata , que canta “bu,bu,bu”, pode trocar o capote da casa .	15 16 17
“Prestenção” nos jaburus que vieram do Pantanal curtir o verão nas praias dos altos rios daqui e encher o papo de peixes dos igapós quase secos. Se eles alçarem voo em círculos e lá no alto do céu fizerem a famosa formação de viagem em “V” , na direção sul, acabou-se o verão. Vem chuva .	18 19 20
E aquela abelha a que denominamos “ canudo ”, porque na entrada de sua morada faz um canudo , cuja cera misturada com leite de guariúba torna-se cola em flechas dos índios? – Se a colônia estiver virando a entrada de sua colmeia para baixo, vem chuva .	21 22 23
Repare se os tracajás atrasaram a desova . Se sim, o verão vai longe . De tardezinha, observe o rio . Tem piabinha pulando sem motivo? Vem chuva . Tem pirapitinga subindo estirão quase de banda? Vem chuva. Aquele gavião, o cauã , tá cantado de tarde em pau seco ou enfolhado ? Se for no seco o verão continua . No enfolhado, vem chuva .	24 25 26 27
[SbT mínimo 3]	
Mas, enquanto os sinais não vêm, colabore. Não coloque fogo em campo . Não queime lixo . Deixe a beira do rio com alguma vegetação . E, se for queimar roçado nesta sequeidão, não o faça com o sol quente. Faça ao fim da tarde, embora dê alguma coivara. É melhor que o fogo entrar na mata ao redor da sua morada .	28 29 30 31
Os animais que podem fogem. Outros queimam. As árvores que não morrerem no próximo inverno não colocarão flores nem frutos . Quem fugiu não volta. Onde o fogo passar na mata bruta , antes limpa e boa de andar, vai nascer só espera-aí, um cipoal danado, onde fica ruim de andar como o quê.	32 33 34
De resto é esperar que os meteorologistas e os sinais naturais nos tragam boas notícias. A vinda dela. A chuva.	35 36

Análise

Artigo de opinião 13	<i>A seca e os sinais da natureza</i>
Quant. de SegTs mínimos	3
Hierarquia Tópica	
Quant. de QTs	1
Níveis de hierarquização tópica	2
Representação	Tópico (global): <i>A seca e os indícios da natureza que indicam a chegada da chuva</i> Tópico 1: <i>Seca: mudanças naturais do clima e irresponsabilidades do homem</i> (SegT 1) Tópico 2: <i>Povo da floresta profetiza mudanças do tempo</i> (SegT 2) Tópico 3: <i>Fogo e suas consequências à natureza</i> (SegT 3)
Linearidade Tópica	SegT 1 > SegT 2: continuidade SegT 2 > SegT 3: continuidade

Título do Jornal: Página 20

Data: 21 de agosto de 2016

Fonte: Acervo digital do jornal “Página 20” (disponível em: <https://pagina20.net>)

Número do artigo de opinião: 14

A Lei do Século	
[SbT mínimo 1]	
Falar em recuperação judicial ainda assusta no Brasil . Isso porque esse tipo de medida legal tem sua imagem contaminada em nossa sociedade: para muitos, trata-se de um “estágio para a falência” ou de uma “pré-falência”. Nada mais distante da realidade . Apesar de pouco conhecida – mesmo após mais de 11 anos de sua regulamentação – a Lei da Recuperação Judicial é considerada por aqueles que a analisam com profundidade como a Lei do Século , por seu potencial positivo para a economia e o setor empresarial . Sem ela, hoje o País estaria seguramente em piores lençóis.	1 2 3 4 5 6
É necessário retirar o véu do preconceito estabelecido em torno do tema. A recuperação judicial nada mais é do que uma ação que busca dar oxigenação a uma empresa viável, mas que passa por dificuldades momentâneas. Leia-se por oxigênio a blindagem realizada por um período determinado em relação às ações e execuções contra ela dirigidas.	7 8 9 10
Como acontece com os seres humanos, uma empresa também pode passar por seus momentos de debilidade . Nessa hora, é fundamental conseguirmos encontrar o remédio correto , que a ajude a se reestabelecer e voltar à boa forma . De preferência, preservando empregos e garantindo que essa corporação continue a cumprir com seu papel e suas obrigações perante a sociedade.	11 12 13 14
Com a recuperação judicial , em muitos casos, é viável atingir esses objetivos da forma mais transparente possível . Isso ocorre porque a medida coloca devedor e credores , juntos, numa mesma mesa de debates para encontrar as soluções adequadas para o caso . Não é um processo simples, nem mesmo indolor: é necessária a solidarização do sacrifício e todos têm o seu dever de casa a fazer, em prol da busca de um cenário mais favorável ao grupo do que a simples quebra da empresa.	15 16 17 18 19
[SbT mínimo 2]	
O problema é que – pouco mais de uma década após a regulamentação da Lei da Recuperação Judicial, inspirada no chamado “Chapter 11” da legislação norte-americana – o Brasil ainda não desenvolveu uma cultura sobre o assunto . Estamos engatinhando a respeito do uso desse instrumento tão importante para nossa economia . Temos, no entanto, uma grande oportunidade em mãos para amadurecer essa cultura e aprimorar ainda mais o seu regimento: a crise .	20 21 22 23 24
Tenho a convicção de que o Brasil estaria vivendo uma crise ainda mais profunda neste momento se não fosse pelo instrumento da recuperação judicial . É possível imaginar como ficaria a sociedade brasileira com a perda de companhias importantes, que estão nesse momento em dificuldades conjunturais? Afinal, são as empresas que geram riquezas, tributos e empregos. E não há dignidade sem emprego.	25 26 27 28 29
No passado não muito distante, grandes corporações foram desmanteladas no Brasil , sob a égide do Decreto 7.661, segundo o qual a mera impontualidade nos compromissos era motivo para falência. Quem não se lembra das diversas lojas de departamento ou eletrodomésticos, por exemplo, que morreram pelo caminho ao atravessar maus momentos, mas que talvez ainda fossem viáveis? Será este o destino de tantas outras empresas se a utilização do instituto da recuperação judicial não se tornar algo mais recorrente em nosso País?	30 31 32 33 34 35
Deixo aqui uma reflexão aos colegas juízes que estejam tratando do tema: deem uma chance às empresas . E tentem fazê-lo com agilidade , pois isso ajuda na credibilidade junto aos credores e aumenta as chances de sucesso do processo quando a recuperação é viável .	36 37 38
[SbT mínimo 3]	
A recuperação judicial assusta e ainda confunde alguns. Nem todas as empresas conseguirão atravessar o processo sem sequelas ou mesmo sobreviver a ele . Mas sua importância para o setor empresarial e, conseqüentemente, para o País é inequívoca . Precisamos, portanto, legitimar sua utilização e torná-la cada vez mais relevante para nosso sistema econômico.	39 40 41 42

Análise

Artigo de opinião 14	<i>A Lei do Século</i>
Quant. de SegTs mínimos	3
Hierarquia Tópica	
Quant. de QTs	1
Níveis de hierarquização tópica	2
Representação	Tópico (global): <i>Potencial positivo da Lei da Recuperação Judicial</i> Tópico 1: <i>Know-how positivo da Lei do Século para a economia e o setor empresarial</i> (SegT 1) Tópico 2: <i>Crise: oportunidade de amadurecer e melhorar a Lei do Século</i> (SegT 2) Tópico 3: <i>Importância da Lei da Recuperação Judicial</i> (SegT 3)
Linearidade Tópica	SegT 1 > SegT 2: continuidade tópica SegT 2 > SegT 3: continuidade tópica

Título do Jornal: Página 20

Data: 4 de agosto de 2016

Fonte: Acervo digital do jornal “Página 20” (disponível em: <https://pagina20.net>)

Número do artigo de opinião: 15

PLP 257/2016, a LRF e o pacto federativo: um debate necessário	
[SbT mínimo 1]	
O debate sobre a tramitação e votação do PLP n° 257/2016, que procura reunir, em um mesmo projeto de lei, a renegociação da dívida dos estados, de um lado e uma série de restrições para concessão de reajustes aos servidores públicos nos próximos 10 anos, de outro, deságua nas incongruências da Lei de Responsabilidade Fiscal - LRF e do pacto federativo.	1 2 3 4
A LRF estabelece limite prudencial e máximo de despesas com pessoal para os entes federativos. No caso do Poder Executivo dos Estados, esse limite é de 49%.	5 6
Ocorre que a legislação foi aprovada em um cenário de estabilização monetária e financeira, seguida de crescimento econômico e orçamentário em nosso país. Não se preocupou, à época, como seria o mecanismo de limitação de despesas com pessoal , em percentuais, no caso de receita decrescente ou mesmo de receita realizada a menor do que a receita estimada , o que vem acontecendo no Brasil desde o ano de 2012.	7 8 9 10 11
É uma questão de contabilidade pública básica: 49% de um orçamento de R\$ 100 milhões equivale a R\$ 49 milhões. Se a receita cai de R\$ 100 milhões para R\$ 80 milhões, por exemplo, e a despesa com pessoal , segundo o princípio constitucional da irredutibilidade de vencimentos, continuar no montante nominal de R\$ 49 milhões, isso quer dizer que o limite de gastos com pessoal terá sido de 61,25% ultrapassando em R\$ 9,8 milhões o limite legal. Ou seja, a despesa de pessoal teria superado o limite percentual legal sem que houvesse aumento das despesas, mas, sim, redução das receitas. Está claro que isto é uma incongruência que não pode prosperar nesse cenário atual de crise, com queda nas receitas tributárias.	12 13 14 15 16 17 18 19 20
[SbT mínimo 2]	
Da mesma forma, fere o princípio federativo e, por conseguinte, a Constituição Federal , todo e qualquer ato da União que represente concessão de isenção fiscal ou de alíquotas diferenciadas de tributos que constituem a base da repartição constitucional de receitas entre os entes da Federação. A União não poderia, em tese, conceder isenção ou redução de alíquotas de IPI, uma vez que este, junto com o IR , constitui a base de composição do FPE e do FPM.	21 22 23 24 25
Seria, como no dito popular, acenar com o chapéu alheio: a União concede o benefício, mas quem arca com o ônus da renúncia fiscal são os estados e municípios , quem veem a sua parcela do FPE/FPM reduzida , por conta da redução da arrecadação de receitas tributárias , decorrente das isenções.	26 27 28 29
[SbT mínimo 3]	
A Bancada Federal do Acre na Câmara dos Deputados e no Senado da República tem de se posicionar com relação a isso pois, nesse caso, a nós, Deputados Estaduais, não nos cabe legislar sobre o assunto , por tratar-se de tema de competência reservada a União.	30 31 32

Análise

Artigo de opinião 15	<i>PLP 257/2016, a LRF e o pacto federativo: um debate necessário</i>
Quant. de SegTs mínimos	3
Hierarquia Tópica	Quant. de QTs 2 Níveis de hierarquização tópica 3 Representação Tópico (global): <i>Discussão sobre LRF e o pacto federativo</i> Tópico 1: <i>Incongruências da Lei de Responsabilidade Fiscal e do pacto federativo</i> Tópico 1.1: <i>Incoerências da Lei de Responsabilidade Fiscal (SegT 1)</i> Tópico 1.2: <i>Incoerência na concessão de isenção/redução de alíquota fere o princípio federativo (SegT 2)</i> Tópico 2: <i>Posicionamento da Bancada federal do Acre frente à LRF (SegT 3)</i>
Quant. de QTs	
Níveis de hierarquização tópica	
Representação	
Linearidade tópica	SegT 1 > SegT 2: continuidade tópica SegT 2 > SegT 3: continuidade tópica

Título do Jornal: Página 20

Data: 19 de julho de 2016

Fonte: Acervo digital do jornal “página 20” (disponível em: <https://pagina20.net>)

Número do artigo de opinião: 16

A pintura da paisagem para o golpe

[SbT mínimo 1]

Há alguns dias, o Brasil começou a parecer **um país agradável** nos telejornais, especialmente no Jornal Nacional, **notícias amenas** e apresentadores serenos. **Os jornais** deixaram de falar de uma paisagem devastada e começaram a dar **notícias boas**: “**Cresce o otimismo com a economia**”, anunciou o **Datafolha** divulgando **uma pesquisa** pouco convincente, tanto em **aspectos políticos como econômicos**. Agora, 50% querem que Temer fique, contra 32% que preferem a volta de Dilma. Em abril o instituto apurou que a maioria não queria Dilma nem Temer. 61% aprovavam o **impeachment** dela, e 58% o dele. Alguma fada deve estar protegendo Temer porque nada mudou no cenário que justifique tal guinada do sentimento popular. Nesta terça-feira, por sinal, **ele** deu um prazo de 20 dias para que seus ministros da área econômica apresentem **medidas** para estimular o **crescimento**. Tal prazo termina quando? Em agosto, ora, bolas. E tem a **Olimpíada**, que absorverá **muita luz** nas próximas semanas, deixando em segundo plano os problemas reais. Não há dúvida: começou **a ser pintado**, com cores suaves, **um quadro de otimismo** para favorecer **a consumação final do golpe** revestido de **impeachment** em agosto. **Uma pintura** em aquarela, com **muita cor borrada e pouca nitidez das formas**.

[SbT mínimo 2]

Na política, o **Governo** emplacou Rodrigo Maia na presidência da Câmara para tocar sua agenda conservadora, começando pela PEC que aprisiona o **crescimento** do gasto público no índice da inflação e pela reforma previdenciária. Da agenda de agosto Temer tratará esta noite num jantar com Rodrigo e Renan Calheiros, presidente do Senado. Quando o Congresso reabrir, no início de agosto, Meirelles e sua equipe estarão apresentando **medidas pró-crescimento**. Se elas fossem de fato possíveis e viáveis, já estariam sendo aplicadas, não estaria o governo perdendo um precioso tempo. Não importa o recheio do bolo, importa que tenha **um glacê vistoso**, que agora começará **a ser preparado com muito açúcar**.

Até o **FMI** apareceu neste início de semana informando que **a recessão** pode acabar sendo **alguns décimos menores este ano**, em relação ao que previra, e que em 2017 haverá **crescimento**, ainda que seja apenas de 0,5%. Mas nada como o **Datafolha**, ao informar que **os otimistas com a economia** são 38%, contra 30% de pessimistas. E numa contradição com os 60% que esperam aumento da inflação e do desemprego. Mas o que importa é **a manchete**, e ela falou de **aumento do otimismo econômico**.

Na **linha do otimismo**, apesar da inflação, do desemprego e do paradeiro nos negócios, fomos também informados de que:

- **A Caixa Econômica Federal** voltará **a financiar imóveis** para a classe média.
- Temer pediu à equipe econômica que **reduza os juros**.
- **As exportações** podem ter **um superávit** de US\$ 46,934 bilhões na **balança comercial deste ano**.

– Segundo a CNI, o **Índice de Confiança do Empresário Industrial** teve **a terceira alta seguida** em julho, passando de 45,7 pontos para 47,3.

– Segundo o Credit Default Swap (CDS), com a posse de Temer **o risco Brasil** caiu significativamente, passado de 495,09 pontos em dezembro passado para 294,35 neste mês de julho.

[SbT mínimo 3]

Muito mais pode ser encontrado numa garimpagem do noticiário econômico. Enquanto isso **os congressistas** aproveitam **as férias** e voltarão para trabalhar três dias por semana em agosto. No Senado, depois deste banho de cheiro e otimismo, será mais fácil confirmar **a condenação de Dilma**. A democracia? Seria problema se houvesse milhões nas ruas cobrando respeito ao voto, como na Turquia, mas **aqui** tudo segue **na santa paz dos trópicos**. **O golpe** não foi feito **com tanques**, o que gera **indignação e revolta**, mas **com leis**. **Leis retorcidas e interpretações convenientes**, mas **com leis**. E isso gera **resignação** e não revolta.

Análise

Artigo de opinião 16	<i>A pintura da paisagem para o golpe</i>
Quant. de SegTs mínimos	3
Hierarquia Tópica	
Quant. de QTs	2
Níveis de hierarquização tópica	3
Representação	Tópico (global): <i>Preparação de quadro otimista para consumação do golpe final do impeachment</i> Tópico 1: <i>Delineamento de cenário otimista para impeachment</i> Tópico 1.1: <i>Telejornais divulgam apenas notícias boas que favorecem Temer (SegT 1)</i> Tópico 1.2: <i>Governo em busca de apoio popular divulga informações que apontam o aumento do otimismo econômico (SegT 2)</i> Tópico 2: <i>Cenário ideal para a confirmação do golpe feito com leis e não com tanques (SegT 3)</i>
Linearidade Tópica	SegT 1 > SegT 2: continuidade SegT 2 > SegT 3: continuidade

Título do Jornal: Opinião

Data: 16 de agosto de 2016

Fonte: Acervo digital do jornal “Opinião” (disponível em: <https://jornalopinio.net/category/artigos/page/40/>)

Número do artigo de opinião: 17

Bachaqueros	
[SbT mínimo 1]	
Bachaqueros’ é o nome venezuelano para o que conhecemos nestas duas semanas olímpicas como cambistas, mas na realidade venezuelana, os ‘bachaqueros’ são o que conhecemos como contrabandistas . Essa é a “profissão” que mais prospera na Venezuela do falecido Hugo Chávez e do atual presidente Nicolás Maduro.	1 2 3 4
Os ‘bachaqueros’ são responsáveis em prover a população venezuelana de todos os produtos , medicamentos e bens que faltam nos supermercados, farmácias e comércio em geral. Eles não se importam se o produto é de primeira, segunda ou terceira necessidade. Basta pagar o valor do mercado negro que o cliente leva a mercadoria imediatamente.	5 6 7 8
[SbT mínimo 2]	
A Venezuela enfrenta uma escassez de produtos , medicamentos e bens de todos os gêneros . A população vive um colapso geral e os produtos alimentícios , quando existentes, não são suficientes para todos . Até papel higiênico deixou de existir. Há escassez de produtos de todos itens de todos gêneros.	9 10 11
[SbT mínimo 3]	
A moeda (bolívar venezuelano) já sofreu desvalorização de mais de 100% e alguns produtos são vendidos pelos ‘bachaqueros’ com ágio de 1000%, como é o caso do creme dental. No mercado tabelado pelo governo de Nicolás Maduro, o “creme dental custa 158,98 bolívares (US\$0,15)”, mas com os ‘bachaqueros’ o preço é de 1.500,00 bolívares.	12 13 14 15
[SbT mínimo 4]	
A inflação oficial venezuelana é de 180,90%, mas o Fundo Monetário Internacional - FMI , divulgou estudo afirmando que ela será de 700% em 2016 e de 1500% em 2017. O PIB oficial terá queda em 2016 de 7,10%, mas estudos mostram que será de no mínimo 10%. A taxa de juros oficial é de 21,36% para uma inflação de 180,90%, ou seja, corresponde a apenas 11,81% da desvalorização do poder de compra da moeda venezuelana .	16 17 18 19 20
[SbT mínimo 5]	
A indústria e a agricultura estão acabadas , não existe produção suficiente para o consumo de toda a população e “consultorias venezuelanas afirmam que o país importa entre 70% e 80% de tudo o que consome.”	21 22 23
[SbT mínimo 6]	
A atual reserva internacional é de US\$11,923 bilhões de dólares, sendo que até o final do ano a Venezuela deverá pagar US\$8 bilhões de dólares de juros da dívida externa que está na casa dos US\$120 bilhões de dólares. Uma equação que irá aumentar ainda mais a escassez de todos os produtos de primeira necessidade .	24 25 26 27
[SbT mínimo 7]	
O principal produto de exportação é o petróleo que desde 2015 tem seu preço em queda livre . Na última sexta-feira (12) o barril brent fechou em US\$47,19, sendo que em 1º de junho de 2014, valia US\$112,36. Isso fez com que os programas de distribuição da riqueza fossem para o fundo do poço , passando a levar o governo de Nicolás Maduro para a crise atual.	28 29 30 31

[SbT mínimo 8]	
Pessoas estão passando fome . Crianças desmaiam nas escolas por não terem o que comer em casa e mesmo o venezuelano com dinheiro não consegue comprar alimentos no dia em que pode ir ao supermercado . É isso mesmo leitor, lá o governo criou um rodízio , igual ao que existe na cidade de São Paulo para os carros, em que o número final da carteira de identidade diz o dia em que poderá comprar no supermercado , mas mesmo nesse dia, o venezuelano ao chegar no supermercado não tem garantia de que poderá comprar tudo do que precisa, pois não existe abastecimento , levando apenas o que tiver na prateleira .	32 33 34 35 36 37 38
[SbT mínimo 9]	
Warren Buffett diz que no caos se pode fazer os melhores negócios . Hoje, na Venezuela , existe um caos , mas diverso dos negócios de Buffett, lá prospera os melhores negócios dos 'bachaqueros' contra a miséria de um povo inocente e que sofre as maldades de um governo socialista e tresloucado. Que Deus tenha piedade!	39 40 41 42

Análise

Artigo de opinião 17	<i>Bachaqueros</i>
Quant. de SegTs mínimos	9
Hierarquia Tópica	
Quant. de QTs	2
Níveis de hierarquização tópica	3
Representação	Tópico (global): <i>Bachaqueros: nova profissão na Venezuela</i> Tópico 1: <i>Bachaqueros: nova e próspera profissão na Venezuela</i> (SegT 1) Tópico 2: <i>Quadro da situação de calamidade instaurada na Venezuela</i> Tópico 2.1: <i>Escassez de produtos básicos de consumo de todos os gêneros</i> (SegT 2) Tópico 2.2: <i>Desvalorização da moeda e aumento do preço dos produtos</i> (SegT 3) Tópico 2.3: <i>Inflação em alta, Pib em queda</i> (SegT 4) Tópico 2.4: <i>Indústria e agricultura em ruína</i> (SegT 5) Tópico 2.5: <i>Desequilíbrio entre reserva internacional e dívida externa</i> (SegT 6)

	Tópico 2.6: <i>Queda do preço do petróleo, principal produto de exportação</i> (SegT 7) Tópico 2.7: <i>Fome e desabastecimento nos supermercados</i> (SegT 8) Tópico 3: <i>Caos na Venezuela propicia os melhores negócios aos bachaqueros</i> (SegT 9)
	SegT 1 > SegT 2: continuidade SegT 2 > SegT 3: continuidade SegT 3 > SegT 4: continuidade SegT 4 > SegT 5: continuidade SegT 5 > SegT 6: continuidade SegT 6 > SegT 7: continuidade SegT 7 > SegT 8: continuidade SegT 8 > SegT 9: continuidade

Título do Jornal: Página 20

Data: 21 de julho de 2016

Fonte: Acervo digital do jornal “Página 20” (disponível em: <https://pagina20.net>)

Número do artigo de opinião: 18

Datafolha repete 64	
[SbT mínimo 1]	
A manipulação da pesquisa do DataFolha em torno da aprovação de Michel Temer e Dilma Rousseff não chama atenção pela originalidade — mas pela perversidade.	1 2
[SbT mínimo 2]	
Em 1964, a Federação do Comércio de São Paulo, envolvida na conspiração que derrubou João Goulart, encomendou uma pesquisa sobre aprovação do governo. Descobriu que Jango era aprovado por mais de 60% da população. Até em lugares onde a oposição era fortíssima, como São Paulo, pontos essenciais de seu programa de Reformas de Base, a Reforma Agrária era apoiada por mais de 50%.	3 4 5 6
Precavida, a Federação do Comércio arquivou o levantamento, que só seria divulgado 40 anos depois, após a democratização, quando pesquisadores tiveram acesso aos arquivos da Unicamp, onde ficou escondida por anos a fio.	7 8 9
É evidente que, em 1964, o segredo ajudou os adversários de Jango a cultivar o mito de que Goulart era um presidente impopular, falsidade que contribuiu para minar a possível resistência dos brasileiros contra um ataque a democracia. Com números escondidos, era possível dizer que o golpe salvara a democracia. A decisão também produziu efeitos sobre a posteridade, alimentou trabalhos acadêmicos distorcidos e até contribuiu para formar um retrato de Goulart como um líder sem base real entre os brasileiros.	10 11 12 13 14 15
“Muitos historiadores, até dez anos atrás, ainda tinham essa ideia de que Goulart caiu porque era frágil, não tinha o apoio dos partidos e, sobretudo, da população” disse o professor Luis Antonio Dias, da PUC de São Paulo, em entrevista à TV Câmara, em 2014.	16 17 18
[SbT mínimo 1]	
Os números de fantasia do DataFolha sobre Temer foram publicados no percurso de um golpe de Estado que, sem dispor de tanques nem de baionetas, que têm o inegável poder de intimidar a população pela força, precisa forjar a adesão dos brasileiros. Tenta-se dizer que o afastamento de Dilma Rousseff tem seu consentimento e até aprovação.	19 20 21 22
[SbT mínimo 3]	
A rigor, os golpistas de 64 podiam dispensar a opinião dos brasileiros. Dispunham até da Operação Brother Sam, organizada pelas Forças Armadas dos EUA, para prestar socorro, em caso de necessidade. Em 2016 aliados de Temer são vaiados no exterior e até impedidos de falar.	23 24 25
Isso acontece porque a situação em 2016 é outra. Nos dias anteriores ao afastamento da presidente, ocorreram imensos protestos contra uma decisão que fere uma democracia duramente conquistada. Após o golpe, sucessivos protestos mostraram que Temer e seus aliados, entre os quais a Folha e a mídia grande, perderam um debate político sobre a legitimidade do novo governo. Até a líder do governo no Senado diz que “tudo foi política.” A votação tenebrosa na Câmara não sai da memória de ninguém. Muito menos o papel de Eduardo Cunha. Ou as próprias denúncias contra Temer. Ou o reconhecimento pelo próprio Ministério Público de que as pedaladas fiscais usadas para condenar a presidente nunca foram crime.	26 27 28 29 30 31 32 33
[SbT mínimo 4]	
A manipulação da pesquisa surge como uma tentativa de dar um verniz de legitimidade a um governo o que não possui nenhuma. Até porque, em seu esforço para calar o debate e evitar toda contestação, uma das primeiras providências foi silenciar o jornalismo de Empresa Brasil de Comunicação e atacar, financeiramente, os portais da internet não alinhados com a nova ordem.	34 35 36 37

A manipulação é um exercício temerário , porque arriscado. Não basta esconder a verdade . É preciso ter controle absoluto de uma situação , para construir, divulgar e proteger uma mentira — sintetizada na divulgação da resposta a uma pergunta que não foi apresentada a eleitores que, teoricamente, poderiam resumir o pensamento da população .	38 39 40 41
[SbT mínimo 5]	
A finalidade da mentira está escancarada. Destina-se a dar um argumento para senadores que podem ser cobrados por eleitores, cada vez mais desconfiados dos projetos impopulares e anti nacionais do governo interino . Em caso de dúvida, poderiam alegar que apenas atendiam a vontade da maioria dos brasileiros .	42 43 44 45
Era mentira — como sabemos agora, num episódio que marca um novo rebaixamento do padrão do jornalismo brasileiro em nossa época. O truque empregado é banal.	46 47
Disponível na internet , encontra-se um livro chamado “How To Lie With Statistics” (como mentir com estatísticas) que ensina os interessados a usar tabelas , pesquisas, perguntas dirigidas e cálculos marotos para enganar os incautos . Best seller lançado em 1954 , já vendeu meio milhão de cópias.	48 49 50
[SbT mínimo 6]	
Na verdade, a pesquisa é boa para Dilma . Mostra que ela está correta em apresentar a proposta de plebiscito sobre novas eleições caso o golpe seja derrotado . É, com todas as distancias guardadas, a vontade do povo. E, ao contrário do que desejam aqueles que escondem e manipulam pesquisas, é bom que seja ouvida.	51 52 53 54

Análise

Artigo de opinião 18	<i>Datafolha repete 64</i>
Quant. de SegTs mínimos	6
Hierarquia Tópica	
Quant. de QTs	1
Níveis de hierarquização tópica	2
Representação	Tópico (global): <i>Manipulação da pesquisa do Datafolha de 2016 repete a pesquisa de 1964</i> Tópico 1: <i>Manipulação da pesquisa em torno da aprovação de Temer e Dilma (SegT 1)</i> Tópico 2: <i>Arquivamento da pesquisa sobre o governo de João Goulart (SegT 2)</i> Tópico 3: <i>Manifestação da opinião dos brasileiros no golpe de 1964 e de 2016 (SegT 3)</i> Tópico 4: <i>Manipulação da pesquisa Datafolha como tentativa de conferir legitimidade ao governo (SegT 4)</i>

	Tópico 5: <i>Finalidade da mentira forjada pela pesquisa</i> (SegT 5) Tópico 6: <i>Pesquisa Datafolha favorece Dilma</i> (SegT 6)
Linearidade Tópica	SegT 1 > SegT 2: continuidade SegT 2 > SegT 3: continuidade SegT 3 > SegT 4: continuidade SegT 4 > SegT 5: continuidade

Título do Jornal: Página 20

Data: 22 de agosto de 2016

Fonte: Acervo digital do jornal “Página 20” (disponível em: <https://pagina20.net>)

Número do artigo de opinião: 19

Conceder reajuste ao STF agora seria escárnio	
[SbT mínimo 1]	
Os ministros do Supremo Tribunal Federal querem elevar seus vencimentos de R\$ 33,7 mil para R\$ 39,2 mil. A reivindicação desafia a paciência dos 12 milhões de brasileiros que tiveram seus contracheques mastigados pela crise . Os salários das togas do Supremo servem de referência para outras remunerações de servidores . Quando sobem, puxam os demais.	1 2 3 4
No final da descida da cascata , a coisa custará algo como R\$ 5 bilhões por ano. Ou R\$ 15 bilhões até 2019. Que totalizarão R\$ 73 bilhões quando somados aos R\$ 58 bilhões do pacote de reajustes que Michel Temer já concedeu a 14 categorias de servidores. No caso do Supremo, o valor do reajuste foi sugerido pelos próprios beneficiários . A aprovação cabe à Câmara e ao Senado . A sanção, ao presidente da República .	5 6 7 8 9
[SbT mínimo 2]	
Na Câmara, 2 em cada 10 deputados estão pendurados em processos que aguardam julgamento no Supremo . No Senado, 4 em cada 10 senadores estão na mesma situação . No Planalto , há um presidente interino cuja efetivação depende do resultado de um julgamento que é comandado no Senado pelo presidente do STF, o ministro Ricardo Lewandowski.	10 11 12 13
Quer dizer: convertido em sindicato de si mesmo, o Supremo pede a um Legislativo imundo e a um Executivo provisório que lhe conceda o reajuste que o próprio tribunal estipulou. Ninguém disse ainda, talvez por medo , mas esse processo se assemelha muito a uma chantagem .	14 15 16
[SbT mínimo 3]	
Como em qualquer reivindicação salarial , há bons argumentos em sua defesa , sobretudo num país inflacionário. A questão é que o Estado brasileiro quebrou . Os magistrados não são obrigados a permanecer no tribunal. Se preferirem, podem trocar o salário 20 vezes acima da média remuneratória do país e a segurança do serviço público pelos lucros e incertezas da atividade privada. Só não podem injetar escárnio na crise .	17 18 19 20 21

Análise

Artigo de opinião 19	<i>Conceder reajuste ao STF agora seria escárnio</i>
Quant. de SegTs mínimos	3
Hierarquia Tópica	
Quant. de QTs	1
Níveis de hierarquização tópica	2
Representação	Tópico (global): <i>Reajuste salarial do STF soa como escárnio</i> Tópico 1: <i>Efeito cascata do aumento salarial dos ministros do STF</i> (SegT 1) Tópico 2: <i>Aumento salarial dos ministros do STF: medo e chantagem</i> (SegT 2) Tópico 3: <i>Reinvindicação salarial: escárnio diante da crise</i> (SegT 3)
Linearidade Tópica	SegT 1 > SegT 2: continuidade SegT 2 > SegT 3: continuidade

Título do Jornal: O Rio Branco

Data: 4 de agosto de 2016

Fonte: Acervo digital do jornal “O Rio Branco” (disponível em: <http://www.oriobranco.net/colunista/artigo-do-narciso/pagina/72>)

Número do artigo de opinião: 20

Frustrante [SbT mínimo 1]	
Em sua primeira avaliação, ninguém esperava que o governo Temer viesse tão mal avaliado. Ao suceder a presidente Dilma Rousseff (PT), cuja avaliação encontrava-se ao rés do chão, diria até, abaixo da linha da pobreza em matéria de popularidade, era de se esperar que o seu sucessor, de pronto, viesse quem viesse, tivesse uma razoável aceitação popular, no mínimo, superior a dela, afinal de contas, nas condições em que ela fora afastada do poder, dava-se como certo que o seu substituto legal, no caso, o vice-presidente Michel, senão por uns cem dias, como a atividade política assim já convencionara, se fizesse merecedor de uma lua de mel com o poder, pelo ao menos, por um ou dois meses Mas, não.	1 2 3 4 5 6 7 8 9
[SbT mínimo 2]	
O que assistimos, conforme pesou, contou e mediu a mais recente pesquisa IBOPE, o novo governo, o de Michel Temer, ainda que os nossos analistas políticos, sobretudo, àqueles que compõem as equipes de comentaristas da nossa grande imprensa tenham feito um esforço sobre-humano, e todo ele no sentido de não chamar a atenção e tampouco despertar a nossa curiosidade sobre a baixa aceitação popular do governo Temer, sequer exploraram que, em alguns pontos, o governo Michel Temer apareceu pior que o velho governo, no caso, o da presidente afastada.	10 11 12 13 14 15
Ora se para 69% da nossa sociedade o governo Temer apareceu igual ou pior do que foi o governo da presidente Dilma Rousseff, conforme avaliação feita pelo mesmo IBOPE, avaliação feita quando ela enfrentava o mais crítico e tenebroso período dos seus cinco anos no poder, e apenas 23% o considera melhor, sem dúvidas, nada poderia ser mais preocupante para o governo Michel Temer, este por sua vez, já tendo feito o possível e o impossível em busca de legitimidade e apoio popular.	16 17 18 19 20 21
Não sou um saudosista do governo Dilma Rousseff, e nem poderia sê-lo, final de contas, sua gestão, de fato não me agradava, menos ainda, a grande maioria dos brasileiros. Diria até, se vivêssemos sob a égide do regime parlamentarista de governo, há mais tempo ela já deveria ter sido afastada do poder. Digo mais: Se parlamentar eu fosse, assim me posicionaria. Ocorre que, no sistema presidencialista de governo, a exemplo do nosso, bom ou ruim, o governante é detentor de um mandato, este por sua, legitimado pela soberania popular.	22 23 24 25 26 27
[SbT mínimo 3]	
Ora, se o governo Michel Temer, num particular, ou seja, em se tratando de apoio congressional nada tem do que reclamar, e em matéria de ajuste fiscal, tem sido mais perdulário que o governo da presidente Dilma Rousseff, e ainda assim, seu governo aparece tão mal avaliado, tudo me leva a crer que, quando ele parar de fazer bondades e abrir o seu baú de maldade, sua avaliação, já bastante ruim, só tenderá a piorar.	28 29 30 31 32
Falando-se dos baús de maldades que haverão de ser aberto, reporto-me, particularmente, a reforma da previdência social e ao regramento dos nossos programas sociais, cujos déficits, nos conduziram a pior e mais grave crise de toda a nossa história, e cujas providências, por certo, o presidente Michel Temer terá que tomar quando sair da incômoda situação presidente interino, até porque, o verdadeiro governo Michel Temer, àquele que espero e confio que tornará o nosso país fiscalmente responsável ainda não começou.	33 34 35 36 37 38

Análise

Artigo de opinião 20	<i>Frustrante</i>
Quant. de SegTs mínimos	3
Hierarquia Tópica	
Quant. de QTs	1
Níveis de hierarquização tópica	2
Representação	Tópico (global): <i>Frustração causada pela má avaliação do governo Temer em sua primeira pesquisa popular</i> Tópico 1: <i>Baixa aceitação popular do governo Temer em sua primeira avaliação (SegT 1)</i> Tópico 2: <i>Primeira avaliação de Temer: pior que o governo de Dilma (SegT 2)</i> Tópico 3: <i>Influência das medidas antipopulares na avaliação de Temer (SegT 3)</i>
Linearidade Tópica	SegT 1 > SegT 2: continuidade SegT 2 > SegT 3: continuidade

ANEXO B

CORPUS DE REFERÊNCIA: ANÁLISE INTRATÓPICA

Artigo de opinião 1

SegT 1 – Tx. 1 (“A Gazeta”, Nossos Terrors!, SegT 1)	
Atualmente, o mundo experimenta os terrores das múltiplas patologias, miríades mesmo. Vivemos o século das doenças endêmicas. No Brasil, nas grandes e pequenas cidades, o medo do futuro e suas dúvidas é a mais subjetiva de todas as doenças, porque é adventícia, pois que toma de assalto o nosso interior.	1 2 3 4
<u>Medo e pavor, notadamente da violência urbana, em todos os segmentos sociais, atormentando a alma cansada dos sobreviventes desse caos social.</u>	5 6
“Saio de casa pela manhã, mas não sei se volto vivo à noite.” É a máxima que ecoa no seio das famílias de Norte a Sul neste país. Aforismo que reflete as incertezas de segurança, da própria vida, por exemplo, dos policiais e de suas famílias. São os nossos terrores de nos vermos assaltados, estuprados, assassinados a qualquer momento, por motivos banais. Se é que há motivo superior para ceifar a vida do próximo!	7 8 9 10 11
<u>Apreensão, medo ou susto, são termos eufêmicos diante dessa situação que espanta, amedronta e aterroriza o mundo de hoje.</u>	12 13
Análise Tópico: <i>Medo, pavor e incertezas decorrentes da violência urbana aterrorizam o mundo de hoje</i> Domínio 1: linhas 1 a 13 Suporte: linhas: 1 a 4 Posição: linhas 5 a 6 Suporte: linhas 7 a 11 Posição: linhas 12 a 13	

SegT 2 – Tx. 1 (“A Gazeta”, Nossos Terrors!, SegT 2)	
<u>É torturante, igualmente ter que aceitar essa situação insolúvel do sistema penal no Brasil.</u>	1
O tempo passa e a questão carcerária se agrava mais e mais, a exemplo de outros problemas sociais que nos afligem diariamente sem que tenhamos, na condição de sociedade organizada, uma solução pelo menos plausível que nos garanta o mínimo de confiança nas instituições que administram o erário, e olha que não é pouco o que se arrecada, através duma política tributária opressora, da já quebrada economia do cidadão comum. Sei que existem especialistas da área que tentam explicar, os inexplicáveis motivos que geram essa superlotação dos presídios que fazem estourar a todo o momento, aqui e lá, nas “casas de detenções” motins que quase sempre acabam em mortes.	2 3 4 5 6 7 8 9
<u>Estatísticas recentes, falam que o Brasil tem a quarta maior população carcerária do mundo.</u>	10
São mais de 550 mil presos e, dizem, que há quase o mesmo número do lado de fora, isto é zanzando por aí em meio aos cidadãos, que deveriam cumprir pena, por algum delito cometido, e não cumprem pela falta de espaço nos presídios.	11 12 13

Análise

Tópico: *Falência do sistema penal brasileiro*

Domínio 1: linhas 1 a 13

Posição: linha 1

Suporte: linhas 2 a 13

Domínio 2: linhas 10 a 13

Posição: linha 10

Suporte: linhas 11 a 13

SegT 3 – Tx. 1 (“*A Gazeta*”, *Nossos Terrors!*, SegT 3)

E outro câncer, com avanço inexorável, é o cataclismo MORAL, que coloca por terra os bons costumes, ainda necessários para uma boa convivência social.

Valores que, questionados à luz de teorias sem qualquer senso ético, feneceram dando vida a esta situação desmoralizante. Como se não bastassem o cataclismo geológico e as profundas mudanças climáticas, bem como as epidemias quase incontroláveis, que assolam o mundo aqui e ali; Como se não bastassem à exaustão da terra madre que somados a escassez de recursos naturais, derivados do petróleo e de outras matérias-primas tornam a vida nossa de cada dia mais difícil. Além de todas essas desgraças, temos que viver com a decadência mental e moral causada, especialmente, pelo mundo urbano cujo carro-chefe é a desordenada vida sexual; o consumismo exagerado e; a entrega globalizada da juventude as drogas alucinógenas.

Análise

Tópico: *Decadência moral*

Domínio 1: linhas 1 a 10

Posição: linhas 1 a 2

Suporte: linhas 3 a 10

SegT 4 – Tx. 1 (“*A Gazeta*”, *Nossos Terrors!*, SegT 4)

O desmoronar da moral pode ser percebido, por exemplo, entre os jovens dos tempos pós-modernos. O jovem atualmente é portal do crime.

Todos os dias surgem dos quatro cantos do mundo, relatos lamentáveis sobre: homicídios, assaltos à mão armada, lesões corporais e tráfico de drogas envolvendo diretamente crianças e adolescentes. Na realidade só estou reverberando um clamor geral no que toca o assunto da delinquência juvenil, da prostituição e exploração de crianças e adolescentes.

O que se configura, se providências não forem tomadas, numa ruína total da maioria da juventude, pois se constata por pesquisa de toda ordem que hoje no Brasil, 99% dos crimes são praticados ou tem os adolescentes e jovens como protagonistas.

Assim, essa tragédia moral se radicaliza, perversamente, na corrupção de segmentos da política partidária. Essa praga, a corrupção, é a campeã dos nossos terrors!

AnáliseTópico: *Delinquência juvenil*

Domínio 1: linhas 1 a 11

Posição: linhas 1 a 2

Suporte: linhas 3 a 9

Posição: linhas: 10 a 11

Artigo de opinião 2SegT 1 –Tx. 2 (“*A Gazeta*”, *Seca do Rio Acre: alerta para todos*, SegT 1)

O Rio Acre experimenta um dos períodos de seca mais severa de sua história, podendo ultrapassar o menor nível a que já chegou, em 45 anos de medições da Defesa Civil: 1,50 m, em setembro de 2011.

1
2

Nesta quinta-feira, 28, a medição constatou que a régua marcava 1,52 m. Não há sinais de chuva, a seca segue intensa e ainda nem se chegou ao período de pico do verão amazônico, que é justamente no mês de setembro.

3
4
5**Análise**Tópico: *Menor nível de água do rio Acre*

Domínio 1: linhas 1 a 5

Posição: linhas 1 a 2

Suporte: linhas 3 a 5

SegT 2 – Tx. 2 (“*A Gazeta*”, *Seca do Rio Acre: alerta para todos*, SegT 3)

Assim, vão se confirmando as previsões dos cientistas e pesquisadores no assunto.

1

Ainda no mês de março, o doutor em ciências ambientais e pesquisador da Universidade Federal do Acre (Ufac), Foster Brown, já previa que, um ano depois que o Estado viveu uma das maiores cheias, poderia enfrentar sua pior seca.

2
3
4

Segundo expôs no workshop realizado no Parque Zoobotânico (PZ) da Universidade Federal do Acre (Ufac), cujo tema foi “Vulnerabilidade à Seca de 2016”, as observações dos últimos 15 anos revelam o aumento progressivo da temperatura global, que continua influenciando nosso clima, associada ao avanço dos efeitos do fenômeno El Niño. Daí a produção de ondas de calor superiores às médias, fatores sentidos nos dias atuais.

5
6
7
8
9
10**Análise**Tópico: *Confirmação de previsões*

Domínio 1: linhas 1 a 11

Posição: linhas 1

Suporte: linhas 2 a 4

Suporte: linhas 5 a 10

SegT 3 – Tx. 2 (“A Gazeta”, *Seca do Rio Acre: alerta para todos*, SegT 2)

São dados que devem deixar a todos em estado de alerta, pois os efeitos do calor e da seca são imensuráveis, com desastrosas consequências. O rio, por exemplo, é a vida da nossa cidade. Dele depende o abastecimento de água e os níveis atuais comprometem a captação na mais importante fonte de recurso hídrico de, pelo menos, nove municípios, além de pequenas localidades que o margeiam.

O Departamento Estadual de Pavimentação e Saneamento (Depasa), órgão responsável pela captação, tratamento e distribuição de água em Rio Branco, está operando em estado de alerta e já abaixo de sua capacidade, com toda a estratégia de captação readequa da para o momento crítico.

As torres de captação estão operando com o apoio de bombas instaladas sobre três flutuantes e como os sinais de vazante ainda são progressivos, a preocupação só aumenta porque se a tendência apresentada é a de que a lâmina d’água está cada vez mais baixa, a captação e a distribuição de água serão diretamente afetadas e o abastecimento da nossa cidade depende 100% do Rio Acre, pois aquífero, segundo laudos da Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais, não tem viabilidade de exploração.

Essa sazonalidade do nosso rio que, paradoxalmente, atingiu a marca histórica de 18,40 m na cheia de março de 2015, é um fenômeno com o qual estamos acostumados, e talvez por isso os cuidados com o meio ambiente que deveriam ser preocupação de todos durante todo o ano, acabam não sendo tomados.

Análise

Tópico: *Comprometimento da captação de água*

Domínio 1: linhas 1 a 19

Posição: linhas 1 a 4

Suporte: linhas 5 a 19

Domínio 2: linhas 5 a 19

Posição: linhas 5 a 8

Suporte: linhas 9 a 19

SegT 4 – Tx. 2 (“A Gazeta”, *Seca do Rio Acre: alerta para todos*, SegT 3)

Nesse momento, a ausência de chuva agrava a seca que já está sendo considerada a maior já registrada no Acre. À estiagem e à seca somam-se as queimadas num desastroso ciclo em que um fator favorece ao outro, desfavorecendo a todos nós.

Além da iminente falta de água, as crianças e os idosos são os que mais sofrem com problemas respiratórios. A vazão do rio, com a alta da temperatura e baixa umidade do ar, só aumenta.

Análise

Tópico: *Estiagem e queimadas*

Domínio 1: linhas 1 a 6

Posição: linhas 1 a 3

Suporte: linhas 4 a 6

SegT 5 – Tx. 2 (“A Gazeta”, Seca do Rio Acre: alerta para todos, SegT 4)	
O quadro é tão delicado que levou o governador Tião Viana a decretar situação de emergência no estado.	1 2
<u>Mas é preciso haver consciência coletiva</u> de que a responsabilidade não é apenas do Poder Público com seus órgãos todos a serviço da fiscalização, da coerção e <u>da tomada de providências que minimizem os efeitos da estiagem.</u>	3 4 5
É preciso que cada pessoa faça sua parte, compreendendo que um gesto pode significar muito ao todo: não desperdiçar água e não riscar o fósforo que bota fogo no lixo ou na mata, são dois deles. Dos mais importantes.	6 7 8
Deixo para reflexão, um pensamento de Madre Teresa de Calcutá: “O que eu faço é uma gota no meio de um oceano. Mas, sem ela, o oceano será menor.”	9 10
Análise Tópico: <i>Consciência coletiva e tomada de providências para minimizar os efeitos da seca</i> Domínio 1: linhas 1 a 10 Suporte: linhas 1 a 2 Posição: linhas 1 a 4 Suporte: linhas 5 a 7 Suporte: linhas 8 a 9	

Artigo de opinião 3

SegT 1 – Tx. 3 (“A Gazeta”, Conceção negativa da pobreza, SegT 1)	
Nutro aversão aos discursos articulados e políticos em relação à pobreza material das pessoas. Tenho consciência da delicadeza do tema e da condição de vida que a pobreza material imputa à humanidade.	1 2 3
<u>Há, todavia, ao lado dessa chaga social, a pobreza espiritual que empobrece, vilmente, o mundo dos pobres e dos ricos.</u>	4 5
<u>Acredito, no sutil entendimento de pessoa humana, ser a pobreza espiritual a maior de todas as pobrezaas. Tem-se, aqui, a vilania, a covardia e a desnudez disfarçadas sob um véu de falsidade, de fraquezas, de opções de vida que envergonham a nós seres humanos, nascidos no seio de uma família e participantes do corpo social da comunidade.</u>	6 7 8 9
Esses “pobres espirituais” agem segundo os interesses pessoais mais escusos, atropelam o código da ética, da moral, do trabalho e do convívio social. São figuras que ocupam espaços, que tomam como seus, dentro do corpo social, como a lei a serviço dos interesses pessoais. Lidar com essas “criaturas” é uma questão para a psicologia, a sociologia, às ciências médicas ou para as leis penais. Pois se trata, na verdade, senão de atos criminosos, pela infâmia como são praticados, mas de uma anomalia que o Estado de Direito deve olhar com certa urgência, para assegurar direitos fundamentais à sociedade.	10 11 12 13 14 15 16 17

Análise

Tópico: *Pobreza espiritual: a maior de todas as pobreza*s

Domínio 1: linhas 1 a 17

Suporte: linhas 1 a 3

Posição: linhas 4 a 5

Suporte: linhas 6 a 17

Domínio 2: linhas 6 a 16

Posição: linhas 6 a 8

Suporte: linhas 9 a 16

SegT 2 – Tx. 3 (“*A Gazeta*”, Conceção negativa da pobreza, SegT 2)

Valor humano – no mundo globalizado, um dos temas que vem merecendo articulados discursos é justamente aquele referente à concepção negativa que se tem de pobreza e o menosprezo que a sociedade tem pelos pobres.

Aqui, o homem passa a valer pelos bens materiais que possui e não pela pessoa humana que é. Ou ainda, pelo peso político que representa no corpo social e não por sua presença enquanto cidadão no seio da sociedade.

Assim, em termos de uma definição, no sentido de existência e de ressurreição social, para a prosperidade econômica e a sociedade de consumo, a pobreza é percebida como um eco ou expressão de uma condição humana degradante.

Análise

Tópico: *Concepções negativas da pobreza: valor humano*

Domínio 1: linhas 1 a 9

Posição: 1 a 3

Suporte: linhas 4 a 6

Suporte: linhas 7 a 9

SegT 3 – Tx. 3 (“*A Gazeta*”, Conceção negativa da pobreza, SegT 3)

A tradição cristã – estudos recentes, realizados em países desenvolvidos, demonstram que essa atitude humana de olhar a pobreza, sob o ponto de vista material, constitui uma ruptura com toda a concepção pré-industrial da pobreza, particularmente na idade Média.

A tradição cristã e todas as grandes religiões fizeram da pobreza um estatuto de santificação, enquanto a riqueza não era um valor nos antigos modelos socioculturais. Só bem mais tarde a noção de assistência é substituída pelo da integração.

Essa mudança não é apenas semântica, pois procura integrar, na pluralidade da realidade social, a ideia de um “direito” a uma vida decente, que a democracia deve assegurar a todo cidadão. Essa reivindicação de novos direitos e novas formas de solidariedade inscrevem-se no aprofundamento da noção de direitos do homem.

Análise

Tópico: *Concepções negativas da pobreza: tradição cristã*

Domínio 1: linhas 1 a 10

Posição: linhas 1 a 3

Suporte: linhas 4 a 10

SegT 4 – Tx. 3 (“*A Gazeta*”, Conceção negativa da pobreza, SegT 4)

Condição humana humilhante – a pobreza como um sigma, leva à Sociologia a afirmar que ela evoca uma condição humana humilhante.

Nesse sentido, distinguem-se três níveis de pobreza, que formam ciclos concêntricos: 1) primeiro, aquele que inclui todos os pobres, qualificados em relação ao seu baixo nível de renda; 2) segundo, aquele que reagrupa os pobres que se beneficiam de certa alocação social; 3) terceiro, o reúne os que recebem, ocasionalmente uma alocação, mas ao mesmo tempo são considerados como pessoas depravadas e mal formadas.

O estigma da degradação, de maneira tradicional, confunde a pobreza com a prática de atos ilícitos. Uma vida fundada sobre a exclusão social constitui a verdadeira definição da pobreza.

Análise

Tópico: *Concepções negativas da pobreza: condição humana humilhante*

Domínio 1: linhas 1 a 9

Posição: linhas 1 a 2

Suporte: linhas 3 a 7

Posição: linhas: 8 a 9

SegT 5 -Tx. 3 (“*A Gazeta*”, Conceção negativa da pobreza, SegT 5)

Pelas ideias aqui postas e por outras implícitas, no texto de hoje, compreende-se a importância de uma luta contra todas as formas de exclusão, numa sociedade que deve defender a verdadeira eficácia dos “Direitos do Homem”. E todas essas “coisas”, mazelas do cotidiano, passam por um processo educacional.

Assim, pobre é também a nação que despreza os professores.

Análise

Tópico: *Concepção de pobreza implica desvalorização dos professores*

Domínio 1: linhas 1 a 5

Suporte: linhas 1 a 4

Posição: linha 5

Artigo de opinião 4

SegT 1 – Tx. 4 (“A Gazeta”, Quando o rio acre irá secar durante o verão amazônico?, SegT 1)	
Em dezembro de 2014 havíamos publicado um artigo neste jornal ‘A Gazeta’ no qual questionávamos se o final do rio Acre era inexorável.	1 2
<u>Um ano e meio depois, estamos a testemunhar uma seca inédita do nosso rio que, infelizmente, corrobora o que havíamos comentado naquele artigo.</u>	3 4
Hoje estamos publicando uma versão editada e atualizada do referido artigo, cujos dados nos foram gentilmente repassados pelo Dr. Foster Brown do SETEM/Parque Zoobotânico da UFAC.	5 6 7
Análise Tópico: <i>Seca inédita do rio Acre confirma estudo de 2014</i> Domínio 1: linhas 1 a 7 Suporte: linhas 1 a 2 Posição: linhas 3 a 4 Suporte: linhas 5 a 7	

SegT 2 - Tx. 4 (“A Gazeta”, Quando o rio acre irá secar durante o verão amazônico?, SegT 2)	
A ameaça de escassez de água potável no planeta é uma realidade em muitas regiões, especialmente as mais áridas ou que sofreram graves desequilíbrios ambientais. Falar que tal cenário poderia se materializar na Amazônia, com uma vasta rede hidrográfica que abriga a maior reserva de água doce do planeta, soaria como algo surreal.	1 2 3 4
<u>Entretanto, a rápida ocupação da mesma a partir dos anos 70- que resultou na eliminação de cerca de 15% de sua cobertura florestal para a implantação de cidades e empreendimentos industriais e agropecuários – tornou factível a ameaça de escassez de água em algumas partes desta região nos próximos anos.</u>	5 6 7
Análise Tópico: <i>Rápida ocupação da Amazônia torna possível a ameaça de escassez de água em algumas de suas regiões</i> Domínio 1: linhas 1 a 7 Suporte: linhas 1 a 4 Posição: linhas 5 a 7	

SegT 3 - Tx. 4 (“A Gazeta”, Quando o rio acre irá secar durante o verão amazônico?, SegT 3)	
<u>E a região leste do Acre poderá ser uma das primeiras na Amazônia a ter que conviver com limitações hídricas se a degradação de seus remanescentes florestais e da sua rede hidrográfica não for controlada.</u>	1 2

Dos 21,3 mil km ² desmatados no Acre (13% de seu território), 15 mil km ² ocorreram nesta região. Soa um exagero, mas apesar do leste do Acre equivaler a apenas 22,5% do território do Estado, ele concentra cerca de 70% do desmatamento registrado em todo o Estado.	3 4 5
A principal ameaça de crise hídrica no leste do Acre deriva do futuro do rio Acre, que drena cerca de 90% da região (a outra bacia é a do rio Abunã) e abriga em sua área de influência cerca de 450 mil pessoas, ou aproximadamente 60% da população acreana. A região leste é também a mais importante sob o ponto de vista econômico, representando cerca de 70% do produto interno bruto estadual.	6 7 8 9 10
<u>Uma grave crise hídrica terá, portanto, sérias consequências socioeconômicas para todo o Acre e, possivelmente, para a região sul ocidental da Amazônia.</u>	11 12

Análise

Tópico: *Degradação florestal e hidrográfica do rio Acre torna possível risco de crise hídrica na região leste do Acre*

Domínio 1: linhas 1 a 12

Posição: linhas 1 a 2

Suporte: linhas 3 a 5

Suporte: linhas 6 a 12

Domínio 2: linhas 6 a 12

Suporte: linhas 6 a 10

Posição: linhas 10 a 12

SegT 4 - Tx. 4 (“A Gazeta”, Quando o rio acre irá secar durante o verão amazônico?, SegT 4)

Um estudo realizado em 2011 (Piontekowski e outros) mostrou que das 11,5 mil hectares das Áreas de Proteção Permanente (APP) do rio Acre em território acreano, cerca de 3,7 mil (±32%) já tinham sido destruídas. Em cinco dos oito municípios acreanos banhados pelo rio Acre a taxa de destruição desta APP ultrapassa 30%. Epitaciolândia e Rio Branco já eliminaram, respectivamente, 57% e 43% da APP do rio Acre em seus territórios. É importante ressaltar que no caso do rio Acre as áreas de APPs são sinônimos de mata ciliar, que tem importância estratégica para a sobrevivência de rios localizados em planícies sedimentares recentes, como é o caso do rio Acre.	1 2 3 4 5 6 7 8
Rios que correm em planícies sedimentares tendem a ser meândricos, apresentam muitas curvas acentuadas em razão da erosão constante em suas margens pela ação da água, e mudam de curso com frequência, formando lagos em formato de meia lua ou ferradura. A existência de mata ciliar ao longo de rios meândricos ajuda a diminuir a erosão natural de suas margens e serve como barreira para o escoamento de sedimentos (argila, areia, pedregulhos) para o leito dos rios, evitando o seu assoreamento (ou aterramento). Em rios assoreados, como parece ser o caso do rio Acre, são frequentes os alagamentos por ocasião de chuvas intensas.	9 10 11 12 13 14 15
Análise Tópico: <i>O rio Acre sofre com a destruição de sua mata ciliar</i> Domínio 1: linhas 1 a 15 Posição: IMPLÍCITA Suporte: linhas 1 a 8	

Suporte: linhas 9 a 15

SegT 5 – Tx. 4 (“A Gazeta”, Quando o rio acre irá secar durante o verão amazônico?, SegT 5)

O rio Acre sofre de problemas decorrentes não apenas da destruição de sua mata ciliar, mas também do intenso desmatamento acontecido na área que ele drena na região leste do Acre. A tabela que ilustra esse artigo reflete bem a influência dessas ações humanas sobre os valores das cotas mínimas (nível mais baixo) atingido pelo rio Acre a partir do ano de 1971.

Entre as décadas de 70 (1971-1980) e 80 (1981-1990), o valor médio das cotas mínimas do rio Acre diminuiu apenas 2%. Esse valor, entretanto, caiu 16% entre a década de 80 e a de 90 (1991-2000), quando o desmatamento e a ocupação econômica da região leste do Acre se intensificaram. Entre a década de 90 e os anos 2000 (2001-2010) a diminuição da cota mínima chegou a 20%, um valor impressionante. Um dado interessante é a amplitude das cotas mínimas em cada década: 0,67 m entre 1971-1980, 0,85 m entre 1981-1990, 0,97 m entre 1991-2000 e 0,85 m entre 2001-2010.

Já ultrapassamos a metade da década de 2010 e é extremamente preocupante o fato de a cota mínima do rio Acre ter atingido 1,5 m em setembro de 2011, no final do período seco de um ano climaticamente normal. Mais impressionante foi observar que em julho de 2016, no início do verão amazônico, a cota mínima do rio Acre ter atingido pela primeira vez na história medida abaixo de 1,5 m!

Análise

Tópico: *Influência das ações humanas sobre os valores das cotas mínimas atingidas pelo Rio Acre a partir de 1971*

Domínio 1: linhas 1 a 16

Posição: linhas 1 a 4

Suporte: linhas 5 a 11

Suporte: linhas 12 a 16

SegT 6 - Tx. 4 (“A Gazeta”, Quando o rio acre irá secar durante o verão amazônico? SegT 6)

Os dados na figura que ilustra esse artigo nos fazem questionar se a tendência de baixa no valor da cota mínima do rio Acre continuará com a mesma intensidade nos próximos anos.

Se isso acontecer é bem possível que no final dessa década (2020) a cota mínima média do rio poderá atingir $\pm 1,65$ m. E se a amplitude entre as cotas mínimas do rio Acre for de $\pm 0,6$ m isso significará que poderemos testemunhar nosso rio chegar a uma cota mínima de ± 1 m até 2020. É uma situação extremamente preocupante!

Se na próxima década (2021-2030) o ritmo de diminuição da cota mínima do rio Acre se mantiver, em algum ano da mesma a cota mínima do rio poderá atingir apenas $\pm 0,4$ m. E se o cenário mais pessimista prevalecer na década entre 2031-2040 é possível que neste período, durante o verão amazônico, o leito do rio Acre fique completamente seco no trecho em que ele corta a cidade de Rio Branco.

Análise

Tópico: *Previsões para a cota mínima do rio Acre nos próximos anos geradas a partir de dados estatísticos*

Domínio 1: linhas 1 a 13

Posição: linhas 1 a 2

Suporte: linhas 3 a 6

Suporte: linhas 7 a 12

SegT 7 – Tx. 4 (“*A Gazeta*”, 02/08/2016, Quando o rio acre irá secar durante o verão amazônico? SegT 7)

Soa um futuro distante? Nem tanto. São apenas 24 anos. Nossos filhos, incluindo os adolescentes e aqueles que estão concluindo a faculdade hoje, e que tem vivo na memória o rio Acre com águas correntes no verão amazônico, poderão ser testemunhas desse desastre. Será esse o nosso legado para as futuras gerações? Se isso acontecer, como você – então um idoso que deveria ser visto como um sábio – se justificaria para os jovens do futuro que não foi cúmplice desse desastre?

1
2
3
4
5

Análise

Tópico: *Legado para a próxima geração*

Domínio 1: linhas 1 a 5

Posição: linhas 1 a 5

Artigo de opinião 5

SegT 1 – Tx. 5 (“*A Gazeta*”, Que efeitos secas severas e frequentes causarão às nossas florestas? SegT 1)

Um artigo científico publicado em 2015 mostrou que as mudanças climáticas globais poderão aumentar a frequência tanto de secas quanto de chuvas extremas na Amazônia antes do ano de 2050 (Duffy e outros, 2015).

1
2
3

Segundo o estudo, as áreas afetadas por secas extremas no oeste da Amazônia poderão triplicar até 2100 e simultaneamente as áreas sujeitas a eventos de chuvas extremas também crescerão após 2040.

4
5
6

Os verões amazônicos (estiagem) serão alongados e os períodos de chuvas mais curtos, mas mesmo assim estaremos sujeitos a chuvas mais intensas em razão da maior evaporação de água dos oceanos. Estes eventos, combinados com o desmatamento persistente na região, causarão mortes maciças de árvores, incêndios florestais e transformarão a região em emissora de carbono para a atmosfera.

7
8
9
10
11
12

Análise

Tópico: *Intensificação de secas quanto de chuvas extremas na Amazônia antes do ano de 2050*

Domínio 1: linhas 1 a 12

Posição: linhas 1 a 3

Suporte: linhas 4 a 6

Suporte: linhas 7 a 12

Domínio 2: linhas 4 a 12
 Posição: linhas 4 a 6
 Suporte: linhas 7 a 12

SegT 2 – Tx. 5 (“A Gazeta”, Que efeitos secas severas e frequentes causarão às nossas florestas? SegT 2)

Quem vive no Acre, no entanto, tem a nítida impressão de que as previsões desses cientistas estão atrasadas, pois quase todos os anos desde 2005 a região leste de nosso Estado tem experimentado eventos desse tipo.

1
2
3

Secas severas ocorreram em 2005, 2010 e 2016. A cidade de Rio Branco declarou situação de emergência por inundações durante sete anos consecutivos (2009- 2015). A cheia ocorrida em 2015 foi a maior da história.

4
5
6

Análise

Tópico: *Acre tem experimentado eventos desse tipo*

Domínio 1: linhas 1 a 6
 Posição: linhas 1 a 3
 Suporte: linhas 4 a 6

SegT 3 – Tx. 5 (“A Gazeta”, Que efeitos secas severas e frequentes causarão às nossas florestas? SegT 3)

Mas para os acreanos, que vivem em um estado no qual mais de 80% de seu território ainda é recoberto por floresta nativa, uma pergunta inquietante precisa ser respondida: – O que acontecerá com nossas florestas se os eventos de secas se intensificarem nos próximos anos?

1
2
3

Alguns pesquisadores (Salazar e outros, 2007) fizeram simulações utilizando dentre outras variáveis, a temperatura e umidade do ar, precipitação, água no solo, duração dos períodos de seca e de chuvas, e chegaram à conclusão de que o aumento da temperatura global poderá transformar, até o ano de 2100, uma ampla área localizada nas extremidades leste e sul da Amazônia em uma região climaticamente imprópria para a existência de florestas.

4
5
6
7
8

Segundo essa previsão, as grandes árvores dessa região não sobreviverão às secas mais prolongadas e paulatinamente a floresta nativa atual será substituída por uma vegetação muito parecida com as “savanas” (similar ao Cerrado do Brasil Central). Dependendo da intensidade das mudanças provocadas pelo aquecimento global, estima-se que entre 30 e 60% das áreas florestais da Amazônia se transformarão em savanas.

9
10
11
12
13

Análise

Tópico: *Previsões para as florestas em caso de secas extremas na Amazônia*

Domínio 1: linhas 1 a 13
 Posição: linhas 1 a 3
 Suporte: linhas 4 a 8
 Suporte: linhas 9 a 13

Domínio 2: linhas 4 a 13
 Posição: linhas 4 a 8
 Suporte: linhas 9 a 13

SegT 4 – Tx. 5 (“*A Gazeta*”, Que efeitos secas severas e frequentes causarão às nossas florestas? SegT 4)

Outros estudos (Huntingford e outros, 2013) sugerem uma situação bem diferente.

1

O excesso de calor gerado pelo aquecimento global e o aumento de CO₂ na atmosfera poderão estimular o crescimento mais vigoroso das árvores no período favorável (chuvas) e a fixação de CO₂, compensando os prejuízos do prolongamento dos períodos secos.

2

3

4

Análise

Tópico: *Estudos de Huntingford apontam cenário bem diferente*

Domínio 1: linhas 1 a 4
 Posição: linhas 1
 Suporte: linhas 2 a 4

SegT 5 – Tx. 5 (“*A Gazeta*”, Que efeitos secas severas e frequentes causarão às nossas florestas? SegT 5)

A comprovação das teorias propostas acima só se dará com o passar do tempo, mas as secas históricas ocorridas na Amazônia em 2005 e 2010 se encarregaram de fornecer algumas respostas.

1

2

Durante as secas de 2005 e 2010 foi verificada uma grande mortalidade de árvores e incêndios que atingiram mais de 85 mil quilômetros quadrados de florestas primárias na região. Outro dado importante foi a constatação de que na seca de 2010 as florestas da Amazônia emitiram entre 1 e 2% do carbono que normalmente estocam (Duffy e outros, 2015). Foi uma situação excepcional visto que nossas florestas normalmente retiram CO₂ da atmosfera e estocam o carbono na medida em que suas árvores crescem. Em outras palavras: nossas florestas passaram da condição de prestadoras de serviços ambientais para ‘poluidoras’ da atmosfera via liberação de CO₂.

3

4

5

6

7

8

9

10

Em 2016 estamos vivendo uma nova seca severa e os curtos intervalos entre as últimas secas podem estar contribuindo para a degradação em larga escala de nossas florestas. Na seca de 2005 cerca de 30% delas foram afetadas direta e indiretamente e em 2010 foram quase 50%. Como a recuperação das árvores de grande porte é lenta (Saatchi e outros, 2013), o curto intervalo entre as secas tem sido insuficiente para a sua completa recuperação, o que pode alterar permanente o dossel florestal e tornar as florestas mais secas e inflamáveis.

11

12

13

14

15

16

Análise

Tópico: *Secas de 2005, 2010 e 2016 fornecem algumas respostas para tais previsões*

Domínio 1: linhas 1 a 16
 Posição: linhas 1 a
 Suporte: linhas 2 a 10
 Suporte: linhas 11 a 16

SegT 6 – Tx. 5 (“A Gazeta”, Que efeitos secas severas e frequentes causarão às nossas florestas? SegT 6)	
<u>O Acre, localizado no limite sul do bioma amazônico, apresenta condições climáticas com períodos secos muito pronunciados e a ocorrência de secas severas em intervalos curtos poderá transformar substancialmente nossas florestas (mesmo aquelas não exploradas).</u>	1 2 3
Um dos principais efeitos será a diminuição da riqueza de espécies arbóreas de grande porte cuja ocorrência depende de chuvas abundantes e bem distribuídas. A falta de chuvas fará com que a maioria delas desapareça gradualmente de nossas florestas.	4 5 6
Outra desvantagem é o fato de nossas florestas crescerem sobre solos predominantemente argilosos, uma combinação que em períodos de secas provoca a diminuição da produtividade primária e compromete a manutenção das funções ecossistêmicas das florestas.	7 8 9
A exploração incessante de recursos florestais (madeira, por exemplo) quando as condições climáticas são desfavoráveis e a floresta está sujeita a stress ambiental tende a potencializar a degradação e inviabiliza a recuperação das florestas exploradas. Alguns pesquisadores acreditam que a recorrência dessas condições poderão se constituir em ponto de partida da transformação de nossas florestas em savanas.	10 11 12 13 14
Análise Tópico: <i>Possíveis efeitos das transformações das florestas ocasionadas pelas secas severas no estado do Acre</i> Domínio 1: linhas 1 a 14 Posição: linhas 1 a 3 Suporte: linhas 4 a 6 Suporte: linhas 7 a 9 Suporte: linhas 10 a 14	

SegT 7 – Tx. 5 (“A Gazeta”, Que efeitos secas severas e frequentes causarão às nossas florestas? SegT 7)	
Em 2016 estamos vivendo uma seca severa e nossas florestas estão submetidas a um elevado stress hídrico e com alto risco de serem afetadas por incêndios florestais.	1 2
<u>O bom senso e os dados científicos indicam que nestas condições a prudência ambiental deveria prevalecer sobre a ganância econômica.</u>	3 4
Se isso não for observado, correremos o risco de comprometer a sustentabilidade da exploração futura de nossas florestas. Não seria o caso de nossas autoridades ambientais acordarem junto com os produtores uma moratória temporária da exploração florestal nas regiões afetadas pela seca?	5 6 7 8
Análise Tópico: <i>Seca severa inspira consciência e prudência ambiental na exploração das florestas</i> Domínio 1: linhas 1 a 8 Suporte: linhas 1 a 2 Posição: linhas 3 a 4 Suporte: linhas 5 a 8	

Artigo de opinião 6

SegT 1 – Tx. 6 (“O Rio Branco”, Assim deve ser, SegT 1)	
Nossos 513 deputados federais e 81 senadores, individualmente discordam, e até sugerem, que o nosso atual sistema político-partidário eleitoral é o que tem causado os nossos maiores escândalos. Outra não é a razão das inúmeras propostas e das diversas tentativas que já foram feitas visando reformá-la.	1 2 3 4
<u>Assim sendo, por que o dito cujo, contra tudo e contra todos, ainda se mantém?</u>	5
<u>Em primeiríssimo lugar porque, cada um dos 594 congressistas acima referidos, ao tempo que as propõem, defende o seu próprio sistema, ou mais precisamente, o modelo que melhor atenda aos seus interesses.</u>	6 7 8
Partidariamente, mais ainda, afinal de contas, cada um dos nossos 35 partidos advoga a reforma que melhor lhes convenha. Como a aprovação de qualquer uma das propostas requer maioria parlamentar, de no mínimo de 2/3 de seus integrantes, estabelecem-se os impasses e a mesmice acaba prevalecendo.	9 10 11 12
<u>Outra particularidade: As propostas e os consequentes debates sobre a nossa reforma política, coincidentemente, só entram em suas pautas quanto os nossos agentes políticos se veem severamente acuados.</u>	13 14 15
Diria até: Quando estão sendo duramente chicoteados pela nossa opinião pública. Portanto, nada mais natural que na esteira do “Mensalão”, e mais intensamente, na esteira do “Petrolão”, os dois mais escabrosos escândalos de nossa história, que a referida reforma esteja encabeçando as agendas de suas excelências.	16 17 18 19 20
Análise Tópico: <i>Sistema político-partidário eleitoral, motivo de escândalos escabrosos: por que ainda se mantém?</i> Domínio 1: linhas 1 a 20 Suporte: linhas 1 a 4 Posição: linha 5 Suporte: linhas 6 a 12 Suporte: linhas 13 a 20 Domínio 2: linhas 6 a 12 Posição: linhas 6 a 8 Suporte: linhas 9 a 12 Domínio 3: linhas 13 a 20 Posição: linha 13 a 15 Suporte: linhas 16 a 20	

SegT 2 – Tx. 6 (“O Rio Branco”, Assim deve ser, SegT 2)	
<u>Pelos estragos que a Lava Jato já provocou as imagens dos nossos congressistas, e sabe-se lá o que ainda estará por vir, desta vez, a nossa reforma política tem tudo para prosperar,</u>	1 2
e não mais, como nas vezes anteriores, como se diz na gíria, empurrada com a barriga, até porque, já está suficientemente provado, e comprovado, que quase todos os nossos mais	3 4

“escandalosos escândalos”, a redundância é proposital, foram frutos de uma árvore inquestionavelmente envenenada. No caso, o nosso sistema político-partidário eleitoral. Ao que tudo está nos levando a crer, já não é mais a reforma política ideal que os nossos congressistas estão buscando, e sim, àquela que traga bons proveitos e que seja possível de ser aprovada. Belo avanço!	5 6 7 8 9
Análise Tópico: <i>Prejuízos causados pela Lava Jato à imagem dos políticos impulsionam reforma política</i> Domínio 1: linhas 1 a 9 Posição: linhas 1 a 2 Suporte: linhas 3 a 6 Suporte: linhas 7 a 9	

SegT 3 – Tx. 6 (“O Rio Branco”, Assim deve ser, SegT 3)	
Neste novo contexto destacamos a adesão que vem recebendo <u>uma proposta de autoria dos senadores Aécio Neves e Ricardo Ferraço</u>, cuja importância para <u>o saneamento ético e moral da nossa atividade política</u> chega a contrariar com a sua simplicidade, até porque, <u>caso aprovada, os dois principais quistos cancerosos do velho sistema serão extirpados</u>, e a partir de então, sem maiores percalços, novas melhorias poderão ser alcançadas. Vide o que prescreve a benfazeja e heroica proposta: (01) - acabar com as coligações nas eleições proporcionais. (02) – a instituição de uma cláusula de barreira. Explico: Um partido político só se fará presente nas nossas Casas legislativas se obtiver um percentual mínimo de votos nacionais. Para as eleições de 2018, de 2%, e para as de 2022, de 3%. Feito isto, os partidos de alugueis não sobreviverão por falta de locadores, a partidização das nossas máquinas públicas diminuirá porque eles nada terão a oferecer, e como não mais disporão do tempo de rádio e televisão não mais poderão utilizá-lo em suas negociações.	1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12
Análise Tópico: <i>Efeitos da proposta de senadores para o saneamento ético e moral da atividade política</i> Domínio 1: linhas 1 a 12 Posição: linhas 1 a 5 Suporte: linhas 6 a 9 Suporte: linhas 10 a 12	

Artigo de opinião 7

SegT 1 – Tx. 7 (“O Rio Branco”, Basta de Personalismo!, SegT 1)	
Desde a nossa primeira República, e de lá para cá, para o bem ou para o mal, as mais importantes decisões políticas do nosso país, necessariamente, passaram pelo Estado de São Paulo, e não	1 2 3

poderia ser diferente, justamente por ser econômica, populacional e eleitoralmente a mais representativa unidade de nossa federação.	4
	5
Desta feita, nada justifica que de lá esteja partindo <u>os mais degradantes exemplos sobre o comportamento dos nossos partidos políticos e de seus integrantes</u> , afinal de contas, <u>em matéria de disciplina, tradição e fidelidade partidária, não se tem notícia de tamanha degradação.</u>	6
	7
	8
Considerado a meca do tucanato brasileiro, era de se esperar que após 24 anos à frente do governo do Estado de São Paulo, portanto, vitorioso em seis eleições sucessivas, não apenas como exemplo para o próprio PSDB, mas para todos os nossos partidos políticos, seria fundamentalmente importante que de lá nos fossem franqueados os melhores exemplos de convivência e educação partidária.	9
	10
	11
	12
Análise Tópico: <i>Estado de São Paulo: pior exemplo de disciplina, tradição e fidelidade partidária</i> Domínio 1: linhas 1 a 12 Suporte: linhas 1 a 4 Posição: linhas 5 a 7 Suporte: linhas 8 a 12	

SegT 2 – Tx. 7 (“O Rio Branco”, Basta de Personalismo!, SegT 2)	
Lamentavelmente, a eleição que se avizinha, ou seja, <u>a disputa pela prefeitura da cidade de São Paulo acabou transformando o PSDB numa guerra intestina, e o mais impressionante, menos contra os seus efetivos adversários</u> , os candidatos do PRB, do PT, do PSOL, entre outros, <u>e mais em prejuízo do próprio PSDB.</u>	1
	2
	3
	4
O candidato a prefeito, João Dória, já escolhido, primeiramente, através de uma prévia, justa e combinada, e posteriormente em convenção, pelo fato de ser o preferido do governador Geraldo Alckmin, e este por sua vez, pretender se candidatar a presidente da República nas eleições de 2018, de pronto, jamais contou com o apoio do senador e ministro José Serra e do presidente Nacional do PSDB, Aécio Neves, justamente, porque ambos pretendem disputar as eleições de 2018, e igualmente, à presidência da República. Portanto, uma das formas de enfraquecer a candidatura Geraldo Alckmin será derrotando o seu candidato a prefeito do seu próprio partido, no caso, João Dória.	5
	6
	7
	8
	9
	10
	11
	12
A propósito, por ter sido preterido no âmbito do PSDB, o vereador Andréia Matarazzo, na tentativa de viabilizar a sua candidatura por outro partido, filiou-se ao PSD, e para tanto, em tudo que vem fazendo, tem contado com o apoio do Senador José Serra e de vários outros medalhões do próprio PSDB. Ainda assim, como sua candidatura não decolou, o senador José Serra está buscando transformá-lo em candidato a vice-prefeito na chapa encabeçada pela senadora Marta Suplicy, uma ex-petista de carteirinha, ora filiada ao PMDB.	13
	14
	15
	16
	17
	18
Análise Tópico: <i>Disputa pela prefeitura de São Paulo provoca prejuízos ao PSDB</i> Domínio 1: linhas 1 a 18 Posição: linhas 1 a 4 Suporte: linhas 5 a 12 Suporte: linhas 13 a 18	

SegT 3 – Tx. 7 (“O Rio Branco”, Basta de Personalismo!, SegT 3)	
<u>Em tempo: a anarquia partidária derivada da disputa pela prefeitura da cidade de São Paulo não ficou restrita apenas em relação ao PSDB.</u>	1 2
Senão, vejamos: O candidato a vice-prefeito na chapa encabeçada pelo atual prefeito de São Paulo e candidato à reeleição, Fernando Haddad, vem ser Gabriel Benedito Chalita, o mesmo que nas eleições de 2002 foi candidato à prefeitura de São Paulo pelo PMDB.	3 4 5
<u>Do Estado de São Paulo, por ser o que é, esperáramos que nos fossem dados melhores exemplos. Basta de personalismo!</u>	6 7
Análise Tópico: <i>Anarquia partidária desencadeada pela disputa da prefeitura da cidade de São Paulo não se limitou apenas ao PSDB</i> Domínio 1: linhas 1 a 8 Posição: linhas 1 a 2 Suporte: linhas 3 a 5 Posição: linhas 6 a 7	

Artigo de opinião 8

SegT 1 – Tx. 8 (“O Rio Branco”, Os tempos mudaram , SegT 1)	
A aprovação da PEC-91/16, possibilitou que no curtíssimo prazo de 30 dias, 92 dos nossos 513 deputados federais trocassem de partido. E o mais grave: a menos de um ano das próximas eleições.	1 2 3
O propósito, ou mais precisamente, <u>o despropósito do referido troca-troca</u> foi tão somente para possibilitar que <u>os trânsfugas, sem prejuízo dos seus respectivos mandatos, pudessem mandar às favas seus deveres partidários</u> . Outra não foi a razão de sua aprovação.	4 5 6
Lamentavelmente, tem sido sempre assim: em sendo do interesse dos nossos congressistas, em tempo recorde, excrescências desta ordem acabam sendo aprovadas e inseridas na nossa legislação, inclusive na nossa própria Constituição.	7 8 9
Estimular a infidelidade partidária tem sido sim uma das mais grotescas agressões ao nosso sistema partidário, até porque, tanto a fragmentação quanto a sua fragilização dos nossos partidos só têm trazido prejuízos a nossa própria democracia.	10 11 12
Análise Tópico: <i>Propósito da aprovação da PEC-91/16: troca-troca partidário sem prejuízo aos mandatos dos trânsfugas</i> Domínio 1: linhas 1 a 12 Suporte: linhas 1 a 3 Posição: linhas 4 a 6 Suporte: linhas 7 a 9 Suporte: linhas: 10 a 12	

SegT 2 – Tx. 8 (“O Rio Branco”, Os tempos mudaram, SegT 2)

Findo o troca-troca partidário, fruto da aprovação da referida emenda constitucional, a nossa estrutura partidária, já bastante desmoralizada e anárquica, piorou ainda mais. Vide suas consequências: o PMDB ficou com 69 deputados federais, o PT com 58, o PSDB com 51 e o centrão, uma espécie de partido político marginal, comandado pelo deputado federal Eduardo Cunha, com aproximadamente 200 deputados federais.

Se antes da sua eleição para presidir a Câmara dos Deputados, o deputado federal Eduardo Cunha já havia demonstrado que detinha um invejável capital político, a partir de então, seu poder cresceu de forma exponencial, até porque, não há registro em toda a nossa história política de nenhum dos ex-presidentes da referida Casa parlamentar que tenha usado e abusado do poder com tanta fúria.

Caprichosamente, cuidava de favorecer os seus aliados e de prejudicar os seus adversários, seguindo à risca, algumas lições deixadas por Maquiavel, duas delas, em particular: 01 – os meios justificam os fins. 02 – uma pessoa vale pelo o bem ou o mal que possa fazer a outra.

Pelo mal, basta que se diga que o impeachment da presidente Dilma Rousseff, decorreu do seu perverso instinto de vingança. Pelo bem: os favores que distribuía aos seus aliados. Mais de uma centena dos seus liderados tiveram suas campanhas eleitorais por ele financiadas.

Análise

Tópico: *Consequências do troca-troca partidário: Ascensão exponencial do poder de Cunha*

Domínio 1: linhas 1 a 18

Posição: linhas 1 a 5

Suporte: linhas 6 a 14

Suporte: linhas 15 a 18

Domínio 2: linhas 6 a 18

Posição: linhas 6 a 10

Suporte: linhas 11 a 14

Suporte: linhas 15 a 18

SegT 3 – Tx. 8 (“O Rio Branco”, Os tempos mudaram, SegT 3)

Presentemente, com o seu poder bastante minguado, o deputado federal Eduardo Cunha só está contando verdadeiramente com o apoio, ou mais precisamente, com a cumplicidade daqueles que buscam evitar que seus nomes povoem a provável delação premiada que o próprio Eduardo Cunha certamente fará quando perder o foro privilegiado e sua conta com a justiça passar a ser cobrada pelo juiz Sérgio Moro.

O deputado federal Eduardo Cunha se diz inocente e que está sendo julgado politicamente, num julgamento eivado de má-fé. Daí a pergunta que não pode calar: qual o critério que ele utilizou para determinar a abertura e a condução do processo de admissibilidade do impeachment da presidente Dilma Rousseff?

Por derradeiro: o que quis dizer o deputado federal Eduardo Cunha disse a seus pares, quando declarou: “eu sou vocês amanhã”? Quem entendeu como sendo uma chantagem acertou.	10
Análise Tópico: <i>Declínio do poder de Cunha e a cumplicidades dos seus apoiadores</i> Domínio 1: linhas 1 a 10 Posição: linhas 1 a 4 Suporte: linhas 5 a 8 Suporte: linhas 9 a 10	

Artigo de opinião 9

SegT 1 – Tx. 9 (“O Rio Branco”, Operação FIES, SegT 1)	
<u>Nos quatro primeiros anos de seu efetivo funcionamento</u> , ou mais precisamente, entre os anos 2010 e 2013, <u>os gastos com o FIES cresceram 448%, enquanto o número de alunos matriculados nas faculdades particulares cresceu minguados 13%.</u>	1 2 3
Algo mais precisaria ser dito, além destes percentuais, para evidenciar que algo de muito errado havia ocorrido nos primeiros anos da implantação do referido programa? A seguir, vejamos o número de alunos atendidos e seus correspondentes gastos: a) 2010 - 76.000 contratos a um custo de R\$-810 milhões. b) 2011 - 230.000 “ “ “ “ R\$-1,84 bilhões. c) 2012 - 378.000 “ “ “ “ R\$-4,84 bilhões. d) 2013 - 560.000 “ “ “ “ R\$-7,57 bilhões.	4 5 6 7 8 9 10
Análise Tópico: <i>Gastos com FIES nos primeiros anos de sua implantação têm crescimento exponencial em relação ao número de alunos matriculados em faculdades privadas</i> Domínio 1: linhas 1 a 10 Posição: linhas 1 a 3 Suporte: linhas 4 a 10	

SegT 2 – Tx. 9 (“O Rio Branco”, Operação FIES, SegT 2)	
Lamentavelmente, ao invés do governo federal, ou mais precisamente, <u>o Ministério da Educação, ter chamado para si a responsabilidade de controlá-lo</u>, sobretudo, seus custos e a qualidade do ensino que seriam ofertados pelas faculdades particulares que viessem aderir ao FIES, por incrível que pareça, <u>tais atribuições ficaram sob o controle das próprias faculdades, e como consequência de tamanha irresponsabilidade</u>, como seria esperado, no período que se seguiu, <u>os custos com o funcionamento e manutenção do FIES só se agigantaram, a ponto de ameaçar, como ameaçado está o próprio programa.</u> A seguir, vejamos o crescimento dos gastos com o FIES entre os anos 2014/2015: a) 2014.....R\$-13,7 bilhões. b) 2015.....R\$-15,6 bilhões. c) 2016 R\$-18,7 bilhões.	1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Análise

Tópico: *Consequência da falta de controle do FIES: custos se agigantaram*

Domínio 1: linhas 1 a 10

Posição: linhas 5 a 6

Suporte: linhas 7 a 10

SegT 3 – Tx. 9 (“O Rio Branco”, Operação FIES, SegT 3)

Mesmo que a grave crise econômica que ora está sufocando o nosso país não tivesse sido alcançada pelos radares das nossas autoridades, ainda assim, a gastança com o FIES, ou a farra do FIES, como assim chegou-se a denominá-la, não seria justificável, até porque, na verdade, os grandes beneficiários do referido programa acabaram sendo os grupos empresários que foram se formando, e a grande maioria deles, com o intuito de mamar nas suas exuberantes tetas.

A propósito, um desses grupos, o Anhanguera-GO, em 2014, chegou a faturar junto ao governo federal, via FIES, mais de R\$-2,0 bilhões. Algo inimaginável.

Para aumentar seus faturamentos, até prêmios as próprias faculdades ofereciam aos seus alunos que arrebanhassem novos clientes, independente de seus níveis de instrução, até porque, as aprovações de suas matrículas dependiam delas mesmas. E o mais grave ainda: os alunos que atrasassem os pagamentos de suas mensalidades, de pronto, eram transferidos para o FIES, e desta feita, livravam-se dos incômodos atrasos.

Análise

Tópico: *Beneficiários do Programa FIES*

Domínio 1: linhas 1 a 12

Suporte: linhas 1 a 3

Posição: linhas 4 a 5

Suporte: linhas 6 a 12

SegT 4 – Tx. 9 (“O Rio Branco”, Operação FIES, SegT 4)

Por fim, por se tratar de um importantíssimo programa, e o FIES o é, das duas, uma: ou muda-se radicalmente a sua gerência ou FIES estará com seus dias contados. Mas para tanto, em primeiríssimo lugar, o seu controle deve passar a léguas de distância dos interesses das chamadas faculdades caça-níqueis.

Será que o FIES não precisaria passar por uma operação do tipo “Lava Jato”?

Análise

Tópico: *Solução para a manutenção e controle do Programa*

Domínio 1: linhas 1 a 5

Posição: linhas 1 a 4
Suporte: linha 5

Artigo de opinião 10

SegT 1 – Tx. 10 (“Opinião”, Escola sem partido sem qualidade e sem salários decentes para professores, SegT 1)

O senador Magno Malta replicou a ideia do deputado estadual do Rio Grande do Sul, Marcel Van Hattem (PL 190/2015) – pelo menos é o que parece ser – e propôs o Projeto de Lei do Senado (PLS) 193/2016, conhecido como projeto “Escola sem Partido”.

Como todo projeto de lei minimamente bem elaborado, esse é mais um que parece permitir a expansão da qualidade de um serviço fundamental oferecido à sociedade. Nesse caso, a educação.

Porém, não parece ser a mais fácil das tarefas fazer com que professores ensinem sem, contudo, exprimirem suas visões quanto a assuntos políticos e ideológicos.

Análise

Tópico: *Proposição do projeto de Lei do Senado “Escola sem partido”*

Domínio 1: linhas 1 a 8

Posição: linhas 1 a 3

Suporte: linhas 4 a 6

Posição: linhas 7 a 8

SegT 2 – Tx. 10 (“Opinião”, Escola sem partido sem qualidade e sem salários decentes para professores, SegT 2)

Esse PLS, se transformado em lei, ocasionará um transtorno estrutural e ideológico ao setor educacional que nem mesmo os baixos salários da categoria têm sido capazes de produzir.

Aos “criadores de lei”: é muito fácil parir uma ideia assim (ou mesmo copiar uma) sem levar em consideração a história de um povo que ainda está em formação, como o brasileiro.

Uma lei pode proibir um cidadão de fumar dentro de um shopping, mas não pode obrigá-lo a deixar de fumar.

Uma lei pode exigir os faróis dos automóveis acessos durante o dia (um absurdo, diga-se de passagem) sob pena de aplicação de multa e perda de pontos na carteira, mas não impedirá que o motorista alcoolizado ou drogado assuma a direção de um carro.

Análise

Tópico: *Desarranjos ocasionados pelo projeto “Escola sem partido” ao setor educacional*

Domínio 1: linhas 1 a 12

Posição: linhas 1 a 2
 Suporte: linhas 3 a 5
 Suporte: linhas 6 a 7
 Suporte: linhas 8 a 10

SegT 3 – Tx. 10 (“Opinião”, Escola sem partido sem qualidade e sem salários decentes para professores, SegT 3)

A Escola sem Partido é uma doce ilusão, algo que só no mundo do “faz de conta” funcionaria bem.

1
2

Mas, aqui no Brasil, onde o piso salarial dos mestres educadores passa timidamente dos R\$ 2 mil (uma considerável parte nem isso recebe), imaginar que um professor deixará de falar “vá com Deus” ao final da aula, ou que na aula de Biologia o professor ateu não fale com entusiasmo sobre a evolução do homem, talvez seja uma das maneiras mais emblemáticas de exprimir a própria ingenuidade.

3
4
5
6

Mudanças como as propostas nesse projeto de lei não ocorrerão apenas porque uns gatos pingados querem. Elas não são acionadas por um botão “liga-desliga”.

7
8

Trata-se de uma evolução intelectual, acima de tudo.

9

Análise

Tópico: *Escola sem partido: uma utopia para a realidade educacional no Brasil*

Domínio 1: linhas 1 a 9
 Suporte: linhas 1 a 2
 Posição: linhas 3 a 6
 Suporte: linhas 7 a 8
 Posição: linha 9

SegT 4 – Tx. 10 (“Opinião”, Escola sem partido sem qualidade e sem salários decentes para professores, SegT 4)

Se o objetivo é melhorar o ensino no Brasil, dando aos alunos dos ensinos fundamental e médio, ferramentas e oportunidades para decidirem o que é melhor para eles, então que sejam assinados decretos e leis que valorizem o profissional de ensino. Não pode ser encarado como “justo” pagar a um professor a sexta parte do que se paga a um analista do Judiciário. Não que os analistas estejam ganhando muito ou que não mereçam o salário.

1
2
3
4
5

Mas o contracheque dos mestres da educação mostra, cruelmente, que há uma distância muito grande entre o razoável e o real.

6
7

Análise

Tópico: *Valorização do professor no Brasil: distância entre o razoável e o real*

Domínio 1: linhas 1 a 8
 Suporte: linhas 1 a 5
 Posição: linhas 6 a 7

SegT 5 – Tx. 10 (“ <i>Opinião</i> ”, Escola sem partido sem qualidade e sem salários decentes para professores, SegT 5)	
A reforma do ensino deve começar no bolso do professor e demais profissionais de ensino. Depois, na estrutura física das escolas. Por fim, no conteúdo programático.	1 2
A qualidade virá naturalmente, com o tempo, e a tão temida “doutrinação” poderá ser combatida pelos próprios alunos que, ao terem acesso a uma qualidade superior na educação, terão maior poder de discernimento. Assim, decidirão em quê e em quem confiar.	3 4 5
Além disso, nós ainda teríamos uma queda acentuada num dos mais vergonhosos problemas educacionais no Brasil: os graduandos que não sabem redigir uma redação minimamente decente, ou que ainda precisam do Google para saber em que ano foi proclamada a República.	6 7 8
O Brasil está cheio de analfabetos funcionais com diplomas na mão. Se são partidários ou apartidários, héteros ou não, evangélicos, católicos ou ateus, isso pouco importa. O importante é que sejam capazes de desempenhar bem a profissão que escolheram	9 10 11
Análise Tópico: <i>Consequências da valorização da educação no Brasil</i> Domínio 1: linhas 1 a 11 Posição: IMPLÍCITA Suporte: linhas 1 a 11	

Artigo de opinião 11

SegT 1 – Tx. 11 (“ <i>Opinião</i> ”, <i>Jogos olímpicos e jogos políticos – O legado negativo no pódio da Rio 2016</i> , SegT 1)	
<u>Abordo aqui a grandeza dos Jogos Olímpicos e o jogo político apequenado que os envolvem.</u>	1
Competição poliesportiva como o megaevento das Olimpíadas é sempre retumbante, atraente, de repercussão mundial. Bonito de participar, para quem pode; bonito de se ver. Por mais que os investimentos na sua produção sejam imensos, os Jogos, por si mesmos, não geram transformações substantivas na vida cotidiana das cidades e do país em que são realizados. Dependem do sistema, seja em Pequim ou no Rio de Janeiro.	2 3 4 5 6
Análise Tópico: <i>A grandeza do megaevento Rio 2016 e o caráter político que o circunda</i> Domínio 1: linhas 1 a 8 Posição: linha 1 Suporte: linhas 2 a 6	

SegT 2 – Tx. 11, (“Opinião”, Jogos olímpicos e jogos políticos – O legado negativo no pódio da Rio 2016, SegT 2)

Para além das 19 medalhas e do 13º lugar geral que conquistamos, reveladores de que a massificação poliesportiva do país se dá em passos lentos (menos de 11% de nossas escolas públicas de ensino médio têm quadras esportivas), é preciso colocar no pódio das nossas preocupações algumas questões:

I – O episódio de Segurança Pública mais comentado foi a falsa comunicação de assalto por parte daqueles nadadores norte-americanos idiotas. Mas durante as Olimpíadas, mesmo com os mais de 60 mil agentes mobilizados, morreram a tiros no Rio de Janeiro 19 pessoas e 32 ficaram feridas, nos primeiros dez dias do evento. Uma realidade macabra que não pode ser aceita como normal;

II – Por mais que se destaquem os investimentos privados, a conta chegará para todos: a Light já pleiteia na Agência Nacional de Energia Elétrica (ANEEL) repassar para o consumidor comum os gastos de R\$ 432 milhões que teve nos jogos. A Secretaria Municipal de Obras destinou mais de 70% do seu orçamento, em 2015 e 2016, para construção ligadas às Olimpíadas. Muitas dessas obras, como a ciclovia da Niemeyer e o Viaduto do Joá, têm má qualidade, no caso do primeiro com trágicas consequências; rever

III – O Rio de Janeiro está com 7,3% de índice de desemprego, dos menores índices das capitais brasileiras. Mas 18 mil dos 20 mil trabalhadores da construção civil contratados para as obras vinculadas ao evento já foram dispensados – muitos, sem seus direitos assegurados – e 90 mil temporários já estão nas ruas;

IV – A mobilidade urbana melhorou setorialmente – nas regiões atendidas pelos BRT’s –, mas o modo rodoviarista (e poluente) foi reforçado. O Metrô para a Barra, com seus 16 km, e o VLT eminentemente turístico, no Centro, não descongestionam a locomoção da massa popular mais pobre. As obras do bondinho de Santa Teresa voltaram a parar;

V – No meio ambiente, nada de novo na Cidade Maravilhosa: a Baía de Guanabara e o Sistema Lagunar de Jacarepaguá e Barra, além dos corpos hídricos da cidade, continuam todos poluídos, e recebendo dejetos diariamente. Um horror!

VI – A moradia popular não merece atenção na Cidade de maior especulação imobiliária do país: foi esquecida no Porto Maravilha; foi reprimida na Vila Autódromo, onde restaram 20 casas, apartadas das outras 600 famílias que ali viviam, há décadas. Já a construtora incorporadora Carvalho Hosken (grande doadora de campanha eleitoral de Paes), teve ganhos de mais de R\$1 bilhão com obras olímpicas; Posição implícita

VII – O modelo de cidade pouco democrática foi reforçado nas “arenas” das competições: os preços dos ingressos eram proibitivos para quem não pertencia a um patamar da classe média para cima.

Análise

Tópico: *Legados negativos no pódio dos Jogos Olímpicos Rio 2016: Reforço na segurança pública não impediu mortes e feridos nos primeiros dias do evento*

Domínio 1: linhas 1 a 33

Posição: linhas 1 a 3

Suporte: linhas 4 a 33

SegT 3 – Tx. 11 (“Opinião”, Jogos olímpicos e jogos políticos – O legado negativo no pódio da Rio 2016, SegT 3)

À população em geral, sem restrições, ao menos foram abertos os shows no Boulevard Olímpico e no Parque Madureira.

Tomara que, para os cariocas, fique este legado simbólico:

o de espaços públicos ocupados, o de uma cidade mais de sentimento do que de cimento, menos excludente.	4 5
Análise Tópico: <i>Legado simbólico dos jogos para os cariocas</i> Domínio 1: linhas 1 a 5 Suporte: linhas 1 a 2 Posição: linhas 3 Suporte: linhas 4 a 5	

Artigo de opinião 12

SegT 1 – Tx. 12 (“Opinião”, As eleições municipais serão um laboratório do Brasil pós-impeachment, SegT 1)	
<u>Já foi dada a largada para as eleições municipais de 2016.</u>	1
E no dia 2 de outubro, elegeremos os novos prefeitos e vereadores. São 5.561 municípios brasileiros, sendo 853 em Minas Gerais.	2 3
Análise Tópico: <i>Largada para as eleições municipais de 2016</i> Domínio 1: linhas 1 a 3 Posição: linhas 1 Suporte: linhas 2 a 3	

SegT 2 – Tx. 12 (“Opinião”, As eleições municipais serão um laboratório do Brasil pós-impeachment, SegT 2)	
<u>Franco Montoro, ex-governador de São Paulo, um dos maiores líderes da redemocratização do Brasil e militante ativo das causas municipalistas, sempre lançava luzes para as novas gerações alertando: “Ninguém vive na União ou no Estado. As pessoas vivem é no município”.</u>	1 2 3
Sabia ele que as esferas federal e estadual de poder são naturalmente mais distantes do dia a dia dos cidadãos e que a descentralização e a valorização dos municípios seriam o melhor caminho para o desenvolvimento de políticas públicas eficazes e sintonizadas com as realidades peculiares de cada comunidade.	4 5 6 7
Apesar de quase óbvia, a pregação de Montoro sempre esbarrou na concentração absurda dos recursos públicos na órbita do governo federal e na pesada presença da burocracia federal que, a partir de Brasília, insiste em gerar diretrizes gerais e programas uniformes para realidades tão díspares quanto os pampas gaúchos e a Amazônia, o sertão nordestino e o ABC paulista, o Jequitinhonha e o Triângulo mineiro.	8 9 10 11 12
Análise	

Tópico: *Prenúncio de Franco Montoro*

Domínio 1: linhas 1 a 12

Posição: linhas 1 a 3

Suporte: linhas 4 a 7

Suporte: 8 a 12

SegT 3 – Tx. 12 (“*Opinião*”, As eleições municipais serão um laboratório do Brasil pós-impeachment, SegT 3)

O que haverá de novo nessa campanha que transforma eleições em verdadeiro laboratório e candidatos em autênticas cobaias?

1
2

Primeiro, a maior crise fiscal das últimas décadas que estrangulou de forma radical e inédita as finanças municipais.

3
4

A maioria dos prefeitos tem margem de investimento próxima de zero e grande dificuldade de arcar com as despesas básicas de custeio.

5
6

Análise

Tópico: *Crise fiscal estrangulou as finanças municipais*

Domínio 1: linhas 1 a 6

Posição: linhas 1 a 2

Suporte: linhas 3 a 6

Domínio 2: linhas 3 a 6

Posição: linhas 3 a 4

Suporte: linhas: 5 a 6

SegT 4 – Tx. 12 (“*Opinião*”, As eleições municipais serão um laboratório do Brasil pós-impeachment, SegT 4)

Segundo, os impactos da Operação Lava Jato e suas congêneres e do processo de impeachment que derrubaram ao solo a credibilidade do sistema político e introduziram um clima frio e reticente no seio da opinião pública.

1
2
3

Oxalá a indignação e a intolerância com a corrupção institucionalizada sejam convertidas em energia cidadã transformadora e não em desânimo e apatia.

4
5

Análise

Tópico: *Impactos da Operação Lava Jato e do processo de impeachment*

Domínio 1: linhas 1 a 5

Posição: linhas 1 a 3

Suporte: linhas 4 a 5

SegT 5 – Tx. 12 (“Opinião”, As eleições municipais serão um laboratório do Brasil pós-impeachment, SegT 5)	
<u>Terceiro, as mudanças na legislação eleitoral.</u>	1
Campanhas mais curtas, restrições a determinados instrumentos de propaganda (cavaletes, outdoors) e principalmente a proibição de doações financeiras de empresas. É uma incógnita o que acontecerá. O fundo partidário é nacional e pequeno para financiar tantas campanhas locais. Por outro lado, não há tradição no Brasil como nos EUA de doações de pessoas físicas. Tomara que não haja um festival inédito de ocorrência de caixa dois e de judicialização do processo eleitoral.	2 3 4 5 6 7
Análise Tópico: <i>Mudanças na legislação eleitoral</i> Domínio 1: linhas 1 a 7 Posição: linhas 1 Suporte: linhas 2 a 7	

SegT 6 – Tx. 12 (“Opinião”, As eleições municipais serão um laboratório do Brasil pós-impeachment, SegT 6)	
O essencial é difundir a consciência que faz <u>uma enorme diferença para as pessoas e para a sociedade ter bons ou maus prefeitos, vereadores de qualidade ou não.</u> O atual ambiente político brasileiro fez muita gente boa desistir de candidaturas potenciais. <u>Mas é a qualidade de vida de nosso povo que está em jogo.</u>	1 2 3
A esperança é o combustível da construção do futuro. O voto é a arma do cidadão. Não vamos, apesar de tudo, jogar fora essa chance.	4 5
Análise Tópico: <i>Escolha de bons ou maus prefeitos e vereadores faz a diferença na qualidade de vida das pessoas e da sociedade</i> Domínio 1: linhas 1 a 5 Posição: linhas 1 a 3 Suporte: linhas 4 a 5	

Artigo de Opinião 13

SegT 1 – Tx. 13 (“Página 20”, A seca e os sinais da natureza, SegT 1)	
<u>A seca é um fenômeno natural que sempre houve e sempre haverá. Mas, de tempos em tempos, ela se alimenta das mudanças naturais do clima e de nossas irresponsabilidades.</u>	1 2
Das mudanças naturais do clima existem estudos científicos com alguma dose de incerteza. Afinal, estamos longe de entender os desígnios da mãe natureza. Tentamos, todavia. Já as nossas negligências conhecemos bem: desmatamentos desnecessários, corte raso da mata ciliar, fogo	3 4 5

imprudente em campos – para a criação de gado – e milhões de toneladas de dióxido de carbono lançados na atmosfera todo dia, para citar só alguns exemplos.	6 7
E cá estamos, todos de boca aberta com a seca do Rio Acre e com a umidade relativa do ar baixa, muito baixa, para os padrões amazônicos.	8 9
Análise Tópico: <i>A Seca se sustenta de mudanças naturais do clima e de irresponsabilidades do homem</i> Domínio 1: linhas 1 a 10 Posição: linhas 1 a 2 Suporte: linhas 3 a 7 Suporte: linhas 8 a 9	

SegT 2 – Tx. 13 (“Página 20”, A seca e os sinais da natureza, SegT 2)	
<u>Enquanto isso, o povo da mata, que nunca estudou meteorologia, adivinha as mudanças do tempo por sinais que as plantas e animais dão de graça.</u>	1 2
Sabe aquela formiga de correição, ou formiga de jacamim, que neste tempo está nas baixas dos rios, onde há alguma umidade e alimento? Quando as primeiras chuvas se avizinham, elas se mudam pra terra firme num cordão interminável e sinuoso. Como elas sabem?	3 4 5
As saracuras neste verão brabo estão mudas. Mas se elas começarem a cantar no fim da tarde é chuva na certa. Se você ouvir o som da manguá, aquela rã da mata, que canta “bu,bu,bu”, pode trocar o capote da casa.	6 7 8
“Prestenção” nos jaburus que vieram do Pantanal curtir o verão nas praias dos altos rios daqui e encher o papo de peixes dos igapós quase secos. Se eles alçarem voo em círculos e lá no alto do céu fizerem a famosa formação de viagem em “V”, na direção sul, acabou-se o verão. Vem chuva.	9 10 11 12
E aquela abelha a que denominamos “canudo”, porque na entrada de sua morada faz um canudo, cuja cera misturada com leite de guariúba torna-se cola em flechas dos índios? – Se a colônia estiver virando a entrada de sua colmeia para baixo, vem chuva.	13 14 15
Repare se os tracajás atrasaram a desova. Se sim, o verão vai longe. De tardezinha, observe o rio. Tem piabinha pulando sem motivo? Vem chuva. Tem pirapitinga subindo estirão quase de banda? Vem chuva. Aquele gavião, o cauã, tá cantado de tarde em pau seco ou enfolhado? Se for no seco o verão continua. No enfolhado, vem chuva.	16 17 18 19
Análise Tópico: <i>Povo da floresta profetiza mudanças do tempo – a chegada da chuva - por meio de sinais das plantas e dos animais</i> Domínio 1: linhas 1 a 19 Posição: linhas 1 a 2 Suporte: linhas 3 a 5 Suporte: linhas 6 a 8 Suporte: linhas 9 a 12 Suporte: linhas 13 a 15	

Suporte: linhas 16 a 19

SegT 3 – Tx. 13 (“Página 20”, A seca e os sinais da natureza, SegT 3)

Mas, enquanto os sinais não vêm, colabore. Não coloque fogo em campo.

Não queime lixo. Deixe a beira do rio com alguma vegetação. E, se for queimar roçado nesta sequeidão, não o faça com o sol quente. Faça ao fim da tarde, embora dê alguma coivara. É melhor que o fogo entrar na mata ao redor da sua morada.

Os animais que podem fogem. Outros queimam. As árvores que não morrerem no próximo inverno não colocarão flores nem frutos. Quem fugiu não volta. Onde o fogo passar na mata bruta, antes limpa e boa de andar, vai nascer só espera-aí, um cipoal danado, onde fica ruim de andar como o quê. De resto é esperar que os meteorologistas e os sinais naturais nos tragam boas notícias. A vinda dela. A chuva.

Análise

Tópico: *Cuidados com o fogo no período de estiagem*

Domínio 1: linhas 1 a 9

Posição: linhas 1

Suporte: linhas 2 a 4

Suporte: linhas 5 a 9

Artigo de Opinião 14

SegT 1 – Tx. 14 (“Página 20”, A Lei do Século, SegT 1)

Falar em recuperação judicial ainda assusta no Brasil. Isso porque esse tipo de medida legal tem sua imagem contaminada em nossa sociedade: para muitos, trata-se de um “estágio para a falência” ou de uma “pré-falência”. Nada mais distante da realidade.

Apesar de pouco conhecida – mesmo após mais de 11 anos de sua regulamentação – a Lei da Recuperação Judicial é considerada por aqueles que a analisam com profundidade como a Lei do Século, por seu potencial positivo para a economia e o setor empresarial. Sem ela, hoje o País estaria seguramente em piores lençóis.

É necessário retirar o véu do preconceito estabelecido em torno do tema. A recuperação judicial nada mais é do que uma ação que busca dar oxigenação a uma empresa viável, mas que passa por dificuldades momentâneas. Leia-se por oxigênio a blindagem realizada por um período determinado em relação às ações e execuções contra ela dirigidas.

Como acontece com os seres humanos, uma empresa também pode passar por seus momentos de debilidade. Nessa hora, é fundamental conseguirmos encontrar o remédio correto, que a ajude a se reestabelecer e voltar à boa forma. De preferência, preservando empregos e garantindo que essa corporação continue a cumprir com seu papel e suas obrigações perante a sociedade.

Com a recuperação judicial, em muitos casos, é viável atingir esses objetivos da forma mais transparente possível. Isso ocorre porque a medida coloca devedor e

credores, juntos, numa mesma mesa de debates para encontrar as soluções adequadas para o caso. Não é um processo simples, nem mesmo indolor: é necessária a solidarização do sacrifício e todos têm o seu dever de casa a fazer, em prol da busca de um cenário mais favorável ao grupo do que a simples quebra da empresa.	19 20 21 22 23
Análise Tópico: <i>A Lei da Recuperação Judicial e seu know-how positivo para a economia e setor empresarial</i> Domínio 1: linhas 1 a 23 Suporte: linhas 1 a 3 Posição: linhas 4 a 7 Suporte: linhas 8 a 16 Suporte: linhas 17 a 23 Domínio 2: linhas 8 a 23 Posição: linhas 8 a 11 Suporte: linhas 12 a 23 Domínio 3: linhas 12 a 23 Posição: linhas 12 a 16 Suporte: linhas 17 a 23	

SegT 2 – Tx. 14 (“Página 20”, A Lei do Século, SegT 2)	
O problema é que – pouco mais de uma década após a regulamentação da Lei da Recuperação Judicial, inspirada no chamado “Chapter 11” da legislação norte-americana – o Brasil ainda não desenvolveu uma cultura sobre o assunto. Estamos engatinhando a respeito do uso desse instrumento tão importante para nossa economia. <u>Temos, no entanto, uma grande oportunidade em mãos para amadurecer essa cultura e aprimorar ainda mais o seu regimento: a crise.</u> Tenho a convicção de que o Brasil estaria vivendo uma crise ainda mais profunda neste momento se não fosse pelo instrumento da recuperação judicial. É possível imaginar como ficaria a sociedade brasileira com a perda de companhias importantes, que estão nesse momento em dificuldades conjunturais? Afinal, são as empresas que geram riquezas, tributos e empregos. E não há dignidade sem emprego. No passado não muito distante, grandes corporações foram desmanteladas no Brasil, sob a égide do Decreto 7.661, segundo o qual a mera impontualidade nos compromissos era motivo para falência. Quem não se lembra das diversas lojas de departamento ou eletrodomésticos, por exemplo, que morreram pelo caminho ao atravessar maus momentos, mas que talvez ainda fossem viáveis? Será este o destino de tantas outras empresas se a utilização do instituto da recuperação judicial não se tornar algo mais recorrente em nosso País? Deixo aqui uma reflexão aos colegas juízes que estejam tratando do tema: deem uma chance às empresas. E tentem fazê-lo com agilidade, pois isso ajuda na credibilidade junto aos credores e aumenta as chances de sucesso do processo quando a recuperação é viável.	1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20
Análise	

Tópico: *Brasil vivencia na crise a oportunidade de amadurecer e melhorar a Lei da Recuperação Judicial*

Domínio 1: linhas 1 a 20

Suporte: linhas 1 a 4

Posição: linhas 5 a 6

Suporte: linhas 7 a 11

Suporte: linhas 12 a 17

Suporte: linhas 18 a 20

SegT 3 – Tx. 14 (“Página 20”, A Lei do Século, SegT 3)

A recuperação judicial assusta e ainda confunde alguns. Nem todas as empresas conseguirão atravessar o processo sem sequelas ou mesmo sobreviver a ele.

1

2

Mas sua importância para o setor empresarial e, consequentemente, para o País é inequívoca.

3

Precisamos, portanto, legitimar sua utilização e torná-la cada vez mais relevante para nosso sistema econômico.

4

5

Análise

Tópico: *Importância da Lei da Recuperação Judicial para o setor empresarial e para o país*

Domínio 1: linhas 1 a 5

Suporte: linhas 1 a 2

Posição: linhas 3

Suporte: linhas 4 a 5

Artigo de Opinião 15

SegT 1 – Tx. 15 (“Opinião”, A PLP 257/2016, a LRF e o pacto federativo: um debate necessário, SegT 1)

O debate sobre a tramitação e votação do PLP nº 257/2016, que procura reunir, em um mesmo projeto de lei, a renegociação da dívida dos estados, de um lado e uma série de restrições para concessão de reajustes aos servidores públicos nos próximos 10 anos, de outro, deságua nas incongruências da Lei de Responsabilidade Fiscal - LRF e do pacto federativo.

1

2

3

4

A LRF estabelece limite prudencial e máximo de despesas com pessoal para os entes federativos. No caso do Poder Executivo dos Estados, esse limite é de 49%.

5

6

Ocorre que a legislação foi aprovada em um cenário de estabilização monetária e financeira, seguida de crescimento econômico e orçamentário em nosso país. Não se preocupou, à época, como seria o mecanismo de limitação de despesas com pessoal, em percentuais, no caso de receita decrescente ou mesmo de receita realizada a menor do que a receita estimada, o que vem acontecendo no Brasil desde o ano de 2012.

7

8

9

10

11

É uma questão de contabilidade pública básica: 49% de um orçamento de R\$ 100 milhões equivale a R\$ 49 milhões. Se a receita cai de R\$ 100 milhões para R\$ 80 milhões, por exemplo, e a despesa com pessoal, segundo o princípio constitucional da irredutibilidade de vencimentos, continuar no montante nominal de R\$ 49 milhões, isso quer dizer que o limite de gastos com pessoal

12

13

14

15

16

terá sido de 61,25% ultrapassando em R\$ 9,8 milhões o limite legal. Ou seja, a despesa de pessoal teria superado o limite percentual legal sem que houvesse aumento das despesas, mas, sim, redução das receitas.	17 18 19
<u>Está claro que isto é uma incongruência que não pode prosperar nesse cenário atual de crise, com queda nas receitas tributárias.</u>	20 21
Análise Tópico: <i>Incongruências da Lei de Responsabilidade Fiscal e do pacto federativo</i> Domínio 1: linhas 1 a 21 Posição: linhas 1 a 4 Suporte: linhas 5 a 11 Suporte: linhas 12 a 21 Domínio 2: linhas 5 a 11 Posição: linhas: 5 a 6 Suporte: linhas 7 a 11 Domínio 3: linhas 12 a 21 Suporte: linhas 12 a 19 Posição: linhas: 20 a 21	

SegT 2 – Tx. 15 (“Opinião”, A PLP 257/2016, a LRF e o pacto federativo: um debate necessário, SegT 2)	
Da mesma forma, <u>fere o princípio federativo e, por conseguinte, a Constituição Federal, todo e qualquer ato da União que represente concessão de isenção fiscal ou de alíquotas diferenciadas de tributos que constituem a base da repartição constitucional de receitas entre os entes da Federação.</u>	1 2 3
A União não poderia, em tese, conceder isenção ou redução de alíquotas de IPI, uma vez que este, junto com o IR, constitui a base de composição do FPE e do FPM.	4 5
Seria, como no dito popular, acenar com o chapéu alheio: a União concede o benefício, mas quem arca com o ônus da renúncia fiscal são os estados e municípios, quem veem a sua parcela do FPE/FPM reduzida, por conta da redução da arrecadação de receitas tributárias, decorrente das isenções.	6 7 8 9
Análise Tópico: <i>Incoerência do pacto federativo</i> Domínio 1: linhas 1 a 9 Posição: linhas 1 a 3 Suporte: linhas 4 a 5 Suporte: linhas 6 a 9	

SegT 3 – Tx. 15 (“Opinião”, A PLP 257/2016, a LRF e o pacto federativo: um debate necessário, SegT 3)

<u>A Bancada Federal do Acre na Câmara dos Deputados e no Senado da República tem de se posicionar com relação a isso pois, nesse caso, a nós, Deputados Estaduais, não nos cabe legislar sobre o assunto, por tratar-se de tema de competência reservada a União.</u>	1 2 3
Análise Tópico: <i>Posicionamento da bancada Federal do Acre frente ao debate do PLP nº 257/2016</i> Domínio 1: linhas 1 a 3 Posição: linhas 1 a 3	

Artigo de Opinião 16

SegT 1 – Tx. 16 (“Página 20”, A pintura da paisagem para o golpe, SegT 1)	
<u>Há alguns dias, o Brasil começou a parecer um país agradável nos telejornais, especialmente no Jornal Nacional, com notícias amenas e apresentadores serenos.</u> Os jornais deixaram de falar de uma paisagem devastada e começaram a dar notícias boas: “Cresce o otimismo com a economia”, anunciou o Datafolha divulgando uma pesquisa pouco convincente, tanto em aspectos políticos como econômicos. Agora, 50% querem que Temer fique, contra 32% que preferem a volta de Dilma. Em abril o instituto apurou que a maioria não queria Dilma nem Temer. 61% aprovavam o impeachment dela, e 58% o dele. Alguma fada deve estar protegendo Temer porque nada mudou no cenário que justifique tal guinada do sentimento popular. Nesta terça-feira, por sinal, ele deu um prazo de 20 dias para que seus ministros da área econômica apresentem medidas para estimular o crescimento. Tal prazo termina quando? Em agosto, ora, bolas. E tem a Olimpíada, que absorverá muita luz nas próximas semanas, deixando em segundo plano os problemas reais. <u>Não há dúvida: começou a ser pintado, com cores suaves, um quadro de otimismo para favorecer a consumação final do golpe revestido de impeachment em agosto.</u> Uma pintura em aquarela, com muita cor borrada e pouca nitidez das formas.	1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15
Análise Tópico: <i>Telejornais divulgam apenas notícias boas que favorecem Temer</i> Domínio 1: linhas 1 a 15 Posição: linhas 1 a 2 Suporte: linhas 3 a 12 Posição: linhas 13 a 15	

SegT 2 – Tx. 16 (“Página 20”, A pintura da paisagem para o golpe, SegT 2)	
Na política, o Governo emplacou Rodrigo Maia na presidência da Câmara para tocar sua agenda conservadora, começando pela PEC que aprisiona o crescimento do gasto público no índice da inflação e pela reforma previdenciária. Da agenda de agosto Temer tratará esta noite num jantar com Rodrigo e Renan Calheiros, presidente do Senado. Quando o Congresso reabrir, no início de agosto, Meirelles e sua equipe	1 2 3 4 5

estarão apresentando medidas pró-crescimento. Se elas fossem de fato possíveis e viáveis, já estariam sendo aplicadas, não estaria o governo perdendo um precioso tempo.	6 7
<u>Não importa o recheio do bolo, importa que tenha um glacê vistoso, que agora começará a ser preparado com muito açúcar.</u>	8 9
Até o FMI apareceu neste início de semana informando que a recessão pode acabar sendo alguns décimos menor este ano, em relação ao que previra, e que em 2017 haverá crescimento, ainda que seja apenas de 0,5%.	10 11 12
Mas nada como o Datafolha, ao informar que os otimistas com a economia são 38%, contra 30% de pessimistas. E numa contradição com os 60% que esperam aumento da inflação e do desemprego. Mas o que importa é a manchete, e ela falou de aumento do otimismo econômico.	13 14 15
Na linha do otimismo, apesar da inflação, do desemprego e do paradeiro nos negócios, fomos também informados de que: a Caixa Econômica Federal voltará a financiar imóveis para a classe média; Temer pediu à equipe econômica que reduza os juros; as exportações podem ter um superávit de US\$ 46,934 bilhões na balança comercial deste ano; segundo a CNI, o Índice de Confiança do Empresário Industrial teve a terceira alta seguida em julho, passando de 45,7 pontos para 47,3; segundo o Credit Default Swap (CDS), com a posse de Temer o risco Brasil caiu significativamente, passado de 495,09 pontos em dezembro passado para 294,35 neste mês de julho.	16 17 18 19 20 21 22 23
Análise Tópico: <i>Divulgação de dados otimistas</i> Domínio 1: linhas 1 a 23 Suporte: linhas 1 a 3 Suporte: linhas 4 a 7 Posição: linhas 8 a 9 Suporte: linhas 10 a 12 Suporte: linhas 13 a 15 Suporte: linhas 16 a 23	

SegT 3 – Tx. 16 (“Página 20”, A pintura da paisagem para o golpe, SegT 3)	
Muito mais pode ser encontrado numa garimpagem do noticiário econômico. Enquanto isso os congressistas aproveitam as férias e voltarão para trabalhar três dias por semana em agosto. No Senado, depois deste banho de cheiro e otimismo, será mais fácil confirmar a condenação de Dilma. A democracia? Seria problema se houvesse milhões nas ruas cobrando respeito ao voto, como na Turquia, mas aqui tudo segue na santa paz dos trópicos.	1 2 3 4 5
<u>O golpe não foi feito com tanques, o que gera indignação e revolta, mas com leis. Leis retorcidas e interpretações convenientes, mas com leis. E isso gera resignação e não revolta.</u>	6 7
Análise Tópico: <i>Golpe feito com leis não com tanques gera resignação</i> Domínio 1: linhas 1 a 7 Suporte: linhas: 1 a 5	

Posição: linhas 6 a 7

Artigo de Opinião 17

SegT 1 – Tx. 17 (“Opinião”, Bachaqueros, SegT 1)

Bachaqueros’ é o nome venezuelano para o que conhecemos nestas duas semanas olímpicas como cambistas, mas na realidade venezuelana, os ‘bachaqueros’ são o que conhecemos como contrabandistas. Essa é a “profissão” que mais prospera na Venezuela do falecido Hugo Chávez e do atual presidente Nicolás Maduro.

Os ‘bachaqueros’ são responsáveis em prover a população venezuelana de todos os produtos, medicamentos e bens que faltam nos supermercados, farmácias e comércio em geral. Eles não se importam se o produto é de primeira, segunda ou terceira necessidade. Basta pagar o valor do mercado negro que o cliente leva a mercadoria imediatamente.

Análise

Tópico: *Bachaqueros – nova e próspera profissão na Venezuela*

Domínio 1: linhas 1 a 8

Posição: linhas 1 a 4

Suporte: linhas: 5 a 8

SegT 2 – Tx. 17 (“Opinião”, Bachaqueros, SegT 2)

A Venezuela enfrenta uma escassez de produtos, medicamentos e bens de todos os gêneros.

A população vive um colapso geral e os produtos alimentícios, quando existentes, não são suficientes para todos. Até papel higiênico deixou de existir.

Análise

Tópico: *Escassez de produtos básicos de consumo de todos os gêneros*

Domínio 1: linhas 1 a 3

Posição: linha 1

Suporte: linhas 2 a 3

SegT 3 – Tx. 17 (“Opinião”, Bachaqueros, SegT 3)

A moeda (bolívar venezuelano) já sofreu desvalorização de mais de 100% e alguns produtos são vendidos pelos ‘bachaqueros’ com ágio de 1000%, como é o caso do creme dental.

No mercado tabelado pelo governo de Nicolás Maduro, o “creme dental custa 158,98 bolívares (US\$0,15)”, mas com os ‘bachaqueros’ o preço é de 1.500,00 bolívares.

Análise Tópico: <i>Desvalorização da moeda e aumento do preço dos produtos</i> Domínio 1: linhas 1 a 4 Posição: linhas 1 a 2 Suporte: linhas 3 a 4	

SegT 4 – Tx. 17 (“Opinião”, Bachaqueros, SegT 4)	
A inflação oficial venezuelana é de 180,90%, mas o Fundo Monetário Internacional - FMI, divulgou estudo afirmando que ela será de 700% em 2016 e de 1500% em 2017.	1 2
O PIB oficial terá queda em 2016 de 7,10%, mas estudos mostram que será de no mínimo 10%.	3
A taxa de juros oficial é de 21,36% para uma inflação de 180,90%, ou seja, corresponde a apenas 11,81% da desvalorização do poder de compra da moeda venezuelana.	4 5
Análise Tópico: <i>Inflação em alta, Pib em queda</i> Domínio 1: linhas 1 a 5 Posição: IMPLÍCITA Suporte: linhas 1 a 5	

SegT 5 – Tx. 17 (“Opinião”, Bachaqueros, SegT 5)	
A indústria e a agricultura estão acabadas, não existe produção suficiente para o consumo de toda a população e “consultorias venezuelanas afirmam que o país importa entre 70% e 80% de tudo o que consome.”	1 2 3
Análise Tópico: <i>Indústria e agricultura em ruína</i> Domínio 1: linhas 1 a 3 Posição: IMPLÍCITA Suporte: linhas: 1 a 3	

SegT 6 – Tx. 17 (“Opinião”, Bachaqueros, SegT 6)	
<u>A atual reserva internacional é de US\$11,923 bilhões de dólares, sendo que até o final do ano a Venezuela deverá pagar US\$8 bilhões de dólares de juros da dívida externa que está na casa dos US\$120 bilhões de dólares.</u>	1 2 3

Uma equação que irá aumentar ainda mais a escassez de todos os produtos de primeira necessidade.	4 5
Análise Tópico: <i>Desequilíbrio entre reserva internacional e dívida externa</i> Domínio 1: linhas 1 a 5 Posição: linhas 1 a 3 Suporte: linhas: 4 a 5	

SegT 7 – Tx. 17 (“Opinião”, Bachaqueros, SegT 7)	
<u>O principal produto de exportação é o petróleo que desde 2015 tem seu preço em queda livre.</u>	1
Na última sexta-feira (12) o barril brent fechou em US\$47,19, sendo que em 1º de junho de 2014, valia US\$112,36. Isso fez com que os programas de distribuição da riqueza fossem para o fundo do poço, passando a levar o governo de Nicolás Maduro para a crise atual.	2 3 4
Análise Tópico: <i>Queda do preço do petróleo</i> Domínio 1: linhas 1 a 4 Posição: linha 1 Suporte: linhas 2 a 4	

SegT 8 – Tx. 17 (“Opinião”, Bachaqueros, SegT 8)	
<u>Pessoas estão passando fome. Crianças desmaiam nas escolas por não terem o que comer em casa e mesmo o venezuelano com dinheiro não consegue comprar alimentos no dia em que pode ir ao supermercado.</u>	1 2 3
É isso mesmo leitor, lá o governo criou um rodízio, igual ao que existe na cidade de São Paulo para os carros, em que o número final da carteira de identidade diz o dia em que poderá comprar no supermercado, mas mesmo nesse dia, o venezuelano ao chegar no supermercado não tem garantia de que poderá comprar tudo do que precisa, pois não existe abastecimento, levando apenas o que tiver na prateleira.	4 5 6 7 8
Análise Tópico: <i>Fome e rodízio para comprar alimentos nos supermercados</i> Domínio 1: linhas 1 a 8 Posição: linhas 1 a 3 Suporte: linhas 4 a 8	

SegT 9 – Tx. 17 (“Opinião”, Bachaqueros, SegT 9)	
Warren Buffett diz que no caos se pode fazer os melhores negócios. Hoje, na Venezuela, existe um caos, mas diverso dos negócios de Buffett, lá prospera os melhores negócios dos ‘bachaqueros’ contra a miséria de um povo inocente e que sofre as maldades de um governo socialista e tresloucado. Que Deus tenha piedade!	1 2 3 4
Análise Tópico: <i>Caos na Venezuela propícia os melhores negócios aos bachaqueros</i> Domínio 1: linhas 1 a 4 Posição: linhas 1 a 4	

Artigo de Opinião 18

SegT 1 – Tx. 18 (“Página 20”, Datafolha repete 64, SegT 1)	
<u>A manipulação da pesquisa do DataFolha em torno da aprovação de Michel Temer e Dilma Rousseff não chama atenção pela originalidade — mas pela perversidade.</u>	1 2
Em 1964, a Federação do Comércio de São Paulo, envolvida na conspiração que derrubou João Goulart, encomendou uma pesquisa sobre aprovação do governo. Descobriu que Jango era aprovado por mais de 60% da população. Até em lugares onde a oposição era fortíssima, como São Paulo, pontos essenciais de seu programa de Reformas de Base, a Reforma Agrária era apoiada por mais de 50%.	3 4 5 6 7
Precavida, a Federação do Comércio arquivou o levantamento, que só seria divulgado 40 anos depois, após a democratização, quando pesquisadores tiveram acesso aos arquivos da Unicamp, onde ficou escondida por anos a fio.	8 9 10
É evidente que, em 1964, o segredo ajudou os adversários de Jango a cultivar o mito de que Goulart era um presidente impopular, falsidade que contribuiu para minar a possível resistência dos brasileiros contra um ataque a democracia. Com números escondidos, era possível dizer que o golpe salvara a democracia. A decisão também produziu efeitos sobre a posteridade, alimentou trabalhos acadêmicos distorcidos e até contribuiu para formar um retrato de Goulart como um líder sem base real entre os brasileiros.	11 12 13 14 15 16
“Muitos historiadores, até dez anos atrás, ainda tinham essa ideia de que Goulart caiu porque era frágil, não tinha o apoio dos partidos e, sobretudo, da população” disse o professor Luis Antonio Dias, da PUC de São Paulo, em entrevista à TV Câmara, em 2014.	17 18 19
Os números de fantasia do DataFolha sobre Temer foram publicados no percurso de um golpe de Estado que, sem dispor de tanques nem de baionetas, que têm o inegável poder de intimidar a população pela força, precisa forjar a adesão dos brasileiros. Tenta-se dizer que o afastamento de Dilma Rousseff tem seu consentimento e até aprovação.	20 21 22 23
Análise Tópico: <i>Manipulação da pesquisa Datafolha que trata da aprovação de Temer e Dilma se destaca pela crueldade e intimidação à população</i> Domínio 1: linhas 1 a 23	

Posição: linhas 1 a 2
Suporte: linhas 3 a 23

SegT 2 – Tx. 18 (“Página 20”, Datafolha repete 64, SegT 2)

Em 1964, a Federação do Comércio de São Paulo, envolvida na conspiração que derrubou João Goulart, encomendou uma pesquisa sobre aprovação do governo. Descobriu que Jango era aprovado por mais de 60% da população. Até em lugares onde a oposição era fortíssima, como São Paulo, pontos essenciais de seu programa de Reformas de Base, a Reforma Agrária era apoiada por mais de 50%.

Precavida, a Federação do Comércio arquivou o levantamento, que só seria divulgado 40 anos depois, após a democratização, quando pesquisadores tiveram acesso aos arquivos da Unicamp, onde ficou escondida por anos a fio.

É evidente que, em 1964, o segredo ajudou os adversários de Jango a cultivar o mito de que Goulart era um presidente impopular, falsidade que contribuiu para minar a possível resistência dos brasileiros contra um ataque a democracia. Com números escondidos, era possível dizer que o golpe salvara a democracia. A decisão também produziu efeitos sobre a posteridade, alimentou trabalhos acadêmicos distorcidos e até contribuiu para formar um retrato de Goulart como um líder sem base real entre os brasileiros.

“Muitos historiadores, até dez anos atrás, ainda tinham essa ideia de que Goulart caiu porque era frágil, não tinha o apoio dos partidos e, sobretudo, da população” disse o professor Luis Antonio Dias, da PUC de São Paulo, em entrevista à TV Câmara, em 2014.

Análise

Tópico: *Manipulação da pesquisa que destituiu João Goulart em 1964*

Domínio 1: linhas 1 a 19

Posição: IMPLÍCITA

Suporte: linhas 1 a 5

Suporte: linhas 6 a 8

Suporte: linhas 9 a 14

Suporte: linhas 15 a 17

SegT 3 – Tx. 18 (“Página 20”, Datafolha repete 64, SegT 3)

A rigor, os golpistas de 64 podiam dispensar a opinião dos brasileiros. Dispunham até da Operação Brother Sam, organizada pelas Forças Armadas dos EUA, para prestar socorro, em caso de necessidade. Em 2016 aliados de Temer são vaiados no exterior e até impedidos de falar.

Isso acontece porque a situação em 2016 é outra. Nos dias anteriores ao afastamento da presidente, ocorreram imensos protestos contra uma decisão que fere uma democracia duramente conquistada. Após o golpe, sucessivos protestos mostraram que Temer e seus aliados, entre os quais a Folha e a mídia grande, perderam um debate político sobre a legitimidade do novo governo. Até a líder do governo no Senado diz que “tudo foi política.” A votação tenebrosa na Câmara não sai da memória de ninguém. Muito menos o papel de Eduardo

Cunha. Ou as próprias denúncias contra Temer. Ou o reconhecimento pelo próprio Ministério Público de que as pedaladas fiscais usadas para condenar a presidente nunca foram crime.	11 12
Análise Tópico: <i>Manifestação da opinião no golpe de 1964 diferencia do golpe de 2016</i> Domínio 1: linhas 1 a 12 Posição: linhas 1 a 3 Suporte: linhas 4 a 12	

SegT 4 – Tx. 18 (“Página 20”, Datafolha repete 64, SegT 4)	
<u>A manipulação da pesquisa surge como uma tentativa de dar um verniz de legitimidade a um governo o que não possui nenhuma.</u> Até porque, em seu esforço para calar o debate e evitar toda contestação, uma das primeiras providências foi silenciar o jornalismo de Empresa Brasil de Comunicação e atacar, financeiramente, os portais da internet não alinhados com a nova ordem. A manipulação é um exercício temerário, porque arriscado. Não basta esconder a verdade. É preciso ter controle absoluto de uma situação, para construir, divulgar e proteger uma mentira — sintetizada na divulgação da resposta a uma pergunta que não foi apresentada a eleitores que, teoricamente, poderiam resumir o pensamento da população.	1 2 3 4 5 6 7 8 9
Análise Tópico: <i>Manipulação da pesquisa Datafolha como tentativa de legitimidade do governo</i> Domínio 1: linhas 1 a 9 Posição: linhas 1 a 2 Suporte: linhas 3 a 5 Suporte: linhas 6 a 9	

SegT 5 – Tx. 18 (“Página 20”, Datafolha repete 64, SegT 5)	
<u>A finalidade da mentira está escancarada.</u> Destina-se a dar um argumento para senadores que podem ser cobrados por eleitores, cada vez mais desconfiados dos projetos impopulares e anti nacionais do governo interino. Em caso de dúvida, poderiam alegar que apenas atendiam a vontade da maioria dos brasileiros. Era mentira — como sabemos agora, num episódio que marca um novo rebaixamento do padrão do jornalismo brasileiro em nossa época. O truque empregado é banal. Disponível na internet, encontra-se um livro chamado “How To Lie With Statistics”(como mentir com estatísticas) que ensina os interessados a usar tabelas, pesquisas, perguntas dirigidas e cálculos marotos para enganar os incautos. Best seller lançado em 1954, já vendeu meio milhão de cópias.	1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Análise

Tópico: *Finalidade da mentira forjada pela pesquisa*

Domínio 1: linhas 1 a 10

Posição: linha 1

Suporte: linhas 2 a 4

Suporte: linhas 5 a 6

Suporte: linhas 7 a 10

SegT 6 – Tx. 18 (“Página 20”, Datafolha repete 64, SegT 6)

Na verdade, a pesquisa é boa para Dilma.

1

Mostra que ela está correta em apresentar a proposta de plebiscito sobre novas eleições caso o golpe seja derrotado. É, com todas as distancias guardadas, a vontade do povo. E, ao contrário do que desejam aqueles que escondem e manipulam pesquisas, é bom que seja ouvida.

2

3

4

Análise

Tópico: *Pesquisa Datafolha favorece Dilma*

Domínio 1: linhas 1 a 4

Posição: linha 1

Suporte: linhas 2 a 4

Artigo de Opinião 19

SegT 1 – Tx. 19 (“Página 20”, Conceder reajuste ao STF agora seria escárnio, SegT 1)

Os ministros do Supremo Tribunal Federal querem elevar seus vencimentos de R\$ 33,7 mil para R\$ 39,2 mil. A reivindicação desafia a paciência dos 12 milhões de brasileiros que tiveram seus contracheques mastigados pela crise.

1

2

3

Os salários das togas do Supremo servem de referência para outras remunerações de servidores. Quando sobem, puxam os demais.

4

5

No final da descida da cascata, a coisa custará algo como R\$ 5 bilhões por ano. Ou R\$ 15 bilhões até 2019. Que totalizarão R\$ 73 bilhões quando somados aos R\$ 58 bilhões do pacote de reajustes que Michel Temer já concedeu a 14 categorias de servidores. No caso do Supremo, o valor do reajuste foi sugerido pelos próprios beneficiários. A aprovação cabe à Câmara e ao Senado. A sanção, ao presidente da República.

6

7

8

9

10

Análise

Tópico: *Efeito cascata do aumento salarial dos ministros do STF*

Domínio 1: linhas 1 a 10

Suporte: linhas 1 a 3
 Posição: linhas 4 a 5
 Suporte: linhas 6 a 10

SegT 2 – Tx. 19 (“Página 20”, Conceder reajuste ao STF agora seria escárnio, SegT 2)

Na Câmara, 2 em cada 10 deputados estão pendurados em processos que aguardam julgamento no Supremo. No Senado, 4 em cada 10 senadores estão na mesma situação. No Planalto, há um presidente interino cuja efetivação depende do resultado de um julgamento que é comandado no Senado pelo presidente do STF, o ministro Ricardo Lewandowski.

1
2
3
4

Quer dizer: convertido em sindicato de si mesmo, o Supremo pede a um Legislativo imundo e a um Executivo provisório que lhe conceda o reajuste que o próprio tribunal estipulou.

5
6

Ninguém disse ainda, talvez por medo, mas esse processo se assemelha muito a uma chantagem.

7

Análise

Tópico: *Chantagem na aprovação de reinvidicação salarial dos ministros do STF*

Domínio 1: linhas 1 a 7

Suporte: linhas 1 a 4

Suporte: linhas 5 a 6

Posição: linha 7

SegT 3 – Tx. 19 (“Página 20”, Conceder reajuste ao STF agora seria escárnio, SegT 3)

Como em qualquer reivindicação salarial, há bons argumentos em sua defesa, sobretudo num país inflacionário. A questão é que o Estado brasileiro quebrou. Os magistrados não são obrigados a permanecer no tribunal. Se preferirem, podem trocar o salário 20 vezes acima da média remuneratória do país e a segurança do serviço público pelos lucros e incertezas da atividade privada. Só não podem injetar escárnio na crise.

1
2
3
4
5

Análise

Tópico: *Argumentos soam como escárnio diante da crise enfrentada pelo país*

Domínio 1: linhas 1 a 5

Posição: linhas 1 a 5

Artigo de Opinião 20

SegT 1 – Tx. 20 (“O Rio Branco”, Frustrante, SegT 1)

Em sua primeira avaliação, ninguém esperava que o governo Temer viesse tão mal avaliado.

1

Ao suceder a presidente Dilma Rousseff (PT), cuja avaliação encontrava-se ao rés do chão, diria até, abaixo da linha da pobreza em matéria de popularidade, era de se esperar que o seu sucessor, de pronto, viesse quem viesse, tivesse uma razoável aceitação popular, no mínimo, superior a dela, afinal de contas, nas condições em que ela fora afastada do poder, dava-se como certo que o seu substituto legal, no caso, o vice-presidente Michel, senão por uns cem dias, como a atividade política assim já convencionara, se fizesse merecedor de uma lua de mel com o poder, pelo ao menos, por um ou dois meses Mas, não.	2 3 4 5 6 7 8
Análise Tópico: <i>Baixa aceitação popular do governo Temer em sua primeira avaliação</i> Domínio 1: linhas 1 a 18 Posição: linha 1 Suporte: linhas 2 a 8	

SegT 2 – Tx. 20 (“O Rio Branco”, Frustrante, SegT 2)	
O que assistimos, conforme pesou, contou e mediu a mais recente pesquisa IBOPE, o novo governo, o de Michel Temer, ainda que os nossos analistas políticos, sobretudo, àqueles que compõem as equipes de comentaristas da nossa grande imprensa tenham feito um esforço sobre-humano, e todo ele no sentido de não chamar a atenção e tampouco despertar a nossa curiosidade sobre a baixa aceitação popular do governo Temer, sequer exploraram que, em alguns pontos, <u>o governo Michel Temer apareceu pior que o velho governo, no caso, o da presidente afastada.</u> Ora se para 69% da nossa sociedade o governo Temer apareceu igual ou pior do que foi o governo da presidente Dilma Rousseff, conforme avaliação feita pelo mesmo IBOPE, avaliação feita quando ela enfrentava o mais crítico e tenebroso período dos seus cinco anos no poder, e apenas 23% o considera melhor, sem dúvidas, nada poderia ser mais preocupante para o governo Michel Temer, este por sua vez, já tendo feito o possível e o impossível em busca de legitimidade e apoio popular. Não sou um saudosista do governo Dilma Rousseff, e nem poderia sê-lo, final de contas, sua gestão, de fato não me agradava, menos ainda, a grande maioria dos brasileiros. Diria até, se vivêssemos sob a égide do regime parlamentarista de governo, há mais tempo ela já deveria ter sido afastada do poder. Digo mais: Se parlamentar eu fosse, assim me posicionaria. Ocorre que, no sistema presidencialista de governo, a exemplo do nosso, bom ou ruim, o governante é detentor de um mandato, este por sua vez, legitimado pela soberania popular.	1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19
Análise Tópico: <i>Pesquisa IBOPE: primeira avaliação popular de Temer é pior que o governo da presidente Dilma Rousseff</i> Domínio 1: linhas 1 a 19 Suporte: linhas 1 a 6 Posição: linha 7 Suporte: linhas: 8 a 19	

SegT 3 – Tx. 20 (“O Rio Branco”, Frustrante, SegT 3)	
Ora, se o governo Michel Temer, num particular, ou seja, em se tratando de apoio congressional nada tem do que reclamar, e em matéria de ajuste fiscal, tem sido mais perdulário que o governo da presidente Dilma Rousseff, e ainda assim, seu governo aparece tão mal avaliado, tudo me leva a crer que,	1 2 3 4
<u>quando ele parar de fazer bondades e abrir o seu baú de maldade, sua avaliação, já bastante ruim, só tenderá a piorar.</u>	5 6
Falando-se dos baús de maldades que haverão de ser aberto, reporto-me, particularmente, a reforma da previdência social e ao regramento dos nossos programas sociais, cujos déficits, nos conduziram a pior e mais grave crise de toda a nossa história, e cujas providências, por certo, o presidente Michel Temer terá que tomar quando sair da incômoda situação presidente interino, até porque, o verdadeiro governo Michel Temer, àquele que espero e confio que tornará o nosso país fiscalmente responsável ainda não começou.	7 8 9 10 11 12
Análise Tópico: <i>Avaliação ruim do governo Michel Temer poderá piorar com tomada de medidas antipopulares</i> Domínio 1: linhas 1 a 12 Suporte: linhas 1 a 4 Posição: linhas 5 a 6 Suporte: linhas 7 a 12	

ANEXO C

CORPUS DE ESTUDO: ANÁLISE INTERTÓPICA

Curso: Letras Português
 Período: 6º
 Data: 2º semestre de 2016
 Número do artigo de opinião: 1

A reforma do Ensino Médio	
[SbT mínimo 1]	
Para dar início, entenderemos o conceito do que vem a ser reforma : é um conjunto de novas diretrizes para o ensino médio implementadas via Medida Provisória apresentada pelo governo federal em 22 de setembro de 2016. A reforma flexibiliza os conteúdos que será ensinado aos alunos , muda a distribuição dos conteúdos das 13 disciplinas tradicionais ao longo dos três anos do ciclo, dá novo peso ao ensino técnico e incentiva a ampliação de escolas de tempo integral .	1 2 3 4 5
[SbT mínimo 2]	
Sabemos que o ensino médio é de suma importância para formação de jovens empreendedores e candidatos no mercado de trabalho em áreas variadas , isso dá-se à um elemento importantíssimo à nossa sociedade , ou seja, o futuro está nas mãos desses jovens que estarão recebendo a formação após o ensino médio concluído; outro ponto primordial positivo à essa reforma é a formação técnica desses jovens , a amplitude das variedades de profissionais no mercado de trabalho e a liberdade de escolha profissionalizante desses alunos .	6 7 8 9 10 11
[SbT mínimo 3]	
Nossa sociedade está passando por uma evolução na questão de formação de jovens profissionais , ou seja, os alunos poderão sentir o privilégio e a responsabilidade de escolher o seu futuro , pois a partir dessa nova lei quem irá decidir serão os próprios ; esse é um dos pontos positivos a ser destacado em favor da regência dessa Reforma do Ensino Médio.	12 13 14 15
[SbT mínimo 4]	
A amplitude das variedades profissionais será claramente visualizada por toda a sociedade, pois com a "Reforma" os alunos escolheram a área da qual se identifica , com isso eles irão sentir mais prazer e satisfação em estudar e também colocar em prática de forma organizada tudo o que estudaram e aprenderam no seu ensino médio.	16 17 18 19
[SbT mínimo 5]	
A liberdade de escolha está ligada à todos os seres da sociedade, isso porém, não poderia ficar de fora da "Reforma", ou seja, todos os alunos poderão escolher o seu futuro profissional e se dedicar-total ao mesmo, isso trará benefícios notórios à todos .	20 21 22
[SbT mínimo 6]	
Concluimos o que acima foram citados que a Reforma do Ensino Médio veio como ponto positivo para nossa sociedade e que com essa atualização nossos alunos trarão consigo uma bagagem riquíssima de conhecimentos específicos à área da qual foi sua escolha , sendo assim, teremos profissionais de alta qualidade e bem dispostos a cumprir o seu dever diante o mercado trabalhista .	24 25 26 27

Análise

Artigo de opinião 1	<i>A reforma do Ensino Médio</i>
Quant. de SegTs mínimos	6
Hierarquia Tópica	
Quant. de QTs	2
Níveis de hierarquização tópica	3
Representação	Tópico (global): <i>Pontos positivos da reforma do Ensino Médio</i> Tópico 1: <i>Conceito da reforma do Ensino Médio</i> (SegT1) Tópico 2: <i>Aspectos positivos da Reforma do Ensino Médio</i> Tópico 2.1: <i>Formação de empreendedores em áreas variadas</i> (SegT 2) Tópico 2.2: <i>Formação profissional dos jovens</i> (SegT 3) Tópico 2.3: <i>Ampla variedade de profissões</i> (SegT 4) Tópico 2.4: <i>Liberdade de escolha da profissão</i> (SegT 5) Tópico 3: <i>Repercussão positiva da reforma do Ensino Médio</i> (SegT 6)
Linearidade Tópica	SegT 1 > SegT 2: continuidade SegT 2 > SegT 3: continuidade SegT 3 > SegT 4: continuidade SegT 4 > SegT 5: continuidade SegT 5 > SegT 6: continuidade

Curso: Letras Português
 Período: 6º
 Data: 2º semestre de 2016
 Número do artigo de opinião: 2

O Novo Ensino Médio	
[SbT mínimo 1]	
Diante do baixo resultado que a educação pública brasileira vem alcançando, principalmente	1
no Ensino Médio , faz-se necessário pensar em uma reforma que venha melhorar a qualidade da	2
aprendizagem dos alunos e que estimule a permanência na escola .	3
Atualmente, o Ensino Médio visa quase que exclusivamente preparar o aluno para o ENEM .	4
Os que não conseguem a aprovação ficam sem ingressar na universidade e também quase não	5
conseguem ingressar no mercado de trabalho porque não foram qualificados para exercer uma	6
profissão .	7
Pensar em uma reforma que venha corrigir essa falha e criar oportunidades para jovens que	8
concluam o Ensino Médio , de já poderem ingressar no mercado de trabalho com uma qualificação	9
profissional específica , pode significar um estímulo para diminuir a evasão escolar e melhorar a	10
qualidade da mão de obra e a competitividade .	11
[SbT mínimo 2]	
A reforma é necessária. Mas precisa ser amplamente discutida com os setores e com as classes	12
envolvidas , pois não podemos pensar em melhorar a qualidade do Ensino sem pensar na valorização e	13
qualificação do professor , que é responsável direto por esse processo de mudança .	14
[SbT mínimo 3]	
Dessa forma, não basta apenas excluir do currículo determinadas disciplinas ou acrescentar	15
outras , ou ainda implantar o ensino integral , é necessário melhorar todo o sistema e adequar a estrutura	16
física das escolas para essa nova realidade que estamos precisando para o Ensino Médio brasileiro .	17
	18

Análise

Artigo de opinião 2	<i>O Novo Ensino Médio</i>
Quant. de SegTs mínimos	3
Hierarquia Tópica	
Quant. de QTs	1
Níveis de hierarquização tópica	2
Representação	Tópico (global): <i>Desafios da proposta de reformulação do Ensino Médio</i> Tópico 1: <i>Melhoria da qualidade do ensino e diminuição da evasão escolar (SegT 1)</i> Tópico 2: <i>Reforma implica discussão com os setores e classes envolvidas (SegT 2)</i> Tópico 3: <i>Necessidade de adequação do sistema e da estrutura física das escolas à nova realidade (SegT 3)</i>
Linearidade Tópica	SegT 1 > SegT 2: continuidade tópica SegT 2 > SegT 3: continuidade tópica

Curso: Letras Português

Período: 6º

Data: 2º semestre de 2016

Número do artigo de opinião: 3

A reforma não é o caminho [SbT mínimo 1]	
A reforma do Ensino Médio vem sendo alvo de debates e opiniões divergentes a seu respeito, uma vez que a mesma estipula uma redução de conteúdos obrigatórios, voltando o ensino para áreas específicas e para o ensino tecnicista.	1 2 3
[SbT mínimo 2]	
A proposta do governo discorre ampliar "progressivamente" a carga horária de 800 para 1400 horas, inclusão do ensino de arte, educação física, sociologia e filosofia nas aulas do ensino médio dependerá do que for pré-estabelecido pelo governo, o inglês passa a ser a língua estrangeira obrigatória, as redes de ensino podem contratar profissionais de "notório saber" e não somente técnicos e graduados, conteúdos dos vestibulares de acordo com os assuntos estipulados pela Base Nacional Comum Curricular, além do acesso a formação técnica profissionalizante.	4 5 6 7 8 9
[SbT mínimo 3]	
Há quem defenda essa reforma por ressaltar a importância da mudança no ensino argumentando a necessidade do aumento na carga horária seja indícios para o ensino integral, que o país precisa oferecer ensino técnico profissional e gerar emprego aos jovens quando saírem do ensino médio. No entanto, é bem notório que no Brasil não existe estrutura física e nem profissional que propicie o ensino integral. Investir na capacitação técnica dos jovens brasileiros é uma boa iniciativa no que tange a oportunidades de emprego, mas é preciso saber o que se quer, não se pode profissionalizar o futuro de uma nação com a formação tecnicista somente porque é mais barata e mais rápida e sim especificar as áreas de formação que atendem as demandas de mercado, não sendo assim, essa proposta para nada mais serve do que criar uma geração alienada em prol de um governo centralizador.	10 11 12 13 14 15 16 17 18
[SbT mínimo 4]	
Partindo desses preceitos, já temos como referência a não mais obrigatoriedade de disciplinas como sociologia e filosofia, isso nos leva a entender que a partir do momento em que restringe os conhecimentos do aluno a disciplinas que despertam o senso crítico do indivíduo e prioriza-se a formação técnica profissionalizante em vez de ampliar as oportunidades e aumentar o incentivo ao ingresso no ensino superior, que é onde o cidadão tem contato com os saberes mais liberais, desenvolvendo assim, seu lado crítico e construtivo, cria-se uma classe de pessoas alienadas ao pensamento único de um governo totalitarista.	19 20 21 22 23 24 25
[SbT mínimo 5]	
Tudo isso nos leva a conclusão de que tal proposta de reforma no ensino médio brasileiro, precisa ser muito mais debatida, estudada, analisada e melhorada para então entrar em vigor. É indispensável o maior investimento na formação tanto profissionalizante quanto superior, valorização da classe educacional, melhoramento da infraestrutura escolar do Brasil. Esse é o caminho! Deixemos de lado essa "pirataria" de modelos educacionais dos países mais desenvolvidos. Tá na hora de ser original, de fazer o que é preciso e não o que é teoricamente bonito.	26 27 28 29 30 31

Análise

Artigo de opinião 3	<i>A reforma não é o caminho</i>
Quant. de SegTs mínimos	5
Hierarquia Tópica	
Quant. de QTs	1
Níveis de hierarquização tópica	2
Representação	Tópico (global): <i>Fragilidades da proposta de reforma do Ensino Médio</i> Tópico 1: <i>Reforma do Ensino Médio: debates e discussões</i> (SegT 1) Tópico 2: <i>Mudanças propostas pela reforma do Ensino Médio</i> (SegT 2) Tópico 3: <i>Fragilidades da proposta de reforma do Ensino Médio</i> (SegT 3) Tópico 4: <i>Não obrigatoriedade das disciplinas Filosofia e Sociologia</i> (SegT 4) Tópico 5: <i>Reforma: ampla discussão, investimento e valorização</i> (SegT 5)
Linearidade Tópica	SegT 1 > SegT 2: continuidade tópica SegT 2 > SegT 3: continuidade tópica SegT 3 > SegT 4: continuidade tópica SegT 4 > SegT 5: continuidade tópica

Curso: Letras Português

Período: 6º

Data: 2º semestre de 2016

Número do artigo de opinião: 4

Reforma do Ensino Médio	
[SubT mínimo 1]	
Sabemos que as opiniões sobre a reforma do ensino médio são variadas , tendo pontos negativos e pontos positivos .	1
A nova reforma pode ser boa se olharmos que o estudante pode escolher a trajetória de ensino , pensando em seu trabalho futuramente. Mas temos mais pontos negativos se observarmos bem, pois sabemos que a ênfase maior é em uma formação tecnicista em oposição a uma formação crítica dos estudantes , sabemos também que temos país que mais atrapalha do que ajuda quando se quer abrir uma empresa, investir, criar uma renda, então, o aluno procura trabalho quando termina o ensino médio e não encontra.	2 3 4 5 6 7 8
Tirar matérias que são importantes da grade de ensino, não é uma boa , pois de alguma forma elas tem sua importância , tornar o ensino integral em regiões pequenas, onde tem poucas escolas e muitos alunos , com enorme lotação nas salas de aula, sem nem falar nas rendas das escolas, não é também um ponto positivo .	9 10 11 12
[SubT mínimo 2]	
Então é preciso observar vários ou melhor, todos os pontos , porque no final essa reforma pode não trazer benefícios para todo país , e sim para algumas partes dele, partes essas que são as regiões mais desenvolvidas .	13 14 15

Análise

Artigo de opinião 4	<i>Reforma do Ensino Médio</i>
Quant. de SegTs mínimos	2
Hierarquia Tópica	
Quant. de QTs	1
Níveis de hierarquização tópica	2
Representação	Tópico (global): <i>Aspectos negativos da reforma do Ensino Médio</i> Tópico 1: <i>Pontos negativos da reforma do Ensino Médio (SegT 1)</i> Tópico 2: <i>Necessidade de reflexão sobre todos os aspectos da reforma (SegT 2)</i>
Linearidade Tópica	SegT 1 > SegT 2: continuidade tópica SegT 2 > SegT 3: continuidade tópica

Curso: Letras Português

Período: 6º

Data: 2º semestre de 2016

Número do artigo de opinião: 5

Novo ensino médio: bom ou dualista?	
[SubT mínimo]	
O ensino médio , maior gargalo da educação , com desempenho estagnado desde 2015 e altas taxas de reprovação e evasão , começou a passar por algumas mudanças em 2016 que culminaram na Medida Provisória de Reforma do Ensino Médio em 2017.	1
Esse plano federal visa especialização do aluno para o mercado de trabalho , flexibilização das disciplinas e o incentivo à expansão do ensino em tempo integral , mudar a distribuição do conteúdo das 13 disciplinas tradicionais ao longo dos três anos do ciclo. De 100% das horas de aula anuais, 40% serão optativas, este terá de escolher entre um dos “itinerários formativos” para aprendizagem.	2
	3
	4
	5
	6
	7
	8
[SubT mínimo]	
Há pontos positivos , sim, porém toda moeda possui dois lados , alguns especialistas questionam pois os debates são fundamentais indispensáveis para a formação crítica dos alunos , matérias que estimulam a capacidade crítica e argumentativa não serão mais obrigatórias . A educação deve não só visar em profissionais técnicos, mas, também profissionais mais humanos, mais tolerantes e com pensamentos críticos, a formação de cidadãos íntegros entra em xeque com tais mudanças .	9
Como ele aparece como opção, ficando a critério dos estados como proceder nas escolas, corre-se um grave risco de as escolas privadas mudarem o ensino médio prosseguindo com o ensino do conhecimento universal e as públicas priorizarem o ensino técnico com objetivo apenas de formar trabalhadores , passaremos a ter um sistema dualista , onde o "filho do rico" passa a ter grandes conhecimentos humanos e o do pobre é treinado na escola apenas para trabalhar.	10
	11
	12
	13
	14
	15
	16
	17
	18
Com a não obrigatoriedade de parte das disciplinas , haverá um enfraquecimento da formação do estudante , em especial o das escolas públicas, pois o aluno vai perder o contato com disciplinas que, de alguma forma, promovem uma visão de mundo .	19
	20
	21

Análise

Artigo de opinião 5	<i>Novo ensino médio: bom ou dualista?</i>
Quant. de SegTs mínimos	2
Hierarquia Tópica	
Quant. de QTs	1
Níveis de hierarquização tópica	2
Representação	Tópico (global): <i>Dualismos da proposta do novo Ensino Médio</i> Tópico 1: <i>Mudanças propostas pela reforma do Ensino Médio (SegT 1)</i> Tópico 2: <i>Disciplinas que favorecem à reflexão crítica não serão obrigatórias (SegT 2)</i>
Linearidade Tópica	SegT 1 > SegT 2: continuidade tópica

Curso: Letras Português

Período: 6º

Data: 2º semestre de 2016

Número do artigo de opinião: 6

A reforma do Ensino Médio	
[SubT mínimo 1]	
A educação é o que norteia qualquer sociedade . Através da mesma, cidadãos se conscientizam de seus direitos e deveres e galgam realizações pessoais e profissionais. O ensino médio é a porta de entrada para milhares de alunos , que, anualmente, após o seu término e diante das inúmeras formas de uma formação continuada disponibilizada pela sociedade atual, buscam profissionalizar-se. Mas, o ensino passou por uma mudança suntuosa e muito tem se questionado sobre o futuro do mesmo no Brasil, afinal, mudanças são sempre questionáveis.	1 2 3 4 5 6
[SubT mínimo 2]	
Contamos agora com o novo conjunto de diretrizes para o ensino médio , a Medida Provisória tem prazo máximo até 2018 para entrar em vigor. A grade curricular teve uma grande mudança . Agora, apenas 60% dessa grade deve ser preenchida pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) , os outros 40% restantes, destinar-se-ão aos chamados itinerários formativos , em que o estudante poderá escolher entre cinco de estudo que são: Linguagens e suas Tecnologias; Matemática e suas Tecnologias; Ciências da Natureza e suas Tecnologias; Ciências Humanas e Sociais e Aplicadas e Informação Técnica e Profissional. A princípio, parece algo bom para os estudantes e para a sociedade em geral, já que, os alunos deixariam o ensino médio com uma profissão encaminhada, mas, mediante uma análise mais profunda, vemos que muito do que se promete ficará no meio do caminho.	7 8 9 10 11 12 13 14 15
Dessas cinco áreas específicas , a escola por enquanto, só terá a obrigação de ofertar uma , o que automaticamente deixará o aluno sem o direito de escolha . Em relação aos docentes , não será exigido um diploma específico na área para que o mesmo possa atuar em sala de aula, naturalmente, não se abrangerá todas as especificidades da área escolhida pelo discente. Vemos ainda a retirada das disciplinas de Educação Física, Arte, Sociologia, Filosofia e Espanhol da grade curricular dos estabelecimentos de ensino e, como se ainda não bastasse, a sociedade foi apunhalada pelas costas, já que, todas essas medidas foram tomadas sem o conhecimento da mesma.	16 17 18 19 20 21 22
[SubT mínimo 3]	
Diante dessa atitude covarde, buscamos nos consolar na promessa do governo de que fornecerá apoio financeiro as instituições educacionais para que as novas medidas sejam implantadas com sucesso . O que se sabe de fato é que, não se pode tapar o sol com a peneira, não há como qualificar sem condicionar, ou seja, é necessário oferecer condições adequadas para uma educação de qualidade .	23 24 25 26

Análise

Artigo de opinião 6	<i>A reforma do Ensino Médio</i>
Quant. de SegTs mínimos	3
Hierarquia Tópica	
Quant. de QTs	1
Níveis de hierarquização tópica	2
Representação	Tópico (Global): <i>Mudanças propostas pela reforma do Ensino Médio suscitam questionamentos</i> Tópico 1: <i>Mudanças propostas pela reforma do Ensino Médio</i> (SegT 1) Tópico 2: <i>Mudança suntuosa proposta pela reforma do Ensino Médio</i> (SegT 2) Tópico 3: <i>Sucesso da proposta envolve apoio financeiro</i> (SegT 2)
Linearidade Tópica	SegT 1 > SegT 2: continuidade tópica SegT 2 > SegT 3: continuidade tópica

Curso: Letras Português

Período: 6º

Data: 2º semestre de 2016

Número do artigo de opinião: 7

A Reforma do Ensino Médio	
[SubT mínimo 1]	
A Reforma do ensino médio , projeto de lei (PL 6840), que tramita desde 2013 colocada em	1
forma de MP (Medida Provisória), agora aprovada, tem sido um assunto polêmico e depois de avaliar	2
algumas discussões sobre ele é notável que a medida é autoritária. Pode se afirmar que é uma medida	3
drástica , levando em conta a precariedade dos nossos alunos e professores e o despreparo para as	4
mudanças previstas .	5
[SubT mínimo 2]	
Para obtermos uma educação como na Austrália e Finlândia , como foi levantada a questão,	6
é preciso que tenha também investimento e preparação . Nossas escolas - a maioria delas no Brasil -	7
não estão preparadas estruturalmente para suprir as necessidades , seja do aluno ou do servidor . Há	8
aquelas que o ensino médio funciona a tarde e à noite e esses alunos mal tem um lanche, terá que suprir	9
alimentação adequada, espaço agradável entre outras necessidades. Para querer igualar a carga horária	10
de estudo a outros países , devemos levar em conta o fato de igualar também a infraestrutura das	11
escolas, os investimentos e o preparo profissional dos professores .	12
[SubT mínimo 3]	
Segundo plano proposto, gradualmente, as escolas passaram a ser integrais , passando a carga	13
horária de 800 para 1400 horas anuais. Assim, os alunos passaram a ficar sete horas por dia na aula.	14
Uma carga horária de cinco horas ruins - como já acontece ficará pior se for de sete horas. Haverá um	15
desinteresse do aluno e isso só fará aumentar o índice de evasão escolar .	16
[SubT mínimo 4]	
Quanto a seleção escolha das disciplinas há um contraste , o aluno poderá optar pelas	17
disciplinas desejadas , mas no caso daqueles que não gostam de português e matemática, o desprazer de	18
estudarem tais disciplinas será dobrado. E o que fará a escola que não puder ofertar as disciplinas	19
desejadas pelos alunos ? Alguns alunos não serão contemplados como desejam.	20
[SubT mínimo 5]	
Contudo, é necessária uma mudança uma reforma no ensino , a começar pela preparação ,	21
valorização a motivação dos nossos professores e alunos . Não teremos êxito em sete horas na escola	22
se professores e alunos não estiverem motivados a produzirem durante esse tempo. Será perda de	23
tempo.	24

Análise

Artigo de opinião 7	<i>A Reforma do Ensino Médio</i>
Quant. de SegTs mínimos	5
Hierarquia Tópica	
Quant. de QTs	2
Níveis de hierarquização tópica	3
Representação	Tópico (Global): <i>Reforma do Ensino Médio não contempla realidade educacional do Brasil</i> Tópico 1: <i>Reforma do Ensino Médio: medida drástica</i> (SegT 1) Tópico 2: <i>Investimento para alcançar os índices de países como Austrália e Finlândia</i> (SegT 2) Tópico 3: <i>Fragilidades das mudanças propostas pela reforma do Ensino Médio</i> Tópico 3.1: <i>Escola em tempo integral</i> (SegT 3) Tópico 3.2: <i>Seleção das disciplinas pelos alunos</i> (SegT 4) Tópico 4: <i>Necessidade de reforma que valorize e motive professores e alunos</i> (SegT 5)
Linearidade Tópica	SegT 1 > SegT 2: continuidade tópica SegT 2 > SegT 3: continuidade tópica SegT 3 > SegT 4: continuidade tópica SegT 4 > SegT 5: continuidade tópica

Curso: Letras Português

Período: 6º

Data: 2º semestre de 2016

Número do artigo de opinião: 8

Reforma do Ensino Médio	
[SubT mínimo 1]	
A reformulação do ensino médio tem repercutido bastante e é um dos principais assuntos do momento, alguns veem de forma negativa , muitos de forma positiva , o que é absolutamente comum se observarmos sobre a ótica daquilo que querem nos passar, certamente acreditaremos que essa reforma é sim o que precisamos, que os jovens precisam desse tipo de mudança para que venham a ter interesse . No entanto as coisas não são tão simples quanto aparenta, antes de aprovarmos algo precisamos pensar e avaliar muito bem, assim como também tudo aquilo que atinge uma grande porção de pessoas deve ser pensado e repensado, salientando que não foi dessa forma que ocorreu a tomada dessas decisões , portanto há de certa forma fragilidade naquilo que foi estabelecido nesta nova forma de funcionamento do Ensino Médio .	1 2 3 4 5 6 7 8 9
Há alterações que são bastante radicais , como: a mudança de cinco horas para sete horas , sendo que já é bastante cansativo para os alunos as cinco horas diárias, sem falar no aumento dos gastos que consequentemente teremos. Outra questão relevante está no fato de que as escolas não serão obrigadas a oferecer a cinco ênfases previstas , sendo que para o aluno é de suma importância para a sua formação total como cidadã as matérias que serão supridas – sociologia, filosofia, artes e educação física.	10 11 12 13 14 15
[SubT mínimo 2]	
Na verdade toda essa "facilidade" que aparenta ser benéfica , só tem um intuito de fazer com que menos pessoas cheguem no nível superior , ou seja, optem por aquilo que é mais fácil para o momento, escolhendo curso técnico e ensino médio simultaneamente, por exemplo, sendo que futuramente essas pessoas certamente serão pessoas sem opinião própria e ocuparão os cargos com salários mais inferiores , o que é bastante interessante para aqueles que estão fazendo essas mudanças .	16 17 18 19 20

Análise

Artigo de opinião 8	<i>Reforma do Ensino Médio</i>
Quant. de SegTs mínimos	2
Hierarquia Tópica	
Quant. de QTs	1
Níveis de hierarquização tópica	2
Representação	Tópico (Global): <i>Repercussões da reforma do Ensino Médio</i> Tópico 1: <i>Fragilidades da reforma do Ensino Médio</i> (SegT 1) Tópico 2: <i>Finalidade dos aparentes benefícios da reforma no Ensino Médio</i> (SegT 2)
Linearidade Tópica	SegT 1 > SegT 2: continuidade

Curso: Letras Português

Período: 6º

Data: 2º semestre de 2016

Número do artigo de opinião: 9

Reforma do Ensino Médio: Melhor alternativa para um avanço?	
[SubT mínimo 1]	
Em virtude da nova proposta do ensino médio , que por sua vez trará benefícios e alguns problemas para essa nova ideia de "avanço". O projeto que reformula o sistema do mesmo, em vez de tentarem primeiramente concertar o projeto de lei sobre a matéria que está em trâmite no Congresso, ou almenos consultar os principais envolvidos – professores, estudantes e responsáveis, resolveram impor uma medida provisória buscando acabar com a crise ou necessidade que muitas famílias vivenciam, mas será que isso realmente é a melhor alternativa ?	1 2 3 4 5 6
É verdade que esse projeto vai ao encontro de algumas aspirações de educadores , como a criação da carga horária e a flexibilização do ensino e a divisão em módulos , bem com o foco no ensino antenado aos interesses dos alunos, proporcionando um melhor desempenho nas disciplinas que melhor se identifique ou buscando a profissionalização em cursos técnicos , visando a estabilidade financeira .	7 8 9 10 11
Por outro lado, é preocupante aceitar o fato de algumas disciplinas que tem a ver com a formação do indivíduo deixarem de ser obrigatórias , como artes e educação física, na verdade conhecimento nunca é demais e nem ocupa espaço.	12 13 14
[SubT mínimo 2]	
Podemos afirmar que com essa nova reformulação as escolas não tenham infraestrutura para receber e oferecer com qualidade um ensino adequado para nossos filhos. Na verdade, eu seria favor até mesmo gostaria de ter tido o ensino dessa forma " integral e técnico ", mas as escolas ainda não estão preparadas para isso . Quando falamos em educação de primeiro mundo como Finlândia, Estados Unidos, Alemanha, precisamos de investimentos, de preparação e na verdade o Brasil não tem escolas públicas que atendam essas necessidades .	15 16 17 18 19 20
[SubT mínimo 3]	
A falta de investimento na qualificação de nossos professores implicam no sucesso dessa proposta , precisaríamos de qualificação e tecnologia que ajuda a trazer e tirar do papel e pôr em prática dentro das escolas , assim ativaria e melhoraria o ensino e aprendizagem, uma parceria entre professores e alunos.	21 22 23 24
[SubT mínimo 4]	
Então não podemos pensar no ensino médio como uma profissionalização para mão-de-obra barata , e nem algo que prepare apenas para vestibular , temos que ter a noção que devemos preparar nossos alunos para futuros cidadãos que tenham autonomia e possam decidir por si só o que quer, mais que esteja preparado para um futuro seja ele qual for.	25 26 27 28

Análise

Artigo de opinião 9	<i>Reforma do Ensino Médio: Melhor alternativa para um avanço?</i>
Quant. de SegTs mínimos	4
Hierarquia Tópica	
Quant. de QTs	2
Níveis de hierarquização tópica	3
Representação	Tópico (global): <i>Reforma do Ensino Médio: Avanços à vista?</i> Tópico 1: <i>Reforma do Ensino Médio: melhor alternativa? Avanços e retrocessos</i> (SegT 1) Tópico 2: <i>Ausência de investimentos que implicam no sucesso da reforma</i> Tópico 2.1: <i>Ausência de investimento na infraestrutura das escolas</i> (SegT 2) Tópico 2.2: <i>Ausência de investimento na qualificação do professor</i> (SegT 3) Tópico 3: <i>Reforma do Ensino Médio: a formação de cidadãos autônomos</i> (SegT 4)
Linearidade Tópica	SegT 1 > SegT 2: continuidade SegT 2 > SegT 3: continuidade SegT 3 > SegT 4: continuidade

Curso: Letras Português

Período: 6º

Data: 2º semestre de 2016

Número do artigo de opinião: 10

A Reforma do Ensino Médio	
[SbT mínimo 1]	
Muito se tem discutido a respeito da nova proposta de uma reforma no ensino médio das	1
escolas brasileiras, elaborado pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Tal proposta visa	2
melhorar o ensino oferecido pelas escolas, visa trazer maior capacitação aos alunos junto ao mercado	3
de trabalho , de maneira que os alunos ao concluírem o ensino médio tenham convicção da área em que	4
pretendem atuar profissionalmente.	5
Basicamente, essa reforma consiste em aumentar a carga horária para 3.600 horas , sendo	6
1.200 para o aluno que pretender cursa uma formação técnica profissional , e as demais 2.400 horas	7
destinadas ao ensino médio regular obrigatório. A proposta visa que serão exigidos os estudos de	8
português e matemática nos 3 anos de ensino médio, e os estudos de filosofia, sociologia, educação	9
física e artes. Pretender implantar também o ensino médio integral , o que garante que o aluno permaneça	10
por mais tempo em sala de aula , contudo não será obrigatório que todas as escolas adotem o período	11
integral .	12
[SbT mínimo 2]	
É evidente que a educação oferecida pelo governo brasileiro clama por uma reforma , por	13
melhorias , maiores incentivos, etc. Tornar o ensino médio em um ensino “básico” não soluciona sequer	14
uma parte da escassez educacional que o país vive. Nós cidadãos, precisamos muito mais que português,	15
matemática, filosofia, sociologia, artes e educação física. Essa flexibilização na estrutura do ensino	16
médio o torna ainda mais “pobre” . Pesquisas apontam que o Brasil ocupa o 52º em educação, entre 65	17
países avaliados (PISA), ou seja, educação básica e péssima . Se no ensino médio atual oferecido pelas	18
escolas já nos deparamos com alunos “fragilizados” , quanto mais ingressá-los em um ensino técnico	19
básico . O que os alunos precisam é de mais atenção, objetividade, clareza, novos métodos de ensino,	20
recursos didáticos. Passar o dia em sala de aula não garante aprendizagem, mas professores devidamente	21
preparados, recursos didáticos atraentes, psicólogos nas escolas dando assistência a discentes e	22
docentes sem embaraços em seu âmbito escolar .	23
[SbT mínimo 3]	
Faz-se necessário uma nova avaliação da proposta , para que não percamos mais tempo	24
procrastinando um ensino de qualidade no nosso país . Ouvir pais de alunos, professores e os próprios	25
discentes para um melhor desenvolvimento da escola. Rever tal reforma também contribui para redução	26
do custo que a reforma pretende gastar, aproximadamente 2000 reais por aluno, um investimento de 1,5	27
bilhões até 2018, tudo fornecido pelo governo federal, o que poderia ser melhor aplicado no	28
aprimoramento da educação atual .	29

Análise

Artigo de opinião 10	<i>A Reforma do Ensino Médio</i>
Quant. de SegTs mínimos	3
Hierarquia Tópica	
Quant. de QTs	1
Níveis de hierarquização tópica	2
Representação	Tópico (global): <i>Proposta de reforma do Ensino Médio carece de reavaliação</i> Tópico 1: <i>Finalidades da proposta de reforma do Ensino Médio</i> (SegT 1) Tópico 2: <i>Reforma do Ensino Médio: solução para os problemas da educação no Brasil?</i> (SegT 2) Tópico 3: <i>Reavaliação da Proposta de reforma do Ensino Médio</i> (SegT 3)
Linearidade Tópica	SegT 1 > SegT 2: continuidade tópica SegT 2 > SegT 3: continuidade tópica

Curso: Letras Português

Período: 6º

Data: 2º semestre de 2016

Número do artigo de opinião: 11

A reforma do Ensino Médio	
[SbT mínimo 1]	
A proposta de reforma do Ensino Médio defendida pelo governo Michel Temer, vem causando muitas reações controversas entre professores e alunos . Discordo desta reforma , primeiramente, porque os mais interessados não foram sequer consultados , com isso, percebe-se uma imposição do governo .	1 2 3 4
É fato que a MP vai ao encontro de alguns desejos dos educadores , como a ampliação da carga horária, flexibilização do ensino e a divisão em módulos, como também um ensino voltado ao interesse dos alunos.	5 6 7
Por outro lado , é assustador aceitar o fato de algumas disciplinas que tem a ver com a formação do indivíduo , como a Arte e a Educação Física, deixarem de ser obrigatórias . É preocupante pensar que os professores poderão ser contratados sem concurso e lecionar em disciplinas que não é a sua área . É triste pensar que apenas só terão condições de oferecer uma das cinco áreas criadas. É de se prever que o estudante , na sua dura realidade em que vivemos, terá que faltar as aulas , pois precisa trabalhar.	8 9 10 11 12 13
[SbT mínimo 2]	
É impossível não pensar como realmente será essa reforma , visto que na teoria é uma coisa , mas, e na prática ? Haverá verbas suficientes para tamanho feito já que o governo quer congelar os gastos por 20 anos?	14 15 16
Entre o que se sonha e o que é possível, há uma grande diferença . Creio que as escolas públicas não darão nem conta do mínimo, o que vai piorar ainda mais a educação no Ensino Médio .	17 18

Análise

Artigo de opinião 11	<i>A reforma do Ensino Médio</i>
Quant. de SegTs mínimos	2
Hierarquia Tópica	
Quant. de QTs	1
Níveis de hierarquização tópica	2
Representação	Tópico (global): <i>Proposta de reforma do Ensino Médio gera controvérsias</i> Tópico 1: <i>Reações controversas suscitadas pela reforma imposta pelo governo (SegT 1)</i> Tópico 2: <i>Reforma cumprirá com suas finalidades? (SegT 2)</i>
Linearidade Tópica	SegT 1 > SegT 2: continuidade tópica

Curso: Letras Português

Período: 6º

Data: 2º semestre de 2016

Número do artigo de opinião: 12

Educação de qualidade: Novo Ensino Médio?

[SbT mínimo 1]

A medida Provisória (MP) nº 746/2016, que promove **alteração no ensino médio** já foi aprovada pelo Congresso Nacional e sancionada pelo presidente da República, tal MP tem sido vista e defendida por **muitos cidadãos** como a **“salvação” da educação** brasileira, que apresenta hoje **um índice educacional muito abaixo** do que se espera de um país com alto potencial de crescimento, como é o caso do Brasil. Porém, acredito que essa MP não irá elevar **o índice educacional** de nosso país, pois apresenta **na sua base ideias contrárias** e incapazes de modificar a educação brasileira, ideias como: **ensino profissionalizante, professores atuando em áreas afins e disciplinas sendo trabalhadas dentro de outras disciplinas** é que fazem **ser contra o novo ensino médio**.

A MP, propõe que **os estudantes** saiam do **ensino médio** direto **para o mercado de trabalho**, oferecendo assim **um ensino médio profissionalizante**, onde **o aluno** irá estudar além das **disciplinas obrigatórias** – Português, Matemática e Inglês – **apenas disciplinas do seu interesse**, disciplinas com as quais se identifiquem. No entanto, não quer dizer que **se o** aluno estudar apenas o que goste, quando terminar **o ensino médio** irá ingressar direto **no mercado de trabalho**, pois tal mercado não dispõe de vagas suficientes para atender a todos os estudantes no mais, o aluno não irá estudar aquilo que goste, mas sim as disciplinas que sua escola irá ofertar. Na verdade, a MP quer “criar” **jovens conformados com sua vida, seu trabalho**, que tornar **desses jovens, seres mecanizados, incapazes de criticar** e lutar por **uma vida melhor**.

[SubT mínimo 2]

Como já foi citado, **no novo ensino médio**, somente **as disciplinas** de Português, Matemática e Inglês serão **obrigatórias**, porém **disciplinas** como física, biologia e geografia não deixarão de existir, mas **qualquer professor** poderá ministrar **as disciplinas** que **não são obrigatórias**, desde que apresente **experiência na disciplina**. A MP, não quer elevar o índice da educação brasileira, como defende, propõe **uma reforma no ensino médio**, mas quer contratar **qualquer professor** para trabalhar **as disciplinas não obrigatórias**, apenas apresentando afinidade com a disciplina. Será que um professor com formação em história, irá dominar a química, por exemplo? Dificilmente sim. **O estudante**, por exemplo, que quer se preparar para **o mercado de trabalho** – com **o ensino profissionalizante** – e que tem afinidade com a química, não irá sair do **ensino médio** preparado para atuar na área de química, pois seu professor, que não era formado em química, não dominava ou não dominava pouco a disciplina.

[SubT mínimo 3]

Não obstante, além de qualquer professor ministrar as disciplinas não obrigatórias, **as disciplinas de artes, filosofia e sociologia** poderão ser **estudadas dentro de outras disciplinas ou área, como temas transversais**. A MP, propõe, como já mencionei, elevar o índice da educação do Brasil, mas como **o aluno** irá desenvolver **seu lado crítico** sem estudar filosofia ou sociologia, por exemplo? Será que o professor de matemática, por exemplo, irá trabalhar temas dessas disciplinas na sua aula? Dificilmente. **O aluno** irá sair do **ensino médio** com **uma má formação, com várias deficiências em algumas áreas**, e, se não conseguir um emprego para área na qual se “profissionalizou”, ainda estará despreparado para atuar ou concorrer em outras áreas.

[SubT mínimo 4]

De acordo com o que foi exposto, acredito que **a reforma do ensino médio**, proposta pela MP, não irá elevar **o índice de educação brasileira**. **O índice educacional do país** do irá elevar, quando **os nossos governantes** investirem **na base da educação brasileira**, ou seja, **no ensino primário**. Se **o aluno** tiver **boa formação** ainda criança, quando sair do **ensino médio**, **esse mesmo aluno** será **um cidadão crítico e não um ser mecanizado**, como podemos verificar nas “entrelinhas” da MP, e, estará

preparado para atuar em qualquer área do mercado de trabalho e não limitado em apenas uma área como propõe o novo ensino médio.	42 43

Análise

Artigo de opinião 12	<i>Educação de qualidade: Novo Ensino Médio?</i>
Quant. de SegTs mínimos	4
Hierarquia Tópica	
Quant. de QTs	2
Níveis de hierarquização tópica	3
Representação tópica	Tópico (global): <i>Reformulação do Ensino Médio garantirá educação de qualidade?</i> Tópico 1: <i>Aspectos controversos da Medida Provisória que impedem a elevação da qualidade da educação no Brasil</i> Tópico 1.1: <i>Ensino profissionalizante (SegT 1)</i> Tópico 1.2: <i>Atuação de professores em áreas afins (SegT 2)</i> Tópico 1.3: <i>Disciplinas poderão ser trabalhadas como temas transversais (SegT 3)</i> Tópico 2: <i>Reforma não elevará a qualidade da educação (SegT 4)</i>
Linearidade Tópica	SegT 1 > SegT 2: continuidade tópica SegT 2 > SegT 3: continuidade tópica SegT 3 > SegT 4: continuidade tópica

Curso: Letras Português

Período: 6º

Data: 2º semestre de 2016

Número do artigo de opinião: 13

A Reforma do Ensino Médio	
[SbT mínimo 1]	
Recentemente, o governo federal editou uma medida provisória instituindo mudanças no ensino médio do país . Entretanto, essa medida previa o fim da obrigatoriedade de algumas disciplinas do ensino curricular anual, além do ensino médio em tempo integral . O fato teve grande repercussão e gerou uma onda de protestos .	1 2 3 4
Foi proposto, o fim da obrigatoriedade de algumas disciplinas , por exemplo, artes e educação física, ambas essenciais para o desenvolvimento físico e mental do aluno . Tais disciplinas ajudam no crescimento humanitário, são importantes , logo deveriam ser obrigatórias no currículo .	5 6 7
[SbT mínimo 2]	
Foi proposto também o ensino médio em tempo integral , sendo assim, de quatro passará para sete horas diárias , levando como exemplo países como desenvolvidos como Japão e Estados Unidos. Porém, a estrutura da educação brasileira é precária , ou seja, os alunos passarão mais tempo nas escolas, mas, sem garantia de qualidade nas salas e na merenda .	8 9 10 11
[SbT mínimo 3]	
Enfim, sabe-se que a educação brasileira necessita de reforma , mas, antes de fazer quaisquer mudanças deve-se analisar as condições do país , porque para pôr em prática novas propostas devemos analisar se elas condizem com a nossa realidade . Uma boa solução seria diminuir a carga horária das disciplinas em vez de acabar com elas, e criar projetos educacionais, assim o aluno não seria privado de disciplinas tão importantes.	12 13 14 15 16

Análise

Artigo de opinião 13	<i>A Reforma do Ensino Médio</i>
Quant. de SegTs mínimos	3
Hierarquia Tópica	
Quant. de QTs	2
Níveis de hierarquização tópica	3
Representação	Tópico (global): <i>Repercussões das mudanças propostas pela reforma do Ensino Médio</i> Tópico 1: <i>Mudanças no Ensino Médio que geram repercussões</i> Tópico 1.1: <i>Fim da obrigatoriedade</i> (SegT 1) Tópico 1.2: <i>Ensino em tempo integral</i> (SegT 2) Tópico 2: <i>Reforma deve considerar realidade brasileira</i> (SegT 3)
Linearidade Tópica	SegT 1 > SegT 2: continuidade tópica SegT 2 > SegT 3: continuidade tópica

Curso: Letras Português

Período: 6º

Data: 2º semestre de 2016

Número do artigo de opinião: 14

A reforma do Ensino Médio	
[SbT mínimo 1]	
Tem havido muitos debates nas escolas, nas televisões, em redes sociais, entre outros meios de comunicações sobre a reforma do Ensino Médio .	1
	2
A medida provisória (MP) do governo federal sobre a reforma curricular do Ensino Médio está em debate . Houve, segundo o governo federal uma adaptação do Ensino Médio, mudanças inclusive no Ensino Superior, o Enem e outras instituições de apoio ao ingresso nas universidades. A intenção é facilitar para os alunos a escolha de suas futuras profissões em busca de uma nova vocação de aprendizagem. Sou contra essa nova reforma do Ensino Médio, porque tira muitas disciplinas curriculares que são de suma importância para os alunos . Artes e educação física, passam a ser obrigatórias nos Ensino Infantil e fundamental, pois o esporte também é educação, claramente nos recentes jogos olímpicos e paraolímpicos. A MP traz um ponto polêmico ao abrir espaço para profissionais com notório saber reconhecido pelos respectivos sistemas de ensino para ministrar conteúdos de áreas afins de sua formação . Infelizmente a educação em nosso país, está em decadência, os alunos sabem seus direitos e esquecem seus deveres. Os professores outra vez serão colocados em segundo plano .	3
	4
	5
	6
	7
	8
	9
	10
	11
	12
	13
	14
[SbT mínimo 2]	
Para concluir, sou contra essa nova reforma do Ensino Médio, a proposta poderá levar a uma precarização do Ensino , com a ênfase maior em uma formação tecnicista em oposição a uma formação crítica dos estudantes . Os professores também perdem melhores condições de trabalho . Por mim permanecia o antigo ensino médio. Queremos ensino de qualidade , que atenda aos anseios e necessidades dos filhos e filhas da classe trabalhadora.	15
	16
	17
	18
	19

Análise

Artigo de opinião 14	<i>A reforma do Ensino Médio</i>
Quant. de SegTs mínimos	2
Hierarquia Tópica	
Quant. de QTs	1
Níveis de hierarquização tópica	2
Representação	Tópico (global): <i>Reforma do Ensino Médio suscita debates</i> Tópico 1: <i>Aspectos controversos da reforma do Ensino Médio</i> <i>Geradores de debates</i> (SegT 1) Tópico2: <i>Proposta de reforma: desastre à educação?</i> (SegT 2)
Linearidade Tópica	SegT 1 > SegT 2: continuidade tópica

Curso: Letras Português

Período: 6º

Data: 2º semestre de 2016

Número do artigo de opinião: 15

Novo Ensino Médio: Avanço ou Retrocesso?	
[SbT mínimo 1]	
Todos sabem que em nosso país , há tempos, observa-se um declínio na educação , pois esta se apresenta estagnada e com previsão de piora. Após todo o “drama” ocorrido no cenário político, o atual presidente Michel Temer, inspirado em modelos adotados em países como Coreia do Sul e Austrália, decide implantar um novo ensino médio como investida de alçar a educação; antes de aceitar tal solução é preciso entendê-la e compreender que uma sociedade não pode ser castrada sob a face de que todos os problemas serão resolvidos com seu revigoramento .	1 2 3 4 5 6
É indiscutível que o atual modelo é falho , porém, é sabido que o mesmo quase não possui amparo governamental e que é ao máximo negligenciado, sendo assim é importante frisar que não será inserindo uma base “filosófica” diferente que a educação começará a reerguer. Não é omitindo a realidade que conseguiremos dar impulso ao ensinamento que como afirma Paulo Freire, pode mudar toda uma sociedade, isto é, a mesma é alicerce de tudo.	7 8 9 10 11
[SbT mínimo 2]	
Devemos destacar que, não é apenas o ensino que encara seus problemas , é a sociedade em geral e como se sabe uma acaba afetando a outra, no caso educacional é de forma negativa , vejamos a vida que a sociedade tem ofertado aos jovens , principalmente aos de baixa renda , é de puro desamparo , e logo estes se veem “obrigado” a ceder a pressão social e ficar na margem de subempregos , apenas para ajudar a sustentar sua família .	12 13 14 15 16
[SbT mínimo 3]	
É perceptível que o que falta é o financiamento e prioridade, deixando boa parte das escolas públicas sucateadas , se o governo não pode manter o atual modelo educacional, o que lhe faz pensar que poderá salvar um novo e de certo modo mais complexo (interrogação). Modelos que funcionam perfeitamente, só que em países com economias desenvolvidas e não em nações de submundo como a nossa. Chega a ser cômico sua implantação , pois é visível que não possuímos estruturas e apoio financeiro suficiente para manter milhões de alunos por oito horas diárias em sala de aula.	17 18 19 20 21 22 23
[SbT mínimo 4]	
Levando-se em conta o que foi observado, podemos perceber que a reforma no ensino médio não é a solução eficaz para a educação pública brasileira, e sim uma fuga , “é” preciso sim buscar metodologias que modificam os índices alarmantes, mas, que tais ações estejam pautadas com a realidade e com a mesma trabalhar não idealizando a realidade de outros que possuem condições bem melhores. O novo ensino médio é uma farsa , um mecanismo de incubação de verdadeiros interesses da classe detentora de poder, é uma forma de promover o analfabetismo e alienação intelectual em massa.	24 25 26 27 28 29 30

Análise

Artigos opinião 15	<i>Novo Ensino Médio: Avanço ou Retrocesso?</i>
Quant. de SegTs mínimos	4
Hierarquia Tópica	
Quant. de QTs	2
Níveis de hierarquização tópica	3
Representação	Tópico (global): <i>Retrocessos da reforma do Ensino Médio</i> Tópico 1: <i>Aspectos impeditores de revigoração da reforma</i> Tópico 1.1: <i>Ausência de amparo governamental (SegT1)</i> Tópico 1.2: <i>Desamparo social aos jovens (SegT 2)</i> Tópico 1.3: <i>Ausência de investimento e sucateamento das escolas Públicas (SegT 3)</i> Tópico 2: <i>Reforma em consonância com a realidade brasileira (SegT 4)</i>
Linearidade Tópica	SegT 1 > SegT 2: continuidade SegT 2 > SegT 3: continuidade SegT 3 > SegT 4: continuidade

Curso: Letras Português

Período: 6º

Data: 2º semestre de 2016

Número do artigo de opinião: 16

Impactos da MP	
[SbT mínimo 1]	
Sabe-se que a busca por mudanças em prol do ensino em nosso país, tem sido uma constante nos últimos anos. Isso por conta do alto índice de reprovação, evasão escolar, e ainda pelo crescimento paulatino dos índices educacionais negativos. Diante desses fatos a MP desponta como uma espécie de feedback a sociedade em geral, propondo mudanças e radicalizando a atual forma de ensino aprendizagem em nosso país.	1 2 3 4 5
[SubT mínimo 2]	
Há muito o que se pensar quanto à significação da MP, porém acredita-se que a mesma ainda necessita de diversas análises a serem realizadas a partir do estudo de diversos fatores, podendo ser esses internos ou externos dentro e fora das escolas. Refletir sobre a etapa mais crítica do ensino básico é algo de grande valia dentro desse anelado movimento, todavia, cremos que não tenha sido levado em conta que a MP poderá beneficiar mais o ensino privado que o público, ou até mesmo possibilitar o aumento das desigualdades sociais. Neste momento de mudanças, é importante lembrar que nem todas as escolas possuem estrutura física adequada, com ambientes acolhedores e dignos de receber tal proposta, com isso, é ainda mais preocupante a qualidade do ensino transmitido por essas escolas. É notório o legível investimento que precisa ser feito, não só na infraestrutura (prédio, escola), mas também nas formações de professores, na inserção de tecnologias que os apoiem e na valorização destes profissionais. Por outro lado, não se sabe quais escolas irão ofertar aos alunos todas as modalidades ou áreas criadas com a MP, bem como, se estas se escolas terão condições de oferecer pelo menos uma, dessas modalidades como área de ciências humanas por exemplo.	6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18
[SubT mínimo 3]	
Assim, observa-se que a MP requer profundas indagações e questionamentos quanto a seus fundamentos e propostas. Deste modo, a mesma tende a ser uma medida “ineficaz” ao partir do ponto de vista de que reprovações ou evasões escolares não se resolve com o aumento da carga horária, sim com investimentos para obter qualidade no mesmo.	19 20 21 22

Análise

Artigo de opinião 16	<i>Impactos da MP</i>
Quant. de SegTs mínimos	3
Hierarquia Tópica	
Quant. de QTs	1
Níveis de hierarquização tópica	2
Representação	Tópico (global): <i>Repercussões da Medida Provisória sobre reforma do Ensino Médio</i> Tópico 1: <i>Medida Provisória: mudanças radicais ao Ensino Médio</i> (SegT 1) Tópico 2: <i>Necessidade de reflexão e análise das conjecturas da MP</i> (SegT 2) Tópico 3: <i>MP: indagações quanto aos propósitos</i> (SegT 3)
Linearidade Tópica	SegT 1 > SegT 2: continuidade SegT 2 > SegT 3: continuidade

Curso: Letras Português

Período: 6º

Data: 2º semestre de 2016

Número do artigo de opinião: 17

“Novo” Ensino Médio: um movimento retrógrado	
[SbT mínimo 1]	
Entre os debates mais intensos que permeiam a sociedade brasileira atualmente, um tema que não pode ser deixado em segundo plano é sobre a reforma no ensino médio , ou seja, o “novo” ensino médio. Sua legalidade se afirma no fato de a educação estar em crise , e que medidas devem ser tomadas urgentemente. Porém, poucos sabem que tal ação é um retorno agravado à década de 90 , onde se gerava uma educação ainda mais incompleta .	1 2 3 4 5
Vivemos atualmente em um estanque educacional , com altos índices de evasão e políticas claramente desfavoráveis, mas, é certo ao declarar que os modelos anteriores e seus resultados são piores e mais falhos que nos dias de hoje. Na década de 90 a educação se dividia entre clássica e científica , onde jovens de baixa renda e com poucas oportunidades se rendiam a carreiras de subemprego , enquanto que os mais ricos focam seus estudos nas áreas que almejam .	6 7 8 9 10
[SubT mínimo 2]	
É o mesmo que acontece agora, promover um retrocesso na educação pública e criar modelos reprodutivos de “indivíduos” não é uma via que deva ser seguida, mas uma fórmula embargada de um monopólio hierárquico com a faceta de ensino profissionalizante . Gerar sujeitos incapazes de pensar, questionar e analisar é claramente um dos interesses da classe dominante, tal diligência quer formar cidadãos conformistas e ocultar a defasagem de um país cuja educação é usada para ascender uma minoria detentora do poder .	11 12 13 14 15 16
[SubT mínimo 3]	
Podemos ainda alçar o fator do país não possuir condições para manter um ensino integral de boa qualidade , este, antes mesmo de ser implantado já apresenta vários lapsos , como a falta de infraestrutura . Pois já que a carga horária irá aumentar, se faz necessário que as salas e toda escola esteja preparada para propiciar ao aluno conforto , bem estar, refeições melhoradas, acesso as tecnologias e incentivo cotidiano para todos, desde o corpo docente aos discentes.	17 18 19 20 21
[SubT mínimo 4]	
Em virtude dos fatos mencionados é se levado a acreditar que voltar aos padrões utilizados e fracassados , não é a solução que a educação brasileira precisa, se faz necessário lidar com a realidade e por meio dela buscar soluções cabíveis . Trabalhar em cima do que já se possui e de fato lançar perspectivas melhoradas e novas , o passado não possui nada novo, e voltar a eles é se prender a mesmice e se condenar aos velhos resultados ; busquemos a verdadeira inovação e não sua idealização.	22 23 24 25 26

Análise

Artigo de opinião 17	<i>“Novo” Ensino Médio: um movimento retrógrado</i>
Quant. de SegTs mínimos	4
Hierarquia Tópica	
Quant. de QTs	1
Níveis de hierarquização tópica	2
Representação	Tópico (global): <i>Reforma do Ensino Médio: retrocesso à educação brasileira</i> Tópico 1: <i>Semelhança entre novo Ensino Médio e educação da década de 90 (SegT 1)</i> Tópico 2: <i>Reforma do Ensino Médio: fórmula de monopólio? (SegT 2)</i> Tópico 3: <i>Ensino integral comprometido pela ausência de infraestrutura nas escolas (SegT 3)</i> Tópico 4: <i>Reforma em consonância com realidade (SegT 4)</i>
	SegT 1 > SegT 2: continuidade SegT 2 > SegT 3: continuidade SegT 3 > SegT 4: continuidade

Curso: Letras Português

Período: 6º

Data: 2º semestre de 2016

Número do artigo de opinião: 18

[SbT mínimo 1]	
Em relação ao novo modelo do ensino médio , discordo da forma como o governo federal encaminhou a nova proposta de Ensino Médio . Em vez de tentar, primeiramente, fazer avançar o projeto de lei sobre a matéria que já está em trâmite no Congresso, fruto da construção mais democrática, ou ao menos, consultar os principais envolvidos, professores, estudantes e responsáveis , resolveu impor um novo sistema via Medida Provisória .	1 2 3 4 5
[SubT mínimo 2]	
É verdade que a MP vai ao encontro de algumas aspirações de educadores , como a ampliação da carga horária, a flexibilização do ensino e a divisão em módulos, bem como o foco num ensino antenado aos interesses dos alunos. Por outro lado, é preocupante aceitar o fato de algumas disciplinas , que têm a ver com a formação do indivíduo , deixarem de ser obrigatórias, como Arte e Educação Física. Conhecimento não ocupa espaço.	6 7 8 9 10
É preocupante saber que professores poderão ser contratados sem concurso e por notório saber . É preocupante perceber que a nova política prescinde mais ainda de recursos . Será triste contatar que uma, duas, dezenas de escolas só terão condições de oferecer, por exemplo, uma das cinco áreas criadas: Linguagens, Matemática, Ciências da Natureza, Ciências Humanas ou formação técnica e profissional. É preocupante prever que o estudante , na dura realidade brasileira , terá que faltar, inclusive, a algumas aulas para trabalhar .	11 12 13 14 15 16
[SubT mínimo 3]	
Com certeza, flexibilizar a grade , oferecer disciplinas optativas e enriquecer o currículo com profissionais do mercado são decisões que podem favorecer o ensino . Neste aspecto, a intenção pode até parecer boa . No entanto, como não pensar no hiato que se cria, no Brasil de todos os governos e este não é nem será exceção . Entre o que se sonha e o que se é possível há, no Brasil, grande diferença no que tange as políticas públicas . Receio que, sem verbas, as escolas públicas darão “mal” conta do mínimo. E, na prática, continuarão tendo uma formação mais sólida e coesa os que puderem frequentar o ensino privado. Veremos os próximos capítulos.	17 18 19 20 21 22 23

Análise

Artigo de opinião 18	<i>Sem título</i>
Quant. de SegTs mínimos	3
Hierarquia Tópica	
Quant. de QTs	1
Níveis de hierarquização tópica	2
Representação	Tópico (global): <i>Avanços e retrocessos da proposta de reforma do Ensino Médio</i> Tópico1: <i>Discordância no encaminhamento da nova proposta de Ensino Médio (SegT 1)</i> Tópico 2: <i>Avanços e retrocessos da reforma do Ensino Médio (SegT 2)</i> Tópico 3: <i>Hiato provocado pela nova proposta do ensino médio (SegT 3)</i>
Linearidade Tópica	SegT 1 > SegT 2: continuidade tópica SegT 2 > SegT 3: continuidade tópica

Curso: Letras Português

Período: 6º

Data: 2º semestre de 2016

Número do artigo de opinião: 19

Reforma do Ensino Médio	
[SbT mínimo 1]	
Nosso país em 2013 teve essa reformulação no Ensino Médio, a qual trouxe muitas insatisfações à população, mas por outro lado, temos muito pontos negativos e positivos. Num país com disparidades econômicas e sociais profundas como o Brasil, a liberdade de escolha das escolas também representa um risco. Regiões em que há falta sistemática de professores de química e física possivelmente optarão por não oferecer o aprofundamento em ciências naturais, para que isso se concretize as secretarias de educação terão de fazer o gerenciamento de ofertas.	1 2 3 4 5 6
[SbT mínimo 2]	
Outro ponto é a formação dos professores, sabemos que eles têm dificuldade para dar uma boa aula, mesmo no nível superficial em que as aulas são demandadas hoje. É evidente que o próprio professor deve se tornar um especialista, para os futuros professores, a formação	7 8 9
[SbT mínimo 3]	
Creio que um ponto positivo seria a participação desses alunos é uma oportunidade de inserção no mercado de trabalho, assim existe a possibilidade do estudante escolher a trajetória de ensino. Sou bem positiva em favor que o ensino médio tenha cursos técnicos.	10 11 12
[SbT mínimo 4]	
Já um fator não tão negativo mais também atrapalharia muito, seria as estruturas das escolas, teria que ocorrer uma boa mudança tanto na parte para receber os professores, como na parte de adaptar os alunos para um período de 7 horas aulas.	13 14 15

Análise

Artigo de opinião 19	<i>Reforma do Ensino Médio</i>
Quant. de SegTs mínimos	4
Hierarquia Tópica	
Quant. de QTs	2
Níveis de hierarquização tópica	3
Representação	Tópico (global): <i>Reforma do Ensino Médio: aspectos positivos e negativos</i> Tópico 1: <i>Reformulação do Ensino Médio: pontos positivos e Negativos</i> Tópico 1.1: <i>Liberdade de escolha das escolas quanto a trajetória formativa dos alunos</i> (SegT 1) Tópico 1.2: <i>Qualificação dos professores</i> (SegT 2) Tópico 1.3: <i>Oportunidade de inserção no mercado de trabalho</i> (SegT 3) Tópico 1.4: <i>Melhorias na estrutura física das escolas</i> (SegT 4)
Linearidade Tópica	SegT 1 > SegT 2: continuidade tópica SegT 2 > SegT 3: continuidade tópica SegT 3 > SegT 4: continuidade tópica

Curso: Letras Português

Período: 6º

Data: 2º semestre de 2016

Número do artigo de opinião: 20

A reforma do ensino médio	
[SbT mínimo 1]	
A reforma do ensino médio , nos moldes apresentados sobre a força bruta de uma medida provisória apresentada pelo executivo nacional é uma clara aventura de Marty Mcfly, uma volta ao passado , mas no sentido de retrocesso para educação pública brasileira, uma vez que, os estudantes serão divididos entre aqueles que não vão ter acesso a um ensino introdutório e aqueles que vão ter acesso a um ensino técnico de baixa qualidade . Voltaremos a época em que a educação era dividida entre clássica e científica que eram dois caminhos que geravam uma educação incompleta já que a demanda era atender as solicitações do mercado financeiro .	1 2 3 4 5 6 7
Somando-se a isto, é clara a visão de que alunos menos favorecidos socialmente e economicamente serão “empurrados” para o curso técnico “profissionalizante” visando algo próximo a sua realidade . Já os alunos em condições favoráveis nadaram em mar aberto com a profissionalização , uma vez que, poderão focar os estudos na área que desejam. Como por exemplo; cálculos, matéria necessária para quem almeja um curso na área de engenharia.	8 9 10 11 12
[SbT mínimo 2]	
Mais do que isso, a MP abre brecha para criar uma flexibilidade no Ensino Médio apresentando aos alunos , aos 16 anos de idade, cinco possibilidades de trajetória : matemática, linguagem, ciências da natureza, ciências humanas e ensino técnico profissionalizante de nível médio. Um erro fatal para nossa sociedade. Nesta etapa da vida escolar , os estudantes não estão preparados para escolher uma trajetória . Eles estão preparados, sim, para escolher as disciplinas . A flexibilidade real seria criar um ciclo básico e criar matéria optativa. Isto é flexível. É lógico que nesse tabuleiro todos estariam em pé de igualdade, tanto cognitivo como discursivo.	13 14 15 16 17 18 19
[SbT mínimo 3]	
A propósito, a função da escola vai muito além das aspirações do mercado e não pode ser confundida com o fim último da educação , que é o homem como ser transformado do meio . A MP propõe a profissionalização compulsória similar a implantada pela ditadura militar cujo resultado catastrófico todos nós conhecemos. No mercado o que serve hoje pode não servir amanhã. Os avanços tecnológicos passarão a exigir novas competências e o aluno que não tiver uma formação básica sólida vai dançar, por que não conseguiu se adaptar as novas exigências . Subordinar a educação as necessidades do mercado significa aceitar a competência capitalista e negar uma concepção politécnica de educação estruturada no senso crítico e na reflexão.	20 21 22 23 24 25 26 27
[SbT mínimo 4]	
Em outras palavras, a MP do ensino Médio foi construída sob uma batuta ditatorial onde não leva em considerações os conselhos estaduais e municipais de educação. Desde 2013 circula no Congresso Nacional uma PL que reflete sobre os novos rumos e desafio que o ensino médio deve percorrer. A falta de avanço é o espelho da sociedade negando em parte algo que não se adequa as realidades de cada estado , mas nesse ponto os conselhos têm voz e vez . Propor a obrigatoriedade apenas do ensino de língua portuguesa e matemática nos três anos do ciclo é, na prática, liberar os estados do esforço de contratar professores de física, química, etc. ao mesmo tempo em que libera as universidades e institutos públicos de formar esses profissionais .	28 29 30 31 32 33 34 35
[SbT mínimo 5]	
Para finalizar, quero deixar claro como um dia de verão que sou totalmente contra esse modelo de reforma do ensino médio , empurrado de goela abaixo por um governo ilegítimo, golpista sem	36 37

compromisso com a continuidade acadêmica , principalmente das pessoas de baixa renda . A	38
decorrência natural deste quadro se traduzirá numa oferta pautada não nos interesses e necessidades	39
dos estudantes, mas nas limitações de oferta dos sistemas com o risco de termos um verdadeiro	40
apartheid escolar no país . Isso sem levar em consideração os fatores sociais que obrigam uma parcela	41
significativa dos jovens a buscar instrução escolar no contra turno do horário comercial. O risco a	42
longo prazo em minha concepção chega a ser de propagação vulcânica , dado que o jovem que hoje é	43
angariado de receita para sua família e sempre buscará o caminho mais curto para o dinheiro e se	44
sobrar tempo buscará a educação superior . Afastando-se do verdadeiro nível de graduação acadêmica.	45

Análise

Artigo de opinião 20	<i>A Reforma do Ensino Médio</i>
Quant. de SegTs mínimos	5
Hierarquia Tópica	
Quant. de QTs	1
Níveis de hierarquização tópica	2
Representação	Tópico (global): <i>Reforma do Ensino Médio: retrocesso para a educação pública brasileira</i> Tópico 1: <i>Reforma do Ensino Médio: um retrocesso à educação pública (SegT 1)</i> Tópico 2: <i>Inconsistência da flexibilidade proposta pela reforma do Ensino Médio (SegT 2)</i> Tópico 3: <i>Ensino profissionalizante similar ao proposto no período da ditadura militar (SegT 3)</i> Tópico 4: <i>Desconsideração dos conselhos estaduais e municipais de educação (SegT 4)</i> Tópico 5: <i>Consequências da reforma descompromissada com a formação acadêmica (SegT 5)</i>
Linearidade Tópica	SegT 1 > SegT 2: continuidade tópica SegT 2 > SegT 3: continuidade tópica SegT 3 > SegT 4: continuidade tópica SegT 4 > SegT 5: continuidade tópica

Curso: Letras Português

Período: 6º

Data: 2º semestre de 2016

Número do artigo de opinião: 21

A reforma do ensino médio	
[SbT mínimo 1]	
Tomar posicionamento em relação ao assunto da reforma do ensino médio é criar autonomia para enfrentar os questionamentos acerca do tema . O que todos sabemos é que o ensino médio precisa sim de uma reforma , visando erradicar, por exemplo, a falta de interesse e evasão dos alunos .	1 2 3 4
[SbT mínimo 2]	
Essa nova reforma promete uma revolução no 2º grau (ensino médio) e uma adequação de acordo com o que o aluno “escolher” . O governo quer nos convencer que já foi aprovado e que funciona perfeitamente em países como França e Inglaterra, logicamente comparar a educação do Brasil com tais países seria irônico, uma vez que nossas mazelas sociais e políticas são muito piores, a crise educacional a cada ano aumenta de modo alarmante.	5 6 7 8 9
[SbT mínimo 3]	
O governo “assegura” que irá disponibilizar fundos para ajudar as escolas , mas somos sabedores que tal afirmação não ocorre de fato. O governo promete mas acaba contando a mesma desculpa: Não tem dinheiro . Como nos convencer de algo sendo que já foi estabelecido o congelamento dos gastos para a educação? O sistema educacional é precário e está “enjessado”. Não se investe na estrutura e de fato não existe interesse, o maior interesse é apenas “enrolar” ter o diploma de ensino médio e apenas para ter “mão de obra barata e abundante” .	10 11 12 13 14 15
[SbT mínimo 4]	
Diante das informações citadas, podemos afirmar que usar medidas paliativas seria o mesmo que “tapar o sol com a peneira”: Antes de formar profissionais é necessário forma ser humano. O maior problema da educação não é o currículo , não adianta concertar o que por construção não dá certo. Temos que repensar a educação .	16 17 18 19

Análise

Artigo de opinião 21	<i>A Reforma do Ensino Médio</i>
Quant. de SegTs mínimos	4
Hierarquia Tópica	
Quant. de QTs	2
Níveis de hierarquização tópica	3
Representação	Tópico (global): <i>Questionamentos suscitados pela reforma do Ensino Médio</i> Tópico 1: <i>Posicionamento em relação à reforma</i> (SegT 1) Tópico 2: <i>Promessas propostas pela reforma do Ensino Médio</i> Tópico 2.1: <i>Revolução no Ensino Médio</i> (SegT 2) Tópico 2.2: <i>Auxílio financeiro para as escolas</i> (SegT 3) Tópico3: <i>Reforma: solução dos problemas educacionais brasileiros?</i> (SegT 4)
Linearidade Tópica	SegT 1 > SegT 2: continuidade tópica SegT 2 > SegT 3: continuidade tópica

Curso: Letras Português

Período: 6º

Data: 2º semestre de 2016

Número do artigo de opinião: 22

[SbT mínimo 1]	
Após o processo de impeachment da então presidenta Dilma Rousseff, diversas questões vem sendo levantadas pelo governo que fora instituído. Entre essas questões encontra-se aquela que discutiremos nesse artigo, a reforma do Ensino Médio . Desde já quero deixar claro que não sou contra essa reforma, mas reconheço que “a reforma precisa de reformas” .	1 2 3 4
[SbT mínimo 2]	
A qualidade na educação no Brasil é vergonhosa se comparada a dos países desenvolvidos, escolas com péssimas estruturas , que colocam em risco a integridade física da comunidade escolar , professores desvalorizados que se sentem desmotivados a dar uma aula de qualidade , são alguns dos fatores que contribuem para essa missão . Em meio a tudo isso, nasce uma tentativa de melhorar o ensino médio , o programa que é chamado de Ensino Médio inovador .	5 6 7 8 9
A proposta de maneira geral é dar mais liberdade ao aluno para que ele escolha a área de conhecimento que tem mais afinidade e deseja evoluir. Dessa maneira, o aluno só irá estudar as matérias que dizem respeito aquela área de conhecimento.	10 11 12
[SbT mínimo 3]	
No entanto, faz-se necessário ressaltar que a MP que trata da alteração no ensino médio, não traz mudança alguma no Enem . Mas porque seria necessário alterar a política de aplicação do exame? Pensa comigo, um aluno escolhe, por exemplo, a área de linguagens para estudar durante os três anos de ensino médio, como esse mesmo aluno poderia se sair bem em uma prova que abrange todas as outras áreas, com as quais ele não teve contato? O que existe é uma certa desassociação entre o ensino médio e Enem , porém, isso é no mínimo irracional, já que se pensarmos no que é o ensino médio , chegaremos a conclusão de que de uma maneira geral é uma fase de preparação para o curso superior e qual a forma de ingresso em uma faculdade é utilizada hoje no Brasil ? Isso mesmo, o Enem .	13 14 15 16 17 18 19 20 21
[SbT mínimo 4]	
Dessa maneira, a proposta de mudança não é de todo ruim , porém, para que ela dê certo é preciso que ocorram mudanças em todo sistema de ensino , e a principal dessas mudanças deve ocorrer no Enem .	22 23 24

Análise

Artigo de opinião 22	Sem título
Quant. de SegTs mínimos	4
Hierarquia Tópica	
Quant. de QTs	1
Níveis de hierarquização tópica	2
Representação	Tópico (global): <i>Reforma do Ensino Médio demanda “reforma”</i> Tópico 1: <i>Reforma do Ensino Médio requer melhorias (SegT 1)</i> Tópico 2: <i>Ensino Médio inovador: investida em melhorar o ensino (SegT2)</i> Tópico 3: <i>Necessidade de alteração da política de aplicação do ENEM (SegT 3)</i> Tópico 4: <i>Principal aspecto da reforma do Ensino Médio: mudanças no ENEM (SegT 4)</i>
Linearidade Tópica	SegT 1 > SegT 2: continuidade tópica SegT 2 > SegT 3: continuidade tópica SegT 3 > SegT 4: continuidade tópica

Curso: Letras Português

Período: 6º

Data: 2º semestre de 2016

Número do artigo de opinião: 23

A reforma do ensino médio	
[SbT mínimo 1]	
A implementação de um modelo de educação eficaz, capaz de resolver todos os problemas enfrentados pelo sistema de ensino atual, sempre foi um dos objetivos da sociedade brasileira. Não obstante, tal fato se justifica pelo fracasso que tem sido o modelo atualmente empregado: altas taxas de reprovações, alunos desestimulados, professores desvalorizados e grande número de evasões; esse tem sido o cenário atual .	1 2 3 4 5
[SbT mínimo 2]	
Diante disso, o governo instituiu recentemente a reforma do ensino médio , onde objetiva solucionar grande parte dos problemas enfrentados pela educação. Todavia, essa imposição de um novo modelo de educação básica tem causado grande polêmica e dividido opiniões , principalmente por ter sido implantado sem qualquer debate com a sociedade, gerando inclusive protestos pelo país.	6 7 8 9
A proposta é flexibilizar o ensino e aumentar a carga horária dos estudos através do ensino integral . Os professores poderão dar aulas sobre matérias nas quais não tenham formação específica, bastando apenas ter notório conhecimento a respeito das disciplinas; os alunos , por sua vez deverão cursar obrigatoriamente somente as disciplinas português e matemática , as demais poderão ser escolhidas entre três trajetórias : Ciências da natureza, ciências humanas e formação técnica e profissional.	10 11 12 13 14 15
[SbT mínimo 3]	
Sou contra, pois há alguns pontos questionáveis na proposta , principalmente no que diz respeito à formação humanística do indivíduo , tendo em vista que, as disciplinas de filosofia, sociologia e educação física não serão mais obrigatórias no currículo escolar. Essas disciplinas compõem o ensino das artes e cultura, responsáveis por estudar a nossa existência e o mundo que nos rodeia. Nesse entendimento, essas disciplinas compõem o ensino das artes e cultura, responsáveis por estudar a nossa existência e o mundo que nos rodeia , por isso deveriam sim ser obrigatórias, cursadas como português e matemática, sendo essa a composição curricular essencial para a formação de cidadãos conscientes e críticos de sua realidade .	16 17 18 19 20 21 22 23
[SbT mínimo 4]	
Diante do exposto, fica clara a pretensão do governo em oferecer um ensino preocupado somente em qualificar pessoas para o mercado de trabalho . A tática ao que parece é, formar alunos automatizados , sem senso crítico, passíveis e alienados. Essa estratégia reflete principalmente no desenvolvimento político da nação . No conjunto, o novo ensino médio promete intensificar o ensino , através sobretudo da elevação da carga horária , resta saber se isso será feito nas áreas relevantes para a sociedade e para os alunos.	24 25 26 27 28 29

Análise

Artigo de opinião 23	<i>A Reforma do Ensino Médio</i>
Quant. de SegTs mínimos	4
Hierarquia Tópica	
Quant. de QTs	1
Níveis de hierarquização tópica	2
Representação	Tópico (global): <i>Reforma do Ensino Médio: Solução para os problemas da educação?</i> Tópico 1: <i>Fracasso do atual sistema de educação no Brasil provoca reformulação do Ensino Médio</i> (SegT 1) Tópico 2: <i>Imposição da proposta do “Novo” Ensino Médio: polêmica e divisão de opiniões</i> (SegT 2) Tópico 3: <i>Aspecto questionável da proposta: formação humanística do indivíduo</i> (SegT 3) Tópico 4: <i>Pretensão da proposta: qualificação dos indivíduos para o mercado de trabalho</i> (SegT 4)
Linearidade Tópica	SegT 1 > SegT 2: continuidade tópica SegT 2 > SegT 3: continuidade tópica SegT 3 > SegT 4: continuidade tópica SegT 4 > SegT 5: continuidade tópica

Curso: Letras Português

Período: 6º

Data: 2º semestre de 2016

Número do artigo de opinião: 24

[SbT mínimo 1]	
A proposta da reforma do ensino médio é interessante, retirar matérias que hoje não “servem” ou não interessam aos alunos, e por uma grade curricular onde se pode uma grade curricular onde se pode ter uma escolha da matéria que talvez faça a diferença na vida do estudante, mantendo, é claro uma parte obrigatória. De fato, existem matérias que só estão lá para encher a grade, o caso da física, que para alguém que pensa estudar ou profissionalizar-se, digamos, em letras Português, não servirá. Esta opção de escolha é plausível, a partir do momento em que o adolescente adquirir consciência de seus atos, respeito por si próprio, e uma base familiar desce e alicerçada em bons costumes e, para que possa optar corretamente, pois, esta escolha o acompanhará por toda vida.	1 2 3 4 5 6 7 8 9
[SubT mínimo 2]	
Vivemos hoje em um país atolado, tanto nas áreas humanas quanto na política, temos relatos constantes de adolescentes que espancam ou agridem verbalmente professores a sociedade brasileira está vivendo um momento conturbado com uma inversão de valores absurda, é mais fácil sobreviver na ilegalidade que estudar e se manter através de um emprego formal, estes esquecem que bom emprego se conquista após anos de estudo, ou simplesmente não conhecem a realidade.	10 11 12 13 14
Através desta crítica quero chegar no ponto crucial, quem é, como pessoas sem um histórico de sociedade moralizada fará uma escolha decente de que tipo de profissionalização que querem seguir, a que lhe dará prazer ou a que lhes trará recompensa financeira, sabemos que é raro o caso de união entre estes extremos.	15 16 17 18
[SbT mínimo 3]	
Para que tudo isso se torne melhor, tem que haver uma mudança no comportamento humano, na forma de fazer política, na educação familiar, para que futuramente tenhamos adolescentes capazes de escolher um caminho digno não estou aqui generalizando existem pessoas capazes.	19 20 21

Análise

Artigo de opinião 24	<i>Sem título</i>
Quant. de SegTs mínimos	3
Hierarquia Tópica	
Quant. de QTs	1
Níveis de hierarquização tópica	2
Representação	Tópico (global): <i>Reforma do Ensino Médio: escolha do currículo pode fazer a diferença</i> Tópico 1: <i>Diferenças na vida dos estudantes ocasionadas pelo currículo do novo ensino médio</i> (SegT 1) Tópico 2: <i>Escolhas profissionais das pessoas sem formação humana sólida</i> (SegT 2) Tópico 3: <i>Necessidade de mudança do comportamento humano, moral e familiar</i> (SegT 3)
Linearidade Tópica	SegT 1 > SegT 2: continuidade tópica SegT 2 > SegT 3: continuidade tópica

Curso: Letras Português

Período: 6º

Data: 2º semestre de 2016

Número do artigo de opinião: 25

Brasil, a pátria educadora?	
[SbT mínimo 1]	
Após o conturbado processo de impeachment que culminou no afastamento da “presidenta” do nosso país, o Brasil começou a respirar novos ares. Para aqueles que eram a favor do referido afastamento, foi gerado um clima de novas esperanças, onde suas expectativas foram lançadas no novo governante. Já para aqueles que eram contra o mesmo, o clima era de, nas palavras dos próprios, um golpe. O novo governo vem tentando colocar em prática muitas reformas de cunho social, para assim, tentar tirar o país de uma das maiores (se não a maior) crise de sua história. Entre essas medidas encontra-se aquela que discutiremos: a reforma do ensino médio. Ou seja, o ensino médio inovador. Compreenda caro leitor, esse texto não visa justificar ou condenar o impeachment ou o governo que foi instituído. Mas sim, dar-lhe uma visão alternativa do programa em questão.	1 2 3 4 5 6 7 8 9
[SbT mínimo 2]	
Todos somos sabedores que a qualidade da educação brasileira é no mínimo duvidosa, pondo em cheque aquilo que mais se prega em uma sociedade, a igualdade de direitos, isso em relação aqueles que são menos favorecidos por suas condições econômicas, visto que, aqueles que têm essas condições frequentam escolas particulares. Vejo que a reforma proposta pelo governo, visa em sua essência a melhoria da qualidade de nossa educação. No tocante a ela analisaremos o que chamamos de “Mediotec” que é a proposta de o ensino médio já estar integrado a uma formação técnica profissionalizante, fazendo com que os alunos já saiam da escola preparados para a vida profissional.	10 11 12 13 14 15 16 17
[SbT mínimo 3]	
É uma proposta muito bonita e que funciona perfeitamente, mas somente no papel. É claro aos olhos de qualquer cidadão brasileiro que não existe mercado para novos profissionais. Uma pesquisa recente do IBGE confirma essa visão, atualmente quase 12 milhões de brasileiros estão desempregados, e se os trabalhadores que já estão no mercado de trabalho estão sendo demitidos, onde os novos, formados pelo Mediotec serão inseridos? É uma pergunta de resposta óbvia, eles ficarão a margem do mercado, sem oportunidades de colocar a sua formação profissional em prática.	18 19 20 21 22 23
[SbT mínimo 4]	
Que fique claro que não sou contra a referida reforma, compreendo que ela tem uma proposta interessante, mas que precisa ser adequada a sociedade do nosso país. É chegada a hora de tirarmos os olhos dos problemas e começarmos a focar nas soluções. Vivemos uma crise, e só através da educação podemos superá-la.	24 25 26 27

Análise

Artigo de opinião 25	<i>Brasil, a pátria educadora?</i>
Quant. de SegTs mínimos	4
Hierarquia Tópica	
Quant. de QTs	1
Níveis de hierarquização tópica	2
Representação	Tópico (global): <i>Reforma do Ensino Médio: solução para a educação no Brasil?</i> Tópico 1: <i>Visão alternativa acerca da proposta de reforma do Ensino Médio (SegT 1)</i> Tópico 2: <i>Proposta de reforma do Ensino Mediotec (SegT 2)</i> Tópico 3: <i>Ensino Mediotec: funcionamento apenas no papel (SegT 3)</i> Tópico 4: <i>Adequação da proposta à realidade do país (SegT 3)</i>
Linearidade Tópica	SegT 1 > SegT 2: continuidade tópica SegT 3 > SegT 4: continuidade tópica

Curso: Letras Português

Período: 6º

Data: 2º semestre de 2016

Número do artigo de opinião: 26

Ensino Médio: um futuro de incertezas	
[SbT mínimo 1]	
O discurso do governo federal é que a reforma do ensino médio é de suma importância para combater a evasão escolar , como se um assunto tão importante precisasse ser mudado radicalmente do dia para a noite por meio de uma medida provisória, parece que o novo governo quer mostrar serviço a qualquer custo, sem se preocupar com o certo ou errado. Na verdade, acredito que essa reforma deverá ser melhor debatida , observando o ensino desde o fundamental para que os alunos fossem melhor preparados para enfrentarem o ensino médio . Segundo alguns estudos os maiores índices de desistência escolar , acontecem no primeiro ano do ensino médio , muito por das péssimas formações dos professores , e a falta de estrutura das escolas de ensino fundamental .	1 2 3 4 5 6 7 8
Ainda nos dias de hoje as escolas de ensino fundamental sofrem com a falta de estrutura , muitos não dispõem de biblioteca, laboratórios de informática, as salas de aulas não são climatizadas e os materiais didáticos são insuficientes. Ainda contam também com professores mau capacitados e mau remunerados , tudo isso, torna incoerente a reforma do ensino médio sem antes pensar em resolver as deficiências do ensino fundamental.	9 10 11 12 13
[SbT mínimo 2]	
A nova reforma prevê também a retirada da obrigatoriedade de algumas disciplinas do currículo escolar (como Filosofia, Sociologia, Física e Artes), com isso, segundo o ministério da educação os alunos iriam se interessar mais pelos estudos , pois os mesmos escolheriam apenas as disciplinas de interesse para a sua formação , diminuindo assim as demandas de estudo , com isso tornando a estadia em sala de aula menos cansativa , as aulas ficariam mais atraentes , e por consequência, a total diminuição da evasão escolar .	14 15 16 17 18 19
[SbT mínimo 3]	
Junto com a reforma o MEC também quer implantar a escola de tempo integral , dobrando para o aluno o estudo das mesmas disciplinas já vistas no primeiro período do dia, fazendo com que o ensino que já é cansativo se torne mais cansativo ainda, isso no meu modo de vê é um grande equívoco , pois o Ministério da Educação deveria utilizar todas as disciplinas antes obrigatórias distribuídas nos dois períodos, aumentando assim o leque de conhecimento dos alunos , tornando a escola de tempo integral de fato em educação integral , fomentando nos alunos o real e espontâneo desejo de querer aprender .	20 21 22 23 24 25 26

Análise

Artigo de opinião 26	<i>Ensino Médio: um futuro de incertezas</i>
Quant. de SegTs mínimos	3
Hierarquia Tópica	
Quant. de QTs	1
Níveis de hierarquização tópica	2
Representação	Tópico (global): <i>Reforma do Ensino Médio: incertezas e fragilidades</i> Tópico 1: <i>Reforma do Ensino Médio no combate à evasão escolar (SegT 1)</i> Tópico 2: <i>Não obrigatoriedade de algumas disciplinas do currículo escolar (SegT 2)</i> Tópico 3: <i>Implantação de escolas em tempo integral (SegT 3)</i>
Linearidade Tópica	SegT 1 > SegT 2: continuidade tópica SegT 2 > SegT 3: continuidade tópica

Período: 6º

Data: 2º semestre de 2016

Número do artigo de opinião: 27

O novo Ensino Médio	
[SbT mínimo 1]	
Sinto-me inconformista em relação a nosso governo federal, governo este antidemocrático que suprime os direitos individuais em relação a MP que aprovou a implementação do projeto de reforma no âmbito educacional, projeto este que segundo nossos governantes manipuladores já vem sendo debatido desde 2013 no Congresso. Primeiramente, em vez de tentar analisar tal projeto que já tinha suas discussões iniciais dentro do parlamento, nossa esfera regente dita através de uma MP que haverá uma aposentadoria do atual sistema de escolarização no Ensino Médio, sem ao menos consultar os professores, estudantes e responsáveis da área.	1 2 3 4 5 6 7
[SubT mínimo 2]	
É verídico que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação criados em (1996) e a implementação do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), vem sendo apresentado através das mídias informativas fragmentos que revelam um debate a respeito de um possível projeto e que o mesmo vai ao encontro de algumas aspirações de educadores , como a ampliação da carga horária, a flexibilização do ensino e a divisão de módulos, bem como o foco em um ensino voltado para os interesses dos discentes , porém vale ressaltar que é inquietante concordar com o fato de que algumas disciplinas que fazem parte da formação do pleno desenvolvimento intelectual e profissional do indivíduo como Arte e Educação Física deixarão de ser obrigatória nas instituições de Ensino, visando os fatos apresentados até então, a um velho ditado que contrapõe essa MP, que nos diz: “Conhecimento nunca é demais”.	8 9 10 11 12 13 14 15 16
Portanto é inquietante prever que com essa MP em vigor professores poderão ser contatados sem concurso e notório saber , já que com esse novo projeto o mercado fomentará a privatização das escolas e a terceirização de seus profissionais. É assustador perceber que essa nova política educacional não abrirá espaço para as ideias daqueles que um dia fizeram parte da reforma anterior a MP. Também será triste constatar que uma, duas, dezenas de escolas só terão condições de oferecer, por exemplo, uma das cinco áreas criadas. É preocupante prever que o estudante , na dura realidade brasileira, terá que faltar, inclusive, algumas vezes para trabalhar.	17 18 19 20 21 22 23
[SubT mínimo 3]	
Em virtude dos fatos expostos, me recuso a assentir com essa MP que rasga as metas do PNE , ao mesmo tempo em que atacam nossas conquistas , este governo golpista demonstra não apenas seu cinismo, como também um notório desconhecimento da realidade brasileira, das necessidades de nossos estudantes e dos meios necessários para que superemos os inúmeros desafios educacionais.	24 25 26 27

Análise

Artigo de opinião 27	<i>O novo Ensino Médio</i>
Quant. de SegTs mínimos	3
Hierarquia Tópica	
Quant. de QTs	1
Níveis de hierarquização tópica	2
Representação	Tópico (global): <i>Reforma do Ensino Médio: inconformismo e inquietações</i> Tópico 1: <i>Inconformismo gerado pela aprovação da reforma do Ensino Médio (SegT 1)</i> Tópico 2: <i>Aspectos inquietantes da Reforma do Ensino Médio (SegT 2)</i> Tópico 3: <i>Desaprovação da Medida Provisória da reforma do Ensino Médio (SegT 3)</i>
Linearidade Tópica	SegT 1 > SegT 2: continuidade tópica SegT 2 > SegT 3: continuidade tópica

Curso: Letras Português

Período: 6º

Data: 2º semestre de 2016

Número do artigo de opinião: 28

Estrutura para a reforma [SbT mínimo 1]	
Entre as muitas discussões que permeiam o cenário político educacional brasileiro, a reforma do ensino médio tem ganhado ênfase notória. Sendo um debate, cujo dois lados apresentam pontos de vista críticos, a MP que explana o Novo Ensino Médio, tende a polemizar justamente por suas medidas voltadas para o aumento de carga horária e poder de escolha do estudante. Um ensino democrático deve apresentar como vertente de vivência a capacidade de escolha, a compreensão daquilo que é melhor para si mesmo, assim deve funcionar uma educação futura. A MP do Novo Ensino Médio, busca alinhar qualidade de ensino com distinção daquilo que se busca como carreira, visto que o ensino motor deixa os estudantes sem muitas opções após a conclusão do ensino médio. Com o novo ensino médio o estudo da língua inglesa em caráter intensivo se torna obrigatório, pois o ministério da educação entende a importância do inglês como sendo idioma universal, e também ponte para estudantes almejarem um emprego que exige proficiência na língua ou um futuro intercâmbio em outro país.	1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12
[SbT mínimo 2] Todavia não existem somente os prós, se por um lado o Novo Ensino Médio fomenta a escolha de disciplinas para a grade curricular do estudante, por outro o mesmo peca em não analisar a situação das escolas públicas, visto que um ensino visionário e futuro também deve dispor de infraestrutura para atender a demanda de estudantes matriculados. Algumas escolas brasileira se encontram em estado deplorável, basta apenas uma busca no google para ratificar o fato de que muitas instituições de ensino estão sucateadas e destruídas, então seria uma tarefa árdua e quase impossível tornar os estudos técnicos e com mais carga horária, dado que alguns centros educacionais não apresentam climatização adequada para épocas quentes do ano, também não há regulação da merenda escolar, para que os estudantes não sintam fome e se desconcentrem, já que a proposta apresenta uma carga horária anual de pelo menos mil horas.	13 14 15 16 17 18 19 20 21 22
[SbT mínimo 3] É plausível enxergar os benefícios ligados a reforma de ensino, pois o Brasil ocupa lugares nada aceitáveis no ranking mundial, esse modelo educacional já é referência em outros países, acredito que trazê-lo para nosso país implica em melhor dividir os 19% do PIB investidos na educação, se tal atitude for tomada pelo poder público é possível que o Novo Ensino Médio venha a funcionar, visto que a nação brasileira leva uma vantagem, pois investe mais na educação que muitas nações do primeiro mundo.	23 24 25 26 27 28
[SbT mínimo 4] A MP do Novo Ensino Médio é uma proposta plausível que visa melhorias na educação, buscando alinhar o ensino médio e técnico ao mercado de trabalho, visando o crescimento da economia, entretanto, ao analisar o estado de muitas instituições de ensino, percebe-se a necessidade de um estudo mais minucioso nos impactos que tal reforma causará. Portanto, minha opinião se pauta em que para que haja reforma na carga horária e na grade curricular do ensino médio, torna-se imprescindível que as escolas tenham o suporte necessário para atender longas horas de aula e planos de disciplinas técnicas voltadas para o mercado de trabalho.	29 30 31 32 33 32 33

Análise

Artigo de opinião 28	<i>Estrutura para Reforma</i>
Quant. de SegTs mínimos	4
Hierarquia Tópica	
Quant. de QTs	1
Níveis de hierarquização tópica	2
Representação	Tópico (global): <i>Reforma do Ensino Médio: inconformismo e inquietações</i> Tópico 1: <i>Polêmicas da reforma do Ensino Médio (SegT 1)</i> Tópico 2: <i>Aspecto desfavorável da reforma do Ensino Médio: infraestrutura escolar para atender as demandas do aluno (SegT 2)</i> Tópico 3: <i>Benefícios da reforma do Ensino (SegT 3)</i> Tópico 4: <i>Necessidade de estudo dos impactos da infraestrutura da escola para reforma do Ensino Médio (SegT 4)</i>
Linearidade Tópica	SegT 1 > SegT 2: continuidade tópica SegT 2 > SegT 3: continuidade tópica SegT 3 > SegT 4: continuidade tópica

Curso: Letras Português

Período: 6º

Data: 2º semestre de 2016

Número do artigo de opinião: 29

A reforma do ensino médio	
[SbT mínimo 1]	
No que concerne a qualidade da educação no nível médio o governo vem lançando a proposta de reforma para o ensino básico regular, especificamente com reformas na grade curricular de disciplinas ofertadas anualmente, visto que o atual sistema e modelo de ensino encontra-se defasado. A inquietude por mudanças foi e está sendo alvo de inúmeros debates e críticas ; mudar este cenário de estagnação no sistema educacional é repensar o futuro de milhões de jovens e conseqüentemente de uma nação , o que deve-se levar em consideração de fato são os resultados e índices altamente negativos como por exemplo, o aumento do fracasso escolar nas disciplinas básicas de formação do indivíduo, português e matemática e elevados índices de evasão e reprovação.	1 2 3 4 5 6 7 8
[SbT mínimo 2]	
Fechar os olhos para estes problemas é contribuir para o fracasso escolar e as desigualdades provenientes de uma educação de má qualidade . Oportunizar meios para que o aluno se prepare para o mercado de trabalho deve partir do princípio da realidade do aluno de acordo com a sociedade na qual está inserida. O ensino técnico integrado já é uma proposta conhecida e adotada por países modelos em educação e estabilidade social que, de maneira gradual deveria ser adotado no Brasil; continuar vivendo a mesmice e a decadência do ensino atual é o mesmo que desistir do país.	9 10 11 12 13 14
SbT mínimo 3]	
É preciso ouvir ambos os lados pois ainda vivemos no país cujo exalta a democracia, mas também é preciso pensar no bem comum, alunos, professores, comunidade escolar como um todo devem estar em comum acordo , analisando todos os pontos desta proposta , para que assim a escola não seja mera reprodutora das desigualdades sociais . Portanto, repensar o sistema de ensino atualmente é abrir os olhos para problemáticas bastantes contundentes que refletem a realidade na qual o país encontra-se nos últimos anos, mudanças são necessárias quando os métodos utilizados não surtem o efeito esperado e por isso medidas radicais precisam ser tomadas.	15 16 17 18 19 20 21

Análise

Artigo de opinião 29	<i>A reforma do Ensino Médio</i>
Quant. de SegTs mínimos	3
Hierarquia Tópica	
Quant. de QTs	1
Níveis de hierarquização tópica	2
Representação	Tópico (global): <i>Reforma do Ensino Médio é necessária</i> Tópico 1: <i>Inquietude por mudanças na educação suscita debates e críticas</i> (SegT 1) Tópico 2: <i>Necessidade de mudança</i> (SegT 2) Tópico 3: <i>Necessidade de análise da proposta de reforma do ensino médio por todos envolvidos</i> (SegT 3)
Linearidade Tópica	SegT 1 > SegT 2: continuidade tópica SegT 2 > SegT 3: continuidade tópica

Curso: Pedagogia

Período: 6º

Data: 2º semestre de 2016

Número do artigo de opinião: 30

A ausência da Geografia nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental	
[SbT mínimo 1]	
O ensino de geografia é muito importante na educação dos anos iniciais do ensino fundamental, pois a mesma faz parte do currículo obrigatório na educação de crianças, jovens e adultos.	1 2
[SbT mínimo 2]	
Assim sendo discutiremos neste artigo sobre a ausência da geografia nos anos iniciais , em especial nos anos iniciais do Ensino fundamental. Em algumas observações em algumas escolas do município de Cruzeiro do Sul, AC constatamos que a Geografia não é trabalhada com a mesma ênfase que Português, Matemática e as demais disciplinas , sendo deixada em segundo plano como uma disciplina de menor importância .	3 4 5 6 7
Os professores que lecionam nos ensinos iniciais em especial o fundamental estão dando os horários que seriam do ensino de geografia para outras disciplinas. Segundo eles a geografia é menos importante , em algumas conversas informais descobrimos que, o ensino de geografia vem ficando em segundo plano e que quando se trabalha a mesma em sala de aula , tem se baseado apenas no método tradicional. Não há uma preocupação com um ensino mais contextualizado e significativo , que leve o aluno a refletir criticamente sobre aqueles conhecimentos que são necessários para sua aprendizagem .	8 9 10 11 12 13 14
[SbT mínimo 3]	
De acordo com CALLAI, (2005), o docente dos anos iniciais da Educação Básica não recebe uma formação específica para ensinar Geografia . Muitas vezes, ele se encontra despreparado frente às propostas dos livros didáticos para esse nível de ensino, oferecidos no mercado. Na prática, o professor costuma trabalhar noções abstratas e/ou vazias , utilizando conceitos que a criança não domina e tem muita dificuldade para entender, uma vez que lhe faltam noções anteriores, essenciais para um real entendimento da matéria apresentada.	15 16 17 18 19 20
[SbT mínimo 4]	
Para romper com a prática tradicional da sala de aula , não adianta apenas a vontade do professor . É preciso que haja concepções teórico-metodológicas capazes de permitir o reconhecimento do saber do outro, a capacidade de ler o mundo da vida e reconhecer a sua dinamicidade, superando o que está posto como verdade absoluta. É preciso trabalhar com a possibilidade de encontrar formas de compreender o mundo , produzindo um conhecimento que é legítimo .	21 22 23 24 25
[SbT mínimo 5]	
Portanto vimos que o ensino de geografia é ausente da realidade dos alunos dos anos iniciais do ensino fundamental das escolas do município de Cruzeiro do sul, pois a mesma vem ficando de fora dando prioridade as demais disciplinas de alfabetização. Esta exclusão do ensino de geografia vem tirando a compreensão de diferentes elementos do mundo , que estão relacionados à diversidade de procedências culturais, lugares e épocas presentes no cotidiano dos alunos .	26 27 28 29 30

Análise

Artigo de opinião 30	<i>A ausência da Geografia nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental</i>
Quant. de SegTs mínimos	5
Hierarquia Tópica	
Quant. de QTs	2
Níveis de hierarquização tópica	3
Representação	Tópico (global): <i>A ausência da Geografia em sala de aula</i> Tópico 1: <i>Importância da Geografia no Ensino Fundamental</i> (SegT 1) Tópico 2: <i>Aspectos corroboradores da ausência da Geografia nos anos iniciais do ensino fundamental</i> Tópico 2.1: <i>Ênfase em Português e Matemática e desvalorização das demais disciplinas</i> (SegT 2) Tópico 2.2: <i>Qualificação docente: ausência de formação específica para ensinar Geografia</i> (SegT 3) Tópico 3: <i>Ruptura da prática pedagógica tradicional vai além da vontade do professor</i> (SegT 4) Tópico 4: <i>Ausência da Geografia na realidade do aluno dos anos iniciais do Ensino Fundamental</i> (SegT 5)
Linearidade Tópica	SegT 1 > SegT 2: continuidade tópica SegT 2 > SegT 3: continuidade tópica SegT 3 > SegT 4: continuidade tópica SegT 4 > SegT 5: continuidade tópica

Curso: Pedagogia

Período: 6º

Data: 2º semestre de 2016

Número do artigo de opinião: 31

Conhecer o lugar em que vive para se compreender o mundo

[SbT mínimo 1]

A **educação** ao longo dos anos passou por **várias transformações** e na era atual dos avanços tecnológicos tem alcançados muitas conquistas que a cada dia tem dado lugar á **uma educação com mais qualidade** e oportunidades de aprendizagens para os indivíduos conquistarem seus espaços e sonhos através da educação. **A responsabilidade** de transmitir **a educação** segundo a Constituição Brasileira de 1988 é **da escola** que se torna **um espaço de aprendizagens**, mais também **de reproduções das desigualdades sociais existentes**. No decorrer dos anos e **na escola contemporânea** sempre é dada **mais atenção ao ensino de matemática e português**, deixando algumas disciplinas como se não tivessem tanta importância quanto às outras do currículo escolar. É o que observamos quanto **ao ensino da disciplina de geografia nas nossas escolas**, principalmente no Ensino Fundamental.

[SbT mínimo 2]

Percebemos que **o tempo destinado ao ensino da geografia é muito menor** comparado ao **de matemática e português** e isso não significa que **a disciplina de geografia** não tenha **importância**, pelo contrário é **de suma importância para o crescimento e formação do indivíduo**. Para Bezerra (2009), **a geografia** é a ciência responsável por elucidar o mundo e suas transformações. No entanto **o ensino de Geografia nas nossas escolas** tem se resumido **em aulas mecânicas e muito monótonas**, cheias de milhares de informações geográficas, mas sem **nenhuma metodologia específica** para que **o aluno** apreenda essas informações, não levam o aluno à curiosidade do espaço em que vive e nem da imensidão e importância de entender o lugar, o espaço em que vive **para compreender o mundo. A geografia** está presente no dia a dia do homem desde o seu levantar, quando vai na padaria **ele** percorre um espaço geográfico, ver prédios e espaços que o rodeia todos os dias, a ida a igreja, ao supermercado, a casa do vizinho, a universidade, a escola, ou seja **a geografia está presente no seu cotidiano**.

Foi **este cenário** que encontramos **em uma escola** quando realizamos **uma pesquisa** através de uma observação em sala de aula em Cruzeiro do Sul para ver como era tratado o ensino desta disciplina que é indispensável à formação do indivíduo. Através **da aula** observada percebemos que não é dada tanta atenção ao **um ensino de Geografia de qualidade, reflexivo e instigador**. Na aula **a professora** “se mostrou um pouco tradicional em seus métodos de ensinar, iniciou a aula fazendo levantamento dos conhecimentos prévios dos alunos de forma bem rápida e logo após pegou um globo terrestre no qual mostrou onde o Brasil ficava localizado e depois escreveu no quadro o continente que o Brasil se encontra localizado, as regiões, os estados, municípios e bairros. Como atividade avaliativa a professora entregou o mapa do país dividido em regiões para pintar de acordo como estava no livro.

[SbT mínimo 3]

A crítica que faço quanto esse tipo **de ensino** é que **ele** não desperta **a curiosidade do aluno**, e que não partiu **da realidade do lugar** em que **o aluno vive**. Trabalhar **no aluno a concepção de espaço** é **muito importante** para dar prosseguimento ao um ensino que desperte habilidades e competências geográficas no aluno para que **ele** se torne **geograficamente alfabetizado**, e isso não percebemos presente nas nossas escolas. **Existe uma grande preocupação e urgência em alfabetizar o aluno quanto à língua portuguesa e matemática**, porém não existe **essa preocupação com o ensino de geografia. A geografia** é uma das disciplinas, cujos conteúdos são importantes **para o desenvolvimento do raciocínio** da criança. Portanto cabe a escola criar oportunidades para **os alunos construírem conceitos voltados à geografia, tais como o tempo e o espaço/lugar. Tal abordagem** nos possibilita pensar **alfabetização e Geografia**, através de **uma articulação teórica** que, sem cair na tentação do álibi do conteúdo.

[SbT mínimo 4]	
O ensino da Geografia não pode ser algo mecânico, superficial , mas um ensino instigador para que o aluno tenha desejo de pesquisar, investigar o espaço em que vive no seu dia a dia para depois conhecer seu bairro, sua cidade, seu estado e seu país. Assim como o aluno precisa ser alfabetizado na Língua Portuguesa , ele precisa ser alfabetizado geograficamente . Ou seja, um aluno que seja capaz de ler o mundo de forma geográfica e que entenda os espaços, a relação homem e natureza , que compreenda a cultura, a sociedade em que vive .	42 43 44 45 46 47
[SbT mínimo 5]	
A escola precisa criar metodologias, meios para estimular no aluno o interesse de compreender seu espaço , como aluno, como cidadão consciente do que está ocorrendo ao seu redor. Porém entendemos que existem vários motivos e desafios a ser enfrentado para que se tenha um ensino de geografia muito mais estimulador e motivador . O que percebemos na pesquisa realizada é que existem alguns fatores que não contribuem para um ensino de qualidade como, por exemplo: as metodologias impotentes , sem muita eficácia, recursos didáticos insuficientes , desmotivação do aluno , ausência do acompanhamento familiar e a não importância que alguns professores dão a Geografia. Portanto o ensino de geografia consiste num fator indispensável para a construção de uma visão de mundo , dando permitindo ao educando a possibilidade de atuar como agente construtor do seu próprio conhecimento.	48 49 50 51 52 53 54 55 56 57

Análise

Artigo de opinião 31	<i>Conhecer o lugar em que vive para se compreender o mundo</i>
Quant. de SegTs mínimos	5
Hierarquia Tópica	
Quant. de QTs	1
Níveis de hierarquização tópica	2
Representação	Tópico (global): <i>Ensino de Geografia: conhecimento do contexto local implica na compreensão do contexto global</i> Tópico 1: <i>Ênfase no currículo em Língua Portuguesa e Matemática em detrimento das demais disciplinas (SegT 1)</i> Tópico 2: <i>Ensino de Geografia: interesse e a compreensão do contexto m que se vive (SegT 2)</i> Tópico 3: <i>Ênfase na alfabetização e desprezo ao ensino de Geografia (SegT 3)</i> Tópico 4: <i>Ensino de Geografia: compreensão do espaço em que se vive (SegT 4)</i> Tópico 5: <i>Desafios do ensino de Geografia (SegT 5)</i>

Curso: Pedagogia

Período: 6º

Data: 2º semestre de 2016

Número do artigo de opinião: 32

Ensino Fundamental e a importância de estudar Geografia	
[SbT mínimo 1]	
O artigo a seguir aborda o ensino de geografia no ensino fundamental e sua relevância no processo de desenvolvimento e aprendizagem do aluno . É notório que as escolas pouco dão importância ao ensino de geografia priorizando o ensino de português e matemática, no entanto estudar geografia nos primeiros momentos da vida do educando dá a ele possibilidades para explicações e expectativa quanto a sua aprendizagem . Ensinar geografia da oportunidade para o indivíduo construir e desenvolver uma melhor compreensão do espaço onde vive .	1 2 3 4 5 6
Diante das disciplinas oferecidas no ensino fundamental é visível que muitos alunos desconhecem as contribuições do ensino de geografia e não sabem como é formado o espaço geográfico do seu cotidiano . Com isso é importante ressaltar os objetivos que a geografia oferece para a formação e construção do cidadão fazendo assim uma leitura do espaço ao seu redor .	7 8 9 10
[SbT mínimo 2]	
Aprendendo a analisar o espaço ao seu redor a criança maximiza a gama de aprendizagem, ela vai ser conhecedora não só do que é didático mas colocar o que aprendeu em pratica tanto física quanto mental, como um quebra cabeça tridimensional, ela vai conseguir enxergar as peças se encaixando ao seu redor . A medida que se ensina a ver e analisar facilita mais ainda a compreensão . Sendo a geografia o estudo da terra , não só a terra física, mas o mundo abstrato que vive o ser, de maneira que este possa se encaixar melhor e aprimorar o meio ao seu redor é importante o sujeito desde cedo saber e compreender esta visão , pois vivemos em um mundo totalmente globalizado em que o volume de informações só cresce cada vez mais acelerado .	11 12 13 14 15 16 17 18
[SbT mínimo 3]	
Entretanto o papel da geografia na escola é propor uma compreensão do ensino geográfico e sua significância no processo educativo não limitando apenas aos mapas, mas valorizando o convívio compreendendo as paisagens o lugar a ser estudado a cultura e etc., assim torna-se necessário que a escola não julgue apenas algumas disciplinas mais importante que outras mas que considere que dentro do processo de alfabetização além de números e letras existe a linguagem geográfica , de modo que seja levado em conta a construção da criança frente a aprendizagem fazendo uma leitura do mundo , maneiras possíveis de ler o espaço em que vive . Por meio do ensino de geografia no ensino fundamental o aluno pode de maneira interessante conhecer o mundo e se conhecer como cidadão que faz parte da construção do mesmo.	19 20 21 22 23 24 25 26 27
SbT mínimo 4]	
Enfim, o ensino de geografia no ensino fundamental só vem contribuir com a formação e aprendizado na alfabetização e desenvolvimento da criança , uma vez que estudando a geografia nos adaptamos melhor e otimizamos nosso tempo de aprendizado fazendo e aprendendo a ler o mundo .	28 29 30

Análise

Artigo de opinião 32	<i>Ensino Fundamental e a importância de estudar Geografia</i>
Quant. de SegTs mínimos	4
Hierarquia Tópica	
Quant. de QTs	1
Níveis de hierarquização tópica	2
Representação	Tópico (global): <i>A importância da Geografia no Ensino Fundamental</i> Tópico 1: <i>Contribuições da Geografia nos anos iniciais do ensino fundamental (SegT 1)</i> Tópico 2: <i>Relevância da Geografia na compreensão sobre o espaço (SegT 2)</i> Tópico 3: <i>Papel da Geografia: compreensão e leitura do espaço em que vive (SegT 3)</i> Tópico 4: <i>Contribuições do ensino da Geografia (SegT 4)</i>
Linearidade Tópica	SegT 1 > SegT 2: continuidade tópica SegT 2 > SegT 3: continuidade tópica SegT 3 > SegT 4: continuidade tópica

Curso: Pedagogia

Período: 6º

Data: 2º semestre de 2016

Número do artigo de opinião: 33

A importância da disciplina de Geografia	
[SbT mínimo 1]	
Será que vale pensar em um ensino de qualidade sem dá a devida importância a disciplina de Geografia em sala de aula? Durante o ensino básico estudamos várias disciplinas que contribuem em nossa formação, porém algumas delas são menosprezadas, ou seja, consideradas menos importante, é o caso da disciplina de Geografia. Sabemos que o ensino de desta é de suma importância no processo de aprendizagem, pois possibilita ao aluno a compreensão do mundo, do lugar onde vive, os costumes de cada região, o estudo de mapas, orientação geográfica, conhecendo variados ambientes e suas características e tudo isso, acaba ampliando os conhecimentos geográficos do aluno. De acordo com Cavalcanti (2002) o ensino de geografia contribui para a formação da cidadania através da prática de construção e reconstrução de conhecimentos, habilidades, valores que ampliam a capacidade das crianças e dos jovens para que compreendam o mundo em que vive e atuam. Desse modo, o aluno se tornará um ser ativo na sociedade, podendo intervir quando necessário, além de poder reconstruir seus conhecimentos.	1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13
[SbT mínimo 2]	
Porém, muitas pessoas acham a disciplina de geografia chata, inútil, ou seja, não dão a devida importância a ela, e para tanto, o ensino se torna insignificante para o aluno. Pois, dentro de sala de aula os conteúdos são passados superficialmente, sem aprofunda-los. Além disso, os professores não se dispõem de recursos didáticos para melhorar as aulas de geografia, por acharem ela não tão importante quanto às demais, dando preferência apenas para as disciplinas de Português e Matemática, na qual os conteúdos são cobrados em avaliações externas.	14 15 16 17 18 19
[SbT mínimo 3]	
Para tanto, podemos dizer que há uma necessidade de alfabetizar o olhar tanto do professor como também dos alunos, para que assim, reconheçam a importância da disciplina no âmbito educacional, e com isso haja um ensino de qualidade. O ensino de geografia deve ser sempre inovador, tendo em vista a nossa realidade, as mudanças que vem ocorrendo a partir de estudos mais aprofundado. Buscando sempre se atualizar com as informações e os dados fornecidos.	20 21 22 23 24
[SbT mínimo 4]	
Cabe ao professor buscar sempre cursos de formação para melhorar sua prática de ensino dentro de sala de aula, dando à devida importância a disciplina de geografia, ou seja, por em prática tudo aquilo visto na teoria, toda experiência adquirida em sua formação, aprendendo a utilizar os meios tecnológicos em sala de aula para poder dinamizar, variando seus métodos de ensino. Cavalcanti (2002) afirma que é preciso que o professor vença sua dificuldade em utilizá-los sem cair em seu fascínio pelo modismo ou pelo apelo ao sofisticada, e se aproprie deles como ferramentas auxiliares em seu trabalho. Para que com isso, melhore o ensino e o aprendizado do aluno. Pois, como sabemos cada aluno aprende de modo diferente e o professor deve estar atento a isso. De acordo com Sant'Anna (1995) para que se obtenha uma aprendizagem eficaz é indispensável, portanto, que se considerem as capacidades de cada um ao solucionar e organizar os procedimentos de ensino. Ou seja, fazer seu planejamento de acordo com as necessidades encontradas em sala de aula.	25 26 27 28 29 30 31 32 33 34 35 36
[SbT mínimo 5]	

Vale ressaltar que um bom professor busca sempre incentivar a criatividade, a curiosidade do educando , fazendo que com isso ele crie gosto pela disciplina . Portanto, podemos dizer que o pensamento do professor , como também o de toda gestão escolar acerca da disciplina é de suma importância para o andamento desta em sala de aula e para que haja um ensino de qualidade .	37 38 39 40

Análise

Artigo de opinião 33	<i>A importância da disciplina de Geografia</i>
Quant. de SegTs mínimos	5
Hierarquia Tópica	
Quant. de QTs	1
Níveis de hierarquização tópica	2
Representação	Tópico (global): <i>A relevância da Geografia no processo de ensino-aprendizagem</i> Tópico 1: <i>Relevância da Geografia para a formação cidadã do aluno</i> (SegT 1) Tópico 2: <i>Menosprezo à Geografia a torna insignificante para o aluno</i> (SegT 2) Tópico 3: <i>Necessidade de alfabetizar o olhar do professor e do aluno para a importância da Geografia</i> (SegT 3) Tópico 4: <i>Formação do professor influencia a valorização da Geografia</i> (SegT 4) Tópico 5: <i>Professor reponsável pelo interesse do aluno</i> (SegT 5)
Linearidade Tópica	SegT 1 > SegT 2: continuidade tópica SegT 2 > SegT 3: continuidade tópica SegT 3 > SegT 4: continuidade tópica SegT 4 > SegT 5: continuidade tópica

Curso: Pedagogia

Período: 6º

Data: 2º semestre de 2016

Número do artigo de opinião: 34

Educação nos anos iniciais: a geografia superficial	
[SbT mínimo 1]	
O Brasil disponibiliza uma educação pública , garantida na Constituição brasileira, de tal forma, que o país a disponibiliza vários níveis gratuitamente, com a possibilidade de o indivíduo conseguir até mesmo uma formação superior gratuitamente . Com todas essas facilidades , é inegável que não tenha seus pontos negativos ou que precisam ser melhoradas neste sistema educacional . Um exemplo disso é o peso que as disciplinas recebem na formação dos alunos , uma vez que, as matérias de português e matemática recebem um tratamento diferenciado , colocando-as em um patamar superior em relação as demais.	1 2 3 4 5 6 7
[SbT mínimo 2]	
Ao se mencionar os anos iniciais, como na primeira, segunda e terceira série do ensino fundamental, as demais matérias são tratadas como complementos para os horários . Para melhor destacar um foco , no decorrer, abordara-se a disciplina de geografia e como esta é analisada e trabalhada nas series mencionadas, pois assim como as demais, sua carga horaria é inferior e seus assuntos são extremamente superficiais .	8 9 10 11 12
[SbT mínimo 3]	
As aulas de geografia nas series iniciais devem ajudar os alunos a “aprender a pensar o espaço . E, para isso, é necessário aprender a ler o espaço , que significa criar condições para que a criança leia o espaço vivido (CALLAI, 2005), logo, é na series iniciais que a criança deve iniciar a construção de seu entendimento do mundo , assim como a capacidade de analisar as situações do seu cotidiano .	13 14 15 16
[SbT mínimo 4]	
O que vemos em sala de aula é que os conteúdos da disciplina de geografia , muitas vezes, acabam se tornando atividade de desenhos para colorir ou recortar, uma das justificativas utilizadas é que devido a carga horaria da disciplinar ser muito reduzida e por não poderem “tocar” nos horários das disciplinas com carga horaria maiores – português e matemática – uma vez que se exigem uma gama de conteúdos e habilidades a serem alcançados pelos alunos nestas duas áreas bem mais que nas outras matérias, restando como “única” opção o trabalho superficial nas demais disciplinas .	17 18 19 20 21 22
[SbT mínimo 5]	
Por ter uma carga horaria menor , e mesmo assim uma quantidade considerável de conteúdo a serem trabalhados, a geografia nos anos iniciais acaba passando apenas como uma introdução e apresentação da disciplina , considerando-se que o aluno aprofundara seus conhecimentos nas series seguintes, quando as matérias começam a terem uma carga horaria maior , com este argumento, os professores das series iniciais limitam-se a trabalhos superficiais . Tem-se em mente, que realmente os anos iniciais é somente para que o aluno se adapte a vida escolar, e logo, que não é necessário utilizar-se de metodologias ou conteúdos “densos” (longos).	23 24 25 26 27 28 29

Análise

Artigo de opinião 34	<i>Educação nos anos iniciais: a geografia superficial</i>
Quant. de SegTs mínimos	5
Hierarquia Tópica	
Quant. de QTs	1
Níveis de hierarquização tópica	2
Representação	Tópico (global): <i>O ensino superficial da Geografia no Ensino Fundamental</i> Tópico 1: <i>Aspectos negativos do sistema educacional brasileiro</i> (SegT 1) Tópico 2: <i>Desvalorização da Geografia: carga horária e conteúdos superficiais</i> (SegT 2) Tópico 3: <i>O papel da Geografia: compreensão do espaço</i> (SegT 3) Tópico 4: <i>Conteúdos limitados a atividades de colorir ou recortar</i> (SegT 4) Tópico 5: <i>Superficialidade no Geografia dos anos iniciais</i> (SegT 5)
Linearidade Tópica	SegT 1 > SegT 2: continuidade tópica SegT 2 > SegT 3: continuidade tópica SegT 3 > SegT 4: continuidade tópica SegT 4 > SegT 5: continuidade tópica

Curso: Pedagogia

Período: 6º

Data: 2º semestre de 2016

Número do artigo de opinião: 35

Entendendo e valorizando o ensino de Geografia	
[SbT mínimo 1]	
Por que o ensino de geografia assim como outras matérias não e valorizado ? A geografia	1
assim como seu ensino esta presente em cada momento de nossas vidas , ela e outras disciplinas são	2
pouco valorizadas , mas como o foco principal aqui e a geografia vamos falar um pouco dela da sua	3
importância e por que ela deve ser mais valorizada no currículo do ensino fundamental .	4
Primeiramente devemos entender que quando falamos em geografia não e apenas de os estados e suas	5
capitais ou um mapa em um livro, a geografia nos ensina como a ler e interpretar o lugar onde	6
vivemos , que e de extrema importância para se viver atualmente nesta sociedade , afinal o que faço	7
em meu lar pode ser igual em outro todo e cada pedacinho da sociedade tem suas próprias formas naturais	8
e culturais, políticas e econômicas, então saber como agir em cada lugar e situação define sua percepção	9
e educação.	10
[SbT mínimo 2]	
Hoje para o ensino de geografia como citado antes e ensinado a ler um mapa, algo que só e	11
cartográfico não faz com que o aluno desenvolva um sentido a mais ou simplesmente um interesse	12
maior do que o aluno precisa e saber olhar, observar, descrever, registrar e analisar tudo o que a geografia	13
pode lhe ensinar afinal a este ensino assim como historia, filosofia e sociologia e uma ciência	14
formadora de opiniões . De inicio notamos que o currículo escolar prioriza o ensino de matemática e	15
português não que ambos não sejam importantes, mas não são os únicos que o estudante necessita	16
dominar . A sociedade exige muito mais das nossas crianças que elas entendam e compreendam	17
exatamente o que são o que podem fazer e o que deve ser feito, e de extrema importância que o	18
professor utilize o que a realidade do aluno mostre para todos eles como perceber e ver o que este	19
presente no seu dia-a-dia , seja ela a historia da região a cultura a hidrografia os fatores físicos da	20
localidade escolar e entornos entre outros.	21
[SbT mínimo 3]	
O mais intrigante e por que a forma de pensar a geografia não mudou qual a justificativa de	22
esse ensino ainda ser tão pouco explorada será devido à culpa do currículo educacional do professor	23
ou simplesmente do lugar onde vive, talvez um pouco de todos, mas talvez o real motivo seja que falte	24
reconhecer o quanto e dinâmico o saber ler o mundo, a vida o saber do outro . Rego 2008 nos diz que	25
o conteúdo que e apresentado na escola com o ensino da geografia pode ser o explicado como individual	26
de cada um e o coletivo onde todos em seu espaço geográfico. Percebemos assim que o ensino de	27
geografia não interfere apenas em ler um mapa , mas sim ler o mundo e como agir nele , não e preciso	28
somente uma linguagem com formas e números mais também uma que ele possa entender	29
geograficamente a si e seu redor entendendo que ele faz parte de algo maior e amplo com infinitas	30
possibilidades.	31
[SbT mínimo 4]	
Para concluir devemos entender então que a geografia usa um método investigativo , fazendo	32
análise a fim de desvendar o espaço e a organização do local onde o discente habita fazendo com que	33
ele seja participativo que compreenda as inter-relações, entendendo a sociedade como um todo cuidando	34
e contribuindo com ela e com a natureza .	35

Análise

Artigo de opinião 35	<i>Entendendo e valorizando o ensino de Geografia</i>
Quant. de SegTs mínimos	4
Hierarquia Tópica	
Quant. de QTs	1
Níveis de hierarquização tópica	2
Representação	Tópico (global): <i>Por uma valorização da disciplina Geografia</i> Tópico 1: <i>Importância da Geografia (SegT 1)</i> Tópico 2: <i>Importância de outras disciplinas para o aluno (SegT 2)</i> Tópico 3: <i>Motivos da pouca exploração da Geografia em sala de aula (SegT 3)</i> Tópico 4: <i>Uso do método investigativo como promoção da compreensão do meio em que se vive (SegT 4)</i>
Linearidade Tópica	SegT 1 > SegT 2: continuidade tópica SegT 2 > SegT 3: continuidade tópica SegT 3 > SegT 4: continuidade tópica

Curso: Pedagogia

Período: 6º

Data: 2º semestre de 2016

Número do artigo de opinião: 36

A desvalorização da disciplina de geografia	
[SbT mínimo 1]	
Durante a formação estudantil da criança as matérias de português e matemática são consideradas de suma importância para o preparo da vida profissional, caracterizada por ser extremamente competitiva, da mesma forma as outras disciplinas também apresentam sua relevância nesta área, mas o que se observa é que as demais disciplinas – como a geografia – ficam em segundo plano em alguns níveis educacionais.	1 2 3 4 5
Aprender geografia é importante, para que a criança desenvolva sua leitura de mundo, saber ler cartografias e entender e respeite seu espaço, para que ele possa se entender como um ser pensante, ativo e passivo na transformação do ambiente, considerando que entender geografia vai além de ler mapas e saber distinguir os tipos de ambientes.	6 7 8 9
[SbT mínimo 2]	
Apesar da importância e contribuição desta disciplina para a construção da cidadania do indivíduo, os órgãos responsáveis não demonstram se importarem com essa matéria, pois percebe-se a inferioridade da carga horária desta disciplina quando se compara com as demais. A desvalorização desta matéria proporciona o ingresso de uma quantidade considerável de pessoas incapazes ou que enfrentam dificuldades quando necessitam realizar atividades relacionadas ao mundo da geografia – como a leitura de mapas. (2º Semestre de 2016).	10 11 12 13 14 15

Análise

Artigo de opinião 36	<i>A desvalorização da disciplina de geografia</i>
Quant. de SegTs mínimos	2
Hierarquia Tópica	
Quant. de QTs	1
Níveis de hierarquização tópica	2
Representação	Tópico (global): <i>O desprestígio da Geografia</i> Tópico 1: <i>Desprestígio da Geografia no currículo escolar</i> (SegT 1) Tópico 2: <i>Desvalorização da Geografia: carga horária</i> (SegT 2)
Linearidade Tópica	SegT 1 > SegT 2: continuidade tópica

Curso: Pedagogia

Período: 6º

Data: 2º semestre de 2016

Número do artigo de opinião: 37

A importância de estudar Geografia	
[SbT mínimo 1]	
Nas últimas décadas é possível notar um avanço significativo no que se refere ao setor educacional do Brasil, que de forma satisfatória vem melhorando a qualidade das escolas, professores e alunos , tendo em vista a relevância que a Educação proporciona para a sociedade . Nesse contexto é importante destacar o papel da Geografia , pois, sabemos que em tempos atrás a Geografia não possuía um certo valor ou não era tão estudada e considerada como importante assim como Português e Matemática. Concomitante a esse processo de transformação na Educação, a Geografia vem mudando também, tornando-se assim um componente curricular primordial na Educação Básica , permitindo de certa forma aos educandos a leitura da vida e do espaço , enquanto sujeitos atuantes na sociedade e no espaço. Desse modo torna-se imprescindível o ensino de Geografia nos anos iniciais do Ensino Fundamental .	1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
[SbT mínimo 2]	
Nessa perspectiva, Callai (2005) propõe uma reflexão acerca da leitura do mundo ao qual estamos inseridos e que modificamos constantemente ´uma vez que uma forma de fazer a leitura do mundo é por meio da leitura do espaço , o qual traz em si todas as marcas da vida dos homens .	11 12 13
É importante compreender que a leitura do mundo ultrapassa a representação cartográfica (embora seja de grande relevância), mas esta deve ser feita considerando o espaço vivido , construído cotidianamente a partir do sentimento de pertencimento ao lugar, de uma identidade cultural, essa leitura inerente ao espaço é resultado de uma interação social, cultural, política e econômica, expressa diariamente. Ou seja, a Geografia é grande facilitadora para a leitura de mundo do indivíduo .	14 15 16 17 18
[SbT mínimo 3]	
Quando coloca em questão o mundo globalizado em que vivemos, o acesso e a velocidade com que se tem acesso às informações entende-se que apenas ler e escrever não são suficientes na busca da construção do conhecimento escolar . É preciso possibilitar aos alunos o entendimento do espaço ao qual estão inseridos . Assim sendo surge à relevância da geografia escolar , com seu papel de permitir o entendimento do mundo , que necessita ser entendido pelos educandos nos anos iniciais do ensino fundamental.	19 20 21 22 23 24
[SbT mínimo 4]	
Não se buscará superestimar a Geografia escolar perante as outras disciplinas , mas compreender o caráter próprio que a Geografia tem no cotidiano escolar de permitir a partir da leitura do espaço, ler sua própria história .	25 26 27
Sendo assim, a Geografia ajuda a criança a se encontrar no mundo , fazendo com que ela possa compreender a sociedade , nos mostrando dessa forma a importância do ensino da Geografia desde os anos iniciais e nos fazendo enxergar que ela precisa ser ensinada aos alunos tanto quanto Português e Matemática.	28 29 30 31

Análise

Artigo de opinião 37	<i>A importância de estudar Geografia</i>
Quant. de SegTs mínimos	4
Hierarquia Tópica	
Quant. de QTs	1
Níveis de hierarquização tópica	2
Representação	Tópico (global): <i>A relevância da Geografia no Ensino Fundamental</i> Tópico 1: <i>Geografia como importante componente curricular na educação básica</i> (SegT 1) Tópico 2: <i>Geografia: facilitadora da leitura do espaço e do mundo</i> (SegT 2) Tópico 3: <i>Ler e escrever não são suficientes para a construção do conhecimento</i> (SegT 3) Tópico 4: <i>O papel da Geografia no cotidiano escolar</i> (SegT 4)
Linearidade Tópica	SegT 1 > SegT 2: continuidade tópica SegT 2 > SegT 3: continuidade tópica SegT 3 > SegT 4: continuidade tópica

Curso: Pedagogia

Período: 6º

Data: 2º semestre de 2016

Número do artigo de opinião: 38

A importância do ensino da disciplina de Geografia	
[SbT mínimo 1]	
Temos observado a importância dada ao ensino das disciplinas de matemática e português , sendo essas disciplinas as que têm maior carga horária e por isso as que são mais mastigadas pelos professores , além de serem consideradas as mais importantes , são também as mais mencionadas nos concursos , e tidas como as principais para uma possível aprovação. Com tudo isso que acontece na educação escolar , ficamos a refletir sobre as demais disciplinas inseridas no currículo , e começamos a pensar nelas como as que não necessitam de tanta importância para o ensino, seja ele ensino infantil, ensino fundamental ou médio e superior.	1 2 3 4 5 6 7
Percebemos a ênfase dada as disciplinas consideradas mais importantes como português e a matemática na matéria da repórter Mariana Tokama – repórter da agência Brasil. Segundo sua reportagem, português e matemática serão os dois únicos componentes curriculares obrigatórios nos três anos do ensino médio, projeto esse que se encontra em medida provisória (MP) assinada pelo presidente Michel Temer.	8 9 10 11 12
[SbT mínimo 2]	
Observando as demais disciplinas curriculares quero destacar a geografia como sendo uma das disciplinas de tanta importância , como as outras compostas no currículo e tidas como obrigatória. A LDB e os PCNs são os documentos mais importantes à educação brasileira, eles regem todas as leis e normas, e se referem ao conhecimento e todos os membros envolvidos. A LDB – Lei de diretrizes e bases regulamenta o ensino básico como também a ele ligado, e como lei deve ser cumprida, ou se espera que seja. Quanto aos PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais funcionam como um modelo a ser seguido pelas escolas, e como modelo não é obrigatório. Porém sua aplicação implica estimular mudanças no ensino , como por exemplo, que o ensino da Geografia deve ser baseado não mais na decoreba , e sim em questões atuais e críticas .	13 14 15 16 17 18 19 20 21
[SbT mínimo 3]	
Ainda percebemos que o ensino de geografia nas escolas dos dias atuais ainda deixa a desejar. Ao observar uma aula de geografia em uma dada escola pública do ensino fundamental da 4º ano de Cruzeiro do Sul, verificamos que o modelo tradicional de ensino ainda continua muito forte , principalmente quando a metodologia usada ainda continua sendo o de transferência de conhecimento e o professor como o detentor de todo conhecimento. Também percebemos o famoso método de decorar como uma forma de ensino , o que faz com que o ensino fique prejudicado, pois não leva o aluno a construir o seu conhecimento e muito menos o faz refletir sobre .	22 23 24 25 26 27 28
[SbT mínimo 4]	
Outro problema visto foi o mencionado no início desse artigo, com a escola priorizando e se dedicando mais ao ensino de português e matemática e dando mais tempo a essas duas disciplinas, deixando as demais com um tempo ínfimo . Vemos isso nos horários destinados a disciplina de geografia sendo 1 horário de uma hora na terça e mais uma hora na quarta, enquanto português e matemática tem todos os dias.	29 30 31 32 33
[SbT mínimo 5]	
Dedico minha atenção agora para a importância do ensino de geografia e suas contribuições para a formação e construção dos conhecimentos necessários aos alunos do ensino fundamental aqui mencionado, especifico que o ensino da geografia é sim tão importante como os das demais	34 35 36

disciplinas e identifico a importância da disciplina de geografia para a formação do aluno como pessoa vivendo no planeta terra, e destaco-a como umas das disciplinas imprescindíveis no ensino básico, é a geografia , pois ela revela os encantos dos diversos lugares ao educando e faz com que esse venha a deslumbrar a terra em que habita de forma precisa, levando-o a conhecer e explorar os diversos lugares de sua habitação, seja sua casa, sua rua, sua cidade, seu país e até mesmo o planeta em que vive	37 38 39 40 41
Portanto venho mensurar que a geografia é sim muito importante para o desenvolvimento intelectual e formação acadêmica , sendo impossível que um cidadão seja bem formado sem ter conhecimentos geográficos.	42 43 44

Análise

Artigo de opinião 38	<i>A importância do ensino da disciplina de Geografia</i>
Quant. de SegTs mínimos	5
Hierarquia Tópica	
Quant. de QTs	2
Níveis de hierarquização tópica	3
Representação	Tópico (global): <i>Relevância da disciplina Geografia</i> Tópico 1: <i>Ênfase do currículo escolar nas disciplinas de Português e Matemática (SegT1)</i> Tópico 2: <i>Geografia requer a mesma importância das demais disciplinas do currículo (SegT 2)</i> Tópico 3: <i>Desafios do ensino da Geografia</i> Tópico 3.1: <i>Ensino baseado no modelo tradicional e de memorização (SegT 3)</i> Tópico 3.2: <i>Ênfase nas disciplinas de Português e Matemática (SegT 4)</i> Tópico 4: <i>linhas: Contribuições do ensino de Geografia (SegT 5)</i>
Linearidade Tópica	SegT 1 > SegT 2: continuidade tópica SegT 2 > SegT 3: continuidade tópica SegT 3 > SegT 4: continuidade tópica SegT 4 > SegT 5: continuidade tópica

Curso: Pedagogia

Período: 6º

Data: 2º semestre de 2016

Número do artigo de opinião: 39

O papel da geografia: Um caminho de formação cidadã	
[SbT mínimo 1]	
Por muito tempo e até mesmo nos dias atuais, o ensino de geografia tem sido limitado e fragmentado , assim, acaba não tendo muita importância na grade curricular das instituições de ensino. Percebemos que ensinar geografia sempre ficou fadado a conteúdos meramente relacionados a leitura de mapas e estudos sobre a terra, dessa maneira vemos a geografia como uma disciplina totalmente tradicional , para muitos alunos, aprender geografia seria meramente decorar o nome das capitais dos estados e dos países. Diante dessa dimensão, a geografia torna-se uma disciplina que se interessa em apenas passar conteúdos pré-determinados do que proporcionar aos alunos o desejo e a capacidade de ler o mundo no qual estão inseridos, sendo estes capazes de interpretar, analisar e compreender os conteúdos trabalhados dentro do âmbito educacional.	1 2 3 4 5 6 7 8 9
[SbT mínimo 2]	
Este artigo tem por objetivo proporcionar uma nova visão sobre o ensino de geografia , sendo ela vista como uma disciplina importante para a compreensão do mundo . Nessa perspectiva, vemos que o ensino de geografia possui grande contribuição no processo de alfabetização , possibilita aos alunos uma nova visão no seu processo de alfabetização, o ensino da geografia desperta a importância de saber ler o mundo , pois é a partir dessa leitura de mundo que passamos a viver em sociedade.	10 11 12 13 14 15
Nessa perspectiva, a geografia nos diz que antes de aprendermos a ler e a escrever é preciso primeiramente saber ler e escrever o mundo no qual estamos inseridos . Dessa maneira, o ensino de geografia transcende a visão tradicional e conteudística que muitos professores e a própria base curricular atribui.	16 17 18 19
[SbT mínimo 3]	
Uma das maneiras para se ler o mundo é através da leitura de espaço. O espaço é construção , é resultante do acontecer humano. Ler o mundo vai muito além da leitura cartográfica , ler o mundo não é apenas saber ler mapas, mas é fazer a leitura do mundo real, o mundo do nosso cotidiano que a cada dia é construído no convívio em sociedade.	20 21 22 23
[SbT mínimo 4]	
O papel da geografia na escola é justamente ler o mundo da vida, ler o espaço e compreender que as paisagens que observamos todos os dias da janela da nossa casa, do trajeto que fazemos para ir à escola, ao supermercado a igreja, etc. tudo o que vemos são resultados da nossa vida em sociedade, paisagens naturais e também aquelas produzidas pela força de trabalho do homem para suprir a satisfação de suas necessidades precisamos e devemos saber compreender o nosso espaço. É nessa perspectiva que a geografia deve ser atribuída , não como uma disciplina decoreba, mas como uma matéria capaz de fazer os alunos sujeitos pensantes , sujeitos que ao se verem no meio social, busquem a autonomia, tornando-se sujeitos participantes e ativos no ambiente social em que vivem, construtores de sua própria história .	24 25 26 27 28 29 30 31 32
[SbT mínimo 5]	
Com relação ao ensino de geografia , percebo que existe uma falta de preparo por partes dos professores , muitas já trabalham no âmbito educacional há bastante tempo e preferem continuar utilizando seus métodos pedagógicos tradicionais . Para que o ensino da geografia aconteça de fato é necessário que haja o desejo de busca por novas metodologias e também colocá-las em prática, trazer para dentro da sala de aula. Percebo que muitos alunos não se sentem motivados a aprender devido a	33 34 35 36 37

forma que o ensino é passado, sendo que estes métodos tradicionais não despertam nos alunos o desejo de aprender.	38
Para que o ensino ocorra de maneira efetiva , os professores devem trabalhar através da interdisciplinaridade , é nesse processo de ligação entre as disciplinas que o professor pode trabalhar a geografia , criando meios para isso, por exemplo, unir o ensino da geografia com as aulas de português e até mesmo de matemática, os docentes devem criar meios capazes de desenvolver o ensino de geografia , possibilitando aos alunos novos horizontes para seu desenvolvimento .	39 40 41 42 43 44
[SbT mínimo 6]	
Portanto, o ensino de geografia , é importante para quem quer pensar, entender e propor a geografia como um componente curricular significativo , capaz de fazer parte da vida escolar do aluno , desde sua incursão na escola. O ensino da geografia auxilia no processo de alfabetização dos discentes, pois acredita-se que antes de aprender a ler a palavra, precisa-se saber ler o mundo, exercitar a visão social que temos sobre a paisagem que nos cerca, ler e compreender o mundo do qual fazemos parte.	45 46 47 48 49 50
[SbT mínimo 7]	
Diante disso, faz-se necessário que os professores despertem em seus alunos o desejo por um olhar mais crítico e reflexivo sobre as coisas que estão a sua volta , possibilitando a eles, através de novas metodologias, o acesso a novas visões de mundo . Através do ensino de geografia pode-se educar o sujeito para viver no espaço no qual ele faz parte, formar cidadãos conscientes de seus atos e conhecedores do lugar em que vivem, torna os alunos seres pensantes, sujeitos que buscam sua autonomia no meio social .	51 52 53 54 55 56

Análise

Artigo de opinião 39	<i>O papel da geografia no ensino fundamental: Um caminho de formação cidadã</i>
Quant. de SegTs mínimos	7
Hierarquia Tópica	
Quant. de QTs	1
Níveis de hierarquização tópica	2
Representação	Tópico (global): <i>Contribuições da Geografia para a formação cidadã do aluno</i> Tópico 1: <i>Desprestígio da Geografia no componente curricular</i> (SegT 1) Tópico 2: <i>Geografia: disciplina de relevância para a compreensão do espaço e do mundo</i> (SegT 2) Tópico 3: <i>Leitura do mundo implica leitura do espaço geográfico</i> (SegT 3)

	Tópico 4: <i>Papel da Geografia: Formação de cidadãos construtores de sua própria história</i> (SegT 4) Tópico 5: <i>Despreparo dos professores e ênfase em metodologias tradicionais</i> (SegT 5) Tópico 6: <i>Geografia como componente curricular significativo</i> (SegT 6) Tópico 7: <i>Necessidade de reflexão e criticidade do aluno sobre o mundo que o cerca</i> (SegT 7)
Linearidade Tópica	SegT 1 > SegT 2: continuidade tópica SegT 2 > SegT 3: continuidade tópica SegT 3 > SegT 4: continuidade tópica SegT 4 > SegT 5: continuidade tópica SegT 5 > SegT 6: continuidade tópica SegT 6 > SegT 7: continuidade tópica

Curso: Pedagogia

Período: 6º

Data: 2º semestre de 2016

Número do artigo de opinião: 40

A importância da geografia na escola	
[SbT mínimo 1]	
Sabemos que a disciplina de geografia é de suma importância nas escolas, a mesma tem a grande necessidade de conhecer o espaço geográfico , ou seja, o espaço que foi produzido pelo homem e que está ao longo do tempo em constante transformação. Assim, a geografia nos anos iniciais tem como objetivo, conhecer o espaço geográfico , tendo um olhar crítico do mundo que está ao seu redor .	1 2 3 4
O objetivo da geografia é que a criança conheça o espaço que está inserida, também permite que ela leia o mundo criticamente , fazendo relações com a sociedade e o grupo social que ela convive. Estudar a geografia é importante , pois a criança aprende a observar e descrever paisagens, ter noções de espaço e conhecer os diferentes grupos sócias que existem em nossa sociedade e representar os lugares onde vivem.	5 6 7 8 9
[SbT mínimo 2]	
É necessário ressaltar, que uma das principais ferramentas da disciplina de geografia é a cartografia , e sabemos também que os livros são fundamentais , eles contém informações que a criança pode explorar e fazer leituras das imagens , mas o docente não precisa necessariamente se basear só pelos livros didáticos , um bom professor utilizar diversos métodos e meios para determinado objetivo.	10 11 12 13
É importante trabalhar na disciplina de geografia todos esses meios e recursos que Cavalcanti (2010) menciona, para uma melhor compreensão e desenvolvimento na questão do ensino e aprendizagem da criança . Para estimular a criança faz se necessário deixar a disciplina mais atrativa , utilizando diversos recursos e meios para obter os objetivos planejados , assim com esses meios sendo praticados é perceptível pelo discente que a criança interage e se desenvolve melhor.	14 15 16 17 18
[SbT mínimo 3]	
Portanto, a disciplina de geografia é tão importante quanto qualquer uma outra, todas devem participar da construção do conhecimento do aluno , sendo que essa disciplina se torna uma ligação entre a criança e o mundo que a rodeia , também é fundamental para que a mesma possa decifrar o espaço e o tempo.	19 20 21 22

Análise

Artigo de opinião 40	<i>A importância da geografia na escola</i>
Quant. de SegTs mínimos	3
Hierarquia Tópica	
Quant. de QTs	1
Níveis de hierarquização tópica	2
Representação	Tópico (global): <i>Relevância do ensino de Geografia</i> Tópico 1: <i>Objetivos do ensino de Geografia nos anos iniciais</i> (SegT 1) Tópico 2: <i>Necessidade do uso de metodologias diversificadas no ensino de Geografia</i> (SegT 2) Tópico 3: <i>Relevância da disciplina Geografia no currículo escolar</i> (SegT 3)
	SegT 1 > SegT 2: continuidade tópica SegT 2 > SegT 3: continuidade tópica

Curso: Pedagogia

Período: 6º

Data: 2º semestre de 2016

Número do artigo de opinião: 41

A importância de ler o mundo ao meu redor atrás da Geografia	
[SbT mínimo 1]	
Sabemos o ensino deve ter sentido e significado para a vida e/ou formação do aluno . Mas, será que realmente o ensino atende as necessidades básicas para uma formação de qualidade e os currículos estão de acordo com a realidade dos alunos nos anos iniciais do Ensino Fundamental? E a disciplina de Geografia está cumprindo com o seu papel no desenvolvendo de competências e habilidades nos alunos ? Podemos perceber que todas as disciplinas têm sua importância para a formação pessoal e acadêmica do aluno , e a Geografia , embora menosprezada, também influencia desenvolvimento cognitivo e motor do educando , quando ofertada de modo coerente.	1 2 3 4 5 6 7
[SbT mínimo 2]	
Durante a educação básica observamos que nos é oferecido um currículo com diversas disciplinas com a finalidade de nos “preparar” para o convívio em sociedade, e assim nos orientarmos em diversos espaços e grupos sociais . Neste currículo algumas disciplinas são consideradas superiores , como o Português e a Matemática , e dessa maneira as demais são inferiorizadas . A Geografia , por exemplo, não assume um papel significativo para o aluno enquanto sujeito do processo-aprendizagem do modo que esta é empregada na educação básica, priorizando os anos iniciais do ensino fundamental.	8 9 10 11 12 13 14
[SbT mínimo 3]	
Dando ênfase aos anos iniciais do ensino fundamental , notamos que há um foco na alfabetização e não se trata apenas de ensinar a transcrever e decodificar palavras, mas alfabetizar o olhar, ensinar a compreender o mundo que o rodeia , aprendendo com o ambiente do qual é um agente. Assim também nos coloca Callai (2005, p. 228) afirmando o que anteriormente foi exposto que “uma forma de fazer a leitura do mundo é por meio da leitura do espaço, o qual traz em si todas as marcas da vida dos homens”. Dessa forma alfabetizar o olhar em Geografia possibilita ao aluno observar o mundo ao seu redor e aprender no ambiente no qual reside. Segundo o autor, ler o mundo não se trata apenas de leituras cartográficas , mas também de entender os problemas sociais .	15 16 17 18 19 20 21 22
[SbT mínimo 4]	
A escola apresenta essa disciplina sem contextualização fazendo com que esta seja considerada chata e consequentemente um maior desinteresse e/ou aversão por esta disciplina . Temos no professor um forte elo entre o ensino e o aluno , já que de acordo com a metodologia empregada nas aulas determinará o grau de interesse e entusiasmo ela disciplina de Geografia .	23 24 25 26
Nota-se que há um descaso com os conceitos pertinentes a essa disciplina , caindo no simplismo , e a divisão da Geografia Humana e Geografia Física faz com que esta disciplina não tenha sentido para aqueles que fazem parte diretamente nesse processo ensino-aprendizagem . Assim, “ O conhecimento geográfico produzido na escola pode ser o explicitamento do diálogo entre a interioridade dos indivíduos e a exterioridade das condições do espaço geográfico que os condiciona” (Rego, 2000, p. 8). É fundamental que a escola possibilite ao aluno a interação com o meio que faz parte e compreenda como ele atua enquanto sujeito das ações que transformam as paisagens e o lado social .	27 28 29 30 31 32 33 34
[SbT mínimo 5]	
Não se trata apenas de falar que o professor não detém de conhecimentos suficientes para fazer com que o aluno desenvolva conceitos e os apliquem no cotidiano, porém há diversas formações para os professores nas disciplinas de Português e Matemática sendo que poderiam ofertar a formação	35 36 37

continuada também na área de Geografia. As escolas não disponibilizam de recursos adequados que possam auxiliar no processo ensino-aprendizagem , mas cabe ao professor , também, a confecção de recursos didáticos , apesar de alguns terem acúmulos de cargos em virtude do baixo salário. Temos também a desvalorização de diversas disciplinas , sendo a Geografia uma delas , e isso é decorrente de exames externos que qualificam as escolas e dessa forma priorizam aquelas consideradas “indispensáveis”.	38 39 40 41 42 43
[SbT mínimo 6]	
Dessa forma, necessitamos que a escola valorize as diversas disciplinas de modo igual, não havendo uma supremacia de algumas disciplinas em detrimento de outras . Cabe as instancias superiores promoverem formação continuada na disciplina de Geografia e assim possibilitar uma ampliação do modo de ler o mundo , onde a Geografia realmente irá exercer o seu papel de orientar o aluno tanto na Geografia Física quanto na Geografia Humana.	44 45 46 47 48

Análise

Artigo de opinião 41	<i>A importância de ler o mundo ao meu redor através da Geografia</i>
Quant. de SegTs mínimos	6
Hierarquia Tópica	
Quant. de QTs	1
Níveis de hierarquização tópica	2
Representação	Tópico (global): <i>A relevância da Geografia para a leitura e compreensão do mundo</i> Tópico 1: <i>A Geografia tem cumprido seu papel na formação dos alunos?</i> (SegT 1) Tópico 2: <i>Currículo enfatiza Português e Matemática em detrimento de outras disciplinas</i> (SegT 2) Tópico 3: <i>Necessidade de alfabetização em Geografia</i> (SegT 3) Tópico 4: <i>Consequências negativas da descontextualização do ensino de Geografia</i> (SegT 4) Tópico 5: <i>Ausência de formação continuada aos professores, de recursos didáticos e desvalorização da disciplina no currículo</i> (SegT 5) Tópico 6: <i>Necessidade de valorização de todas as disciplinas do currículo e de formação continuada aos professores</i> (SegT 6)
Linearidade Tópica	SegT 1 > SegT 2: continuidade tópica SegT 2 > SegT 3: continuidade tópica SegT 3 > SegT 4: continuidade tópica SegT 4 > SegT 5: continuidade tópica SegT 5 > SegT 6: continuidade tópica

Curso: Pedagogia

Período: 6º

Data: 2º semestre de 2016

Número do artigo de opinião: 42

O ensino e a aprendizagem de geografia nos anos iniciais do ensino fundamental	
[SbT mínimo 1]	
É comum quando falamos em geografia , associarmos logo ao estudo de mapas , o que a meu ver, não está errado, só é um equívoco , quando não aprendemos ou ensinamos geografia com outros meios e fins . Nesse sentido, o ensino e aprendizagem de tal disciplina só será relevante para vida das pessoas se contemplarem os espaços geográficos . Para tanto, se faz necessário haver propostas metodológicas que enfatizem o reconhecimento e a importância de estudarmos a disciplina em questão com a mesma eloquência que a matemática e a língua portuguesa.	1 2 3 4 5 6
[SbT mínimo 2]	
Num passado bem recente, e atualmente, em algumas escolas , especificamente alguns métodos utilizados por alguns professores no ensino e na aprendizagem de geografia são feitos com base na decoreba , sem nenhuma dinâmica nas práticas pedagógicas , não contribuindo para o ensino de uma geografia prazerosa e conseqüente . Embora algumas mudanças já terem acontecido quanto a estas práticas , a geografia tradicional ainda está bastante implícita nas escolas . Isso se deve ao fato de que muitos dos professores atuantes não foram alfabetizados em geografia .	7 8 9 10 11 12
[SbT mínimo 3]	
Outro fator que contribui para o “fracasso” do ensino de geografia é a valorização acentuada de algumas disciplinas , como por exemplo, língua portuguesa e matemática . Na semana diagnóstica nos anos iniciais do ensino fundamental só é feita o diagnóstico nessas disciplinas, as demais disciplinas são ignoradas pelas escolas.	13 14 15 16
[SbT mínimo 4]	
Para Perez (1999, p. 33) “ O ensino de geografia , nas séries iniciais, deve ter como fundamento a alfabetização da criança na leitura do mundo através da leitura do espaço [...] ”. Nesse aspecto, o ensino de geografia propõe uma leitura de mundo para melhor compreensão do espaço, partindo do espaço habitado por esse indivíduo. É preciso que a criança seja alfabetizada não só na língua materna, mas em geografia também , pois é fundamental essas construções de noções de espaço que se inicia pelo seu habitat natural a noções mais complexas.	17 18 19 20 21 22
[SbT mínimo 5]	
O ensino de geografia é um instrumento importante para a compreensão do mundo , e as escolas precisam urgentemente melhorá-lo, igualando o seu valor às demais disciplinas . Dando a merecida relevância que essa aprendizagem tem para a vida do aluno. O que não é difícil de alcançar basta que todas as disciplinas tenham a mesma importância no ensino e na aprendizagem dos educandos, e que os professores que atuam nessas disciplinas estejam revendo esses conceitos defasados de que geografia é uma ciência que deve ser ensinada através da memorização.	23 24 25 26 27 28
[SbT mínimo 6]	
Outro ponto é quanto à formação dos professores , pois sabemos que o professor precisa estar se reciclando periodicamente, por meio de formações continuadas para atualizar os métodos utilizados em suas práticas pedagógicas , pois se faz necessário inovações e adequações aos conteúdos ensinados na escola. O ensino de geografia ressalta a criticidade do educando na leitura de mundo, por meio da compreensão e ocupação do espaço.	29 30 31 32 33

[SbT mínimo 7] Enfim, o ensino de geografia propicia ao aluno ler o mundo, compreendendo seu contexto histórico, enfatizando a localização espacial que este ocupa na sociedade. Este aluno passa a analisar e interpretar o espaço como um todo, no sentido de pertencimento ao estado ou território, será capaz de descrevê-lo como resultado da economia, política ou cultura. A geografia também tem a função de nos tornarmos pertencentes a um determinado lugar, estado ou país, por essa razão é urgente que os docentes ministrantes dessa disciplina estejam aptos a essas novas mudanças no ensino dessa ciência.	34 35 36 37 38 39 40

Análise

Artigo de opinião 42	<i>O ensino e a aprendizagem de geografia nos anos iniciais do ensino fundamental</i>
Quant. de SegTs mínimos	7
Hierarquia Tópica Quant. de QTs Níveis de hierarquização tópica Representação	2 3 Tópico (global): <i>Geografia no Ensino Fundamental</i> Tópico 1: <i>Ensino de Geografia: meios e fins</i> (SegT 1) Tópico 2: <i>Desafios do ensino de Geografia</i> Tópico 2.1: <i>Carência de práticas pedagógicas dinâmicas e inovadoras</i> (SegT 2) Tópico 2.2: <i>Valorização de algumas disciplinas em detrimento da Geografia</i> (SegT 3) Tópico 2.3: <i>Necessidade de alfabetização em Geografia</i> (SegT 4) Tópico 2.4: <i>Valoração da Geografia às demais disciplinas</i> (SegT 5) Tópico 2.4: <i>Formação do professor: inovação e adequação aos conteúdos ensinados</i> (SegT 5) Tópico 3: <i>Finalidades do ensino da Geografia</i> (SegT 6)
Linearidade Tópica	SegT 1 > SegT 2: continuidade tópica SegT 2 > SegT 3: continuidade tópica SegT 3 > SegT 4: continuidade tópica SegT 4 > SegT 5: continuidade tópica SegT 6 > SegT 7: continuidade tópica

Curso: Pedagogia

Período: 6º

Data: 2º semestre de 2016

Número do artigo de opinião: 43

Um novo olhar sobre o mundo	
[SbT mínimo 1]	
O Ensino de Geografia há muito tempo tem sido tratado dentro das escolas como apenas mais uma disciplina repleta de conteúdos que nada tem relacionado com o mundo exterior a sala de aula. É comum essa disciplina ser vista como um processo de memorização de mapas, paisagens e relevos , limitando a Geografia a um conjunto de informações desligadas da realidade do aluno , trazendo desta forma um desinteresse pela mesma. Callai (2003), estudioso do assunto, diz que a geografia não pode ser uma coisa alheia, distante ou desligada da realidade e do dia-a-dia. Diante disto, torna-se essencial uma releitura do que de fato é essa área de conhecimento, e qual sua função na vida do homem .	1 2 3 4 5 6 7 8
No dicionário Houaiss, dentre seus significados, Geografia é definida como “ciência que estuda a Terra e seus fenômenos físicos, biológicos e humanos”, ou seja, vai muito além de memorizar mapas, trata-se de entender a ação do homem para entender a paisagem produzida por ele . Não se pode entender a forma arquitetônica de uma casa, prédio, comercio, etc., sem ter conhecimento do objetivo que o proprietário pretendia alcançar, e nesse processo “o homem usa, destrói/constrói/modifica a si e a natureza (KAERCHER 2001). Logo, pode-se dizer que a Geografia existe desde o momento que existe o homem, não sendo possível separar os dois.	9 10 11 12 13 14 15
[SbT mínimo 2]	
Entretanto, dentro do espaço escolar encontramos uma realidade diferente , o Ensino de Geografia é desvalorizado em detrimento de outras disciplinas como Português e Matemática, esquecendo-se da fundamental importância que todas igualmente possuem na vida dos indivíduos. E é justamente esse “preconceito” que o educador precisa quebrar , uma vez que o pensar geográfico contribui para a contextualização do próprio como cidadão do mundo , ao contextualizar espacialmente os fenômenos, ao conhecer o mundo em que vive desde a escala local, regional, nacional e mundial (CAVALCANTI, 2002). Dessa forma, fazer o aluno pensar geografia , automaticamente o faz pensar na própria existência .	16 17 18 19 20 21 22 23
[SbT mínimo 3]	
Em muitos casos, nota-se que o professor tem uma certa dificuldade em ministrar a disciplina , isso ocorre porque assim como nas outras áreas de conhecimento, há uma falta de recursos didáticos ou mesmo tempo . Porém quando se trata da disciplina de geografia , o diálogo deve ser o principal fio condutor da aprendizagem , pois deve-se constantemente levar o aluno a pensar sobre as atitudes do homem na natureza, quais os motivos, os objetivos, as necessidades que o levaram a modificar paisagens. Sendo assim, o aluno pode perguntar-se por exemplo, como era o local que ele mora antes de ser habitado pelo homem, e fazer um paralelo com a paisagem atual.	24 25 26 27 28 29 30
Seguindo este pensamento, certamente o aluno terá muito mais facilidade em apreender os conhecimentos científicos passados pelo professor, além disso, a Geografia será a ponte que ligará esse conhecimento escolar a leitura do mundo . É claro que é necessário que os professores ultrapassem essas metodologias tradicionais de ensino de Geografia para que isso aconteça.	31 32 33 34
[SbT mínimo 4]	
O principal objetivo no ensino de geografia é propiciar aos alunos uma reflexão sobre sua existência , entendendo que ela está presente diariamente, e não presa entre as quatro paredes da sala de aula. Sua presença permite entender o homem de agora e o homem de milênios atrás . Uma disciplina voltada para os contextos sociais locais será certamente mais pertinente na vida dos indivíduos, pois permitirá conhecer novamente, com um novo olhar as paisagens geográficas.	35 36 37 38 39

Artigo de opinião 43	<i>Geografia: Um novo olhar sobre o mundo</i>
Quant. de SegTs mínimos	4
Hierarquia Tópica	
Quant. de QTs	1
Níveis de hierarquização tópica	2
Representação	Tópico (global): <i>Geografia: novas percepções sobre o mundo</i> Tópico 1: <i>Necessidade de releitura do conceito e da função da Geografia (SegT 1)</i> Tópico 2: <i>Desvalorização da Geografia em detrimento de outras áreas do conhecimento (SegT 2)</i> Tópico 3: <i>Diálogo: principal fio condutor da aprendizagem da Geografia (SegT 3)</i> Tópico 4: <i>Objetivo principal do ensino de Geografia (SegT 4)</i>
Linearidade Tópica	SegT 1 > SegT 2: continuidade tópica SegT 2 > SegT 3: continuidade tópica SegT 3 > SegT 4: continuidade tópica

Curso: Pedagogia

Período: 6º

Data: 2º semestre de 2016

Número do artigo de opinião: 44

Por uma alfabetização geográfica prazerosa e consequente

[SbT mínimo 1]

O presente artigo de opinião tratará de forma sucinta sobre **a importância da Geografia** nas séries iniciais do ensino fundamental, ressaltando como **esse componente curricular** pode ajudar **no processo de alfabetização**, contribuindo assim **para o desenvolvimento do aluno**.

Por muitos anos **a disciplina de geografia** foi vista **nas escolas** como **uma disciplina** de **codificação e decodificação**. Os professores trabalhavam **a disciplina** contemplando apenas **a dimensão individual de alfabetização**, sem **nenhuma relação com a formação social do indivíduo**, tampouco contemplando **o contexto de letramento desse aluno**.

[SbT mínimo 2]

Deste modo, **a falta de domínio sobre a geografia** despertou **atenção dos estudiosos**, principalmente **dos geógrafos referente ao ensino transmitido na referida disciplina**. O autor Castrogiovanni (2006) relata que pesquisas comprovam que **muitos dos professores** que atuam nas séries iniciais não foram **alfabetizados em geografia**. O que proporciona **uma educação** carente/ defasada **para as crianças**, pois na maioria das vezes **os docentes** não sabem como transmitir **os conteúdos de geografia**, **de uma forma que desperte a curiosidade dos alunos**, fazendo com que **os discentes cheguem ao quinto ano do ensino fundamental sem as construções básicas das noções conceituais de alfabetização**. **O currículo da escola** deixa bastante a deixar, pois não enfatiza **a geografia** com tanta **importância para a formação do indivíduo**, oferecendo apenas **uma pequena carga horária** para ser trabalhada **a disciplina**.

Este fato chama atenção de **como essa disciplina** vem sendo trabalhada nas **escolas**. Por meio de algumas observações em uma escola pública foi possível notar que **a disciplina de geografia** nos anos iniciais não é vista com tanta **importância para a formação social do aluno**, é abordada corriqueiramente a disciplina de português e matemática, pois são julgadas mais importantes. Os horários de geografia estão sempre dando lugar para os ensaios dos projetos da escola, sendo que esses horários já são bastante resumidos, dificultando a aprendizagem dos alunos sobre a disciplina. **Esse componente curricular** está sempre **em segundo plano**, sendo excluída até **da avaliação diagnóstica**.

[SbT mínimo 3]

A geografia nos anos iniciais deve ter **como fundamento a alfabetização do aluno na leitura do mundo através da leitura do espaço**. Para obtermos **uma aprendizagem significativa na geografia** é importante **dialogar com o mundo**, possibilitando á **criança** ampliar **o conhecimento adquirido**. Considerando que se deve partir **do próprio sujeito**, estudando **o próprio corpo da criança** (mapa corporal), depois ir abrangendo **para a sua vida, a sua família, a escola, a rua, o bairro, a cidade**, e, assim, ir sucessivamente ampliando, espacialmente, **o conteúdo a ser lecionado**, fazendo sempre **uma relação com a realidade social dos alunos**. Neste sentindo, Freire (2001) indaga por que não aproveitar a experiência que têm os alunos de viver em áreas da cidade descuidadas pelo poder público para discutir, por exemplo, a poluição dos riachos e dos córregos e os baixos níveis de bem-estar das populações, os lixões e os riscos que oferecem à saúde das gentes?

[SbT mínimo 4]

O ensino-aprendizagem no **componente curricular de geografia** deve possibilitar **a reflexão crítica sobre o espaço**, tendo como base o confronto de ideias, interesses, valores socioculturais, estéticos e econômicos. Levando em conta que **a geografia** é tudo e todos, podemos afirmar que a mesma é **uma peça essencial pra compreendermos o mundo**. Muitos alunos saem da escola **sem os conhecimentos básicos da disciplina**, o que **prejudica sua aprendizagem**, dificultando **sua entrada em uma universidade**. Para tanto, é primordial que **a alfabetização geográfica ocorra em contexto de letramento**,

pois só assim teremos alunos preparados para atuarem em sociedade . Precisamos formar alunos capazes de por em prática esse ler e escrever, que tenham conhecimentos para lerem os mapas, gráficos, tabelas, bússolas, saber interpretar as entrelinhas entre outras características que apenas uma minoria dos estudantes domina com propriedade.	40 41 42 43
[SbT mínimo 5]	
O professor tem em suas mãos o desafio de tornar o ensino geográfico prazeroso e consequente , inovando em seus métodos , usando a criatividade em suas aulas, deixando a acomodação de lado e focar em uma aula mais dinâmica, tornando assim, o estudo mais prazeroso, motivando as crianças a participarem das aulas, interagir com os outros colegas. Uma boa sugestão para se trabalhar a geografia, são os jogos geográficos . Portanto, é de extrema importância que o alfabetizador leve em conta as teorias pedagógicas construtivistas , respeitando a idade do aluno , como também uma educação que valorize a interação do sujeito com o meio , trabalhando sempre com aulas dialogadas , valorizando o conhecimento que cada aluno já trás consigo, para desenvolver uma educação de qualidade , favorecendo a autonomia e a criticidade da criança . Enfim, a geografia , nos anos iniciais da escolarização, pode, e muito, contribuir com o aprendizado da alfabetização , uma vez que encaminha para aprender a ler o mundo .	44 45 46 47 48 49 50 51 52 53

Análise

Artigo de opinião 44	<i>Por uma alfabetização geográfica prazerosa e consequente</i>
Quant. de SegTs mínimos	5
Hierarquia Tópica	
Quant. de QTs	1
Níveis de hierarquização tópica	2
Representação	Tópico (global): <i>Ensino de Geografia e alfabetização</i> Tópico 1: <i>Geografia: componente curricular colaborador no processo de alfabetização (SegT 1)</i> Tópico 2: <i>Formação do professor e carga horária mínima (SegT 2)</i> Tópico 3: <i>Fundamentos da Geografia: alfabetização na perspectiva da leitura de mundo (SegT 3)</i> Tópico 4: <i>Geografia como ferramenta para a compreensão crítica do espaço e do mundo (SegT 4)</i> Tópico 5: <i>Desafios do professor no ensino de Geografia (SegT 5)</i>
Linearidade Tópica	SegT 1 > SegT 2: continuidade tópica SegT 2 > SegT 3: continuidade tópica SegT 3 > SegT 4: continuidade tópica SegT 4 > SegT 5: continuidade tópica

O papel do professor no ensino da geografia	
[SbT mínimo 1]	
Pensar na geografia demanda uma grande reflexão , pois sabemos que ela é importante na	1
educação dos anos iniciais do ensino fundamental, sendo que é nesse processo da alfabetização , que a	2
presença dos conteúdos da geografia na escola contribui para que se possa ter o verdadeiro papel de se	3
ensinar e aprender a geografia nesta etapa da aprendizagem.	4
Nesse sentido, como existe demais componentes curriculares a geografia permite uma certa	5
construção da cidadania para vivermos em sociedade através da leitura desse mundo. Nesta perspectiva,	6
Callai (2005) propõe uma grande reflexão referente a leitura que temos do mundo, a qual se modifica	7
constantemente.	8
[SbT mínimo 2]	
Portanto é importante a compreensão da leitura do mundo , que ultrapassa a representação	9
cartográfica , mas deve considerar o espaço vivido , quando se coloca em questão o mundo globalizado	10
em que vivemos, a velocidade com que se tem acesso as informações, pode-se entender que apenas em	11
ler e escrever não é suficiente na busca da construção do conhecimento. É necessário da a possibilidade	12
aos alunos mostrando o espaço da qual estão inseridos, de forma que possa surgir a relevância do espaço	13
geográfico escolar , fazendo com que seu papel é permitir de maneira clara e que haja entendimento do	14
mundo de forma que o assunto seja entendido pelos educandos dos anos iniciais do ensino fundamental.	15
Ler o espaço e compreender as paisagens que estão diante dos nossos olhos, na qual são	16
resultados da vida em sociedade, sendo que o homem vive em uma constante busca pela sobrevivência e	17
da satisfação das suas necessidades, o papel da geografia na escola e leva nos refletir nos dando a	18
possibilidade que representa o processo de representa o processo de alfabetização, o ensino de	19
geografia passa a ser importante para que nos leve a pensar e a entender e propor a geografia como	20
um componente curricular significativo.	21
[SbT mínimo 3]	
A aprender a pensar o espaço realizar uma alfabetização cartográfica é um processo que	22
se inicia quando a criança começa a reconhecer os lugares conseguindo identificar as paisagens.	23
Portanto o uso da alfabetização cartografia se torna uma indispensável ferramenta para a	24
compreensão do mundo. Desta maneira é indispensável que a cartografia possua letras e números	25
como uma forma de linguagens facilitando a compreensão e inserindo ao cotidiano do aluno,	26
apreendida nas aulas de geografia.	27
Assim uma opção metodológica na qual o professor deve utilizar com relevância , usando	28
todos os conteúdos de geografia que estimule os sujeitos que são os alunos dos anos iniciais do ensino	29
fundamental, a perceber e representar o seu espaço, as crianças fazem as leituras das representações	30
gráficas do seu espaço de mundo, através dos livros, na qual se torna acessível a elas por meio do domínio	31
da linguagem cartográfica.	32
[SbT mínimo 4]	
Por fim, a geografia assumiu um caráter significativo dentro da Educação , sobretudo nos	33
anos iniciais do ensino fundamental, possibilitando aos alunos uma forma que ao mesmo tempo instigue	34
suas especialidades construindo seu conhecimento e refletindo a cada espaço do mundo.	35

Análise

Artigo de opinião 45	<i>O papel do professor no ensino da geografia</i>
Quant. de SegTs mínimos	4
Hierarquia Tópica	
Quant. de QTs	1
Níveis de hierarquização tópica	2
Representação	Tópico (global): <i>O papel da Geografia no Ensino Fundamental</i> Tópico 1: <i>Importância da Geografia no Ensino Fundamental (SegT 1)</i> Tópico 2: <i>O papel da Geografia na leitura do espaço e na compreensão do mundo (SegT 2)</i> Tópico 3: <i>Alfabetização cartográfica: ferramenta indispensável para a compreensão do mundo (SegT 3)</i> Tópico 4: <i>Relevância da Geografia no Ensino Fundamental (SegT 4)</i>
Linearidade Tópica	SegT 1 > SegT 2: continuidade tópica SegT 2 > SegT 3: continuidade tópica SegT 3 > SegT 4: continuidade tópica

Curso: Pedagogia

Período: 6º

Data: 2º semestre de 2016

Número do artigo de opinião: 46

O Ensino de Geografia nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental	
[SbT mínimo 1]	
A princípio o tema a ser discutido nos faz pensar que não há muitos argumentos para que possamos discutir sobre o ensino de geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. Entretanto se olharmos para dentro do ambiente escolar e observarmos como acontece o ensino de geografia perceberemos uma grande lacuna , isso porque quando se trata de disciplinas tais como geografia, ciências, história dentre outras nos parece que são menos importantes do que a língua portuguesa e a matemática . Assim deixando-nos uma reflexão sobre o porquê dessa menor importância.	1 2 3 4 5 6
Nesse contexto e buscando entender o ensino de geografia nos anos iniciais do ensino fundamental e levando em consideração as minhas lembranças de aluna cabe a nós pensar o papel da geografia para nossa vida e para nossa cidadania, pois consideramos que a leitura do mundo é fundamental para que todos nós, que vivemos em sociedade, possamos exercitar nossa cidadania (CALLAI, 2005).	7 8 9 10 11
[SbT mínimo 2]	
Assim como o autor nos mostra, o ensino de geografia tem importância significativa para o desenvolvimento dos indivíduos , pois a geografia estar inserido em nosso contexto social da mesma maneira que as outras e dispõe de conteúdos igualmente significativos. Compreender a geografia significa conhecer o mundo em que estamos inseridos , fazendo-se necessários que saibamos decifrar o mundo ao nosso redor . Sendo visível que a geografia nos mostra e nos ajuda a compreender o espaço em que vivemos . É através dela que descobrimos os segredos da natureza, o meio ambiente e tudo que faz parte da nossa vida .	12 13 14 15 16 17 18
A geografia está presente dentro da escola e faz parte da nossa formação desde os anos iniciais se atentando para nos auxiliar no processo de construção e formação da nossa cidadania . E estudar geografia não significa apenas ler mapas, ou seja, é ir além é conhecer o espaço em que vivemos . Compreender a importância de ensinar e aprender geografia é fundamental para o desenvolvimento dos indivíduos .	19 20 21 22 23
[SbT mínimo 3]	
Portanto podemos dizer que a geografia é tão importante quanto as outras disciplinas que compõem o currículo da escola fazendo-se sempre presente dentro do cotidiano escolar, mas ainda se fazendo necessário um olhar mais criterioso para com o desenvolvimento da referida disciplina . Por fim fica evidente a total importância da geografia para nossa sobrevivência, assim devemos olha-la com mais zelo para que seu ensino se torne cada vez mais completo para o desenvolvimento dos indivíduos em particular e também no coletivo. E a escola torna-se instrumento fundamental nessa etapa fundamental da vida .	24 25 26 27 28 29 30

Análise

Artigo de opinião 46	<i>O Ensino de Geografia nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental</i>
Quant. de SegTs mínimos	3
Hierarquia Tópica	
Quant. de QTs	1
Níveis de hierarquização tópica	2
Representação	Tópico (global): <i>A importância do ensino da Geografia nos anos iniciais do Ensino Fundamental</i> Tópico 1: <i>Desprestígio da disciplina Geografia no currículo escolar (SegT 1)</i> Tópico 2: <i>Relevância do ensino da Geografia para o desenvolvimento dos alunos (SegT 2)</i> Tópico 3: <i>Ensino de Geografia: necessidade de cautela e zelo (SegT 3)</i>
Linearidade Tópica	SegT 1 > SegT 2: continuidade tópica SegT 2 > SegT 3: continuidade tópica

Curso: Pedagogia

Período: 6º

Data: 2º semestre de 2016

Número do artigo de opinião: 47

Que Geografia estamos ensinando aos novos participantes do mundo?	
[SbT mínimo 1]	
Nos anos iniciais a escola tem o papel de inserir a criança na sociedade , e para que essa inserção seja feita de forma integral , o aluno deve conhecer as regras de convivência , saber o seus deveres e direitos , para que futuramente seja capaz de opinar criticamente na construção da sociedade que ele vive. As disciplinas estudadas desde o ensino infantil guiam os indivíduos , e auxiliam na formação de um cidadão crítico , dentre todas essas disciplinas está a geografia, que ensina aos alunos os mecanismos de como funciona a sociedade, a organização política, a dinâmica espacial, tudo isso contribui para a formação do cidadão .	1 2 3 4 5 6 7
[SbT mínimo 2]	
Apesar da geografia ser considerada uma ciência social , que poderia ser trabalhada nas escolas de forma interessante e que chamasse atenção dos alunos , percebemos, porém, que nas escolas isso não acontece. As aulas são pouco atrativas e trabalhadas tradicionalmente , e de forma mecânica , ‘peguem os livros, abram na página tal, leia o texto olhem o mapa e resolvam a atividade’, e dessa forma se segue até o final do ano, onde fica a formação da criticidade do aluno? Como o aluno será capaz de ler o mundo por meio dos conteúdos dessa disciplina, se ele só trabalha mecanicamente? Como destaca Callai (2005), a leitura do mundo é fundamental para que todos nós que vivemos em sociedade, possamos exercitar nossa cidadania , e notamos que o tradicionalismo que as escolas adotam até hoje no ensino de geografia e até mesmo de outras disciplinas, não contribuem para formar um indivíduo leitor do mundo .	8 9 10 11 12 13 14 15 16 17
[SbT mínimo 3]	
A dificuldade que a escola encontra na hora de trabalhar a geografia, é o apego ao tradicionalismo . A maioria das escolas ainda tendem a adotar mesmo que inconscientemente a postura tradicional do ensino , objetivando especificamente a transmissão do conteúdo , sem se preocupar se o aluno está desenvolvendo o seu ponto de vista crítico ou sua leitura de mundo clara para que futuramente participem como cidadão ativo na sociedade . Dessa forma os alunos aprendem a localização em mapas e espaços regionais por exemplo, mais não aprendem em como se localizarem no seu próprio espaço e sua função na sociedade, falando agora como uma aluna que estudou a geografia tradicional, aprendemos a ver a sociedade mais não como participante dela.	18 19 20 21 22 23 24 25
[SbT mínimo 4]	
O que podemos fazer para melhorar e adequar o ensino da geografia para a formação de cidadãos participantes e leitores do mundo em que vive , já que essa é uma questão que está enraizada no tradicionalismo e na mesmice? Na opinião da autora citada acima é preciso repensar todo o ensino da geografia, começando pelo ensino infantil, onde essa disciplina é considerada com menos importância , que é descartada dos horários quando aparece uma atividade das outras disciplinas consideradas de “maior importância”, no ensino fundamental, em que basicamente se aprende a ler mapas, localização no espaço geográfico , mais não ensina ao aluno a se localizar na sociedade , não ensina sua participação na construção do mundo em que vive , que na mesmice, só trabalha com o que o livro didático oferece, entre muitas outras questões se fosse enumerar percorria um lista grande.	26 27 28 29 30 31 32 33 34
O ensino da geografia nas series iniciais do ensino fundamental é um fator indispensável , para que se construa a leitura do mundo e a visão de sociedade , viabilizando ao aluno entender que ele é capaz de atuar como agente construtor do seu conhecimento e participante da constituição do mundo em que vive .	35 36 37 38

Artigo de opinião 47	<i>Que Geografia estamos ensinando aos novos participantes do mundo?</i>
Quant. de SegTs mínimos	4
Hierarquia Tópica	
Quant. de QTs	1
Níveis de hierarquização tópica	2
Representação	Tópico (global): <i>O ensino de Geografia hoje</i> Tópico 1: <i>Contribuições da Geografia para a formação cidadã (SegT 1)</i> Tópico 2: <i>Ensino de Geografia desmotivador (SegT 2)</i> Tópico 3: <i>Aspecto que dificulta o ensino de geografia: postura tradicional e mecânica (SegT 3)</i> Tópico 4: <i>Desafios para melhorar o ensino de Geografia (SegT 4)</i>
Linearidade Tópica	SegT 1 > SegT 2: continuidade tópica SegT 2 > SegT 3: continuidade tópica SegT 3 > SegT 4: continuidade tópica

ANEXO D

CORPUS DE ESTUDO: ANÁLISE INTRATÓPICA

Artigo de Opinião 1

SegT 1 – Tx. 1 (<i>A reforma do Ensino Médio</i> , SegT 1)	
<u>Para dar início, entenderemos o conceito do que vem a ser reforma:</u> é um conjunto de novas diretrizes para o ensino médio implementadas via Medida Provisória apresentada pelo governo federal em 22 de setembro de 2016. A reforma flexibiliza os conteúdos que será ensinado aos alunos, muda a distribuição dos conteúdos das 13 disciplinas tradicionais ao longo dos três anos do ciclo, dá novo peso ao ensino técnico e incentiva a ampliação de escolas de tempo integral.	1 2 3 4 5 6
Análise Tópico: <i>Conceito de reforma do Ensino Médio</i> Domínio 1: linhas 1 a 6 Posição: linhas 1 Suporte: linhas 2 a 6	

SegT 2 – Tx. 1 (<i>A reforma do Ensino Médio</i> , SegT 2)	
<u>Sabemos que o ensino médio é de suma importância para formação de jovens empreendedores e candidatos no mercado de trabalho em áreas variadas,</u> isso dar-se à um elemento importantíssimo à nossa sociedade, ou seja, o futuro está nas mãos desses jovens que estavam recebendo a formação após o ensino médio concluído; <u>outro ponto primordial positivo à essa reforma é a formação técnica desses jovens, a amplitude da variedades de profissionais no mercado de trabalho e a liberdade de escolha profissionalizante desses alunos.</u>	1 2 3 4 5 6 7
Análise Tópico: <i>Formação de jovens empreendedores, formação técnica, variedades de profissionais e liberdade de escolha profissional</i> Domínio 1: linhas 1 a 7 Posição: linha 1 a 2 Suporte: linhas 3 a 7 Posição: linha 5 a 7	

SegT 3 – Tx. 1 (<i>A reforma do Ensino Médio</i> , SegT 3)	
Nossa sociedade está passando por uma evolução na questão de formação de jovens profissionais, ou seja, os alunos poderam sentir o privilégio e a responsabilidade de escolher o seu futuro, pois a partir dessa nova lei quem irá decidir serão os próprios; <u>esse é um dos pontos positivos a ser destacado em favor da regência dessa Reforma do Ensino Médio.</u>	1 2 3 4

AnáliseTópico: *Formação técnica dos jovens*

Domínio 1: linhas 1 a 4

Suporte: linhas 1 a 3

Posição: linha 4

SegT 4 – Tx. 1 (*A reforma do Ensino Médio, SegT 4*)

A amplitude das variedades profissionais será claramente visualizada por toda a sociedade, pois com a "Reforma" os alunos escolheram a área da qual se identifica,

1
2

com isso eles irão sentir mais prazer e satisfação em estudar e também colocar em prática de forma organizada tudo o que estudaram e aprenderam no seu ensino médio.

3
4**Análise**Tópico: *Ampla variedade profissional*

Domínio 1: linhas 1 a 4

Posição: linha 1 a 2

Suporte: linhas 3 a 4

SegT 5 – Tx. 1 (*A reforma do Ensino Médio, SegT 5*)

A liberdade de escolha está ligada à todos os seres da sociedade,

1

isso porém, não poderia ficar de fora da "Reforma", ou seja, todos os alunos poderam escolher o seu futuro profissional e se dedicar- total ao mesmo, isso trará benefícios notórios à todos.

2
3**Análise**Tópico: *Liberdade de escolha*

Domínio 1: linhas 1 a 3

Suporte: linha 1

Posição: linhas 2 a 3

SegT 6 – Tx. 1 (*A reforma do Ensino Médio, SegT 6*)

Concluimos o que acima foram citados que a Reforma do Ensino Médio veio como ponto positivo para nossa sociedade

1
2

e que com essa atualização nossos alunos trarão consigo uma bagagem riquíssima de conhecimentos específicos à área da qual foi sua escolha, sendo assim, teremos profissionais de alta qualidade e bem dispostos a cumprir o seu dever diante o mercado trabalhista.

3
4
5

Análise

Tópico: *Reforma do Ensino Médio repercute de modo positivo na sociedade*

Domínio 1: linhas 1 a 5

Posição: linhas 1 a 2

Suporte: linhas 3 a 5

Artigo de Opinião 2

SegT 1 – Tx. 2 (*O Novo Ensino Médio*, SegT 1)

Diante do baixo resultado que a educação pública brasileira vem alcançando, principalmente no Ensino Médio, faz-se necessário pensar em uma reforma que venha melhorar a qualidade da aprendizagem dos alunos e que estimule a permanência na escola.

Atualmente, o Ensino Médio visa quase que exclusivamente preparar o aluno para o ENEM. Os que não conseguem a aprovação ficam sem ingressar na universidade e também quase não conseguem ingressar no mercado de trabalho porque não foram qualificados para exercer uma profissão.

Pensar em uma reforma que venha corrigir essa falha e criar oportunidades para jovens que concluem o Ensino Médio, de já poderem ingressar no mercado de trabalho com uma qualificação profissional específica, pode significar um estímulo para diminuir a evasão escolar e melhorar a qualidade da mão de obra e a competitividade.

Análise

Tópico: *Melhoria da qualidade do ensino e diminuição da evasão escolar*

Domínio 1: linhas 1 a 11

Posição: linhas 1 a 3

Suporte: linhas 4 a 7

Posição: linhas 8 a 11

SegT 2 – Tx. 2 (*O Novo Ensino Médio*, SegT 2)

A reforma é necessária. Mas precisa ser amplamente discutida com os setores e com as classes envolvidas,
pois não podemos pensar em melhorar a qualidade do Ensino sem pensar na valorização e qualificação do professor, que é responsável direto por esse processo de mudança.

Análise

Tópico: *Reforma implica discussão com os setores e classes envolvidas*

Domínio 1: linhas 1 a 4

Posição: linhas 1 a 2

Suporte: linhas 3 a 4

SegT 3 – Tx. 2 (<i>O Novo Ensino Médio</i> , SegT 3)	
<u>Dessa forma, não basta apenas excluir do currículo determinadas disciplinas ou acrescentar outras, ou ainda implantar o ensino integral, é necessário melhorar todo o sistema e adequar a estrutura física das escolas para essa nova realidade que estamos precisando para o Ensino Médio.</u>	1 2 3
Análise Tópico: <i>Necessidade de adequação do sistema e da estrutura física das escolas à nova realidade do Ensino Médio</i> Domínio 1: linhas 1 a 3 Posição: linhas 1 a 3	

Artigo de Opinião 3

SegT 1 – Tx. 3 (<i>A reforma não é o caminho</i> , SegT 1)	
<u>A reforma do Ensino Médio vem sendo alvo de debates e opiniões divergentes a seu respeito, uma vez que a mesma estipula uma redução de conteúdos obrigatórios,</u> voltando o ensino para áreas específicas e para o ensino tecnicista.	1 2 3
Análise Tópico: <i>Redução de conteúdos obrigatórios</i> Domínio 1: linhas 1 a 3 Posição: linhas 1 Suporte: linhas 2 a 3	

SegT 2 – Tx. 3 (<i>A reforma não é o caminho</i> , SegT 2)	
A proposta do governo discorre ampliar "progressivamente" a carga horária de 800 para 1400 horas, inclusão do ensino de arte, educação física, sociologia e filosofia nas aulas do ensino médio dependerá do que for pré-estabelecido pelo governo, o inglês passa a ser a língua estrangeira obrigatória, as redes de ensino podem contratar profissionais de "notório saber" e não somente técnicos e graduados, conteúdos dos vestibulares de acordo com os assuntos estipulados pela Base Nacional Comum Curricular, além do acesso a formação técnica profissionalizante.	1 2 3 4 5 6 7
Análise Tópico: <i>Mudanças propostas pela reforma do Ensino Médio</i> Domínio 1: linhas 1 a 7 Posição: IMPLÍCITA Suporte: linhas 1 a 7	

SegT 3 – Tx. 3 (<i>A reforma não é o caminho</i> , SegT 3)

Há quem defenda essa reforma por ressaltar a importância da mudança no ensino argumentando a necessidade do aumento na carga horária seja indícios para o ensino integral, que o país precisa oferecer ensino técnico profissional e gerar emprego aos jovens quando saírem do ensino médio.	1 2 3 4
<u>No entanto, é bem notório que no Brasil não existe estrutura física e nem profissional que propicie o ensino integral.</u>	5 6
<u>Investir na capacitação técnica dos jovens brasileiros é uma boa iniciativa no que tange a oportunidades de emprego, mas é preciso saber o que se quer.</u>	7 8
não se pode profissionalizar o futuro de uma nação com a formação tecnicista somente porque é mais barata e mais rápida e sim especificar as áreas de formação que atendem as demandas de mercado, não sendo assim, essa proposta para nada mais serve do que criar uma geração alienada em prol de um governo centralizador.	9 10 11 12
Análise Tópico: <i>Fragilidades da proposta de reforma do Ensino Médio</i> Domínio 1: linhas 1 a 12 Posição: IMPLÍCITA Suporte: linhas 1 a 12 Domínio 2: linhas: 1 a 6 Suporte: 1 a 4 Posição: 5 a 6 Domínio 3: linhas: 7 a 12 Posição: 7 a 8 Suporte: 9 a 12	

SegT 4 – Tx. 3 (A reforma não é o caminho, SegT 4)	
<u>Partindo desses preceitos, já temos como referência a não mais obrigatoriedade de disciplinas como sociologia e filosofia,</u>	1 2
isso nos leva a entender que a partir do momento em que restringe os conhecimentos do aluno a disciplinas que despertam o senso crítico do indivíduo e prioriza-se a formação técnica profissionalizante em vez de ampliar as oportunidades e aumentar o incentivo ao ingresso no ensino superior, que é onde o cidadão tem contato com os saberes mais liberais, desenvolvendo assim, seu lado crítico e construtivo, cria-se uma classe de pessoas alienadas ao pensamento único de um governo totalitarista.	3 4 5 6 7 8
Análise Tópico: <i>Não obrigatoriedade das disciplinas Filosofia e Sociologia</i> Domínio 1: linhas 1 a 8 Posição: linhas 1 a 2 Suporte: linhas 3 a 8	

SegT 5 -Tx. 3 (A reforma não é o caminho, SegT 5)	
<u>Tudo isso nos leva a conclusão de que tal proposta de reforma no ensino médio brasileiro, precisa ser muito mais debatida, estudada, analisada e melhorada para então entrar em vigor. É indispensável o maior investimento na formação tanto profissionalizante quanto superior, valorização da classe educacional, melhoramento da infraestrutura escolar do Brasil. Esse é o caminho! Deixemos de lado essa "pirataria" de modelos educacionais dos países mais desenvolvidos. Tá na hora de ser original, de fazer o que é preciso e não o que é teoricamente bonito.</u>	1 2 3 4 5 6
Análise Tópico: <i>Reforma demanda ampla discussão, investimento, valorização e melhorias</i> Domínio 1: linhas 1 a 6 Posição: linha 1 a 6	

Artigo de Opinião 4

SegT 1 – Tx. 4 (Reforma do Ensino Médio, SegT 1)	
<u>Sabemos que as opiniões sobre a reforma do ensino médio são variadas, tendo pontos negativos e pontos positivos.</u>	1 2
A nova reforma pode ser boa se olharmos que o estudante pode escolher a trajetória de ensino, pensando em seu trabalho futuramente.	3 4
<u>Mas temos mais pontos negativos se observarmos bem.</u>	5
pois sabemos que a ênfase maior é em uma formação tecnicista em oposição a uma formação crítica dos estudantes, sabemos também que temos país que mais atrapalha do que ajuda quando se quer abrir uma empresa, investir, criar uma renda, então, o aluno procura trabalho quando termina o ensino médio e não encontra.	6 7 8 9
Tirar matérias que são importantes da grade de ensino, não é uma boa, pois de alguma forma elas tem sua importância, tornar o ensino integral em regiões pequenas, onde tem poucas escolas e muitos alunos, com enorme lotação nas salas de aula, sem nem falar nas rendas das escolas, não é também um ponto positivo.	10 11 12 13 14
Análise Tópico: <i>Pontos negativos da reforma do Ensino Médio</i> Domínio 1: linhas 1 a 14 Posição: linhas 1 a 2 Suporte: linhas 3 a 9 Suporte: linhas 10 a 14 Domínio 2: linhas 3 a 14 Suporte: linhas 3 a 4 Posição: linhas 5 Suporte: linhas 6 a 14	

SegT 2 - Tx. 4 (<i>Reforma do Ensino Médio, SegT 2</i>)	
<u>Então é preciso observar vários ou melhor, todos os pontos,</u>	1
porque no final essa reforma pode não trazer benefícios para todo país, e sim para algumas partes dele, partes essas que são as regiões mais.	2 3
Análise Tópico: <i>Necessidade de reflexão sobre todos os aspectos da reforma</i> Domínio 1: linhas 1 a 3 Posição: linhas 1 Suporte: linhas 2 a 3	

Artigo de opinião 5

SegT 1 – Tx. 5 (<i>Novo ensino médio: bom ou dualista? SegT 1</i>)	
<u>O ensino médio, maior gargalo da educação, com desempenho estagnado desde 2015 e altas taxas de reprovação e evasão, começou a passar por algumas mudanças em 2016 que culminaram na Medida Provisória de Reforma do Ensino Médio em 2017.</u>	1 2 3
Esse plano federal visa especialização do aluno para o mercado de trabalho, flexibilização das disciplinas e o incentivo à expansão do ensino em tempo integral, mudar a distribuição do conteúdo das 13 disciplinas tradicionais ao longo dos três anos do ciclo. De 100% das horas de aula anuais, 40% serão optativas, este terá de escolher entre um dos “itinerários formativos” para aprendizagem.	4 5 6 7 8
Análise Tópico: <i>Mudanças propostas pela Medida Provisória de Reforma do Ensino Médio</i> Domínio 1: linhas 1 a 8 Posição: linhas 1 a 3 Suporte: linhas 4 a 8	

SegT 2 – Tx. 5 (<i>Novo ensino médio: bom ou dualista?, SegT 2</i>)	
<u>Há pontos positivos, sim, porém toda moeda possui dois lados, alguns especialistas questionam, pois os debates são fundamentais indispensáveis para a formação crítica dos alunos, matérias que estimulam a capacidade crítica e argumentativa não serão mais obrigatórias.</u>	1 2 3
A educação deve não só visar em profissionais técnicos, mas, também profissionais mais humanos, mais tolerantes e com pensamentos críticos, a formação de cidadãos íntegros entra em xeque com tais mudanças.	4 5 6
Como ele aparece como opção, ficando a critério dos estados como proceder nas escolas, corre-se um grave risco de as escolas privadas mudarem o ensino médio prosseguindo com o ensino do conhecimento universal e as públicas priorizarem o ensino técnico com objetivo apenas de formar trabalhadores,	7 8 9 10 11

<u>passaremos a ter um sistema dualista, onde o "filho do rico" passa a ter grandes conhecimentos humanos e o do pobre é treinado na escola apenas para trabalhar.</u>	12
Análise Tópico: <i>Aspecto dualista da proposta do Ensino Médio: disciplinas que favorecem à reflexão crítica não serão obrigatórias</i> Domínio 1: linhas 1 a 16 Posição: linhas 1 a 3 Suporte: linhas 4 a 6 Suporte: linhas 7 a 12 Domínio 2: linhas 7 a 12 Suporte: linhas 7 a 10 Posição: linhas 11 a 12	

SegT 3 – Tx. 5 (<i>Novo ensino médio: bom ou dualista?</i> SegT 3)	
<u>Com a não obrigatoriedade de parte das disciplinas, haverá um enfraquecimento da formação do estudante, em especial o das escolas públicas.</u>	1
	2
pois o aluno vai perder o contato com disciplinas que, de alguma forma, promovem uma visão de mundo.	3
	4
Análise Tópico: <i>Mudanças propostas pela Medida Provisória de Reforma do Ensino Médio</i> Domínio 1: linhas 1 a 4 Posição: linhas 1 a 2 Suporte: linhas 3 a 4	

Artigo de opinião 6

SegT 1 – Tx. 6 (<i>A reforma do Ensino Médio</i> , SegT 1)	
A educação é o que norteia qualquer sociedade. Através da mesma, cidadãos se conscientizam de seus direitos e deveres e galgam realizações pessoais e profissionais. O ensino médio é a porta de entrada para milhares de alunos, que, anualmente, após o seu término e diante das inúmeras formas de uma formação continuada disponibilizada pela sociedade atual, buscam profissionalizar-se.	1
	2
	3
	4
	5
<u>Mas, o ensino passou por uma mudança suntuosa e muito tem se questionado sobre o futuro do mesmo no Brasil, afinal, mudanças são sempre questionáveis.</u>	6
	7
Análise	

Tópico: *Mudança suntuosa proposta pela reforma do Ensino Médio suscita questionamentos*

Domínio 1: linhas 1 a 25

Suporte: linhas 1 a 5

Posição: linhas 6 a 7

SegT 2 – Tx. 6 (A reforma do Ensino Médio, SegT 2)

Contamos agora com o novo conjunto de diretrizes para o ensino médio, a Medida Provisória tem prazo máximo até 2018 para entrar em vigor. A grade curricular teve uma grande mudança. Agora, apenas 60% dessa grade deve ser preenchida pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), os outros 40% restantes, destinar-se-ão aos chamados itinerários formativos, em que o estudante poderá escolher entre cinco de estudo que são: Linguagens e suas Tecnologias; Matemática e suas Tecnologias; Ciências da Natureza e suas Tecnologias; Ciências Humanas e Sociais e Aplicadas e Informação Técnica e Profissional.

A princípio, parece algo bom para os estudantes e para a sociedade em geral, já que, os alunos deixariam o ensino médio com uma profissão encaminhada, mas, mediante uma análise mais profunda, vemos que muito do que se promete ficará no meio do caminho.

Dessas cinco áreas específicas, a escola por enquanto, só terá a obrigação de ofertar uma, o que automaticamente deixará o aluno sem o direito de escolha. Em relação aos docentes, não será exigido um diploma específico na área para que o mesmo possa atuar em sala de aula, naturalmente, não se abrangerá todas as especificidades da área escolhida pelo discente. Vemos ainda a retirada das disciplinas de Educação Física, Arte, Sociologia, Filosofia e Espanhol da grade curricular dos estabelecimentos de ensino e, como se ainda não bastasse, a sociedade foi apunhalada pelas costas, já que, todas essas medidas foram tomadas sem o conhecimento da mesma.

Análise

Tópico: *Mudanças questionáveis da proposta de reforma do Ensino Médio*

Domínio 1: linhas 1 a 18

Suporte: linhas 1 a 7

Posição: linhas 8 a 10

Suporte: linhas 11 a 18

SegT 3 – Tx. 6 (A reforma do Ensino Médio, SegT 3)

Diante dessa atitude covarde, buscamos nos consolar na promessa do governo de que fornecerá apoio financeiro as instituições educacionais para que as novas medidas sejam implantadas com sucesso.

O que se sabe de fato é que, não se pode tapar o sol com a peneira, não há como qualificar sem condicionar, ou seja, é necessário oferecer condições adequadas para uma educação de qualidade.

Análise

Tópico: *Sucesso da proposta dependerá de apoio financeiro do governo*

Domínio 1: linhas 1 a 5

Posição: linhas 1 a 2

Suporte: linhas 3 a 5

Artigo de opinião 7

SegT 1 – Tx. 7 (*A Reforma do Ensino Médio*, SegT 1)

A Reforma do ensino médio, projeto de lei (PL 6840), que tramita desde 2013 colocada em forma de MP (Medida Provisória), agora aprovada, tem sido um assunto polêmico e depois de avaliar algumas discussões sobre ele é notável que a medida é autoritária.

Pode se afirmar que é uma medida drástica, levando em conta a precariedade dos nossos alunos e professores e o despreparo para as mudanças previstas.

Análise

Tópico: *Reforma do Ensino Médio configura-se como medida drástica*

Domínio 1: linhas 1 a 5

Suporte: linhas 1 a 3

Posição: linhas 4 a 5

SegT 2 – Tx. 7 (*A Reforma do Ensino Médio*, SegT 2)

Para obtermos uma educação como na Austrália e Finlândia, como foi levantada a questão, é preciso que tenha também investimento e preparação.

Nossas escolas - a maioria delas no Brasil - não estão preparadas estruturalmente para suprir as necessidades, seja do aluno ou do servidor. Há aquelas que o ensino médio funciona a tarde e à noite e esses alunos mal tem um lanche, terá que suprir alimentação adequada, espaço agradável entre outras necessidades.

Para querer igualar a carga horária de estudo a outros países, devemos levar em conta o fato de igualar também a infraestrutura das escolas, os investimentos e o preparo profissional dos professores.

Análise

Tópico: *Educação do Brasil demanda investimento e preparação para alcançar os índices de países como Austrália e Finlândia*

Domínio 1: linhas 1 a 8

Posição: linhas 1 a 2

Suporte: linhas 3 a 6

Posição: linhas 7 a 8

SegT 3 – Tx. 7 (*A Reforma do Ensino Médio*, SegT 3)

<u>Segundo plano proposto, gradualmente, as escolas passaram a ser integrais, passando a carga horária de 800 para 1400 horas anuais. Assim, os alunos passaram a ficar sete horas por dia na aula.</u>	1 2
Uma carga horária de cinco horas ruins - como já acontece ficará pior se for de sete horas. Haverá um desinteresse do aluno e isso só fará aumentar o índice de evasão escolar.	3 4
Análise Tópico: <i>Fragilidades das mudanças propostas pela reforma do Ensino Médio: Escola em tempo integral</i> Domínio 1: linhas 1 a 4 Posição: linhas 1 a 2 Suporte: linhas 3 a 4	

SegT 4 – Tx. 7 (A Reforma do Ensino Médio, SegT 4)	
<u>Quanto a seleção escolha das disciplinas há um contraste, o aluno poderá optar pelas disciplinas desejadas, mas no caso daqueles que não gostam de português e matemática, o desprazer de estudarem tais disciplinas será dobrado.</u>	1 2 3
E o que fará a escola que não puder ofertar as disciplinas desejadas pelos alunos? Alguns alunos não serão contemplados como desejam.	4 5
Análise Tópico: <i>Fragilidades das mudanças propostas pela reforma do Ensino Médio: escolha das disciplinas pelos alunos</i> Domínio 1: linhas 1 a 3 Posição: linhas 1 a 3 Suporte: linhas 3 a 5	

SegT 5 – Tx. 7 (A Reforma do Ensino Médio, SegT 5)	
<u>Contudo, é necessária uma mudança uma reforma no ensino, a começar pela preparação, valorização a motivação dos nossos professores e alunos.</u>	1 2
Não teremos êxito em sete horas na escola se professores e alunos não estiverem motivados a produzirem durante esse tempo.	3 4
Análise Tópico: <i>Necessidade de reforma que valorize e motive professores e alunos</i> Domínio 1: linhas 1 a 4 Posição: linhas 1 a 2 Suporte: linhas 3 a 4	

Artigo de opinião 8

SegT 1 – Tx. 8 (<i>Reforma do Ensino Médio</i> , SegT 1)	
A reformulação do ensino médio tem repercutido bastante e é um dos principais assuntos do momento, alguns veem de forma negativa, muitos de forma positiva, o que é absolutamente comum se observarmos sobre a ótica daquilo que querem nos passar, certamente acreditaremos que essa reforma é sim o que precisamos, que os jovens precisam desse tipo de mudança para que venham a ter interesse.	1 2 3 4 5
<u>No entanto as coisas não são tão simples quanto aparenta, antes de aprovarmos algo precisamos pensar e avaliar muito bem, assim como também tudo aquilo que atinge uma grande porção de pessoas deve ser pensado e repensado, salientando que não foi dessa forma que ocorreu a tomada dessas decisões, portanto há de certa forma fragilidade naquilo que foi estabelecido nesta nova forma de funcionamento do Ensino.</u>	6 7 8 9
Há alterações que são bastante radicais, como: a mudança de cinco horas para sete horas, sendo que já é bastante cansativo para os alunos as cinco horas diárias, sem falar no aumento dos gastos que consequentemente teremos. Outra questão relevante está no fato de que as escolas não serão obrigadas a oferecer a cinco ênfases previstas, sendo que para o aluno é de suma importância para a sua formação total como cidadã as matérias que serão supridas – sociologia, filosofia, artes e educação física.	10 11 12 13 14 15
Análise Tópico: <i>Fragilidades das mudanças propostas pela reforma do Ensino Médio</i> Domínio 1: linhas 1 a 9 Suporte: linhas 1 a 5 Posição: linhas 6 a 9 Suporte: linhas 10 a 15	

SegT 2 – Tx. 8 (<i>Reforma do Ensino Médio</i> , SegT 2)	
<u>Na verdade toda essa "facilidade" que aparenta ser benéfica, só tem um intuito de fazer com que menos pessoas cheguem no nível superior,</u>	1 2
ou seja, optem por aquilo que é mais fácil para o momento, escolhendo curso técnico e ensino médio simultaneamente, por exemplo, sendo que futuramente essas pessoas certamente serão pessoas sem opinião própria e ocuparão os cargos com salários mais inferiores, o que é bastante interessante para aqueles que estão fazendo essas mudanças.	3 4 5 6
Análise Tópico: <i>Finalidade dos aparentes benefícios da reforma no Ensino Médio</i> Domínio 1: linhas 1 a 6 Posição: linhas 1 a 2 Suporte: linhas 3 a 6	

Artigo de opinião 9

SegT 1 – Tx. 9 (<i>Reforma do Ensino Médio: Melhor alternativa para um avanço?</i> SegT 1)	
Em virtude da nova proposta do ensino médio, que por sua vez trará benefícios e alguns problemas para essa nova ideia de "avanço". O projeto que reformula o sistema do mesmo, em vez de tentarem primeiramente concertar o projeto de lei sobre a matéria que está em trâmite no Congresso, ou almenos consultar os principais envolvidos – professores, estudantes e responsáveis, resolveram impor uma medida provisória buscando acabar com a crise ou necessidade que muitas famílias vivenciam,	1 2 3 4 5 6
<u>mas será que isso realmente é a melhor alternativa?</u>	7
É verdade que esse projeto vai ao encontro de algumas aspirações de educadores, como a criação da carga horária e a flexibilização do ensino e a divisão em módulos, bem com o foco no ensino antenado aos interesses dos alunos, proporcionando um melhor desempenho nas disciplinas que melhor se identifique ou buscando a profissionalização em cursos técnicos, visando a estabilidade financeira.	8 9 10 11 12
Por outro lado, é preocupante aceitar o fato de algumas disciplinas que tem a ver com a formação do indivíduo deixarem de ser obrigatórias, como artes e educação física, na verdade conhecimento nunca é demais e nem ocupa espaço.	13 14 15
Análise Tópico: <i>Reforma do Ensino Médio: melhor alternativa? Avanços e retrocessos</i> Domínio 1: linhas 1 a 15 Suporte: linhas 1 a 6 Posição: linhas 7 Suporte: linhas 8 a 12 Suporte: linhas 13 a 15	

SegT 2 – Tx. 9 (<i>Reforma do Ensino Médio: Melhor alternativa para um avanço?</i> SegT 2)	
<u>Podemos afirmar que com essa nova reformulação as escolas não tenham infraestrutura para receber e oferecer com qualidade um ensino adequado para nossos filhos. Na verdade, eu seria favor até mesmo gostaria de ter tido o ensino dessa forma "ensino integral e técnico", mas as escolas ainda não estão preparadas para isso.</u>	1 2 3 4
Quando falamos em educação de primeiro mundo como Finlândia, Estados Unidos, Alemanha, precisamos de investimentos, de preparação e na verdade o Brasil não tem escolas públicas que atendam essas necessidades.	5 6 7
Análise Tópico: <i>Ausência de investimentos implica no sucesso da reforma: ausência de investimento na infraestrutura das escolas</i> Domínio 1: linhas 1 a 7 Posição: linhas 1 a 4 Suporte: linhas 5 a 7	

SegT 3 – Tx. 9 (<i>Reforma do Ensino Médio: Melhor alternativa para um avanço?</i> SegT 3)	
<u>A falta de investimento na qualificação de nossos professores implicam no sucesso dessa proposta,</u>	1
precisaríamos de qualificação e tecnologia que ajuda a trazer e tirar do papel e pôr em prática dentro das escolas, assim ativaria e melhoraria o ensino e aprendizagem, uma parceria entre professores e alunos.	2 3 4
Análise Tópico: <i>Ausência de investimentos implica no sucesso da reforma: ausência na qualificação do professor</i> Domínio 1: linhas 1 a 9 Posição: linha 1 Suporte: linhas 2 a 9	

SegT 4 – Tx. 9 (<i>Reforma do Ensino Médio: Melhor alternativa para um avanço?</i> SegT 4)	
<u>Então não podemos pensar no ensino médio como uma profissionalização para mão-de-obra barata, e nem algo que prepare apenas para vestibular, temos que ter a noção que devemos preparar nossos alunos para futuros cidadãos que tenham autonomia e possam decidir por si só o que quer, mais que esteja preparado para um futuro seja ele qual for.</u>	1 2 3 4
Análise Tópico: <i>Reforma do Ensino Médio deve focar a formação de cidadãos autônomos</i> Domínio 1: linhas 1 a 4 Posição: linhas 1 a 4	

Artigo de opinião 10

SegT 1 – Tx. 10 (<i>A Reforma do Ensino Médio</i> , SegT 1)	
Muito se tem discutido a respeito da nova proposta de uma reforma no ensino médio das escolas brasileiras, elaborado pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Tal proposta visa melhorar o ensino oferecido pelas escolas, visa trazer maior capacitação aos alunos junto ao mercado de trabalho, de maneira que os alunos ao concluírem o ensino médio tenham convicção da área em que pretendem atuar profissionalmente.	1 2 3 4 5
Basicamente, essa reforma consiste em aumentar a carga horária para 3.600 horas, sendo 1.200 para o aluno que pretender cursa uma formação técnica profissional, e as demais 2.400 horas destinadas ao ensino médio regular obrigatório. A proposta visa que serão exigidos os estudos de português e matemática nos 3 anos de ensino médio, e os estudos de filosofia, sociologia, educação física e artes. Pretender implantar também o ensino médio integral, o que garante que o aluno permaneça por mais tempo em sala de aula, contudo não será obrigatório que todas as escolas adotem o período integral.	6 7 8 9 10 11 12

Análise

Tópico: *Finalidades da proposta de reforma do Ensino Médio*

Domínio 1: linhas 1 a 12

Posição: IMPÍCITA

Suporte: linhas 1 a 5

Suporte: linhas 6 a 12

SegT 2 – Tx. 10 (A Reforma do Ensino Médio, SegT 2)

É evidente que a educação oferecida pelo governo brasileiro clama por uma reforma, por melhorias, maiores incentivos, etc.

1
2

Tornar o ensino médio em um ensino “básico” não soluciona sequer uma parte da escassez educacional que o país vive.

3
4

Nós cidadãos, precisamos muito mais que português, matemática, filosofia, sociologia, artes e educação física. Essa flexibilização na estrutura do ensino médio o torna ainda mais “pobre”. Pesquisas apontam que o Brasil ocupa o 52º em educação, entre 65 países avaliados (PISA), ou seja, educação básica e péssima. Se no ensino médio atual oferecido pelas escolas já nos deparamos com alunos “fragilizados”, quanto mais ingressá-los em um ensino técnico básico. O que os alunos precisam é de mais atenção, objetividade, clareza, novos métodos de ensino, recursos didáticos.

5
6
7
8
9
10
11

Passar o dia em sala de aula não garante aprendizagem, mas professores devidamente preparados, recursos didáticos atraentes, psicólogos nas escolas dando assistência a discentes e docentes sem embaraços em seu âmbito escolar

12
13
14

Análise

Tópico: *Reforma do Ensino Médio não é a solução para os problemas da educação no Brasil*

Domínio 1: linhas 1 a 14

Suporte: linhas 1 a 2

Posição: linhas 3 a 4

Suporte: linhas 5 a 11

Posição: linhas 12 a 14

SegT 3 – Tx. 10 (A Reforma do Ensino Médio, SegT 3)

Faz-se necessário uma nova avaliação da proposta, para que não percamos mais tempo procrastinando um ensino de qualidade no nosso país.

1
2

Ouvir pais de alunos, professores e os próprios discentes para um melhor desenvolvimento da escola. Rever tal reforma também contribui para redução do custo que a reforma pretende gastar, aproximadamente 2000 reais por aluno, um investimento de 1,5 bilhões até 2018, tudo fornecido pelo governo federal, o que poderia ser melhor aplicado no aprimoramento da educação atual.

3
4
5
6
7

Análise

Tópico: *Proposta de reforma do Ensino Médio requer reavaliação*

Domínio 1: linhas 1 a 7
 Posição: linhas 1 a 2
 Suporte: linhas 3 a 7

Artigo de opinião 11

SegT 1 – Tx. 11 (*A reforma do Ensino Médio, SegT 1*)

A proposta de reforma do Ensino Médio defendida pelo governo Michel Temer, vem causando muitas reações controversas entre professores e alunos. Discordo desta reforma, primeiramente, porque os mais interessados não foram sequer consultados, com isso, percebe-se uma imposição do governo.

É fato que a MP vai ao encontro de alguns desejos dos educadores, como a ampliação da carga horária, flexibilização do ensino e a divisão em módulos, como também um ensino voltado ao interesse dos alunos.

Por outro lado, é assustador aceitar o fato de algumas disciplinas que tem a ver com a formação do indivíduo, como a Arte e a Educação Física, deixarem de ser obrigatórias. É preocupante pensar que os professores poderão ser contratados sem concurso e lecionar em disciplinas que não é a sua área. É triste pensar que apenas só terão condições de oferecer uma das cinco áreas criadas. É de se prever que o estudante, na sua dura realidade em que vivemos, terá que faltar as aulas, pois precisa trabalhar.

Análise

Tópico: *Reações controversas suscitadas pela reforma imposta pelo governo*

Domínio 1: linhas 1 a 12
 Posição: 1 a 3
 Suporte: linhas 4 a 6
 Suporte: linhas 7 a 12

SegT 2 – Tx. 11 (*A reforma do Ensino Médio, SegT 2*)

É impossível não pensar como realmente será essa reforma, visto que na teoria é uma coisa, mas, e na prática? Haverá verbas suficientes para tamanho feito já que o governo quer congelar os gastos por 20 anos?

Entre o que se sonha e o que é possível, há uma grande diferença. Creio que as escolas públicas não darão nem conta do mínimo, o que vai piorar ainda mais a educação no Ensino Médio.

Análise

Tópico: *Reforma do Ensino Médio cumprirá com suas finalidades?*

Domínio 1: linhas 1 a 6
 Posição: linhas 1 a 3
 Suporte: linhas 4 a 6

Artigo de opinião 12

SegT 1 – Tx. 12 (<i>Educação de qualidade: Novo Ensino Médio? SegT1</i>)	
A medida Provisória (MP) nº 746/2016, que promove alteração no ensino médio já foi aprovada pelo Congresso Nacional e sancionada pelo presidente da República, tal MP tem sido vista e defendida por muitos cidadãos como a “salvação” da educação brasileira, que apresenta hoje um índice educacional muito abaixo do que se espera de um país com alto potencial de crescimento, como é o caso do Brasil.	1 2 3 4 5
<u>Porém, acredito que essa MP não irá elevar o índice educacional de nosso país, pois apresenta na sua base ideias contrárias e incapazes de modificar a educação brasileira, ideias como: ensino profissionalizante, professores atuando em áreas afins e disciplinas sendo trabalhadas dentro de outras disciplinas é que fazem ser contra o novo ensino médio.</u>	6 7 8 9
A MP, propõe que os estudantes saiam do ensino médio direto para o mercado de trabalho, oferecendo assim um ensino médio profissionalizante, onde o aluno irá estudar além das disciplinas obrigatórias – Português, Matemática e Inglês – apenas disciplinas do seu interesse, disciplinas com as quais se identifiquem.	10 11 12 13
<u>No entanto, não quer dizer que se o aluno estudar apenas o que goste, quando terminar o ensino médio irá ingressar direto no mercado de trabalho,</u>	14 15
pois tal mercado não dispõe de vagas suficientes para atender a todos os estudantes no mais, o aluno não irá estudar aquilo que goste, mas sim as disciplinas que sua escola irá ofertar. Na verdade, a MP quer “criar” jovens conformados com sua vida, seu trabalho, que tornar desses jovens, seres mecanizados, incapazes de criticar e lutar por uma vida melhor.	16 17 18 19
Análise Tópico: <i>Aspectos controversos da Medida Provisória que impedem a elevação da qualidade da educação no Brasil: ensino profissionalizante</i> Domínio 1: linhas 1 a 19 Suporte: linhas 1 a 5 Posição: linhas 6 a 9 Suporte: linhas 10 a 19 Domínio 2: linhas 10 a 19 Suporte: linhas 10 a 13 Posição: linhas 14 a 17 Suporte: linhas 18 a 19	

SegT 2 – Tx. 12 (<i>Educação de qualidade: Novo Ensino Médio? SegT 2</i>)	
<u>Como já foi citado, no novo ensino médio, somente as disciplinas de Português, Matemática e Inglês serão obrigatórias, porém disciplinas como física, biologia e geografia não deixarão de existir, mas qualquer professor poderá ministrar as disciplinas que não são obrigatórias, desde que apresente experiência na disciplina.</u>	1 2 3 4
A MP, não quer elevar o índice da educação brasileira, como defende, propõe uma reforma no ensino médio, mas quer contratar qualquer professor para trabalhar as disciplinas não obrigatórias, apenas apresentando afinidade com a disciplina. Será que um professor com formação em história, irá dominar a química, por exemplo? Dificilmente sim. O estudante,	5 6 7 8

por exemplo, que quer se preparar para o mercado de trabalho – com o ensino profissionalizante – e que tem afinidade com a química, não irá sair do ensino médio preparado para atuar na área de química, pois seu professor, que não era formado em química, não dominava ou não dominava pouco a disciplina.	9 10 11 12
Análise Tópico: <i>Aspectos controversos da Medida Provisória que impedem a elevação da qualidade da educação no Brasil: atuação do professor em áreas afins</i> Domínio 1: linhas 1 a 12 Posição: linhas 1 a 4 Suporte: linhas 5 a 12	

SegT 3 – Tx. 12 (<i>Educação de qualidade: Novo Ensino Médio?</i> SegT 3)	
<u>Não obstante, além de qualquer professor ministrar as disciplinas não obrigatórias, as disciplinas de artes, filosofia e sociologia poderão ser estudadas dentro de outras disciplinas ou área, como temas transversais.</u> A MP, propõe, como já mencionei, elevar o índice da educação do Brasil, mas como o aluno irá desenvolver seu lado crítico sem estudar filosofia ou sociologia, por exemplo? Será que o professor de matemática, por exemplo, irá trabalhar temas dessas disciplinas na sua aula? Dificilmente. O aluno irá sair do ensino médio com uma má formação, com várias deficiências em algumas áreas, e, se não conseguir um emprego para área na qual se “profissionalizou”, ainda estará despreparado para atuar ou concorrer em outras áreas.	1 2 3 4 5 6 7 8
Análise Tópico: <i>Aspectos controversos da Medida Provisória que impedem a elevação da qualidade da educação no Brasil: Disciplinas não obrigatórias poderão ser trabalhadas como temas transversais</i> Domínio 1: linhas 1 a 8 Posição: linhas 1 a 2 Suporte: linhas 3 a 8	

SegT 4 – Tx. 12 (<i>Educação de qualidade: Novo Ensino Médio?</i> SegT 4)	
<u>De acordo com o que foi exposto, acredito que a reforma do ensino médio, proposta pela MP, não irá elevar o índice de educação brasileira.</u> O índice educacional do país do irá elevar, quando os nossos governantes investirem na base da educação brasileira, ou seja, no ensino primário. Se o aluno tiver boa formação ainda criança, quando sair do ensino médio, esse mesmo aluno será um cidadão crítico e não um ser mecanizado, como podemos verificar nas “entrelinhas” da MP, e, estará preparado para atuar em qualquer área do mercado de trabalho e não limitado em apenas uma área como propõe o novo ensino médio.	1 2 3 4 5 6 7 8

Análise

Tópico: *Reforma do Ensino Médio não elevará a qualidade da educação brasileira*

Domínio 1: linhas 1 a 8

Posição: linhas 1 a 2

Suporte: linhas 3 a 8

Artigo de opinião 13

SegT 1 – Tx. 13 (*A Reforma do Ensino Médio*, SegT 1)

Recentemente, o governo federal editou uma medida provisória instituindo mudanças no ensino médio do país. Entretanto, essa medida previa o fim da obrigatoriedade de algumas disciplinas do ensino curricular anual, além do ensino médio em tempo integral. O fato teve grande repercussão e gerou uma onda de protestos.

Foi proposto, o fim da obrigatoriedade de algumas disciplinas, por exemplo, artes e educação física, ambas essenciais para o desenvolvimento físico e mental do aluno.

Tais disciplinas ajudam no crescimento humanitário, são importantes, logo deveriam ser obrigatórias no currículo.

1
2
3
4
5
6
7
8

Análise

Tópico: *Mudanças do Ensino Médio que geram repercussões: fim da obrigatoriedade*

Domínio 1: linhas 1 a 8

Posição: linhas 1 a 4

Suporte: linhas 5 a 8

Domínio 2: linhas 5 a 8

Suporte: linhas 5 a 6

Posição: linhas 7 a 8

SegT 2 – Tx. 13 (*A Reforma do Ensino Médio*, SegT 2)

Foi proposto também o ensino médio em tempo integral, sendo assim, de quatro passará para sete horas diárias, levando como exemplo países como desenvolvidos como Japão e Estados Unidos.

Porém, a estrutura da educação brasileira é precária, ou seja, os alunos passarão mais tempo nas escolas, mas, sem garantia de qualidade nas salas e na merenda.

1
2
3
4
5

Análise

Tópico: *Mudanças do Ensino Médio que geram repercussões: ensino em tempo integral*

Domínio 1: linhas 1 a 5

Suporte: linhas 1 a 3
Posição: linhas 4 a 5

SegT 3 – Tx. 13 (*A Reforma do Ensino Médio*, SegT 3)

Enfim, sabe-se que a educação brasileira necessita de reforma, mas, antes de fazer quaisquer mudanças deve-se analisar as condições do país, porque para pôr em prática novas propostas devemos analisar se elas condizem com a nossa realidade. Uma boa solução seria diminuir a carga horária das disciplinas em vez de acabar com elas, e criar projetos educacionais, assim o aluno não seria privado de disciplinas tão importantes.

1
2
3
4
5

Análise

Tópico: *Reforma do Ensino Médio deve considerar realidade brasileira*

Domínio 1: linhas 1 a 5

Posição: linhas 1 a 5

Artigo de opinião 14

SegT 1 – Tx. 14 (*A reforma do Ensino Médio*, SegT 1)

Tem havido muitos debates nas escolas, nas televisões, em redes sociais, entre outros meios de comunicações sobre a reforma do Ensino Médio.

1
2

A medida provisória (MP) do governo federal sobre a reforma curricular do Ensino Médio está em debate. Houve, segundo o governo federal uma adaptação do Ensino Médio, mudanças inclusive no Ensino Superior, o Enem e outras instituições de apoio ao ingresso nas universidades. A intenção é facilitar para os alunos a escolha de suas futuras profissões em busca de uma nova vocação de aprendizagem.

3
4
5
6
7

Sou contra essa nova reforma do Ensino Médio.

8

porque tira muitas disciplinas curriculares que são de suma importância para os alunos. Artes e educação física, passam a ser obrigatórias no Ensino Infantil e fundamental, pois o esporte também é educação, claramente nos recentes jogos olímpicos e paraolímpicos.

9
10
11

A MP traz um ponto polêmico ao abrir espaço para profissionais com notório saber reconhecido pelos respectivos sistemas de ensino para ministrar conteúdos de áreas afins de sua formação. Infelizmente a educação em nosso país, está em decadência, os alunos sabem seus direitos e esquecem seus deveres. Os professores outra vez serão colocados em segundo plano.

12
13
14
15
16

Análise

Tópico: *Aspectos controversos da reforma do Ensino Médio geram debates*

Domínio 1: linhas 1 a 16

Posição: linhas 1 a 2

Suporte: linhas 3 a 16

Domínio 2: linhas 8 a 16

Posição: linha 8
Suporte: linhas 9 a 16

SegT 2 – Tx. 14 (*A reforma do Ensino Médio*, SegT 2)

Para concluir, sou contra essa nova reforma do Ensino Médio,

1

a proposta poderá levar a uma precarização do Ensino, com a ênfase maior em uma formação tecnicista em oposição a uma formação crítica dos estudantes. Os professores também perdem melhores condições de trabalho. Por mim permanecia o antigo ensino médio. Queremos ensino de qualidade, que atenda aos anseios e necessidades dos filhos e filhas da classe trabalhadora.

2

3

4

5

6

Análise

Tópico: *Proposta de reforma de Ensino Médio poderá ser desastrosa à educação*

Domínio 1: linhas 1 a 6

Posição: linhas 1

Suporte: linhas: 2 a 6

Artigo de opinião 15

SegT 1 – Tx. 15 (*Novo Ensino Médio: Avanço ou Retrocesso?* SegT 1)

Todos sabem que em nosso país, há tempos, observa-se um declínio na educação, pois esta se apresenta estagnada e com previsão de piora. Após todo o “drama” ocorrido no cenário político, o atual presidente Michel Temer, inspirado em modelos adotados em países como Coreia do Sul e Austrália, decide implantar um novo ensino médio como investida de alçar a educação;

1

2

3

4

5

antes de aceitar tal solução é preciso entendê-la e compreender que uma sociedade não pode ser castrada sob a face de que todos os problemas serão resolvidos com seu revigoreamento.

6

7

É indiscutível que o atual modelo é falho, porém, é sabido que o mesmo quase não possui amparo governamental e que é ao máximo negligenciado.

8

9

sendo assim é importante frisar que não será inserindo uma base “filosófica” diferente que a educação começará a reerguer. Não é omitindo a realidade que conseguiremos dar impulso ao ensinamento que como afirma Paulo Freire, pode mudar toda uma sociedade, isto é, a mesma é alicerce de tudo.

10

11

12

13

Análise

Tópico: *Aspectos que impedem o revigoreamento da educação: Ausência de amparo governamental*

Domínio 1: linhas 1 a 13

Suporte: linhas 1 a 5

Posição: linhas 6 a 7

Suporte: linhas 8 a 13

Domínio 2: linhas 8 a 13
 Posição: linhas: 8 a 10
 Suporte: linhas 11 a 13

SegT 2 – Tx. 15 (*Novo Ensino Médio: Avanço ou Retrocesso?* SegT 2)

Devemos destacar que, não é apenas o ensino que encara seus problemas, é a sociedade em geral e como se sabe uma acaba afetando a outra, no caso educacional é de forma negativa, vejamos a vida que a sociedade tem ofertado aos jovens, principalmente aos de baixa renda, é de puro desamparo, e logo estes se veem “obrigado” a ceder a pressão social e ficar na margem de subempregos, apenas para ajudar a sustentar sua família.

1
2
3
4
5

Análise

Tópico: *Aspectos que impedem o revigoramento da educação: Desamparo social aos jovens*

Domínio 1: linhas 1 a 5
 Posição: IMPLÍCITA
 Suporte: linhas 1 a 5

SegT 3 – Tx. 15 (*Novo Ensino Médio: Avanço ou Retrocesso?* SegT 3)

É perceptível que o que falta é o financiamento e prioridade, deixando boa parte das escolas públicas sucateadas, se o governo não pode manter o atual modelo educacional, o que lhe faz pensar que poderá salvaguardar um novo e de certo modo mais complexo (interrogação).

1
2
3

Modelos que funcionam perfeitamente, só que em países com economias desenvolvidas e não em nações de submundo como a nossa. Chega a ser cômico sua implantação, pois é visível que não possuímos estruturas e apoio financeiro suficiente para manter milhões de alunos por oito horas diárias em sala de aula.

4
5
6
7

Análise

Tópico: *Aspectos que impedem o revigoramento da educação: Ausência de investimento e sucateamento das escolas públicas*

Domínio 1: linhas 1 a 7
 Posição: linhas 1 a 3
 Suporte: linhas 4 a 7

SegT 4 – Tx. 15 (*Novo Ensino Médio: Avanço ou Retrocesso?* SegT 4)

Levando-se em conta o que foi observado, podemos perceber que a reforma no ensino médio não é a solução eficaz para a educação pública brasileira, e sim uma fuga, “é” preciso sim buscar metodologias que modificam os índices alarmantes,

1
2
3

mas, que tais ações estejam pautadas com a realidade e com a mesma trabalhar não idealizando a realidade de outros que possuem condições bem melhores.

4
5
6

O novo ensino médio é uma farsa, um mecanismo de incubação de verdadeiros interesses da classe detentora de poder, é uma forma de promover o analfabetismo e alienação intelectual em massa.	7 8
Análise Tópico: <i>Reforma deve estar em consonância com a realidade brasileira</i> Domínio 1: linhas 1 a 8 Suporte: linhas 1 a 3 Posição: linhas 4 a 5 Suporte: linhas 5 a 8	

Artigo de opinião 16

SegT 1 – Tx. 16 (Impactos da MP, SegT 1)	
Sabe-se que a busca por mudanças em prol do ensino em nosso país, tem sido uma constante nos últimos anos. Isso por conta do alto índice de reprovação, evasão escolar, e ainda pelo crescimento paulatino dos índices educacionais negativos.	1 2 3
<u>Diante desses fatos a MP desponta como uma espécie de feedback a sociedade em geral, propondo mudanças e radicalizando a atual forma de ensino aprendizagem em nosso país.</u>	4 5
Análise Tópico: <i>Medida Provisória propõe mudanças radicais ao Ensino Médio</i> Domínio 1: linhas 1 a 5 Suporte: linhas 1 a 3 Posição: linhas: 4 a 5	

SegT 2 – Tx. 16 (Impactos da MP, SegT 2)	
Há muito o que se pensar quanto à significação da MP, porém acredita-se que a mesma ainda necessita de diversas análises a serem realizadas a partir do estudo de diversos fatores, podendo ser esses internos ou externos dentro e fora das escolas.	1 2 3
<u>Refletir sobre a etapa mais crítica do ensino básico é algo de grande valia dentro desse anelado movimento, todavia, cremos que não tenha sido levado em conta que a MP poderá beneficiar mais o ensino privado que o público, ou até mesmo possibilitar o aumento das desigualdades sociais.</u>	4 5 6
Neste momento de mudanças, é importante lembrar que nem todas as escolas possuem estrutura física adequada, com ambientes acolhedores e dignos de receber tal proposta, com isso, é ainda mais preocupante a qualidade do ensino transmitido por essas escolas. É notório o legível investimento que precisa ser feito, não só na infraestrutura (prédio, escola), mas também nas formações de professores, na inserção de tecnologias que os apoiem e na valorização destes profissionais. Por outro lado, não se sabe quais escolas irão ofertar aos alunos todas as modalidades ou áreas criadas com a MP, bem como, se estas se escolas terão condições de oferecer pelo menos uma, dessas modalidades como área de ciências humanas por exemplo.	7 8 9 10 11 12 13 14 15

Análise

Tópico: *Medida Provisória necessita de reflexão e análise de suas conjecturas*

Domínio 1: linhas 1 a 15

Suporte: linhas: 1 a 3

Posição: linhas 4 a 6

Suporte: linhas 7 a 15

SegT 3 – Tx. 16 (*Impactos da MP, SegT 3*)

Assim, observa-se que a MP requer profundas indagações e questionamentos quanto a seus fundamentos e propostas.

Deste modo, a mesma tende a ser uma medida “ineficaz” ao partir do ponto de vista de que reprovações ou evasões escolares não se resolve com o aumento da carga horária, sim com os investimentos para obter qualidade no mesmo.

1
2
3
4
5

Análise

Tópico: *MP envolve profundas indagações quanto aos seus fundamentos e propósitos*

Domínio 1: linhas 1 a 5

Posição: linhas 1 a 2

Suporte: linhas 3 a 5

Artigo de opinião 17

SegT 1 – Tx. 17 (“*Novo*” *Ensino Médio: um movimento retrógrado*, SegT 1)

Entre os debates mais intensos que permeiam a sociedade brasileira atualmente, um tema que não pode ser deixado em segundo plano é sobre a reforma no ensino médio, ou seja, o “novo” ensino médio. Sua legalidade se afirma no fato de a educação estar em crise, e que medidas devem ser tomadas urgentemente.

Porém, poucos sabem que tal ação é um retorno agravado à década de 90, onde se gerava uma educação ainda mais incompleta.

1
2
3
4
5
6

Análise

Tópico: *Reforma do Ensino Médio remonta modelo de educação fracassado da década de 90*

Domínio 1: linhas 1 a 12

Suporte: linhas 1 a 4

Posição: linhas 5 a 6

SegT 2 – Tx. 17 (“*Novo*” *Ensino Médio: um movimento retrógrado*, SegT 2)

<u>Vivemos atualmente em um estanque educacional, com altos índices de evasão e políticas claramente desfavoráveis, mas, é certo ao declarar que os modelos anteriores e seus resultados são piores e mais falhos que nos dias de hoje.</u> Na década de 90 a educação se dividia entre clássica e científica, onde jovens de baixa renda e com poucas oportunidades se rendiam a carreiras de subemprego, enquanto que os mais ricos focam seus estudos nas áreas que almejam.	1 2 3 4 5 6
Análise Tópico: <i>Modelos educacionais anteriores são inapropriados e deficientes</i> Domínio 1: linhas 1 a 6 Posição: linhas 1 a 3 Suporte: linhas: 4 a 6	

SegT 3 – Tx. 17 (“Novo” Ensino Médio: um movimento retrógrado, SegT 3)	
<u>É o mesmo que acontece agora, promover um retrocesso na educação pública e criar modelos reprodutivos de “indivíduos” não é uma via que deva ser seguida, é uma fórmula embargada de um monopólio hierárquico com a faceta de ensino profissionalizante.</u> Gerar sujeitos incapazes de pensar, questionar e analisar é claramente um dos interesses da classe dominante, tal diligência quer formar cidadãos conformistas e ocultar a defasagem de um país cuja educação é usada para ascender uma minoria detentora do poder.	1 2 3 4 5 6
Análise Tópico: <i>Reforma do Ensino Médio remonta modelo de educação da década de 90</i> Domínio 1: linhas 1 a 6 Posição: linhas 1 a 3 Suporte: linhas: 4 a 5	

SegT 4 – Tx. 17 (“Novo” Ensino Médio: um movimento retrógrado, SegT 4)	
<u>Podemos ainda alçar o fator do país não possuir condições para manter um ensino integral de boa qualidade, este, antes mesmo de ser implantado já apresenta vários lapsos, como a falta de infraestrutura.</u> Pois já que a carga horária irá aumentar, se faz necessário que as salas e toda escola esteja preparada para propiciar ao aluno conforto, bem estar, refeições melhoradas, acesso as tecnologias e incentivo cotidiano para todos, desde o corpo docente aos discentes.	1 2 3 4 5
Análise Tópico: <i>Ausência de infraestrutura nas escolas compromete o ensino integral proposto pela reforma</i> Domínio 1: linhas 1 a 5 Posição: linha 1 a 2 Suporte: linhas 3 a 5	

SegT 5 – Tx. 17 (“ <i>Novo</i> ” <i>Ensino Médio: um movimento retrógrado</i> , SegT 5)	
<u>Em virtude dos fatos mencionados é se levado a acreditar que voltar aos padrões utilizados e fracassados, não é a solução que a educação brasileira precisa, se faz necessário lidar com a realidade e por meio dela buscar soluções cabíveis.</u>	1 2 3
Trabalhar em cima do que já se possui e de fato lançar perspectivas melhoradas e novas, o passado não possui nada novo, e voltar a eles é se prender a mesmice e se condenar aos velhos resultados; busquemos a verdadeira inovação e não sua idealização.	4 5 6
Análise Tópico: <i>Reforma deve se erigir em conformidade com a realidade brasileira</i> Domínio 1: linhas 1 a 6 Posição: linhas 1 a 3 Suporte: linhas 4 a 6	

Artigo de opinião¹⁸

SegT 1 – Tx. 18 (<i>Sem título</i> , SegT 1)	
<u>Em relação ao novo modelo do ensino médio, discordo da forma como o governo federal encaminhou a nova proposta de Ensino Médio.</u>	1 2
Em vez de tentar, primeiramente, fazer avançar o projeto de lei sobre a matéria que já está em trâmite no Congresso, fruto da construção mais democrática, ou ao menos, consultar os principais envolvidos, professores, estudantes e responsáveis, resolveu impor um novo sistema via Medida Provisória.	3 4 5 6
Análise Tópico: <i>Modo como a proposta de reforma do Ensino Médio foi encaminhada gera discordância</i> Domínio 1: linhas 1 a 6 Posição: linhas 1 a 2 Suporte: linhas 3 a 6	

SegT 2 – Tx. 18 (<i>Sem título</i> , SegT 2)	
É verdade que a MP vai ao encontro de algumas aspirações de educadores, como a ampliação da carga horária, a flexibilização do ensino e a divisão em módulos, bem como o foco num ensino antenado aos interesses dos alunos. Por outro lado, é preocupante aceitar o fato de algumas disciplinas, que têm a ver com a formação do indivíduo, deixarem de ser obrigatórias, como Arte e Educação Física. Conhecimento não ocupa espaço.	1 2 3 4 5
É preocupante saber que professores poderão ser contratados sem concurso e por notório saber. É preocupante perceber que a nova política prescinde mais ainda de recursos. Será triste contatar que uma, duas, dezenas de escolas só terão condições de oferecer, por	6 7 8

exemplo, uma das cinco áreas criadas: Linguagens, Matemática, Ciências da Natureza, Ciências Humanas ou formação técnica e profissional. É preocupante prever que o estudante, na dura realidade brasileira, terá que faltar, inclusive, a algumas aulas para trabalhar	9 10 11 12
Análise Tópico: <i>Avanços e retrocessos da reforma do Ensino Médio</i> Domínio 1: linhas 1 a 12 Posição: IMPLÍCITA Suporte: linhas 1 a 5 Suporte: linhas 6 a 12	

SegT 3 – Tx. 18 (<i>Sem título, SegT 3</i>)	
<u>Com certeza, flexibilizar a grade, oferecer disciplinas optativas e enriquecer o currículo com profissionais do mercado são decisões que podem favorecer o ensino. Neste aspecto, a intenção pode até parecer boa. No entanto, como não pensar no hiato que se cria, no Brasil de todos os governos e este não é nem será exceção.</u> Entre o que se sonha e o que se é possível há, no Brasil, grande diferença no que tange as políticas públicas. Receio que, sem verbas, as escolas públicas darão “mal” conta do mínimo. E, na prática, continuarão tendo uma formação mais sólida e coesa os que puderem frequentar o ensino privado. Veremos os próximos capítulos.	1 2 3 4 5 6 7 8
Análise Tópico: <i>Reforma provoca hiato entre o que se propõe e a realidade educacional brasileira</i> Domínio 1: linhas 1 a 8 Posição: linhas 1 a 4 Suporte: linhas: 5 a 8	

Artigo de opinião 19

SegT 1 – Tx. 19 (<i>Reforma do Ensino Médio, SegT 1</i>)	
<u>Nosso país em 2013 teve essa reformulação no Ensino Médio, a qual trouxe muitas insatisfações à população, mais por outro lado, temos muito pontos negativos e positivos.</u> <u>Num país com disparidades econômicas e sociais profundas como o Brasil, a liberdade de escolha das escolas também representa um risco.</u> Regiões em que há falta sistemática de professores de química e física possivelmente optarão por não oferecer o aprofundamento em ciências naturais, para que isso se concretize as secretarias de educação terão de fazer o gerenciamento de ofertas.	1 2 3 4 5 6 7
Análise	

Tópico: *Pontos positivos e negativos da reformulação do Ensino Médio: Liberdade de escolha das escolas quanto a trajetória formativa dos alunos*

Domínio 1: linhas 1 a 7

Posição: linhas 1 a 2

Suporte: linhas 3 a 7

Domínio 2: linhas 3 a 7

Posição: 3 a 4

Suporte: 5 a 7

SegT 2 – Tx. 19 (*Reforma do Ensino Médio, SegT 2*)

Outro ponto é a formação dos professores.

1

sabemos que eles têm dificuldade para dar uma boa aula, mesmo no nível superficial em que as aulas são demandadas hoje. É evidente que o próprio professor deve se tornar um especialista, para os futuros professores, a formação inicial nas licenciaturas deve ser revista e atualizada, tudo isso deve ser feito desde já.

2

3

4

5

Análise

Tópico: *Pontos positivos e negativos da reformulação do Ensino Médio: Qualificação dos professores*

Domínio 1: linhas 1 a 5

Posição: linhas 1

Suporte: linhas: 2 a 5

SegT 3 – Tx. 19 (*Reforma do Ensino Médio, SegT 3*)

Creio que um ponto positivo seria a participação desses alunos é uma oportunidade de inserção no mercado de trabalho.

1

2

assim existe a possibilidade do estudante escolher a trajetória de ensino. Sou bem positiva em favor que o ensino médio tenha cursos técnicos.

3

4

Análise

Tópico: *Pontos positivos e negativos da reformulação do Ensino Médio: Oportunidade de inserção no mercado de trabalho*

Domínio 1: linhas 1 a 4

Posição: linhas 1 a 2

Suporte: linhas 3 a 4

SegT 4 – Tx. 19 (*Reforma do Ensino Médio, SegT 4*)

Já um fator não tão negativo mais também atrapalharia muito, seria as estruturas das escolas.

1

2

teria que ocorrer uma boa mudança tanto na parte para receber os professores, como na parte de adaptar os alunos para um período de 7 horas aulas.	3
Análise Tópico: <i>Pontos positivos e negativos da reformulação do Ensino Médio: Estrutura física das escolas</i> Domínio 1: linhas 1 a 3 Posição: linha 1 Suporte: linhas 2 a 3	

Artigo de opinião 20

SegT 1 – Tx. 20 (<i>A Reforma do Ensino Médio</i> , SegT 1)	
<u>A reforma do ensino médio, nos moldes apresentados sobre a força bruta de uma medida provisória apresentada pelo executivo nacional é uma clara aventura de Marty Mcfly, uma volta ao passado, mas no sentido de retrocesso para educação pública brasileira.</u> uma vez que, os estudantes serão divididos entre aqueles que não vão ter acesso a um ensino introdutório e aqueles que vão ter acesso a um ensino técnico de baixa qualidade. Voltaremos a época em que a educação era dividida entre clássica e científica que eram dois caminhos que geravam uma educação incompleta já que a demanda era atender as solicitações do mercado financeiro. Somando-se a isto, é clara a visão de que alunos menos favorecidos socialmente e economicamente serão “empurrados” para o curso técnico “profissionalizante” visando algo próximo a sua realidade. Já os alunos em condições favoráveis nadaram em mar aberto com a profissionalização, uma vez que, poderão focar os estudos na área que desejam. Como por exemplo; cálculos, matéria necessária para quem almeja um curso na área de engenharia.	1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13
Análise Tópico: <i>Reforma do Ensino Médio representa um retrocesso à educação pública brasileira</i> Domínio 1: linhas 1 a 13 Posição: linhas 1 a 3 Suporte: linhas 4 a 13	

SegT 2 – Tx. 20 (<i>A Reforma do Ensino Médio</i> , SegT 2)	
<u>Mais do que isso, a MP abre brecha para criar uma flexibilidade no Ensino Médio apresentando aos alunos, aos 16 anos de idade, cinco possibilidades de trajetória: matemática, linguagem, ciências da natureza, ciências humanas e ensino técnico profissionalizante de nível médio. Um erro fatal para nossa sociedade.</u> Nesta etapa da vida escolar, os estudantes não estão preparados para escolher uma trajetória. Eles estão preparados, sim, para escolher as disciplinas. A flexibilidade real seria criar um ciclo básico e criar matéria optativa. Isto é flexível. É lógico que nesse tabuleiro todos estariam em pé de igualdade, tanto cognitivo como discursivo.	1 2 3 4 5 6 7 8
Análise	

Tópico: *Inconsistência da flexibilidade do Ensino Médio*

Domínio 1: linhas 1 a 8

Posição: linhas 1 a 4

Suporte: linhas 5 a 8

SegT 3 – Tx. 20 (*A Reforma do Ensino Médio*, SegT 3)

A propósito, a função da escola vai muito além das aspirações do mercado e não pode ser confundida com o fim último da educação, que é o homem como ser transformado do meio.

A MP propõe a profissionalização compulsória similar a implantada pela ditadura militar cujo resultado catastrófico todos nós conhecemos.

No mercado o que serve hoje pode não servir amanhã. Os avanços tecnológicos passarão a exigir novas competências e o aluno que não tiver uma formação básica sólida vai dançar, por que não conseguiu se adaptar as novas exigências. Subordinar a educação as necessidades do mercado significa aceitar a competência capitalista e negar uma concepção politécnica de educação estruturada no senso crítico e na reflexão.

Análise

Tópico: *Ensino profissionalizante similar ao proposto no período da ditadura militar*

Domínio 1: linhas 1 a 9

Suporte: linhas 1 a 2

Posição: linhas 3 a 4

Suporte: linhas 5 a 9

SegT 4 – Tx. 20 (*A Reforma do Ensino Médio*, SegT 4)

Em outras palavras, a MP do ensino Médio foi construída sob uma batuta ditatorial onde não leva em considerações os conselhos estaduais e municipais de educação.

Desde 2013 circula no Congresso Nacional uma PL que reflete sobre os novos rumos e desafio que o ensino médio deve percorrer. A falta de avanço é o espelho da sociedade negando em parte algo que não se adequa as realidades de cada estado, mas nesse ponto os conselhos tem voz e vez. Propor a obrigatoriedade apenas do ensino de língua portuguesa e matemática nos três anos do ciclo é, na prática, liberar os estados do esforço de contratar professores de física, química, etc. ao mesmo tempo em que libera as universidades e institutos públicos de formar esses profissionais.

Análise

Tópico: *Reforma do Ensino Médio não considera os conselhos estaduais e municipais de educação*

Domínio 1: linhas 1 a 9

Posição: linhas 1 a 2

Suporte: linhas 3 a 9

SegT 5 – Tx. 20 (<i>A Reforma do Ensino Médio</i> , SegT 5)	
<u>Para finalizar, quero deixar claro como um dia de verão que sou totalmente contra esse modelo de reforma do ensino médio, empurrado de goela abaixo por um governo ilegítimo, golpista sem compromisso com a continuidade acadêmica, principalmente das pessoas de baixa renda.</u> A decorrência natural deste quadro se traduzirá numa oferta pautada não nos interesses e necessidades dos estudantes, mas nas limitações de oferta dos sistemas com o risco de termos um verdadeiro apartheid escolar no país. Isso sem levar em consideração os fatores sociais que obrigam uma parcela significativa dos jovens a buscar instrução escolar no contra turno do horário comercial. O risco a longo prazo em minha concepção chega a ser de propagação vulcânica, dado que o jovem que hoje é angariado de receita para sua família e sempre buscará o caminho mais curto para o dinheiro e se sobrar tempo buscará a educação superior. Afastando-se do verdadeiro nível de graduação acadêmica.	1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11
Análise Tópico: <i>Consequências da reforma descompromissada com a formação acadêmica do aluno</i> Domínio 1: linhas 1 a 11 Posição: linhas 1 a 3 Suporte: linhas 4 a 11	

Artigo de opinião 21

SegT 1 – Tx. 21 (<i>A Reforma do Ensino Médio</i> , SegT 1)	
Tomar posicionamento em relação ao assunto da reforma do ensino médio é criar autonomia para enfrentar os questionamentos acerca do tema. <u>O que todos sabemos é que o ensino médio precisa sim de uma reforma,</u> visando erradicar, por exemplo, a falta de interesse e evasão dos alunos.	1 2 3 4
Análise Tópico: <i>Ensino Médio demanda reforma</i> Domínio 1: linhas 1 a 4 Suporte: linhas 1 a 2 Posição: linha 3 Suporte: linha 4	

SegT 2 – Tx. 21 (<i>A Reforma do Ensino Médio</i> , SegT 2)	
<u>Essa nova reforma promete uma revolução no 2º grau (ensino médio) e uma adequação de acordo com o que o aluno “escolher”.</u>	1 2 3

O governo quer nos convencer que já foi aprovado e que funciona perfeitamente em países como França e Inglaterra, logicamente comparar a educação do Brasil com tais países seria irônico, uma vez que nossas mazelas sociais e políticas são muito piores, a crise educacional a cada ano aumenta de modo alarmante.	4 5 6
Análise Tópico: <i>Promessas propostas pela reforma do Ensino Médio: Revolução no Ensino Médio e adequação à escolha do aluno</i> Domínio 1: linhas 1 a 6 Posição: linhas 1 a 2 Suporte: linhas 3 a 6	

SegT 3 – Tx. 21 (<i>A Reforma do Ensino Médio</i> , SegT 3)	
<u>O governo “assegura” que irá disponibilizar fundos para ajudar as escolas, mas somos sabedores que tal afirmação não ocorre de fato. O governo promete mas acaba contando a mesma desculpa: Não tem dinheiro.</u> Como nos convencer de algo sendo que já foi estabelecido o congelamento dos gastos para a educação? O sistema educacional é precário e está “enjessado”. Não se investe na estrutura e de fato não existe interesse, o maior interesse é apenas “enrolar” ter o diploma de ensino médio e apenas para ter “mão de obra barata e abundante”	1 2 3 4 5 6 7
Análise Tópico: <i>Promessas propostas pela reforma do Ensino Médio: Auxílio financeiro para as escolas</i> Domínio 1: linhas 1 a 7 Posição: linhas 1 a 3 Suporte: linhas 4 a 7	

SegT 4 – Tx. 21 (<i>A Reforma do Ensino Médio</i> , SegT 4)	
<u>Diante das informações citadas, podemos afirmar que usar medidas paliativas seria o mesmo que “tapar o sol com a peneira”: Antes de formar profissionais é necessário forma ser humano. O maior problema da educação não é o currículo, não adianta concertar o que por construção não dá certo. Temos que repensar a educação.</u>	1 2 3 4
Análise Tópico: <i>Reforma não solucionará os problemas educacionais brasileiros</i> Domínio 1: linhas 1 a 4 Posição: linhas 1 a 4	

Artigo de opinião 22

SegT 1 – Tx. 22 (<i>Sem título, SegT 1</i>)	
Após o processo de impeachment da então presidenta Dilma Rousseff, diversas questões vem sendo levantadas pelo governo que fora instituído. Entre essas questões encontra-se aquela que discutiremos nesse artigo, a reforma do Ensino Médio.	1 2 3
<u>Desde já quero deixar claro que não sou contra essa reforma, mas reconheço que “a reforma precisa de reformas”.</u>	4 5
Análise Tópico: <i>Reforma do Ensino Médio requer “reforma”</i> Domínio 1: linhas 1 a 5 Suporte: linhas 1 a 3 Posição: linhas 4 a 5	

SegT 2 – Tx. 22 (<i>Sem título, SegT 2</i>)	
A qualidade na educação no Brasil é vergonhosa se comparada a dos países desenvolvidos, escolas com péssimas estruturas, que colocam em risco a integridade física da comunidade escolar, professores desvalorizados que se sentem desmotivados a dar uma aula de qualidade, são alguns dos fatores que contribuem para essa missão.	1 2 3 4
<u>Em meio a tudo isso, nasce uma tentativa de melhorar o ensino médio, o programa que é chamado de Ensino Médio inovador.</u>	5 6
A proposta de maneira geral é dar mais liberdade ao aluno para que ele escolha a área de conhecimento que tem mais afinidade e deseja evoluir. Dessa maneira, o aluno só irá estudar as matérias que dizem respeito aquela área de conhecimento.	7 8 9
Análise Tópico: <i>Ensino Médio inovador: investida em melhorar o ensino</i> Domínio 1: linhas 1 a 9 Suporte: linhas 1 a 4 Posição: linhas 5 a 6 Suporte: linhas 7 a 9	

SegT 3 – Tx. 22 (<i>Sem título, SegT 3</i>)	
<u>No entanto, faz-se necessário ressaltar que a MP que trata da alteração no ensino médio, não traz mudança alguma no Enem. Mas porque seria necessário alterar a política de aplicação do exame?</u>	1 2 3

Pensa comigo, um aluno escolhe, por exemplo, a área de linguagens para estudar durante os três anos de ensino médio, como esse mesmo aluno poderia se sair bem em uma prova que abrange todas as outras áreas, com as quais ele não teve contato? O que existe é uma certa desassociação entre o ensino médio e Enem, porém, isso é no mínimo irracional, já que se pensarmos no que é o ensino médio, chegaremos a conclusão de que de uma maneira geral é uma fase de preparação para o curso superior e qual a forma de ingresso em uma faculdade é utilizada hoje no Brasil? Isso mesmo, o Enem.	4 5 6 7 8 9
Análise Tópico: <i>Necessidade de alteração da política de aplicação do ENEM</i> Domínio 1: linhas 1 a 9 Posição: linhas 1 a 2 Suporte: linhas 3 a 9	

SegT 4 – Tx. 22 (<i>Sem título, SegT 4</i>)	
<u>Dessa maneira a proposta de mudança não é de todo ruim, porém, para que ela dê certo é preciso que ocorram mudanças em todo sistema de ensino, e a principal dessas mudanças deve ocorrer no Enem</u>	1 2
Análise Tópico: <i>Principal aspecto da reforma do Ensino Médio que requer mudanças: ENEM</i> Domínio 1: linhas 1 a 2 Posição: linhas 1 a 2	

Artigo de opinião 23

SegT 1 – Tx. 23 (<i>A Reforma do Ensino Médio, SegT 1</i>)	
A implementação de um modelo de educação eficaz, capaz de resolver todos os problemas enfrentados pelo sistema de ensino atual, sempre foi um dos objetivos da sociedade brasileira. <u>Não obstante, tal fato se justifica pelo fracasso que tem sido o modelo atualmente empregado: altas taxas de reprovações, alunos desestimulados, professores desvalorizados e grande número de evasões; esse tem sido o cenário atual.</u>	1 2 3 4 5 6
Análise Tópico: <i>Fracasso do atual sistema de educação no Brasil justifica implementação de um novo modelo de educação</i> Domínio 1: linhas 1 a 6 Suporte: linhas 1 a 3 Posição: linhas 3 a 6	

SegT 2 – Tx. 23 (<i>A Reforma do Ensino Médio</i> , SegT 2)	
Diante disso, o governo instituiu recentemente a reforma do ensino médio, onde objetiva solucionar grande parte dos problemas enfrentados pela educação.	1 2
<u>Todavia, essa imposição de um novo modelo de educação básica tem causado grande polêmica e dividido opiniões, principalmente por ter sido implantado sem qualquer debate com a sociedade, gerando inclusive protestos pelo país.</u>	3 4 5
A proposta é flexibilizar o ensino e aumentar a carga horária dos estudos através do ensino integral. Os professores poderão dar aulas sobre matérias nas quais não tenham formação específica, bastando apenas ter notório conhecimento a respeito das disciplinas; os alunos, por sua vez deverão cursar obrigatoriamente somente as disciplinas português e matemática, as demais poderão ser escolhidas entre três trajetórias: Ciências da natureza, ciências humanas e formação técnica e profissional.	6 7 8 9 10 11
Análise Tópico: <i>Imposição da proposta do “Novo” Ensino Médio gera polêmica e divide opiniões</i> Domínio 1: linhas 1 a 5 Suporte: linhas 1 a 2 Posição: linhas 3 a 5 Suporte: linhas 6 a 11	

SegT 3 – Tx. 23 (<i>A Reforma do Ensino Médio</i> , SegT 3)	
<u>Sou contra, pois há alguns pontos questionáveis na proposta, principalmente no que diz respeito à formação humanística do indivíduo, tendo em vista que, as disciplinas de filosofia, sociologia e educação física não serão mais obrigatórias no currículo escolar.</u>	1 2 3
Essas disciplinas compõem o ensino das artes e cultura, responsáveis por estudar a nossa existência e o mundo que nos rodeia. Nesse entendimento, essas disciplinas compõem o ensino das artes e cultura, responsáveis por estudar a nossa existência e o mundo que nos rodeia, por isso deveriam sim ser obrigatórias, cursadas como português e matemática, sendo essa a composição curricular essencial para a formação de cidadãos conscientes e críticos de sua realidade.	4 5 6 7 8 9
Análise Tópico: <i>Aspecto questionável da proposta: formação humanística do indivíduo</i> Domínio 1: linhas 1 a 9 Posição: linhas 1 a 3 Suporte: linhas 4 a 9	

SegT 4 – Tx. 23 (<i>A Reforma do Ensino Médio</i> , SegT 4)	
<u>Diante do exposto, fica clara a pretensão do governo em oferecer um ensino preocupado somente em qualificar pessoas para o mercado de trabalho.</u>	1 2

A tática ao que parece é, formar alunos automatizados, sem senso crítico, passíveis e alienados. Essa estratégia reflete principalmente no desenvolvimento político da nação. No conjunto, o novo ensino médio promete intensificar o ensino, através sobretudo da elevação da carga horária, resta saber se isso será feito nas áreas relevantes para a sociedade e para os alunos.	3 4 5 6 7
Análise Tópico: <i>Pretensão da proposta: qualificar os indivíduos para o mercado de trabalho</i> Domínio 1: linhas 1 a 7 Posição: linhas 1 a 2 Suporte: linhas 3 a 7	

Artigo de opinião 24

SegT 1 – Tx. 24 (<i>Sem título, SegT 1</i>)	
<u>A proposta da reforma do ensino médio é interessante, retirar matérias que hoje não “servem” ou não interessam aos alunos, e por uma grade curricular onde se pode uma grade curricular onde se pode ter uma escolha da matéria que talvez faça a diferença na vida do estudante, mantendo, é claro uma parte obrigatória.</u> De fato, existem matérias que só estão lá para encher a grade, o caso da física, que para alguém que pensa estudar ou profissionalizar-se, digamos, em letras Português, não servirá. Esta opção de escolha é plausível, a partir do momento em que o adolescente adquirir consciência de seus atos, respeito por si próprio, e uma base familiar descente e alicersada em bons costumes e, para que possa optar corretamente, pois, esta escolha o acompanhará por toda vida.	1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Análise Tópico: <i>Escolha das disciplinas que compõem o currículo pode fazer a diferença na vida do estudante</i> Domínio 1: linhas 1 a 16 Posição: linhas 1 a 4 Suporte: linhas 6 a 10	

SegT 2 – Tx. 24 (<i>Sem título, SegT 2</i>)	
Vivemos hoje em um país atolado, tanto nas áreas humanas quanto na política, temos relatos constantes de adolescentes que espancam ou agridem verbalmente professores a sociedade brasileira está vivendo um momento conturbado com uma inversão de valores absurda, é mais fácil sobreviver na ilegalidade que estudar e se manter através de um emprego formal, estes esquecem que bom emprego se conquista após anos de estudo, ou simplesmente não conhecem a realidade. <u>Atravez desta crítica quero chegar no ponto crucial, quem é, como pessoas sem um histórico de sociedade moralizada fará uma escolha decente de que tipo de profissionalização que querem seguir, a que lhe dará prazer ou a que lhes trará recompensa financeira.</u> sabemos que é raro o caso de união entre estes extremos.	1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Análise Tópico: <i>Pessoas sem formação moral sólida farão escolha decente quanto à profissão?</i> Domínio 1: linhas 1 a 10 Suporte: linhas 1 a 6 Posição: linhas 7 a 9 Suporte: linha 10	

SegT 3 – Tx. 24 (<i>Sem título, SegT 3</i>)	
<u>Para que tudo isso se torne melhor, tem que haver uma mudança no comportamento humano, na forma de fazer política, na educação familiar, para que futuramente tenhamos adolescentes capazes de escolher um caminho digno não estou aqui generalizando existem pessoas capazes.</u>	1 2 3
Análise Tópico: <i>Necessidade de mudança do comportamento humano e moral</i> Domínio 1: linhas 1 a 3 Posição: linhas 1 a 3	

Artigo de opinião 25

SegT 1 – Tx. 25 (<i>Brasil, a pátria educadora?</i> SegT 1)	
Após o conturbado processo de impeachment que culminou no afastamento da “presidenta” do nosso país, o Brasil começou a respirar novos ares. Para aqueles que eram a favor do referido afastamento, foi gerado um clima de novas esperanças, onde suas expectativas foram lançadas no novo governante. Já para aqueles que eram contra o mesmo, o clima era de, nas palavras dos próprios, um golpe. O novo governo vem tentando colocar em prática muitas reformas de cunho social, para assim, tentar tirar o país de uma das maiores (se não a maior) crise de sua história. Entre essas medidas encontra-se aquela que discutiremos: a reforma do ensino médio. Ou seja, o ensino médio inovador. <u>Compreenda caro leitor, esse texto não visa justificar ou condenar o impeachment ou o governo que foi instituído. Mas sim, dar-lhe uma visão alternativa do programa em questão.</u>	1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Análise Tópico: <i>Visão alternativa acerca da proposta de reforma do Ensino Médio</i> Domínio 1: linhas 1 a 24 Suporte: linhas 1 a 8 Posição: linhas 9 a 10	

SegT 2 – Tx. 25 (Brasil, a pátria educadora? SegT 2)	
Todos somos sabedores que a qualidade da educação brasileira é no mínimo duvidosa, pondo em cheque aquilo que mais se prega em uma sociedade, a igualdade de direitos, isso em relação aqueles que são menos favorecidos por suas condições econômicas, visto que, aqueles que têm essas condições frequentam escolas particulares. Vejo que a reforma proposta pelo governo, visa em sua essência a melhoria da qualidade de nossa educação.	1 2 3 4 5
<u>No tocante a ela analisaremos o que chamamos de “Mediotec” que é a proposta de o ensino médio já estar integrado a uma formação técnica profissionalizante, fazendo com que os alunos já saiam da escola preparados para a vida profissional.</u>	6 7 8
<u>É uma proposta muito bonita e que funciona perfeitamente, mas somente no papel. É claro aos olhos de qualquer cidadão brasileiro que não existe mercado para novos profissionais.</u>	9 10
Uma pesquisa recente do IBGE confirma essa visão, atualmente quase 12 milhões de brasileiros estão desempregados, e se os trabalhadores que já estão no mercado de trabalho estão sendo demitidos, onde os novos, formados pelo Mediotec serão inseridos? É uma pergunta de resposta óbvia, eles ficarão a margem do mercado, sem oportunidades de colocar a sua formação profissional em prática.	11 12 13 14 15
Análise Tópico: <i>Proposta de reforma do Ensino Médio integrado à formação técnica funciona apenas no papel</i> Domínio 1: linhas 1 a 15 Suporte: linhas 1 a 5 Posição: linhas 6 a 8 Suporte: linhas 9 a 15 Domínio 2: linhas 9 a 15 Posição: linhas 9 a 10 Suporte: linhas 11 a 15	

SegT 3 – Tx. 25 (Brasil, a pátria educadora? SegT 3)	
<u>Que fique claro que não sou contra a referida reforma, compreendo que ela tem uma proposta interessante, mas que precisa ser adequada a sociedade do nosso país.</u>	1 2
É chegada a hora de tirarmos os olhos dos problemas e começarmos a focar nas soluções. Vivemos uma crise, e só através da educação podemos superá-la.	3 4
Análise Tópico: <i>Reforma precisa adequar-se à realidade do país</i> Domínio 1: linhas 1 a 4 Posição: linhas 1 a 2 Suporte: linhas 3 a 4	

Artigo de opinião 26

SegT 1 – Tx. 26 (<i>Ensino Médio: um futuro de incertezas</i> , SegT 1)	
O discurso do governo federal é que a reforma do ensino médio é de suma importância para combater a evasão escolar, como se um assunto tão importante precisasse ser mudado radicalmente do dia para a noite por meio de uma medida provisória, parece que o novo governo quer mostrar serviço a qualquer custo, sem se preocupar com o certo ou errado.	1 2 3 4
<u>Na verdade, acredito que essa reforma deverá ser melhor debatida, observando o ensino desde o fundamental para que os alunos fossem melhor preparados para enfrentarem o ensino médio.</u>	5 6
Segundo alguns estudos os maiores índices de desistência escolar, acontecem no primeiro ano do ensino médio, muito por das péssimas formações dos professores, e a falta de estrutura das escolas de ensino fundamental.	7 8 9
Ainda nos dias de hoje as escolas de ensino fundamental sofrem com a falta de estrutura, muitos não dispõem de biblioteca, laboratórios de informática, as salas de aulas não são climatizadas e os materiais didáticos são insuficientes. Ainda contam também com professores mau capacitados e mau remunerados, tudo isso, torna incoerente a reforma do ensino médio sem antes pensar em resolver as deficiências do ensino fundamental.	10 11 12 13 14
Análise Tópico: <i>Evasão escolar no Ensino Médio acarretada pela má formação do professor e falta de estrutura das escolas de ensino fundamental</i> Domínio 1: linhas 1 a 14 Suporte: linhas 1 a 4 Posição: linhas 5 a 6 Suporte: linhas 7 a 14	
SegT 2 – Tx. 26 (<i>Ensino Médio: um futuro de incertezas</i> , SegT 2)	
<u>A nova reforma prevê também a retirada da obrigatoriedade de algumas disciplinas do currículo escolar (como Filosofia, Sociologia, Física e Artes).</u>	1 2
com isso, segundo o ministério da educação os alunos iriam se interessar mais pelos estudos, pois os mesmos escolheriam apenas as disciplinas de interesse para a sua formação, diminuindo assim as demandas de estudo, com isso tornando a estadia em sala de aula menos cansativa, as aulas ficariam mais atraentes, e por consequência, a total diminuição da evasão escolar.	3 4 5 6 7
Análise Tópico: <i>Aspecto negativo da reforma do Ensino Médio: retirada da obrigatoriedade de algumas disciplinas do currículo escolar</i> Domínio 1: linhas 1 a 6 Posição: linhas 1 a 2 Suporte: linhas 3 a 7	

SegT 3 – Tx. 26 (<i>Ensino Médio: um futuro de incertezas</i> , SegT 3)	
<u>Junto com a reforma o MEC também quer implantar a escola de tempo integral, dobrando para o aluno o estudo das mesmas disciplinas já vistas no primeiro período do dia, fazendo com que o ensino que já é cansativo se torne mais cansativo ainda, isso no meu modo de vê é um grande equívoco.</u>	1 2 3
pois o Ministério da Educação deveria utilizar todas as disciplinas antes obrigatórias distribuídas nos dois períodos, aumentando assim o leque de conhecimento dos alunos, tornando a escola de tempo integral de fato em educação integral, fomentando nos alunos o real e espontâneo desejo de querer aprender	4 5 6 7 8
Análise Tópico: <i>Aspecto negativo da reforma do Ensino Médio: implantação de escola em tempo integral</i> Domínio 1: linhas 1 a 8 Posição: linhas 1 a 3 Suporte: linhas 3 a 8	

Artigo de opinião 27

SegT 1 – Tx. 27 (<i>O novo Ensino Médio</i> , SegT 1)	
<u>Sinto-me inconformista em relação a nosso governo federal, governo este antidemocrático que suprime os direitos individuais em relação a MP que aprovou a implementação do projeto de reforma no âmbito educacional, projeto este que segundo nossos governantes manipuladores já vem sendo debatido desde 2013 no Congresso.</u>	1 2 3 4
Primeiramente, em vez de tentar analisar tal projeto que já tinha suas discussões iniciais dentro do parlamento, nossa esfera regente dita através de uma MP que haverá uma aposentadoria do atual sistema de escolarização no Ensino Médio, sem ao menos consultar os professores, estudantes e responsáveis da área.	5 6 7 8
Análise Tópico: <i>Inconformismo gerado pela aprovação da reforma do Ensino Médio</i> Domínio 1: linhas 1 a 8 Posição: linhas 1 a 4 Suporte: linhas 5 a 8	

SegT 2 – Tx. 27 (<i>O novo Ensino Médio</i> , SegT 2)	
É verídico que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação criados em (1996) e a implementação do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), vem sendo apresentado através das mídias informativas fragmentos que revelam um debate a respeito de um possível projeto e que o mesmo vai ao encontro de algumas aspirações de educadores, como a ampliação da carga horária, a flexibilização do ensino e a divisão de módulos, bem como o foco em um ensino voltado para os interesses dos discentes, porém vale ressaltar que é inquietante concordar com o fato de que algumas disciplinas que fazem parte da formação do pleno desenvolvimento intelectual e profissional do indivíduo como Arte e Educação Física	1 2 3 4 5 6 7 8

deixarão de ser obrigatória nas instituições de Ensino, visando os fatos apresentados até então, a um velho ditado que contrapõe essa MP, que nos diz: “Conhecimento nunca é demais”.	9 10 11
Portanto é inquietante prever que com essa MP em vigor professores poderão ser contatados sem concurso e notório saber, já que com esse novo projeto o mercado fomentará a privatização das escolas e a terceirização de seus profissionais. É assustador perceber que essa nova política educacional não abrirá espaço para as ideias daqueles que um dia fizeram parte da reforma anterior a MP. Também será triste constatar que uma, duas, dezenas de escolas só terão condições de oferecer, por exemplo, uma das cinco áreas criadas. É preocupante prever que o estudante, na dura realidade brasileira, terá que faltar, inclusive, algumas vezes para trabalhar.	12 13 14 15 16 17 18 19
Análise Tópico: <i>Aspectos inquietantes da Reforma do Ensino Médio</i> Domínio 1: linhas 1 a 19 Posição: IMPLÍCITA Suporte: linhas 1 a 11 Suporte: linhas 12 a 19	

SegT 3 – Tx. 27 (<i>O novo Ensino Médio</i> , SegT 3)	
<u>Em virtude dos fatos expostos, me recuso a assentir com essa MP que rasga as metas do PNE, ao mesmo tempo em que atacam nossas conquistas.</u>	1 2
este governo golpista demonstra não apenas seu cinismo, como também um notório desconhecimento da realidade brasileira, das necessidades de nossos estudantes e dos meios necessários para que superemos os inúmeros desafios educacionais.	3 4 5
Análise Tópico: <i>Desaprovação da Medida Provisória que trata da reforma do Ensino Médio</i> Domínio 1: linhas 1 a 5 Posição: linhas 1 a 2 Suporte: linhas 3 a 4	

Artigo de opinião 28

SegT 1 – Tx. 28 (<i>Estrutura para Reforma</i> , SegT 1)	
Entre as muitas discussões que permeiam o cenário político educacional brasileiro, a reforma do ensino médio tem ganhado ênfase notória.	1 2
<u>Sendo um debate, cujo dois lados apresentam pontos de vista críticos, a MP que explana o Novo Ensino Médio, tende a polemizar justamente por suas medidas voltadas para o aumento de carga horária e poder de escolha do estudante.</u>	3 4 5
Um ensino democrático deve apresentar como vertente de vivência a capacidade de escolha, a compreensão daquilo que é melhor para si mesmo, assim deve funcionar uma educação futura. A MP do Novo Ensino Médio, busca alinhar qualidade de ensino com distinção	6 7 8

daquilo que se busca como carreira, visto que o ensino motor deixa os estudantes sem muitas opções após a conclusão do ensino médio. Com o novo ensino médio o estudo da língua inglesa em caráter intensivo se torna obrigatório, pois o ministério da educação entende a importância do inglês como sendo idioma universal, e também ponte para estudantes almejarem um emprego que exige proficiência na língua ou um futuro intercâmbio em outro país.	9 10 11 12 13 14
Análise Tópico: <i>Medidas polêmicas da reforma do Ensino Médio: aumento de carga horária e poder de escolha do Estudante</i> Domínio 1: linhas 1 a 14 Suporte: linhas 1 a 2 Posição: linhas 3 a 5 Suporte: linhas 6 a 14	

SegT 2 – Tx. 28 (<i>Estrutura para Reforma, SegT 2</i>)	
<u>Todavia não existem somente os prós, se por um lado o Novo Ensino Médio fomenta a escolha de disciplinas para a grade curricular do estudante, por outro o mesmo peca em não analisar a situação das escolas públicas,</u> visto que um ensino visionário e futuro também deve dispor de infraestrutura para atender a demanda de estudantes matriculados. Algumas escolas brasileira se encontram em estado deplorável, basta apenas uma busca no google para ratificar o fato de que muitas instituições de ensino estão sucateadas e destruídas, então seria uma tarefa árdua e quase impossível tornar os estudos técnicos e com mais carga horária, dado que alguns centros educacionais não apresentam climatização adequada para épocas quentes do ano, também não há regulação da merenda escolar, para que os estudantes não sintam fome e se desconcentrem, já que a proposta apresenta uma carga horária anual de pelo menos mil horas.	1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12
Análise Tópico: <i>Aspecto desfavorável da Reforma do Ensino Médio: infraestrutura na escola para atender as demandas do aluno</i> Domínio 1: linhas 1 a 12 Posição: linhas 1 a 3 Suporte: linhas 4 a 12	

SegT 3 – Tx. 28 (<i>Estrutura para Reforma, SegT 3</i>)	
<u>É plausível enxergar os benefícios ligados a reforma de ensino,</u> pois o Brasil ocupa lugares nada aceitáveis no ranking mundial, e esse modelo educacional já é referência em outros países, acredito que trazê-lo para nosso país implica em melhor dividir os 19% do PIB investidos na educação, se tal atitude for tomada pelo poder público é possível que o Novo Ensino Médio venha a funcionar, visto que a nação brasileira leva uma vantagem, pois investe mais na educação que muitas nações do primeiro mundo.	1 2 3 4 5 6

Análise

Tópico: *Benefícios da Reforma do Ensino Médio*

Domínio 1: linhas 1 a 6

Posição: linha 1

Suporte: linhas 2 a 6

SegT 4 – Tx. 28 (*Estrutura para Reforma, SegT 4*)

A MP do Novo Ensino Médio é uma proposta plausível que visa melhorias na educação, buscando alinhar o ensino médio e técnico ao mercado de trabalho, visando o crescimento da economia,

entretanto, ao analisar o estado de muitas instituições de ensino, percebe-se a necessidade de um estudo mais minucioso nos impactos que tal reforma causará.

Portanto, minha opinião se pautava em que para que haja reforma na carga horária e na grade curricular do ensino médio, torna-se imprescindível que as escolas tenham o suporte necessário para atender longas horas de aula e planos de disciplinas técnicas voltadas para o mercado de trabalho.

Análise

Tópico: *Necessidade de estudo acerca dos impactos da infraestrutura da escola na reforma do Ensino Médio*

Domínio 1: linhas 1 a 9

Suporte: linhas 1 a 3

Posição: linhas 4 a 5

Suporte: linhas 6 a 9

Artigo de opinião 29

SegT 1 – Tx. 29 (*A Reforma do Ensino Médio, SegT 1*)

No que concerne a qualidade da educação no nível médio o governo vem lançando a proposta de reforma para o ensino básico regular, especificamente com reformas na grade curricular de disciplinas ofertadas anualmente, visto que o atual sistema e modelo de ensino encontra-se defasado.

A inquietude por mudanças foi e está sendo alvo de inúmeros debates e críticas:

mudar este cenário de estagnação no sistema educacional é repensar o futuro de milhões de jovens e consequentemente de uma nação, o que deve-se levar em consideração de fato são os resultados e índices altamente negativos como por exemplo, o aumento do fracasso escolar nas disciplinas básicas de formação do indivíduo, português e matemática e elevados índices de evasão e reprovação.

Análise

Tópico: *Inquietude por mudanças na educação gera debates e críticas*

Domínio 1: linhas 1 a 10
 Suporte: linhas 1 a 4
 Posição: linha 5
 Suporte: linhas 6 a 9

SegT 2 – Tx. 29 (*A Reforma do Ensino Médio*, SegT 2)

Fechar os olhos para estes problemas é contribuir para o fracasso escolar e as desigualdades provenientes de uma educação de má qualidade. Oportunizar meios para que o aluno se prepare para o mercado de trabalho deve partir do princípio da realidade do aluno de acordo com a sociedade na qual está inserida. O ensino técnico integrado já é uma proposta conhecida e adotada por países modelos em educação e estabilidade social que, de maneira gradual deveria ser adotado no Brasil;

1
2
3
4
5
6

continuar vivendo a mesmice e a decadência do ensino atual é o mesmo que desistir do país.

7

Análise

Tópico: *Ignorar problemas educacionais é contribuir para a educação de má qualidade*

Domínio 1: linhas 1 a 7
 Suporte: linhas 1 a 6
 Posição: linhas 7

SegT 3 – Tx. 29 (*A Reforma do Ensino Médio*, SegT 3)

É preciso ouvir ambos os lados pois ainda vivemos no país cujo exalta a democracia, mas também é preciso pensar no bem comum.

1
2

alunos, professores, comunidade escolar como um todo devem estar em comum acordo, analisando todos os pontos desta proposta, para que assim a escola não seja mera reprodutora das desigualdades sociais. Portanto, repensar o sistema de ensino atualmente é abrir os olhos para problemáticas bastantes contundentes que refletem a realidade na qual o país encontra-se nos últimos anos, mudanças são necessárias quando os métodos utilizados não surtem o efeito esperado e por isso medidas radicais precisam ser tomadas.

3
4
5
6
7
8

Análise

Tópico: *Necessidade de análise da proposta por todos envolvidos: alunos, professores e comunidade escolar*

Domínio 1: linhas 1 a 8
 Posição: linhas 1 a 2
 Suporte: linhas 3 a 8

Artigo de opinião 30

SegT 1 – Tx. 30 (*A ausência da Geografia nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental*, SegT 1)

O ensino de geografia é muito importante na educação dos anos iniciais do ensino fundamental,

1

pois a mesma faz parte do currículo obrigatório na educação de crianças, jovens e adultos.	2
Análise Tópico: <i>Importância da Geografia no Ensino Fundamental</i> Domínio 1: linhas 1 a 2 Posição: linha 1 Suporte: linhas 2	

SegT 2 – Tx. 30 (<i>A ausência da Geografia nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental</i> , SegT 2)	
<u>Assim sendo discutiremos neste artigo sobre a ausência da geografia nos anos iniciais, em especial nos anos iniciais do Ensino fundamental.</u>	1 2
<u>Em algumas observações em algumas escolas do município de Cruzeiro do Sul, AC constatamos que a Geografia não é trabalhada com a mesma ênfase que Português, Matemática e as demais disciplinas, sendo deixada em segundo plano como uma disciplina de menor importância.</u>	3 4 5 6
Os professores que lecionam nos ensinos iniciais em especial o fundamental estão dando os horários que seriam do ensino de geografia para outras disciplinas. Segundo eles a geografia é menos importante, em algumas conversas informais descobrimos que, o ensino de geografia vem ficando em segundo plano e que quando se trabalha a mesma em sala de aula, tem se baseado apenas no método tradicional. Não há uma preocupação com um ensino mais contextualizado e significativo, que leve o aluno a refletir criticamente sobre aqueles conhecimentos que são necessários para sua aprendizagem.	8 9 10 11 12 13 14
Análise Tópico: Aspectos que corroboram ausência da Geografia nos anos iniciais do ensino fundamental: Ênfase em Português e Matemática e desvalorização das demais disciplinas Domínio 1: linhas 1 a 14 Posição: linhas 1 a 2 Suporte: linhas 3 a 16 Domínio 2: linhas 3 a 14 Posição: linhas 3 a 6 Suporte: linhas 8 a 14	

SegT 3 – Tx. 30 (<i>A ausência da Geografia nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental</i> , SegT 3)	
<u>De acordo com CALLAI, (2005), o docente dos anos iniciais da Educação Básica não recebe uma formação específica para ensinar Geografia.</u>	1 2
Muitas vezes, ele se encontra despreparado frente às propostas dos livros didáticos para esse nível de ensino, oferecidos no mercado. Na prática, o professor costuma trabalhar noções abstratas e/ou vazias, utilizando conceitos que a criança não domina e tem muita dificuldade para entender, uma vez que lhe faltam noções anteriores, essenciais para um real entendimento da matéria apresentada.	3 4 5 6 7

Análise Tópico: Aspectos que corroboram ausência da Geografia nos anos iniciais do ensino fundamental: Qualificação docente: ausência de formação específica para ensinar Geografia Domínio 1: linhas 1 a 7 Posição: linhas 1 a 2 Suporte: linhas 3 a 7	

SegT 4 – Tx. 30 (<i>A ausência da Geografia nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental</i> , SegT 4)	
<u>Para romper com a prática tradicional da sala de aula, não adianta apenas a vontade do professor.</u> É preciso que haja concepções teórico-metodológicas capazes de permitir o reconhecimento do saber do outro, a capacidade de ler o mundo da vida e reconhecer a sua dinamicidade, superando o que está posto como verdade absoluta. É preciso trabalhar com a possibilidade de encontrar formas de compreender o mundo, produzindo um conhecimento que é legítimo.	1 2 3 4 5 6
Análise Tópico: <i>Ensino de Geografia: Ruptura da prática pedagógica tradicional vai além da vontade do professor</i> Domínio 1: linhas 1 a 6 Posição: linha 1 Suporte: linhas 2 a 6	

SegT 5 – Tx. 30 (<i>A ausência da Geografia nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental</i> , SegT 5)	
<u>Portanto vimos que o ensino de geografia é ausente da realidade dos alunos dos anos iniciais do ensino fundamental das escolas do município de Cruzeiro do Sul.</u> pois a mesma vem ficando de fora dando prioridade as demais disciplinas de alfabetização. Esta exclusão do ensino de geografia vem tirando a compreensão de diferentes elementos do mundo, que estão relacionados à diversidade de procedências culturais, lugares e épocas presentes no cotidiano dos alunos.	1 2 3 4 5 6
Análise Tópico: <i>Ausência da Geografia na realidade do aluno dos anos iniciais do Ensino Fundamental</i> Domínio 1: linhas 1 a 6 Posição: linhas 1 a 2 Suporte: linhas 3 a 6	

Artigo de opinião 31

SegT 1 – Tx. 31 (<i>Conhecer o lugar em que vive para se compreender o mundo</i> , SegT 1)	
A educação ao longo dos anos passou por várias transformações e na era atual dos avanços tecnológicos tem alcançado muitas conquistas que a cada dia tem dado lugar a uma educação com mais qualidade e oportunidades de aprendizagens para os indivíduos conquistarem seus espaços e sonhos através da educação. A responsabilidade de transmitir a educação segundo a Constituição Brasileira de 1988 é da escola que se torna um espaço de aprendizagens, mais também de reproduções das desigualdades sociais existentes.	1 2 3 4 5 6
<u>No decorrer dos anos e na escola contemporânea sempre é dada mais atenção ao ensino de matemática e português, deixando algumas disciplinas como se não tivessem tanta importância quanto às outras do currículo escolar. É o que observamos quanto ao ensino da disciplina de geografia nas nossas escolas, principalmente no Ensino Fundamental.</u>	7 8 9 10
Análise Tópico: <i>Currículo escolar enfatiza Língua Portuguesa e Matemática em detrimento das demais disciplinas</i> Domínio 1: linhas 1 a 10 Suporte: linhas 1 a 6 Posição: linhas 7 a 10	

SegT 2 – Tx. 31 (<i>Conhecer o lugar em que vive para se compreender o mundo</i> , SegT 2)	
Percebemos que o tempo destinado ao ensino da geografia é muito menor comparado ao de matemática e português e isso não significa que a disciplina de geografia não tenha importância, pelo contrário é de suma importância para o crescimento e formação do indivíduo. Para Bezerra (2009), a geografia é a ciência responsável por elucidar o mundo e suas transformações.	1 2 3 4
<u>No entanto o ensino de Geografia nas nossas escolas tem se resumido em aulas mecânicas e muito monótonas, cheias de milhares de informações geográficas, mas sem nenhuma metodologia específica para que o aluno aprenda essas informações.</u>	5 6 7
não levam o aluno à curiosidade do espaço em que vive e nem da imensidão e importância de entender o lugar, o espaço em que vive para compreender o mundo. A geografia está presente no dia a dia do homem desde o seu levantar, quando vai na padaria ele percorre um espaço geográfico, ver prédios e espaços que o rodeia todos os dias, a ida a igreja, ao supermercado, a casa do vizinho, a universidade, a escola, ou seja a geografia está presente no seu cotidiano.	8 9 10 11 12
Foi este cenário que encontramos em uma escola quando realizamos uma pesquisa através de uma observação em sala de aula em Cruzeiro do Sul para ver como era tratado o ensino desta disciplina que é indispensável à formação do indivíduo. Através da aula observada percebemos que não é dada tanta atenção ao um ensino de Geografia de qualidade, reflexivo e instigador. Na aula a professora “X” se mostrou uma professora um pouco tradicional em seus métodos de ensinar, iniciou a aula fazendo levantamento dos conhecimentos prévios dos alunos de forma bem rápida e logo após pegou um globo terrestre no qual mostrou onde o Brasil ficava localizado e depois escreveu no quadro o continente que o Brasil se encontra localizado, as regiões, os estados, municípios e bairros. Como atividade avaliativa a professora entregou o mapa do país dividido em regiões para pintar de acordo como estava no livro.	13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23

Análise

Tópico: *Ensino de Geografia não aguça no aluno o interesse e a compreensão do contexto em que se vive*

Domínio 1: linhas 1 a 23

Suporte: linhas: 1 a 4

Posição: linhas 5 a 8

Suporte: linhas 9 a 12

Suporte: linhas 12 a 23

SegT 3 – Tx. 31 (*Conhecer o lugar em que vive para se compreender o mundo, SegT 3*)

A crítica que faço quanto esse tipo de ensino é que ele não desperta a curiosidade do aluno, e que não partiu da realidade do lugar em que o aluno vive. Trabalhar no aluno a concepção de espaço é muito importante para dar prosseguimento ao um ensino que desperte habilidades e competências geográficas no aluno para que ele se torne geograficamente alfabetizado, e isso não percebemos presente nas nossas escolas.

Existe uma grande preocupação e urgência em alfabetizar o aluno quanto à língua portuguesa e matemática, porém não existe essa preocupação com o ensino de geografia.

A geografia é uma das disciplinas, cujos conteúdos são importantes para o desenvolvimento do raciocínio da criança. Portanto cabe a escola criar oportunidades para os alunos construírem conceitos voltados à geografia, tais como o tempo e o espaço/lugar. Tal abordagem nos possibilita pensar alfabetização e Geografia, através de uma articulação teórica que, sem cair na tentação do álibi do conteúdo.

Análise

Tópico: *Ênfase na alfabetização e desprezo ao ensino de Geografia*

Domínio 1: linhas 1 a 12

Suporte: linhas 1 a 5

Posição: linhas 6 a 7

Suporte: linhas 8 a 12

SegT 4 – Tx. 31 (*Conhecer o lugar em que vive para se compreender o mundo, SegT 4*)

O ensino da Geografia não pode ser algo mecânico, superficial, mas um ensino instigador para que o aluno tenha desejo de pesquisar, investigar o espaço em que vive no seu dia a dia para depois conhecer seu bairro, sua cidade, seu estado e seu país.

Assim como o aluno precisa ser alfabetizado na Língua Portuguesa, ele precisa ser alfabetizado geograficamente. Ou seja, um aluno que seja capaz de ler o mundo de forma geográfica e que entenda os espaços, a relação homem e natureza, que compreenda a cultura, a sociedade em que vive.

Análise

Tópico: *Ensino de Geografia deve ser sinônimo de ensino instigador à compreensão do espaço em que se vive*

Domínio 1: linhas 1 a 7
 Posição: linhas 1 a 3
 Suporte: linhas 4 a 7

SegT 5 – Tx. 31 (*Conhecer o lugar em que vive para se compreender o mundo*, SegT 5)

A escola precisa criar metodologias, meios para estimular no aluno o interesse de compreender seu espaço, como aluno, como cidadão consciente do que está ocorrendo ao seu redor.

1
2

Porém entendemos que existem vários motivos e desafios a ser enfrentado para que se tenha um ensino de geografia muito mais estimulador e motivador.

3
4

O que percebemos na pesquisa realizada é que existem alguns fatores que não contribuem para um ensino de qualidade como, por exemplo: as metodologias impotentes, sem muita eficácia, recursos didáticos insuficientes, desmotivação do aluno, ausência do acompanhamento familiar e a não importância que alguns professores dão a Geografia. Portanto o ensino de geografia consiste num fator indispensável para a construção de uma visão de mundo, dando permitindo ao educando a possibilidade de atuar como agente construtor do seu próprio conhecimento.

5
6
7
8
9
10
11

Análise

Tópico: *Desafios do ensino de Geografia*

Domínio 1: linhas 1 a 11
 Suporte: linhas 1 a 2
 Posição: linhas 3 a 4
 Suporte: linhas 5 a 11

Artigo de opinião 32

SegT 1 – Tx. 32 (*Ensino Fundamental e a importância de estudar Geografia*, SegT 1)

O artigo a seguir aborda o ensino de geografia no ensino fundamental e sua relevância no processo de desenvolvimento e aprendizagem do aluno.

1
2

É notório que as escolas pouco dão importância ao ensino de geografia priorizando o ensino de português e matemática, no entanto estudar geografia nos primeiros momentos da vida do educando dá a ele possibilidades para explicações e expectativa quanto a sua aprendizagem.

3
4
5

Ensinar geografia da oportunidade para o indivíduo construir e desenvolver uma melhor compreensão do espaço onde vive.

6
7

Diante das disciplinas oferecidas no ensino fundamental é visível que muitos alunos desconhecem as contribuições do ensino de geografia e não sabem como é formado o espaço geográfico do seu cotidiano. Com isso é importante ressaltar os objetivos que a geografia oferece para a formação e construção do cidadão fazendo assim uma leitura do espaço ao seu redor.

8
9
10
11
12

Análise

Tópico: *Contribuições do ensino da Geografia nos anos iniciais do ensino fundamental*

Domínio 1: linhas 1 a 10

Suporte: linhas 1 a 2

Posição: linhas 3 a 5

Suporte: linhas 6 a 12

SegT 2 – Tx. 32 (*Ensino Fundamental e a importância de estudar Geografia, SegT 2*)

Aprendendo a analisar o espaço ao seu redor a criança maximiza a gama de aprendizagem, ela vai ser conhecedora não só do que é didático mas colocar o que aprendeu em pratica tanto física quanto mental, como um quebra cabeça tridimensional, ela vai conseguir enxergar as peças se encaixando ao seu redor.

A medida que se ensina a ver e analisar facilita mais ainda a compreensão. Sendo a geografia o estudo da terra, não só a terra física, mas o mundo abstrato que vive o ser, de maneira que este possa se encaixar melhor e aprimorar o meio ao seu redor é importante o sujeito desde cedo saber e compreender esta visão, pois vivemos em um mundo totalmente globalizado em que o volume de informações só cresce cada vez mais acelerado.

Análise

Tópico: *Relevância do ensino de Geografia para a compreensão do aluno sobre o espaço que o cerca*

Domínio 1: linhas 1 a 8

Posição: linhas 1 a 3

Suporte: linhas 4 a 8

SegT 3 – Tx. 32 (*Ensino Fundamental e a importância de estudar Geografia, SegT 3*)

Entretanto o papel da geografia na escola é propor uma compreensão do ensino geográfico e sua significância no processo educativo não limitando apenas aos mapas, mas valorizando o convívio compreendendo as paisagens o lugar a ser estudado a cultura e etc.,

assim torna-se necessário que a escola não julgue apenas algumas disciplinas mais importante que outras mas que considere que dentro do processo de alfabetização além de números e letras existe a linguagem geográfica, de modo que seja levado em conta a construção da criança frente a aprendizagem fazendo uma leitura do mundo, maneiras possíveis de ler o espaço em que vive. Por meio do ensino de geografia no ensino fundamental o aluno pode de maneira interessante conhecer o mundo e se conhecer como cidadão que faz parte da construção do mesmo.

Análise

Tópico: *Papel da Geografia: propiciar ao aluno a compreensão e a leitura do espaço em que vive*

Domínio 1: linhas 1 a 10

Posição: linhas 1 a 3

Suporte: linhas 4 a 10

<i>(Ensino Fundamental e a importância de estudar Geografia, SegT 4)</i>	
<u>Enfim, o ensino de geografia no ensino fundamental só vem contribuir com a formação e aprendizado na alfabetização e desenvolvimento da criança,</u>	1 2
uma vez que estudando a geografia nos adaptamos melhor e otimizamos nosso tempo de aprendizado fazendo e aprendendo a ler o mundo.	3 4
Análise Tópico: <i>Contribuições do ensino da Geografia no Ensino Fundamental</i> Domínio 1: linhas 1 a 4 Posição: linhas 1 a 2 Suporte: linhas 3 a 4	

Artigo de opinião 33

<i>SegT 1 – Tx. 33 (A importância da disciplina de Geografia, SegT 1)</i>	
<u>Será que vale pensar em um ensino de qualidade sem dá a devida importância a disciplina de Geografia em sala de aula? Durante o ensino básico estudamos várias disciplinas que contribuem em nossa formação, porém algumas delas são menosprezadas, ou seja, consideradas menos importante, é o caso da disciplina de Geografia.</u>	1 2 3 4
Sabemos que o ensino de desta é de suma importância no processo de aprendizagem, pois possibilita ao aluno a compreensão do mundo, do lugar onde vive, os costumes de cada região, o estudo de mapas, orientação geográfica, conhecendo variados ambientes e suas características e tudo isso, acaba ampliando os conhecimentos geográficos do aluno.	5 6 7 8
De acordo com Cavalcanti (2002) o ensino de geografia contribui para a formação da cidadania através da prática de construção e reconstrução de conhecimentos, habilidades, valores que ampliam a capacidade das crianças e dos jovens para que compreendam o mundo em que vive e atuam. Desse modo, o aluno se tornará um ser ativo na sociedade, podendo intervir quando necessário, além de poder reconstruir seus conhecimentos.	9 10 11 12 13
Análise Tópico: <i>Desprestigiada no currículo escolar Geografia é relevante para a formação cidadã do aluno</i> Domínio 1: linhas 1 a 13 Posição: linhas 1 a 7 Suporte: linhas 8 a 13	

<i>SegT 2 – Tx. 33 (A importância da disciplina de Geografia, SegT 2)</i>	
<u>Porém, muitas pessoas acham a disciplina de geografia chata, inútil, ou seja, não dão a devida importância a ela, e para tanto, o ensino se torna insignificante para o aluno.</u>	1 2

Pois, dentro de sala de aula os conteúdos são passados superficialmente, sem aprofundá-los. Além disso, os professores não se dispõem de recursos didáticos para melhorar as aulas de geografia, por acharem ela não tão importante quanto às demais, dando preferência apenas para as disciplinas de Português e Matemática, na qual os conteúdos são cobrados em avaliações externas.	3 4 5 6
Análise Tópico: <i>Menosprezo à Geografia a torna insignificante para o aluno</i> Domínio 1: linhas 1 a 6 Posição: linhas 1 a 2 Suporte: linhas 3 a 6	

SegT 3 – Tx. 33 (A importância da disciplina de Geografia, SegT 3)	
<u>Para tanto, podemos dizer que há uma necessidade de alfabetizar o olhar tanto do professor como também dos alunos, para que assim, reconheçam a importância da disciplina no âmbito educacional, e com isso haja um ensino de qualidade.</u>	1 2 3
O ensino de geografia deve ser sempre inovador, tendo em vista a nossa realidade, as mudanças que vem ocorrendo a partir de estudos mais aprofundado. Buscando sempre se atualizar com as informações e os dados fornecidos	4 5 6
Análise Tópico: <i>Necessidade de alfabetizar o olhar do professor e do aluno para que reconheçam a importância da Geografia</i> Domínio 1: linhas 1 a 6 Posição: linhas 1 a 3 Suporte: linhas 4 a 6	

SegT 4 – Tx. 33 (A importância da disciplina de Geografia, SegT 4)	
<u>Cabe ao professor buscar sempre cursos de formação para melhorar sua prática de ensino dentro de sala de aula, dando à devida importância a disciplina de geografia.</u>	1 2
ou seja, por em prática tudo aquilo visto na teoria, toda experiência adquirida em sua formação, aprendendo a utilizar os meios tecnológicos em sala de aula para poder dinamizar, variando seus métodos de ensino. Cavalcanti (2002) afirma que é preciso que o professor vença sua dificuldade em utilizá-los sem cair em seu fascínio pelo modismo ou pelo apelo ao sofisticada, e se aproprie deles como ferramentas auxiliares em seu trabalho.	3 4 5 6 7
<u>Para que com isso, melhore o ensino e o aprendizado do aluno.</u>	8
Pois, como sabemos cada aluno aprende de modo diferente e o professor deve estar atento a isso. De acordo com Sant'Anna (1995) para que se obtenha uma aprendizagem eficaz é indispensável, portanto, que se considerem as capacidades de cada um ao solucionar e organizar os procedimentos de ensino. Ou seja, fazer seu planejamento de acordo com as necessidades encontradas em sala de aula.	9 10 11 12 13

Análise

Tópico: *Formação do professor contribui para a valorização da Geografia*

Domínio 1: linhas 1 a 13

Posição: linhas 1 a 2

Suporte: linhas 3 a 7

Posição: linha 8

Suporte: linhas 9 a 13

SegT 5 – Tx. 33 (*A importância da disciplina de Geografia, SegT 5*)

Vale ressaltar que um bom professor busca sempre incentivar a criatividade, a curiosidade do educando, fazendo que com isso ele crie gosto pela disciplina.

1
2

Portanto, podemos dizer que o pensamento do professor, como também o de toda gestão escolar acerca da disciplina é de suma importância para o andamento desta em sala de aula e para que haja um ensino de qualidade.

3
4

Análise

Tópico: *Professor e gestão escolar são responsáveis pelo interesse do aluno na Geografia*

Domínio 1: linhas 1 a 4

Posição: linhas 1 a 2

Suporte: linhas 3 a 4

Artigo de opinião 34

SegT 1 – Tx. 34 (*Educação nos anos iniciais: a geografia superficial, SegT 1*)

O Brasil disponibiliza uma educação pública, garantida na Constituição brasileira, de tal forma, que o país a disponibiliza vários níveis gratuitamente, com a possibilidade de o indivíduo conseguir até mesmo uma formação superior gratuitamente.

1
2
3

Com todas essas facilidades, é inegável que não tenha seus pontos negativos ou que precisam ser melhoradas neste sistema educacional.

4
5

Um exemplo disso é o peso que as disciplinas recebem na formação dos alunos, uma vez que, as matérias de português e matemática recebem um tratamento diferenciado, colocando-as em um patamar superior em relação as demais.

6
7
8

Análise

Tópico: *Aspectos negativos do sistema educacional brasileiro*

Domínio 1: linhas 1 a 8

Suporte: linhas 1 a 3

Posição: linhas 4 a 5

Suporte: linhas 6 a 8

SegT 2 – Tx. 34 (<i>Educação nos anos iniciais: a geografia superficial, SegT 2</i>)	
Ao se mencionar os anos iniciais, como na primeira, segunda e terceira série do ensino fundamental, as demais matérias são tratadas como complementos para os horários.	1 2
<u>Para melhor destacar um foco, no decorrer, abordara-se a disciplina de geografia e como esta é analisada e trabalhada nas series mencionadas, pois assim como as demais, sua carga horaria é inferior e seus assuntos são extremamente superficiais.</u>	3 4 5
Análise Tópico: <i>Desvalorização da disciplina Geografia: carga horária inferior e conteúdos superficiais</i> Domínio 1: linhas 1 a 5 Suporte: linhas 1 a 2 Posição: linhas 3 a 5	

SegT 3 – Tx. 34 (<i>Educação nos anos iniciais: a geografia superficial, SegT 3</i>)	
<u>As aulas de geografia nas series iniciais devem ajudar os alunos a “aprender a pensar o espaço.</u>	1
E, para isso, é necessário aprender a ler o espaço, que significa criar condições para que a criança leia o espaço vivido” (CALLAI, 2005, p. 03), logo, é na series iniciais que a criança deve iniciar a construção de seu entendimento do mundo, assim como a capacidade de analisar as situações do seu cotidiano.	2 3 4 5
Análise Tópico: <i>O papel da Geografia nos anos iniciais: auxiliar o aluno na compreensão do espaço</i> Domínio 1: linhas 1 a 5 Posição: linhas 1 Suporte: linhas 2 a 5	

SegT 4 – Tx. 34 (<i>Educação nos anos iniciais: a geografia superficial, SegT 4</i>)	
<u>O que vemos em sala de aula é que o conteúdo da disciplina de geografia, muitas vezes, acabam se tornando atividade de desenhos para colorir ou recortar.</u>	1 2
uma das justificativas utilizadas é que devido a carga horaria da disciplinar ser muito reduzida e por não poderem “tocar” nos horários das disciplinas com carga horaria maiores – português e matemática – uma vez que se exigem uma gama de conteúdos e habilidades a serem alcançados pelos alunos nestas duas áreas bem mais que nas outras matérias, restando como “única” opção o trabalho superficial nas demais disciplinas.	3 4 5 6 7
Análise Tópico: <i>Conteúdos de Geografia limitam-se às atividades de colorir ou recortar</i> Domínio 1: linhas 1 a 7	

Posição: linhas 1 a 2
Suporte: linhas 3 a 7

SegT 5 – Tx. 34 (*Educação nos anos iniciais: a geografia superficial, SegT 5*)

Por ter uma carga horaria menor, e mesmo assim uma quantidade considerável de conteúdo a serem trabalhados, a geografia nos anos iniciais acaba passando apenas como uma introdução e apresentação da disciplina.

1
2
3

considerando-se que o aluno aprofundara seus conhecimentos nas series seguintes, quando as matérias começam a terem uma carga horaria maior, com este argumento, os professores das series iniciais limitam-se a trabalhos superficiais. Tem-se em mente, que realmente os anos iniciais é somente para que o aluno se adapte a vida escolar, e logo, que não é necessário utilizar-se de metodologias ou conteúdos “densos” (longos).

5
6
7
8
9

Análise

Tópico: *Geografia nos anos iniciais é trabalhada de modo superficial*

Domínio 1: linhas 1 a 9

Posição: linhas 1 a 3

Suporte: linhas 5 a 9

Artigo de opinião 35

SegT 1 – Tx. 35 (*Entendendo e valorizando o ensino de Geografia, SegT 1*)

Por que o ensino de geografia assim como outras matérias não e valorizado? A geografia assim como seu ensino esta presente em cada momento de nossas vidas, ela e outras disciplinas são pouco valorizadas, mas como o foco principal aqui e a geografia vamos falar um pouco dela da sua importância e por que ela deve ser mais valorizada no currículo do ensino fundamental.

1
2
3
4

Primeiramente devemos entender que quando falamos em geografia não e apenas de os estados e suas capitais ou um mapa em um livro, a geografia nos ensina como a ler e interpretar o lugar onde vivemos, que e de extrema importância para se viver atualmente nesta sociedade, afinal o que faço em meu lar pode ser igual em outro todo e cada pedacinho da sociedade tem suas próprias formas naturais e culturais, politicas e econômicas, então saber como agir em cada lugar e situação define sua percepção e educação.

5
6
7
8
9
10
11

Análise

Tópico: *Geografia: Por que deve se ser valorizada no componente curricular*

Domínio 1: linhas 1 a 11

Posição: linhas 1 a 4

Suporte: linhas 5 a 11

SegT 2 – Tx. 35 (*Entendendo e valorizando o ensino de Geografia, SegT 2*)

Hoje para o ensino de geografia como citado antes e ensinado a ler um mapa, algo que só e cartográfico não faz com que o aluno desenvolva um sentido a mais ou simplesmente um interesse maior do que o aluno precisa e saber olhar, observar, descrever, registrar e analisar tudo o que a geografia pode lhe ensinar afinal a este ensino assim como historia, filosofia e sociologia e uma ciência formadora de opiniões.	1 2 3 4 5
<u>De inicio notamos que o currículo escolar prioriza o ensino de matemática e português não que ambos não sejam importantes, mas não são os únicos que o estudante necessita dominar.</u>	6 7
A sociedade exige muito mais das nossas crianças que elas entendam e compreendam exatamente o que são o que podem fazer e o que deve ser feito, e de extrema importância que o professor utilize o que a realidade do aluno mostre para todos eles como perceber e ver o que este presente no seu dia-a-dia, seja ela a historia da região a cultura a hidrografia os fatores físicos da localidade escolar e entornos entre outros.	8 9 10 11 12
Análise Tópico: <i>Português e Matemática não são as únicas disciplinas que o aluno deve dominar</i> Domínio 1: linhas 1 a 12 Suporte: linhas 1 a 5 Posição: linhas 6 a 7 Suporte: linhas 8 a 12	

SegT 3 – Tx. 35 (<i>Entendendo e valorizando o ensino de Geografia, SegT 3</i>)	
<u>O mais intrigante e por que a forma de pensar a geografia não mudou qual a justificativa de esse ensino ainda ser tão pouco explorada será devido à culpa do currículo educacional do professor ou simplesmente do lugar onde vive, talvez um pouco de todos, mas talvez o real motivo seja que falte reconhecer o quanto e dinâmico o saber ler o mundo, a vida o saber do outro.</u>	1 2 3 4
Rego 2008 nos diz que o conteúdo que e apresentado na escola com o ensino da geografia pode ser o explicado como individual de cada um e o coletivo onde todos em seu espaço geográfico. Percebemos assim que o ensino de geografia não interfere apenas em ler um mapa, mas sim ler o mundo e como agir nele, não e preciso somente uma linguagem com formas e números mais também uma que ele possa entender geograficamente a si e seu redor entendendo que ele faz parte de algo maior e amplo com infinitas possibilidades.	5 6 7 8 9 10
Análise Tópico: <i>Motivo da Geografia ainda ser pouco explorada em sala de aula: desconhecimento da sua importância para a leitura e compreensão do mundo e da vida</i> Domínio 1: linhas 1 a 10 Posição: linhas 1 a 4 Suporte: linhas 5 a 10	

SegT 4 – Tx. 35 (*Entendendo e valorizando o ensino de Geografia, SegT 4*)

Para concluir devemos entender então que o a geografia usa um método investigativo,	1
fazendo análise a fim de desvendar o espaço e a organização do local onde o discente habita	2
fazendo com que ele seja participativo que compreenda as inter-relações, entendendo a	3
sociedade como um todo cuidando e contribuindo com ela e com a natureza.	4
Análise Tópico: <i>Motivo da Geografia ainda ser pouco explorada em sala de aula: desconhecimento da sua importância para a leitura e compreensão do mundo e da vida</i> Domínio 1: linhas 1 a 4 Posição: linhas 1 Suporte: linhas 2 a 4	

Artigo de opinião 36

SegT 1 – Tx. 36 (A desvalorização da disciplina de geografia, SegT 1)	
Durante a formação estudantil da criança as matérias de português e matemática são consideradas de suma importância para o preparo da vida profissional, caracterizada por ser extremamente competitiva, da mesma forma as outras disciplinas também apresentam sua relevância nesta área,	1 2 3 4
<u>mas o que se observa é que as demais disciplinas – como a geografia – ficam em segundo plano em alguns níveis educacionais.</u>	5 6
Análise Tópico: <i>Geografia ocupa lugar desprestigiado no currículo escolar</i> Domínio 1: linhas 1 a 8 Suporte: linhas 1 a 4 Posição: linhas 5 a 8	

SegT 2 – Tx. 36 (A desvalorização da disciplina de geografia, SegT 2)	
<u>Aprender geografia é importante,</u>	1
para que a criança desenvolva sua leitura de mundo, saber ler cartografias e entender e respeite seu espaço, para que ele possa se entender como um ser pensante, ativo e passivo na transformação do ambiente, considerando que entender geografia vai além de ler mapas e saber distinguir os tipos de ambientes.	2 3 4 5
Análise Tópico: <i>Importância da Geografia</i> Domínio 1: linhas 1 a 5 Posição: linhas 1	

Suporte: linhas 2 a 5

SegT 3 – Tx. 36 (*A desvalorização da disciplina de geografia, SegT 3*)

Apesar da importância e contribuição desta disciplina para a construção da cidadania do indivíduo, os órgãos responsáveis não demonstram se importarem com essa matéria.

pois percebe-se a inferioridade da carga horária desta disciplina quando se compara com as demais. A desvalorização desta matéria proporciona o ingresso de uma quantidade considerável de pessoas incapazes ou que enfrentam dificuldades quando necessitam realizar atividades relacionadas ao mundo da geografia – como a leitura de mapas.

Análise

Tópico: *Aspecto que demonstra desvalorização da Geografia: carga horária*

Domínio 1: linhas 1 a 6

Posição: linhas 1 a 2

Suporte: linhas 3 a 6

Artigo de opinião 37

SegT 1 – Tx. 37 (*A importância de estudar Geografia, SegT 1*)

Nas últimas décadas é possível notar um avanço significativo no que se refere ao setor educacional do Brasil, que de forma satisfatória vem melhorando a qualidade das escolas, professores e alunos, tendo em vista a relevância que a Educação proporciona para a sociedade. Nesse contexto é importante destacar o papel da Geografia, pois, sabemos que em tempos atrás a Geografia não possuía um certo valor ou não era tão estudada e considerada como importante assim como Português e Matemática. Concomitante a esse processo de transformação na Educação,

a Geografia vem mudando também, tornando-se assim um componente curricular primordial na Educação Básica.

permitindo de certa forma aos educandos a leitura da vida e do espaço, enquanto sujeitos atuantes na sociedade e no espaço. Desse modo torna-se imprescindível o ensino de Geografia nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Nessa perspectiva, Callai (2005) propõe uma reflexão acerca da leitura do mundo ao qual estamos inseridos e que modificamos constantemente – uma vez que uma forma de fazer a leitura do mundo é por meio da leitura do espaço, o qual traz em si todas as marcas da vida dos homens.

Análise

Tópico: *Geografia como importante componente curricular na educação básica*

Domínio 1: linhas 1 a 15

Suporte: linhas 1 a 7

Posição: linhas 8 a 9
Suporte: linhas: 10 a 15

SegT 2 – Tx. 37 (A importância de estudar Geografia, SegT 2)

É importante compreender que a leitura do mundo ultrapassa a representação cartográfica (embora seja de grande relevância), mas esta deve ser feita considerando o espaço vivido, construído cotidianamente a partir do sentimento de pertencimento ao lugar, de uma identidade cultural.

1
2
3

essa leitura inerente ao espaço é resultado de uma interação social, cultural, política e econômica, expressa diariamente. Ou seja,

4
5

a Geografia é grande facilitadora para a leitura de mundo do indivíduo.

6

Análise

Tópico: *Geografia como instrumento facilitador da leitura do espaço e do mundo*

Domínio 1: linhas 1 a 6

Posição: linhas 1 a 3

Suporte: linhas 4 a 5

Posição: linha 6

SegT 3 – Tx. 37 (A importância de estudar Geografia, SegT 3)

Quando coloca em questão o mundo globalizado em que vivemos, o acesso e a velocidade com que se tem acesso às informações entende-se que apenas ler e escrever não são suficientes na busca da construção do conhecimento escolar.

1
2
3

É preciso possibilitar aos alunos o entendimento do espaço ao qual estão inseridos. Assim sendo surge à relevância da geografia escolar, com seu papel de permitir o entendimento do mundo, que necessita ser entendido pelos educandos nos anos iniciais do ensino fundamental.

4
5
6
7

Análise

Tópico: *Ler e escrever não são suficientes para a construção do conhecimento escolar*

Domínio 1: linhas 1 a 7

Posição: linhas 1 a 3

Suporte: linhas 4 a 7

SegT 4 – Tx. 37 (A importância de estudar Geografia, SegT 4)

Não se buscará superestimar a Geografia escolar perante as outras disciplinas, mas compreender o caráter próprio que a Geografia tem no cotidiano escolar de permitir a partir da leitura do espaço, ler sua própria história.

1
2
3
4

Sendo assim, a Geografia ajuda a criança a se encontrar no mundo, fazendo com que ela possa compreender a sociedade, nos mostrando dessa forma a importância do ensino da Geografia desde os anos iniciais e nos fazendo enxergar que ela precisa ser ensinada aos alunos tanto quanto Português e Matemática.	5 6 7 8
Análise Tópico: <i>O papel da Geografia no cotidiano escolar</i> Domínio 1: linhas 1 a 8 Posição: linhas 1 a 4 Suporte: linhas 5 a 8	

Artigo de opinião 38

SegT 1 – Tx. 38 (<i>A importância do ensino da disciplina de Geografia, SegT 1</i>)	
<u>Temos observado a importância dada ao ensino das disciplinas de matemática e português,</u> sendo essas disciplinas as que têm maior carga horária e por isso as que são mais mastigadas pelos professores, além de serem consideradas as mais importantes, são também as mais mencionadas nos concursos, e tidas como as principais para uma possível aprovação. Com tudo isso que acontece na educação escolar, ficamos a refletir sobre as demais disciplinas inseridas no currículo, e começamos a pensar nelas como as que não necessitam de tanta importância para o ensino, seja ele ensino infantil, ensino fundamental ou médio e superior. Percebemos a ênfase dada as disciplinas consideradas mais importantes como português e a matemática na matéria da repórter Mariana Tokama – repórter da agência Brasil. Segundo sua reportagem, português e matemática serão os dois únicos componentes curriculares obrigatórios nos três anos do ensino médio, projeto esse que se encontra em medida provisória (MP) assinada pelo presidente Michel Temer.	1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13
Análise Tópico: <i>Ênfase do currículo escolar nas disciplinas de Português e Matemática</i> Domínio 1: linhas 1 a 13 Posição: linhas 1 Suporte: linhas 2 a 12	

SegT 2 – Tx. 38 (<i>A importância do ensino da disciplina de Geografia, SegT 2</i>)	
<u>Observando as demais disciplinas curriculares quero destacar a geografia como sendo uma das disciplinas de tanta importância, como as outras compostas no currículo e tidas como obrigatória.</u> A LDB e os PCNs são os documentos mais importantes à educação brasileira, eles regem todas as leis e normas, e se referem ao conhecimento de todas as áreas, inclusive da Geografia. A LDB – Lei de diretrizes e bases regulamenta o ensino básico como também a ele ligado, e como lei deve ser cumprida, ou se espera que seja. Quanto aos PCNs –	1 2 3 4 5 6

Parâmetros Curriculares Nacionais funcionam como um modelo a ser seguido pelas escolas, e como modelo não é obrigatório. Traz as orientações sobre o ensino de todas as áreas do conhecimento. Porém sua aplicação implica estimular mudanças no ensino, como por exemplo, que o ensino da Geografia deve ser baseado não mais na decoreba, e sim em questões atuais e críticas.	7 8 9 10 11
Análise Tópico: Geografia merece a mesma importância das demais disciplinas do currículo escolar Domínio 1: linhas 1 a 11 Posição: linhas 1 a 2 Suporte: linhas 3 a 11	

SegT 3 – Tx. 38 (<i>A importância do ensino da disciplina de Geografia, SegT 3</i>)	
<u>Ainda percebemos que o ensino de geografia nas escolas dos dias atuais ainda deixa a desejar.</u> Ao observar uma aula de geografia da escola pública X do ensino fundamental da 4ª série com a professora X, verificamos que o modelo tradicional de ensino ainda continua muito forte, principalmente quando a metodologia usada ainda continua sendo o de transferência de conhecimento e o professor como o detentor de todo conhecimento. Também percebemos o famoso método de decorar como uma forma de ensino, o que faz com que o ensino fique prejudicado, pois não leva o aluno a construir o seu conhecimento e muito menos o faz refletir sobre.	1 2 3 4 5 6 7 8
Análise Tópico: <i>Desafios do ensino da Geografia: Ensino de Geografia não cumpre seu papel</i> Domínio 1: linhas 1 a 8 Posição: linha 1 Suporte: linhas 2 a 8	

SegT 4 – Tx. 38 (<i>A importância do ensino da disciplina de Geografia, SegT 4</i>)	
<u>Outro problema visto foi o mencionado no início desse artigo, com a escola priorizando e se dedicando mais ao ensino de português e matemática e dando mais tempo a essas duas disciplinas, deixando as demais com um tempo ínfimo.</u> Vemos isso nos horários destinados a disciplina de geografia sendo 1 horário de uma hora na terça e mais um horário na quarta, enquanto português e matemática tem todos os dias.	1 2 3 4 5
Análise Tópico: <i>Desafios do ensino da Geografia: Ênfase nas disciplinas de Português e Matemática</i> Domínio 1: linhas 1 a 5 Posição: linhas 1 a 3 Suporte: linhas 4 a 5	

SegT 5 – Tx. 38 (<i>A importância do ensino da disciplina de Geografia, SegT 5</i>)	
<u>Dedico minha atenção agora para a importância do ensino de geografia e suas contribuições para a formação e construção dos conhecimentos necessários aos alunos do ensino fundamental aqui mencionado.</u> específico que o ensino da geografia é sim tão importante como os das demais disciplinas e identifico a importância da disciplina de geografia para a formação do aluno como pessoa vivendo no planeta terra, e destaco-a como umas das disciplinas imprescindíveis no ensino básico, é a geografia, pois ela revela os encantos dos diversos lugares ao educando e faz com que esse venha a deslumbrar a terra em que habita de forma precisa, levando-o a conhecer e explorar os diversos lugares de sua habitação, seja sua casa, sua rua, sua cidade, seu país e até mesmo o planeta em que vive. <u>Portanto venho mensurar que a geografia é sim muito importante para o desenvolvimento intelectual e formação acadêmica, sendo impossível que um cidadão seja bem formado sem ter conhecimentos geográficos.</u>	1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13
Análise Tópico: <i>Contribuições do ensino de Geografia</i> Domínio 1: linhas 1 a 13 Posição: linhas 1 a 3 Suporte: linhas 4 a 10 Posição: linhas 11 a 13	
SegT 1 – Tx. 39 (<i>O papel da geografia no ensino fundamental: Um caminho de formação cidadã, SegT 1</i>)	
<u>Por muito tempo e até mesmo nos dias atuais, o ensino de geografia tem sido limitado e fragmentado, assim, acaba não tendo muita importância na grade curricular das instituições de ensino.</u> Percebemos que ensinar geografia sempre ficou fadado a conteúdos meramente relacionados a leitura de mapas e estudos sobre a terra, dessa maneira vemos a geografia como uma disciplina totalmente tradicional, para muitos alunos, aprender geografia seria meramente decorar o nome das capitais dos estados e dos países. Diante dessa dimensão, a geografia torna-se uma disciplina que se interessa em apenas passar conteúdos pré-determinados do que proporcionar aos alunos o desejo e a capacidade de ler o mundo no qual estão inseridos, sendo estes capazes de interpretar, analisar e compreender os conteúdos trabalhados dentro do âmbito educacional.	1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Análise Tópico: <i>Desprestígio da Geografia no componente curricular</i> Domínio 1: linhas 1 a 10 Posição: linhas 1 a 2 Suporte: linhas 3 a 10	
SegT 2 – Tx. 39 (<i>O papel da geografia no ensino fundamental: Um caminho de formação cidadã, SegT 2</i>)	

<u>Este artigo tem por objetivo proporcionar uma nova visão sobre o ensino de geografia, sendo ela vista como uma disciplina importante para a compreensão do mundo.</u>	1 2
Nessa perspectiva, vemos que o ensino de geografia possui grande contribuição no processo de alfabetização, possibilita aos alunos uma nova visão no seu processo de alfabetização, o ensino da geografia desperta a importância de saber ler o mundo, pois é a partir dessa leitura de mundo que passamos a viver em sociedade.	3 4 5 6
Nessa perspectiva, a geografia nos diz que antes de aprendermos a ler e a escrever é preciso primeiramente saber ler e escrever o mundo no qual estamos inseridos.	7 8
<u>Dessa maneira, o ensino de geografia transcende a visão tradicional e conteudística que muitos professores e a própria base curricular atribui.</u>	9 10
Análise Tópico: <i>Nova visão sobre a Geografia: disciplina relevante para a compreensão do espaço e do mundo</i> Domínio 1: linhas 1 a 10 Posição: linhas 1 a 2 Suporte: linhas 3 a 8 Posição: linhas 9 a 10	

SegT 3 – Tx. 39 (<i>O papel da geografia no ensino fundamental: Um caminho de formação cidadã, SegT 3</i>)	
Uma das maneiras para se ler o mundo é através da leitura de espaço. O espaço é construção, é resultante do acontecer humano. Ler o mundo vai muito além da leitura cartográfica,	1 2 3
<u>ler o mundo não é apenas saber ler mapas, mas é fazer a leitura do mundo real, o mundo do nosso cotidiano que a cada dia é construído no convívio em sociedade.</u>	4 5
Análise Tópico: <i>Leitura do mundo implica leitura do espaço em que se vive</i> Domínio 1: linhas 1 a 5 Suporte: linhas 1 a 3 Posição: linhas 4 a 5	

SegT 4 – Tx. 39 (<i>O papel da geografia no ensino fundamental: Um caminho de formação cidadã, SegT 4</i>)	
O papel da geografia na escola é justamente ler o mundo da vida, ler o espaço e compreender que as paisagens que observamos todos os dias da janela da nossa casa, do trajeto que fazemos para ir à escola, ao supermercado a igreja, etc... tudo o que vemos são resultados da nossa vida em sociedade, paisagens naturais e também aquelas produzidas pela força de trabalho do homem para suprir a satisfação de suas necessidades precisamos e devemos saber compreender o nosso espaço.	1 2 3 4 5 6
<u>É nessa perspectiva que a geografia deve ser atribuída, não como uma disciplina decoreba, mas como uma matéria capaz de fazer os alunos sujeitos pensantes,</u>	7 8

sujeitos que ao se verem no meio social, busquem a autonomia, tornando-se sujeitos participantes e ativos no ambiente social em que vivem, construtores de sua própria história.	9 10 11
Análise Tópico: <i>Papel da Geografia: Formar cidadãos construtores de sua própria história</i> Domínio 1: linhas 1 a 11 Suporte: linhas 1 a 6 Posição: linhas 7 a 10 Suporte: linhas 9 a 11	

SegT 5 – Tx. 39 (<i>O papel da geografia no ensino fundamental: Um caminho de formação cidadã, SegT 5</i>)	
<u>Com relação ao ensino de geografia, percebo que existe uma falta de preparo por partes dos professores, muitas já trabalham no âmbito educacional a bastante tempo e preferem continuar utilizando seus métodos pedagógicos tradicionais.</u>	1 2 3
Para que o ensino da geografia aconteça de fato é necessário que haja o desejo de busca por novas metodologias e também colocá-las em prática, trazer para dentro da sala de aula. Percebo que muitos alunos não se sentem motivados a aprender devido a forma que o ensino é passado, sendo que estes métodos tradicionais não despertam nos alunos o desejo de aprender.	4 5 6 7 8
Para que o ensino ocorra de maneira efetiva, os professores devem trabalhar através da interdisciplinaridade, é nesse processo de ligação entre as disciplinas que o professor pode trabalhar a geografia, criando meios para isso, por exemplo, unir o ensino da geografia com as aulas de português e até mesmo de matemática, os docentes devem criar meios capazes de desenvolver o ensino de geografia, possibilitando aos alunos novos horizontes para seu desenvolvimento.	9 10 11 12 13 14
Análise Tópico: <i>Despreparo dos professores e ênfase em metodologias tradicionais</i> Domínio 1: linhas 1 a 14 Posição: linhas 1 a 3 Suporte: linhas 4 a 8 Suporte: linhas 9 a 14	

SegT 6 – Tx. 39 (<i>O papel da geografia no ensino fundamental: Um caminho de formação cidadã, SegT 6</i>)	
<u>Portanto, o ensino de geografia, é importante para quem quer pensar, entender e propor a geografia como um componente curricular significativo, capaz de fazer parte da vida escolar do aluno, desde sua incursão na escola.</u>	1 2 3
O ensino da geografia auxilia no processo de alfabetização dos discentes, pois acredita-se que antes de aprender a ler a palavra, precisa-se saber ler o mundo, exercitar a visão social que temos sobre a paisagem que nos cerca, ler e compreender o mundo do qual fazemos parte.	4 5 6 7

Análise

Tópico: *Geografia como componente curricular significativo na formação dos alunos*

Domínio 1: linhas 1 a 7

Posição: linhas 1 a 3

Suporte: linhas 4 a 7

SegT 7 – Tx. 39 (*O papel da geografia no ensino fundamental: Um caminho de formação cidadã, SegT 7*)

Diante disso, faz-se necessário que os professores despertem em seus alunos o desejo por um olhar mais crítico e reflexivo sobre as coisas que estão a sua volta, possibilitando a eles, através de novas metodologias, o acesso a novas visões de mundo.

Através do ensino de geografia pode-se educar o sujeito para viver no espaço no qual ele faz parte, formar cidadãos conscientes de seus atos e conhecedores do lugar em que vivem, torna os alunos seres pensantes, sujeitos que buscam sua autonomia no meio social.

1
2
3

4
5
6

Análise

Tópico: *Necessidade do professor aguçar a reflexão e a criticidade do aluno sobre o mundo que o cerca*

Domínio 1: linhas 1 a 6

Posição: linhas 1 a 3

Suporte: linhas 4 a 6

Artigo de opinião 40

SegT 1 – Tx. 40 (*A importância da Geografia na escola, SegT 1*)

Sabemos que a disciplina de geografia é de suma importância nas escolas, a mesma tem a grande necessidade de conhecer o espaço geográfico, ou seja, o espaço que foi produzido pelo homem e que está ao longo do tempo em constante transformação.

Assim, a geografia nos anos iniciais tem como objetivo, conhecer o espaço geográfico, tendo um olhar crítico do mundo que está ao seu redor.

O objetivo da geografia é que a criança conheça o espaço que está inserida, também permite que ela leia o mundo criticamente, fazendo relações com a sociedade e o grupo social que ela convive. Estudar a geografia é importante, pois a criança aprende a observar e descrever paisagens, ter noções de espaço e conhecer os diferentes grupos sócias que existem em nossa sociedade e representar os lugares onde vivem.

1
2
3

4
5

6
7
8
9
10

Análise

Tópico: *Objetivos do ensino de Geografia nos anos iniciais*

Domínio 1: linhas 1 a 8

Suporte: linhas 1 a 3

Posição: linhas 4 a 5

Suporte: linhas 6 a 10

SegT 2 – Tx. 40 (*A importância da Geografia na escola*, SegT 2)

É necessário ressaltar, que uma das principais ferramentas da disciplina de geografia é a cartografia, e sabemos também que os livros são fundamentais, eles contêm informações que a criança pode explorar e fazer leituras das imagens,

mas o docente não precisa necessariamente se basear só pelos livros didáticos, um bom professor utilizar diversos métodos e meios para determinado objetivo.

É importante trabalhar na disciplina de geografia todos esses meios e recursos que Cavalcanti (2010) menciona, para uma melhor compreensão e desenvolvimento na questão do ensino e aprendizagem da criança. Para estimular a criança faz-se necessário deixar a disciplina mais atrativa, utilizando diversos recursos e meios para obter os objetivos planejados, assim com esses meios sendo praticados é perceptível pelo discente que a criança interage e se desenvolve melhor.

Análise

Tópico: *Necessidade do uso de metodologias diversificadas no ensino de Geografia*

Domínio 1: linhas 1 a 11

Suporte: linhas 1 a 3

Posição: linhas 4 a 5

Suporte: linhas 6 a 11

SegT 3 – Tx. 40 (*A importância da Geografia na escola*, SegT 3)

Portanto, a disciplina de geografia é tão importante quanto qualquer uma outra.

todas devem participar da construção do conhecimento do aluno, sendo que essa disciplina se torna uma ligação entre a criança e o mundo que a rodeia, também é fundamental para que a mesma possa decifrar o espaço e o tempo.

Análise

Tópico: *Relevância da disciplina Geografia no currículo escolar*

Domínio 1: linhas 1 a 4

Posição: linhas 1

Suporte: linhas 2 a 4

Artigo de opinião 41

SegT 1 – Tx. 41 (*A importância de ler o mundo ao meu redor através da Geografia*, SegT 1)

Sabemos o ensino deve ter sentido e significado para a vida e/ou formação do aluno.

<u>Mas, será que realmente o ensino atende as necessidades básicas para uma formação de qualidade e os currículos estão de acordo com a realidade dos alunos nos anos iniciais do Ensino Fundamental? E a disciplina de Geografia está cumprindo com o seu papel no desenvolvendo de competências e habilidades nos alunos?</u>	2 3 4 5
Podemos perceber que todas as disciplinas têm sua importância para a formação pessoal e acadêmica do aluno, e a Geografia, embora menosprezada, também influencia desenvolvimento cognitivo e motor do educando, quando ofertada de modo coerente.	6 7 8
Análise Tópico: <i>O ensino, em especial da Geografia, tem cumprido seu papel na formação dos alunos?</i> Domínio 1: linhas 1 a 8 Suporte: linhas 1 Posição: linhas 2 a 5 Suporte: linhas 6 a 8	

SegT 2 – Tx. 41 (<i>A importância de ler o mundo ao meu redor atrás da Geografia, SegT 2</i>)	
Durante a educação básica observamos que nos é oferecido um currículo com diversas disciplinas com a finalidade de nos “preparar” para o convívio em sociedade, e assim nos orientarmos em diversos espaços e grupos sociais.	1 2 3
<u>Neste currículo algumas disciplinas são consideradas superiores, como o Português e a Matemática, e dessa maneira as demais são inferiorizadas.</u>	4 5
A Geografia, por exemplo, não assume um papel significativo para o aluno enquanto sujeito do processo-aprendizagem do modo que esta é empregada na educação básica, priorizando os anos iniciais do ensino fundamental.	6 7 8
Análise Tópico: <i>Currículo prioriza Português e Matemática em detrimento de outras disciplinas</i> Domínio 1: linhas 1 a 9 Suporte: linhas 1 a 3 Posição: linhas 4 a 5 Suporte: linhas 6 a 8	

SegT 3 – Tx. 41 (<i>A importância de ler o mundo ao meu redor atrás da Geografia, SegT 3</i>)	
<u>Dando ênfase aos anos iniciais do ensino fundamental, notamos que há um foco na alfabetização e não se trata apenas de ensinar a transcrever e decodificar palavras, mas alfabetizar o olhar, ensinar a compreender o mundo que o rodeia, aprendendo com o ambiente do qual é um agente.</u>	1 2 3
Assim também nos coloca Callai (2005, p. 228) afirmando o que anteriormente foi exposto que “uma forma de fazer a leitura do mundo é por meio da leitura do espaço, o qual traz em si todas as marcas da vida dos homens”. Dessa forma alfabetizar o olhar em Geografia possibilita ao aluno observar o mundo ao seu redor e aprender no ambiente no qual reside.	4 5 6 7 8

Segundo o autor, ler o mundo não se trata apenas de leituras cartográficas, mas também de entender os problemas sociais.	9
Análise Tópico: <i>Necessidade de alfabetização em Geografia</i> Domínio 1: linhas 1 a 9 Posição: linhas 1 a 3 Suporte: linhas 4 a 9	

SegT 4 – Tx. 41 (<i>A importância de ler o mundo ao meu redor atrás da Geografia</i> , SegT 4)	
<u>A escola apresenta essa disciplina sem contextualização fazendo com que esta seja considerada chata e consequentemente um maior desinteresse e/ou aversão por esta disciplina.</u>	1 2
Temos no professor um forte elo entre o ensino e o aluno, já que de acordo com a metodologia empregada nas aulas determinará o grau de interesse e entusiasmo ela disciplina de Geografia.	3 4 5
Nota-se que há um descaso com os conceitos pertinentes a essa disciplina, caindo no simplismo, e a divisão da Geografia Humana e Geografia Física faz com que esta disciplina não tenha sentido para aqueles que fazem parte diretamente nesse processo ensino-aprendizagem. Assim, “O conhecimento geográfico produzido na escola pode ser o explicitamento do diálogo entre a interioridade dos indivíduos e a exterioridade das condições do espaço geográfico que os condiciona” (Rego, 2000, p. 8). É fundamental que a escola possibilite ao aluno a interação com o meio que faz parte e compreenda como ele atua enquanto sujeito das ações que transformam as paisagens e o lado social.	6 7 8 9 10 11 12 13
Análise Tópico: <i>Ensino descontextualizado traz consequências negativas para a Geografia</i> Domínio 1: linhas 1 a 13 Posição: linhas 1 a 2 Suporte: linhas 3 a 5 Suporte: linhas: 6 a 13	

SegT 5 – Tx. 41 (<i>A importância de ler o mundo ao meu redor atrás da Geografia</i> , SegT 5)	
Não se trata apenas de falar que o professor não detém de conhecimentos suficientes para fazer com que o aluno desenvolva conceitos e os apliquem no cotidiano, porém há diversas formações para os professores nas disciplinas de Português e Matemática sendo que poderiam ofertar a formação continuada também na área de Geografia. As escolas não disponibilizam de recursos adequados que possam auxiliar no processo ensino-aprendizagem, mas cabe ao professor, também, a confecção de recursos didáticos, apesar de alguns terem acúmulos de cargos em virtude do baixo salário. Temos também a desvalorização de diversas disciplinas, sendo a Geografia uma delas, e isso é decorrente de exames externos que qualificam as escolas e dessa forma priorizam aquelas consideradas “indispensáveis”	1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Análise	

Tópico: *Desafios do ensino de Geografia: ausência de formação continuada aos professores, de recursos didáticos e desvalorização da disciplina no currículo escolar*

Domínio 1: linhas 1 a 10
 Posição: IMPLÍCITA
 Suporte: linhas 1 a 10

SegT 6 – Tx. 41 (*A importância de ler o mundo ao meu redor atrás da Geografia, SegT 6*)

Dessa forma, necessitamos que a escola valorize as diversas disciplinas de modo igual, não havendo uma supremacia de algumas disciplinas em detrimento de outras. Cabe as instancias superiores promoverem formação continuada na disciplina de Geografia e assim possibilitar uma ampliação do modo de ler o mundo, onde a Geografia realmente irá exercer o seu papel de orientar o aluno tanto na Geografia Física quanto na Geografia Humana.

1
2
3
4
5

Análise

Tópico: *Necessidade de valorização de todas as disciplinas do currículo e de formação continuada aos professores em Geografia*

Domínio 1: linhas 1 a 5
 Posição: linhas 1 a 5

Artigo de opinião 42

SegT 1 – Tx. 42 (*O ensino e a aprendizagem de geografia nos anos iniciais do ensino fundamental, SegT 1*)

É comum quando falamos em geografia, associarmos logo ao estudo de mapas, o que a meu ver, não está errado, só é um equívoco, quando não aprendemos ou ensinamos geografia com outros meios e fins.

1
2

Nesse sentido, o ensino e aprendizagem de tal disciplina só será relevante para vida das pessoas se contemplarem os espaços geográficos. Para tanto, se faz necessário haver propostas metodológicas que enfatizem o reconhecimento e a importância de estudarmos a disciplina em questão com a mesma eloquência que a matemática e a língua portuguesa.

3
4
5
6

Análise

Tópico: *Ensino de Geografia: outros meios e fins*

Domínio 1: linhas 1 a 8
 Posição: linhas 1 a 4
 Suporte: linhas 5 a 8

SegT 2 – Tx. 42 (*O ensino e a aprendizagem de geografia nos anos iniciais do ensino fundamental, SegT 2*)

Num passado bem recente, e atualmente, em algumas escolas, especificamente alguns métodos utilizados por alguns professores no ensino e na aprendizagem de geografia são feitos com base na decoreba, sem

1
2
3

<u>nenhuma dinâmica nas práticas pedagógicas, não contribuindo para o ensino de uma geografia prazerosa e conseqüente.</u> Embora algumas mudanças já terem acontecido quanto a estas práticas, a geografia tradicional ainda está bastante implícita nas escolas. Isso se deve ao fato de que muitos dos professores atuantes não foram alfabetizados em geografia.	4 5 6 7
Análise Tópico: <i>Desafios do ensino de Geografia: Carência de práticas pedagógicas dinâmicas e inovadoras</i> Domínio 1: linhas 1 a 7 Posição: linhas 1 a 4 Suporte: linhas 5 a 7	

SegT 3 – Tx. 42 (<i>O ensino e a aprendizagem de geografia nos anos iniciais do ensino fundamental, SegT 3</i>)	
<u>Outro fator que contribui para o “fracasso” do ensino de geografia é a valorização acentuada de algumas disciplinas, como por exemplo, língua portuguesa e matemática.</u> Na semana diagnóstica nos anos iniciais do ensino fundamental só é feita o diagnóstico nessas disciplinas, as demais disciplinas são ignoradas pelas escolas.	1 2 3 4
Análise Tópico: <i>Desafios do ensino de Geografia: Valorização de algumas disciplinas em detrimento da Geografia</i> Domínio 1: linhas 1 a 4 Posição: linhas 1 a 2 Suporte: linhas 3 a 4	

SegT 4 – Tx. 42 (<i>O ensino e a aprendizagem de geografia nos anos iniciais do ensino fundamental, SegT 4</i>)	
Para Perez (1999, p. 33) “O ensino de geografia, nas séries iniciais, deve ter como fundamento a alfabetização da criança na leitura do mundo através da leitura do espaço [...]”. Nesse aspecto, o ensino de geografia propõe uma leitura de mundo para melhor compreensão do espaço, partindo do espaço habitado por esse indivíduo. <u>É preciso que a criança seja alfabetizada não só na língua materna, mas em geografia também.</u> pois é fundamental essas construções de noções de espaço que se inicia pelo seu habitat natural a noções mais complexas.	1 2 3 4 5 6 7
Análise Tópico: <i>Desafios do ensino de Geografia: Necessidade de alfabetização em Geografia</i> Domínio 1: linhas 1 a 7 Suporte: linhas 1 a 4	

Posição: linha 5
Suporte: linhas 6 a 7

SegT 5 – Tx. 42 (*O ensino e a aprendizagem de geografia nos anos iniciais do ensino fundamental, SegT 5*)

O ensino de geografia é um instrumento importante para a compreensão do mundo, e as escolas precisam urgentemente melhorá-lo, igualando o seu valor às demais disciplinas.

1
2
3
4
5
6
7

Dando a merecida relevância que essa aprendizagem tem para a vida do aluno. O que não é difícil de alcançar basta que todas as disciplinas tenham a mesma importância no ensino e na aprendizagem dos educandos, e que os professores que atuam nessas disciplinas estejam revendo esses conceitos defasados de que geografia é uma ciência que deve ser ensinada através da memorização.

Análise

Tópico: *Desafios do ensino de Geografia: Formação do professor: Valoração da Geografia às demais disciplinas*

Domínio 1: linhas 1 a 7

Posição: linhas 1 a 2

Suporte: linhas 3 a 7

SegT 6 – Tx. 42 (*O ensino e a aprendizagem de geografia nos anos iniciais do ensino fundamental, SegT 5*)

Outro ponto é quanto à formação dos professores.

1
2
3
4
5
6

pois sabemos que o professor precisa estar se reciclando periodicamente, por meio de formações continuadas para atualizar os métodos utilizados em suas práticas pedagógicas, pois se faz necessário inovações e adequações aos conteúdos ensinados na escola. O ensino de geografia ressalta a criticidade do educando na leitura de mundo, por meio da compreensão e ocupação do espaço.

Análise

Tópico: *Desafios do ensino de Geografia: Formação do professor: inovação e adequação aos conteúdos ensinados*

Domínio 1: linhas 1 a 6

Posição: linha 1

Suporte: linhas 2 a 6

SegT 7 – Tx. 42 (*O ensino e a aprendizagem de geografia nos anos iniciais do ensino fundamental, SegT 6*)

Enfim, o ensino de geografia propicia ao aluno ler o mundo, compreendendo seu contexto histórico, enfatizando a localização espacial que este ocupa na sociedade.

1
2
3
4

Este aluno passa a analisar e interpretar o espaço como um todo, no sentido de pertencimento ao estado ou território, será capaz de descrevê-lo como resultado da economia, política ou

cultura. A geografia também tem a função de nos tornarmos pertencentes a um determinado lugar, estado ou país, por essa razão é urgente que os docentes ministrantes dessa disciplina estejam aptos a essas novas mudanças no ensino dessa ciência.	5 6 7 8
Análise Tópico: <i>Finalidades do ensino da Geografia</i> Domínio 1: linhas 1 a 8 Posição: linhas 1 a 2 Suporte: linhas 3 a 8	

Artigo de opinião 43

SegT 1 – Tx. 43 (<i>Geografia: Um novo olhar sobre o mundo</i> , SegT 1)	
O Ensino de Geografia há muito tempo tem sido tratado dentro das escolas como apenas mais uma disciplina repleta de conteúdos que nada tem relacionado com o mundo exterior a sala de aula. É comum essa disciplina ser vista como um processo de memorização de mapas, paisagens e relevos, limitando a Geografia a um conjunto de informações desligadas da realidade do aluno, trazendo desta forma um desinteresse pela mesma. Callai (2003), estudioso do assunto, diz que a geografia não pode ser uma coisa alheia, distante ou desligada da realidade e do dia-a-dia. <u>Diante disto, torna-se essencial uma releitura do que de fato é essa área de conhecimento, e qual sua função na vida do homem.</u> No dicionário Houaiss, dentre seus significados, Geografia é definida como “ciência que estuda a Terra e seus fenômenos físicos, biológicos e humanos”, ou seja, vai muito além de memorizar mapas, trata-se de entender a ação do homem para entender a paisagem produzida por ele. Não se pode entender a forma arquitetônica de uma casa, prédio, comercio, etc., sem ter conhecimento do objetivo que o proprietário pretendia alcançar, e nesse processo “o homem usa, destrói/constrói/modifica a si e a natureza (KAERCHER 2001). Logo, pode-se dizer que a Geografia existe desde o momento que existe o homem, não sendo possível separar os dois.	1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17
Análise Tópico: <i>Necessidade de releitura do conceito e da função da Geografia</i> Domínio 1: linhas 1 a 17 Suporte: linhas 1 a 7 Posição: linhas 8 a 9 Suporte: linhas 10 a 17	
SegT 2 – Tx. 43 (<i>Geografia: Um novo olhar sobre o mundo</i> , SegT 2)	

<u>Entretanto, dentro do espaço escolar encontramos uma realidade diferente, o Ensino de Geografia é desvalorizado em detrimento de outras disciplinas como Português e Matemática, esquecendo-se da fundamental importância que todas igualmente possuem na vida dos indivíduos.</u>	1 2 3
E é justamente esse “preconceito” que o educador precisa quebrar, uma vez que o pensar geográfico contribui para a contextualização do próprio como cidadão do mundo, ao contextualizar espacialmente os fenômenos, ao conhecer o mundo em que vive desde a escala local, regional, nacional e mundial (CAVALCANTI, 2002). Dessa forma, fazer o aluno pensar geografia, automaticamente o faz pensar na própria existência.	4 5 6 7 8
Análise Tópico: <i>Desvalorização da Geografia em detrimento de outras áreas do conhecimento</i> Domínio 1: linhas 1 a 8 Posição: linhas 1 a 3 Suporte: linhas 4 a 8	

SegT 3 – Tx. 43 (<i>Geografia: Um novo olhar sobre o mundo, SegT 3</i>)	
Em muitos casos, nota-se que o professor tem uma certa dificuldade em ministrar a disciplina, isso ocorre porque assim como nas outras áreas de conhecimento, há uma falta de recursos didáticos ou mesmo tempo.	1 2 3
<u>Porém quando se trata da disciplina de geografia, o diálogo deve ser o principal fio condutor da aprendizagem.</u>	4 5
pois deve-se constantemente levar o aluno a pensar sobre as atitudes do homem na natureza, quais os motivos, os objetivos, as necessidades que o levaram a modificar paisagens. Sendo assim, o aluno pode perguntar-se por exemplo, como era o local que ele mora antes de ser habitado pelo homem, e fazer um paralelo com a paisagem atual.	6 7 8 9
Seguindo este pensamento, certamente o aluno terá muito mais facilidade em apreender os conhecimentos científicos passados pelo professor, além disso, a Geografia será a ponte que ligará esse conhecimento escolar a leitura do mundo. É claro que é necessário que os professores ultrapassem essas metodologias tradicionais de ensino de Geografia para que isso aconteça.	10 11 12 13 14
Análise Tópico: <i>Diálogo: principal fio condutor da aprendizagem no ensino da Geografia</i> Domínio 1: linhas 1 a 14 Suporte: linhas 1 a 3 Posição: linhas 4 a 5 Suporte: linhas 6 a 14	

SegT 4 – Tx. 43 (<i>Geografia: Um novo olhar sobre o mundo, SegT 4</i>)	
<u>O principal objetivo no ensino de geografia é propiciar aos alunos uma reflexão sobre sua existência, entendendo que ela está presente diariamente, e não presa entre as quatro paredes da sala de aula.</u>	1 2

Sua presença permite entender o homem de agora e o homem de milênios atrás. Uma disciplina voltada para os contextos sociais locais será certamente mais pertinente na vida dos indivíduos, pois permitirá conhecer novamente, com um novo olhar as paisagens geográficas.	3 4 5 6
Análise Tópico: <i>Objetivo central do ensino de Geografia</i> Domínio 1: linhas 1 a 6 Posição: linhas 1 a 2 Suporte: linhas 3 a 6	

Artigo de opinião 44

SegT 1 – Tx. 44 (<i>Por uma alfabetização geográfica prazerosa e consequente, SegT 1</i>)	
<u>O presente artigo de opinião tratará de forma sucinta sobre a importância da Geografia nas séries iniciais do ensino fundamental, ressaltando como esse componente curricular pode ajudar no processo de alfabetização, contribuindo assim para o desenvolvimento do aluno.</u> Por muitos anos a disciplina de geografia foi vista nas escolas como uma disciplina de codificação e decodificação. Os professores trabalhavam a disciplina contemplando apenas a dimensão individual de alfabetização, sem nenhuma relação com a formação social do indivíduo, tampouco contemplando o contexto de letramento desse aluno.	1 2 3 4 5 6 7
Análise Tópico: <i>Geografia como componente curricular colaborador no processo de alfabetização</i> Domínio 1: linhas 1 a 7 Posição: linhas 1 a 3 Suporte: linhas 4 a 7	

SegT 2 – Tx. 44 (<i>Por uma alfabetização geográfica prazerosa e consequente, SegT 2</i>)	
<u>Deste modo, a falta de domínio sobre a geografia despertou atenção dos estudiosos, principalmente dos geógrafos referente ao ensino transmitido na referida disciplina.</u> O autor Castrogiovanni (2006) relata que pesquisas comprovam que muitos dos professores que atuam nas séries iniciais não foram alfabetizados em geografia. O que proporciona uma educação carente/ defasada para as crianças, pois na maioria das vezes os docentes não sabem como transmitir os conteúdos de geografia, de uma forma que desperte a curiosidade dos alunos, fazendo com que os discentes cheguem ao quinto ano do ensino fundamental sem as construções básicas das noções conceituais de alfabetização. <u>O currículo da escola deixa bastante a desejar, pois não enfatiza a geografia com tanta importância para a formação do indivíduo, oferecendo apenas uma pequena carga horária para ser trabalhada a disciplina.</u> Este fato chama atenção de como essa disciplina vem sendo trabalhada nas escolas. Por meio de algumas observações em uma escola pública foi possível notar que a disciplina de	1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12

geografia nos anos iniciais não é vista com tanta importância para a formação social do aluno, é abordada corriqueiramente a disciplina de português e matemática, pois são julgadas mais importantes. Os horários de geografia estão sempre dando lugar para os ensaios dos projetos da escola, sendo que esses horários já são bastante resumidos, dificultando a aprendizagem dos alunos sobre a disciplina.	13 14 15 16 17
<u>Esse componente curricular está sempre em segundo plano, sendo excluída até da avaliação diagnóstica.</u>	18

Análise

Tópico: *Aspectos que interferem no ensino de Geografia: formação do professor e carga horária mínima*

Domínio 1: linhas 1 a 18

Posição: linhas 1 a 2

Suporte: linhas 3 a 8

Suporte: linhas 9 a 18

Domínio 2: linhas 9 a 18

Posição: linhas 9 a 10

Suporte: linhas 11 a 17

Posição: linha 18

SegT 3 – Tx. 44 (*Por uma alfabetização geográfica prazerosa e consequente, SegT 3*)

A geografia nos anos iniciais deve ter como fundamento a alfabetização do aluno na leitura do mundo através da leitura do espaço.

Para obtermos uma aprendizagem significativa na geografia é importante dialogar com o mundo, possibilitando à criança ampliar o conhecimento adquirido. Considerando que se deve partir do próprio sujeito, estudando o próprio corpo da criança (mapa corporal), depois ir abrangendo para a sua vida, a sua família, a escola, a rua, o bairro, a cidade, e, assim, ir sucessivamente ampliando, espacialmente, o conteúdo a ser lecionado, fazendo sempre uma relação com a realidade social dos alunos. Neste sentido, Freire (2001) indaga por que não aproveitar a experiência que têm os alunos de viver em áreas da cidade descuidadas pelo poder público para discutir, por exemplo, a poluição dos riachos e dos córregos e os baixos níveis de bem-estar das populações, os lixões e os riscos que oferecem à saúde das gentes?

Análise

Tópico: *Fundamentos da Geografia nos anos iniciais: alfabetização na perspectiva da leitura do mundo*

Domínio 1: linhas 1 a 11

Posição: linhas 1 a 2

Suporte: linhas 3 a 11

SegT 4 – Tx. 44 (*Por uma alfabetização geográfica prazerosa e consequente, SegT 4*)

O ensino-aprendizagem no componente curricular de geografia deve possibilitar a reflexão crítica sobre o espaço, tendo como base o confronto de ideias, interesses, valores socioculturais, estéticos e econômicos.	1 2 3
<u>Levando em conta que a geografia é tudo e todos, podemos afirmar que a mesma é uma peça essencial pra compreendermos o mundo.</u>	4 5
Muitos alunos saem da escola sem os conhecimentos básicos da disciplina, o que prejudica sua aprendizagem, dificultando sua entrada em uma universidade. Para tanto, é primordial que a alfabetização geográfica ocorra em contexto de letramento, pois só assim teremos alunos preparados para atuarem em sociedade. Precisamos formar alunos capazes de por em prática esse ler e escrever, que tenham conhecimentos para lerem os mapas, gráficos, tabelas, bússolas, saber interpretar as entrelinhas entre outras características que apenas uma minoria dos estudantes domina com propriedade.	6 7 8 9 10 11 12
Análise Tópico: <i>Geografia como ferramenta para a compreensão do mundo</i> Domínio 1: linhas 1 a 12 Suporte: linhas 1 a 3 Posição: linhas 4 a 5 Suporte: linhas 6 a 12	

SegT 5 – Tx. 44 (<i>Por uma alfabetização geográfica prazerosa e consequente, SegT 5</i>)	
<u>O professor tem em suas mãos o desafio de tornar o ensino geográfico prazeroso e consequente.</u> inovando em seus métodos, usando a criatividade em suas aulas, deixando a acomodação de lado e focar em uma aula mais dinâmica, tornando assim, o estudo mais prazeroso, motivando as crianças a participarem das aulas, interagir com os outros colegas. Uma boa sugestão para se trabalhar a geografia, são os jogos geográficos. Portanto, é de extrema importância que o alfabetizador leve em conta as teorias pedagógicas construtivistas, respeitando a idade do aluno, como também uma educação que valorize a interação do sujeito com o meio, trabalhando sempre com aulas dialogadas, valorizando o conhecimento que cada aluno já trás consigo, para desenvolver uma educação de qualidade, favorecendo a autonomia e a criticidade da criança. Enfim, a geografia, nos anos iniciais da escolarização, pode, e muito, contribuir com o aprendizado da alfabetização, uma vez que encaminha para aprender a ler o mundo.	1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12
Análise Tópico: <i>Desafios do professor no ensino de Geografia</i> Domínio 1: linhas 1 a 12 Posição: linhas 1 Suporte: linhas 6 a 12	

Artigo de opinião 45

SegT 1 – Tx. 45 (<i>O papel do professor no ensino da geografia, SegT 1</i>)

<u>Pensar na geografia demanda uma grande reflexão,</u>	1
pois sabemos que ela é importante na educação dos anos iniciais do ensino fundamental,	2
sendo que é nesse processo da alfabetização, que a presença dos conteúdos da geografia na	3
escola contribui para que se possa ter o verdadeiro papel de se ensinar e aprender a geografia	4
nesta etapa da aprendizagem.	5
Nesse sentido, como existe demais componentes curriculares a geografia permite uma certa	6
construção da cidadania para vivermos em sociedade através da leitura desse mundo. Nesta	7
perspectiva, Callai (2005) propõe uma grande reflexão referente a leitura que temos do	8
mundo, a qual se modifica constantemente.	9
Análise Tópico: <i>Geografia demanda reflexão</i> Domínio 1: linhas 1 a 9 Posição: linha 1 Suporte: linhas 2 a 9	

SegT 2 – Tx. 45 (<i>O papel do professor no ensino da geografia, SegT 2</i>)	
<u>Portanto é importante a compreensão da leitura do mundo, que ultrapassa a representação cartográfica,</u>	1
<u>mas deve considerar o espaço vivido, quando se coloca em questão o mundo globalizado em que vivemos,</u>	2
<u>a velocidade com que se tem acesso as informações, pode-se entender que apenas em ler e escrever não é</u>	3
<u>suficiente na busca da construção do conhecimento.</u>	4
É necessário da a possibilidade aos alunos mostrando o espaço da qual estão inseridos, de	5
forma que possa surgir a relevância do espaço geográfico escolar, fazendo com que seu	6
papel é permitir de maneira clara e que haja entendimento do mundo de forma que o assunto	7
seja entendido pelos educandos dos anos iniciais do ensino fundamental.	8
Ler o espaço e compreender as paisagens que estão diante dos nossos olhos, na qual são	9
resultados da vida em sociedade, sendo que o homem vive em uma constante busca pela	10
sobrevivência e da satisfação das suas necessidades, o papel da geografia na escola e leva	11
nos refletir nos dando a possibilidade que representa o processo de representa o processo de	12
alfabetização, o ensino de geografia passa a ser importante para que nos leve a pensar e a	13
entender e propor a geografia como um componente curricular significativo.	14
Análise Tópico: <i>O papel da Geografia na leitura do espaço e na compreensão do mundo</i> Domínio 1: linhas 1 a 14 Posição: linhas 1 a 4 Suporte: linhas 5 a 8 Suporte: linhas 9 a 14	

SegT 3 – Tx. 45 (*O papel do professor no ensino da geografia, SegT 3*)

A aprender a pensar o espaço realizar uma alfabetização cartográfica é um processo que se inicia quando a criança começa a reconhecer os lugares conseguindo identificar as paisagens.	1 2
<u>Portanto o uso da alfabetização cartografia se torna uma indispensável ferramenta para a compreensão do mundo.</u>	3 4
Desta maneira é indispensável que a cartografia possua letras e números como uma forma de linguagens facilitando a compreensão e inserindo ao cotidiano do aluno, apreendida nas aulas de geografia.	5 6 7
Assim uma opção metodológica na qual o professor deve utilizar com relevância, usando todos os conteúdos de geografia que estimule os sujeitos que são os alunos dos anos iniciais do ensino fundamental, a perceber e representar o seu espaço, as crianças fazem as leituras das representações gráficas do seu espaço de mundo, através dos livros, na qual se torna acessível a elas por meio do domínio da linguagem cartográfica.	8 9 10 11 12
Análise Tópico: <i>Alfabetização cartográfica: ferramenta indispensável para a compreensão do mundo</i> Domínio 1: linhas 1 a 11 Suporte: linhas 1 a 2 Posição: linhas 3 a 4 Suporte: linhas 5 a 7 Suporte: linhas 8 a 12	

SegT 4 – Tx. 45 (<i>O papel do professor no ensino da geografia, SegT 4</i>)	
<u>Por fim, a geografia assumiu um caráter significativo dentro da Educação, sobretudo nos anos iniciais do ensino fundamental, possibilitando aos alunos uma forma que ao mesmo tempo instigue suas especialidades construindo seu conhecimento e refletindo a cada espaço do mundo.</u>	1 2 3
Análise Tópico: <i>Relevância da Geografia no Ensino Fundamental</i> Domínio 1: linhas 1 a 3 Posição: linhas 1 a 3	

Artigo de opinião 46

SegT 1 – Tx. 46 (<i>O Ensino de Geografia nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, SegT 1</i>)	
A princípio o tema a ser discutido nos faz pensar que não há muitos argumentos para que possamos discutir sobre o ensino de geografia nos anos iniciais do ensino fundamental.	1 2
<u>Entretanto se olharmos para dentro do ambiente escolar e observarmos como acontece o ensino de geografia perceberemos uma grande lacuna.</u>	3 4

isso porque quando se trata de disciplinas tais como geografia, ciências, história dentre outras nos parece que são menos importantes do que a língua portuguesa e a matemática. Assim deixando-nos uma reflexão sobre o porquê dessa menor importância. Nesse contexto e buscando entender o ensino de geografia nos anos iniciais do ensino fundamental e levando em consideração as minhas lembranças de aluna cabe a nós pensar o papel da geografia para nossa vida e para nossa cidadania, pois consideramos que a leitura do mundo é fundamental para que todos nós, que vivemos em sociedade, possamos exercitar nossa cidadania (CALLAI, 2005).	5 6 7 8 9 10 11 12
Análise Tópico: <i>Desprestígio da disciplina Geografia no currículo escolar</i> Domínio 1: linhas 1 a 12 Suporte: linhas 1 a 2 Posição: linhas 3 a 4 Suporte: linhas 5 a 12	

SegT 2 – Tx. 46 (<i>O Ensino de Geografia nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental</i> , SegT 2)	
<u>Assim como o autor nos mostra, o ensino de geografia tem importância significativa para o desenvolvimento dos indivíduos.</u> pois a geografia estar inserido em nosso contexto social da mesma maneira que as outras e dispõe de conteúdos igualmente significativos. Compreender a geografia significa conhecer o mundo em que estamos inseridos, fazendo-se necessários que saibamos decifrar o mundo ao nosso redor. Sendo visível que a geografia nos mostra e nos ajuda a compreender o espaço em que vivemos. É através dela que descobrimos os segredos da natureza, o meio ambiente e tudo que faz parte da nossa vida. A geografia está presente dentro da escola e faz parte da nossa formação desde os anos iniciais se atentando para nos auxiliar no processo de construção e formação da nossa cidadania. E estudar geografia não significa apenas ler mapas, ou seja, é ir além é conhecer o espaço em que vivemos. <u>Compreender a importância de ensinar e aprender geografia é fundamental para o desenvolvimento dos indivíduos.</u>	1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14
Análise Tópico: <i>Relevância do ensino da Geografia para o desenvolvimento dos indivíduos</i> Domínio 1: linhas 1 a 13 Posição: linhas 1 a 2 Suporte: linhas 3 a 8 Suporte: linhas 9 a 12 Posição: linhas 13 a 14	

SegT 3 – Tx. 46 (*O Ensino de Geografia nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental*, SegT 3)

<u>Portanto podemos dizer que a geografia é tão importante quanto as outras disciplinas que compõem o currículo da escola fazendo-se sempre presente dentro do cotidiano escolar, mas ainda se fazendo necessário um olhar mais criterioso para com o desenvolvimento da referida disciplina.</u> Por fim fica evidente a total importância da geografia para nossa sobrevivência, assim devemos olhá-la com mais zelo para que seu ensino se torne cada vez mais completo para o desenvolvimento dos indivíduos em particular e também no coletivo. E a escola torna-se instrumento fundamental nessa etapa fundamental da vida.	1 2 3 4 5 6 7
Análise Tópico: <i>Ensino de Geografia: necessidade de olhar criterioso e zelo</i> Domínio 1: linhas 1 a 7 Posição: linhas 1 a 3 Suporte: linhas 4 a 7	

Artigo de opinião 47

SegT 1 – Tx. 47 (<i>Que Geografia estamos ensinando aos novos participantes do mundo, SegT 1</i>)	
Nos anos iniciais a escola tem o papel de inserir a criança na sociedade, e para que essa inserção seja feita de forma integral, o aluno deve conhecer as regras de convivência, saber o seus deveres e direitos, para que futuramente seja capaz de opinar criticamente na construção da sociedade que ele vive. <u>As disciplinas estudadas desde o ensino infantil guiam os indivíduos, e auxiliam na formação de um cidadão crítico, dentre todas essas disciplinas está a geografia,</u> que ensina aos alunos os mecanismos de como funciona a sociedade, a organização política, a dinâmica espacial, tudo isso contribui para a formação do cidadão.	1 2 3 4 5 6 7 8
Análise Tópico: <i>Geografia contribui para a formação cidadã</i> Domínio 1: linhas 1 a 8 Suporte: linhas 1 a 4 Posição: linhas 5 a 6 Suporte: linhas 7 a 8	

SegT 2 – Tx. 47 (<i>Que Geografia estamos ensinando aos novos participantes do mundo, SegT 2</i>)	
<u>Apesar da geografia ser considerada uma ciência social, que poderia ser trabalhada nas escolas de forma interessante e que chamasse atenção dos alunos, percebemos, porém, que nas escolas isso não acontece.</u> As aulas são pouco atrativas e trabalhadas tradicionalmente, e de forma mecânica, ‘peguem os livros, abram na página tal, leia o texto olhem o mapa e resolvam a atividade’, e dessa forma se segue até o final do ano, onde fica a formação da criticidade do aluno? Como o	1 2 3 4 5

aluno será capaz de ler o mundo por meio dos conteúdos dessa disciplina, se ele só trabalha mecanicamente? Como destaca Callai (2005), a leitura do mundo é fundamental para que todos nós que vivemos em sociedade, possamos exercitar nossa cidadania, e notamos que o tradicionalismo que as escolas adotam até hoje no ensino de geografia e até mesmo de outras disciplinas, não contribuem para formar um indivíduo leitor do mundo.	6 7 8 9 10
Análise Tópico: <i>Ensino de Geografia é desmotivador</i> Domínio 1: linhas 1 a 10 Posição: linhas 1 a 2 Suporte: linhas 3 a 10	

SegT 3 – Tx. 47 (<i>Que Geografia estamos ensinando aos novos participantes do mundo, SegT 3</i>)	
<u>A dificuldade que a escola encontra na hora de trabalhar a geografia, é o apego ao tradicionalismo.</u> A maioria das escolas ainda tendem a adotar mesmo que inconscientemente a postura tradicional do ensino, objetivando especificamente a transmissão do conteúdo, sem se preocupar se o aluno está desenvolvendo o seu ponto de vista crítico ou sua leitura de mundo clara para que futuramente participem como cidadão ativo na sociedade. Dessa forma os alunos aprendem a localização em mapas e espaços regionais por exemplo, mais não aprendem em como se localizarem no seu próprio espaço e sua função na sociedade, falando agora como uma aluna que estudou a geografia tradicional, aprendemos a ver a sociedade mais não como participante dela.	1 2 3 4 5 6 7 8 9
Análise Tópico: <i>Aspecto que dificulta o ensino de geografia: postura tradicional e mecânica</i> Domínio 1: linhas 1 a 9 Posição: linhas 1 Suporte: linhas 4 a 9	

SegT 4 – Tx. 47 (<i>Que Geografia estamos ensinando aos novos participantes do mundo, SegT 4</i>)	
<u>O que podemos fazer para melhorar e adequar o ensino da geografia para a formação de cidadãos participantes e leitores do mundo em que vive, já que essa é uma questão que está enraizada no tradicionalismo e na mesmice?</u> Na opinião da autora citada acima é preciso repensar todo o ensino da geografia, começando pelo ensino infantil, onde essa disciplina é considerada com menos importância, que é descartada dos horários quando aparece uma atividade das outras disciplinas consideradas de “maior importância”, no ensino fundamental, em que basicamente se aprende a ler mapas, localização no espaço geográfico, mais não ensina ao aluno a se localizar na sociedade, não ensina sua participação na construção do mundo em que vive, que na mesmice, só trabalha com o que o livro didático oferece, entre muitas outras questões se fosse enumerar percorria uma lista grande.	1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11

O ensino da geografia nas series iniciais do ensino fundamental é um fator indispensável, para que se construa a leitura do mundo e a visão de sociedade, viabilizando ao aluno entender que ele é capaz de atuar como agente construtor do seu conhecimento e participante da constituição do mundo em que vive.	12 13 14 15
Análise Tópico: <i>Desafios para melhorar o ensino de Geografia</i> Domínio 1: linhas 1 a 15 Posição: linhas 1 a 3 Suporte: linhas 4 a 11 Suporte: linhas 12 a 15	